

Matheus Trevizam

Linguagem e Interpretação na Literatura Agrária Latina

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos

Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em
Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor em
Linguística na Área de Letras Clássicas.

Instituto de Estudos da Linguagem

UNICAMP

2006

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

T729L

Trevizam, Matheus.

Linguagem e interpretação na literatura agrária latina / Matheus Trevizam. -- Campinas, SP : [526], 2006.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Catão, o Censor, 234-149 a.C. 2. Varrão. 3. Virgílio. 4. Literatura latina. 5. Literatura técnica. I. Vasconcellos, Paulo Sérgio de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Tese apresentada à seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Paulo S. de Vasconcellos (orientador)

Profa. Dra. Angélica Chiappetta

Prof. Dr. Flávio R. de Oliveira

Prof. Dr. Marcos A. Pereira

Prof. Dr. Pedro Paulo de A. Funari

Prof. Dr. Joaquim B. Fontes (suplente)

Prof. Dr. Trajano A. R. Vieira (suplente)

Profa. Dra. Zelia A. Cardoso (suplente)

*Je sais combien il faut, sur la colline en flamme,
De peine, de sueur et de soleil cuisant
Pour engendrer ma vie et pour me donner l'âme;*

(Charles Baudelaire, "L'âme du vin", in *Fleurs du mal*)

Agradecimentos

Agradeço a todos os que contribuíram para a realização deste projeto: a Deus, pelo dom da vida e pelos outros dons; a meus pais e família, pelo apoio e pelo afeto; ao prof. Paulo S. de Vasconcellos, pela orientação cuidadosa, pela amizade e pela boa disposição contínua; à FAPESP e a seu parecerista anônimo, pela confiança demonstrada com a concessão da bolsa de estudos e pelas excelentes condições de trabalho que ela pôde propiciar-me; aos professores Angélica Chiappetta, Flávio R. de Oliveira, Marcos A. Pereira, Pedro Paulo de A. Funari, Joaquim B. Fontes, Trajano A. R. Vieira e Zelia A. Cardoso, integrantes da banca examinadora de defesa da tese, pela disposição ao diálogo, pela atenção e pelas úteis sugestões de melhoria ao texto; ao prof. Carlos Lévy (Université de Paris IV - "La Sorbonne"), pela generosa acolhida e pelo incentivo durante o estágio científico na França; a todos os professores e funcionários do IEL-UNICAMP com quem convivemos desde a época da graduação, pelo auxílio diário.

Sumário

Resumo_____	p. 11
Nota sobre as traduções_____	p. 13
Introdução: breve panorama histórico das questões agrárias na sociedade romana_____	p.15
I. O <i>De agri cultura</i> de Catão Censor: aspectos da construção do texto, da linguagem e dos sentidos_____	p.47
1) Introdução: Catão, sua trajetória vital e obras_____	p.47
2) Aspectos compositivos do <i>De agri cultura</i> _____	p.53
3) Os significados ampliados de <i>De agri cultura</i> _____	p.70
II. O <i>De re rustica</i> de Varrão: aspectos da construção do texto, da linguagem e dos sentidos_____	p.83
1) Introdução: Varrão, sua trajetória vital e obras_____	p.83
2) Aspectos compositivos do <i>De re rustica</i> varroniano_____	p.88
3) Os significados ampliados do <i>De re rustica</i> _____	p.126
III. As <i>Geórgicas</i> de Virgílio como poema didático e a veiculação dos assuntos agrários_____	p.147
1) Introdução: as <i>Geórgicas</i> , a poesia didática e seu estatuto genérico na literatura greco-latina_____	p.147
2) As <i>Geórgicas</i> como poema didático: tradição e inovação_____	p.151
IV. As <i>Geórgicas</i> de Virgílio e a assimilação transformada da temática agrária_____	p.181
V. Comentário comparativo de aspectos da construção da linguagem e do texto em trechos escolhidos de Catão, Varrão e Virgílio_____	p.259
Conclusão_____	p.337
Tradução do <i>De agri cultura</i> de Catão_____	p.341
Tradução do <i>De re rustica</i> I de Varrão_____	p.401
Apêndice: passagens dos textos utilizados para a análise (p. 259ss.)_____	p.451
Indicações bibliográficas_____	p.513

Resumo

Neste trabalho, propomos a análise conjunta de três obras da literatura agrária latina (o *De agri cultura* de Catão Censor, o *De re rustica* de Varrão e as *Geórgicas* de Virgílio) do ponto de vista da construção do texto (elaboração genérico-literária e da linguagem), dos significados particulares das posturas de "ensinamento" e dos temas-outros (moral, religião, filosofia, política, mito...) sempre agregados à trama instrutiva. Além disso, propõem-se traduções divulgadoras do *De agri cultura* catoniano e do primeiro livro do *De re rustica*.

Abstract

In this work, we propose the common analysis of three books of Latin agrarian literature (the *De agri cultura* of Cato, the *De re rustica* of Varro and Virgil's *Georgics*) from the viewpoint of textual construction (generic, literary and linguistic elaboration), of the particular meanings in teaching ways followed by each writer and of the additional themes (moral, religion, philosophy, politics, myth...) always included in the instructional whole. We also propose popularization translations of the *De agri cultura* and of the first book of the *De re rustica*.

Nota sobre as traduções

Num grau muito maior do que o comum para a tradução dos clássicos latinos, a tradução de obras especializadas antigas representa um desafio considerável: barreiras relativas à própria tecnicidade do vocabulário e dos temas, o usual alheamento prático e teórico dos tradutores às áreas do conhecimento envolvidas e os traços lingüísticos próprios dessa categoria de escritos (mesmo do ponto-de-vista gramatical) acabam por dificultar tal empreendimento.

Assim, numa tentativa de minimizar essa dificuldade e oferecer textos traduzidos do *De agri cultura* de Catão Censor e do *De re rustica* varroniano cujos sentidos fossem ao menos aproximativamente conformados aos originais, contamos, além do apoio de vários dicionários vernáculos, de latim e de línguas modernas, com o indispensável auxílio prestado pelas edições traduzidas Harvard e "Les Belles Lettres" das obras em questão.

Nesse percurso, é importante dizer, pautamo-nos sobretudo pela idéia da transposição dos sentidos *básicos* dos originais para a língua-meta: embora conscientes da estreita união entre forma e significado na linguagem, optamos, com as perdas e ganhos inerentes a quaisquer escolhas no polêmico domínio da tradução, por privilegiar a rescrita de textos fluentes em português. Isso significou, em muitos casos, aproximar as realidades antigas de outras mais familiares aos leitores modernos, restringindo-se as notas e a presença inalterada de vocábulos latinos ao mínimo indispensável. Por outro lado, buscou-se não desfigurar em demasia as obras traduzidas pela manutenção de alguns traços formais mais ostensivos (como a ordem das palavras, as repetições e a própria tessitura sintática peculiar à dicção técnica dos autores).

Intencionando, portanto, ao menos elaborar traduções aceitáveis (e tendo como ponto de partida os textos da edição Harvard), não pretendemos aqui ter chegado a um resultado definitivo ou isento de críticas. Se pudermos de algum modo divulgar culturalmente e facilitar o acesso às obras dos "agrônomos" latinos, teremos alcançado nossos principais objetivos.

Introdução: breve panorama histórico das questões agrárias na sociedade romana

A história de Roma antiga revela que as questões relacionadas à vida e às práticas rurais são um dos pontos centrais para sua compreensão: há, com efeito, toda uma gama de importantes fatores de ordem econômica,¹ política, social e cultural inseridos nesse âmbito e que não se podem deixar de abordar caso nos disponhamos a conhecer seriamente os modos de existência do povo romano ao longo dos séculos. Elemento-chave para a própria visão dos latinos a respeito das particularidades de sua cultura,² o campo significou no mundo antigo uma espécie de base para o estabelecimento dessa sociedade, como se dele surgisse e repetidamente se firmasse apesar das sucessivas modificações de contingências históricas.

De início, deve-se dizer que, por sua origem, os primitivos habitantes do Lácio foram um grupo dedicado *sobretudo* à atividade pastoril:³ em que pese à fertilidade de sua região geográfica de fixação, permaneceram por muito tempo fiéis a esse modo de vida tradicional, de resto afinado com o nomadismo dos povos indo-europeus. Nesse período, dispõe-se mesmo de indícios de conflitos entre os latinos e povos vizinhos pelo domínio de terras mais apropriadas à criação de animais do que a planície do Tibre.⁴

A existência de nexos óbvios entre o pastoreio e a agricultura não nos deve fazer esquecer de que essas atividades se diferenciam em termos das opções econômicas que representam e de que as raízes de Roma parecem corresponder à primeira. Pretendemos, pois, ressaltar a posterioridade histórica da figura do romano "de velha têmpera" como *agricola*⁵ e situá-la num período em que, longe de se manterem confinados em suas tradições, os latinos já tinham sofrido profundas influências culturais de outros povos da península itálica.

Os historiadores têm, por sinal, ressaltado a importância fundamental da contribuição etrusca para o desenvolvimento da sociedade romana em muitas de suas faces, incluindo-se entre elas a agricultura. Os etruscos, politicamente dominantes em várias regiões da Itália entre os séculos VII e V a.C. (com possessões estendidas das vertentes alpinas, ao norte, até a Lucânia, ao sul),⁶ construíram uma brilhante civilização, cujas

realizações nos domínios técnico e artístico-cultural vieram compensar de forma decisiva a rudeza dos povos submetidos a seu império:

A Etrúria era um país particularmente fértil, que produziu grandes "agrônomos", como Saserna, em quem se inspiraram os "agrônomos" latinos. Varrão espanta-se com a riqueza da terra etrusca: as lavras são fecundas, nota; não se conhece o pousio; as árvores vigorosas, e em parte alguma surge o musgo. A produção cerealista etrusca era excedente, e é a seus vizinhos que Roma, sofrendo com a fome, recorrerá diversas vezes. A qualidade do trigo era excepcional, e a farinha tão branca que Ovídio aconselhava às mulheres utilizá-la para empoar o rosto! A própria viticultura era de qualidade e emparelhada com os grandes vinhedos itálicos. Quando se pensa que, nas origens de Roma, a Etrúria vivia seu apogeu, parece evidente que os romanos "emprestaram" de seus vizinhos esse novo modo de vida de que se orgulhavam, a ponto de torná-lo uma das famosas virtudes romanas.⁷

Assim, no período identificado com a expulsão dos monarcas etruscos e o início da república,⁸ os romanos já dispunham de condições agrícolas consolidadas. É importante ressaltar que o primeiro modo romano de cultivo do solo coincidiu com a exploração familiar de pequenas extensões de terreno: nesse sistema, os *agricolae*, valendo-se de sua força de trabalho e da prole,⁹ buscavam sobretudo obter o suficiente para a própria subsistência, sem destinarem as colheitas à venda em larga escala. Em outras palavras, não se tratava de uma forma de trabalho voltada para a produção de excedentes que devessem constituir a base de objetivos afins à ampla comercialização, mas sim de um sistema bastante fechado sobre si mesmo.¹⁰

Nessa fase recuada da história romana, mesmo a elite senatorial ainda se encontrava bastante próxima do envolvimento *direto* com a lida agrária:

Todo o grupo dirigente do período da velha república (V-IV séculos a.C.) era constituído por "camponeses". Esta constatação é confirmada por uma

tradição muito mais tardia, que nos fala de grandes homens do passado envolvidos diretamente no trabalho dos campos. Cincinato teria sabido de sua nomeação como ditador enquanto arava. Era popular a etimologia da palavra "uiatores" ("enviados") a partir de "via": os enviados deviam percorrer longas estradas para encontrar nos campos os senadores a que tinham sido confiados altos encargos (Plínio o Velho, "História natural", 18, 21). Essa tradição exaltava a simplicidade dos avós e valorizava a necessidade do envolvimento da aristocracia senatorial na propriedade da terra.¹¹

Em que pese à face anedótica dos eventos evocados por Kolendo, não se pode deixar de observar que, no período considerado, de fato havia menos disparidades quanto aos meios econômicos entre os dirigentes e a massa dos camponeses latinos: comprova-o a própria vigência de limites destinados a coibir a posse de extensões desmesuradas de terreno por quaisquer cidadãos.¹²

Entretanto, a sucessão dos eventos ligados ao avanço do domínio de Roma sobre a Itália e o mundo favoreceu a mudança desse quadro de equilíbrio inicial. Uma característica social de grande importância para a compreensão dessa mudança diz respeito ao fato de que as forças militares romanas consistiram por muito tempo, na falta de um exército verdadeiramente organizado, no conjunto dos cidadãos livres e capacitados para o combate.¹³ Como seria esperado nessas circunstâncias, quaisquer conflitos bélicos contra inimigos externos determinavam que os camponeses em idade produtiva, civicamente obrigados a ingressar nas fileiras do exército, abandonassem suas terras e partissem para combates de que poderia por vezes advir-lhes a morte e, decerto, a interrupção do cultivo.

Simultaneamente, com a anexação dos territórios dos vencidos à zona de influência dos latinos, começa a ter curso a intrincada problemática relativa ao chamado *ager publicus*. Os romanos em geral não se apossavam de todo das terras daqueles a que submetiam: com graus de rigor variáveis, limitavam-se a incorporar à propriedade da república apenas uma parte delas.¹⁴ Muito embora esses domínios a princípio pertencessem a ela para o benefício variado dos cidadãos,¹⁵ observou-se na prática que passaram a constituir-se num instrumento eficaz para o fortalecimento exclusivo das elites: o episódio

do julgamento e execução do cônsul *Spurius Cassius* (486 a.C.),¹⁶ motivado pela proposta de que o *ager publicus* disponível fosse realmente distribuído à plebe em pequenos lotes, exemplifica bem o claro direcionamento da questão fundiária para o privilégio de poucos.

Pode-se compreender o gradativo processo de concentração de terras como resultado da iniciativa deliberada dos dirigentes de, "enriquecidos pelas guerras e rapinas",¹⁷ apossarem-se de extensões consideráveis de terras públicas pela compra a baixo custo ou pela apropriação indevida.¹⁸ Por motivos que adiante aprofundaremos, a ordem senatorial, tradicional e institucionalmente vinculada à terra,¹⁹ encontrou nessa estratégia política um meio de fazer frente a certas mudanças introduzidas na sociedade romana com a expansão das conquistas, sobretudo no tocante aos progressos da chamada ordem eqüestre²⁰ e aos riscos de ver-se desprovida de sustentação material para manter-se, de fato, hegemônica no poder.²¹

Importa-nos, por ora, ressaltar que o avanço da expansão romana com freqüência significou o surgimento de dificuldades para os pequenos agricultores, vinculados ao sistema produtivo familiar a que nos referimos há pouco: fatores como a absorção de suas forças pelas guerras,²² a conseqüente negligência das terras durante os períodos de campanha, os eventuais danos materiais (naturais ou não) às lavouras durante os conflitos, as dificuldades de retomada e manutenção de um ritmo de trabalho produtivo em situações de risco e a incapacidade para competir com os proprietários de maiores extensões, cujos domínios, sobretudo a partir do século II a.C., começam a ser mais eficazmente trabalhados com investimentos financeiros, reduziam-nos por vezes à miséria e à necessidade de migrarem para as cidades ou empregarem-se como trabalhadores livres nesses estabelecimentos.

Tal quadro de ruína acentuou-se com força durante os anos da segunda guerra púnica contra Haníbal (218 a 202 a.C.), já que a gravidade do conflito praticamente despovoou algumas áreas da Itália em razão da necessidade crescente da mobilização de homens para as batalhas²³ e o pânico resultante da presença dos exércitos do cartaginês em seu território provocou uma situação incompatível com a manutenção normal das atividades produtivas.²⁴

A passagem do terceiro para o segundo século a.C., assim, assinala na história agrária romana uma era de "revolução": assistimos, nessa época, ao surgimento de um

sistema produtivo decisivamente voltado para a intensa comercialização de excedentes. É preciso lembrar que a derrota da potência representada por Cartago significou para Roma vantagens como a anexação das possessões da ex-inimiga, o ganho de seu espaço comercial no mediterrâneo²⁵ e a abertura para o fluxo escravista em larga escala.²⁶

Desse modo, aproveitando-se das novas oportunidades, os proprietários romanos de domínios o bastante vastos para permitirem o trabalho intensivo da terra passaram a explorá-los racionalmente com o auxílio de vários escravos, dando especial atenção aos cultivos mais rendosos do ponto de vista financeiro (ou seja, às oliveiras e videiras em detrimento da produção cerealista) e delegando com frequência a direção dos *fundi* a homens especializados (*uillici*).²⁷ Isso significa que se tem então a clara transformação dos domínios rurais de médio porte em unidades produtoras efetivas, muitas vezes apenas supervisionados à distância por proprietários urbanos que não mais neles residiam e dependentes da aplicação de recursos indisponíveis para os agricultores de mais modesta condição.²⁸ Tem-se aqui, pois, o afastamento das elites romanas do velho modo de vida dos "soldados-agricultores": dessa fase em diante, embora ainda sustentada em sua posição pela posse fundiária, a ordem senatorial tenderá a manter apenas vínculos indiretos com o dia-a-dia da lida agrária.

Deve-se esclarecer que a moderna historiografia tem evitado falar no "desaparecimento" completo das pequenas propriedades tradicionais diante do avanço dos estabelecimentos de tipo comercial: há evidentes indícios de permanência do antigo sistema de produção em certas áreas da Itália, impossibilitando-nos generalizar grosseiramente em contrário.²⁹ Contudo, a absorção de uma parcela significativa dos pequenos *fundi* pelas propriedades de maior extensão e a obsolescência do modelo econômico por eles representado é um fato inegável.³⁰

Muito embora a prevalência de verdadeiros "latifúndios", ou seja, vastas extensões contínuas de terras, não seja uma realidade necessariamente associável a esse momento de mudança³¹ (já que algo parecido tenderá a manifestar-se sobretudo em certas áreas específicas da Itália meridional ou em seguida, durante o Império³²), pode-se dizer que o domínio de várias propriedades de menor extensão e o aumento produtivo obtido pelo empenho em retirar o máximo ganho do solo garantiram então o fortalecimento econômico e político da ordem senatorial. Conforme assinalamos, as necessidades comerciais e

financeiras advindas das guerras de expansão, bem como a crescente burocracia da república, favoreceram a emergência dos cavaleiros como elemento de fundamental importância para esses setores da vida romana.³³

Ora, sabemos que os senadores sofriam restrições no tocante às atividades econômicas a que poderiam dedicar-se: o temor da concentração desmesurada de fortunas nas mãos de líderes particulares, por um lado, e a desconfiança da estabilidade dos bens móveis, por outro, fizeram com que se coibisse o envolvimento de sua ordem com o grande comércio e as finanças;³⁴ a legislação que limitava a capacidade dos navios cuja posse lhes era permitida, por sinal, é um típico exemplo dessas medidas.³⁵ Apesar disso, no entanto, as circunstâncias dos tempos posteriores à expansão tornaram impensável que os senadores se mantivessem restritos a seu antigo modo de existência: foi preciso que também "modernizassem" à sua maneira a base econômica que os vinha sustentando há séculos, o que vale dizer que a saída encontrada para tanto correspondeu à adoção do novo sistema agrário a que nos temos referido.³⁶

Parece-nos útil mencionar, aqui, dois episódios ocorridos durante tal fase decisiva de virada dos rumos econômicos: o primeiro deles diz respeito à iniciativa senatorial de incentivo à tradução da extensa obra agrônômica do cartaginês Magão;³⁷ o segundo, à anedota segundo a qual Catão, o Censor, teria proferido a célebre frase relativa à necessidade da aniquilação completa de Cartago (*Carthago delenda est* - "Cartago deve ser destruída") apresentando aos senadores suculentos figos provenientes dos pomares da inimiga.³⁸ Quanto à preocupação de divulgar a obra de Magão em latim, trata-se indubitavelmente dum ato cujos propósitos se vinculam a anseios de melhoria técnica das condições produtivas na Itália, já que, além do renome desse teórico no mundo antigo, sua pátria contava com importante desenvolvimento da economia rural:

Seja como for, o exemplo cartaginês era, para Roma, o de um país ao qual uma especialização agrícola relativamente intensa permitira, sobre as bases da grande propriedade agrária e da utilização maciça da mão-de-obra servil, atingir um nível técnico e uma qualidade produtiva em todos os sentidos notável no domínio da economia rural. Magão surgia a esse respeito como o representante de uma classe inteligente e ativa de

*empreendedores escravistas que, tendo escolhido concentrar a atividade rural do país na arboricultura e na criação, fizera da região cartaginesa uma espécie de "Normandia" africana, parecida, segundo o testemunho de Diodoro, com um grande jardim onde se alternavam vinhedos, pastagens e plantações.*³⁹

O gesto catoniano na Cúria, por outro lado, poderia ser apontado como indício do reconhecimento pela personagem de que um dos pilares de sustentação do equilíbrio cartaginês correspondia justamente à sua força no setor agrícola, de maneira que a eliminação da rival e a tomada pelos romanos de sua antiga posição significaria para si um fator de peso para se afirmarem em termos hegemônicos na bacia mediterrânea.

Outro evento da história romana que não se poderia omitir ao tratarmos da problemática agrária diz respeito às reformas dos irmãos Graco: Tibério e Caio Graco, oriundos pela linhagem materna de uma das mais nobres famílias romanas (os Cornélios), destacaram-se na política do segundo século a.C. por se manifestarem em certo sentido contrários à marcha das reformas sociais ocasionadas pelo avanço das grandes e médias propriedades sobre as pequenas.

Eleito tribuno da plebe, Tibério Graco propôs a lei Semprônia em 133 a.C., destinando-a a regular a ocupação do *ager publicus*; segundo ela, haveria a restrição do limite dos campos a serem possuídos por quaisquer particulares (computada a prole) a, no máximo, mil jeiras. Além disso, caberiam aos cidadãos mais pobres pequenos lotes de até trinta jeiras; no último caso, é importante salientar que a concessão fundiária, de um modo diverso do que se tinha passado até então, seria inalienável e acompanhada da isenção definitiva de quaisquer encargos para os favorecidos.⁴⁰

As óbvias incompatibilidades entre essas disposições e os interesses dos senadores (que, como dissemos, já eram nesse momento um grupo diretamente interessado em dominar o cenário agrícola na Itália), porém, determinaram as acusações de demagogia e tentativa de implantação da tirania em Roma contra o tribuno e, como súbito desfecho para sua trajetória política, seu assassinato nesse mesmo ano.

Caio, continuador das reformas do irmão após sua morte, propôs em 123 a.C. uma lei que reafirmava as disposições daquela idealizada por ele e, ainda, fixava diretrizes para

o estabelecimento de colônias na Itália meridional. Em 121 a.C., de maneira semelhante ao ocorrido na primeira vez em que se tentaram as reformas, intensificaram-se as reações de seus inimigos contra quaisquer mudanças (inclusive com a violação da inalienabilidade dos lotes distribuídos aos pobres, o que facilitou sua aquisição pelos grandes proprietários)⁴¹ e Caio, por fim, tombou assassinado.

As motivações e, em última instância, mesmo o significado das reformas propostas pelos Gracos, têm-se sujeitado a um conjunto amplo de interpretações.⁴² Entre elas, seria talvez de interesse citar a visão dos que evitam considerá-las sob o viés puramente "progressista", no sentido da oposição cerrada às estruturas tradicionais da sociedade romana: Robert⁴³ e Marcone,⁴⁴ então, ressaltaram-lhes os traços afins a um certo comprometimento com as formas de existência social do início da república. Referimo-nos aqui a seu "apego" à idéia de uma coletividade fundamentada na contribuição de "soldados-agricultores", o que, a despeito do imediato atendimento às necessidades fundiárias da plebe, tenderia para uma espécie de improvável retrocesso nos rumos econômicos de Roma. Afinal, como estagnar seu processo de expansão sobre o mundo, com as inevitáveis conseqüências?

A menção às reformas dos Gracos, por outro lado, torna conveniente tratar do tema do colonato, a elas vinculado pelo fato de também vir a ser um dos modos encontrados na Antigüidade latina para racionalizar a distribuição das terras obtidas com as conquistas. Conforme dissemos, embora fosse possível a Roma dispor dos territórios dos vencidos como bem lhe conviesse, apenas certa porcentagem de seus campos passava, por desapropriações, para o domínio efetivo dos conquistadores, vindo, assim, a aumentar a extensão de *ager publicus* disponível.⁴⁵

Era justamente nessas "terras do povo romano", dispersas por várias regiões da Itália, que se estabeleciam as colônias como uma espécie de núcleos de povoamento constituídos por correntes migratórias de Roma e destinados a favorecer a sólida implantação dos latinos nas áreas conquistadas, através da efetiva ocupação e cultivo do solo. Apesar de certas desvantagens que atingiram os colonos ajustados a esse modo de ocupação do território (como a perda da cidadania romana como condição de seu novo estatuto),⁴⁶ é evidente que a participação no sistema apresentava atrativos para aqueles que

se encontravam em dificuldades na pátria: em parte, tais distribuições de terras ajudaram a aliviar as tensões resultantes do desequilíbrio fundiário entre patrícios e plebeus.

Entretanto, a solução daí advinda acabou por revelar-se precária, insuficiente, pois, para sanar um problema cujas causas eram bastante complexas: apesar do prosseguimento da prática de assentar colonos em várias partes da Itália pelo menos até o final da segunda guerra púnica,⁴⁷ é um fato que as colônias deveriam atender sobretudo a funções estratégicas (e não solucionar definitivamente as carências da plebe).⁴⁸ Além disso, a freqüente invasão do *ager publicus* pelos *possessores* (grandes proprietários usufruindo de fato e ilegalmente das terras da república) fazia com que muitas vezes se ignorassem os direitos dos colonos.⁴⁹

Importa ainda dizer que, com a pronunciada cisão política entre *populares* e *optimates* (referimo-nos, em específico, aos violentos choques entre os partidários de Mário e Sila durante o final do segundo e o início do primeiro século a.C.), a prática de distribuição de terras assumiu uma face até então inédita: nessa época sombria da história romana, as proscricções e a aniquilação sucessiva dos inimigos de um e outro ditador resultaram, entre outras conseqüências, na concessão dos campos dos vencidos aos aliados dos vencedores.

Isso significou, como bem assinala Robert,⁵⁰ que os confiscos, generalizados durante as guerras civis até a vitória definitiva de Augusto, instauraram em Roma o primeiro "atentado" de teor político contra os bens privados, para desgraça de grandes ou pequenos proprietários. Ainda nos tempos de Virgílio, essa prática se encontrava em pleno curso, deixando ecos indeléveis na primeira de suas *Bucólicas*:

Meliboeus

*At nos hinc alii sitientis ibimus Afros,
pars Scythiam et rapidum cretae uenimus Oaxen 65
et penitus toto diuisos orbe Britannos.
En umquam patrios longo post tempore finis,
pauperis et tuguri congestum caespitem culmen,
post aliquot, mea regna uidens, mirabor aristas?*

Impius haec tam culta noualia miles habebit? 70
Barbarus has segetes? En quo discordia ciuis
produxit miseros! His nos consequimur agros!
Insere nunc, Meliboe, pios, pone ordine uitis!
Ite meae, felix quondam pecus, ite, capellae:
non ego posthac, uiridi proiectus in antro, 75
dumosa pendere procul de rupe uidebo;
carmina nulla canam; non, me pascente, capellae,
florentem cytisum et salices carpetis amaras.

Melibeu

"Mas daqui uns iremos aos sedentos africanos,
 à Cítia outros, e ao veloz Oaxes rico em greda, 65
 e aos bretões, separados tanto deste nosso mundo.
 Verei acaso, após um longo tempo, as terras pátrias
 e o teto do casebre meu, coberto pela grama?
 Divisarei, mais tarde, espigas pelos meus domínios?
 Serão de ímpio soldado estes alqueives tão cuidados? 70
 De um bárbaro, estas searas? A discórdia, aonde levou
 os pobres cidadãos! Foi para outros que semeamos!
 Enxerta essas pereiras, Melibeu, alinha as vides!
 Feliz rebanho outrora, ide, cabritas minhas, ide!
 Não mais eu vos verei, deitado na caverna verde, 75
 pender ao longe de um rochedo cheio de silvados.
 Já não mais cantarei; nem mais, sendo eu pastor,
 [cabrinhas,
 mascareis o cítiso em flor nem o salgueiro amargo."⁵¹

A tradição, desde a Antigüidade, fez do poeta um filho de pequenos proprietários provinciais, oriundo das imediações de Mântua, na Gália Cisalpina;⁵² na fase do

estabelecimento de alianças entre Otávio, Lépido e Marco Antônio, essa região correspondeu a uma das zonas atingidas pelos confiscos que se seguiram às vitórias de 43 e 42 a.C. contra os exércitos senatoriais.⁵³ Numa leitura "biográfica", Melibeus, o desafortunado pastor que deve partir com suas cabras para o exílio e deixar o lar a outros (talvez mesmo a um soldado!), representaria os muitos atingidos sem clemência pela catástrofe, independentemente de sua condição social, enquanto Títo, a quem a chance de permanecer foi concedida por um "deus", melhor se enquadraria (como Virgílio) na posição dos poupados.⁵⁴

Independentemente da validade dessa leitura no tocante às supostas experiências pessoais do poeta com o confisco⁵⁵ e a posterior restituição de sua propriedade familiar pelos favores de Augusto, a écloga citada testemunha com inegável verossimilhança a questão histórica do uso das terras dos inimigos como importante instrumento político durante a agonia da república: tendo-se iniciado, como vimos, sob os dois primeiros ditadores, a distribuição fundiária aos veteranos (ou demais aliados) persistiu com vigor sob César e Augusto. Dessa forma, esses líderes puderam atrair para si uma grande massa de combatentes que lhes permaneciam fiéis na esperança da recompensa futura e, ao mesmo tempo, arruinar com eficácia os redutos de seus inimigos.

O esboço desse quadro evolutivo convida-nos a aprofundar o tema da participação de certos protagonistas em todo o processo descrito. É fundamental, então, atentar para a transformação efetiva do meio social nos campos itálicos quando consideramos os extremos identificados com o início e as fases mais adiantadas da república. Pode-se dizer que tal transformação, sobretudo condicionada pela ruína do pequeno agricultor e pela predominância, em várias regiões, da mão-de-obra servil, é um parâmetro seguro para o acompanhamento das práticas sócio-econômicas romanas ao longo do tempo: afinal, a visão das vicissitudes dos trabalhadores rurais inseridos em cada contexto possibilita compreender o significado dos sucessivos modos de condução dos destinos comuns pelos dirigentes.

Embora a existência limitada do trabalho escravo seja atestada no Lácio desde épocas muito recuadas (pois, muitas vezes, os cativos ajudavam a integrar a *familia* do homem livre nos campos e nas cidades),⁵⁶ o momento significativo para sua ampla absorção pela vida econômica romana correspondeu à vitória nas guerras púnicas. Como

vimos, os proprietários romanos abastados do período, numa opção pela melhoria e racionalização da produtividade, passaram então a dedicar-se sobretudo às culturas arbóreas (olivedos e parreirais), cujos produtos, muito requisitados pelos mercados da região mediterrânea,⁵⁷ eram passíveis de venda a preços mais convidativos do que os grãos, doravante facilmente adquiridos para o abastecimento de Roma nos "celeiros" da Sicília e, mais tarde, do Egito.

Desse modo, abandonando o velho sistema de cultivo cerealista com fins de subsistência ou, eventualmente, de venda dos excedentes em mercados locais, vizinhos das zonas produtoras, esses empreendedores tiveram na mão-de-obra servil um elemento fundamental para sustentar a evolução econômica em que se inseriam. Sabemos que uma cultura como a da oliveira e, especialmente, a da videira, requer trabalhos intensos em épocas como a da colheita e a da produção do azeite ou do vinho; no caso das videiras, que são um tipo vegetal altamente "domesticado" pelo homem (sendo necessário intervir-lhes no crescimento, na nutrição, na disposição em relação ao solo e aos demais elementos, em favor de sua proteção contra as inclemências do clima...), esses cuidados são ainda maiores.⁵⁸

Isso significa que, além do investimento financeiro esperado para obter bons rendimentos desses cultivos, havia necessidade da presença de trabalhadores à pronta disposição dos proprietários rurais. No tocante ao componente servil da força de trabalho requerida, importa ressaltar que sua participação chegou a ser tão intensa em várias partes da Itália a ponto de alterar-lhes sensivelmente a configuração populacional:

A emigração dos escravos para a Itália, porém, causou um notável desequilíbrio racial: os itálicos concentram-se nas cidades, enquanto os campos se enchem de escravos de origem oriental. Eles se esvaziaram literalmente de elementos itálicos, dando espaço a elementos estrangeiros. Caso se examinem de passagem as inscrições de cada região italiana, inscrições que remontam ao séc. I e ao séc. II d.C., mas refletem uma situação já consolidada, e, portanto, advinda de várias gerações precedentes, encontramos um grande número de nomes helenizados, absolutamente novos na onomástica itálica e provenientes da classe servil

*que desde algumas gerações obteve a liberdade, tendo, contudo, conservado seus nomes de origem. Nos campos do sul, do centro e, em seguida, do norte, há uma extraordinária difusão de nomes estrangeiros, que atestam a consolidação do estabelecimento de estrangeiros que, primeiro como escravos e depois como libertos, conservam laços entre si, mesmo quando se sentem fixados nas novas terras.*⁵⁹

O incremento da população cativa, não se pode esquecer, deu margens para um problema agravado durante o primeiro e, especialmente, o segundo século a.C.: nesse período conturbado do escravismo romano, contam-se rebeliões servis como a de 217 a.C., em Roma, a de 198 a.C., no Lácio, a de 196 a.C., na Etrúria, a de 185 a.C., na Apúlia, a de 135 a.C., na Sicília, as de 104 a.C. na Sicília e na Campânia e, finalmente, a de 73 a.C., liderada por Espártaco.⁶⁰ Esses levantes, em várias ocasiões associados a episódios sangrentos de massacres de cidadãos e de sérios enfrentamentos entre as legiões romanas e os cativos, dão a medida do grau de tensão em que se encontrava o meio rural no período, decerto motivada não só pelo elevado número de escravos mas também pela rudeza das condições a que esses trabalhadores se viam reduzidos.⁶¹

O mais conhecido de todos, conduzido sob a chefia de Espártaco, chegou a estender os combates pela Itália do norte e do sul e a constituir ameaça para a segurança da própria Roma.⁶² Por fim, após árduas tentativas, o líder revoltoso foi acuado com seu exército em Régio, na extremidade meridional da península, e definitivamente massacrado em 71 a.C. pelo pretor Marco Licínio Crasso.⁶³

Como dissemos, além dos escravos e dos eventuais homens livres ainda vinculados à exploração tradicional da terra, havia ainda a participação da mão-de-obra "proletária" nas *uillae* pertencentes aos grandes senhores. Trata-se de uma parcela da população itálica de origens rurais e que, por motivos como o empobrecimento por dívidas e pela dificuldade de fazer frente ao poder econômico dos privilegiados, acabava por vezes reduzida à necessidade de colocar-se a serviço de outros em troca de remuneração financeira. Havia mesmo os casos em que modestos "fazendeiros", dedicados na medida do possível à condução do trabalho em suas próprias terras, punham os braços à disposição dos senhores em caráter sazonal, a exemplo do que se dava tipicamente na época da vindima ou da

colheita das azeitonas, em que as operações precisavam ser executadas com presteza por um número de trabalhadores bem maior do que o dos cativos em geral mantidos nas *uillae rusticae*.⁶⁴

Quanto aos emigrados dos campos para as cidades, bem conhecida é sua situação de dependência nos grandes centros urbanos:

Também era possível sobreviver vendendo o próprio voto, usufruindo de distribuições de cereais a baixo preço ou (em seguida) gratuitas, deixando-se manter por patronos... De fato, Salústio escreve: "Além disso, a juventude, que tolerara nos campos a pobreza como paga da labuta, sublevada por distribuições particulares e públicas, preferia o ócio urbano ao trabalho ingrato" ("A Conjuração de Catilina", XXXVII 6).⁶⁵

No tocante ao processo de concentração fundiária, resta esclarecer que, embora perceptível desde o início da expansão romana na Itália, intensificou-se após a derrota de Cartago e resultou, a partir daí, na formação de verdadeiros latifúndios em regiões como a Sicília e a Apúlia. Tratava-se, nesse caso, de grandes áreas subocupadas por seus proprietários, em que geralmente se dava a atividade do pastoreio extensivo. Em comentário à questão, Sabbatini ressaltou os nexos existentes entre a deliberada prática de expansão de domínios conduzida pelos ricos proprietários apulianos e a transumância ou troca sazonal das pastagens:

O costume de permitir a pastagem sobre vastas extensões de terreno é íntima, e diria, quase economicamente, complementar ao latifúndio: Varrão, por isso, considera com olhos extremamente benévolos essa atividade que representa a única chance de usufruir, sem nenhum custo em infra-estrutura, de vastas propriedades que de outro modo teriam permanecido sem uso e, sobretudo, improdutivas. (...)

Uma das regiões onde a transumância se afirmou como a principal atividade econômica foi a Apúlia, zona que pode ser considerada como a desembocadura natural das pastagens estivais das regiões apeninas da

Itália central: a transformação dessa região num único grande pasto fora favorecida pelos romanos mas, sobretudo, determinada pela aristocracia latifundiária, que contribuíra para o desmantelamento da propriedade camponesa em total favor da criação de ovinos e da indústria lanígera, campos onde a mão-de-obra servil, extremamente abundante naquele período e vantajosa do ponto de vista econômico, podia ser mais proficuamente utilizada.⁶⁶

Evidentemente, a busca pelos pastores das pastagens mais luxuriantes conforme as estações (ocorrendo que, no estio, as montanhas contavam com bom suprimento vegetal em razão da maior amenidade do calor nas alturas do que nas planícies, abrasadas, então, pelo sol mediterrâneo), a possibilidade de utilizar campos extensos para tal prática, a facilidade de sua implantação e os lucros advindos da venda da lã significavam um conjunto de fatores conjugados em harmonia para o sucesso desses grandes produtores. Daí seu interesse em criar condições fundiárias que lhes permitissem monopolizar tal modo de uso dos meios produtivos.

Julgamos necessário, em seguida, oferecer algumas coordenadas a respeito da situação dos campos itálicos nas épocas de composição de cada uma das obras agrárias a serem discutidas: apesar de termos procedido à apresentação sucinta de algumas das questões mais importantes para o entendimento da evolução histórica romana nesse setor de atividade, o contato mais próximo com as obras dos "agrônomos" latinos suscita questionamentos outros, aos quais não nos podemos furtar. Algumas das questões pertinentes nesse âmbito dizem respeito à busca dos propósitos de composição das obras (em que medida corresponderiam a uma resposta para as necessidades práticas dos produtores coevos aos "tratadistas"?), à sua motivação diante de supostas circunstâncias de crise ou prosperidade agrária e ao envolvimento dos autores com certas faces da vida pública cujas repercussões se fazem sentir na experiência rural.

No tocante a Catão, autor do *De agri cultura*, basta dizer que, inserindo-se cronologicamente em plena fase de mudança do sistema produtivo para o modo intensivo e comercial, situa-se num momento de grande florescimento da agropecuária em solo pátrio: por um período considerável, após a vitória contra Cartago, não houve qualquer

precipitação de eventos que se pudessem considerar catastróficos para a implantação dessa mudança na Itália. A ausência, portanto, de um quadro de "crise" (ao menos no que se refere aos progressos obtidos pelos produtores capazes de responder eficazmente às novas demandas econômicas) permite pensar em sua obra como produto de uma iniciativa de instrução destinada a guiar um público formado por essa camada social, em favor da maior rentabilidade possível de suas terras.⁶⁷

A mesma clareza não se verifica quanto ao lapso temporal abrangido pelo *De re rustica* varroniano: as opiniões dos comentadores divergem enormemente neste caso, havendo, inclusive, discordâncias completas na interpretação do significado de certas passagens da obra, vinculadas aos posicionamentos do autor a respeito do quadro social e econômico em que se move.

Um típico exemplo varroniano de passagem controversa em sua relação com o quadro histórico coevo da agricultura romana diz respeito às famosas *laudes Italiae*, no início do livro primeiro do *De re rustica*: no trecho, segundo as observações de Scalais,⁶⁸ procede-se ao enaltecimento dessa terra em duas frentes distintas, vinculadas não só à generalidade do cultivo mas ainda à excelência das produções daí advindas. Isso significa, como se vê, que Varrão, literalmente considerado, destaca a importância da produção agrária itálica quanto à quantidade (pois, se a Itália é toda cultivada, infere-se que produza *muito*) e à qualidade.

As opiniões do crítico citado em relação ao "otimismo" varroniano, pode-se dizer, situam-se a meio caminho entre uma leitura literal e outra meramente retórica do texto: baseando-se em evidências como as flagrantes semelhanças compositivas entre um conjunto dado de elogios e o que temos presentemente diante dos olhos, ele opta, por um lado, por afastar qualquer "realismo" documental estrito da intencionalidade do autor ao escrevê-lo:

A passagem do "De re rustica" em questão nada seria senão o resumo de um elogio da Itália composto por Varrão no décimo primeiro livro das "Res humanae". Poder-se-iam encontrar os elementos desse panegírico em Dioniso de Halicarnasso, Plínio e Virgílio. Além disso, a primeira descrição de Varrão, como a de Estrabão, teria sido inspirada por Políbio,

*que falava da Itália no livro XXXIV de sua História. A conclusão a tirar-se dessa comparação seria, pois, que tratamos duma passagem literária, ou, pelo menos, não refletindo a situação econômica da Itália no tempo de Varrão. Os nexos entre os diversos textos são evidentes e a crítica assinalou alguns. As condições climáticas da Itália são um tema comum a todos os escritores.*⁶⁹

Dando prosseguimento a suas idéias, por outro, Scalais considera que, nos anos prováveis de composição da obra, se a agricultura italiana não vivia exatamente dias tão brilhantes quanto Varrão menciona, também não seria o caso de considerá-la em dificuldades ou, muito menos, arruinada.⁷⁰ Em seguida, enumerando algumas produções itálicas locais citadas por Varrão (a exemplo do azeite de Venafro, do trigo apuliano e da espelta da Campânia), o crítico se vale de argumentos de fundo histórico para justificar que de fato tenham correspondido a itens importantes para a economia do período⁷¹ e, citando ainda os progressos técnicos advindos com a evolução dos tempos⁷² e a continuidade "inalterada" das pequenas propriedades voltadas para a subsistência em várias regiões da Itália, acaba por concluir que o reatino não "mente" no tocante ao esboço da imagem de uma Itália produtiva, mas apenas a realça com fins literários.⁷³

Um autor como Boscherini, por sua vez, ao ressaltar justamente o retoricismo⁷⁴ da passagem e certas dificuldades encontradas na busca de elementos factuais que fundamentem a idéia de uma Itália produtiva na data da escrita das *laudes*,⁷⁵ opta por interpretá-la enquanto uma exortação à melhoria das condições possíveis naquela época:

Retornando à "laus Italiae", tão literariamente nutrida, tão retoricamente construída e tanto menos válida do ponto de vista econômico, põe-se o problema de qual motivação tenha tido. Não um amor geral e ideal da pátria, pois o patriotismo em Roma antiga é todo feito de coisas e interesses concretos. Mas o louvor da fecundidade de uma terra, da riqueza sã que dela provém, é um convite a seguir um modelo de atividade que se encontra na tradição dos ancestrais. Não há só a propaganda agressiva, mas afirmar idéias e valores que a experiência coletiva reconhece, que são a matéria da

*história dum povo, é um modo de fazer propaganda. Nesse sentido, também é propaganda a "laus Italiae".*⁷⁶

Passando agora à apresentação do que se dá quanto aos sentidos do prefácio do *De re rustica* II, é importante dizer que nele ocorrem as críticas de Varrão aos romanos pelo abandono do cultivo,⁷⁷ verificando-se semelhantes divergências dos filólogos a respeito de como interpretá-las. Num exemplo de postura "otimista", Bianco opta por considerar fatores históricos como a crise de abastecimento cerealista em Roma no ano de 41 a.C. enquanto dado, por si, insuficiente para que dele se infira a ruína total da agricultura em solo italiano:⁷⁸ não corresponde o intervalo de 43 a 36 a.C. ao período da guerra da Sicília, em que Sexto Pompeu bloqueou a importação de grãos dessa ilha para a Cidade?⁷⁹ Além disso, a destinação dos grãos produzidos na própria Itália (mas não no Lácio) aos mercados regionais explicaria os motivos de dificuldades concernentes a um âmbito local e não, assim, associáveis à península como um todo.⁸⁰

Desse modo, o autor não vê no contraste entre a imagem luxuriante da Itália traçada nas *laudes* do livro I e os aspectos aparentemente menos positivos do livro II um elemento de incoerência ou, ao contrário de Martin, uma comprovação da decadência *geral* da agricultura itálica no período compreendido entre as décadas de 50 e 20 a.C. (admitindo-se, nesse caso, que a composição de uma e outra parte da obra se deu em épocas bem diferenciadas),⁸¹ mas sim um mero sinal dos incentivos de Varrão ao favorecimento econômico dos cultivos. Em outras palavras, a "repreensão" de Varrão no prefácio de seu segundo livro e a imagem do abandono das culturas nele esboçadas não corresponderiam a uma declaração da ruína itálica no setor, mas tão somente a um estímulo para que se buscasse a auto-suficiência da produção agrícola, especialmente no Lácio.⁸²

Quanto a Martin, deve-se observar que, sobretudo a partir de certas "incoerências" encontradas em relação aos prefácios da obra (com a dedicação do *De re rustica* como um todo, no primeiro livro, a Fundânia, do segundo livro a *Turranius Niger* e do terceiro a *Quintus Pinnius*)⁸³ e do que lhe parece corresponder à diversa estruturação, por motivos variados, do segundo e do terceiro livros quando comparados com o primeiro, o crítico prefere atribuir tais peculiaridades à composição das partes do texto que deparamos modernamente em diferentes épocas. Tudo se passaria como se Varrão, partindo da idéia de

compor apenas o livro I da obra, tivesse anos depois dado prosseguimento à escrita dos restantes e, por fim, publicado o todo sob o título abrangente de *De re rustica*, sem, contudo, a) manter-se uniforme quanto à questão dos prefácios e b) ao "estilo" adotado para dar vazão aos três diálogos; trata-se, pois, de um certo "descuido" compositivo, perceptível não pela leitura de cada livro isoladamente, mas pelo contato com o conjunto.⁸⁴

A menção às teorias do crítico importa porque, como dissemos, segundo sua partição cronológica de composição do *De re rustica* por fases, haveria uma explicação para o descompasso entre o "otimismo" das *laudes Italiae* no livro inicial e o "pessimismo" do seguinte no fato de que Varrão, sempre procedendo documentalmente, esboçara no princípio uma imagem da Itália que não foi mais possível no momento de escrita posterior: os acontecimentos das guerras civis, com suas conseqüências catastróficas, justificariam a queda total e real da produtividade agrícola na península.⁸⁵

No tocante às *Geórgicas*, ainda nos referindo às posições de Martin, é preciso dizer que esse estudioso, tendo-se inclinado pela idéia da ruína produtiva da Itália nos anos anteriores à ascensão final de Augusto, considera que, após esse acontecimento, houve o restauro geral das condições no setor, motivado pela atuação benéfica do príncipe.⁸⁶

Spurr, por sua vez, numa posição sensivelmente discordante da voz mais comum neste aspecto, propõe a idéia da continuidade normal das atividades agrárias na península durante os anos finais das guerras civis,⁸⁷ baseando-se em argumentos como a predominância da mão-de-obra servil nas terras mais rendosas do ponto de vista econômico (o que justificaria a boa condução dos trabalhos rurais, tendo em vista o alheamento total dos escravos aos combates no mundo romano), a força produtiva representada pelas mulheres e filhos jovens dos *agricolae* (capacitados, julga, para cultivar na eventual ausência do *pater familias*), as dificuldades de transporte terrestre dos grãos regionalmente produzidos até Roma, o bloqueio provocado por Sexto Pompeu durante a guerra siciliana (fatores associáveis à fome *apenas* na Cidade) e o assentamento de veteranos nas terras confiscadas como a mera substituição de uns produtores por outros.

Eis o motivo pelo qual esse crítico, em contraste com Martin, não considera que tenha havido necessidade de "restaurações" da condição agrária promovidas por Augusto:

*Em primeiro lugar, a agricultura italiana não exigia, como se tem afirmado, restauro. Assim, Augusto não precisava pôr em prática uma "política agrícola" da mesma maneira explícita com que introduziu a reforma moral. Contudo, é errado, por outro lado, negar de todo que ele fomentou a continuação e crescimento já existentes da prosperidade agrária da Itália.*⁸⁸

Como se nota, vemo-nos diante de questões que importam para a própria determinação do sentido social da escrita desse poema virgiliano: optar pela idéia da crise produtiva como resultado das guerras civis significaria, talvez, pender para a aceitação do gesto criador do poeta enquanto iniciativa "engajada" de favorecer a retomada prática do equilíbrio perdido.⁸⁹ Negá-la, porém, tornaria necessário compreender os incentivos de Virgílio ao bom combate da lida agrária (e não das guerras fratricidas) sob um ângulo simbólico, afim à sua inserção ideológica na velha tradição romana de enaltecimento do campo, considerado uma espécie de repositório inesgotável das virtudes (de coragem, disciplina, bravura, diligência, frugalidade, austeridade, religiosidade...) dos *maiores*.

A nosso ver, em que pese às dificuldades de fechamento definitivo da questão (devido à própria escassez ou fragilidade dos dados disponíveis para a análise), pode-se acolher em ambas as leituras a compreensão do gesto de escrita de Virgílio em sua face de reverberação dos novos ares trazidos pelo domínio augustano: seja com supostos intentos "práticos" ou apenas "simbólicos", é inegável que o poeta se mantém, no plano das idéias, próximo dos modelos eleitos pelo príncipe para constituírem o pano de fundo moral do regime.⁹⁰ Por sinal, a própria temática agrária, em razão dos ecos de tradicionalismo que despertava na sensibilidade do público romano, propicia tal harmonização.

Por fim, como último ponto deste capítulo, passaremos em seguida a apresentar algumas visões produzidas pelos romanos no contato com o universo rural. A esse respeito, deve-se observar que, similarmente à variação histórica das condições práticas da vida rústica, encontram-se sucessivas idéias distintas e condicionadas pela evolução dos tempos.

Como vimos, a veracidade do próximo contato do povo romano (compreendidos os dirigentes) com a lida agrária durante a realeza e o início da era republicana, bem como a repartição social de funções então existente entre essa atividade e o militarismo, fizeram

com que se cristalizasse no imaginário pátrio a imagem dos *maiores* sob a figura do "soldado-agricultor". É importante frisar que, nessa concepção, ambas as faces de constituição do cidadão ideal se conjugam num todo *harmônico*: não seriam, afinal, qualidades como a bravura, a persistência, a disciplina, a frugalidade, a austeridade, o acato aos deuses e aos superiores traços essenciais para o bom desempenho de uma e outra atividade? Isso significa, portanto, que longe estamos, diante dessa idéia, de certas concepções posteriores, cujo sentido consiste justamente em opor a paz representada pelo afastamento das disputas civis à vã agitação da guerra.⁹¹

Um elemento de fundamental importância para o panorama da apropriação desse conceito pelos latinos diz respeito ao fato de que, mesmo nos períodos mais adiantados de sua história, quando, evidentemente, as condições sociais que lhe permitiram o surgimento já se encontravam de todo alteradas (haja vista a deserção dos campos por significativa parcela dos pequenos *agricolae* e dos aristocratas), ainda se buscou nele um ponto de apoio para estabelecer a identidade do povo romano. Como observou Miles, não houve, após a descoberta pelos romanos do refinamento da civilização helenística (caracterizada, entre outros fatores, pelo brilho da vida urbana), motivos para que se envergonhassem da honesta rudeza dos ancestrais, mas sim a persistência de sua valorização enquanto algo responsável pela grandeza presente dos latinos:

O sentido romano de identificação e débito para com a vida rústica recebeu particular impulso da exposição à civilização helenística durante o segundo século a.C. Os romanos tinham consciência de que sua própria cultura, pelos padrões do mundo helenístico, era um tanto restrita. Ao mesmo tempo, eram capazes de contrastar a firmeza de sua própria sociedade e sua preeminência bélica com a confusão política e a fraqueza militar das nações helenísticas que tinham conquistado. Uma consequência importante de sua ambivalência na própria relação com o mundo helenístico foi que ela os encorajou a tornarem virtudes as características mesmas responsáveis por que parecessem atrasados segundo os padrões helenísticos. Vieram a considerar o refinamento e o luxo que era tão impressionante no leste como, ao mesmo tempo, sintomas e causas de sua

*fraqueza, afeminação e degeneração. Pelo contrário, ao dominarem o mundo, os romanos sentiam que tinham provado sua superioridade em qualidades importantes. Eles atribuíam essas qualidades à própria simplicidade e resistência do modo de vida de seus ancestrais.*⁹²

Não podemos, porém, entender essa persistência ideológica como sinal inequívoco do repúdio a tudo o que fosse refinamento e "modernização" da vida em sociedade: sabe-se que, pelo menos desde o final das guerras púnicas, a civilização grega e os "novos ares" do oriente impuseram com força suas marcas na formação dos romanos mais abastados.⁹³ É preciso, por esse motivo, pensar na questão em termos de uma espécie de acomodação do novo ao tradicional, de maneira que os velhos valores e costumes do passado de Roma, embora nunca esquecidos, foram, por assim dizer, aclimatados às condições culturais subseqüentes.⁹⁴

Também se deve observar que, em casos extremos, chegou-se a romper por completo os laços com a rusticidade dos *maiores*: os testemunhos de autores antigos como Varrão e Salústio, por sinal, permitem-nos vislumbrar, por um lado, o alheamento total de alguns aos costumes tradicionais⁹⁵ e, por outro, o próprio desmerecimento da atividade agrária enquanto algo pouco digno do homem livre.⁹⁶

Dentre as várias atitudes manifestas na sociedade romana no tocante à experiência rural, importa ainda considerar o que Miles⁹⁷ apresenta em termos da busca de uma espécie de refúgio no campo. Ora, sabemos que, para a aristocracia da Cidade (não, decerto, para os pobres cultivadores!),⁹⁸ esse ambiente se revestia duma aura de confortável isolamento em relação às vicissitudes da vida urbana. Tudo se passa como se, favorecidas pelo menor ou maior distanciamento geográfico do centro do Império, suas *uillae*, independentemente do grau de comodidade material disponível, lhes permitissem olhar a uma distância segura para os problemas da capital.

Cícero e Ático seriam, cada um à sua maneira particular, exemplos de adesão a essa postura: assim, enquanto o primeiro considerava tais ocasiões de "retirada" momentos propícios para continuar a trabalhar intelectualmente em favor da república,⁹⁹ o segundo, observa o crítico norte-americano, vincula-se radicalmente ao epicurismo e abandona a vida pública em favor do *otium* completo.¹⁰⁰ Ao portar-se desse modo, vemos que Cícero, além

de se pôr em conformidade com a prática de "modernização" das atitudes em relação ao campo a que nos referimos acima (já que, dedicando-se com responsabilidade civil à filosofia e às letras no sossego de suas terras, concilia o refinamento das práticas oriundas do estrangeiro com a virtude romana de empenhado compromisso com a coletividade), rejeita até certo ponto o que lhe parece corresponder à excessiva auto-indulgência de muitos de seus contemporâneos, decididamente voltados para a transformação das *uillae* em espaços de exclusivo prazer.¹⁰¹

Tem-se nesses exemplos, então, alguns dos motivos pelos quais os antigos romanos puderam repudiar ou abraçar posicionamentos afins à valorização do imaginário e da vida rústicos. Em favor do correto entendimento dessas atitudes, esperamos ter mostrado, importa nossa atenção conjunta para as particularidades da realidade social concreta e das ideologias que as sustentam: afinal, como demonstra a "austeridade" ciceroniana, nem sempre é possível divisar o fenômeno ideológico em estrita adesão às práticas.

¹ A respeito da viabilidade do estudo de uma "economia antiga", cf. observações de Nicolet (Nicolet, C. *Rendre à César. Économie et société dans la Rome antique*. Paris: Gallimard, 1988, p. 118: *Ne sera-t-il donc jamais question d'"économie" chez les Romains? Ici se pose une très intéressante question liminaire. En effet, il existait certainement une "économie", au sens factuel: on produisait, on échangeait, on consommait une quantité considérable de biens. De cette économie, nous essayons, avec un relatif succès, d'écrire l'histoire: nous disposons de sources relativement nombreuses (écrites ou archéologiques), et nous sommes même en mesure d'établir avec un degré raisonnable de certitude un certain nombre de phénomènes importants qui caractérisent précisément des mutations de l'économie liées à la constitution de l'Empire romain.*).

² Cf. Grimal, P. *Virgílio, ou o segundo nascimento de Roma*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 140: *Uma idéia profundamente arraigada na consciência romana queria que a classe dirigente tirasse seus rendimentos da agricultura e não do comércio ou da usura. Mesmo depois de todas as transformações que, ao longo dos séculos, haviam modificado profundamente a sociedade romana, essa tradição obstinava-se em continuar viva: parecia que só os homens acostumados à vida do campo, com seus valores, sua "ascese", estavam qualificados para dirigir os assuntos de Roma.*

³ Dentre todos os historiadores da economia romana consultados para a elaboração do presente capítulo, Marcone (cf. Marcone, A. *Storia dell'agricoltura romana*. Roma: NIS, 1997, p. 102-104) enfatiza o que lhe parece corresponder à improbabilidade da preexistência cronológica exclusiva da pecuária em relação à agricultura propriamente dita. Arrolando argumentos como uma certa divergência entre as próprias fontes antigas [*La tradizione antica in realtà non è così omogenea e coerente come si vuol credere. Non è tanto che si ponga in discussione il primato cronologico della pastorizia ma altri autori mettono in risalto come l'agricoltura abbia giocato un ruolo importante in Roma fin dalle origini (soprattutto Plinio il Vecchio XVIII, 5-14). Tuttavia l'immagine pastorale di Roma arcaica, malgrado i suoi evidenti condizionamenti ideologici, ha avuto e, in parte, continua ad avere fortuna presso gli storici moderni, in particolare tra i giuristi.* - p. 103] e a predominância de festividades relativas ao cultivo no velho calendário agrário latino (*Poiché esso risale al VI secolo o, al più tardi, alla metà del V, la situazione che vi si riflette è certamente molto più antica. Il quadro che si ricava risulta in contraddizione con l'immagine di una Roma pastorale. Su un totale di poco meno di 50 giorni festivi quelli che sono riferibile alla pastorizia sono solo due: la festa dei "Parilia", di cui si è già detto, del 21 aprile e la festa dei "Lupercalia", del 15 febbraio.* - p. 104), o autor relativiza essa visão tradicional sobre o tema. Eis, portanto, o motivo pelo qual, embora nos mantendo por prudência vinculados à versão clássica da questão, optamos por relativizar o dizer, de modo a evitar-se propor uma idéia da Roma primitiva como uma sociedade apenas baseada no pastoreio.

⁴ Cf. Robert, J.-N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: "Les Belles Lettres", 1985, p. 82: *On peut en effet envisager l'histoire des origines de Rome sous cet angle; un des conflits les plus importants qui éclate sous Romulus est la guerre contre Albe. Or les terres de Rome sont riches et celles d'Albe stériles. Mais Albe a des magnifiques pâturages tandis que la plaine romaine convient peu aux troupeaux, surtout avec la chaleur de l'été. Il en va de même avec la Sabine dont les contreforts sont encore aujourd'hui voués au pâturage.*

⁵ Como observou Gale (Gale, M. *Virgil on the nature of things. The "Georgics", Lucretius and the didactic tradition*. Cambridge: University Press, 2000, p. 242-243), o prefácio do *De agricultura* catoniano representa um ponto de passagem obrigatório para o vislumbre dessa imagem do homem romano: *The first is the hackneyed observation that the sturdy farmers of old were also the warriors who made Rome great. The "locus classicus" is Cato's preface, but similar observations are made by Varro (3.1.4; cf. praef. 1-3) and Columella (1.praef.13-19), who lists Cincinnatus, C. Fabricius and Curius Dentatus as "exempla" of the Republican hero called from the plough to serve the state.*

⁶ Cf. Bloch, R. *Origens de Roma*. Lisboa: Verbo, 1966, p. 32-33.

⁷ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 83-84 (minha tradução).

⁸ Cf. Kolendo, J. Il contadino. In: Giardina, A. (org.). *L'uomo romano*. Roma/ Bari: Laterza, 1993, p. 220: *La società romana del periodo regio e alto repubblicano era una società contadina.*

⁹ Eventualmente, esses pequenos produtores podiam ainda contar com o auxílio de poucos escravos.

¹⁰ Cf. Kolendo, *op. cit.*, p. 218: *Tradicionalmente, i contadini vivevano nel chiuso mondo dell'autosufficienza. Essi si collocavano ai margini dell'economia mercantile, limitandosi a vendere i prodotti dei loro poderi nei mercati locali e nelle piccole cittadine - molto numerose - dell'Italia centrale.*

¹¹ Cf. Kolendo, *op. cit.*, p. 220-221 (minha tradução).

¹² Cf. Marcone, *op. cit.*, p. 111: *D'altra parte la tradizione concorda sulla limitata estensione della proprietà privata in Roma arcaica: il limite di sette iugeri (dunque meno di due ettari) ricorre in molte fonti. Ancora*

nel 290 a.C., secondo Plinio, dunque dopo la fine delle Guerre sannitiche, c'era chi considerava pericolosa una proprietà di più di sette iugeri: "È noto il discorso di Manio Curio (Dentato) dopo i suoi trionfi e l'enorme quantità di terre aggiunte al dominio romano: "È da considerarsi pericoloso quel cittadino cui non bastino sette iugeri". Era questa la misura assegnata alla plebe dopo la cacciata dei re" (XVIII, 18). Secondo Valerio Massimo (IV, 4,6) anche la proprietà di Marco Attilio Regolo, il generale della Prima guerra punica, era di sette iugeri. Cincinnato, una delle figure emblematiche di morigeratezza romana, chiamato dai campi alla dittatura per dirigere la guerra contro gli Equi nel 452 a.C., aveva un terreno di soli quattro iugeri (Plinio XVIII, 20, Columella I, "Praef." 13ss.).

¹³ Cf. Kolendo, *op. cit.*, p. 224.

¹⁴ No período posterior à derrota do general cartaginês Haníbal, por exemplo, seus aliados na Itália meridional (como os campanianos e os brútijs) foram particularmente prejudicados em represália pelos confiscos de terras promovidos pelos romanos (cf. Robert, *op. cit.*, p. 96).

¹⁵ Cf. Kolendo, *op. cit.*, p. 221: *Dal punto di vista giuridico, questo ingente patrimonio fondiario poteva essere destinato alla fondazione di colonie, alla "partitio uiritim" tra i cittadini romani, oppure poteva essere lasciato alla competenza dei censori, che erano autorizzati ad assegnarlo secondo criteri diversi.*

¹⁶ Cf. Tito Lívio, em minha tradução: II 41 10. *Quem, ubi primum magistratum abiit, damnatum necatumque constat.* - "É certo que ele, imediatamente depois de deixar o cargo, foi condenado e executado." (Livy. *Ab urbe condita*. With an English translation by B. O. Foster, Ph.D. Cambridge, Massachusetts/ London: Harvard University Press/ Heinemann, 1998. V. I).

¹⁷ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 92.

¹⁸ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 97.

¹⁹ Cf. Grimal, *op. cit.*, 1992, p. 141: *Os senadores não deviam ser mercadores, comerciar com os países do Oriente ou com as colônias gregas espalhadas pela costa gaulesa ou espanhola. Houve quem quisesse ver nisso uma medida tomada por algum adversário do Senado, desejoso de favorecer uma classe, os cavaleiros, cuja riqueza estaria baseada no comércio, para diminuir a influência da aristocracia da terra. Conceção pouco verossímil, anacrônica e oriunda do espírito dos historiadores modernos, imbuídos de idéias que só tiveram evidência em meados do século XIX. Parece claro que os romanos, no fim do século III a.C., reagiram de outro modo ao nascimento de forças que viam surgir em torno de si, quando a cidade romana foi levada a intervir no mundo grego e entrou em contato com sociedades nas quais a conquista da riqueza, essencialmente pelo comércio, era o grande negócio.*

²⁰ Cf. El-Bouzidi, S. Les sources agronomiques antiques au service de l'histoire: le "De agri cultura" de Caton. *Florentia Iliberritana. Revista de Estudios de la Antigüedad Clásica*. Granada, n. XI, p. 33, 2000: *Car les conséquences des conquêtes romaines ont ouvert les portes sur d'autres horizons économiques: le commerce, les affaires et le prêt à intérêt. Ce qui permet à d'autres couches sociales de s'enrichir; et par là, non seulement elles acquièrent une certaine indépendance vis-à-vis de la classe dirigeante, mais elles constituent des concurrents et des menaces. La terre et le travail agricole sont les moyens les plus sûrs qui garantissent à la classe dirigeante sa position politique et ses privilèges (...).*

²¹ Toca-se, aqui, num ponto metodológico de fundamental importância: haveria sentido em ver nas sociedades antigas motivações de ordem econômica a determinarem embates entre "classes"? Sem propor, anacronicamente, a transposição direta de esquemas interpretativos modernos para o seio dessas sociedades (dada uma inevitável especificidade como a existência das ordens a regerem *em parte* as relações entre grupos), parece-nos proveitoso atentar para certas realidades que corroboram uma espécie de posicionamento "conciliador". Nicolet ressaltou, a despeito da vigência contínua e determinante da organização jurídico-social por ordens (como a senatorial e a equestre), a existência de *diferenças sociais* de origem econômica que, longe de serem menosprezadas pelos grupos, tinham peso num ponto fundamental como a busca de um certo emparelhamento econômico por parte da *nobilitas* em relação à "nova" riqueza dos cavaleiros (cf. *op. cit.*, p. 103: *On peut donc, comme on l'a fait récemment, chercher et trouver des cas nombreux - surtout à partir du premier siècle av. J.-C. - de sénateurs qui se sont faits commerçants (de leurs propres produits souvent, mais pas toujours), voire entrepreneurs (de bâtiment ou de céramique) ou propriétaires de greniers (sources d'énormes revenus). Les "princes" eux-mêmes - des Licinii Crassi, des Pompeii, des Domitii - ne dédaignaient nullement ces gains (un peu comme le duc d'Orléans, "boutiquier" du Palais-Royal, selon le mot de Louis XVI). Les grands propriétaires de vignobles italiens, de troupeaux en Apulie ou en Epire, de bateaux à Alexandrie ou de mines en Espagne, pouvaient être de véritables entrepreneurs.*). Cf. ainda Grimal, *op. cit.*, 1992, p. 144-145: *As sessões do Senado exigiam cada vez mais a sua presença na Cúria. Uma residência em Roma passava a ser indispensável e custava caro. A propriedade rural devia prover a esses gastos. Ela*

precisava ser, como dizemos hoje, cada vez mais "rentável". Os senadores acabavam parecendo pobretões diante de seus compatriotas que se dedicavam ao comércio e arrendavam, em sociedade, a percepção dos impostos; compreende-se que tenha sido forte a tentação (desde antes do início da guerra contra Aníbal, mas esses fenômenos já tinham sido desencadeados pelas conseqüências da primeira guerra púnica) de abandonar a riqueza imobiliária, que se tornara uma quase-pobreza, em favor de atividades mais remuneradoras. (...) Tal era a situação da agricultura na Itália romana do início do segundo século antes de nossa era. Necessidade política e social, e não apenas econômica, ela era o único recurso oficialmente permitido aos homens responsáveis pelo Império. Foi nessa conjuntura que Catão escreveu seu célebre tratado "Sobre a Agricultura", o que fez para ensinar àquela aristocracia, que não podia desligar-se da terra, os meios de conservar sua condição social numa cidade em que já dava a impressão de pertencer a tempos ultrapassados.

²² Em contraste com os plebeus, muitos patrícios credores da república romana (endividada em razão dos custos das guerras) puderam contar com vantagens como a isenção militar para si e os parentes, o que lhes assegurou, segundo Robert (cf. *op. cit.*, p. 90), as chances de permanecerem sem interrupções no comando de seus negócios familiares.

²³ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 88: *Les Romains pensaient en effet que pour se battre efficacement, il fallait que le soldat eût un bien personnel à défendre. La conscription ne s'exerçait pas contre ceux qui possédaient moins de 11.000 as. Pour augmenter le nombre de soldats, cette somme-plancher fut abaissée à 4000 as et beaucoup de petits agriculteurs furent concernés. Rome, en -218, avait équipé six légions. Ce chiffre passa à treize en -217, à vingt en -214, et même vingt-trois en -213. Rome eût donc, à un certain moment, jusqu'à cent mille citoyens dans les rangs de son armée et autant d'alliés.*

²⁴ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 89.

²⁵ Cf. Sirago, V. *Storia agraria romana. I. Fase ascensionale*. Napoli: Liguori, 1995, p. 246: *L'anfora viene trasportata al mercato di consumo, in genere in località lontana: ci penseranno i trasportatori, spesso forniti di navi, a farla giungere in terre lontane.*

²⁶ Cf. Sirago, *op. cit.*, p. 257-258: *Lo sconvolgimento numerico avviene nel corso della guerra Annibalica, quando intere popolazioni furono asservite, come avviene a Taranto dove Fabio Massimo vendette - si disse - almeno 30.000 persone come schiave. Le guerre nei paesi del Mediterraneo orientale acuirono spaventosamente il fenomeno: Roma non ebbe più riguardi, afferrò la grande massa dei prigionieri di guerra e li vendette come schiavi ("sub corona vendidit"). Sui mercati arrivò una massa incalcolabile.*

²⁷ Cf. Sirago, *op. cit.*, p. 249: *Il "uillicus" (o massaro) controllava tutto, dava ordini, puniva il lavorante colpevole (...).*

²⁸ Cf. Robert, *op. cit.*, 92: *Et ils (os senadores) étaient les seuls à posséder assez de fortune pour affermer et exploiter les terres immenses du domaine public. Les petits propriétaires ne disposaient pas assez de capitaux pour y avoir accès.*

²⁹ Cf. White, K. D. Roman agricultural writers. Varro and his predecessors. In: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 1973. V. 4.1, p. 447: *Intensive development with planted crops, and extensive animal husbandry came to dominate the economy of particular regions; in both cases investment capital was needed, either for equipment (including tools, working animals and slaves) or for the necessary breeding-stock, and to cover the period before returns on the capital investment began to come in. In other regions, as I have explained elsewhere (...), older forms of farming were still pursued, either for subsistence, or for profit: the agrarian economy of Italy remained essentially regional in character, and the evolution of new techniques in any one area did not necessarily influence others.*

³⁰ Cf. Sirago, *op. cit.*, p. 266: *Insomma sul piano ideale sembrava bella l'idea dell'autosufficienza, della piccola azienda a conduzione familiare, ma sul piano pratico portava a tali inconvenienti da stornare i più attivi e intelligenti dall'insistere su tale programma abbandonando tutto e ritornando in città.*

³¹ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 90: *Cependant, la notion même de "latifundia" est trompeuse: on a tendance à s'imaginer qu'il s'agissait de grands domaines d'un seul tenant. Plus généralement, on constate que de grands propriétaires possédaient de nombreux domaines plus au moins grands qui, au total, représentaient une surface importante. Ainsi cite-t-on le cas de Q. Roscius, un chevalier qui, en -81, possédait treize domaines dans la vallée du Tibre dont la superficie totale devait atteindre environ six mille jugères.*

³² Cf. Robert, *op. cit.*, p. 104-105.

³³ Cf. *supra* nota 20.

³⁴ Cf. Grimal, *op. cit.*, 1992, p. 141-143.

³⁵ Cf. Grimal, *op. cit.*, 1992, p. 141: *Uma lei que datava dos anos que precederam a guerra contra Aníbal proibia que os senadores possuísem navios que excedessem certa tonelagem: a necessária para evacuar por mar os produtos de suas propriedades da Etrúria, da Campânia e da Apúlia, não mais.*

³⁶ Cf. Nicolet, *op. cit.*, p. 135: *En fait, il ne peut y avoir de doute: même chez le plus ancien, Caton, il est clair que le but de l'agriculture ne peut être que de "rendre riche" ("locupletare") le propriétaire, et que le profit maximal est toujours ce qu'il devait se proposer.*

³⁷ Cf. Martin, R. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: "Les Belles Lettres", 1971, p. 44: *Ce qui ne fait pas aucun doute, c'est l'importance extrême qu'ont attachée à ce traité les classes dirigeantes romaines: Pline insiste sur le fait que le Sénat en ordonna la traduction "à une époque où cependant Caton avait déjà écrit son propre traité d'agriculture"; or ce dernier était récent au moment de la prise de Carthage et de la découverte de celui de Magon; il est donc peu probable qu'il ait été d'ores et déjà "dépassé" par l'évolution économique. Il faut donc que l'ouvrage de Magon ait eu en lui même une supériorité très nette sur celui de Caton. Cela n'a certes rien d'étonnant: au livre unique du Romain s'opposaient les vingt-huit livres du Carthaginois. Le traité de Magon était donc de proportions considérables: c'était une véritable encyclopédie agricole.*

³⁸ Cf. capítulo XXVII.1 da biografia de Catão composta por Plutarco (Plutarch. *Lives*. With an English translation by Bernadotte Perrin. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1997. V. II).

³⁹ Cf. Martin, *op. cit.*, p. 43 (minha tradução).

⁴⁰ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 98-99.

⁴¹ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 100.

⁴² Cf. observações de Funari (Funari, P. P. A. A política agrária dos Gracos e o discurso histórico. *Phoînix* 97. Rio de Janeiro, v. I, p. 371-380, 1997) a respeito da variabilidade dos fatores a que se pode atribuí-las.

⁴³ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 99-100.

⁴⁴ Cf. Marcone, *op. cit.*, p. 146.

⁴⁵ Cf. *supra* p. 17.

⁴⁶ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 76.

⁴⁷ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 76.

⁴⁸ Cf. Funari, *op. cit.*, p. 376.

⁴⁹ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 80.

⁵⁰ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 101.

⁵¹ Tradução portuguesa de Péricles Eugênio da Silva Ramos (cf. Virgílio. *Bucólicas*. Tradução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Introdução de Nogueira Moutinho. São Paulo: UNB/ Melhoramentos, 1982, p. 36-37).

⁵² Cf. Grimal, *op. cit.*, 1992, p. 18: *A origem modesta de "Vergilius" pai não significa que ele tenha cultivado com as próprias mãos o domínio de Andes. O trabalho material é então executado por escravos e a família do "dominus", como este, escapa às contingências impostas pelas diferentes tarefas da vida agrícola. Mas fica perto. Ele é um "agricola", um "habitante do 'ager'", do "campo" fora da cidade. Vive em contato com a terra, conhece suas servidões.*

⁵³ Cf. Grimal, *op. cit.*, 1992, p. 49-50.

⁵⁴ Veyne criticou essa visão tradicional [imputada à "precipitação" de Calpúrnio Sículo por J.-P. Néraudeau, comentador da edição "Les Belles Lettres" das *Bucólicas* (Virgile. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Introduction et notes de J.-P. Néraudeau. Paris: "Les Belles Lettres", 2002, p. 3)], atribuindo-a a uma espécie de biografismo automático de grande parte da crítica antiga ou moderna. Para ele, então, ter-se-ia em Títo não uma suposta "máscara" de Virgílio, mas sim a figura de um liberto de Augusto que recebeu do mestre não só a *manumissio* mas, ainda, o direito de propriedade sobre as terras anteriormente cultivadas por si como escravo (cf. Veyne, P. L'histoire agraire et la biographie de Virgile dans les "Bucoliques" I et IX. In: _____, *La société romaine*. Paris: Seuil, 2001, p. 231-246).

⁵⁵ Cf. Grimal, *op. cit.*, 1992, p. 50-51: *Os veteranos não hesitam em apoderar-se à força dos campos que lhes agradavam no território de Mântua. Parece mesmo que a propriedade da família de Virgílio foi assim ocupada. Os biógrafos da Antigüidade acrescentam detalhes que talvez não sejam autênticos e que foram retirados do que acreditavam ler nas "Bucólicas". Por isso os modernos hesitam muito em organizar em texto coerente o que a tradição nos diz sobre as aventuras do poeta durante esse período.*

⁵⁶ Cf. Sirago, *op. cit.*, p. 257: *I Romani della prima repubblica avevano gli schiavi, in misura ridotta, come aiutanti di casa o nella vita dei campi. Da "puer" ("por"), garzone, essi prendevano il nome del patrone, "Marcipor", "Publipor", garzone di Marco, di Publio, e così via.*

⁵⁷ Cf. Sirago, *op. cit.*, p. 246: *La campagna perde lo scopo dell'autoconsumo e mira alla produzione specializzata, col principale prodotto destinato all'esportazione.*

⁵⁸ Cf. *Geórgicas* II 397-398 (minha tradução): *est etiam ille labor curandis uitibus alter,/ cui numquam exhausti satis est (...)* - "há também aquele outro trabalho do cuidado das videiras,/ que nunca está de todo acabado (...)"

⁵⁹ Cf. Sirago, *op. cit.*, p. 262 (minha tradução).

⁶⁰ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 204-205.

⁶¹ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 192: *Parmi les ouvriers, il faut distinguer les esclaves non-enchaînés et les enchaînés.*

⁶² Cf. Robert, *op. cit.*, p. 205.

⁶³ Cf. Crawford, M. *The Roman republic*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993, p. 154.

⁶⁴ Cf. Marcone, *op. cit.*, p. 135: *Gli schiavi comunque non rappresentarono mai l'unica forza-lavoro utilizzata all'interno di un'azienda. Una delle caratteristiche del sistema della villa è dato proprio dal fatto che esso poteva contare, nei momenti di maggiore necessità, oltre che su manodopera schiavile permanente, anche sul lavoro occasionale, particolarmente utile per le colture specializzate della vite e dell'olivo, fornito dalla popolazione libera sottoccupata delle vicinanze (...).*

⁶⁵ Cf. Kolendo, *op. cit.*, p. 225 (minha tradução).

⁶⁶ Cf. Sabattini, A. Sulla transumanza in Varrone. *Athenaeum*. Studi periodici di Letteratura e Storia dell'Antichità. Pavia, v. 55, fasc. I-II, p. 201, 1977 (minha tradução).

⁶⁷ Cf. Sirago, *op. cit.*, p. 16: *Per Catone ormai la tenuta agricola è un'azienda di produzione, con profitti e perdite: il buon proprietario è colui che aumenta i profitti e diminuisce le perdite; in caso contrario è il fallimento. Ma Catone non vuole il fallimento: di qui la sua precettistica tutta intesa all'incremento dei profitti. L'azienda deve crescere, rinsaldarsi, allargarsi senza intoppi: tutte le regole date, i suggerimenti, le avvertenze mirano al consolidamento dell'azienda. Ormai il motto non è: lavorare per vivere, ma lavorare per la maggiore consistenza patrimoniale de ll'azienda: "ad maius Domini lucrum".*

⁶⁸ Cf. Scalais, R. L'éloge de l'Italie par Varron. In: *Mélanges Paul Thomas. Recueil de mémoires concernant la Philologie Classique*. Bruges: Imprimerie Sainte Catherine, 1930, p. 622.

⁶⁹ Cf. Scalais, *op. cit.*, p. 619 (minha tradução).

⁷⁰ Cf. Scalais, *op. cit.*, p. 620: *S'il est impossible de fixer exactement l'année à laquelle se rapporte l'éloge de Varron, cette imprécision ne présente guère de désavantage pour la question qui fait l'objet de notre étude. Pendant la période qui nous occupe, l'agriculture italienne n'a subi aucun bouleversement comparable à celui qu'elle a éprouvé lors de la deuxième guerre punique, comme elle n'a bénéficié d'aucune mesure qui l'a transformée radicalement. Son évolution s'est poursuivie lentement, selon les lois de l'économie antique, si bien que les faits rapportés par Varron ne résultent pas de conditions exceptionnelles, propres à un moment donné, mais témoignent d'un état de choses qui suivit une amélioration croissante.*

⁷¹ Cf. Scalais, *op. cit.*, p. 621: *En Apulie, particulièrement dans la Capitanate, se récoltait le meilleur grain de la Péninsule. C'est à cette circonstance qu'on doit l'établissement de nombreux colons dans cette région, au temps de C. Gracchus.*

⁷² Cf. Scalais, *op. cit.*, p. 622.

⁷³ Cf. Scalais, *op. cit.*, p. 626: *Malgré certaines exagérations que renferme l'éloge de l'Italie par Varron et qu'on peut mettre au compte de l'art oratoire, nous pensons que cet écrivain, soucieux d'éviter les anachronismes et attentif aux réalités, donne un tableau assez juste de la situation agricole de l'Italie.*

⁷⁴ Cf. Boscherini, S. Considerazioni sulla "laus Italiae" di Varrone. In: *Studi in Onore di Adelmo Barigazzi*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1986. V. I, p. 103.

⁷⁵ Cf. Boscherini, *op. cit.*, p. 104: *Chi ha ritenuto che la "laus" desse la dimostrazione della grande ricchezza del suolo italico nel tempo in cui fu scritta, si è trovato di fronte ad alcune difficoltà. In effetti le condizioni dell'agricoltura nel 37, che è la data in cui Varrone dichiara di pubblicare i suoi libri "De re rustica", non potevano essere così splendide. Anni di guerra civile, abbandono della campagna da parte dei coltivatori liberi, incisero senza dubbio sulla produttività della terra. Lo stesso Varrone, come a tutti è noto, nella medesima opera (2, praef. 3) lamenta che, in conseguenza di una ridotta coltivazione, i romani sono costretti a importare frumento dall'Africa e dalla Sardegna, vino da Cos e da Chio. E inoltre rileva lo stato di povertà dei piccoli coltivatori. Di conseguenza, per superare una siffatta difficoltà o si nega - o almeno si attenua - la*

crisi agrícola degli anni successivi al 43, oppure si sostiene che la splendida lode alla fertilità d'Italia si riferisce al tempo, diciamo il 57, in cui si ritiene che Varrone abbia collocato il fittizio dialogo.

⁷⁶ Cf. Boscherini, *op. cit.*, 1986, p. 109 (minha tradução).

⁷⁷ Cf. prefácio do *De re rustica* II, par. 3.

⁷⁸ Cf. Bianco, G. Riflessi della crise agrícola italiana nel "De re rustica" di Varrone. In: *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani Editore, 1974, p. 308-309.

⁷⁹ Cf. Bianco, *op. cit.*, p. 310.

⁸⁰ Cf. opinião de Salvioli, in Martin, *op. cit.*, p. 279: "Rome", écrit-t-il, "ne fut jamais le marché du blé italique, parce qu'il n'y avait pas de routes faciles et commodes pour y apporter de grandes quantités de blé."

⁸¹ Cf. Martin, *op. cit.*, p. 226.

⁸² Cf. Bianco, *op. cit.*, p. 311.

⁸³ A perplexidade do autor, portanto, nasce do fato do que lhe parece corresponder à estranheza relacionada à dedicatória do segundo e do terceiro livros a outros que não a Fundânia, a esposa de Varrão. Afinal, não fora a ela que se dedicara a *totalidade* da obra? Por outro lado, se o procedimento adotado em seguida corresponderia a dedicar um livro a cada personalidade, por que não se deu curso a essa prática desde o início, restringindo o escopo da dedicatória a Fundânia apenas à parte inicial da obra?

⁸⁴ Cf. Martin, *op. cit.*, p. 215ss.

⁸⁵ Cf. Martin, *op. cit.*, p. 283: *En tout cas la chronologie est ici capitale et nous voyons maintenant se dessiner enfin une réponse au problème que pose la contradiction des textes: cette réponse est que si l'éloge de l'Italie était valable en 57, il avait cessé de l'être vingt ans plus tard. Or ces vingt années avaient été marquées par un phénomène qui ne pouvait manquer d'avoir de profondes répercussions sur l'économie agricole de l'Italie: la tourmente des guerres civiles, dont il est évident qu'elles n'avaient pu que nuire gravement, non seulement à la petite propriété paysanne, mais aussi aux grandes domaines, dont les possesseurs, absorbés qu'ils étaient par de tout autres préoccupations, avaient dû passablement négliger la gestion. Quant à l'installation des vétérans, évoquée et louée, comme nous venons de le voir, par J. Carcopino, elle répondait, chez César et Pompée - plus tard chez Octave - non point à un souci économique, mais à un souci politique, et nous la tenons, répétons-le, pour un fait beaucoup plus nuisible que bénéfique à l'agriculture italienne.*

⁸⁶ Cf. Martin, *op. cit.*, p. 286: *Du reste cette restauration de l'agriculture après la fin des guerres civiles paraît confirmée par le témoignage d'Horace, dont on connaît l'apostrophe à Auguste: "Tua, Caesar, aetas/ fruges et agris RETTVLIT uberes."*

⁸⁷ Cf. Spurr, M. S. Agriculture and the "Georgics". In: McAuslan, I.; Walcot, P. (org.). *Virgil*. Oxford: University Press, 1990, p. 80-85.

⁸⁸ Cf. Spurr, *op. cit.*, p. 86 (minha tradução).

⁸⁹ Por motivos que adiante esclareceremos, não pretendemos aqui defender a idéia "instrutiva", em sentido estrito, do texto das *Geórgicas*, como se deparássemos um mero manual técnico, mas referimo-nos ao que seria uma espécie de defesa da retomada produtiva, dirigida aos dirigentes e aos grandes senhores.

⁹⁰ Entretanto, julgamos que não se deve afirmar de maneira categórica, a partir do texto das *Geórgicas*, que Virgílio tenha composto a obra "obrigado" por Augusto: a infundável controvérsia (*quot capita, tot sententiae!*) a respeito do significado dos *haud mollia iussa* de Mecenas (cf. *Geórgicas* III 41), assim, exemplifica a potencial abertura dessa questão interpretativa.

⁹¹ Cf. Lucrécio (Lucrèce. *De la nature*. Introduction et notes de Henri Clouard. Paris: Garnier, s.d.), em minha tradução: II 1-13. *Suaue, mari magno turbantibus aequora uentis,/ E terra magnum alterius spectare laborem:/ Non quia uexari quemquam est iucunda uoluptas,/ Sed quibus ipse malis careas, quia cernere suaue est./ Suaue etiam belli certamina magna tueri/ Per campos instructa, tua sine parte pericli;/ Sed nil dulcius est bene quam munita tenere/ Edita doctrina sapientium templa serena,/ Despicere unde queas alios, passimque uidere/ Errare, atque uiam palantes quaerere uitae,/ Certare ingenio, contendere nobilitate,/ Noctes atque dies niti praestante labore,/ Ad summas emergere opes, rerumque potiri.* - "É doce, do mar vasto os ventos perturbando a superfície,/ na terra observar a grande fadiga de outro:/ não porque seja um prazer agradável que alguém padeça,/ mas porque os males de que tu mesmo estás isento é doce divisar./ Doce também ver os combates grandes da guerra/ preparados nos campos sem partilhar do perigo:/ mas nada é mais doce do que bem protegidos ocupar/ os templos serenos fundados pela doutrina dos sábios,/ donde podes vislumbrar os outros e ver vagar/ sem direção, o caminho da vida buscar desgarrados,/ batalhar com o engenho, fazer por chegar à nobreza,/ esforçar-se noite e dia com enorme fadiga/ por se apossar das maiores fortunas, tomar o poder."

⁹² Cf. Miles, G. B. *Virgil's "Georgics". A new interpretation*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 1980, p. 7 (minha tradução).

⁹³ Cf. Scullard, H. H. *A history of the Roman world. 753 to 146 BC*. London/ New York: Routledge, 1995, p. 364.

⁹⁴ Cf. a respeito disso a seguinte passagem do *Cato Maior* ciceroniano, obra em que, segundo as observações de J.-N. Robert (Cicéron. *De la vieillesse*. Texte établi et traduit par Pierre Willeumier. Introduction, notes et annexes de Jean-Noël Robert. Paris: "Les Belles Lettres", 2003, p. XXI-XXIV), Cícero atribui anacronicamente a Catão algumas posições incompatíveis com sua personalidade. De fato, aos conhecedores do rude utilitarismo do *De agri cultura*, soam estranhas à personagem do diálogo em questão suas entusiasmadas palavras sobre a beleza enquanto bem proveniente do bom cultivo dos campos (minha tradução): XVI 56-57 (...). *Sed uenio ad agricolas, ne a me ipso recedam. In agris erant tum senatores, id est, senes, si quidem aranti L. Quinctio Cincinnato nuntiatum est eum dictatorem esse factum; cuius dictatoris iussu magister equitum C. Seruilius Ahala Sp. Maelium regnum appetentem occupatum interemit. A uilla in senatum arcessebantur et Curius et ceteri senes; ex quo qui eos arcessebant uiatores nominati sunt. Num igitur horum senectus miserabilis fuit, qui se agri cultione oblectabant? Mea quidem sententia haud scio an nulla beatior possit esse, neque solum officio, quod hominum generi uniuerso cultura agrorum est salutaris, sed et delectatione qua dixi et saturitate copiaque omnium quae ad uictum hominum, ad cultum etiam deorum pertinent - ut, quoniam haec quidem desiderant, in gratiam iam cum uoluptate redeamus. Semper enim boni assidue domini referta cella uinaria, olearia, etiam penaria est, uillaque tota locuples est, abundat porco, haedo, agno, gallina, lacte, caseo, melle. Iam hortum ipsi agricolae succidiam alteram appellant. Conditiora facit haec superuacaneis etiam operis aucupium atque uenatio. Quid de pratorum uirginitate aut arborum ordinibus aut uinearum oliuetorum specie plura dicam? Breui praedicam: agro bene culto nihil potest esse nec usu uberius nec specie ornatius. Ad quem fruendum non modo non retardat, uerum etiam inuitat atque adlectat senectus: ubi enim potest illa aetas aut calescere uel apricatione melius uel igne, aut uicissim umbris aquisue refrigerari salubrius? - "Mas passo aos agricultores, para não desviar-me de mim mesmo. Os senadores, isto é, os anciãos, viviam então no campo, já que a L. Quíntio Cincinato foi anunciado que se tornara ditador enquanto arava; por ordem do mesmo ditador, o chefe dos cavaleiros G. Servílio Ahala executou Cip. Mélio, que desejava tornar-se rei. Eram chamados da casa de campo para o senado Cúrio e os demais anciãos; por isso, os que os chamavam foram denominados *uiatores* ("enviados"). Acaso, pois, foi infeliz a velhice dos que se distraíam no cultivo do campo? A meu ver, não sei se alguma pode ser mais feliz, não só pelo dever, pois a agricultura é benéfica a todo o gênero humano, mas também pelo prazer de que falei e pela abundância e riqueza de tudo o que diz respeito à sobrevivência dos homens, bem como ao culto aos deuses. Assim, como querem alguns, reconciliemo-nos já com o prazer. Pois os senhores bons e assíduos têm o depósito de vinho, o de azeite e a despensa cheios; a casa de campo é toda rica, abunda em porco, bode, cordeiro, galinha, leite, queijo e mel. Os próprios agricultores já chamam o jardim de uma segunda fonte de recursos. A captura de aves e a caça também tornam esses bens mais agradáveis nos dias de descanso. Que mais poderia dizer do verdor dos prados, das fileiras de árvores ou da beleza das videiras e oliveiras? Direi em poucas palavras: nada pode ser, quanto à utilidade, mais rico do que um campo bem cultivado, nem, quanto ao aspecto, mais belo. A velhice não só não impede seu proveito mas, na verdade, convida e incita: pois onde pode essa idade aquecer-se melhor ao sol ou ao fogo ou, por outro lado, refrescar-se mais salutarmente na sombra ou nas águas?"*

⁹⁵ Cf. *De re rustica* I XIII 6-7 (minha tradução): *Fundanius: Fructiosior, inquit, est certe fundus propter aedificia, si potius ad anticorum diligentiam quam ad horum luxuriam derigas aedificationem. Illi enim faciebant ad fructum rationem, hi faciunt ad libidines indomitas. Itaque illorum uillae rusticae erant maioris preti quam urbanae, quae nunc sunt pleraque contra. Illic laudabatur uilla, si habebat culinam rusticam bonam, praeseptis laxas, cellam uinariam et oleariam ad modum agri aptam et pauimento procliui in lacum, quod saepe, ubi conditum nouum uinum, orcae in Hispania feruore musti ruptae neque non dolea in Italia. Item cetera ut essent in uilla huiusque modi quae cultura quaereret, providebant. Nunc contra uillam urbanam quam maximam ac potissimam habeant dant operam ac cum Metelli ac Luculli uillis pessimo publico aedificatis certant. Quo hi laborant ut spectent sua aestiua triclinaria ad frigus orientis, hiberna ad solem occidentem, potius quam, ut antiqui, in quam partem cella uinaria aut olearia fenestras haberet, cum fructus in ea uinari quaerat ad dolia aera frigidior, item olearia calidior. - Fundânio disse: "Decerto uma propriedade é mais rendosa por causa dos edifícios caso se conforme a construção antes ao zelo dos antigos que ao luxo dos contemporâneos. Pois eles construíam em proporção às colheitas e estes em proporção a seus desejos desmedidos. Assim, as *uillae rusticae* daqueles custavam mais caro do que as *uillae**

urbanae, mas hoje em dia, na maior parte dos casos, é o contrário. Então, uma sede era elogiada se tinha uma boa cozinha rústica, currais espaçosos, uma adega e um depósito de azeite proporcionais ao tamanho do campo e com o piso inclinado para um tanque, pois com frequência, quando o vinho novo foi guardado, romperam-se *orcae* na Espanha e *dolia* na Itália pela fermentação do mosto. Ainda cuidavam de ter na sede outras coisas do tipo que a agricultura exigisse. Agora, pelo contrário, preocupam-se em ter uma *uilla urbana* o maior e o mais ornada possível e rivalizam com as casas de Metelo e Luculo, construídas a um custo exorbitante para os cofres públicos. Por isso, estes se esforçam para que suas salas de jantar de verão se voltem para o frio do leste e as de inverno para o calor do oeste ao invés de, como os antigos, para que suas adegas ou depósitos de azeite tenham janelas do lado certo, pois o vinho armazenado requer um ar mais frio junto aos *dolia* e o azeite um mais quente."

⁹⁶ Cf. seguinte passagem da *Conjuração de Catilina* de Salústio (Salluste. *Conjuration de Catilina. Guerre de Jugurtha*. Texte établi par B. Ornstein et traduit par J. Roman. Paris: "Les Belles Lettres", 1924), em minha tradução: IV 1. *Igitur ubi animus ex multis miseriis atque periculis requieuit et mihi reliquam aetatem a re publica procul habendam decreui, non fuit consilium socordia atque desidia bonum otium conterere, neque uero agrum colundo aut uenando seruilibus officiis intentum aetatem agere;* - "Assim, quando meu espírito descansou de muitas infelicidades e perigos e decidi que deveria manter o resto de minha vida afastado da república, não quis abusar dum ócio cômodo na apatia e na preguiça, nem, de fato, pretendi passar a vida cultivando o campo ou caçando, afazeres servis;".

⁹⁷⁹⁷ Cf. Miles, *op. cit.*, p. 13.

⁹⁸ Cf. Miles, *op. cit.*, p. 25-26: *On the other hand, whether measured against the ease and luxury that wealthy Romans had come to expect in the country or against the idealized life of the farmer-statesman of tradition, the existence of the small farmer during the Late Republic was conspicuously disappointing. Indeed, the lot of the small landholder had never been an enviable one. In his book "Roman Social Relations", Ramsay MacMullen has surveyed the timeless miseries of the peasant throughout the ancient world: poverty, harassment and intimidation by rivals and powerful neighbours, robbery. Those dangers were compounded by the virtually complete impossibility of obtaining any effective recourse against them, since the agents of the law were uninterested, remote, and approachable only at the expense of time and money which the peasant did not have.*

⁹⁹ Cf. Miles, *op. cit.*, p. 32: *In other words, however, and specially in more active periods of his life, he did feel able to defend his interest in letters and, by implication, the country retirement which the cultivation of that interest required: literature is valuable because it teaches moral lessons, presents heroes of the past as models for imitation, and disciplines the orator's mind and supplies him with the varied material that adorns his arguments.*

¹⁰⁰ Cf. Miles, *op. cit.*, p. 23.

¹⁰¹ A respeito do último ponto, cf. Miles, *op. cit.*, p. 25: *Cicero, who, as was observed above, owned six country villas himself, nonetheless shared the view that lavish country villas and retreat to the country for enjoyment of leisure were signs of degeneracy. (...) But the critics of rural luxury and escapism were caught in something of a dilemma. (...) For all of his criticisms, Cicero did own six country villas plus assorted "deuersoria"; he did employ Greek gardeners; and he did send to Greece for well covers and other such ornaments for his villas.*

I. O *De agri cultura* de Catão Censor: aspectos da construção do texto, da linguagem e dos sentidos

1) Introdução: Catão, sua trajetória vital e obras

Tratar do *De agri cultura* catoniano é uma tarefa vinculada a significativo grau de responsabilidade: tocamos, aqui, na produção de um autor cujas características pessoais o definem como uma espécie de consagrado ícone da latinidade. De fato, essa personagem histórica se reveste de um papel fundamental na história de Roma devido a fatores de peso como seu envolvimento incessante na vida pública do tempo, sua proverbial disposição para manter-se próximo dos paradigmas do *mos maiorum*, a própria variedade de sua atuação prática no cenário da vida contemporânea, a extensão, riqueza e, por motivos específicos, importância de seus escritos.

Quanto à obra de que nos ocupamos, trata-se de um testemunho de grande valor para o conhecimento das técnicas, crenças, instituições, costumes e do imaginário associável à experiência rural dos latinos do segundo século a.C., além, evidentemente, de um manancial para estudos relacionados a questões lingüísticas ou literárias. De fato, sendo o *De agri cultura* a mais antiga obra em prosa integralmente conservada que a latinidade nos legou, é prática comum dos historiadores da língua latina¹ reportar-se a esse texto com fins de obtenção de dados que lhes fundamentem as considerações sobre o estado do latim e de seu uso social em épocas um tanto recuadas da trajetória dos romanos.

Catão e sua obra, é importante frisar, inserem-se na cultura latina enquanto representantes do arcaísmo que a caracterizou até a decisiva abertura de Roma para os refinamentos do Oriente: considerados em conjunto, ambos, de uma maneira que tem sido nuançada pelos estudiosos,² harmonizam-se com certos traços intrinsecamente vinculados à velha face itálica dos romanos. Isso significa que, mantendo-se em estado de relativa "pureza" em relação a práticas e costumes externos nos mais variados domínios da existência, o autor pôde, sem o exclusivismo absoluto, dar curso a modos de pensar e agir cujas bases se encontram enraizadas em princípios oriundos das mais características tradições pátrias.

A própria trajetória de vida dessa personagem, ilustrativa em vários aspectos de elementos valorizados pela cultura romana, passou a revestir-se no imaginário dos pósteros numa aura evocativa de "saudável" arcaísmo, de modo a resultar num verdadeiro modelo de conduta.³ Houve no pensamento dos latinos a respeito da própria história cultural uma espécie de ambígua melancolia pelo passado perdido: irrevogavelmente transformados (e enriquecidos!) pela assimilação maciça da cultura helenística após o término das guerras púnicas, não se esqueceram, porém, dos antigos valores dos *maiores*, cuja presença contínua e mais ou menos intensa em setores da vida social como a religião, o direito, a estrutura familiar e o vínculo com a terra propiciou o surgimento de elos de identidade a unir passado e presente. Em outras palavras, a evolução cultural da sociedade romana não se deu pela troca completa das idéias e costumes antigos, mas, processando-se paulatinamente através da prática de muitos, ocorreu como aclimatação moderada do novo ao tradicional.⁴

Ora, a eleição de modelos "heróicos" consagrados pela ideologia⁵ nesse âmbito identifica-se com o gesto de manter viva a chama do passado histórico dos latinos, com vistas ao esboço de imagens em que pudessem, supostamente, espelhar-se ou buscar "inspiração" para dar prosseguimento ao futuro. Nesse sentido, Catão, associado a traços de conduta positivos como o civismo e a enérgica disposição para servir aos interesses comuns, veio a ser uma das peças-chave para que se traçasse a figura do romano "à moda antiga".⁶

Nascido em Túsculo, modesto vilarejo situado a poucas milhas de Roma, no ano de 234 a.C.,⁷ Catão mostrou-se desde a mais tenra juventude um assíduo cultor dos princípios de industriiosidade e disciplina tão caros ao ideário tradicional: de origem plebéia e sem nomes de destaque entre os parentes próximos, ele se entregou, antes do início de sua brilhante carreira pública, ao cultivo do solo da propriedade paterna no país sabino. Importa aqui lembrar que esse povo, amalgamado aos latinos desde tempos muito recuados, vinculava-se no pensamento antigo à ciosa conservação das tradições culturais romanas, o que lhe justifica a atribuição da frugalidade e do trabalho enquanto características distintivas.⁸

Certo testemunho de Catão, fragmentariamente conservado, oferece-nos uma idéia aproximada da ambientação em que o autor nasceu e se viu inserido durante os anos da primeira mocidade:

*Ego iam a principio in parsimonia atque in duritia atque (in) industria omnem adolescentiam meam abstinui agro colendo, saxis Sabinis, silicibus repastinandis atque conserendis.*⁹

"Quanto a mim, desde o princípio resguardei toda minha juventude na parcimônia, no rigor e na atividade cultivando os campos, rochas sabinas, recavando e semeando o cascalho."¹⁰

Posteriormente, durante a guerra hanibálica na Itália, Catão ingressou na vida militar como simples soldado em favor da defesa da pátria contra os invasores e, tendo-se destacado por sua atuação, viu-se aos vinte e quatro anos como tribuno militar na Sicília. Além da agricultura e da participação bélica, é preciso associar à sua juventude, como observa Della Corte, a "estréia" na pequena política regional: então, pôde exercitar-se numa espécie de oratória forense regrada por princípios de tradicionalismo e gravidade de julgamento, bem como por um estilo que, se não deixa de parecer eficaz, manifesta traços de rudeza expressiva.¹¹

Tendo, daí, direcionado sua carreira para a vida pública na Capital, foi empossado questor e, mantendo-se fiel a idéias conservadoras, entrou em confronto com a família aristocrática dos Cipiões, difusores do helenismo e de reformas políticas na sociedade romana.¹² Pouco depois, aos trinta e um anos, foi eleito edil da plebe e, cinco anos mais tarde, pretor da Sardenha, onde se destacou pela honestidade e por um modo de vida austero, ajustado a seus princípios pessoais.¹³

Aos trinta e nove anos, beneficiando-se de sua fama de incorruptibilidade, coube-lhe o consulado e o início de um período em que buscou a moralização da sociedade (com a proposição malograda do retorno da *lex Oppia*, destinada a coibir os gastos pessoais dos cidadãos) e refrear os crescentes avanços dos grandes financistas, protegidos dos Cipiões, sobre o poder estatal.¹⁴ Concomitantemente, com o levante dos nativos nas Espanhas

Citerior e Ulterior, foi preciso que liderasse uma expedição contra os revoltosos, do que resultou a prostração dos inimigos e sua entrada triunfal em Roma no ano de 194 a.C.;¹⁵ conta-se ainda, no tocante a seus feitos bélicos, uma hábil vitória contra Antíoco, rei da Síria, sob a condição do tribuno encarregado pelo senado de debelar o soberano e seus aliados no oriente.¹⁶

Nos anos subseqüentes, já empenhado em obter a censura, Catão concentrou ataques oratórios virulentos nos integrantes do círculo cipiônico, a que se podiam imputar senões como a corrupção e a ilegalidade no governo de províncias orientais: assim, com a vitória do inimigo, Públio e Lúcio Cipião, desmoralizados perante a opinião pública e punidos, retiraram-se da política republicana num gesto que significou um certo ofuscamento de sua família.¹⁷

Embora a tendência para a rigidez moral tenha sido uma marca constante da vida dessa personagem,¹⁸ acentuou-se com sua eleição como *Censor morum*. As atribuições do cargo previam um tipo de cerrado policiamento dos costumes dos cidadãos, cabendo-lhes castigos mais ou menos severos conforme a natureza das faltas (libertinagem, luxo demasiado, desrespeito aos deuses e tradições pátrias...); dessa maneira, em firme adesão ao esperado de um bom censor, ele não hesitou em punir com energia delitos como o do senador Manílio, culpado por abraçar a própria esposa na presença da filha.¹⁹

Não se pode, por outro lado, omitir suas iniciativas de composição escrita: além dos discursos, plenamente inseridos no contexto maior de sua atuação política em Roma, e do *De agri cultura*, de que trataremos com detalhes, ele se dedicou a compor as *Origines*, obra de cunho histórico destinada a resgatar e valorizar o passado romano desde tempos longínquos, duas outras "monografias" técnicas especializadas (o *De re militari* e um compêndio de direito civil), o *Ad filium*, identificado, na visão de Astin,²⁰ com uma provável coletânea de preceitos práticos variadíssimos, o chamado *Carmen de moribus* e uma compilação de ditos moralizantes.

Sem termos esgotado o considerável "catálogo" de seus feitos e escritos, reiteramos que ele, em evidente postura de diligência e combatividade, manteve-se por ambos os meios bastante "engajado" na causa da promoção de certos valores tipicamente associáveis à cultura romana. Se considerarmos que, privilegiando a atividade intelectual nos anos posteriores ao final da censura (caracterizados por certo abrandamento em seu

envolvimento com a política),²¹ ele assim complementou até a velhice os trabalhos bélicos, políticos e militares que lhe tinham cabido até então, teremos bons parâmetros a respeito da medida em que se bateu por suas idéias.

Tem-se aqui, de fato, um intenso comprometimento com valores como o trabalho, a persistência e a austeridade não só pelo caráter praticamente contínuo dos gestos pessoais afins à sua manifestação, mas ainda pelo próprio teor dessas iniciativas: enquanto agricultor e soldado, Catão combateu fisicamente as agruras da guerra e das ameaças naturais; enquanto cidadão no real sentido da palavra, ou seja, participante ativo da vida política de Roma, buscou coibir certas forças contrárias ao ideário conservador; ao compor, por fim, um conjunto extenso de obras relacionadas a assuntos de grande importância para a vida prática dos antigos (a exemplo da guerra, da moral, da agricultura, da medicina, do direito...), ele favoreceu, com os méritos de um verdadeiro pioneiro, o desenvolvimento nascente das letras latinas:

*As motivações e propósitos que levaram Catão a escrever, a gama, as formas, a qualidade e mesmo a natureza básica de suas composições podem sujeitar-se em conjunto ao debate; mas a grandeza de sua realização está fora de questionamento. Ele foi virtualmente o fundador da prosa literária romana. E suas realizações não são diminuídas pelo reconhecimento de que, como todos os que produzem contribuições originais, não trabalhava no vazio e seus escritos eram relacionados e derivados do que outros fizeram. Outros romanos tinham escrito obras históricas em prosa, mas em grego, não em latim. Outros romanos tinham criado obras literárias em latim, mas em verso, não em prosa. Outros romanos podem ter anotado informações práticas e compilado "livros" para uso particular, mas Catão foi o primeiro a preparar tais livros com vistas à circulação, a seu uso por um "público". E, se o alcance e sofisticação de suas composições foram às vezes superestimados, eles ainda mostram sem sombra de dúvida uma notável amplitude de interesses e variedade.*²²

As palavras do crítico tocam em pontos de fundamental importância para o entendimento da obra de que nos ocupamos neste estudo: no *De agri cultura*, em que pese à sua inegável relevância histórico-cultural, ao maior detalhamento expositivo de algumas das partes quando contrapostas ao *De re rustica* e às *Geórgicas*, à manifestação de uma saborosa aura de arcaísmo por influência da mentalidade do autor e à eventual estilização da linguagem, não se tem algo afim à extraordinária elaboração intelectual e da forma. Assim, deixam-se trair pelas feições do texto tal como se nos apresenta senões como o forte contraste estilístico entre o prefácio da obra (em que se vêem usos provavelmente herdados da retórica) e seu corpo subsequente, a relativa desordem (ou, em parte, redundância) na apresentação dos tópicos e a retomada exaustiva dos mesmos traços de linguagem (sem, portanto, a adoção da *uariatio* como um princípio-mestre da escrita).

Em vista dos fatores limitantes do perfeito acabamento da obra, tem-se proposto, por sinal, uma série de interpretações não consensuais para explicar o trajeto formador do texto até o estado atual: referindo-se à questão, Astin²³ e Goujard,²⁴ entre outros, mencionam aquelas relativas à idéia básica de sua forte adulteração por editores subsequentes ou à interferência no processo de elementos vinculados à própria atuação catoniana (seja pela inexperiência compositiva do autor,²⁵ seja pela incompletude da obra no momento de sua morte).

Na impossibilidade do fechamento teórico dessa discussão, limitar-nos-emos em seguida a considerar o *De agri cultura* no estado em que se encontra, sem elucubrações a respeito das causas profundas pelas quais o vemos enquanto somatória de faces "positivas" e "negativas". Tem-se, aqui, sobretudo um caso favorável à descrição do que se percebe concretamente pela leitura, em seus aspectos variados de significado, forma e composição; nesse sentido, admitindo ainda que a atribuição da autoria do que há de *essencial* na obra a Catão facilita discutir, adotaremos sempre o procedimento de considerá-lo, enquanto único emissor da "voz" textual, o responsável pela escrita. Ao longo do percurso assim constituído, pois, espera-se delinear o panorama dos pontos propícios à obtenção de uma imagem aproximativa da obra.

2) Aspectos compositivos do *De agri cultura*

De início, convém explicitar o que entendemos pela boa elaboração do prefácio, a que fizemos breve menção acima. Segundo Leeman,²⁶ especificamente ocupado em apresentar os aspectos estruturais dessa passagem do texto, traços como as repetições vocabulares freqüentes [caso do que se dá com o verbo *laudare* (*laudabant, laudabant, laudari, laudabatur*) e o advérbio *minime* (*minimeque, minimeque*)], a disposição das palavras em pequenos membros (*Maiores nostri sic habuerunt/ et ita in legibus posuuerunt,/ furem dupli condemnari,/ feneratorum quadrupli...*) e o quiasmo constituído pela ordem de apresentação contrastiva de conceitos, em favor da valorização moral e prática da agricultura (*periculum/ honestum, honestum/ periculum*), são pontos importantes para a compreensão desse fator. Quanto aos dois primeiros elementos citados, ele ressalta a presença de uma certa estilização "primitiva" da linguagem, cuja ambientação de origem corresponde respectivamente à prosa romana tradicional (compreendida enquanto algo alheio aos usos gregos no mesmo domínio) e aos *carmina* religiosos, a exemplo do que temos no próprio *De agri cultura* com a invocação de Marte (*uti tu morbos uisus inuisosque/ uiduertatem uastitudinemque/ calamitates intemperiesque/ prohibessis defendas auerruncesque*).²⁷

No tocante ao quiasmo constituído pela alternância a que nos referimos, o mesmo autor se inclina por sua consideração como um elemento a que não se pode, necessariamente, atribuir afinidades exclusivas com a teoria retórica: apontando a inexistência do termo empregado para nomear essa figura em épocas anteriores ao segundo século a.C. (em que pese à ocorrência mais antiga, nos textos, do uso que a caracteriza), compreende, então, sua presença no contexto com o sentido de uma prática favorecida pela própria "espontaneidade" da linguagem.²⁸ Em outras palavras, considerando o que se poderia interpretar em termos de uma maior tendência do uso lingüístico greco-latino para dispor elementos conforme esse modo estrutural ("a-b-b-a"), procura aqui diminuir o peso atribuído a esse ponto no tocante a seu suposto caráter de "prova" inequívoca da assimilação da teoria retórica por Catão.

Devemos esclarecer que tais recursos de relativa elaboração da linguagem não são algo exclusivo do prefácio do *De agri cultura*: como demonstraremos a seguir, no capítulo

destinado ao comentário comparativo e detalhado dos usos lingüísticos mobilizados pelos três "agrônomos", nota-se a presença destacada de formas variadas de repetição (sejam elas meramente vocabulares ou mais sutis, identificadas, por exemplo, com os paralelismos sintáticos)²⁹ por toda a obra; além disso, poder-se-iam encontrar figuras³⁰ e coordenação de membros³¹ dispersas em passagens subseqüentes do texto, levando-nos a subtraí-las nesse âmbito à marca do exclusivismo.

Se tais fatores não bastam para "denunciar" a incorporação da teoria retórica ao prefácio, em quais outros se poderia buscá-la? Para Leeman, a chave da questão diz respeito a seu entendimento funcional, isto é, considerando-se o modo de interação favorecido pela estrutura peculiar da passagem com o público.³² Como é sabido, cabia ao gênero deliberativo da retórica mover os ânimos dos ouvintes com vistas à decisão por um dado posicionamento; tudo se passava como se, diante das diversas maneiras possíveis de reagir (e posicionar-se) diante das circunstâncias, coubesse ao orador mobilizar os recursos persuasivos apropriados à apresentação de um único como aquele mais vantajoso.³³

Referindo-se a certo preceito da *Rhetorica ad Herennium*, Leeman observa com propriedade o que ali corresponde a uma espécie de bipartição do conceito de *utilitas* (foco norteador de toda a argumentação deliberativa) sob os aspectos da segurança e da honestidade:³⁴ o útil, para o autor do tratado, identificar-se-ia com os gestos favorecedores do resguardo do perigo, sem o prejuízo do moralmente lícito. Ora, os argumentos fundamentais mobilizados por Catão no prefácio com vistas à promoção da atividade agrícola têm justamente vínculos com ambos os aspectos citados, já que, contraposta ao grande comércio, ela se diferenciaria pela maior segurança prática e, à usura, por desvincular-se do imoral aos olhos de um tradicionalista.³⁵

De um modo que se pode considerar complementar às observações de Leeman, Traglia, por sua vez, elaborou uma análise formal mais refinada do prefácio, chegando a conclusões semelhantes no que se refere à proposição de uma espécie de aliança entre *ars* e *ingenium* enquanto forças de peso para compô-lo:

Não nos deve surpreender se prosa rítmica e skh/mata le/cewj são encontrados, embora em pequena medida, até mesmo no "De agri cultura", especialmente no prefácio, em que não falta algum esforço literário, a

ponto de terem sido notadas possíveis coincidências formais com os fragmentos da "pro Rhodiensibus". O estilo paratático, com que se desenvolve em parte toda a obra, adquire no prefácio uma particular eficácia expressiva. Mas também aqui o andamento periódico, breve e geralmente simples, privado de tortuosidades sintáticas, mas não privado de paralelismos, de antíteses, de quiasmos, é estruturado sobre bases rítmicas com cláusulas de "commata", de "cola" e de período.³⁶

Assim, tendo procedido à composição de uma *suasio* em miniatura, Catão procura persuadir dos benefícios associáveis à atividade agrária, de modo a fazer com que os ouvintes potencialmente suscetíveis de identificar-se com o tema (o público romano contemporâneo interessado em dedicar-se com eficácia a esse setor da atividade econômica) pudessem sentir-se encorajados não só a prosseguir na leitura da obra que se inicia mas ainda, tendo-se instruído nos bons preceitos técnicos e "administrativos" do "mestre", a praticar em favor de si e da sociedade tudo aquilo que recomenda.

Tal constatação, como se nota, leva-nos à necessidade de relativizar o que afirmamos acima em termos de uma pronunciada adesão de Catão aos valores e usos pátrios: embora, como demonstram os traços "itálicos" do prefácio, muito haja em sua forma de compor que não provém da tradição retórica helenística, nesse e em outros textos do autor se tem destacado a presença da herança cultural grega, quer sob o aspecto compositivo,³⁷ quer sob o aspecto temático. Embora o assunto não seja sempre livre de controvérsias, julgamos de utilidade apresentar mais alguns desses pontos de contato com vistas ao esclarecimento da questão, obviamente relevante em se tratando o autor, como dissemos, de uma espécie de símbolo da latinidade "genuína".

Num estudo especialmente destinado a expandir a medida da assimilação da cultura grega pelo texto do *De agri cultura*, Silvano Boscherini, sem ocupar-se de aspectos estruturais no sentido usual do termo, traçou uma espécie de panorama do que lhe parece corresponder aos elementos "científicos" e lingüísticos oriundos desse ambiente cultural.³⁸ Ressaltando, assim, a relativa distorção histórica de sua personalidade em tempos posteriores, o crítico inclina-se pelo esboço da imagem de um Catão mais "moderado",

avesso, conseqüentemente, às letras gregas³⁹ apenas na medida em que certos praticantes helênicos da arte da palavra contrariavam suas convicções morais e políticas.⁴⁰

A título de exemplificação, poder-se-ia apontar como um dos "indícios" elencados por Boscherini para propor a idéia de um Catão conhecedor e veiculador do conhecimento científico grego (obtido de fontes escritas) um tópico como o seguinte:

Ainda mais significativo, já que pressupõe, a meu ver, uma concepção que tem grande peso em certa literatura fitológica grega, é o preceito contido no capítulo 46. Lá se diz que o terreno do viveiro deverá ser semelhante, tanto quanto possível, àquele em que, mais tarde, se porá a planta: "et quam simillimum genus terrae eae, ubi semina positurus eris". Ora, é sabido que Teofrasto (H.pl. 2, 5, 1) aludia ao mesmo preceito: ta\ de\ futa\ lamba/nein keleu/ousin w(j ka//lista kai\ e)c o(moi/aj gh=j ei)j h(\n me/lleij futeu/ein h)\ xei/ronoj. Mas isso nada é senão um trecho de um longo e detalhado exame sobre a degeneração e as mudanças, metabolai/, das plantas, em estreita conexão com as dos animais. É um motivo importante do pensamento peripatético, que Teofrasto desenvolve também no terceiro livro do "De causis plantarum". Por um lado se deseja excluir das metabolai/ todo suposto caráter de prodígio para remetê-las a causas naturais; por outro, quer-se ressaltar a influência que nelas exerce a ação do homem. Por isso me parece difícil explicar a presença em Catão desse preceito sem pensar no influxo da doutrina teofrástica.⁴¹

Referindo-se a tópicos pertencentes a áreas do saber muito distintas, em conformidade com a própria riqueza de temas do *De agri cultura* (botânica, veterinária, técnicas de cultivo, culinária, medicina, magia...), o estudioso muitas vezes não delimita com clareza, como permite observar a cautela de suas declarações a respeito de algumas das supostas fontes catonianas, as obras ou os autores de que, talvez, proviriam os conteúdos.⁴² É preciso ter em mente que Catão em geral não alude com explicitude a quaisquer nomes no domínio grego ou romano, de maneira que, mesmo quando se tem a impressão de afinidades próximas entre o que diz e o dito por outros, impõe-se a prudência:

não se poderia dar que, por vezes, "herdasse" saberes de forma indireta, isto é, não através de originais, mas de comentadores ou "tradições"?

No que se refere aos aspectos lingüísticos da questão, o crítico, aludindo ao caráter especializado dessa obra catoniana, acaba por situá-la no âmbito das contribuições da cultura helênica para o progresso das técnicas e ciências em Roma.⁴³ Adentra-se, aqui, além disso, um campo de evidentes afiliações com a lexicologia e a etimologia, já que, indagando-se a respeito do tema dos "empréstimos" e "decalques" lingüísticos, Boscherini vê-se às voltas, por exemplo, com temas relativos à origem latina ou grega de certos vocábulos⁴⁴ e aos sentidos das "mesmas" palavras nesses idiomas.⁴⁵

No confronto entre essas duas faces do helenismo no *De agri cultura*, sobressai uma diferença que não se pode omitir: enquanto, na visão do autor, a presença dos conhecimentos técnico-científicos discriminados seria um sinal inequívoco da erudição "livresca" de Catão (isto é, adquirida no contato com os *autores* gregos e não apenas por sua experiência de vida),⁴⁶ o mesmo não se dá no plano lingüístico. Como comprovam vários exemplos de "empréstimos" por ele citados,⁴⁷ não é necessário que os vocábulos gregos tenham sempre chegado a Catão por meio da cultura especializada, já que, pensando na antiga convivência entre latinos e gregos na própria península itálica (onde os helenos, ao sul, firmaram sua civilização sobre sólidas bases) e nas trocas culturais ocorridas entre ambos os povos no contexto mediterrâneo, também houve grandes chances de assimilação de palavras estrangeiras por meios "espontâneos".

Apesar de sua espantosa erudição e de propor paralelos que, por vezes, de fato parecem sugerir contatos teóricos diretos entre Catão e os gregos, julgamos prudente o cuidado na apreciação das idéias de Boscherini. Com efeito, tratando-se a agricultura e a pecuária de fazeres eminentemente práticos, como garantir que as semelhanças entre ele e os demais resultam sempre da "importação" direta de conhecimentos provenientes de um modo ou de outro da palavra de autores estrangeiros e não, por outro lado, de necessidades concretas comuns? O exemplo supracitado, relativo às recomendações para o transplante das mudas dos viveiros de plantas para o local definitivo, presta-se, a nosso ver, a ilustrar essa indefinição: afinal, nada impediria que, em solo latino ou grego, os cultivadores viessem a constatar por si mesmos o recomendável nesse tópico. Poder-se-ia, então, contrapor à interpretação do crítico algo como o papel da experiência pessoal do autor (e de

seus contrerrâneos) com a vida nos *fundi rustici*, sem a necessidade premente de recorrer a outras explicações.

Passando à breve apresentação de aspectos da língua catoniana, deve-se dizer que, além dos helenismos tratados por Boscherini, em conformidade com seus interesses particulares de encontrar pontos de contato entre os mundos grego e romano, podem-se precisar outros aspectos associáveis ao latim empregado por nosso autor.

Tem-se, em geral, ressaltado num texto como o *De agri cultura* a participação do elemento arcaico: inserindo-se a atividade compositiva de Catão no século II a.C., é natural que lhe tenha cabido utilizar meios expressivos característicos do período anterior à plena codificação dos princípios da prosa latina por escritores da importância de um Cícero ou um César.⁴⁸ Para Till, autor de um minucioso estudo sobre o tema, o arcaísmo, bem como os traços de oralidade, são os dois principais pólos estruturadores da conformação particular da língua de Catão. Tudo se passa, nesse caso, em favor da adesão a padrões lingüísticos e estilísticos afastados da sofisticação de tempos posteriores, como se houvesse nos usos correntes do *De agri cultura* uma espécie de curiosa harmonia entre a rusticidade dos temas e a da linguagem.⁴⁹

No domínio morfológico, citemos, como um dos exemplos de arcaísmo apontados por Till no *De agri cultura*, a conservação da antiga desinência dos infinitivos presentes passivos em *-ier* (*optarier* - cap. 154);⁵⁰ no sintático, o emprego da preposição *ergo* com genitivo (cap. 132) e da preposição *fini* com ablativo (cap. 28),⁵¹ a preferência pela parataxe⁵², ou pela mera coordenação⁵³ em detrimento da subordinação, e os usos supérfluos de pronomes possessivos, em geral omitidos no latim clássico (*semen suum* - cap. 31).⁵⁴ Quanto ao último exemplo, é importante mencionar a opinião desse estudioso em relação a uma espécie de "prolixidade didática" dos escritos catonianos, como se o autor freqüentemente não se furtasse à reiteração e ao reforço (manifestos de formas variadas) com fins de favorecimento da explicitação forte dos sentidos para o público.⁵⁵

Por outro lado, referindo-se ao elemento da língua falada, Till propõe certos elos entre esse fator e o arcaísmo: nos dois casos, por exemplo, tende a haver redundância e o parco desenvolvimento dos períodos.⁵⁶ Deve-se compreender essa observação do crítico com o sentido de uma espécie de proposição da fluidez das barreiras entre ambos os campos, já que a língua latina do período arcaico não contava com todas as especificidades

de uso advindas com o desenvolvimento da escrita e sua gradual diferenciação do *sermo cotidianus*.⁵⁷ Por fim, embora não cite nenhuma ocorrência do tipo proveniente do *De agri cultura*, faz menção ao gosto popular (e afetivo) pelo emprego dos diminutivos, decerto bem representados na obra de nosso interesse (cap. XIII 3: *labellum*; cap. XX 1: *columella*; cap. XXI 4: *armillas*; cap. XXIV: *fiscella*; cap. XXXIX 2: *laterculos*...).⁵⁸

Como último ponto de sua exposição a ser apresentado, tratemos de uma diferença entre os usos do *De agri cultura* e os do restante das obras catonianas. Segundo Till, Catão em geral evita nesse texto o emprego da desinência *-ere* do pretérito-perfeito (característica da antiga terceira pessoa do plural).⁵⁹ Ora, considerando-se a maior *dignitas* arcaizante da forma mencionada e o destacado influxo desse e de outros elementos vinculados à dicção eniana em seus discursos, tem-se aqui um dado para vislumbrar princípios de seletividade compositiva na escrita do autor. Dessa maneira, afastando-se de um uso afim à poesia por essa diferenciação do dizer, Catão demonstra-nos que, consciente da maior ou menor adaptabilidade das palavras aos gêneros, já adota com alguma maturidade uma prática de pleno curso nos períodos subseqüentes da prosa latina.

Em complementação a esses aspectos, poder-se-iam também acrescentar as observações de Cesidio de Meo sobre a presença nesse texto catoniano de traços afins aos demais linguajares técnicos [a exemplo da freqüente omissão dos sujeitos (*uillicus si nolet male facere, non faciet*),⁶⁰ da substantivação de adjetivos⁶¹ pela elipse dos nomes (*Corinthia* por *uasa Corinthia*)⁶² e da preferência por certas formas sufixais na formação de palavras (*circumcidaneum, praecidaneum, Tripedaneum, Herculaneum, superuacaneum*...)]⁶³; ainda, a preocupação de Catão e outros autores técnicos em discriminar com muita precisão aquilo de que se trata favorece-lhe a natural exuberância vocabular.⁶⁴

Por outro lado, deve-se dizer que a macroestruturação do texto não se caracteriza pelo eventual cuidado que se dedica, embora em nível modesto, à escrita de partes da obra. Contribui, assim, para caracterizá-la como resultado da compilação mais ou menos aleatória de tópicos o fato de que, sem ter pretendido compor um texto realmente exaustivo na abordagem dos mais diversos temas relativos às práticas agrárias, Catão privilegie a coleta e a disposição "descuidada" de informações concernentes sobretudo às culturas arbóreas (videiras e oliveiras).⁶⁵

Desse modo, muitas vezes não é possível encontrar no *De agri cultura* os motivos a que se poderia atribuir a seqüenciação de seus capítulos. Numa tentativa de organizá-lo segundo princípios variados de coerência, têm-se proposto algumas divisões aceitáveis do conjunto dos capítulos sem, entretanto, que se chegue a aplicar critérios racionais ao todo:

Os modernos ressaltaram a incoerência do todo; contudo, certa intenção de ordenar aparece com clareza. Catão talvez tenha hesitado no início entre dois princípios, a ordem cronológica, impossível de aplicar-se ao todo e bem ou mal seguida do capítulo 23 ao 52, e o agrupamento por temas, delineado no restante da obra. No interior da parte cronológica, um agrupamento por temas já se delineia (capítulos 40 a 42, consagrados aos enxertos); o conjunto dos vinte e dois primeiros capítulos, consagrados à compra de uma propriedade, à sua gestão, aos "equipamentos" (utensílios, prédios, máquinas necessárias), mais importante, contém capítulos ou desdobramentos adicionais (visita de inspeção da propriedade, conservas de uvas ou frutos, apelo a um caleiro, épocas de corte do bosque); a partir do capítulo 54, vários grupos se destacam: de 54 a 60, cuidados dos bois e dos escravos; de 64 a 69, colheita das azeitonas e extração do azeite; de 70 a 73, remédios para os bois; de 74 a 87, receitas de "confeitaria" (com intrusão do capítulo 83); de 91 a 103, empregos da "amurca" (com intrusão do capítulo 102); de 103 a 126, preparação dos diferentes vinhos (com intrusão de quatro capítulos consagrados às conservas, 116 a 119, e do capítulo 124, espaço para numerosos comentários); de 131 a 141, sacrifícios e orações (com intrusão de elementos díspares: 133, 135, 136, 137); de 144 a 150, contratos de aluguel e venda, grupo completamente homogêneo; enfim, de 156 a 158, empregos medicinais da couve. Um certo número de capítulos não se uniu a seus grupos: por exemplo, 102 e 103 distanciam-se do grupo de 70 a 73; 153 do grupo 103 a 126; 154 deveria ter seguido 148; 161 deve ser aproximado de 6, 3 e 4; 155 pertence ao calendário dos trabalhos, de 23 a 53. Sobram capítulos à deriva: 124; 135; 136-137; 159; 160; 162.⁶⁶

Acrescentamos certos traços peculiares dos capítulos catonianos: variando de poucas linhas a uma extensão bem maior, estruturam-se sobretudo com vistas a permitirem a consulta imediata de dados práticos para a ação. Assim, a presença de uma espécie de "rótulo" temático logo no início de muitos deles,⁶⁷ a *breuitas* expressiva manifesta pela objetividade na transmissão dos comandos (encontrando-se frases curtas e precisas,⁶⁸ eventualmente máximas e ditos sentenciosos⁶⁹), o emprego do encadeamento seguido de tópicos miúdos,⁷⁰ as enumerações e listagens⁷¹ contribuem para favorecer a eficácia comunicativa, em óbvia desvantagem da elaboração textual com fins literários.

Deve-se ainda dizer a respeito desses capítulos que se verifica significativa disparidade constitutiva entre eles não somente no fator temático, como se nota pelas palavras de Goujard acima transcritas, mas ainda por elementos de fundamental importância como a maior ou menor relevância cultural dos tópicos discutidos, os diversos modos de "presença" do autor na trama textual, ou mesmo a composição escrita. Conforme revela o contato direto com a obra, então, seria temerário generalizar em demasia as tendências manifestas ao longo de toda sua extensão como pano de fundo geral, tendo em vista a introdução de variações a ele agregadas, a que se podem atribuir as causas do nuançamento do texto.

Comentando o primeiro desses fatores de diferenciação, poder-se-ia apontar a enorme importância dos capítulos (ou trechos) em que Catão trata do aspecto humano (social, religioso, produtivo...) da vida rural. Nessas passagens, com efeito, abrem-se as perspectivas para a abordagem de temas diretamente ligados aos modos de organização social dos latinos: o capítulo CXLIII, em que se oferece o retrato sumário da *uillica*, permite, por exemplo, o vislumbre dos traços pessoais valorizados por esse povo na mulher. Deve-se explicar que, tratando-se o *fundus* tematizado por Catão de uma empresa agrícola de dimensões ampliadas (e não mais da pequena propriedade cultivada pelo *pater familias* com suas próprias mãos), não cabe ao senhor e à sua esposa a permanência e a administração direta do local, mas tão somente a supervisão distanciada dos trabalhos; portanto, plenamente inseridos na vida urbana, passam a ser representados em sua autoridade pelas figuras substitutivas do *uillicus* e de sua consorte.⁷²

Isso significa que, muito embora houvesse entre os antigos pouquíssima preocupação a respeito da moral dos escravos, a situação particular que aqui deparamos

contribui para o estabelecimento de uma espécie de relação especular entre senhores e cativos. Quanto à *uillica*, então, dignificada pela posição de esposa do chefe do *fundus*, cabe-lhe agir de acordo com os princípios de industriiosidade, modéstia e *pietas* religiosa conformados, até certo ponto, aos padrões comportamentais da *domina*.

Também as passagens identificadas com as indicações de práticas religiosas (ou mágicas) e com o tratamento dos escravos oferecem-nos dados que se diferenciam da mera abordagem de fazeres materiais: muito embora, no tocante às funções do texto, mantenha-se aqui o tom eminentemente instrutivo, não se pode comparar a relevância cultural de tópicos tão fundamentais à estruturação da velha sociedade romana com preceitos relacionados, por vezes, com algo como a salga das carnes⁷³ ou a impermeabilização de recipientes.⁷⁴ Assim, por meio de certas revelações de Catão, descobrimos que os escravos velhos se enquadram na mesma categoria (de instrumentos inúteis) dos bois e utensílios agrícolas de tipo idêntico e que, portanto, devem ser logo vendidos para livrar o senhor dos gastos;⁷⁵ por outro lado, apesar de em parte desumanizados pelo severo tratamento recebido, os *serui* não deixam de tomar parte no sagrado através da realização de ritos menores, a eles delegados por ordens dos superiores.⁷⁶

Por sua vez, a participação mais ou menos evidente da *persona* catoniana no texto também favorece a seu modo a variação da trama das sucessivas partes. Como comentário geral a isso, há que se notar as manifestações de arcaísmo da obra ("denunciado" pela linguagem, pela rudeza e exaustiva repetitividade do estilo, pelo tradicionalismo do tema e dos pensamentos expressos...) enquanto fatores decisivos para a constituição de uma "aura" autoral bastante característica. Com efeito, informados sobre a biografia do autor e conscientes de sua propensão à rigidez moral e à praticidade, seria difícil que não interpretássemos os pontos citados com o sentido de marcas de sua personalidade sobre o texto.

Ocorre, porém, que temos a impressão de uma maior explicitude dessas inclinações em determinadas passagens do texto, justamente propícias à emissão de juízos sobre aspectos variados da vida rural. Tendo já destacado a relevância da abordagem do aspecto humano no contexto global da obra, acrescentemos que as recomendações de Catão para a ação do *uillicus* ou dos escravos, bem como para o esboço do perfil ideal de todos aqueles vinculados ao universo agrário, correspondem a alguns dos pontos favoráveis à

manifestação das faces características do autor: esse é o caso do afloramento da misoginia no capítulo CXLIII⁷⁷ e do tom "educativo" no capítulo V,⁷⁸ em que se mostra ao administrador o modo correto de coordenar os trabalhos.

Por fim, como último ponto de discussão a respeito desse tópico, é importante dizer que, no plano lingüístico, a emissão de máximas ou fórmulas fixas do gênero mantém relações importantes com o esboço do *ethos* catoniano: esses modos de dizer consagrados pela cultura são veículos para a emissão de juízos tipificados sobre a vida. Isso significa que, enquanto legítimas e tradicionais manifestações da *uox populi*, prestam-se em conjunto ao papel de uma espécie de rico repositório de valores. Portanto, ao utilizá-los (ou, talvez, forjá-los com autoridade),⁷⁹ Catão vincula-se a um uso lingüístico cujas funções passam pelo ecoar de pontos-de-vista consensuais e, em muitos casos, moralizantes.

Quanto ao terceiro fator de variação textual acima mencionado, julgamos relevante, por exemplo, o entremear na obra de alguns capítulos (caso do décimo ao décimo terceiro) caracterizados pela mera listagem de elementos, como os componentes e utensílios necessários num vinhedo de cem jeiras (XI) ou numa sala de prensagem (XII). Interpretamos o desembaraço com que Catão se permite adentrar detalhes tão miúdos (e refratários a quaisquer propósitos de entretenimento do público) como um dos mais eloqüentes sinais da destinação desse texto a fins de orientação prática. Assim, embora o tom maciçamente instrutivo do restante do *De agri cultura* também se preste ao mesmo papel, a economia extrema dos recursos expressivos das listas de equipamentos permitiria considerá-las um dos pontos mais altos do "objetivismo" na obra.

A menção anterior à existência de uma espécie de *ethos* autoral nessa obra convida-nos, expandindo um pouco mais a análise, a considerar o que se dá aqui no tocante às conformações particulares do eixo constituído pelo emissor e pelo público. Conforme observamos em relação ao emissor (aquela "voz" textual de que emanam do início ao fim todas as instruções e preceitos transmitidos), a harmonia entre a imagem obtida no contato com o texto e o que tem sido atribuído a Catão, inclusive por outras fontes antigas, favorece a compreensão de um modo comunicativo quase "direto" nesse caso, ou seja, pouco alterado por artifícios ficcionais.

Em outras palavras, decerto constituído internamente ao texto pelos modos e conteúdos do dizer, o mestre de práticas agrárias identificado com "Catão" não deixa, por

esse motivo, de caracterizar-se com proximidade em relação à figura consagrada de seu correspondente "na vida real". Para que nos apercebamos do significado exato dessa simplicidade comunicativa, basta dizer que num poema ricamente construído como as *Geórgicas* era impossível, como adiante esclareceremos, ignorar a ficcionalidade não só da postura de "ensinamento", mas da própria caracterização do *magister* didático; naquele caso, o mestre chamado "Virgílio" correspondia quase sempre a uma espécie de máscara moldada em evidente distorção da personalidade histórica do poeta, sem quaisquer chances de boa adesão à sua face.

Aquele texto, assim, enquanto realização poética, favorecia a sofisticação (ou o nuançamento) da linguagem no plano dos sentidos. Em se tratando, pelo contrário, de uma obra como aquela de que nos ocupamos no momento (de fato destinada à transmissão de preceitos), consideramos que a impressão do acesso "direto" à "voz" de um Catão é uma espécie de fiadora de sua credibilidade: afinal, o prestígio da personagem no mundo romano e o renome advindo inclusive da considerável abrangência de seus escritos colaboram para a eficácia do processo comunicativo pretendido ao garantirem autoridade às palavras saídas "de sua boca".

O mestre de técnicas agrárias, além disso, apresenta aqui outras características importantes: tratando-se a obra de uma espécie de ininterrupto oferecimento de preceitos e orientações (em geral, manifestos no plano lingüístico por meio de usos muito marcados, como o emprego de verbos no imperativo e das demais construções jussivas), produz-se de imediato a impressão de que o emissor desses saberes compreende a vida rural como algo indissociavelmente vinculado ao trabalho. Ele chega, aliás, a exortar contra todo tipo de parada desnecessária das atividades⁸⁰ e, algo que é uma especificidade da obra catoniana no confronto com as de Varrão e Virgílio, tende a não enfatizar tanto o campo como espaço de prazer (apropriado à fruição dos bens naturais, às festas e diversões rústicas).

Também se deve dizer que essa ênfase no trabalho relaciona-se, conforme anunciamos acima, ao fato de que Catão concebia a propriedade rústica como um empreendimento comercial baseado na mão-de-obra escrava: o senhor e sua família, com efeito, esperam antes de mais nada obter lucros desse meio, ausentando-se do envolvimento direto com os afazeres e, inseridos na vida urbana, sem o gosto evidente por "desfrutar" uma realidade que pouco tem de amena.

Produz-se ainda para "Catão" a imagem de alguém bastante próximo da experiência rural: como desconsiderar esse fator diante do acúmulo de uma quantidade tão considerável de detalhes relacionados a aspectos "microscópicos" desse cotidiano? Embora um crítico como Astin se incline pela idéia da assimilação de muitos desses conteúdos através de textos anteriores (os chamados *commentarii*), ressalta uma certa intromissão experiencial do mestre em várias passagens do *De agri cultura*:

Em particular, não se pode duvidar com razão de que Catão derivou muito conteúdo de notas privadas e papéis que eram mantidos para propósitos práticos. De fato, é altamente provável que as recomendações específicas oferecidas a respeito das "fazendas" de diferentes tipos e tamanhos -um jardim suburbano, um vinhedo e pelo menos duas fazendas destinadas à produção do azeite- sejam baseadas em listas e outros pormenores de fazendas verdadeiras pertencentes a Catão. O conteúdo derivado de tais fontes inclui as listas de equipamentos agrários, os contratos de degustação, as fórmulas religiosas, as instruções sobre os ciprestes e as vassouras atribuídas a certas pessoas e muitas outras informações detalhadas. Provavelmente, algumas das seqüências de itens relacionados com proximidade, tal como as receitas de cozinha, foram obtidas desse modo mais do que da memória de Catão, mas o processo não foi de forma alguma apenas mecânico, mesmo nas seções posteriores. No meio do capítulo 157, que é certamente baseado em alguma fonte específica, o controle catoniano pessoal do conteúdo é revelado pela frase "se usares as couves como prescrevi"; e a impressão de sua personalidade é particularmente evidente nos capítulos 54, 61 e 142-3, bem como em muitos dos capítulos anteriores.⁸¹

Que dizer, por sua vez, da figura do receptor dos ensinamentos de Catão? Em primeiro lugar, consideramos fundamental atentar para o fato de que a natureza e as funções do texto de que nos ocupamos tornam imprescindível, pensando na situação original de recepção da obra, que os leitores correspondam a "fazendeiros" (ou,

eventualmente, a *uillici* o bastante instruídos para a leitura). Em outras palavras, a aridez expositiva da obra, muito embora afastada da teorização abstrata e, em geral, da dificuldade de compreensão,⁸² pressupõe um público de pessoas de fato interessadas em conhecer as técnicas para aplicá-las: em que pese à eventual curiosidade despertada nos "leigos" por seu teor arcaico e pela própria associação com a emblemática figura de Catão, trata-se de um efeito periférico, não previsto, por assim dizer, nos planos iniciais do autor.

Verifica-se ainda, no que se refere ao receptor interno do texto (ou seja, àqueles a quem se volta a mensagem pela letra) uma certa alternância ou indefinição. Astin notou que ora se dirigem preceitos ao *uillicus*, ora ao *dominus*,⁸³ isso se deve, acrescentamos, à natural repartição de papéis entre ambos na condução dos afazeres nos *fundi* e não deve, portanto, ser compreendido como sinal de mera incoerência construtiva. O crítico menciona ainda uma espécie de segunda pessoa "impessoal" na recomendação de afazeres alheios às funções do senhor e a passagem dos imperativos de segunda para os de terceira pessoa em certos pontos da obra, como se, do endereçamento imediato aos "alunos", o mestre modificasse sua postura para a preceituação indireta.⁸⁴

Em contraste com as figuras de receptores em outras produções antigas (a exemplo, no caso das obras consideradas nesse estudo, do que se apresenta no *De re rustica* e nas *Geórgicas*), nota-se como que um pesado silenciamento desse pólo estruturador da comunicação no *De agri cultura*.⁸⁵ Assim, o destacado gosto do autor pelo uso maciço dos imperativos não deixa outra opção aos ouvintes a não ser que aceitem tacitamente os saberes transmitidos sem quaisquer aberturas para a flexibilização: nosso conhecimento de usuários da linguagem permite supor que, em casos semelhantes, nada restaria aos receptores senão sujeitar-se aos comandos ou... interromper esse processo comunicativo desproporcionado por resistência a "obedecer". Em todo caso, porém, a decisão pela rebeldia caberia unicamente aos atualizadores reais do papel de alunos, já que a imagem construída para eles no espaço textual interno identificar-se-ia sempre com a dos comandados.

Em complementação ao mesmo elemento de "Catão", há que notar ainda a adesão ideal dos receptores a um modo de vida muito empenhado: inserindo-se num tipo de exploração agrária destinada à maior produtividade possível, devem manter-se engajados em atividades lucrativas. A ausência nesta obra, por sinal, de trechos ou recursos destinados

ao mero deleite estético do público (bem como, segundo vimos, da ênfase no entendimento do campo em termos de um ambiente propício à diversão), faz supor a construção de um leitor utilitarista, no sentido forte do termo; afinal, se pouco lhe é oferecido exceto o necessário para que se oriente sem rodeios e, munido dos conhecimentos adquiridos, aja sem errar, é porque o prazer se subordina a outros interesses em seus horizontes.

A menção à "secura" da elaboração literária do *De agri cultura* permite-nos introduzir o tópico de discussão relativo ao papel das digressões nessa obra. Como é sabido, consideram-se como tais as passagens de quaisquer textos em que, furtando-se momentaneamente à abordagem linear dos principais assuntos, os autores dão vazão a temas-outros, a esses relacionados de modos mais ou menos acessórios. Trata-se, então, como que de pausas na absoluta linearidade do discurso, favorecedoras de importantes funções como a variação expositiva, a ilustração de preceitos ou conteúdos abstratos oferecidos em outros momentos, o "relaxamento" temporário de um modo de interação cerrado entre obra e receptores...

Assim, em conformidade com o que temos dito até aqui a respeito desse texto, observamos que não há, a rigor, digressões em meio a seus capítulos. Com isso, entendemos que Catão não se desvia *jamaiz* de preceituar, do que resulta a manutenção ininterrupta da mesma função comunicativa.

Ocorre, no entanto, que certas "intromissões" temáticas em meio aos vários blocos de capítulos afins, por seu caráter de "quebra" da continuidade e, em alguns casos, pela natureza curiosa (relativa a pontos que considerariamos inusitados numa obra técnica pelos atuais parâmetros de seletividade e coerência) do que se diz, acabam por produzir efeitos comparáveis aos das digressões estritamente compreendidas. A título de exemplificação, o capítulo CII, destinado a recomendar o meio de fazer com que os figos não tombem prematuramente das árvores, insere-se sem motivos lógicos em meio à seqüência compreendida por XCI-CIII (cujos tópicos variados, como se tem notado,⁸⁶ vinculam-se de um modo ou de outro aos usos da *amurca*⁸⁷); por outro lado, na seqüência formada por LXXIV a LXXXVII (com intercalação de LXXXIII, em que se trata da oferenda a Marte Silvano), Catão oferece várias receitas de preparações alimentícias ("pães"), cujo inusitado numa obra em outros pontos destinada ao tratamento temático de tópicos tão especializados quanto a construção detalhada de uma sala de prensagem (capítulo XVIII) ou o contrato

para a colheita de frutos na propriedade (capítulo CLIV) contribui para quebrar-nos as expectativas e variar curiosamente os temas.

Tendo aludido antes à atenção do autor para os detalhes, parece-nos proveitoso comentar alguns exemplos desse elemento, com vistas à apresentação de um dos fatores responsáveis por suas peculiaridades compositivas diante dos demais autores aqui considerados.

Assim, caso típico dos capítulos destinados à indicação das operações necessárias para construir e instalar benfeitorias nos *fundi*, nota-se que o autor dispõe dos saberes para orientar minuciosamente os interessados no tema, incluindo-se aí as peças e o modo de ajustá-las umas às outras, suas medidas e formatos, as dimensões, organização e disposição dos elementos arquitetônicos, as precauções variadas e os conselhos destinados a remediar os problemas técnicos ou evitá-los, o regime de trabalho da mão-de-obra contratada para essas tarefas...⁸⁸

No tocante a temas mais ligeiros (como se dá com o preparo de bebidas ou itens alimentícios), certos detalhes também revelam a seu modo o cuidado em atentar para minúcias: assim, no capítulo LXXIX, deve-se finalizar a receita ensinada salpicando os "globos" com sementes de papoula; em LXXX, besuntando com mel ou "vinho melado"; em LXXXIV, deve-se servir a preparação tratada com "um pratinho e uma colher"...

Ainda, as receitas catonianas para preparo de vinhos revelam sofisticções insuspeitadas num autor celebrizado pela rude praticidade: em CV, deve-se adicionar "junco aromático" aos demais ingredientes para que se obtenha um "vinho grego" de odor agradável; em CVII, ensina-se a reduzir ao fogo um bom vinho com "íris seca esmagada" e "meliloto da Campânia" para obter uma espécie de loção, com que se besuntarão as bordas dos recipientes destinados ao armazenamento do mosto a fim de aromatizá-los e evitar defeitos no produto final. A esse respeito, deve-se dizer que as medidas para a melhoria dos itens comerciais produzidos nos *fundi* obviamente se enquadram nos planos gerais de obtenção de lucros: afinal, se é possível fabricar "vinho grego" na Itália ou zelar pelo melhor odor e sabor dos produtos, há evidentes chances de sedução dos consumidores mais exigentes. Dessa maneira, não se trata de meras concessões ao paladar, mas ainda de potencializar por meios bastante especializados a eficácia da empresa agrícola.

Como retomada geral da conformação particular dessa obra, antes de passarmos ao tratamento mais amplo de seus sentidos, julgamos de interesse ressaltar que se privilegia aqui, em detrimento do cuidado com a tessitura compositiva do todo, sobretudo a pura abordagem fragmentária de conteúdos. De fato, encontramos-nos nesse caso diante de uma espécie de grau mínimo de elaboração da escrita (excetuadas as eventuais partes de destaque estilístico), em que as palavras, quase de todo esvaziadas do que não se presta à transmissão de idéias, passam a ser sobretudo instrumentos comunicativos.

Embora aspectos como a concentração instrutiva nos temas das culturas das videiras e oliveiras (sem um tratamento satisfatório da pecuária, por exemplo), a relativa incoerência na seleção e disposição dos assuntos, as freqüentes interrupções do tratamento seqüencial de tópicos por "quebras" temáticas e a distribuição por vezes confusa dos conteúdos no interior dos próprios capítulos contribuam para afastar o texto de que nos ocupamos de um grau de apuro absoluto, não se pode negar que, em geral, tende-se à busca da imediata comunicabilidade.⁸⁹ Basta pensar no material que deparamos com o sentido de uma espécie de coleta embrionária de saberes, passíveis, caso se tivesse procedido à boa organização do conjunto, de terem ainda mais potencializada sua eficácia instrutiva.

É importante ainda dizer, apesar da supracitada posição de Boscherini a respeito dos conhecimentos "científicos" do autor, que não se tem aqui uma obra sistematicamente aprofundada do ponto de vista da elaboração intelectual ou científica: trata-se de "notas" dispersas por pequenos e numerosos capítulos (muitas vezes diminutos), sem, em absoluto, a coordenação complexa e orgânica entre si; dessa maneira, a adesão a suas idéias deveria no máximo restringir-se a constatar que, em pontos específicos do texto, parece haver indícios de assimilação de conteúdos também encontrados em certos autores helênicos mais especializados.

Assim, em que pese ao inegável valor da iniciativa desse autor, responsável, nos termos do que se disse acima, pelos inícios da prosa latina e por ter-nos legado um conjunto tão significativo de dados relacionados ao mundo latino arcaico, longe se está, diante de uma obra como o *De agri cultura*, do completo acabamento técnico, "científico", formal e, sobretudo, instrutivo. Pelo teor da discussão a respeito disso até o presente momento, esperamos ter deixado claro que nos vemos, nesse caso, na presença de uma série de falhas

bastante comprometedoras do pleno alcance do sucesso por Catão no tocante a seus méritos de escritor técnico.

3) Os significados ampliados do *De agri cultura*

Os primeiros aspectos significativos gerais que se depreendem da leitura da obra parecem-nos corresponder àqueles relacionados às concepções do autor sobre o trabalho e a vida: bastante rígido na proximidade com os velhos padrões comportamentais herdados dos *maiores*, Catão prevê a organização cerrada do *fundus*, com base na centralização hierárquica das decisões (cabendo ao *uillicus* representar a autoridade suprema associável ao senhor) e na busca incansável da eficiência. O prefácio, por sinal, com a aproximação entre a vida dos *agricolae* e a dos soldados, introduz o tom geral de toda a obra, já que, em ambos os domínios da atividade humana, prevê-se a "luta" organizada em favor da obtenção da vitória.

É interessante notar a esse respeito que nem sequer o senhor, cujas ocupações se restringem, no quadro esboçado no *De agri cultura*, à supervisão e à direção última de todos os trabalhos, é poupado da necessidade de agir com empenho. Assim, o fato de que, como resultado das transformações econômicas e sociais do tempo, não mais lhe caiba cultivar com as próprias mãos à maneira dos "velhos sabinos" (e, como vimos, do próprio Catão em sua juventude!) não o livra de ter de acompanhar em minúcias o andamento da propriedade e de sujeitar-se pessoalmente ao rude preceituar catoniano.⁹⁰

Quanto à questão do modo de vida esboçado na obra, sobressaem-se, além da maciça absorção da mão-de-obra escrava pelo trabalho diário, os aspectos da religiosidade, da frugalidade e da auto-suficiência. No tocante, especificamente, à industriiosidade incessante dos cativos (à qual devem ser instigados com energia pelos superiores), observamos que o que nos parece corresponder a maus tratos infligidos contra eles tem sempre relação com os fins eminentemente comerciais de todo o processo produtivo: interessa, então, que, por um lado, ocupem-se sem pausas⁹¹ (devem produzir muito) e, por outro, no caso da inadequação de seus serviços ou condutas, sejam punidos.⁹² Isso justifica os motivos da repressão contra quaisquer desvios do plano traçado por bem dos ganhos do senhor, a exemplo da proposição de condutas "anti-sociais" para o *uillicus* e a esposa (cujas

vidas devem devotar-se *por inteiro* à organização do *fundus*),⁹³ da implacável vigilância contra as "más-ações" dos cativos⁹⁴ e da própria prisão dos trabalhadores destinados à lida mais pesada nos campos.⁹⁵

A religiosidade, tematizada na obra através da recomendação, em várias ocasiões, de práticas afins ao apaziguamento ou conciliação da benevolência dos entes sagrados (os Lares,⁹⁶ os espíritos protetores dos bosques,⁹⁷ os grandes deuses do panteão clássico⁹⁸ ou vinculados ao mundo rural itálico...⁹⁹), também se insere no contexto global com o sentido de algo favorecedor da eficácia produtiva: embora não se possa restringir a reverência religiosa dos antigos ao fator do interesse, sabemos que se destinava, entre suas mais importantes funções, à busca da segurança material e espiritual. Há que se ter em mente, a propósito, a face muitas vezes vingativa das divindades de algum modo ofendidas ou apenas negligenciadas, do que resultava, no confronto do homem rural com a natureza (sobre a qual se estendiam seus domínios), uma série de normas a serem observadas.¹⁰⁰

Entendia-se, porém, que a piedade (manifesta pelas preces, pelos encantamentos, pelas oferendas e pelos eventuais pedidos de permissão para "invadir" certos domínios) poderia, pelo contrário, agradar os deuses e realizar-se sob a forma de atos indispensáveis para o sucesso em pontos como a rentabilidade das colheitas, a fertilidade dos animais, sua saúde e a dos homens, a defesa contra desastres... Assim, Catão indica os modos de condução dos cultos (discriminando escrupulosamente suas etapas e palavras)¹⁰¹ num modo instrutivo que nada deixa a dever em clareza e imediata objetividade aos demais aspectos da vida rústica didaticamente tematizados ao longo dessas páginas.

A frugalidade e a auto-suficiência, por seu turno, encontram-se interligadas na obra de nosso interesse: correspondendo a primeira característica a um componente valorizado pelos tradicionalistas mesmo nos homens livres (já que, denotando autocontrole e desapego à dimensão supérflua da existência, pressupõe um caráter viril),¹⁰² não haveria motivos para a tolerância com o desperdício entre os cativos. Quanto à auto-suficiência, recomenda-se justamente como uma das formas de realizar na vida prática essa frugalidade: através da obtenção de grande parte dos bens de consumo essenciais nos *fundi*, afinal, os trabalhadores poupam o senhor de ver reduzidos seus ganhos pela necessidade de adquirir mercadorias provenientes de fora.¹⁰³

Assim, vê-se no *De agri cultura* como que o planejamento para a constituição de um pequeno mundo pouco vulnerável a riscos externos: em numerosas passagens, são oferecidos dados que apontam para o controle cauteloso da vida em seus aspectos mais variados, a exemplo das quantidades corretas de alimentos destinadas a cada tipo de trabalhador¹⁰⁴ (ou aos animais) conforme as estações do ano, da frequência com que se devem oferecer roupas e calçados aos escravos,¹⁰⁵ das recomendações para que se aproveitem mesmo os resíduos das uvas na fabricação de bebidas,¹⁰⁶ do aconselhamento para que se plantem olmos e choupos como fontes autóctones de obtenção de madeira¹⁰⁷ e se façam conservas para garantir o abastecimento de frutos...¹⁰⁸

Como último ponto de discussão a respeito desse tópico, seria talvez proveitoso citar a importância de um subproduto como a *amurca* no quadro da economia rural traçado por Catão. Com efeito, esse resíduo da fabricação do azeite de oliva, prestando-se a empregos tão variados quanto seus usos na engenharia,¹⁰⁹ a complementação alimentar dos animais,¹¹⁰ adubo,¹¹¹ agente de limpeza e conservação de peças do mobiliário¹¹² e pesticida¹¹³ poderia tornar-se uma espécie de emblema das idéias catonianas sobre o que é a correta condução da propriedade, já que, estranho a todo desperdício e favorecedor de vantagens em muitas atividades, exemplifica bem os princípios de utilitarismo e parcimônia tão caros à concepção agrária do Censor.

As seguintes palavras de Marmorale, acrescentamos, prestar-se-ão a ilustrar com clareza a tônica do foco de abordagem dado pelo Censor à totalidade de suas considerações sobre a vida e os trabalhos rurais:

Catão, em sua obra, não dá espaço algum ao sentimento, e muito menos se revela aqui um sentimental. Virgílio olhará com olhos de infinito amor as plantas e os animais, Virgílio dará um pouco de sua alma até às frias estrelas da Ursa-Maior, que dirá temerosas de se deixarem tocar pelas águas marinhas. Falará, porém, como poeta e será lido não por camponeses, que não o teriam compreendido e teriam perguntado o que queria com aquelas palavras, mas por homens de cultura, que no conforto e refinamento de suas casas teriam podido sentir surgir em si o amor pelo campo e tentar melhorar a amarga sorte dos camponeses itálicos de seu

*tempo. Catão, pelo contrário, decerto não o teria sabido fazer; a planta nada é para ele a não ser algo de que é preciso cuidar para obter bons frutos, o animal nada a não ser um instrumento de trabalho. Também quando fala de flores e de plantas de jardim, nunca usa um adjetivo que indique uma descrição ou um sentimento: aquelas plantas e aquelas flores são vistas sob o aspecto utilitário, porque Catão sabe que delas deve sair o dinheiro necessário para o sustento de uma família.*¹¹⁴

Quanto às motivações práticas da obra e a suas relações com o contexto histórico do período considerado, importa dizer que, segundo as observações de alguns críticos,¹¹⁵ o prefácio e o corpo subsequente do texto se encontram em certo desacordo: ocorre que o prefácio, na aproximação ideológica entre a vida militar e a agrária, contrapõe a ambas a atividade comercial e a usura. Como dissemos, sendo útil, a lida rural caracterizava-se, simultaneamente, por não ferir os princípios da honestidade e por se tratar de algo seguro.

Ora, no interior desse quadro de oposições, a atividade comercial, especificamente, contrapõe-se à agricultura não por se tratar de uma prática desonesta (já que Catão destaca uma qualidade moral como a diligência no ofício do mercador), mas por seu caráter de algo mais exposto ao fortuito: basta pensar, por exemplo, em certos riscos associáveis no mundo antigo às viagens marítimas, tendo em vista as ameaças naturais às embarcações e a vulnerabilidade de cargas e tripulantes à pirataria.

A consideração detida da finalidade última dos preceitos catonianos posteriores, porém, revela que o autor compreende a produção agrícola e a venda de excedentes enquanto fases complementares da mesma iniciativa:¹¹⁶ em conformidade com o gradual direcionamento da economia romana do período para o destaque das culturas arbóreas (oliveiras e videiras),¹¹⁷ o autor, privilegiando-as como tema dessa obra e enfatizando, segundo dissemos em mais de uma ocasião, a necessidade de que haja ganhos, delineia-lhes a estreita união.

Sem chegarmos ao extremo de atribuir essa aparente discordância à intervenção póstuma de editores ou copistas quaisquer (que teriam, segundo essa hipótese, *adicionado* o prefácio com descuido), parece-nos que não existem grandes impedimentos para a compreensão integrada da introdução e do restante do texto. O primeiro fator a ser

considerado aqui diz respeito à ênfase retórica e moralizante dessa passagem: antes de introduzir de fato os preceitos relativos à concretude da vida rural em seus aspectos técnicos, humanos e econômicos, Catão procedeu a uma espécie de defesa do setor de atuação identificado com as próprias bases do sistema produtivo tratado a seguir. Essa incitação inicial à agricultura, portanto, não deve ser compreendida enquanto direcionamento de todo cerrado dos rumos a serem seguidos pelo homem providente e honesto para obtenção do ganho, mas antes com o sentido da defesa das tradições pátrias em seus aspectos morais e práticos.

Tudo se passa como se, apesar da atribuição às práticas agrárias de um papel central no prefácio e em seguida (considerando o próprio embasamento peculiar de toda a preceituação nesse âmbito), Catão, tendo dado o tom de dignidade e segurança do setor a fim de favorecer a adesão a seus princípios, passasse depois a delinear com mais clareza o que entende pela boa condução do *fundus*. Dessa maneira, no interior de um empreendimento agrícola rendoso (e afinado com o resguardo parcial dos costumes antigos¹¹⁸ e da segurança do senhor), nada impede que a destinação dos produtos à venda se insira como a meta de todo o trabalho na propriedade. Afinal, não se trata, absolutamente, de negligenciar a agricultura, mas, em harmonia com a defesa inicial do prefácio, de potencializar suas chances de sucesso diante das mudanças sociais (a exemplo do influxo de riquezas e da abundância de mão-de-obra escrava após as conquistas) e econômicas (com o direcionamento de grande parte da produção itálica para o comércio mediterrâneo) do tempo.

Também se deve dizer sobre o mesmo ponto que os preceitos catonianos se concentram, sem exceção, no oferecimento de diretrizes para a condução das atividades produtivas no próprio *fundus*. Em outras palavras, muito embora itens do tipo do vinho e do azeite (ou das azeitonas) se destinem em última instância não ao consumo interno, mas à "exportação", há que se notar o foco racionalizador do conjunto das atividades descritas nas fases anteriores à venda: Catão, com efeito, não se desvia para o aprofundamento da preceituação comercial, restringindo-se as breves referências a isso praticamente aos capítulos escritos sob a forma de contratos variados.¹¹⁹

Assim, para ele, destinar os excedentes à venda (ou mesmo direcionar todo o empreendimento agrário para os lucros) não significa a negação total do velho modelo

sócio-econômico identificado com os trabalhos da terra: ao invés disso, preferimos interpretar suas idéias pessoais a respeito do assunto como um sinal da aclimação do novo ao antigo, com todas as vantagens (práticas, inclusive) daí advindas.

Devemos dizer, por fim, que tal "atualização" permite notar a continuidade do nuançamento das características associadas a Catão pelo mito constituído em torno de sua imagem. Em conformidade com a relativa mescla de recursos oriundos do manancial expressivo tradicionalmente vinculado aos latinos ou importado dos gregos, também se tem no gesto "modernizador" da economia agrária catoniana um elemento para que se pense em sua pessoa em termos de uma flexibilidade moderada.

Não se deve, porém, à maneira do que se nota no *Cato Maior* ciceroniano, levar a extremos a atenuação do tradicionalismo dessa personagem histórica. Naquele caso, chegava-se mesmo à distorção da figura do Censor pela atribuição a ele de características *impensáveis* do ponto de vista cultural, considerando, por exemplo, a posterioridade histórica na sociedade romana da atitude de maravilhamento desinteressado diante da natureza.¹²⁰ O que propomos nesse sentido passa, pelo contrário, não pela idéia da mudança radical do que se tem em geral dito e pensado sobre o Censor, mas pelas reservas quanto a qualquer extremismo alheio à justa interpretação.

¹ Cf. Palmer, L. R. *Introducción al latín*. Traducción de Juan José Moralejo y José Luís Moralejo. Barcelona: Planeta, s.d., p. 127: *Nuestro estudio del progreso de la prosa a partir de formas tan simples de expresión puede empezar por Catón, que se sitúa al final del período arcaico. Pese a todo su fervor antihelénico y a su afirmación de que todos los que se dedicaban al estudio de la poesía y asistían a "conuiuia" no eran más que unos tunantes ("grassatores"), y a su receta para escritores "rem tene uerba sequentur", él mismo no estaba del todo incontaminado de las artes de los aborrecidos griegos.*

² Cf. nota anterior.

³ Cf. introdução de J.-N. Robert ao *Cato Maior* ciceroniano (Cicéron. *De la vieillesse*. Texte établi et traduit par Pierre Willeumier. Introduction, notes et annexes de Jean-Noël Robert. Paris: "Les Belles Lettres", 2003, p. XVIII): *La personnalité de Caton est si forte qu'elle donna naissance, de son vivant, à une légende qu'il eut soin d'alimenter. Il avait compris tout le parti qu'il pouvait tirer de cette "opération de communication". Sa détermination en toute chose, son origine modeste et son éducation à l'ancienne expliquent et justifient la place à part qu'il occupa tout le long d'une vie politique d'une exceptionnelle longévité. De sa voix de stentor, avec son regard farouche, il combattait ses ennemis tant au Sénat ou au Forum que sur les champs de bataille. Ses pairs le reconnaissent comme un meneur d'hommes.*

⁴ Cf. Labate, M. *L'arte di farsi amare. Modelli culturali e progetto didascalico nell'elegia ovidiana*. Pisa: Giardini, 1984, p. 133.

⁵ Cf. seguinte passagem da *Conjuração de Catilina*, em que Salústio exalta a busca da glória (ou da fama na memória dos pósteros) como a única forma verdadeira de vida (minha tradução): II 9. *Verum enimvero is demum mihi uiuere atque frui anima uidetur, qui aliquo negotio intentus praeclari facinoris aut artis bonae famam quaerit. Sed in magna copia rerum aliud alii natura iter ostendit.* - "Na verdade, de fato só me parece viver e fazer bom uso da vida o que, empenhado em alguma atividade, busca a fama dum feito ilustre ou dum fazer honesto. Mas, na diversidade de tudo, a natureza mostra a cada um o seu caminho." (Salluste. *Conjuration de Catilina. Guerre de Jugurtha*. Texte établi par B. Ornstein et traduit par J. Roman. Paris: "Les Belles Lettres", 1924).

⁶ Considere-se, a esse respeito, a homenagem ciceroniana a essa personagem através da composição do diálogo filosófico intitulado *Cato Maior*, em que, embora bastante adaptada aos tempos, ressurgue como exemplo da sabedoria ancestral.

⁷ Cf. Della Corte, F. *Catone Censore. La vita e la fortuna*. Firenze: La Nuova Italia Scientifica, 1969, p. 11.

⁸ Cf. *Geórgicas* II 532-535 (minha tradução): *hanc olim ueteres uitam coluere Sabini,/ hanc Remus et frater; sic fortis Etruria creuit/ scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma/ septemque una sibi muro circumdedit arces.* - "essa vida outrora tiveram os sabinos,/ essa Remo e seu irmão; assim a poderosa Etrúria prosperou/ e Roma sem dúvida tornou-se o que há de mais belo,/ cercando sete cumes com seus muros."

⁹ Cf. Della Corte, *op. cit.*, 1969, p. 12.

¹⁰ Minha tradução.

¹¹ Cf. Della Corte, *op. cit.*, 1969, p. 17.

¹² Cf. Della Corte, *op. cit.*, 1969, p. 18ss.

¹³ Cf. Della Corte, *op. cit.*, 1969, p. 23-24.

¹⁴ Cf. Della Corte, *op. cit.*, 1969, p. 24ss.

¹⁵ Cf. Della Corte, *op. cit.*, 1969, p. 34.

¹⁶ Cf. Della Corte, *op. cit.*, 1969, p. 40.

¹⁷ Cf. Della Corte, *op. cit.*, 1969, p. 51-52.

¹⁸ O testemunho de Plutarco, porém, atribui ao final da vida de Catão o envolvimento com a usura [cf. Plutarch. *Lives*. With an English translation by Bernadotte Perrin. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1997. V. II: XXI 6-7. *)Exrh/sato de\ kai\ t%= diabeblhme/n% ma/lista tw=n daneismw=n e)pi\ nautikoi=j to\n tro/pon tou=ton.)Eke/leue tou\j daneizome/nou\j e)pi\ koinwni/# pollou\j parakalei=n, genome/nwn de\ penth/konta kai\ ploi/wn tosou/twn au)to\j ei)=xe mi/an meri/da dia\ Koui+nti/wnoj a)peleuqe/rou toi=j daneizome/noij sumpragmateuome/nou kai\ sumple/ontoj.)Hn d'ou)=n ou)k ei)j a/(pan o(ki/ndunoj, a)ll'ei)j me/roj mikro\n e)pi\ ke/rdesi mega/loij.* - "Emprestou também da mais infame das maneiras, em navios, da seguinte forma: mandava os que tomavam emprestado reunirem muitos para o empreendimento; ao atingir cinquenta e outros tantos navios, ele mesmo se tornava dono de uma parte por seu liberto Quíncio, companheiro de negócios e viagens dos devedores. Assim, o risco não era total, mas muito pequeno, e os lucros grandes." (minha tradução)].

¹⁹ Cf. Plutarco, *op. cit.*, v. II, XVII 7.

²⁰ Cf. Astin, A. E. *Cato the Censor*. Oxford: Clarendon Press, 1978, p. 183.

²¹ Cf. Della Corte, *op. cit.*, 1969, p. 65.

²² Cf. Astin, *op. cit.*, p. 182 (minha tradução).

²³ Cf. Astin, *op. cit.*, p. 193-195.

²⁴ Cf. introdução à edição "Les Belles Lettres" do *De agri cultura* (Caton. *De l'agriculture*. Texte établi, traduit et commenté par Raoul Goujard. Paris: "Les Belles Lettres", 1975, p. XXXV-XXXIX).

²⁵ Teria tido o autor diante dos olhos alguma espécie de modelo genérico ao compor? Em que medida vinculou-se a ele? As opiniões dos críticos divergem grandemente, sobretudo no tocante à suposta imitação de modelos gregos (cf. respectivamente Astin, *op. cit.*, p. 199-200 e von Albrecht, M. *A history of Roman literature. From Livius Andronicus to Boethius*. Leiden/ New York/ Köln: E. J. Brill, 1997. V. I, p. 397: *The composition of an extended didactic work devoted to a single topic and containing a mass of interrelated practical information was a much more demanding task. It may be objected that Cato had had the literary experience of reading Greek works, often works of high quality; but this too is of doubtful relevance. In the first place his acquaintance with Greek literature by no means necessarily implies that he read it with serious attention to techniques of composition and organization. In the second place Cato is most likely to have come across works of quality, hence unlikely to have been confronted with instructive examples of glaring faults which sprang from inadequate planning and discipline. Nor it is by any means certain that he even had the opportunity to examine work similar to his own; for there is doubt as to whether there were available Greek predecessors for the type of practical agricultural handbook he was attempting to write. In his instructional treatises, Cato adopts the basic forms of the Greek textbook. In assessing his work, one must always take into account the practical applications of Greek technique. Cato is a genius at learning, especially in areas promising efficiency. In agronomy he takes over and recommends the most modern Hellenistic methods, and it may be supposed that he behaved similarly in other areas. If he owes something to Greek theory, he owes even more to Greek practice.*).

²⁶ Cf. Leeman, A. D. *Orationis ratio. The stylistic theories and practice of the Roman orators, historians and philosophers*. Amsterdam: Hakkert, 1963.

²⁷ Cf. *De agri cultura* CXLI 2.

²⁸ Cf. Leeman, *op. cit.*, p. 22.

²⁹ M. von Albrecht, na enumeração dos traços estilísticos gerais do *De agri cultura* catoniano, cita, além das repetições de vocábulos e paralelismos, as reiterações de sinônimos e certa tendência para construir as sentenças com o encurtamento da segunda parte em relação à primeira (cf. von Albrecht, M. *Masters of Roman prose. From Cato to Apuleius. Interpretative studies*. Translated by Neil Adkin. Leeds: Francis Cairns Publications, 1989, p. 4-8).

³⁰ Cf. *De agri cultura* CXXXIV 2-3 (minha tradução): *Iuppiter, te hoc ferto obmouendo bonas preces precor, uti sies uolens propitius mihi liberisque meis domo familiaeque meae mactus hoc ferto.* - "Júpiter, oferecendo-te este *fertum*, suplico-te com boas súplicas que sejas favorável e benévolo para mim, meus filhos, minha casa e minha gente, glorificado com este *fertum*." Nesse caso, nota-se através da reiteração em (*bonas preces precor* a presença da *figura etymologica*.

³¹ Cf. na nota anterior a existência de dois membros coordenados entre *propitius* e *mactus hoc ferto*, respectivamente finalizados por *meis* e *meae*.

³² Cf. Leeman, *op. cit.*, p. 22-23.

³³ Cf. Cícero. *Rhétorique ad Hérennius*. Texte révu et traduit par Henri Bornecque. Paris: Garnier, s.d., III II 2.

³⁴ Cf. Cícero, *op. cit.*, s.d. (minha tradução): III II 3. *Utilitas in duas partes in ciuili consultatione diuiditur: tutam, honestam.* - "Na deliberação civil, o útil divide-se em duas partes: o seguro e o honesto."

³⁵ Cf. início do prefácio do *De agri cultura* (minha tradução): *Est interdum praestare mercaturis rem quaerere, nisi tam periculosum sit, et item fenerari, si tam honestum sit.* - "É mais proveitoso por vezes buscar a riqueza pelo comércio (se não fosse tão arriscado) e mesmo ser usurário (se fosse tão honesto)."

³⁶ Cf. Traglia, A. Osservazioni su Catone prosatore. *Latomus. Revue d'Études Latines*. Bruxelles, v. CLXXXVII, p. 356, 1985, em minha tradução (especialmente, note-se a "escansão" da seguinte passagem: "*sic habuerunt*": *clausola eroica*/ "*legibus posuuerunt*": *trocheo + cretico + spondeo*/ "*condemnari*": *dispondeo*/ "*feneratorem quadrupli*": *cretico + spondeo + cretico, o anche trocheo + spondeo + coriambo*).

³⁷ Cf. Marmorale, E. *Cato Maior*. Bari: Laterza & Figli, 1949, p. 152-153: *Potrei portare altri passi di scrittori antichi, non escluso quello di Plutarco, nel quale si parla dello schiavo grammatisth/j Chilone, che Catone aveva in casa non certo per ornamento, tanto è vero che gli permetteva di dar lezioni anche ad estranei, evidentemente con guadagno del padrone, ma ho voluto solo mostrare non tanto come la notizia di*

Cornelio e di Cicerone sia falsa (lo avevano fatto in parte altri prima di me), quanto la sua genesi. Catone dunque apprese presto il greco, certo nella sua giovinezza, e conobbe anche la letteratura greca, Demostene, Tucidide, ed altri scrittori, specialmente di cose storiche: anzi, benché ciò non apparisse ad Attico e a Cornelio, egli studiò molte opere greche di retorica, dalle quali a lui deriva l'uso di figure retoriche, chiasmo, allitterazione, poliptoto ecc., che altrimenti meraviglierebbero nel primo prosatore della letteratura latina. Qualche volta si ha addirittura l'impressione ch'egli precorra i metodi dei più ampollosi oratori latini: si lega per es.: "tuum nefarium facinus peiore facinore operire postulas, succidias humanas facis, tantam trucidationem facis, decem funera facis, decem capita libera interficis, decem hominibus uitam eripis indicta causa, iniudicatis, incondemnatis", passo che Gellio ammirava.

³⁸ Cf. Boscherini, S. *Lingua e scienza greca nel "De agri cultura" di Catone*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1970.

³⁹ A esse respeito, cf. as seguintes observações de Leeman (op. cit., p. 20-21): *From his time onward Greek "grammarians", rhetoricians, philosophers and physicians, most of them slaves, were a familiar sight in the streets of Rome. Their way of life was completely different from that of the Romans, and was soon designated by a special verb "pergraecari". Plautus describes it as follows, "tum isti Graeci palliati, capite operto qui ambulat,/ qui incedunt suffarcinati cum libris, cum sportulis,/ constant, conferunt sermones inter sese drapetae,/ opstant, opsistunt, incedunt cum suis sentiis,/ quos semper uideas bibentes esse in thermopolio."* Many Romans down to the times of Juvenal considered those noisy busybodies a nuisance, and their "leuitas" and "nequitia" an offence to the Roman mind. At last, in 161 B.C., the rhetoricians and philosophers were expelled from Rome by public decree, but they must have returned like a swarm of flies. In 155 B.C. three leading Greek philosophers, Carneades, Diogenes and Critolaus, who visited Rome as ambassadors of the city of Athens, were sent back to their country at the instigation of Cato, after a demonstration by the Sceptic Carneades how dialectics enabled the philosopher to speak just as convincingly against "iustitia" as for it. Rome felt threatened by the Greeks in its way of life and in its innermost convictions. But from now on it has to live with them and make the best of it.

⁴⁰ Cf. Boscherini, op. cit., 1970, p. 20-21.

⁴¹ Cf. Boscherini, op. cit., 1970, p. 35 (minha tradução).

⁴² Cf. Boscherini, op. cit., 1970, p. 29: *Cominciamo con l'esaminare le parti di contenuto botanico. E diremo subito che non possiamo attenderci di identificare ogni volta la fonte diretta di Catone. Per questo, se di grande importanza è la corrispondenza di contenuto che troveremo fra certi capitoli catoniani e la letteratura tecnica greca, non lo sono meno atteggiamenti mentali, principi di ordinamento della materia, che sono propri del pensiero scientifico greco.*

⁴³ Cf. Boscherini, op. cit., 1970, p. 94.

⁴⁴ Cf. Boscherini, op. cit., 1970, p. 98: *La derivazione greca di "ocinum" (...) non si fonda che su una paretimologia di Varrone, il quale connette il vocabolo con w)ke/wj, "quod celerrime proueniat"; ma nel mondo greco non è documentata né la pianta né la parola.*

⁴⁵ Cf. Boscherini, op. cit., 1970, p. 105: *Ancora un'osservazione sulla parola "spartum" (...). In Catone non indica la ben nota graminacea ma il cordame in genere: "omne spartum", non "sparte" ma "sparterie". Mentre la pianta ("stipa tenacissima") tipica della flora iberica, è ragionevole pensare che i Romani la venissero a conoscere durante la seconda guerra punica, il nome spa/rton, che aveva la possibilità di indicare qualunque fibra vegetale, doveva già essere molto diffuso nel bacino del Mediterraneo.*

⁴⁶ Cf. Boscherini, op. cit., 1970, p. 91: *Al termine di questa nostra ricerca, attraverso la quale l'apporto scientifico greco nell'opera di Catone appare vario, ampio, profondo, un nuovo capitolo della cultura latina si svela ai nostri occhi. Se la rinnovata civiltà romana dell'età scipionica è il risultato del fecondo trapianto della cultura greca in occidente, si ché di lì sorge il primo umanesimo della nostra storia, di esso noi cogliamo in Catone l'altro aspetto, misconosciuto ma non meno essenziale, della cultura scientifica, che lo compone in necessaria unità assieme a quello, ben più vistoso, della cultura letteraria.*

⁴⁷ Cf. supra nota 44.

⁴⁸ Cf. Palmer, op. cit., p. 129: *Eran, sin duda, pasajes como éste los que Cicerón tenía en el pensamiento cuando escribía ("Brutus", 294): "orationes autem eius ut illis temporibus ualde laudo: significant enim formam quandam ingeni, sed admodum impolitam et plane rudem". Tal era la lengua de la prosa elevada latina hacia mediados del siglo II a.C.: una mezcla de la lengua coloquial con las fórmulas arcaicas de los "carmina" religiosos y de las fórmulas legales, embellecida con cosméticos indígenas, con los "lumina" de la retórica griega y con las flores de la dicción poética contemporánea. Fue esta curiosa amalgama la que en el curso del siglo siguiente se fue refinando para dar lugar a la lengua de la prosa clásica.*

⁴⁹ Cf. Till, R. *La lingua di Catone*. Traduzione e note supplementari di Cesidio de Meo. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1969, p. 15.

⁵⁰ Cf. Till, *op. cit.*, p. 19.

⁵¹ Cf. Till, *op. cit.*, p. 23.

⁵² Cf. Till, *op. cit.*, p. 24: *Ma la differenza tra il latino antico e la lingua classica del tempo ciceroniano viene alla luce nel modo più chiaro nell'ordinamento delle proposizioni. Il segno distintivo fondamentale dell'ordine arcaico delle proposizioni nel periodo è la paratassi. Le proposizioni stanno spesso l'una accanto all'altra non congiunte. Ciò avviene con particolare frequenza nello scritto sull'agricoltura: per esempio nel primo capitolo, nei cui sette paragrafi si trova sempre e solo un collegamento mediante "et" e "si".*

⁵³ Cf. Till, *op. cit.*, p. 25.

⁵⁴ Cf. Till, *op. cit.*, p. 28.

⁵⁵ Cf. Till, *op. cit.*, p. 29.

⁵⁶ Cf. Till, *op. cit.*, p. 33.

⁵⁷ Pronunciando-se a respeito da decisiva influência da prática contínua da escrita sobre a própria estrutura da linguagem, Ong (Ong, W. J. *Orality & literacy. The technologizing of the word*. London/ New York: Routledge, 1990, p. 107) observou: *As Guxman has pointed out (...), a national written language has had to be isolated from its original dialect base, has discarded certain dialectal forms, has developed various layers of vocabulary from sources not dialectal at all, and has developed also certain syntactical peculiarities. This kind of established written language Haugen (...) has aptly styled a "grapholect".*

⁵⁸ Referindo-se aos traços gerais do linguajar agrícola, Cesidio de Meo citou ainda o elemento da predileção por adjetivos e advérbios imprecisos (*bene, bonus, male*) enquanto característica comum às linguagens técnicas e ao coloquialismo (de Meo, C. *Lingue tecniche del latino*. Bologna: Pàtron, 1986, p. 35).

⁵⁹ Cf. Till, *op. cit.*, p. 45.

⁶⁰ Cf. de Meo, *op. cit.*, p. 36.

⁶¹ Trata-se, por sinal, de um fenômeno muito produtivo também na passagem do latim vulgar para as línguas românicas [cf. Ilari, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992, p. 123: (*malum*) *persicum* > *pêssego*].

⁶² Cf. de Meo, *op. cit.*, p. 35.

⁶³ Cf. de Meo *op. cit.*, p. 44.

⁶⁴ Cf. de Meo, *op. cit.*, p. 57: *Significativa la varietà di zappe e rastrelli, molti già presenti in Catone: "ferrea", "(h)irpex", "ligo", "pala", "bipalium" (che con Palladio sarà sostituito da "vanga" di origine germanica e destinato a prevalere nelle lingue romanze), "raster" (quindi "rastellus"), "rutrum", "sarculum"; e poi ancora "bidens", "marra", "pastinum" ecc.*

⁶⁵ Deve-se ainda dizer, a respeito do escopo limitado da obra catoniana, que a realidade retratada no *De agri cultura* corresponde a uma ambientação campaniana e das cercanias de Roma [cf. White, K. D. *Roman agricultural writers. Varro and his predecessors*. In: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 1973. V. 4.1, p. 447: *Before discussing the content of Cato's manual, we must emphasize the need for caution in drawing inferences from it about the general state of Italian agriculture. Cato's manual deals with farming of particular type in a specific region, namely Campania and the southern borders of Latium. The contents of his book must be considered in that regional context, not used as evidence for other regions or for the country as a whole. Intensive development with planted crops, and extensive animal husbandry came to dominate the economy of particular regions; in both cases investment capital was needed, either for equipment (including tools, working animals and slaves) or for the necessary breeding-stock, and to cover the period before returns on the capital investment began to come in. In other regions, as I have explained elsewhere (...), older forms of farming were still pursued, either for subsistence, or for profit: the agrarian economy of Italy remained essentially regional in character, and the evolution of new techniques in any one area did not necessarily influence others. Cato's handbook is thus restricted in its scope.*].

⁶⁶ Cf. prefácio de Goujard à edição "Les Belles Lettres" do *De agri cultura*, p. XXXIV-XXXV (minha tradução).

⁶⁷ Cf. *De agri cultura* XCVI e XCVIII 1 (minha tradução): *Oues ne scabrae fiant*. - "Para que as ovelhas não fiquem sarnentas."; *Vestimenta ne tiniae tangant*. - "Para que as traças não toquem as roupas."

⁶⁸ Cf. *De agri cultura* CXV 1 (minha tradução): *In uinum mustum ueratri atri manipulum coicito in amphoram. Vbi satis effuerit, de uino manipulum eicito. Id uinum seruato ad aluum mouendam*. - "Junta um punhado de heléboro negro ao mosto de uma ânfora. Quando fermentar bastante, tira o punhado do vinho. Conserva esse vinho para usar como laxante."

⁶⁹ Cf. *De agri cultura* I 6 e III 1 (minha tradução): *Scito idem agrum quod hominem, quamvis quaestuosus siet, si sumptuosus erit, relinquere non multum.* - "Saibas que com o campo se dá o mesmo que com o homem: se for dispendioso, ainda que seja rico não sobra muito."; *Aedificare diu cogitare oportet, conserere cogitare non oportet, sed facere oportet.* - "É preciso refletir por longo tempo antes de construir, mas não é preciso refletir antes de cultivar: quanto a isso, é preciso agir."

⁷⁰ Cf. *De agri cultura* XXX (minha tradução): *Bubus frondem ulmeam, populneam, querneam, ficulneam, usque dum habebis, dato. Ouibus frondem uiridem, usque dum habebis, praebeto; ubi sementim facturum eris, ibi oues delectato; et frondem usque ad pabula matura. Pabulum aridum quod condideris in hiemem quam maxime conseruato, cogitatoque hiemis quam longa siet.* - "Dá aos bois folhas de olmo, de álamo, de carvalho e de figueira enquanto estiverem disponíveis. Dá às ovelhas folhas verdes enquanto estiverem disponíveis; atrai as ovelhas para onde fores semear e dá-lhes folhas até que a forragem esteja no ponto. Poupa o quanto puderes o feno seco que conservares para o inverno, lembrando-te de quanto ele é longo."

⁷¹ Cf. *De agri cultura* X-XIII.

⁷² Cf. Sabattini, A. Tradizione e innovazione nel "De agri cultura" di Catone. *Rivista Storica dell'Antichità*. Bologna, p. 312, 1976-1977: *Un altro aspetto per cui il "De agri cultura" si distacca dalla tradizione è nella figura del "uillicus", a cui sono demandati numerosi e importanti compiti: deve rendere conto al padrone dei lavori compiuti e degli eventuali ritardi, dell'andamento dell'azienda, del prodotto venduto; rappresenta in conclusione il padrone che non deve necessariamente abitare sul fondo ma che deve limitarsi ad ispezionarlo convenientemente. Questo "uillicus" non è solamente un tramite ma soprattutto una figura che distacca l'azienda catoniana dalla fattoria tradizionale, dove era il proprietario stesso che lavorava il suo terreno coadiuvato dalla moglie e da pochi schiavi.*

⁷³ Cf. *De agri cultura* CLXII.

⁷⁴ Cf. *De agri cultura* XXXIX.

⁷⁵ Cf. *De agri cultura* II 7.

⁷⁶ Cf. *De agri cultura* LXXXIII, CXLIII 2.

⁷⁷ Cf. *De agri cultura* CXLIII 1 (minha tradução): *Ea te metuat facito.* - "Faze com que te tema."

⁷⁸ Cf. *De agri cultura* V 7 (minha tradução): *Opera omnia mature conficias face. Nam res rustica sic est, si unam rem sero feceris, omnia opera sero facies.* - "Procura terminar todo o trabalho cedo. Pois assim são os trabalhos do campo: se fizeres uma parte deles com atraso, farás todo o trabalho com atraso."

⁷⁹ Cf. *supra* nota 69.

⁸⁰ Cf. *De agri cultura* XXXIX (minha tradução): *Per imbrem in uilla quaerito quid fieri possit. Ne cessetur, munditias facito. Cogitato, si nihil fiet, nihilo minus sumptum futurum.* - "Durante as chuvas, busca o que se pode fazer em casa. Que não haja pausas. Ocupa-te de manter tudo limpo. Lembra-te de que, se nada for feito, não obstante haverá gastos."

⁸¹ Cf. Astin, *op. cit.*, p. 195 (minha tradução).

⁸² Cf. Marmorale, *op. cit.*, p. 185: *Che Catone non volesse scrivere un trattato risulta evidente dall'opera che è arrivata fino a noi: mancano l'ordine e la metodicità, manca la cura per la forma (quando Catone vorrà, saprà anch'egli seguire i dettami di una retorica ben intesa, così che alcuni frammenti delle sue orazioni nulla hanno da invidiare a Cicerone): l'aridità propria del precetto è voluta, cercata, perchè egli ha evidentemente l'intenzione di scrivere una guida da essere continuamente consultata da "patres familiae" di poche lettere, che avrebbero sorriso di possibili fronzoli, inutili in un'opera del genere.*

⁸³ Cf. Astin, *op. cit.*, p. 191.

⁸⁴ Cf. Astin, *op. cit.*, p. 192.

⁸⁵ Cf. Perutelli, A. Il testo come maestro. In: Cavallo, G.; Fedeli, P.; Giardina, A. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica*. Roma: Salerno, s.d. V. I, p. 282: *L'alternarsi delle varie forme di imperativo (tutte le possibili: imperativo pres. e fut., indicativo fut., congiuntivo) non concede il minimo spazio alla presenza del destinatario nel testo. La comunicazione è a senso unico, vengono impartiti insegnamenti, senza immaginare una qualche reazione o obiezione, senza preoccuparsi di controbatterla. Il fatto che l'opera sia destinata a una reale funzione didattica, che cioè sia presupposto dall'autore un pubblico il quale metta davvero in pratica i suggerimenti ivi contenuti, diventa causa apparentemente paradossale della trascuratezza di cui è fatto oggetto lo stesso pubblico nel testo. Che bisogno c'era di immaginarlo, raffigurarlo, dare spazio ai suoi dubbi e incertezze, corteggiarne l'interesse con qualche attrattiva? Esso esisteva e aveva reali esigenze alle quali l'opera di Catone poteva esaurientemente rispondere coi suoi contenuti; non era davvero necessario evocare la presenza, quasi fosse un fantasma fittizio, e nemmeno occorreva accattivarsene l'attenzione benevola con una forma più elegante.*

⁸⁶ Cf. introdução de Goujard à edição "Les Belles Lettres" do *De agri cultura*, p. XXXIV.

⁸⁷ Conforme explicado por Varrão em *De re rustica* I LV 7, trata-se de um resíduo líquido da fabricação do azeite.

⁸⁸ Cf. *De agri cultura* XIV, XV, XVIII, XIX, XX, XXI e XXII.

⁸⁹ Cf. seguintes palavras do prefácio à edição Harvard do *De agri cultura* (Cato; Varro. *On agriculture*. With an English translation by W. D. Hooper. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1999, p. XIII): *The "De agri cultura" constitutes our earliest extant specimen of connected, if often loosely connected, Latin prose. The work, with its notable lack of systematic arrangement, can hardly pass as literature. It resembles rather a farmer's notebook in which the author had jotted down in random fashion all sorts of directions for the care of the farm, for his own private use or for the benefit of his friends and neighbours. Based on the writer's own first-hand experience and probably intended as a practical manual on the subject of husbandry, it contains all sorts of authoritative directions for the farm overseer.*

⁹⁰ Cf. *De agri cultura* I, II, III.

⁹¹ Cf. *supra* nota 78.

⁹² Cf. *De agri cultura* V 2.

⁹³ Cf. *De agri cultura* V 2, CXLIII 1.

⁹⁴ Cf. *De agri cultura* V 2.

⁹⁵ Cf. *De agri cultura* LVI.

⁹⁶ Cf. *De agri cultura* II.

⁹⁷ Cf. *De agri cultura* CXXXIX.

⁹⁸ Cf. *De agri cultura* CXXXIV.

⁹⁹ Cf. *De agri cultura* LXXXIII.

¹⁰⁰ Cf. Basanoff, V. *Les dieux des romains*. Paris: Presses Universitaires de France, 1942, p. 26: *Au IIe. siècle, Polybe s'étonne du ritualisme et de cette pieuse crainte des dieux qu'il observe dans la vie publique et privée des Romains à l'âge du doute philosophique (...).*

¹⁰¹ Cf. *De agri cultura* LXXXIII, CXXXII, CXXXIV, CXXXIX e CXLI.

¹⁰² Cf. Horace. *Satires*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Introduction et notes d'Odile Ricoux. Paris: "Les Belles Lettres", 2002 (minha tradução): VI 127-131. *Pransus non auide, quantum interpellat inani/ uentre diem durare, domesticus otior. Haec est/ uita solutorum misera ambitione grauique;/ his me consolor uicturum suauius ac si/ quaestor auus pater atque meus patruusque fuisset.* - "Tendo almoçado sem gula, o suficiente para impedir de com o estômago/ vazio passar o dia, repouso em casa. Essa é/ a vida dos libertos da miserável e pesada ambição;/ reconforto-me porque assim viverei mais docemente do que se/ meu avô, meu pai e meu tio tivessem sido questores."

¹⁰³ Cf. *De agri cultura* VII e IX.

¹⁰⁴ Cf. *De agri cultura* LVI.

¹⁰⁵ Cf. *De agri cultura* LIX.

¹⁰⁶ Cf. *De agri cultura* XXV.

¹⁰⁷ Cf. *De agri cultura* VI.

¹⁰⁸ Cf. *De agri cultura* VII.

¹⁰⁹ Cf. *De agri cultura* XCI e XCII.

¹¹⁰ Cf. *De agri cultura* CIII.

¹¹¹ Cf. *De agri cultura* XXXVI.

¹¹² Cf. *De agri cultura* XCVIII.

¹¹³ Cf. *De agri cultura* XCV.

¹¹⁴ Cf. Marmorale, *op. cit.*, p. 184-185 (minha tradução).

¹¹⁵ Cf. von Albrecht, *op. cit.*, 1997, p. 395: *The introduction discusses the moral value of farming, including that for the future soldier, and the advantages of the farmer (estate owner) compared with the banker and merchant. In spite of this, however, the sense of profit sets the basic tone, sometimes in the shape of old Roman thrift ('do not buy what you can use, but what you need'), on other occasions in the introduction and recommendation of modern, Hellenistic slave economics, in which old slaves, like old machines, must be disposed of in good time. In this respect, Cato is one of the fathers of Roman 'capitalism'.*

¹¹⁶ Cf. El-Bouzidi, S. Les sources agronomiques antiques au service de l'histoire: le "De agri cultura" de Caton. *Florentia Iliberritana. Revista de Estudios de la Antigüedad Clásica*. Granada, n. XI, p. 34, 2000: *Caton est un "homme nouveau" qui a confiance dans l'avenir des "propriétaires terriens", mais à condition que l'exploitation agricole soit gérée de façon rationnelle, c'est-à-dire basée sur le calcul des dépenses et des*

bénéfices. D'où les conseils de Caton d'acheter le moins possible et de vendre le plus possible, de se débarrasser de toutes choses non rentables, d'exploiter la main d'oeuvre de façon absolument permanente et d'être très régulier dans le travail agricole.

¹¹⁷ Cf. White, *op. cit.*, 1973, p. 447.

¹¹⁸ Não se poderia compreender um traço como a auto-suficiência, a que fizemos menção acima, enquanto algo afim aos velhos costumes romanos de austeridade e, simultaneamente, ao enfoque para o lucro advindo com os novos tempos?

¹¹⁹ Cf. *De agri cultura* CXLVI-CL.

¹²⁰ Cf. introdução de J.-N. Robert à edição "Les Belles Lettres" do *Cato Maior* (Cícero, *op. cit.*, 2003, p. XXII): *En outre, le voici qui s'attendrit devant le tableau offert par la nature. Il se laisse "charmer" par la vigne, s'émerveille de l'éclosion des graines, de "l'allure vagabonde" des pampes folâtres, de la beauté des fruits. Aucune de ces émotions, qui sont d'une autre saison, ne transparaît dans le "De agri cultura". En revanche, dans sa description des "richesses de la campagne", qui, aux guérêts, vignobles et arbustes ajoute "les jardins et les vergers, les troupeaux au pâturage, les essaims d'abeilles et toute la variété des fleurs", nous décelons déjà le ton et la matière des "Géorgiques" de Virgile. Dans divers ouvrages et dans certaines lettres, Cicéron lui-même évoque "les plaisirs champêtres" qui ne ressortissent pas de la sensibilité romaine à l'époque de Caton.*

II. O *De re rustica* de Varrão: aspectos da construção do texto, da linguagem e dos sentidos

1) Introdução: Varrão, sua trajetória vital e obras

Com a abordagem de parte da extensa produção varroniana, adentramos um ambiente intelectual dotado de características notoriamente particulares: referimo-nos ao fato de que esse autor se destaca, no quadro dos demais considerados neste trabalho, pela face da pesquisa erudita nos mais diversos ramos do saber (linguagem, "agronomia", história, filosofia, geografia, direito, retórica, dialética, geometria, aritmética, teatro...).¹

É importante, a esse respeito, estabelecer algumas diferenças entre sua poligrafia e a de Catão, a que nos referimos no capítulo antecedente. Pelo que dissemos acima, deve ter-se esclarecido que a produção do Censor se destacou sobretudo pelo pragmatismo, manifesto não só pelo teor prático da maior parte dos escritos (vinculados a temas de medicina, de agricultura, de moral normativa, de táticas bélicas...), mas ainda pelo privilégio, na concepção de uma obra como o *De agri cultura*, do aspecto comunicativo da linguagem. Catão, portanto, sem desviar-se tanto para a especulação abstrata, procurou como que guiar a ação eficaz dos cidadãos em todos os ramos do saber humano de que se ocupou como autor.

O mesmo, apesar do valor prático de obras como o *De re rustica* e, presume-se, o *De iure ciuili*,² não se dá no caso de Varrão: esse autor, com efeito, furta-se ao pragmatismo estrito tocando em temas especulativos como a gramática e, ao abordar outros afins aos afazeres concretos, concedendo algum espaço a fins alheios à mera preceituação. Em outras palavras, tem-se aqui, em comparação com a iniciativa de Catão, o enriquecimento da prática compositiva nos planos do modo de tratamento dos conteúdos e de sua variedade, de um modo incompatível, mesmo no *De re rustica*, com a relativa rudeza do predecessor.

De modo semelhante ao que fizemos no capítulo precedente, passaremos em seguida a oferecer algumas coordenadas sobre a trajetória de vida de Varrão no intuito de, acompanhando-lhe os passos, delinear os traços essenciais de sua personalidade. Assim, buscaremos justamente, sob uma forma de apreciação que propomos comparativa, coligir

elementos para que se pense nele e em seus escritos sob uma ótica diversa, marcada não mais pela preocupação imediata com o fazer, mas pelo sensível refinamento de atitudes.

Antes, porém, deve-se dizer que, enquanto Catão soube imbricar profundamente sua experiência de vida e seus escritos (haja vista a coincidência aproximada entre a natureza de suas obras e os vários papéis por ele desempenhados em sociedade), Varrão estabeleceu uma fronteira mais nítida entre esses planos, privilegiando, em que pese a fatos como sua participação na política e nas guerras do tempo, a constituição de um *corpus* alheio à imediatez de seus gestos efetivos. Isso significa que ele, pela própria ênfase em destacar-se no campo da erudição, deu curso à escrita sob um impulso que não se identifica mais com o desejo de torná-la um prolongamento direto de suas atitudes "na vida real", mas concedeu importante espaço ao que se poderia chamar com cautela de composição "desinteressada", antes afim ao tratamento dos temas em si mesmo compreendido do que ao uso das obras como instrumentos ou ecos do vivido.

De início, é curioso notar que também ele teve origens até certo ponto parecidas com as do Censor, ambos originários de famílias detentoras de propriedades sabinas (apesar de enraizar-se provavelmente na ordem eqüestre e não na plebe, como aquele).³ Pode-se ainda atribuir razoável destaque a seu meio familiar.⁴

Da fase da primeira juventude do autor, interessa ressaltar o contato direto com a realidade dos usos de sua região natal:⁵ como observamos, associava-se a ela na Antigüidade forte aura de tradicionalismo, atribuindo-se a seus habitantes uma espécie de *pietas* rústica em gradativo desaparecimento em outras partes da Itália. Os resquícios dessa vivência, por sinal, fazem-se sentir em várias das obras do autor (incluindo o *De re rustica*), de um modo identificado com a apresentação de detalhes vivos,⁶ a constituírem evocações fragmentárias do passado.

Em contraste com a rusticidade completa da infância e adolescência de Catão (e apesar das lacunas que nos impossibilitam conhecer todos os detalhes dos primeiros anos do autor de que nos ocupamos presentemente), sabe-se que Varrão pôde instruir-se jovem⁷ com o mais célebre gramático da época. Referimo-nos a Élio Estilão, cujos conhecimentos teóricos herdados dos estóicos se aplicaram sobretudo a certa "filologia" etimológica⁸ e às antigüidades de Roma.⁹

Tem-se nessa iniciação intelectual, portanto, uma explicação possível para a vinculação das especulações posteriores de Varrão, em tantos casos, à busca do passado longínquo de Roma: mesmo em suas obras especializadas, como o *De re rustica*, notamos com frequência a presença de desenvolvimentos temáticos afins a esse universo.¹⁰ A própria escolha do tema agrário e, como veremos, o modo de tratamento a ele conferido no *De re rustica*, significam até certo ponto a aliança do autor com as tradições romanas.

Tendo-se afastado de Roma durante os anos da ditadura de Sila, encontramos-lo nessa época completando sua educação em Atenas, sob a direção do filósofo eclético Antíoco de Ascalão.¹¹ Aos trinta e cinco anos, de volta a Roma para o retorno à vida pública¹² através do desempenho de uma série de cargos, pôde aliar às obrigações cívicas a dedicação ardorosa aos estudos eruditos.¹³

Como é sabido,¹⁴ a fase mais brilhante da vida pública dessa personagem corresponde aos anos em que se ligou por elos de amizade e aliança política a Pompeu Magno. Poder-se-ia mencionar, portanto, como impulso inicial de sua carreira, a composição das obras identificadas com a *Ephemeris naualis* e um opúsculo sobre a arte de bem desempenhar o consulado (*Isagogicum ad Pompeium*); em ambos os casos, os conteúdos mantêm vínculos estreitos com as necessidades de Pompeu, destinando-se, respectivamente, a instruí-lo para uma boa viagem marítima às Espanhas¹⁵ e ao sucesso numa função política que nunca desempenhara antes.¹⁶

Durante as guerras civis, com a eclosão definitiva do confronto entre César e Pompeu, Varrão (a princípio, ainda vinculado ao segundo) encontrava-se no comando da Espanha Ulterior. É bem conhecida a história da total entrega dessa província a César após ter recebido a notícia de seus recentes sucessos: o próprio general narra em seu *Bellum ciuile*, não sem ironia, que Varrão, naquele momento, *se quoque ad motus Fortunae mouere coepit*.¹⁷

Para um estudioso como Riposati, não haveria nesse gesto varroniano um sinal evidente de perfídia, mas algo que se coaduna com a prudência:

Amigo e conselheiro de Pompeu, devia aceitar tornar-se lugar-tenente na província da Espanha, onde, não obstante, aguardavam-no os mais dolorosos episódios até então vividos, onde o aguardava Farsália, que

marcou o fim do exército e do partido pompeiano, deixando também Varrão na perturbação mais desoladora. Mas a alta reputação de seu saber, seus sentimentos patrióticos, seu espírito de moderação e de sabedoria e seu respeito à autoridade da lei não só salvaram o prestígio de sua dignidade de magistrado romano, como ainda lhe deram um tom de independência e liberdade de ação, convencido de que, em tais circunstâncias, mais do que a homens, era preciso servir ao supremo ideal da pátria. Assim, passou-se a César porque viu nele naquele momento, como antes em Pompeu, o defensor supremo da ordem pública e da autoridade do Estado.

*Bem sei que uma certa crítica histórica, de marca e inspiração positivista, não poupou, de Drumann e Mommsen em diante, críticas e condenações à linha de conduta de Varrão, acusando-o de uma flexibilidade interesseira e de incoerência partidária. Mas quem conhece Varrão, que em todas as circunstâncias de sua vida, marcada pela mais equilibrada retidão moral, militou sempre sob as insígnias da legalidade e da ordem, não pode deixar de justificar seu comportamento político nesse doloroso episódio, diante do qual - foi bem observado há pouco - "fez seu exame de consciência; recordou-se de que fora impelido a essa guerra, que não desejava, violando seu senso de moderação. Eis porque, vendo arruinado seu partido, entrega a César tudo o que tinha em seu poder. Não se importa com o modo pelo qual César entrou em seu território, nem com que direito detém presentemente o poder; o importante é que agora César representa a ordem, a lei, a continuidade do domínio romano."*¹⁸

Também não se deve omitir que Varrão, partindo da Península ibérica, dirigiu-se imediatamente para o Epiro a fim de juntar-se aos demais pompeianos para a batalha final.¹⁹ Com a derrota dos exércitos do líder em Farsália, Varrão, tendo escapado com vida nessa ocasião funesta, seguiu para Corfu e a Itália, onde, proscrito pela primeira vez entre outros vencidos,²⁰ obteve a clemência de César e a honrosa nomeação para o cargo de diretor da biblioteca greco-latina de Roma.

Por fim, após o assassinato do ditador nos idos de março de 44 a.C. e a formação do segundo triunvirato, foi novamente envolvido nas proscrições em circunstâncias misteriosas: os motivos de tal perseguição e o responsável por ela, aliás, têm-se constituído em temas de debate desde a Antigüidade.²¹ Independentemente das dúvidas suscitadas em todos os que se dedicaram ao exame da questão, é preciso lembrar o fato de que Marco Antônio, responsável direto pelo primeiro confisco dos bens de Varrão, ainda era um homem forte da república romana no momento da segunda ocorrência; além disso, a riqueza e o prestígio recuperados por nosso autor poderiam parecer provocativos para seus antigos rivais.

Com isso, não pretendemos um impossível fechamento da discussão, mas tão somente apresentar pontos de especial interesse para seu "mapeamento". Afinal, parece-nos pessoalmente difícil imaginar que, com o desaparecimento do antigo protetor, não se tenha tentado alguma forma de represália contra os privilégios de que Varrão se vira dotado por sua vontade.

De qualquer modo, ele escapou da morte com a ajuda de um certo Quinto Fúfio Caleno, homem a serviço de Antônio,²² e, excepcionalmente homenageado em reconhecimento por seus méritos com a exposição pública de um busto em 38 a.C., pôde dedicar-se por completo à escrita das obras finais (em que se inclui o *De re rustica*) até sua morte, quase aos noventa anos.²³

No tocante ao vasto catálogo de suas obras, em sua maioria perdidas para nós,²⁴ importa destacar, além do *De re rustica*, o *De lingua Latina*, os numerosos volumes das *Antiquitates* humanas e divinas e as *Sátiras Menipéias*. Quanto ao *De lingua Latina*, tratava-se originalmente de uma obra em vinte e cinco livros, repartidos em três grandes seções relativas à *impositio uerborum* (ou seja, ao modo inicial de nomeação dos objetos em latim),²⁵ à morfologia²⁶ e à sintaxe do idioma em questão.²⁷ Nele, em conformidade com a "vanguarda" da discussão "lingüística" de sua época, o autor incorporou princípios teóricos e de análise oriundos de escolas filosóficas variadas, legando-nos, através dos livros conservados, uma fonte essencial para o conhecimento direto dessas especulações no mundo greco-romano.

As *Antiquitates*, por sua vez, incluindo-se no quadro dos demais trabalhos históricos do autor (com obras como o *De familiis Troianis* e o *De uita populi Romani*),²⁸ tratavam de

assuntos vinculados ao passado romano e aos cultos tradicionais, no último caso sob impulso dum gesto que tem sido interpretado enquanto tentativa de "salvação" da religiosidade pátria. Como se sabe, tolerantes com os cultos estrangeiros²⁹ (ou gradativamente cétricos),³⁰ os latinos foram pouco a pouco divergindo dos costumes dos *maiores* nesse setor da vida social; assim, ao apresentar copiosos dados concernentes aos usos genuinamente nacionais, Varrão contribuiu para evitar o esquecimento de práticas que ainda lhe pareciam indispensáveis à estabilidade da república.³¹

Por fim, antes de passarmos ao tratamento do *De re rustica*, deve-se relacionar as *Sátiras Menipéias* com a face filosófica de Varrão:³² trata-se de uma obra de juventude, cuja importância foi a introdução nas letras latinas de um gênero misto (em que se mesclavam a prosa e a poesia), destinado à iniciação ligeira do público romano na filosofia grega.³³ Desse modo, com as demais obras aqui examinadas de passagem ou apenas citadas, as *Sátiras* dão testemunho da prolificidade e da contínua inquietude intelectual de Varrão, *eruditissimus Romanorum*.³⁴

2) Aspectos compositivos do *De re rustica* varroniano

Diversamente de seu principal antecessor na literatura agrária romana, pode-se dizer que Varrão, ao compor o *De re rustica*, insere-se no seio de uma tradição genérica bem documentada: referimo-nos ao fato de que se tenha, nesse caso, adotado a forma do diálogo para organizar e dar corpo aos temas. Como é sabido, o mais remoto exemplo de um autor dedicado à composição segundo esse modelo é Platão, responsável pela escrita de importantes diálogos filosóficos como o *Hípias Menor*, o *Crátilo*, o *Górgias*, o *Sofista*, o *Político* e o *Timeu*. Não se deve com isso entender, como bem observa Calvo, que ele o tenha "criado" por si, mas sim, na falta de testemunhos anteriores (em se tratando de obras *integralmente* conservadas), que seus escritos são os primeiros "espécimes" do gênero legados à posteridade pela cultura antiga.³⁵

Ainda no contexto da literatura grega, importa mencionar a produção aristotélica, de que não se conservam obras intactas, mas apenas fragmentos. Tejera, assim, incluindo dois diálogos do autor na categoria de seus escritos "exotéricos",³⁶ oferece-lhes as características essenciais. No tocante ao *Eudemo*, tratar-se-ia, talvez, de uma espécie de retomada do

Fédon platônico, com semelhanças temáticas e diferenças argumentativas;³⁷ o *De filosofia*, segundo o mesmo estudioso, contava com três livros, respectivamente preenchidos pela história do "desenvolvimento ascendente" do ser humano, pelo tratamento da filosofia platônica e por suas próprias opiniões sobre a estrutura do universo.³⁸

Em Roma, o mais significativo autor a adotar a forma dialógica para compor suas obras foi, indubitavelmente, Cícero: vários dos escritos teóricos (como o *De oratore*, o *De re publica*, o *De legibus* o *De natura deorum*, o *De finibus*, o *Brutus*, o *De senectute*, as *Tusculanae disputationes*, o *Cato Maior*...) serviram-se dela, em evidente mostra de sua crença na eficácia "pedagógica" desse meio expressivo.³⁹ Embora não se pretenda entrar em detalhes a respeito dos temas e das particularidades formais de tais obras, julgamos necessário lembrar que Cícero, mantendo-se fiel à habilidade platônica no plano da elaboração literária dos textos (mesmo quando afastado do mestre pela presença de traços aristotélicos), obteve com sua composição um verdadeiro feito artístico, sem submeter a forma ao papel de mero veículo para transmitir os conteúdos intelectuais.⁴⁰

A menção a esses antecessores de Varrão convida-nos, antes de adentrarmos propriamente a abordagem do *De re rustica*, a explicitar o que se tem em geral compreendido pelas características dos diálogos platônicos e aristotélicos: afinal, trata-se dos dois grandes modelos sobre os quais se baseiam as "leis" do gênero na Antigüidade. A princípio, observamos a presença das personagens em interação verbal a respeito de um tema qualquer (técnico ou filosófico) enquanto eixo imutável de estruturação dessa categoria compositiva.⁴¹ Em outras palavras, a despeito das diferenças específicas, os diálogos sempre se constroem com base no tratamento temático realizado pela recorrência *direta* às palavras de seus participantes.

Somando-se de maneira específica a esse pressuposto básico, outros elementos vêm definir as ramificações genéricas a que nos referimos. Assim, Platão, vinculando-se sempre ao tratamento filosófico em seus escritos, passou de um modo de exposição "narrado"⁴² (inserindo o diálogo no contexto do relato duma conversação passada) a outro "direto" ou "dramático",⁴³ em que esse artifício é substituído tão somente pela presença imediata da interação verbal entre os participantes. Além disso, sem jamais pôr-se em cena como personagem, o filósofo delega aos demais a função de tomarem parte nos debates com maior ou menor preponderância: é o que se dá através do conhecido modelo em que

Sócrates questiona seus interlocutores a fim de introduzir, pela ironia e pela capacidade de silenciá-los, posições-outras a respeito dos temas.⁴⁴

Aristóteles, por outro lado, mantém do mestre a presença de interlocutores distintos em interação a fim de que se manifestem suas idéias, mas não hesita em pôr-se "em cena": passando a ser um participante direto, ele "domina" como protagonista (criticando sucessivamente as exposições seguidas dos demais) ou, de maneira "moderada", apenas surge como mais uma personagem.⁴⁵ Também se devem ressaltar a alternância de discursos extensos, que resultam em sínteses teóricas nos casos de seu "domínio", e a presença de prefácios a dividirem partes distintas das obras como importantes princípios de construção do diálogo aristotélico.⁴⁶

O modelo estrutural a que se vincula Varrão no *De re rustica*, deve-se dizer, corresponde sobretudo à forma aristotélica: os participantes de cada um dos três livros da obra (entre os quais sempre se conta o autor) não são direcionados por perguntas em suas exposições contínuas e, por vezes, longas, mas, ocupando-se a seu turno de especialidades teóricas variadas, dão curso aos dizeres até que os tenham esgotado. Convém, contudo, lembrar a esse respeito que, em contraste com os usos argumentativos nos autores helênicos a que nos temos referido, Varrão elimina sistematicamente a controvérsia dos horizontes de sua obra agrária:

Poder-se-ia esperar que uma tal apresentação dos fatos fosse justificada por um debate de idéias, pondo em cena várias concepções da economia rural e contrastando, por exemplo, os partidários da monocultura com os da policultura, os que apóiam as grandes propriedades com os que apóiam as pequenas, os defensores com os adversários do modo escravista de cultivo... Mas, de fato, não há nada disso: exceto a conversa geral que ocupa o começo do livro I e que diz respeito à definição da agricultura, os diálogos varronianos não contêm discussão verdadeira alguma: constituem uma obra dogmática e sistemática, onde todos os interlocutores estão de acordo entre si e onde os papéis são de alguma forma repartidos entre diversos "atores", cada qual desempenhando sua parte como um músico numa orquestra bem regida; nos livros I e III, há mesmo duas longas

*"conferências", dois monólogos ditos por homens ocupando a cena sozinhos e apenas interrompidos de tempos em tempos - formalmente - por alguma observação eventual de um ou outro companheiro; o livro II é um pouco diferente: não encontramos nele duas personagens roubando a cena e relegando as outras à sombra, pois todos os interlocutores estão dessa vez em pé de igualdade e tomam a palavra a seu turno, com uma intervenção por capítulo. Mas, enfim, em todos os casos, vemo-nos diante de apresentações e não de debates: há apenas a divisão do tema entre locutores diferentes; isso torna o ensino mais animado e, do ponto de vista pedagógico, tem seus méritos; mas é só um artifício expositivo, e pode-se lamentar que Varrão não tenha francamente cedido ao jogo do confronto ideológico ou, ao menos, técnico.*⁴⁷

Por outro lado, o autor, em concessão menor aos usos platônicos no gênero a que nos referimos,⁴⁸ adotou o procedimento de apresentar os diálogos sob a forma narrada: no prefácio inicial, ele se propõe relatar a Fundânia, sua esposa, "os diálogos sobre agricultura que tivemos há pouco";⁴⁹ no segundo e no terceiro prefácios, respectivamente dirigindo-se a Turrânio Níger e a Pínio, o mesmo se dá, já que, enquanto aqueles a quem é dedicado cada livro, constituem os ouvintes privilegiados dos *sermões* apresentados a seguir. Afastando-se, pois, do modelo platônico do diálogo "dramático" nesse ponto, Varrão favorece um certo olhar à distância para os acontecimentos literariamente mimetizados nas partes alheias aos prefácios: por definição, não seria possível contar algo ocorrido no instante mesmo em que se fala a seu respeito; assim, evitando a síntese *eodem tempore* do intercâmbio comunicativo entre as personagens e do fragmento do real ilusoriamente criado por sua ocorrência, optou-se aqui pelo artifício didático de apresentar os conhecimentos oferecidos enquanto resultados de uma suposta experiência vital do autor.⁵⁰

Isso dito, encontramos-nos em condições de afirmar que o *De re rustica*, composto segundo a forma dialógica (vindo cada livro a constituir um diálogo independente), organiza-se ininterruptamente de acordo com o padrão aristotélico, descontada a aquiescência supracitada a Platão. É importante dizer que a reunião numa única obra de três diálogos distintos constitui uma diferença da prática compositiva de Varrão quanto ao

observável, em geral, na produção dos filósofos gregos mencionados: dos exemplos a que nos referimos, apenas o *De philosophia* aristotélico se enquadra nesse molde; o mesmo, evidentemente, não se dá no caso da produção de Cícero, já que, em mais de uma ocorrência (caso do *De oratore* e das *Tusculanae*), o autor adotou a procedimento de reunir num só texto diálogos diversos.

Em contraste com um traço compositivo do *De oratore*, porém, Varrão modifica a cada livro não só os assuntos (correspondendo ao primeiro o tratamento da agricultura, ao segundo, o da pecuária de grandes e pequenos animais e, ao terceiro, o da criação diversificada na sede - de abelhas, peixes, aves ornamentais e alimentícias, lebres...), mas ainda a "ambientação", as datas de ocorrência, as personagens e, como observado acima por Gaillard e Martin na contraposição do segundo aos demais, o próprio modo construtivo do texto...

Ora, tem-se nessa preocupação em variar os elementos compositivos um inegável sinal do direcionamento da escrita para fins alheios ao meramente informativo: embora a fuga à monotonia seja por si mesma um artifício didático (já que, julgamos, evita-se assim a perda da atenção do leitor pelo cansaço), é preciso ressaltar elementos como a semelhança de alguns procedimentos construtivos dos diálogos varronianos com o universo criativo do teatro. Além da evidente afinidade da interação verbal direta entre as personagens com o modo constitutivo essencial dos textos dramáticos, o emprego de nomes agrupados por "zonas" (vegetal, pecuária ou da pequena criação) e evocativos das especialidades técnicas dos interlocutores representa um ponto de contato com a comédia.

Basta lembrarmos dos usos plautinos nesse domínio, com a adequação cômica dos nomes às características físicas ou psíquicas dos tipos: na *Cistellaria*, assim, a velha cortesã e sua filha são chamadas, respectivamente, de *Syra* ("a Síria", em rememoração de sua origem estrangeira e de sua antiga condição de escrava) e *Gymnasium* ("ginásio" ou "local para exercícios físicos"); no *Miles Gloriosus*, o protagonista, exemplo típico do covarde falador, é chamado *Pirgopolinices* ("que toma muralhas e cidades"); no *Pseudolus*, por fim, o protagonista (cujo nome coincide com o da peça e significa "o mentiroso") é um escravo a quem cabe, por meio de uma série de ardis, favorecer a conquista de uma mulher por seu amo...

Citando alguns dos exemplos varronianos, observamos que todos os participantes do primeiro diálogo, conforme o tema geral nele desenvolvido (a agricultura) são chamados em rememoração de aspectos dessa atividade: desse modo, Fundânio, o sogro de Varrão, deriva seu *nomen* da palavra latina *fundus*, "propriedade rural"; Ágrio e Agrásio, o primeiro um "cavaleiro romano e socrático", o segundo um "coletor de impostos", têm as raízes dos nomes em *ager* ("campo"); G. Licínio Estolão e Gn. Tremélio Escrofa, por sua vez, mantêm vínculos onomásticos com a designação do broto saído do caule no nível do solo (*stolo*, em latim) e os suínos (correspondendo *scrofa* a uma das denominações da porca nesse idioma); por fim, Varrão e Fundílio (o *aeditumus* ou "guarda do templo" de *Tellus*, responsável pelo convite dos demais a esse local mas ausente durante todo o diálogo) enquadram-se à sua maneira no mesmo padrão dos amigos por serem chamados de formas evocativas do "homem rude" (*uarro*, em latim) e, mais uma vez, de *fundus*. No segundo e no terceiro livros, sempre dedicados, como dissemos, à criação, ocorrem nomes como *Vaccius*, *Equiculus* (das palavras latinas *uacca*, "vaca" e *equus*, "cavalo"), *Merula*, *Pauo* e *Appius* (de *merula*, "melro", *pauo*, "pavão" e *apis*, "abelha").

Ainda a respeito dos nomes, é curioso notar que, no caso das passagens mais bem organizadas nesse quesito,⁵¹ prestam-se ao papel de elementos ordenadores do discurso técnico: com efeito, à semelhança dos dizeres introdutórios de seções no *De agri cultura* de Catão, a que, no capítulo anterior, chamamos "rótulos", indicam nelas os temas a serem desenvolvidos pelos interlocutores. Dessa maneira, surgindo no texto em meio às falas dos participantes, demonstram ao leitor a harmonização operada na escrita através da correta divisão dos assuntos entre os mais recomendados "especialistas" e, com os demais elementos (de fundo temático), acabam por delimitar partes exclusivas no corpo da obra.

Quanto ao fator de variação construtiva identificado com a mudança da "ambientação", também nos parece que as analogias com o universo da criação teatral são possíveis. Devemos esclarecer que, por esse termo, não nos referimos apenas à alternância dos espaços físicos em que se passa cada diálogo, mas a algo a que se agregam outros fatores: trata-se de uma espécie de "atmosfera" evocada pela própria seleção temática, pelas associações ideológicas passíveis de ocorrerem em cada caso (vinculando-se a agricultura sobretudo ao modo de vida "honesto" dos *maiores*, a pecuária em larga escala à "nova" riqueza daqueles dedicados a ela e as criações de pequenos animais ao requinte urbano),

pelos próprios nomes das personagens, pelos acontecimentos sociais em que se inserem os diálogos como quadros numa moldura...

Sabemos que, na comédia latina,⁵² havia algumas situações repetidamente presentes nas peças: trata-se, como é conhecido para o leitor do gênero, das pequenas crises domésticas, das intrigas passadas no mundo da prostituição, dos encontros resultantes do desfecho de mistérios...⁵³ Correspondia a alguns desses desenvolvimentos uma série de traços que, em geral, não esperaríamos encontrar reunidos em outros; na *Aulularia* plautina, identificada com o universo das crises familiares (com a gravidez indesejada de uma adolescente como resultado da embriaguez de seu vizinho durante as festas de Ceres), então, tem-se elementos vinculados à domesticidade, a exemplo da casa paterna da moça como cenário da trama, dos escravos familiares, do importante papel desempenhado pelo deus Lar para a revelação do segredo dos avós, dos eventos muitas vezes banais surgidos com o desenrolar da peça...

O mesmo não se dá no *Poenulus*, em que a intriga, vinculada à desgraça de duas moças bem-nascidas nas mãos de um *leno* (agenciador de cortesãs) e, por fim, libertas após o reconhecimento de sua identidade pelo próprio pai, condiciona que deparemos um mundo com características bem distintas daquele: referimo-nos ao plano experiencial do comércio de escravos, da prostituição e do crime na Antigüidade, com sua carga emotiva característica.

Assim, constatamos um efeito semelhante no *De re rustica* varroniano pelos motivos referidos acima, de um modo simultaneamente compatível com a harmonia (no contexto interno de cada livro) e o contraste (considerando o todo da obra) de "tons". Tomando como exemplo a questão do espaço físico em que se passam os diálogos, nota-se o desenrolar do primeiro no templo de *Tellus* (a deusa Terra dos latinos), o do segundo, devido a uma lacuna no texto, num local desconhecido, e o do terceiro numa *uilla publica* situada em Roma, no Campo de Marte. Ocorre, com a escolha do primeiro e do terceiro local (o mesmo se daria com o segundo?), que o autor procurou harmonizar o assunto com os espaços físicos em que se reúnem os interlocutores de cada diálogo: no caso do livro I, é evidente que o templo dessa divindade (e a ocasião do banquete sagrado no tempo das *Feriae sementivae*, data tradicional do calendário agrícola romano) corresponde com eficácia aos intentos do autor de bem situar os convidados; quanto ao terceiro, apesar do

artificialismo motivado pela associação entre uma *uilla urbana* e o assunto da criação de pequenos animais nas *uillae rusticae*, não se pode deixar de dizer que a destinação dos itens de consumo assim obtidos à venda nas cidades (trata-se de produtos de luxo) contribui em parte para aclimatar o tema ao contexto.

Parece-nos que se poderiam ainda incluir entre os elementos de variação do *De re rustica* outros fatores, também eles relacionáveis ao teatro:

*Dito isso, os três diálogos varronianos constituem um autêntico feito literário: são verdadeiras comédias, com entradas e saídas imprevistas, notícias trazidas de fora, às vezes mesmo lances teatrais; os interlocutores têm nomes engraçados, em relação com a agricultura ou a criação; rivalizam nas brincadeiras, ridicularizam-se mutuamente: o mais completo bom humor não deixa de reinar, e a descontração desses diálogos faz um contraste espantoso com a aridez das demais obras latinas de agronomia.*⁵⁴

A sobreposição do assunto técnico (e, decerto, árido para a sensibilidade do público letrado) e dos fatores de atenuação elencados pelos críticos, pois, resulta diminuidora do efeito de "gravidade" do texto: tudo se dá, nesse sentido, de uma maneira favorável à ruptura momentânea das "lições" das personagens, permitindo-se que os olhos do leitor descansem do que os viera absorvendo até então. É importante dizer que esse tipo de variação,⁵⁵ diversamente do que se dava com as demais formas de sua ocorrência a que nos referimos acima, não se faz de modo exclusivo, ou seja, apenas visível pelo contraste entre partes ou livros distintos: trata-se de algo que permeia saborosamente cada um dos três diálogos, vindo conferir seu toque de leveza ao que, em outras circunstâncias, poderia passar por desprovido de atrativos.

Como comentário adicional a respeito da face "dramática" dos *sermões* varronianos, julgamos de interesse fazer uma crítica à sua estruturação no tocante ao aspecto da verossimilhança: seria de fato concebível que amigos, encontrando-se em ocasiões informais, viessem a comportar-se como quem desse (ou recebesse) lições sobre técnicas agrárias? Não nos referimos aqui ao fato, mais facilmente aceitável, de que a

conversa eventualmente recaísse sobre esses temas, mas sim à presença de um desenvolvimento sistemático (e, até certo ponto, exaustivo) dessas questões.⁵⁶

Muito além da extensão e do relativo detalhamento das falas, julgamos, contribui para o artificialismo dos diálogos o sistema de divisões meticulosamente posto em prática por Varrão. Em adoção desse sistema expositivo, que tem sido vinculado a certos usos filosóficos,⁵⁷ o autor estabeleceu para cada diálogo uma espécie de grade de desenvolvimento temático⁵⁸ a que se ajustam, curiosamente, todos os locutores, como se estivessem de pleno acordo a respeito dos itens a serem tratados no âmbito de cada grande domínio da economia rural (e, assim, oferecessem suas contribuições pessoais a fim de bem preenchê-la em conjunto). A grade chega à perfeição no livro II, em que não falta mesmo a total simetria numérica na distribuição dos tópicos:

O livro II, por exemplo, repartiu a "res pecuaria" em três grandes partes, gado miúdo, gado grande e "gado" improdutivo (mulos, cães e pastores), mas cada uma dessas partes é subdividida em outras nove, quatro de compra, quatro de criação e uma que, concernente ao número das cabeças de gado, é comum às precedentes: no total, oitenta e uma subdivisões. A importância de tal classificação é tal aos olhos de Varrão que ele lhe dedica seu primeiro capítulo (2, 1, 11-28): Tremélio Escrofa, invocado como especialista supremo, considera que seu papel se coaduna antes de tudo com expô-la. Depois, quando a consideração foi assim delimitada (2,2,1: "limitata est pecuaria quaestio"), deixa aos demais a incumbência menor de preencherem esses quadros traçados "a priori".⁵⁹

Outro aspecto relacionado à espontaneidade construtiva dos diálogos diz respeito à questão da linguagem empregada por Varrão para exprimir os conteúdos técnicos nas situações de comunicação informal a que nos referimos: afinal, se nos vemos diante do registro de "conversas", seria esperado que algo da língua quotidiana viesse impor suas marcas sobre a diction das personagens nelas envolvidas...

De um modo favorável à constatação desse efeito, têm-se apontado traços lingüísticos afins aos usos do *sermo cotidianus* (o latim falado diariamente pelos romanos,

desprovido de maiores restrições normativas) na tessitura compositiva do *De re rustica*: E. de Saint-Denis, num minucioso estudo sobre o tema, discriminou os recursos estilísticos e sintáticos empregados pelo autor e que lhe parecem corresponder a essa variedade do idioma.⁶⁰

De início, observando o fato de que, como afirmamos acima, Varrão constrói os *sermões* de modo "descontraído" (com interrupção das "lições" por acontecimentos variados, presença do humor e dos jogos de palavras, rememoração de acontecimentos atinentes à experiência "vital" dos participantes...), o crítico menciona a ausência da estruturação oratória cerrada mesmo nos momentos de maior cumprimento da função informativa do texto, isto é, naqueles sobretudo identificados com a densa transmissão de saberes.⁶¹

No plano dos usos lingüísticos propriamente ditos, essa "tonalidade" do discurso, justamente favorecedora da proximidade com o latim coloquial (ou técnico?), realiza-se pelas elipses conjuncionais e do sujeito,⁶² pelas anástrofes de conjunções, pronomes relativos e interrogativos,⁶³ pelas construções "frouxas",⁶⁴ pelas anáforas, compreendidas enquanto reforços do dizer,⁶⁵ e pelos anacolutos.⁶⁶ Por outro lado, em se tratando dos fatores por ele inequivocamente associados à coloquialidade, ter-se-iam as elipses de substantivos,⁶⁷ os pleonasmos e redundâncias,⁶⁸ os casos de zeugma,⁶⁹ a silepse de número⁷⁰ e a de gênero,⁷¹ a retomada do antecedente do pronome relativo na oração adjetiva,⁷² a omissão do mesmo antecedente⁷³ (ainda que preposicionado),⁷⁴ a mera justaposição de sujeitos,⁷⁵ o uso do acusativo proléptico⁷⁶ e do ablativo sem preposição,⁷⁷ a "desobediência" à *consecutio temporum*,⁷⁸ a parataxe,⁷⁹ o emprego do gerúndio pelo gerundivo,⁸⁰ a preferência pelas perífrases (ao invés do superlativo de adjetivos e advérbios),⁸¹ certos usos preposicionais⁸² e conjuncionais.⁸³

Não se deve, porém, restringir ao terreno da coloquialidade a única fonte de que o autor hauriu os traços de linguagem encontrados no texto: desde o clássico estudo de Norden,⁸⁴ têm-se apontado eventuais recursos no *De re rustica* cuja procedência parece identificar-se com uma certa estilização retórica. Dessa maneira, o emprego de frases curtas e incisivas (sem, portanto, o desenvolvimento complexo de períodos),⁸⁵ a *concinnitas* perceptível em algumas passagens⁸⁶ e a recorrência às figuras de elocução (com especial

destaque para os quiasmos)⁸⁷ corresponderiam, talvez,⁸⁸ à herança de usos codificados pela oratória.

Como as observações supracitadas devem ter feito notar, convém entender sua escrita como uma espécie de mescla, cujas faces menos ou mais elaboradas (nesse caso, com a participação restrita a certos trechos) se combinam de maneira nem sempre harmônica. Também é preciso ressaltar que o coloquialismo (ou o arcaísmo) de sua linguagem, como comprovam os numerosos paralelos entre ele e um Plauto ou um Cícero das *Epístolas*,⁸⁹ difundindo-se em tantos níveis e por tantas passagens da obra, contribui para conferir aos diálogos um tom afastado do completo refinamento estilístico.

Em meio a esses fatores (ou mesmo aos sérios problemas que os hábitos compositivos do autor oferecem à perspicácia dos filólogos),⁹⁰ por fim, não faltam observações a respeito das tentativas de apuro em sua escrita. J. Heurgon, num estudo especificamente voltado ao acompanhamento dos passos de Varrão na elaboração do estilo, propôs uma série de pontos cuja presença considera indicadora da fuga à completa negligência.

Entre eles, interessa citar as restrições ao absoluto predomínio da repetição,⁹¹ a prosopopéia⁹² e a importância concedida às palavras. No último caso, conscientes do gosto do autor pelo ramo da gramática antiga identificado com a etimologia, não nos devem surpreender suas paradas "microscópicas" sobre os vocábulos a fim de explicá-los, demonstrar seus elos longínquos com outros, comentar pormenores culturais evocados por alguns deles...⁹³

Em comparação com a linguagem do *De agri cultura*, nota-se que os motivos das limitações do autor no tocante à prática compositiva são outros: naquele caso, como esclarecemos no capítulo antecedente, a preocupação quase que única com a utilidade das palavras (realizada no plano lingüístico através da recorrência insistente a todos os usos afins à transmissão de comandos) adaptava o texto ao papel de um suporte para acolher conteúdos. Não se trata, porém, do que temos descrito no *De re rustica* varroniano, já que, aqui, apesar dos esforços do autor para alçar o nível da preceituação ao plano literário,⁹⁴ permanece a impressão de uma certa falta de acabamento.

Tal "incompletude" do empreendimento literário, há que se lembrar, ocorre não só no plano estrito do agenciamento dos recursos para compor frases e parágrafos, mas ainda,

conforme anunciamos, quanto à adaptabilidade da obra aos patamares mais bem sucedidos de gêneros como o dialógico e o cômico. Além da já comentada artificialidade estrutural dos *sermones* varronianos, motivada pela distribuição conteudística num intrincado esquema de divisões e subdivisões sucessivas, poder-se-iam talvez dizer "defeitos" da prática compositiva do autor no plano genérico o caráter pouco espontâneo dos gracejos feitos pelos interlocutores,⁹⁵ um certo empobrecimento de sua caracterização pelo fato de que, quase sempre, definam-se sem muitos matizes psicológicos,⁹⁶ sobretudo ao se interessarem por ramos distintos das técnicas agrárias (e poderem falar sobre eles com autoridade) e, por que não, a ausência da pluralidade teórica...⁹⁷ No tocante ao último aspecto, basta lembrar a força argumentativa encontrada nos diálogos platônicos, em que se utilizou a própria possibilidade da existência de opiniões muito distintas sobre os mesmos assuntos como base para a construção dos juízos de Sócrates.⁹⁸

Feitas essas ressalvas ao *De re rustica*, passaremos em seguida a comentar a conformação particular do gesto instrutivo de Varrão, buscando apontar-lhe os "avanços" e a diversificação diante do outro modelo considerado. Como se explicitou desde o início, a produção varroniana deve ser compreendida enquanto algo essencialmente vinculado à erudição: tendo-se interessado por uma multiplicidade de temas e adquirido vastos conhecimentos relativos a eles no contato constante com as obras de autores gregos e latinos, o autor pretendeu, com o espírito de um ardoroso divulgador, organizá-los em textos de sua lavra e oferecê-los público romano.

Ora, sendo esse o cerne das iniciativas intelectuais do escritor, é evidente que não poderíamos desconsiderar o peso da erudição no plano compositivo do *De re rustica*; assim, ela se faz sentir na obra de nosso interesse não só pelas claras citações ou empregos de saberes oriundos de outros autores, mas pela própria postura de ensinamento adotada para sua transmissão. Observamos, em outras palavras, que Varrão se afasta de diversas maneiras do modo preceituador encontrado na escrita do *De agri cultura*, contribuindo para a funcionalidade dos dados não só no aspecto prático de guias imediatos de consulta, mas também no de, ao integrarem uma exposição que se pretende exaustiva (no tocante aos traços gerais de cada um dos grandes domínios tratados), constituintes necessários de um corpo de saberes organicamente compreendido.

Isso significa que ele, ao pretender instruir, pôs em destaque a compreensão de cada parte no quadro abrangente das demais, sem descuidar em cada livro da coerência (ou, no caso do mais bem ordenado deles - o segundo -, do absoluto rigor organizacional) do conjunto. Assim, mais do que o mero preceituar, o organizar, o descrever e o mostrar identificam-se com o modo educativo de Varrão, podendo-se ver neste seu gesto "pedagógico" uma pátina de refinada civilidade que não se encontrava no correlato catoniano: a própria composição sob a forma dialogada, independentemente dos usos que se faça do conteúdo (mesmo prático, como não poderia deixar de ser num caso como o do *De re rustica*), já não corresponde a uma forma de apresentação valorizadora do que se tem a dizer por sua tradição e respeitabilidade?

O contato com o texto revela que, pela maior generalidade do modo de abordagem dos conteúdos (evitando o autor ater-se excessivamente aos pormenores), ocorre a produção do efeito "intelectualizante" a que nos temos referido. Há que se ter em mente, dada a natureza do tema que deparamos nesse texto (técnico e, ademais, passível de recair em pequenas minúcias de todo desprovidas de "nobreza" por seu caráter cotidiano e puramente material), que não seria eficaz buscar conferir-lhe a respeitabilidade intelectual pela multiplicação de detalhes periféricos. O testemunho das próprias personagens varronianas, por sinal, oferece indícios da rejeição a essa prática compositiva, recaindo as críticas, por vezes, justamente sobre Catão:

*Multa, inquam, item alia miracula apud Sasernas inuenies, quae omnia sunt diuersa ab agri cultura et ideo repudianda. Quasi uero, inquit, non apud ceteros quoque scriptores talia reperiantur. An non in magni Catonis libros, qui de agri cultura est editus, scripta sunt permulta similia, ut haec, quem ad modum placentam facere oporteat, quo pacto libum, qua ratione pernas sallere? Illud non dicis, inquit Agrius, quod scribit, "si uelis in conuiuio multum bibere cenareque libenter, ante esse oportet brassicam crudam ex aceto aliqua folia quinque."*⁹⁹

Eu disse: "Muitos prodígios mais encontrarás nos Sasernas que, sem exceção, são estranhos à agricultura e por isso devem ser rejeitados." "Como

se," ele disse, "também nas obras de outros escritores tais conselhos não fossem encontrados. Acaso no livro agrário publicado pelo grande Catão não foram escritas muitas passagens semelhantes, por exemplo sobre como fazer a *placenta*,¹⁰⁰ como fazer o *libum*¹⁰¹ e como salgar os pernis?"¹⁰² "Tu omites aquilo," disse Ágrio, "que ele escreve: 'Num banquete, se quiseres beber muito e jantar à vontade, é preciso comer antes umas cinco folhas cruas de couve com vinagre.'"¹⁰³

Como se nota pelo conteúdo dessa passagem, em que, pelas restrições aos procedimentos de abordagem técnica de autores do passado (os Sasernas, pai e filho, e Catão), os interlocutores procuram estabelecer os limites do que discutirão, o autor dá mostras de seletividade temática. Importa aqui considerar que tal crítica se dá no contexto de uma espécie de ridicularização¹⁰⁴ leve à falta de critério dos antecessores (em que pese ao reconhecimento da importância dos feitos do Censor, chamado "grande", sem ironia, por Estolão), de um modo favorável à relativização do valor de suas obras diante do que pretendem oferecer-se mutuamente como resultado teórico do primeiro diálogo.

Também a preocupação em definir os termos com clareza constitui um evidente exemplo do refinamento da prática compositiva: como exemplifica a menção à agricultura com o sentido restrito de toda produção *nascida da terra* para os lucros do senhor,¹⁰⁵ trata-se de estabelecer desde o início o universo conceitual que se estará abordando em seguida, num gesto afim a um princípio organizador cujos propósitos mantêm vínculos com a fuga à imprecisão ou à falta de pertinência dos tópicos.

O refinamento da "pedagogia" varroniana ainda pode ser apontado em fatores como o alargamento dos temas e a maneira de tratá-los. Desse modo, nota-se que, ao invés de simplesmente compor um panorama abrangente das atividades associáveis à vida rural (conforme havia no *De agri cultura* com a distribuição dos capítulos entre tópicos variados - relativos ao cultivo, à engenharia, à medicina humana e animal, à magia e à religião, à culinária...), o autor chega a modificar o prisma de análise das questões e a inserir abordagens afastadas da face utilitarista do preceituar. O prefácio do livro segundo da obra, com sua reconhecida elaboração formal segundo os ditames do gênero epidítico da

retórica¹⁰⁶ e a própria erudição dos conteúdos, exemplifica com clareza essa particularidade de Varrão no tratamento do universo agrário.

Nessa passagem, que se pode dividir em duas partes (correspondendo a primeira ao elogio do modo de vida dos antigos romanos, ainda proximamente vinculados à lida da terra, e a segunda, diante do avanço da pecuária sobre a agricultura em sentido estrito, à proposição de uma espécie de aliança entre ambas as atividades referidas), abrem-se os horizontes para a discussão histórico-social e econômica. Assim, contrapondo na parte inicial as virtudes dos antigos (cujos corpos e ânimos se exercitavam naturalmente e de maneira produtiva nos trabalhos rurais) à indolência dos contemporâneos, dedicados a algum "exercício" apenas na medida em que se entregam à ginástica ou ao luxo nos vários ambientes de importação grega elencados (*procoetion*, "ante-sala", *palaestra*, "sala de exercícios", *apodyterion*, "vestiário", *peristylon*, "galeria de colunas", *ornithon* "viveiro de pássaros", *peripteros*, "pérgula" e *oporothea*, "fruteiro"), o autor opera uma espécie de contraste entre duas épocas históricas distintas.

É fundamental atentar no exame desse segmento para o fato de que, muito além da simples mobilização de lugares-comuns vinculados à tópica tradicional das *laudes ruris*, Varrão dá mostras reais de seus saberes a respeito de ambas as situações postas em confronto: correspondem a eles a menção ao "calendário" vital dos antigos, aos próprios elementos arquitetônicos citados há pouco (conformados, aliás, ao gosto erudito pelas listagens), à nova proveniência geográfica dos itens de consumo e às origens de Roma numa comunidade de pastores.

Quanto à segunda parte, em que, como dissemos, o foco de interesse é deslocado para o âmbito da inserção da pecuária no quadro geral das atividades agrárias da Itália, importa considerar uma certa tentativa de minimizar a disparidade entre o passado e o presente. Em outras palavras, ressaltando a princípio a retração da agricultura diante da grande pecuária extensiva de sua época e o fato de que, nos velhos tempos, mesmo os pastores ensinavam aos filhos o cultivo, Varrão indica depois alguns pontos de contato entre essas modalidades econômicas (a exemplo, de que os bois trabalhem a terra dos agricultores e de que o esterco seja indispensável para o sucesso do plantio), numa postura francamente conciliadora da tradição com a mudança.

No todo, resulta uma imagem do autor não apenas sob a marca da erudição, mas ainda da flexibilidade, já que, apesar de algumas "arestas" em seus argumentos (relativas a pontos em conflito entre si, como no caso da apresentação do avanço da pecuária sobre a agricultura enquanto fruto da *cobiça* dos contemporâneos e do posterior *incentivo* à criação enquanto algo rendoso), não é impossível entender-lhe as idéias: trata-se, julgamos, de louvar o passado em sua face idealizada de sanidade moral sem, contudo (e apesar da nostalgia pelo que se perdeu), deixar de ter clara consciência de que os tempos são outros e é prudente fazer-lhes algumas concessões.

A passagem imediatamente posterior do texto, em que, tendo-se dado início ao diálogo propriamente dito, a personagem de Varrão expõe a origem e a dignidade da pecuária, também se presta, a seu modo, a variar o prisma expositivo desse tema. No tocante às origens históricas da criação de animais, deve-se dizer que ele, vinculando-se às concepções do peripatético Dicearco a respeito da evolução cultural da humanidade por etapas sucessivas de aperfeiçoamento, atribui à pecuária a segunda posição nessa escala, posterior apenas à fase da coleta dos frutos produzidos pela terra sem intervenção alguma; dessa maneira, correspondendo a agricultura ao estágio seguinte, a criação adiantou-se cronologicamente a ela.

Referindo-se ainda à persistência relativa de traços dos estágios anteriores nos subseqüentes, Varrão observa que em sua época, a despeito da ultrapassagem cronológica da segunda posição da escala cultural de Dicearco, ainda se encontravam em curso práticas oriundas de outras fases: o próprio vigor da pecuária, por sinal, exemplifica esse fenômeno. Além disso, considerando a domesticação no que tem de transformadora da plena espontaneidade de fruição dos recursos naturais, aponta a existência intocada de espécies selvagens em várias partes do mundo (os carneiros da Frígia, os bodes de Samotrácia e das montanhas da Itália, os javalis, os bois da Dardânia, da Médica e da Trácia, os onagros da Frígia e da Licaônia e os cavalos da Espanha Citerior) enquanto elo de união entre o mais remoto período de interação do homem com o meio e aquele em que se insere a sociedade em seus dias.

Na abordagem da dignidade da pecuária (vinculando-se, portanto, ao intento de justificar com plenos direitos essa atividade diante dos ataques passíveis de ocorrerem em seu detrimento por parte dos tradicionalistas, conforme vimos ao discutir o prefácio desse

mesmo livro), Varrão, dando mostras de uma erudição ainda mais vasta, fundamenta a importância do afazer na cultura grega e latina desde tempos recuados, recorrendo a dados de natureza distinta. Assim, indica exemplos de homens célebres do passado cuja ocupação coincidiu com o pastoreio (caso de Rômulo e Remo), relembra eventos míticos em que o fator da criação desempenha papel importante (a exemplo da viagem dos Argonautas em busca do velocino de ouro e da "importação" de bodes e carneiros da África para a Grécia por obra de Hércules), oferece uma etimologia para a palavra *balare* ("balir") por derivação onomatopaica, evoca os nomes das constelações do Zodíaco cujos vínculos com as espécies são conhecidos de todos, enumera dados toponímicos (vinculando o nome da Itália à palavra *uituli*, "novilhos", o do monte *Taurus*, na Síria, ao touro e o da cidade grega de *Hippios Argos* a *i(/ppoj)*), práticas culturais (como a *Parilia*, festa tradicional do calendário antigo realizada a cada vigésimo primeiro dia de abril, e o sacrifício purificador da *suouetaurilia*) e cita elementos da antroponímia latina, tantas vezes próxima das origens agrárias dos romanos (com *nomina* como *Porcius*, *Quinius*, *Caprilus*, *Equitius*, *Taurus* e *Asinius*).

No tocante à elaboração estilística dessa passagem, a análise formal de uma de suas partes por Traglia oferece-nos claros indícios para o entendimento do fator dos procedimentos compositivos mobilizados por Varrão com vistas à melhoria elocutória nos momentos mais bem cuidados da escrita do texto:

De antiquis illustrissimus quisque pastor erat, ut ostendit et Graeca et Latina lingua et ueteres poetae, qui alios uocant polyarnos, alios polymelos, alios polybutas; qui ipsas pecudes propter caritatem aureas habuisse pelles tradiderunt, ut Argis Atreus quam sibi Thyesten subduxe queritur; ut in Colchide ad Aetam, ad cuius arietis pellem profecti regio genere dicuntur Argonautae; ut in Lybia ad Esperidas, unde aurea mala, id est, secundum antiquam consuetudinem capras et oues, Hercules ex Africa in Graeciam exportauit. Ea enim a sua uoce appellauerunt "mela". (...) Nonne in terris multa, ut oppidum in Graecia Hippios Argos? Denique non Italia a uitulis, ut scribit Piso? Romanorum uero populum a pastoribus esse ortum quis non dicit? Quis Faustolum nescit pastorem fuisse nutricium, qui Romulum et

*Remum educauit? Non ipsos quoque fuisse pastores obtinebit, quod Parilibus potissimum condidere urbem?*¹⁰⁷

"Entre os antigos, todo homem de destaque era pastor, como demonstram a língua grega, a latina e os poetas arcaicos, que chamam a uns de "ricos em carneiros", a outros de "ricos em rebanhos" e a outros de "ricos em bois"; eles mesmos disseram que o gado, pelo valor, tinha o pêlo dourado, como aquele de que, em Argos, Atreu se queixa de ter sido privado por Tiestes; como o carneiro em busca de cuja pele os Argonautas, conta-se, partiram numa expedição para a corte de Eeta, na Cólquida; como na Líbia, junto às Hespérides, donde Hércules levou da África para a Grécia *mala* dourados, ou seja, cabras e ovelhas pela antiga denominação. Chamaram-nas, em sua língua, de *mela*. (...) Não deram acaso esses nomes a muitos lugares da Terra, como a cidade grega de *Hippios Argos*? Enfim, segundo Pisão, não provém *Italia* de *uituli*? Quem não conta que o povo romano teve sua origem nos pastores? Quem não sabe que Fáustulo foi o pastor responsável pela criação de Rômulo e Remo, tendo-os educado? Não provará ainda que eles mesmos foram pastores o fato de terem fundado a Cidade exatamente nas Parílias?"¹⁰⁸

O crítico, assim, menciona a ocorrência de três frases breves introduzidas pela mesma conjunção *ut* ("como") numa certa justaposição de imagens vinculadas a dados eruditos distintos, de duas séries tricólicas - sindética e assindética - identificadas com *et Graeca et Latina lingua et ueteres poetae* e *alios uocant polyarnas, alios polymelos, alios polybutas*, da clareza e da *concinnitas*. No último caso, o recurso citado se deve, naturalmente, à disposição calculada dos termos, inclusive com a obtenção de efeitos rítmicos codificados pela oratória.¹⁰⁹ Por fim, na passagem posterior, as várias interrogações retóricas reforçam a expressividade ao pressuporem sem exceção respostas afirmativas que vêm confirmar a razão do "palestrante".

Referindo-nos agora a um trecho do texto vinculado à face "filológica" desse autor, passaremos ao breve comentário do observável no capítulo I XLVIII. Nele, com efeito,

deparamos uma série de procedimentos oriundos das preocupações do "gramático", como a etimologia, no sentido antigo do termo,¹¹⁰ a explicação vocabular através das paráfrases¹¹¹ e o próprio registro de palavras raras por sua tecnicidade ou desuso. Correspondem tipologicamente ao primeiro desses fatores as etimologias de *gluma* ("casca") a partir de *glubere* ("descascar"), "pois o grão é descascado desse envoltório", a de *arista* ("aresta") a partir de *arescere* ("secar"), pois "é a primeira a secar", a de *granum* ("grão") a partir de *gerere* ("gerar"), "pois o cereal é plantado para que a espiga o produza, não para que produza a casca ou a aresta" e a de *spica* ("espiga") a partir de *spes* ("esperança"), "pois a plantam na esperança de que brote".

Quanto à elucidação de termos, há que se destacar sua dupla função no trecho considerado: além, obviamente, de se prestar a guiar os leitores diante das especificidades concretas do mundo agrário (inclusive, de acordo com a natureza do tema, no aspecto "científico" da morfologia vegetal), existe aqui, como dissemos, algo afim ao ofício do erudito. Devemo-nos lembrar de que estamos diante de um autor culto falando a um público, se não tão instruído quanto ele, no mínimo preparado para aproveitar do contato com os diálogos pontos que ultrapassam largamente o lado prático das questões.

Dessa maneira, como não imaginar que nesses momentos, em evidente mostra de sua capacidade para tratar do assunto com perícia, Varrão ofereça ao leitor a oportunidade de apreciá-lo também no tocante à destreza no manejo do discurso técnico? É o que se dá com a explicação das sucessivas partes dos frutos dos cereais:

In segetibus frumentum quo culmus extulit, spicam. Ea quae mutilata non est, in hordeo et tritico, tria habet continentia, granum, glumam, aristam et etiam, primitus spica cum oritur, uaginam. Granum dictum quod est intimum soldum; gluma qui est folliculus eius; arista quae ut acus tenuis longa eminet e gluma, proinde ut grani apex sit gluma et arista. Arista et granum omnibus fere notum, gluma paucis. Itaque id apud Ennium solum scriptum scio esse in Euhemeri libris uersis.

"Mas, nas searas, aquilo com que a haste produz cereais é a espiga. A que está inteira tem três partes na cevada e no trigo: o grão, a casca, a aresta e

também, logo que a espiga nasce, a bainha. Chama-se de grão o que fica mais no interior e é sólido; de casca, o que é seu envoltório; de aresta, o que é como uma agulha fina e longa e sai da casca, assim como a crista do grão é a casca e a aresta. A aresta e o grão são conhecidos quase por todos, mas a casca [*gluma*] por poucos. E assim, só vi a palavra escrita em Ênio, nos livros traduzidos de Evêmero."¹¹²

Como se nota pelo conteúdo da passagem transcrita, Varrão ofereceu explicações concisas (e muito eficientes) para quatro dos componentes da espiga, furtando-se a fazê-lo apenas no que se refere ao termo *uagina* ("bainha"), não especificado aqui com maiores detalhes. Nesse percurso, parecem-nos destacar-se sobretudo os procedimentos de localizar cada componente em relação aos demais e de comparar as partes da planta (obviamente, diminutas e não tão chamativas em si mesmas para a atenção dos que as observam) com outros objetos do mundo natural ou humano, a exemplo do que vemos com a aproximação da aresta com uma "agulha fina" e do todo da aresta e da casca com uma "crista" (ou "topo"), já que, "coroando" o grão, aproxima-se de fato de um arremate superior.

Também surpreendemos na frase final desse trecho a citação erudita a Ênio tradutor de Evêmero, a quem se atribui, possivelmente, a introdução do vocábulo técnico *gluma* ("casca") na língua latina. Esse pequeno detalhe, deve-se dizer, já basta para conferir à escrita varroniana um aspecto caracteristicamente associável a ela e, no confronto com as obras dos demais "agrônomos" latinos considerados neste trabalho, único: trata-se da óbvia exposição ao leitor de algo como os bastidores do trabalho intelectual de elaborar o texto.

Como é sabido, os conhecimentos transmitidos ao público pelo escritor derivam em parte da assimilação das obras de outros: os testemunhos antigos, por sinal, confirmam-lhe a posse de uma rica biblioteca particular,¹¹³ em que, cogitamos, deveriam incluir-se muitos volumes relacionados ao tema agrário (como os trabalhos de Aristóteles sobre as plantas e animais e, evidentemente, os de Teofrasto, seu discípulo e continuador no campo da botânica). Ao citar Evêmero por via indireta, pois, Varrão descortina por instantes aos olhos do público a fase da criação literária condizente com os momentos anteriores à *mise-en-oeuvre*, tornando-nos informados não só de uma de suas fontes no aspecto do vocabulário técnico, mas ainda do modo exato como se apropriou dela.

Por fim, como último desses procedimentos "filológicos", deve-se mencionar a citação de dois termos raros de agricultura, para os quais também se oferecem explicações que vêm desfazer a obscuridade da referência:

*Illut autem summa in spica iam matura, quod est minus quam granum, uocatur frit; quod in infima spica ad culmum stramenti summum item minus quam granum est, appellatur urru.*¹¹⁴

"Mas aquilo que é menor do que um grão na ponta de uma espiga amadurecida é chamado de *frit*; o que se localiza na parte de baixo da espiga, junto à ponta superior da haste, e também é menor do que um grão, é chamado de *urru*."¹¹⁵

Uma das partes do livro III, vinculada à abordagem do modo de vida das abelhas (antes que se introduza a questão do ponto de vista prático), contribui para o aprofundamento do tema sob um prisma impensável na obra de um Catão. Assim, de III XVI 3 a III XVI 9, *Appius*, em conformidade com as associações de seu nome, apresenta o modo de vida desses insetos no tocante a três aspectos básicos, alimentação, moradia e trabalho.

Sobre o aspecto da alimentação, coligem-se dados como o fato de que não se nutrem de cera, nem de mel, nem dentro de suas casas, mas no exterior (*foris pascuntur*); também evitam aproximar-se do que cheira mal ou a perfume (*unguentum*). Isso explica por que, ao contrário das moscas, não "lambem" as pessoas perfumadas que encontram, mas picam-nas, e evitam acercar-se da carne, do sangue e da gordura, dando toda a preferência aos alimentos doces.

Quanto às moradias, as poucas informações oferecidas dizem respeito à natureza hexagonal das câmaras internas das colméias (tendo os geômetras provado que essa forma, incrita numa superfície circular, é capaz de conter a maior quantidade de espaço possível), à situação das colônias no ambiente florido e inculto dos montes e à "selagem" dos vãos entre os favos com uma substância, por elas mesmas produzida, chamada *erithace* pelos gregos.

Sob a rubrica do trabalho, por fim, diz-se que, organizando-se em sociedade, agem em conjunto pelo bem da colméia, do que resulta o mel, "agradável aos homens e deuses"; ainda são laboriosas ao extremo e odeiam os inertes, o que justifica a expulsão dos consumidores inúteis identificados com os tavões. Caso nos inclinemos pela consideração da defesa da colméia e do "rei" em sua face de trabalhos diferenciados do produtivo, será possível lembrar que seguem o líder por todos os lugares, auxiliam-no na fadiga, carregam-no no dorso para salvá-lo e obedecem à sua "voz" nos combates; também sabem defender sua morada de quaisquer agressores que lhe ameacem a integridade.

Varrão ainda enumera uma série de curiosidades sobre esses insetos, entre as quais, parece-nos, interessa especialmente sua geração através de outras abelhas ou do processo da *bougonia*. No último caso, importa lembrar a expansão de sua importância nas *Geórgicas* de Virgílio (em que, como sabemos, tal modo reprodutivo se constitui numa espécie de pretexto para que o poeta introduza e desenvolva o tema sob a forma do longo e elaboradíssimo *epyllion* que encerra a obra) e o caráter "natural" nele envolvido:

*Primum apes nascuntur partim ex apibus, partim ex bubulo corpore
putrefacto. Itaque Archelaus in epigrammate ait eas esse:*

*Boo|j fqime/nhj peplanhme/na te/kna,
idem
i(/ppwn me\n sfh=kej genea/, mo/skwn de\ me/lissai.*

"Primeiro, as abelhas surgem em parte das abelhas, em parte do corpo putrefato de um boi. Assim, Arquelau escreve num epigrama que elas são:

'Filhas errantes de um boi morto'
e ele mesmo:

'Dos cavalos são crias as vespas, dos bezerros as abelhas.'¹¹⁶

Com efeito, embora a *bougonia* (à qual se faz apenas essa breve alusão poética em todo o *De re rustica*) pressuponha que a vítima sacrificada segundo procedimentos bastante

específicos seja um bezerro, trata-se apenas de mencionar a idéia da geração espontânea dos insetos, como demonstrou Pigeaud.¹¹⁷

Tendo aludido a pontos vinculados à derivação de elementos teóricos das obras de Evêmero e Arquelau, passaremos em seguida a apresentar o panorama do tema relativo às fontes do *De re rustica*. O testemunho do próprio autor discrimina os três focos de origem de seus conhecimentos a respeito das técnicas descritas nos diálogos: referimo-nos à parte de sua fala inicial a Fundânia, em que ele menciona sua própria experiência com a terra (adquirida nas propriedades que possuiu), as leituras dos autores greco-latinos e a escuta da palavra dos especialistas enquanto fatores a contribuir para isso.¹¹⁸

Dentre os três, é evidente que apenas nos podemos ocupar teoricamente do segundo, já que os demais, em sua face de prováveis ecos longínquos do vivido no texto que analisamos (tendo em vista não apenas a infância do escritor no contato direto com o cotidiano rural nas montanhas sabinas, mas ainda sua posterior predileção pelo retiro nas várias *uillae rusticae* que teve),¹¹⁹ furtam-se à possibilidade de cotejo seguro com os dados do real de que ainda dispomos nesse caso. A crítica, com efeito, adotando os procedimentos consagrados pela *Quellensforschung*, tem mapeado o quadro dos autores de que proviriam, com mais ou menos certeza, vários dos saberes incorporados à trama dessa obra técnica.

Os dois autores gregos mais importantes para Varrão são, segundo as observações de Heurgon, o Aristóteles da *História* e da *Geração dos animais*, cujas numerosas citações se espalham pelos livros II e III do *De re rustica* (evidentemente, inseridas em concordância com os assuntos explorados no contexto), e Teofrasto, sobretudo utilizado como autoridade nos temas botânicos.¹²⁰ No último caso, importa lembrar com o crítico que, apesar da grande tecnicidade de tratamento dos conteúdos (aliás, mencionada pela personagem de Ágrio em *De re rustica* I V 1-2), Varrão não o desdenha enquanto fonte de derivação temática para seu texto, antes afinado com uma abordagem "agronômica" da vida rural do que "científica": comprovam-no seu entusiasmo pessoal pelas classificações, os toques pessoais adicionados a alguns dos empréstimos, a proposição de exemplos diversos daqueles elencados pelo filósofo grego...¹²¹ Ainda em relação a Teofrasto, é interessante constatar que os erros de Varrão na assimilação de certas passagens conservadas de sua autoria lhe indicam a face do compilador, sobretudo empenhado em coligir uma grande quantidade de temas e apresentá-los em textos seus; fica evidente, pois, em momentos

como esses, que nosso autor não dispunha da autoridade para pronunciar-se com segurança absoluta sobre todos os assuntos de que tratou, podendo-se dizê-lo, nos piores momentos, decisivamente equivocado.¹²²

Além desses filósofos, incluem-se decerto outros gregos no conjunto dos teóricos por ele incorporados, como é o caso de Arquelau do Quersoneso (o mesmo autor cujos fragmentos epigramáticos sobre a *bougonia* citamos acima), Tales de Mileto, Zenão, Pitágoras (citados brevemente em II I 3) e o peripatético Dicearco.¹²³

No domínio latino, o teor de nossas observações anteriores já deve ter esclarecido que Catão é citado com alguma frequência (explicitamente ou não) na obra de nosso interesse; não se trata de algo que nos deva, em absoluto, surpreender, tendo em vista o pioneirismo de sua iniciativa de composição no campo da literatura agrária romana e o fato, a esse diretamente ligado, de que tenha sido uma espécie de ponto de passagem obrigatório para todos os autores que o sucederam em solo pátrio nessa área de especialidade teórica.

Em análise dos procedimentos de assimilação textual de Catão pelo autor presentemente considerado, Heurgon ressaltou uma série de fatores que lhe indicam a crítica quanto ao legado de que se apropria: assim, a eventual discordância de pontos tratados naquele contexto, as tentativas de organização e classificação minuciosa de dados apenas dispersos no *De agri cultura*, os freqüentes resumos de tais dados e a reescrita ordenadora e "modernizante" dos dizeres testemunham essa face compositiva de Varrão.¹²⁴

Quanto ao primeiro fator, interessa lembrar com o crítico (além da referência feita anteriormente ao riso das personagens diante da ingenuidade da seleção temática do *De agri cultura*) os exemplos da precedência prática dada pela fala de Escrofa no *De re rustica* I VII 10 à pecuária, em detrimento do cultivo, a comparação do tamanho da *familia rustica* catoniana com aquele recomendado pelos Sasernas e a constatação de que ambos são insatisfatórios em I XVIII 2/ I XIX 1, a imposição de limites a certos preceitos do antecessor em I XXIII 3...¹²⁵

Na indicação dos "instrumentos de trabalho" citados por Catão em *De agri cultura* X e XI, por outro lado, o autor submeteu-os ao sistema de divisões anteriormente visto, passando a distribuí-los com critério no interior de categorias como a dos "mudos" (os objetos materiais desprovidos de vida), os "semivocais" (os animais, cujas "vozes" não chegam a ser linguagem articulada) e os "vocais" (os trabalhadores humanos envolvidos no

dia-a-dia da produção nos *fundi rustici*). Heurgon observa, porém, que, apesar da natureza cuidada da organização informativa assim obtida, Varrão não pode ser comparado ao Censor no ponto fundamental do detalhamento e exaustividade das indicações. Isso significa que, optando por privilegiar a boa disposição dos itens no interior dos grandes ramos organizacionais citados e de suas subdivisões, o autor como que relega a segundo plano a total completude das listagens, fazendo-nos, apesar da apreciação de sua iniciativa de bem construir o texto (e, por que não, evitar o tédio do leitor pela excessivo alongamento da enumeração), considerá-lo menos eficiente nesse quesito.¹²⁶

O elemento de "modernização" do latim empregado por Catão, por sua vez, insere-se no contexto da adoção de uma escrita literária para a obra de nosso interesse por tratar-se de um ponto favorecedor da melhor palatabilidade do texto. Com efeito, conforme ressaltamos mais de uma vez ao tratar do estilo de Catão no capítulo anterior, a obra do Censor não primava pelo requinte da escrita: o arcaísmo da dicção e a recorrência incessante aos mesmos e poucos recursos expressivos faziam do texto algo que em geral não se leria com fins estranhos aos da busca precisa de informações. Ora, as observações feitas neste capítulo a respeito da prática de escrita de Varrão na obra considerada, por outro lado, devem ter esclarecido que o mesmo não se dá no que a ela se refere: apesar de limitado nesse âmbito, ele buscou ao menos conferir-lhe algum grau de expressividade, recorrendo por vezes a usos estilísticos favorecedores da melhoria formal dos conteúdos.

Dessa maneira, ao direcionar em vários casos a conformação sintática da parataxe para a hipotaxe, ao dosar as repetições (com fins de fuga à monotonia reinante na maior parte do *De agri cultura*) e ao trocar velhas expressões por outras mais afinadas com o estágio do latim de sua época,¹²⁷ Varrão operou o abrandamento da dura rusticidade catoniana, numa iniciativa francamente condizente com o aguçamento da consciência compositiva e a busca do oferecimento de um produto algo mais refinado.

A presença dos Sasernas nesta obra, menos perceptível do que a de Catão, mostra-se apenas em breves passagens, de um modo que não lhes recomenda a inclusão num foco derivativo de conteúdos de primeira grandeza. Assim, entrevemos essa influência em trechos como I II 24 (com a defesa dos Sasernas por Estolão, que se insurgira contra o ataque aos mesmos por Varrão), I II 25-28 (com o riso de Escrofa diante dos preceitos depilatórios e medicinais desses autores, a seu ver indevidamente incluídos numa obra de

conteúdo agrário), I II 22 (com a reação idêntica dessa personagem diante da abordagem da manufatura de potes por eles), I XVI 5 (com a recomendação de certas normas de conduta a serem seguidas nos *fundi* pelo *uillicus* e pelos escravos), I XVIII 2 (com a apresentação da proporção entre o tamanho das terras e o número de trabalhadores necessário para trabalhá-la), I XIX 1 (com a apresentação da proporção entre o tamanho das terras e as juntas de bois necessárias para ará-las) e II IX 6 (com a indicação de seus preceitos para tornar o cão dócil ao dono).¹²⁸

No tocante a Escrofa, último dos autores latinos a serem considerados na presente discussão das fontes técnicas de Varrão, importa dizer que se tratou não só de uma personagem real da vida romana, mas ainda de um teórico no campo da agricultura. Dessa maneira, tem-se ressaltado que fatores como o desmerecimento aos Sasernas pela personagem correspondente a Escrofa se fundamentam na real incompatibilidade técnica entre ele e esses antecessores¹²⁹ (dedicados a compor nos anos intercalados entre o aparecimento do *De agri cultura* e o do *De re rustica*).

Revisando a bibliografia concernente à obra de Escrofa, Heurgon ressaltou alguns pontos de interesse para a discussão na conhecida tese de R. Martin, dedicada à análise conjunta das obras dos "agrônomos" latinos de Catão a Columela.¹³⁰ Em primeiro lugar, julgamos necessário apresentar suas ressalvas quanto às tentativas conduzidas pelo crítico francês citado no sentido da reconstrução "fiel" do texto de Escrofa. Ocorre, assim, que Martin, indo além da mera consideração da possibilidade de que Varrão tenha de fato derivado alguns dos conteúdos presentes nos diálogos que lemos dos preceitos técnicos desse antecessor, passa a propor interpretações condizentes com a direta apreensão de outras características de sua obra (em sua maior parte desconhecida por nós) a partir da análise das passagens do *De re rustica* em que se concede a palavra a Escrofa. Enquadram-se em tal modelo interpretativo a consideração das falas de Escrofa nos diálogos varronianos iniciais (em que, por sinal, concede-se grande espaço a ele, tendo em vista, por exemplo, a divisão dos preceitos, no primeiro, praticamente entre essa personagem e Estolão) enquanto uma espécie de resumo da obra desse autor e do próprio gosto pela ordem expositiva em sua face de reminiscência inequívoca dos métodos "herdados".¹³¹

Quanto ao primeiro fator, basta-nos lembrar que a perda dos escritos de Escrofa (de que só restam poucos fragmentos) e a ausência de quaisquer declarações varronianas

explícitas a respeito de suas supostas intenções de "resumi-lo" recomendam cautela diante de um posicionamento no mínimo precipitado. Não se poderia dar, conjecturamos, que Varrão, tendo-se nutrido da figura desse teórico sobretudo como "suporte" confiável (no plano ficcional da verossimilhança, inclusive) de preceitos, viesse não só incluir em sua fala saberes que não fossem provenientes do conjunto daqueles por ele coligidos no que escrevera mas ainda, extrapolando os limites autorais, fizesse com que outras personagens os transmitissem?

Que dizer do segundo dos supostos resquícios de Escrofa acima citados? Com grande propriedade, Heurgon menciona o que chama de um certo "esquecimento" de Martin: não se dá que em várias das obras varronianas, mesmo nas fragmentariamente conservadas, surpreendemos a verdadeira obsessão do autor pela classificação e disposição acurada de dados (levada, em certos casos, às últimas conseqüências do pedantismo)? O que autorizaria Martin a atribuir com justos direitos à influência ordenadora prévia de Escrofa traços como a meticulosidade na repartição da pecuária entre os oitenta e um tópicos teóricos encontrados no livro II do *De re rustica* (não nos esqueçamos de que à personagem, elogiada por Varrão nessa obra pela autoridade nos assuntos agrários, coube estabelecer o plano de desenvolvimento desse ramo da economia rural no primeiro capítulo do segundo diálogo)?¹³²

Por fim, como último dos pontos discutidos pelo estudioso a respeito da presença de Escrofa nos diálogos agrários varronianos, parece importante mencionar uma certa discordância entre a caracterização da personagem no contexto ficcional do *De re rustica* I e o que dela sabemos por outros testemunhos antigos. Assim, Columela lembra a adesão teórica do autor à idéia da degeneração natural da "mãe Terra" pelos partos sucessivos, à maneira da mulher esgotada pela idade.¹³³ Ora, em *De re rustica* I VII 2, surpreende-nos ao invés disso nada menos do que o otimismo de Escrofa diante das boas chances de que a agricultura prospere sem problema algum por meio da correta condução do cultivo...

No conjunto, a imagem construída para Escrofa no *De re rustica*, como observa Heurgon,¹³⁴ não deveria ser aceita até às últimas conseqüências, como se fosse necessária (ou mesmo possível) uma espécie de correspondência ponto por ponto entre ela e os traços associáveis a essa personagem "na vida real". Por um lado, como vimos, pairam as sombras da incerteza sobre a veracidade de muitas das características a ela atribuídas no interior dos

diálogos varronianos; por outro, o último exemplo comprova que, por vezes, não faltam indícios concretos do afastamento de uma imagem literariamente criada da personalidade desse predecessor, como se nos avisassem contra a demasiada concessão de crédito ao que se trata, bem o sabemos, de uma mera tentativa de evocação da vida no plano ilusório da arte.

Não se poderia encerrar a discussão das fontes sem uma passagem de olhos pela questão da presença do legado do cartaginês Magão no texto de que nos ocupamos: a considerar-se pelo respeito que lhe votaram os latinos, tratou-se provavelmente de uma das maiores (se não a maior das) autoridades antigas nos assuntos agropecuários.¹³⁵ A própria extensão de sua obra, dedicada à descrição de fazeres práticos em ramos muito variados da agropecuária, comprova-lhe a profundidade e a exaustiva cobertura na abordagem desses temas: afinal, os vinte e oito livros que lhe são atribuídos não parecem jamais terem sido numericamente superados por quaisquer outros "agrônomos" antigos, já lhe cabendo por isso um indisputado posto de destaque entre seus correlatos na Antigüidade.

Heurgon considera a possibilidade de que Varrão o tenha utilizado não apenas em sua edição latina (aquela resultante da recomendação senatorial de tradução quando da conquista de Cartago), mas ainda por intermédio de versões gregas. O próprio Cássio Dionísio Uticense,¹³⁶ por vezes evocado na obra apenas como *Cassius*, corresponde a uma das fontes helênicas de Varrão para o contato com os saberes do célebre cartaginês; a outra conhecida, por sua vez, é o resumo de Magão por um certo Diófanos da Bitínia,¹³⁷ textualmente lembrado por nosso autor no longo catálogo dos peritos em agropecuária oferecido no *De re rustica* I I 8-10 para a orientação de Fundânia.

Embora não seja diretamente mencionado (pelo nome) no *De re rustica* I, observa-se a presença inequívoca de Magão nesse contexto por três citações a Cássio Dionísio (em I XVII 3, I XXXVIII 1 e I XXXVIII 2) e uma a Diófanos (em I IX 7);¹³⁸ no segundo e no terceiro livros, por outro lado, ocorre com alguma freqüência a menção ao cartaginês por meio da tradução latina de sua obra: é o que se dá em passagens como II I 23, II II 20, II VII 16 e II X 10, nas quais Varrão deriva daí os conhecimentos sobre as moléstias do gado.¹³⁹

Uma questão que não se poderia calar no presente ponto do exame desse texto diz respeito à consideração de seu grau de informatividade. Como esclareceremos em seguida

ao tratar da análise conjunta de certos tópicos técnicos pelos três autores incluídos neste estudo, acreditamos na presença de uma espécie de linha divisória entre, por um lado, Catão e Varrão e, por outro, as *Geórgicas*. No último caso, bastante transformados na assimilação pela estrutura poética e, por esse motivo, não só enriquecidos semanticamente, como também dosados com cautela, os aspectos informativos do texto deixam de ser o foco central de significação para transformar-se em algo a serviço de outros processos.

Julgamos, por outro lado, que o *De re rustica* varroniano, em que pese à óbvia mobilização de recursos literários para compô-lo, não se enquadra, em absoluto, nessa situação constitutiva. É bem verdade que o gosto do autor por sofisticar o dito favorece, como vimos, a eliminação de detalhes em relação ao correlato catoniano e o tratamento dos tópicos sob um ponto de vista muitas vezes incompatível com a instrução imediata para o fazer, mas ainda assim prevalece a concentração dos esforços no aspecto da compilação e apresentação ordenada de saberes concernentes de um modo ou de outro à vida rural.¹⁴⁰

Mesmo a etimologia, aparentemente "acessória" num contexto como aquele que aqui deparamos, pode ser compreendida sob esse prisma de análise. Afinal, sabemos que os usos antigos que dela se fizeram não correspondem exatamente aos nossos num ponto tão importante quanto o extravasar de seu alcance interpretativo do campo lingüístico para o da própria realidade da vida: compreender as origens das palavras não era, para os estóicos, uma forma de ter acesso a aspectos do real perdidos com seu gradativo desgaste pelo uso?¹⁴¹ Assim, nos casos em que Varrão oferece as etimologias de certos termos agrários, é sob o intuito de favorecer uma visão aprofundada sobre as realidades descritas que devemos considerar-lhe a abordagem, sem pretender ver nela um sinal da exibição gratuita de seus conhecimentos em áreas "completamente" estranhas à agropecuária.

Poder-se-ia mesmo dizer que, se Virgílio pôs a vida rural a serviço da poesia, Varrão pôs a escrita literária (jamais a poesia!) a serviço da transmissão dos conteúdos, de uma maneira que lhe pareceu ao mesmo tempo abrangente e criteriosa. Bastando-nos o que se disse a respeito da segunda característica dessa forma de escritura até o presente momento, esclarecemos que a abrangência da prática compositiva do autor no *De re rustica* pode ser compreendida de diversas formas. Em primeiro lugar, a própria iniciativa de dedicar um livro inteiro à agricultura (com inclusão das culturas arbóreas e não-arbóreas), outro à pecuária de grandes e pequenos animais e um terceiro exclusivamente à criação

diferenciada na sede (em conformidade com tendências do mercado e do consumo na época do autor)¹⁴² já indica a razoável cobertura teórica dos tópicos citados.

Muito embora, como sabemos, algo semelhante se desse em Virgílio, com a divisão dos assuntos do primeiro livro varroniano entre os dois primeiros das *Geórgicas*, a coincidência temática do terceiro com o segundo do *De re rustica* e a especialização do quarto no tratamento exclusivo das abelhas (ainda que restrito à parte não ocupada pelo extensíssimo *epyllion* final), não se tratava, em absoluto, do mesmo enfoque. Enquanto o poeta foi enfático em pontos mais restritos de cada um dos grandes domínios vistos (com o desenvolvimento, sobretudo, do tema da dificuldade do cultivo no livro inicial, da relativa "colaboração" entre os homens e as árvores no segundo, do perigo representado pelas forças destrutivas do amor e da morte no terceiro e da proximidade - ou distância - entre nossa sociedade e a das abelhas no quarto), Varrão de fato percorreu ao longo das páginas das três grandes partes de sua obra o conjunto variado dos tópicos que lhe pareceram essenciais para a boa compreensão dos assuntos abordados: eles constituem, por sinal, o preenchimento maciço das falas das personagens envolvidas nos diálogos, apenas por vezes desviadas do que lhes diz respeito pelos cortes "acidentais" (com a intromissão de eventos, digressões ou observações de outras) do que dizem e, como veremos em seguida, pelas pequenas "fugas" à postura expositiva em sentido estrito.

Isso significa que não se teria como buscar no *De re rustica* assuntos *centrais* apartados dos três grandes temas que lhe preenchem a estrutura, de algum modo compreendidos sob o aspecto de "bases" para o desenvolvimento de questões abstratas deles derivadas. O solo, as rochas, a reprodução animal e das plantas, o suceder das estações e as alegrias e dificuldades do cultivo não são compreendidos por Varrão exceto enquanto dados concretos da vida nos *fundi*, cuja presença e consideração só se justifica no contexto por motivos do oferecimento de informações (práticas ou não) aos leitores.

Além disso, o procedimento visto de alternar sensivelmente os instrumentos de consideração e análise das várias faces da vida rural ao longo do texto [propondo explicações a) práticas: como enxertar uma árvore, I XL 5-6; qual quantidade de sementes plantar por jeira, I XLIV 1; como construir a eira de debulha, I LI; como levar os carneiros para pastar, II II 10-11; como tratar do gado doente, II I 23; como extrair o mel dos favos, III XVI 32... -, b) históricas: qual a origem da pecuária nas sociedades humanas, II I 3-4; a

larga precedência da vida rural sobre a urbana, III I 1-2... -, c) "antropológicas": qual a maneira de ceifar os grãos em cada região itálica, inclusive em Roma, I L 1-2; qual as formas de cultivo da videira em regiões distintas do Mediterrâneo, I VIII; quais os hábitos construtivos dos novos e antigos proprietários, I XIII 6 -, d) "científicas": qual o motivo da prevalência de temperaturas mais amenas na Itália do que no Ártico, I II 4; a distribuição das espécies vegetais de acordo com a altitude, I VI; quais as causas da doença do gado, II I 22; certa precaução a ser tomada para verificar se os ovos das aves foram fertilizados, sob o risco de matar o embrião em caso contrário, III XXV 11...] favorece por si só o alargamento dos horizontes teóricos. Tem-se nesses casos, com o auxílio da vasta cultura do autor, a oportunidade de conhecer bem mais profundamente o universo rural e, por motivos óbvios, tomar contato com a espantosa riqueza da vida: que nos desvelam tais observações varronianas a não ser a existência de planos múltiplos, todos sem exceção importantes para constituir o objeto considerado?

Por motivos semelhantes, consideramos que não se deve, em absoluto, desprezar o que possa haver de efetivamente formador no *De re rustica*, como se o autor apenas se tivesse servido do tema com vistas à elaboração de um "divertimento" literário sem maiores compromissos. Nas *Geórgicas*, em que algo até certo ponto parecido se dava, havia, ao invés disso, uma espécie de deslocamento do gesto educativo para o plano da ficção. Isso significa que, naquele contexto, como adiante veremos, a postura instrutiva de fato não se constituía no impulso gerador da construção do texto, espécie de força responsável por determinar-lhe as características e funções antes da síntese complexa obtida com o agenciamento acabado de todos os recursos de escrita, mas foi obtida como resultado do bom uso desses mesmos recursos.

Não se deve por isso entender que contrapomos a um Varrão "sério" e apenas comprometido com o "ensino" um Virgílio "frívolo", simplesmente ocupado em demonstrar seu espantoso virtuosismo poético pelo brilhante desenvolvimento de um tema, a princípio, refratário a iniciativas de composição ambiciosas. Caso pretendêssemos dizê-lo, incorreríamos em erros gravemente deformadores dos significados dessas obras, tendo em vista a importância *em graus distintos* da elaboração formal para ambos os autores e a existência de uma forte aura sapiencial mesmo nas *Geórgicas*. Desse modo, diante da inegável importância dos temas "expandidos" do poema (identificados com conteúdos

abstratos de tipo filosófico, político, moral, religioso...) e da evidente busca varroniana do alçamento dos diálogos ao plano da elaboração literária (considerando o sucesso da forma escolhida nas mãos de um Platão ou, com menor intensidade, de um Cícero), convém evitar quaisquer exclusivismos na apreciação dessas faces dos textos produzidos pelos escritores em questão. Trata-se inegavelmente, porém, *no que se refere ao papel real dos temas agrários em sua economia interna*, de obras muito diferenciadas, de uma maneira incompatível, no caso do *De re rustica*, com o ofuscamento da abordagem teórica desses assuntos.

Isso dito, encontramos-nos em condições de compreender que a forma dialógica assume para Varrão os contornos de uma espécie de recipiente (que se espera comunicativamente eficaz) dos conteúdos, tendo-se a ela recorrido como um meio expressivo algo elaborado, mas sem que se possa dizer por si mesmo justificável. Em comparação com os significados gerais das *Geórgicas* e do *De agri cultura* catoniano, basta-nos lembrar da fundamental preponderância assumida na poesia antiga pelos recursos meramente sensoriais dos versos, associáveis ao deleite psicossomático dos ouvintes, e do despojamento quase completo da linguagem instrutiva empregada pelo Censor para constatar a condição do *De re rustica* enquanto algo, embora muito modesto diante da genialidade indisputada de Virgílio, situado numa zona intermediária.

Antes de passarmos à abordagem dos sentidos gerais do *De re rustica* (no que se refere aos fatores sócio-econômicos e ideológicos nele envolvidos), consideramos útil finalizar a análise da composição pelo breve tratamento do tema do modo comunicativo engendrado e das digressões. Em ambos os casos, como o prosseguimento das mesmas análises também em Virgílio revelará, deparamos um meio privilegiado para acompanhar as formas peculiares de realização da função instrutiva em cada texto, tendo em vista a presença até certo ponto constante desses mecanismos nos três autores considerados e as eventuais divergências entre eles.

Iniciando pelo exame do papel dos emissores nesse texto, pode-se dizer que, em contraste com a poesia didática, na qual, sem exceções, há sempre um único ponto de partida para os preceitos, a forma dialógica se caracteriza pela dispersão entre as falas de todos os interlocutores aos quais se concede a palavra no plano ficcional. Trata-se, portanto, de um modo de abordagem teórica descentralizador e, nos casos em que se dá plena vazão

às possibilidades do gênero, favorecedor do embate "democrático" entre posições distintas; assim, com a fuga à preceituação monolítica dos tratados e da poesia didática (em que, apesar das eventuais chances de manifestação de mais de um ponto de vista, a palavra final, a seleção dos dizeres e a realização última do modo instrutivo cabem sempre ao emissor uno), os diálogos se definem contrastivamente através de uma espécie de alargamento das perspectivas comunicativas.

Como vimos, não ocorre real confronto ideológico ou técnico no *De re rustica*, podendo-se dizer que a adesão ao dialogismo, genericamente compreendido, se faz aquém do possível na obra, de uma maneira antes afinada com a incorporação dos traços aparentes dessa categoria compositiva do que das estruturas a ela associáveis num nível mais profundo. Isso explica as razões da grande semelhança superficial entre esses *sermões* varronianos e as demais obras compreendidas na classe em questão: tomando como parâmetro de comparação os diálogos aristotélicos (ou o que deles se sabe, diante de sua perda para os modernos, por meio de outras fontes antigas), poder-se-ia mesmo propor-lhes a relativa coincidência formal apesar das óbvias divergências no modo expositivo.¹⁴³

Por outro lado, no cotejo com o papel do emissor nos tratados, nota-se como que a passagem de um modo comunicativo mais "direto" para outro marcado pela intermediação dos fatores ficcionais. Não se trata, aqui, de crer ingenuamente numa espécie de direta manifestação do "eu" autoral nas obras daquele tipo, como se o escritor se encontrasse em plena liberdade para dizer o que lhe conviesse sem submeter-se a restrições genéricas, sociais ou mesmo lingüísticas variadas. Como demonstra a experiência, a palavra escrita assume uma espécie de curiosa independência a partir do momento em que se articulam os traços comunicativos necessários para a estruturação dos discursos, vindo a sustentar-se por si mesma sobre bases que prescindem de qualquer colaboração pessoal do autor.

Ocorre, porém, que faz parte das convenções de leitura dos tratados que se creia na direta apreensão das idéias do autor, considerado enquanto pessoa inserida na vida social e não como imagem construída no texto a partir dos traços favorecedores da manifestação do *ethos*. Tudo se passa, nesse sentido, como se houvesse um convite ao esquecimento do fato de que, na verdade, encontramos-nos diante de *efeitos* e de um modo comunicativo inegavelmente permeado em todos os planos pelos recursos textuais de constituição de sentidos.

Contudo, observamos que isso não impede a maior visibilidade da ilusão no gênero dialógico: nesse caso, com efeito, encontramos-nos diante de personagens, mesmo que embrionariamente desenvolvidas, a quem cabe manifestar-se por seu turno em interação visível com as demais, posicionar-se, apresentar pequenas diferenças de comportamento e preferências, rir, fazer perguntas e observações... Em outras palavras, quando comparados à maior abstração dos tratados (cujo exemplo pretendido, apesar da necessidade de cautela a respeito da validade dessa classificação, corresponde aqui ao *De agri cultura*), os diálogos "importam" para o texto um conjunto mais rico de elementos, possibilitando-nos ter acesso ao mundo evocado de maneira menos rarefeita.

Também é preciso ter em mente a óbvia delegação da palavra a essas personagens no gênero dialógico, uma vez que, diante da discordância entre a multiplicidade dos que falam e a unicidade dos autores, não restam dúvidas de que seus pronunciamentos correspondem a algo a elas concedido. No tocante ao *De re rustica*, deve-se dizer que todos os interlocutores ocupados em oferecer a instrução técnica se prestam com "docilidade" ao desempenho do papel de porta-vozes de Varrão (incluindo a personagem homônima a ele correspondente), já que, correspondendo a emissores em comum-acordo e empenhados na transmissão exaustiva de suas idéias sobre os temas tratados, jamais se constituem em "oponentes" do autor.

Quanto aos receptores do texto, é importante distinguir, como ocorria na poesia didática, entre aqueles internamente moldados pelas obras e o público dos leitores no plano social concreto. Observamos, nesse sentido, que a constituição das situações de "aula" (uma para cada livro ou grande subdivisão da temática agrária) no próprio plano ficcional do texto possibilita uma certa alternância entre os participantes no desempenho das funções de emissores ou receptores internos dos preceitos: ocorre, de acordo com as regras da ficção varroniana, que alguns saibam mais do que outros em ramos determinados da agropecuária e, por isso, correspondam àqueles mais bem recomendados para pronunciar-se a respeito quando requisitados. Nesses momentos, os demais (eventualmente destinados em seguida a falarem e serem ouvidos) se tornam os receptores dos conteúdos, aqueles a quem cabe preencher imaginariamente o lugar do público de fato interessado em aprender sobre as técnicas.

É interessante notar que se tem, a esse respeito, uma espécie de coincidência de "classe" entre os receptores reais e fictícios do texto. As personagens dos *sermones* varronianos, como os críticos têm observado ou os próprios dados do texto permitem ver,¹⁴⁴ correspondem sempre a homens de boa condição social e prestígio, ocorrendo, por vezes, que o autor se tenha obviamente inspirado, como é o caso de Escrofa, de Estolão e dele mesmo, em personalidades verdadeiras para delinear-lhes o contorno.

As observações anteriormente feitas quanto ao modo compositivo da obra, às formas de tratamento dos conteúdos e à própria tentativa de minimizar as asperezas do tema pela variação e adoção do gênero dialógico se justificam, diante do público-alvo esperado para o *De re rustica*, em função da necessidade de torná-lo palatável para leitores decerto aptos a apreciar a erudição e os bons produtos da arte literária. Como observamos no capítulo inicial, as classes privilegiadas de Roma, a princípio muito próximas dos trabalhos e da vida rural pela própria experiência *in loco* com esse modo de existência, passaram com o tempo a afastar-se dele para a inserção na realidade urbana e no maior refinamento a ela associado. Isso não significou, entretanto, seu completo alheamento a esse universo nem a transformação do mesmo num ambiente longinquamente relegado à experiência dos *maiores*: em muitos casos, homens instruídos e de todo aclimatados às novas circunstâncias sociais tinham suas raízes no campo e, apesar de não se ocuparem de cultivá-lo com as próprias mãos, eram proprietários importantes, entusiastas e assíduos freqüentadores dos *fundi rustici*. Os exemplos de Cícero e Varrão, entre muitos outros, demonstram esse fenômeno comum a partir da época tardia da república.

Então, ao divisarmos a interação civilizada (e, por vezes, culta) entre as personagens dos *sermones* rústicos do autor, como que tomamos contato com uma imagem da categoria dos leitores romanos a que, provavelmente, destinaram-se como guias de consulta na época de sua escrita. Tal efeito de agradável convivência entre iguais, devemos ressaltar, reveste-se ainda, dadas as inevitáveis associações do tema agrário na cultura latina, de uma aura de "saudável" tradicionalismo, sobretudo no caso do primeiro livro do *De re rustica* (considerando, como adiante veremos, a relativa "novidade" dos sistemas produtivos apresentados no segundo e no terceiro diálogos diante dos genuínos costumes dos *maiores*). Por esses motivos, poder-se-ia justificar em parte certa interpretação de Conte sobre o significado geral do texto em questão,¹⁴⁵ já que, contemporaneamente a seu surgimento em

Roma, de fato houve chances de que o público, ao ver-se representado sob colorações tão positivas (como, de resto, também se dá num diálogo ciceroniano como o *De oratore*), interpretasse o gesto de Varrão enquanto homenagem ou "elogio" ao grupo em que ele próprio se inseria.

Quanto às digressões, observamos, em conformidade com os usos compositivos de Virgílio nas *Geórgicas* e diversamente do que se dava no *De agri cultura* (em que, como vimos no capítulo antecedente, não se podia, a rigor, apontar a presença de digressões em meio aos preceitos técnicos pela absoluta insistência do Censor em concentrar o enfoque sobre o ensinamento), que Varrão insere nos diálogos passagens especificamente destinadas a cumprirem o papel de "quebras" discursivas. Referimo-nos, evidentemente, ao mecanismo compositivo relacionado à interrupção dos preceitos para o encaminhamento do "mestre" (seja, no que diz respeito à poesia didática, o *magister*, seja, na estrutura dialógica, os diversos "palestrantes" pouco a pouco dedicados ao esclarecimento dos ouvintes) a outros modos de posicionar-se.

Como importante peculiaridade do uso das digressões na obra varroniana, observamos que, nesse contexto, em que pese ao fator preponderante de contrabalançar por seu intermédio as partes mais "sérias" dos diálogos (identificadas com os momentos de enfoque teórico concentrado), o autor não deixa de se fazer de algum modo informativo. Na mais conhecida digressão de todo o *De re rustica*, assim, nota-se a presença desse fenômeno em meios aos entusiasmados elogios de Ágrio à terra natal:

Illic in semestri die aut nocte quem ad modum quicquam seri aut alescere aut meti possit? Contra quid in Italia utensile non modo non nascitur, sed etiam non egregium fit? Quod far conferam Campano? Quod triticum Apulo? Quod uinum Venafro? Non arboribus consita Italia, ut tota pomarium uideatur? An Phrygia magis uitibus cooperta, quam Homerus appellat a)mpelo/essa, quam haec? Aut tritico Argos, quod idem poeta polu/puron? In qua terra iugerum unum denos et quinos culleos fert uini, quot quaedam in Italia regiones? An non M. Cato scribit in libro "Originum" sic: "ager Gallicus Romanus uocatur, qui uiritim cis Ariminum datus est ultra agro Picentium. In eo agro aliquotfariam in singula iugera

*dena cullea uini fiunt"? Nonne item in agro Faentino, a quo ibi trecenariae appellantur uites, quod iugerum trecentas amphoras reddat? Simul aspicit me, Certe, inquit, Libo Marcius, praefectus fabrum tuos, in fundo suo Faentiae hanc multitudinem dicebat suas reddere uites.*¹⁴⁶

"Lá, num dia ou noite de seis meses, como algo pode ser plantado, crescer ou ser colhido? Por outro lado, o que de necessário não só não cresce na Itália mas também não se torna excelente? Que espelta compararei à da Campânia? Que trigo ao da Apúlia? Que vinho ao falerno? Que azeite ao de Venafrô? Não é a Itália coberta de árvores, de modo que parece toda um pomar? Acaso a Frígia, que Homero chamou de a)mpelo/essa,¹⁴⁷ é mais cheia de videiras do que esta terra? Ou Argos, que o mesmo poeta chamou de polu/puron,¹⁴⁸ de trigo? Em que terra uma jeira produz dez e mesmo quinze cúleos de vinho, como em certas regiões da Itália? Acaso M. Catão não escreveu no livro das *Origens*: 'A terra que foi distribuída a cada um aquém de Arímínio e além do território de Piceno é chamada de galo-romana. Nessa terra, em alguns lugares, uma jeira produz dez cúleos de vinho'? Acaso também não no território de Favência? As videiras de lá não são chamadas de *trecenariae* por ele, porque uma só jeira produz trezentas ânforas?" Olhando-me, disse: "Ao menos teu amigo Márcio Libão, inspetor de operários, dizia que as videiras produziam essa grande quantidade em sua propriedade de Favência."¹⁴⁹

Nessa passagem, contrapondo a excelência natural e produtiva da Itália a circunstâncias menos favorecedoras no extremo norte do globo ou na própria bacia mediterrânea, Varrão oferece vários dados precisos para justificar essa boa imagem: além da menção à qualidade excepcional da espelta da Campânia, do trigo da Apúlia, do vinho falerno e do azeite de Venafrô, ele indica, como se vê, os índices produtivos da lavoura no território galo-romano e em Favência. Além disso, dando mostras de seus conhecimentos literários, cita Homero e o Catão das *Origines*, como que fundamentando suas posições nas palavras de autoridades.

Desse modo, permite-se ao leitor não apenas a chance de apreciar por meio da hábil construção do discurso uma imagem risonha desse local (notem-se especialmente o recorte contrastivo da Itália diante das demais terras citadas e as interrogações retóricas a respeito dos itens nela produzidos) como também o contato com dados geográficos, ao que tudo indica, objetivos.

No segundo diálogo, consideramos uma digressão a fala de Escrofa a respeito dos motivos pelos quais sua família recebeu esse cognome (II IV 1-3), já que, excluindo-se por completo aos tópicos básicos elencados no início por ele mesmo para cada uma das espécies (relativos à compra, criação e ao número dos animais), assume funções distintas no contexto. Trata-se, com efeito, de uma passagem intermediária entre o final do tratamento teórico da criação de caprinos por Cossínio e o início da abordagem da suinocultura pela primeira personagem citada.

No tocante, propriamente, aos motivos dessa denominação e à sua face instrutiva, basta dizer que se trata de certos eventos ocorridos na Macedônia em 142 a.C. e evocados por uma anedota relatada por Escrofa: nesse ano, encontrando-se seu avô como questor da província e tendo-o ameaçado uma invasão inimiga, fora "profetizado" por sua avó que, ao partir para a batalha, tão rapidamente dispersaria os inimigos quanto uma porca (*scrofa*) os leitõezinhos (*porci*); dessa maneira, ele obteve a vitória em nome do pretor Licínio Nerva e passou a ser chamado com o apelido em rememoração comemorativa do evento. Como se vê, a anedota mostra-se instrutiva não só ao esclarecer as circunstâncias do passado familiar do interlocutor, mas também por tematizar de passagem um pequeno evento da história militar romana no domínio provincial.

No livro terceiro, poder-se-ia apontar como digressão o trecho antológico em que é descrito o fabuloso viveiro de aves ornamentais de Varrão em Casino.¹⁵⁰ Trata-se, provavelmente, de um mero exercício literário de descrição, considerando-se a extravagância do luxo por ele evocado: o local, segundo as indicações da personagem, é fechado por muros altos e redes e conta em seu interior com um curso d'água, um bosque artificial, colunatas, pequenos "portos" para os patos, uma plataforma onde os visitantes podem caminhar, uma ilhota, estofados (para que os homens festejem sobre eles?), tipos variados de pássaros canoros (rouxinóis, melros...) e mesmo um relógio em que a indicação

do tempo é dada pelo movimento da Estrela da manhã (ou da Estrela da tarde) em relação à parte inferior da abóbada que arremata o edifício.

Mesmo em meio a esse momento de grande liberdade imaginativa, por fim, observamos a presença de um dado informativo sumário: ao final da passagem, Varrão compara seu anemômetro com aquele construído em Atenas por um certo Andronico de Cirro, cujo ponteiro indica pela direção a figura correspondente ao vento que sopra em cada instante.

3) Os significados ampliados do *De re rustica*

Na obra agrária de Varrão, diversamente do que havia no *De agri cultura*, deparamos um texto mais nuançado e refratário a gestos absolutos de estabelecimento das linhas de força significativas. O ponto inicial para a consideração desse nuançamento poderia corresponder ao fato visível da tentativa do autor de elaborar o texto e, ao mesmo tempo, acolher com razoável sistematicidade um conjunto vasto de preceitos técnicos ou saberes eruditos. Não pretendemos com isso dizer que a arte da composição escrita rejeite por força certos temas como inadequados (o que, aliás, a plena realização poética de Lucrécio no *De rerum natura* impediria), mas sim que o intento de fazer-se de fato informativo e o da expressão comprometida com valores estéticos não se situam exatamente no mesmo plano funcional, devendo ser conciliados pelos autores de acordo com o alcance de seu *ingenium*.¹⁵¹

Dispomos, por sinal, de dados concretos para considerar a relação que o autor estabeleceu entre o belo e o útil:

Além da preocupação de repensar o problema da agricultura através de conceitos teóricos, notamos em Varrão, por meio de Escrofa, uma óbvia afirmação da preponderância do útil em relação ao agradável. Esse ponto de vista é em parte corrigido pelo que se segue: "Nec non ea quae faciunt cultura honestiorem agrum, pleraque non solum fructiosiore eadem faciunt, ut cum in ordinem sunt consita arbusta atque oliueta, sed etiam uendibiliorem atque adiciunt ad fundi pretium". Assim, como proprietário

rural prudente, Cn. Tremelius Scrofa logo cuida de relacionar a qualidade estética de uma terra bem cultivada a seu valor financeiro. Além disso, segundo esse especialista em agricultura, a boa organização de um plantio harmoniosamente disposto pode chegar até a aumentar-lhe o rendimento: "De forma cultura hoc dico, quae specie fiant uenustiora, sequi ut maiore quoque fructu sint, ut qui habent arbusta, si sata sunt in quincumcem, propter ordines atque interualla modica". Notemos, porém, que o prazer obtido por uma agricultura corretamente entendida é secundário quanto à utilidade que ela apresenta.¹⁵²

Acreditamos que as palavras do crítico, embora corretas no tocante à interpretação de ambas as passagens latinas citadas, dos conteúdos agrários dos dois primeiros diálogos e ainda do fato de que se tenha aqui submetido com vantagens a harmonia formal ao lado informativo, não se prestam a oferecer-nos diretrizes absolutas para pensar na realidade ideológica do *De re rustica* como um todo. Referimo-nos, assim, à questão da evidente disparidade entre o espírito do terceiro livro da obra e o restante dela, já que, nesse contexto, cede-se em definitivo ao luxo e aos gostos requintados dos cidadãos: como esclarecemos antes, os tipos de criação tratados nesse contexto (em que se incluem não só animais de carne adaptada ao paladar dos elegantes da capital, mas mesmo aqueles destinados a funções meramente ornamentais como certas aves¹⁵³ e peixes¹⁵⁴) furtam-se ao elemento da pura utilidade, constituindo-se em várias ocasiões em exemplos de completo alheamento à austeridade dos *maiores*.

Embora se pudesse alegar que, na base de muitos dos preceitos desse âmbito, encontra-se o interesse pelo lucro dos proprietários rurais, ou seja, pela utilidade compreendida sob os aspectos produtivos e financeiros, acreditamos na forte presença de elementos estranhos a uma visão de todo "prática" da vida. O próprio exemplo do viveiro de Varrão de que tratamos há pouco, o gosto de uma personagem como Ápio pelo luxo absoluto das construções rurais¹⁵⁵ e a menção à piscicultura através do "retrato" do tanque marítimo do famoso orador Hortênsio¹⁵⁶ contribuem para evocar aqui um modo de vida decisivamente afinado com o prazer.¹⁵⁷

Por outro lado, com muita dificuldade se poderia esperar o ajuste completo do comércio de luxo com os velhos padrões comportamentais dos avós, não só evocados como também francamente recomendados em outras passagens da obra:¹⁵⁸ não se trata, tendo em vista o envolvimento de uma personagem como Ápio com o consumo desenfreado, de um meio para garantir a própria fruição dos bens oferecidos a outros por custo elevado? E quanto à desconfiança dos mais tradicionalistas na legitimidade dos lucros obtidos favorecendo-se o que, segundo certas concepções morais e filosóficas bastante difundidas no mundo antigo, poderia ser definido enquanto vício? Uma passagem do *De officiis* ciceroniano,¹⁵⁹ com efeito, ocupa-se precisamente de condenar as "profissões do prazer" diante da idoneidade absoluta representada pela dedicação do homem honesto aos afazeres agrários, compreendidos sob as formas de manifestação mais convencionais na velha sociedade romana.

Ainda no tocante ao afinamento da postura varroniana com o ideário tradicional dos latinos, é importante salientar que também o teor dos dois primeiros livros não se enquadrava com absoluto rigor nesse modelo, mas, apesar disso, não chegava a "agredi-lo" no grau encontrado naquele a que nos temos referido. Assim, o primeiro diálogo, com a descrição geral dos procedimentos necessários ao cultivo e à "administração" de uma propriedade rural eficiente cujos cuidados se delega a um *uillicus*, pode ser compreendido como uma espécie de desenvolvimento dos preceitos catonianos sobre o mesmo assunto. Conforme esclarecemos no capítulo anterior, já se notavam claros indícios da evolução da economia rural romana na obra do Censor, tornando-a compatível com a proposição de modos (e fins) de cultivo em que se fazia essencial a idéia do lucro. Tem-se nesse fator, assim, uma espécie de flexibilidade moderada quanto à imagem tradicional dos romanos enquanto *agricolae*, uma vez que, sem verificar-se o total afastamento dos *patres familias* de tal realidade, passam a dedicar-se *indiretamente* ao cultivo e a buscar o enriquecimento.

As questões do tratamento da religiosidade e dos escravos, porém, inscrevem o diálogo inicial num âmbito ideológico sensivelmente distinto daquele associável ao tradicionalismo do Censor. Observamos, assim, que a única passagem do mesmo em que se tem a abordagem direta de temas vinculados ao sagrado corresponde à invocação dos doze deuses rústicos no prefácio, sobretudo compreensível, tendo em vista o *locus* textual de surgimento e as concepções teológicas do autor, sob a marca de uma espécie de concessão à

aura de tradicionalismo moral evocada pelos assuntos agrários.

Sabemos que Varrão, homem culto e instruído na filosofia a ponto de compor uma obra como as *Antiquitates* divinas, não poderia vincular-se ao pensamento religioso de modo idêntico ao Censor.¹⁶⁰ Nessa obra, o autor propôs a divisão das manifestações religiosas sob três categorias:¹⁶¹ a primeira delas corresponde ao mito, a segunda, à "religião natural", a terceira, "à religião civil". No mito, identificado com as fábulas a respeito dos deuses que contam os poetas, peca-se contra a verdadeira dignidade e elevação do sagrado ao atribuir aos entes espirituais supremos tendências incompatíveis com sua natureza perfeita (adultério, vingança, rancor, ciúmes, inveja...).¹⁶² A religião natural, por sua vez, é a compreensão filosófica a respeito do tema, sem as superstições e distorções características das demais formas de manifestação dessa face da cultura humana; por seu intermédio, busca-se responder a questões do tipo da essência do divino, do papel de Deus na ordem dos eventos universais, de sua presença ou não em nosso mundo... Por fim, a religião civil vincula-se ao culto tradicionalmente prestado pelos cidadãos aos grandes deuses do panteão pátrio, com sua liturgia e formalidade características, a participação do corpo sacerdotal e os ritos convenientes a cada momento.

Dentre todas essas faces da religião, é evidente que o autor se inclina pessoalmente pela escolha da segunda como aquela mais próxima da verdade e adaptada à sua ponderação e racionalismo habituais. Não se trata, porém (preterido o mito para o plano descompromissado da imaginação), de relegar a religião civil a um papel de menor relevo na vida da república: enquanto elo de união entre os cidadãos, presta-se a papéis tão importantes quanto garantir solidez às instituições políticas responsáveis por sua coesão. Como se nota, deparamos aqui uma abordagem da questão religiosa sob um enfoque predominantemente institucional; essa importância prática, por sinal, condiciona que ele lhe consagre a maior parte da seção divina das *Antiquitates*, a fim de evitar que se perca ou deturpe por completo diante das mudanças de costumes e venha, assim, abalar a estabilidade do *status quo*.

Diante desse panorama, interpretamos a invocação aos deuses em *De re rustica* I (bem como a participação dos convidados no banquete sacrificial de *Tellus* durante as *sementiuae*) como um gesto de relativa aquiescência do sábio à piedade ingênua dos camponeses latinos em razão de sua crença, à maneira estóica, numa Providência que rege

o mundo permeando todas as coisas,¹⁶³ mas também de vínculo com a prática poética de suplicar pela proteção e auxílio das musas no início das obras. No primeiro caso, mantendo-se próximo dos aspectos externos do rito religioso (oração, festejo...), ele, simultaneamente, "dá o bom exemplo" de *pietas* aos leitores e, em essência, não fere o âmago de suas convicções pessoais; no segundo, em conformidade com seus intentos de elaborar o tema "humilde" e revesti-lo de respeitabilidade intelectual, Varrão aproxima-se de um traço compositivo que remonta aos primórdios da literatura no Ocidente, com as invocações homéricas às musas tanto na *Ilíada* quanto na *Odisséia*.

Tendo, porém, cumprido os pontos mínimos para a realização desse duplo intento, ele não mais insiste sobre esse fator, direcionando-se sem pausas, como dissemos, para um modo instrutivo ordenado e límpido no tocante ao afastamento do zelo demasiado com o sobrenatural.

A abordagem do tema da escravidão no primeiro e no segundo livros do *De re rustica*, num sentido diverso, também contribui a seu modo para diferenciar Varrão da rudeza do predecessor citado. Em *De re rustica* I XVII 5-6, surpreendemos o autor recomendando que se recompensem os escravos empenhados para torná-los mais satisfeitos e dispostos a trabalhar, a eles se dêem esposas e pequenos pecúlios particulares (como um meio de fazê-los criar vínculos com a terra) e sejam ouvidos pelo senhor a respeito das medidas a serem tomadas no *fundus rusticus*; em II 10 6-7, por outro lado, tendo distinguido a maior comodidade dos escravos que permanecem nos *fundi* do desconforto dos pastores itinerantes, aconselha entregar mulheres aos últimos para minimizar-lhes a dureza da rotina.¹⁶⁴

Em ambos os exemplos, aleatoriamente escolhidos entre outros possíveis, Varrão, pois, contribui para a construção de uma imagem mais humana dos cativos e senhores. Basta lembrar de que, no *De agri cultura*, os únicos preceitos de "afabilidade" para com os escravos mantinham vínculos estreitos com a necessidade de conservá-los com saúde e o suficientemente nutridos para trabalhar,¹⁶⁵ como, aliás, ocorria com os demais "instrumentos" vivos da propriedade.

Poder-se-ia ainda considerar uma relativa discordância do velho modelo de vida dos avós o próprio sistema de pecuária extensiva (de caprinos e ovinos, sobretudo) em larga escala, tal como se depreende de certas passagens do segundo diálogo da obra. Deve-se

notar que, nesse caso, a incompatibilidade diz respeito ao fato de que se opte pura e simplesmente pelo lucro fácil, sem grande necessidade de preocupações (para o senhor ou seus encarregados) e investimentos, exceto na fase de aquisição dos animais.

Assim, assumindo uma importância gradativamente maior a partir do final do período republicano, esse modelo produtivo tomou, ao que parece, parte considerável do espaço geográfico itálico e veio eventualmente contribuir para o próprio abandono dos cultivos.¹⁶⁶ Eis nesse fator, portanto, um provável ponto de choque com as idéias dos tradicionalistas, em geral avessos a grandes mudanças em todos os aspectos da vida.

Por fim, julgamos necessário observar que a incoerência ideológica vista ao longo do *De re rustica* foi atribuída por Martin à composição cronologicamente clivada do todo;¹⁶⁷ como observamos no capítulo introdutório, o crítico opta por desconsiderar a validade da idéia tradicional a respeito dessa iniciativa do autor, como se ele tivesse escrito os três diálogos, uns após os outros, numa única ocasião de seus oitenta anos e o fizesse às pressas por receio de morrer sem completar a tarefa. Note-se que, nesse caso, tender-se-ia a atribuir-lhe os descuidos apenas ao cansaço natural e à pressa.

Apesar, como ele mesmo observa, da impossibilidade de fechar-se a questão em termos absolutos,¹⁶⁸ devemos ressaltar o inegável valor de suas ressalvas quanto à unidade da obra em aspectos compositivos variados. Assim, citando uns poucos exemplos,¹⁶⁹ o livro II se organiza de uma maneira muito diversa dos outros no tocante à distribuição dos preceitos pelas falas das personagens (sem concentrá-los em monólogos por demais extensos); a invocação geral e inicial aos deuses rústicos não inclui quaisquer divindades associadas aos assuntos pecuários ou da pequena criação (temas dos livros subsequentes); os três diálogos anunciados a Fundânia como "acontecidos há pouco" muito improvavelmente poderiam ser localizados em épocas comuns pelos indícios históricos agregados à trama de cada um; a terceira parte da obra, onde se encontram todos os interlocutores com nomes de criaturas aladas (aves ou abelhas) exceto Varrão e Áxio, demonstra por esse motivo um tom maior de artificialismo "cômico"...

Dessa maneira, quer aceitemos ou não sua teoria a respeito da composição fracionada (e mal "cosida") do todo, não se pode rejeitar a impressão de uma certa falta de polimento no conjunto dos diálogos, fazendo-nos deparar óbvias e variadas divergências nesse âmbito. O mesmo, porém, não se dá com a mesma intensidade no interior de cada

diálogo,¹⁷⁰ o que permitiria relativizar as críticas a Varrão e considerá-lo, se não um impecável escritor, ao menos atento aos efeitos das palavras e interessado em comunicar com ordem e alguma leveza os conteúdos agrários a seu público.

¹ Cf. Miguel, L. A. H. Varrón. Madrid: Clásicas, 2000.

² Cf. Miguel, *op. cit.*, p. 38: *Pero tampoco de ello sabemos gran cosa: de un "Derecho civil" ("De iure ciuili"), en quince libros, sólo tenemos constancia por el "Índice" de San Jerónimo y de "Los grados" ("De gradibus") únicamente cabe suponer que trataban, en varios libros, de los grados de parentesco.*

³ Cf. Guerreira, A. R. Literatura técnica de la época republicana. La prosa técnica. In: Codoñer, Carmen (ed.). *História de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 1997, p. 766.

⁴ Cf. Grimal, P. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994, p. 206: *Ce n'était pas la pauvreté qui l'y contraignait car il appartenait à une famille noble et riche.*

⁵ Cf. excelente prefácio de J. Heurgon à sua tradução do *De re rustica* I (Varron. *Économie rurale*. Texte établi, traduit et commenté par J. Heurgon. Paris: "Les Belles Lettres", 2003. V. I, p. X-XI): *Il était d'une noble famille plébéienne qui comptait sans doute parmi ses ancêtres C. Terentius Varro, consul en 216, le vaincu de Cannes, et il avait pour patrie cette rude Sabine, conservatoire des vieilles mœurs, où Caton lui aussi, jeune homme, était venu houer et ensemer un sol rocailleux: "Quand j'étais enfant, dit Varron, je n'avais qu'une seule modeste tunique et une seule grossière toge, des chaussures sans lanières et un cheval sans selle; je ne me baignais pas tous les jours... Là j'ai appris que pour qui a soif, le vinaigre vaut le vin miellé, pour qui a faim, le pain noir est de fleur de farine, et doux le sommeil pour qui a travaillé."*

⁶ Cf. Deschamps, L. Le paysage sabin dans l'oeuvre de Varron. *Humanitas*. Coimbra, vols. XXXVII-XXXVIII, p. 125, 1985-1986: *Certes, la Sabine est omniprésente dans les écrits du célèbre polygraphe. Outre son histoire, sa langue, ses mœurs, son extension, il évoque ses cultures, ses élevages de bovins, d'ânes, de chevaux, de mulets, de chèvres, d'escargot, de tourterelles, de poissons, la transhumance qui s'y pratique; mais son paysage point!*

⁷ Miguel (cf. *op. cit.*, p. 9) atribui ao ano de 95 a.C. os primeiros contatos de Varrão com esse gramático; portanto, tendo ele nascido em 115 a.C., pode-se dizer que tal encontro se deu em seu vigésimo ano de vida.

⁸ Cf. Guerreira, *op. cit.*, p. 766.

⁹ Cf. Grimal, *op. cit.*, 1994, p. 206.

¹⁰ Cf. Salvatore, A. Aspetti della scienza, umanità e arte nel "De re rustica" di Varrone. *Vichiana. Rassegna di studi filologici e storici*. Napoli, anno V, fascicoli I-II, p. 23, 1972: *Varrone ricerca la verità, attraverso l'opera di ricostruzione del passato. Dal presente egli risale continuamente alle origini. Ciò dà una certa unità alla varietà e complessità della sua produzione e al suo profilo di studioso e di uomo. La ricostruzione integrale del passato, sia che si riferisca all'indagine sulle parole (le famose "etimologie"), o alle memorie, agli usi, ai costumi, ai culti, agli autori stessi dei tempi antichi: è qui che si esprime in maniera tangibile l'ardore scientifico di Varrone. Direi che questo culto del passato, mentre conferisce una nota patetica alla figura del Reatino, ne scopre, al tempo stesso, i limiti, come del resto avviene, in genere, di ogni "laudator temporis acti". Ma il fatto sentimentale si traduce in fatto scientifico, costituisce la spinta verso una serie di ricerche globali, che possano far luce sulle antichità remote di Roma.*

¹¹ Cf. Guerreira, *op. cit.*, p. 767.

¹² A respeito das magistraturas de Varrão nos anos anteriores à temporada grega, cf. Miguel, *op. cit.*, p. 9.

¹³ Cf. Guerreira, *op. cit.*, p. 767-768.

¹⁴ Com efeito, a fase posterior a Farsália correspondeu aos anos em que se dedicou, sobretudo, a aprofundar a composição de sua vastíssima obra (cf. Guerreira, *op. cit.*, 767). Sobre suas atividades anteriores a serviço de Pompeu Magno, por outro lado, cf. Paratore (Paratore, E. *História da literatura latina*. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Gulbenkian, 1987, p. 169: *E, como tinha estado no séquito de Pompeu na guerra contra Sertório, continuará a segui-lo na guerra contra os piratas e talvez também na terceira guerra mitridática: de tal forma que chegamos a pensar que, como Cícero, também Varrão se terá, gradualmente, aliado à política do partido oligárquico, através de sua adesão a Pompeu.*).

¹⁵ Cf. Paratore, *op. cit.*, p. 170.

¹⁶ Cf. Della Corte, F. Letterati di parte pompeiana. *Opuscula Francesco Della Corte*. Genova: Pubblicazioni dell'Istituto Universitario di Magistero, 1992. V. XIII, p. 37: *Per Pompeo, console designato, per il 70, Varrone scrisse un commentario intitolato "Isagogico a Pompeo". Il militare, che stava per divenire console, durante tutta la sua vita precedente era rimasto allo scuro del modo di tenere una riunione e di consultare i senatori; e in genere era ancora inesperto della vita civile di Roma. Varrone gli spiegava che cosa si dovesse fare, che cosa dire, quando si chiedeva il parere del senato.*

¹⁷ Cf. César. *La guerre civile*. Texte établi et traduit par Pierre Fabre. Paris: "Les Belles Lettres", 1987. V. I (minha tradução): II XVII. "Também começou a remar conforme a corrente".

¹⁸ Cf. Riposatti, B. M. Terenzio Varrone. L'uomo e lo scrittore. In: *Atti del Congresso di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani Editore, 1974. V. I, p. 64-65 (minha tradução).

¹⁹ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XIV.

²⁰ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XIV: *Après Pharsale, les vétérans ramenés par Antoine réclamèrent les terres qu'il leur avait promises en Campanie, et, dans la vente à l'encan des biens des Pompéiens, une bande de mimes et de courtisanes se déchaîna contre la villa de Varron à Casinum: nous avons déjà cité le passage de la deuxième "Philippique" dans lequel Cicéron rappelait ces violences, qui avaient transformé le "deuersorium studiorum" en un "deuersorium libidinum".*

²¹ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XV: *Mais pourquoi, se demande Appien?*

²² Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XV.

²³ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XV-XVI.

²⁴ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XVI: *L'oeuvre de Varron, dont la plus grande partie a disparu, était immense. En 39, à 77 ans, il calculait qu'il avait rédigé 490 livres, dont beaucoup s'étaient perdus dans les proscriptions. De ce qui restait, saint Jérôme nous a laissé, d'après Suétone, un catalogue qui énumère trente-neuf ouvrages comprenant 320 volumes. Encore cette liste comporte-t-elle des lacunes, et ne fait-elle mention que des oeuvres de l'âge mûr et de la vieillesse; il faut y ajouter treize titres indirectement attestés pour la période qui va de 84 à 56.*

²⁵ Cf. Miguel, *op. cit.*, p. 16: *Su tríada teórica, como testimonia la misma obra, dedicaba un primer libro a los argumentos contra la etimología, un segundo a los argumentos en defensa de ella y un tercero al objeto de la misma. Era éste el modo de "discutir en uno y outro sentido", propio de la dialéctica de los filósofos académicos. En la tríada práctica (conservada, según se ha dicho), un libro abarca las palabras de la prosa que indican espacio, outro las de la prosa que indican tiempo y un último las de todo tipo existentes en los poetas.*

²⁶ Cf. Miguel, *op. cit.*, p. 19: *La segunda parte de LL se refería de manera concreta a la "declinatio" de las palabras, concepto en el que se incluye tanto la flexión de éstas como la composición y la derivación de las mismas. Como la primera parte, estaba formada por dos tríadas, una teórica y outra práctica. Aquella, conservada, se sirve asimismo de una exposición dialéctica: primero se adopta la posición de los anomalistas (libro VIII), después la de los analogistas (libro IX) y finalmente se expone la verdadera analogía, que no es outra cosa que la solución de nuestro autor al problema (libro X). La tríada práctica, perdida, sin duda dedicaba un libro a la "declinatio" del nombre en la lengua hablada, outro sobre todo a la del verbo en el mismo nivel lingüístico y un último a la de los términos poéticos.*

²⁷ Cf. Miguel, *op. cit.*, p. 20: *Los escasos restos conservados de la tercera parte hacen muy difícil conjeturar de manera acertada su auténtico contenido. LL mismo da a entender que trataba de sintaxis, pero el problema es precisar qué carácter tenía ésta.*

²⁸ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XVII.

²⁹ Cf. Basanoff, V. *Les dieux des Romains*. Paris: Presses Universitaires de France, 1942, p. 27: *La chaleur religieuse des cultes orientaux qui commençaient à pénétrer pour conquérir momentanément l'âme des Romains y trouva un terrain favorable.*

³⁰ Cf. Grimal, *op. cit.*, 1994, p. 215: *Or la foi dans les divinités et l'efficacité des rites était menacée par un scepticisme grandissant, qui se marquait par les progrès que faisait l'épicurisme mais, plus gravement encore, par le discrédit dans lequel tombaient les croyances traditionnelles. Si l'on en croit Cicéron, la plus simple des vieilles femmes considérait comme des contes sans réalité tout ce que l'on disait des Enfers.*

³¹ Cf. Grimal, *op. cit.*, 1994, p. 214-215: *Or, aux yeux de Varron, la religion est un élément essentiel, fondamental, de la vie politique. (...) Pour cela, Varron montrera que la religion des cités, instituée par de sages législateurs, n'est à aucun degré une mystification, aussi utile qu'elle puisse l'être, mais un système de figures et de symboles qui permettent, si on les interroge convenablement, et en philosophe, de pénétrer les plus grands secrets de l'univers et d'atteindre à l'âme du monde.*

³² Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XVII: *En fait la philosophie - cette philosophie qu'il avait puisée aux leçons de l'Académie et qu'avait finalement teintée le pythagorisme - est partout dans l'oeuvre de Varron, et c'est pourquoi saint Jérôme (Suétone) rangeait sous ce vocable tout ce qui n'était pas poétique badinage.*

³³ Cf. Grimal, *op. cit.*, 1994, p. 212: *Dans les "Académiques", Cicéron fait dire à Varron (personnage du dialogue) quelle avait été son intention en composant ces "Satires", où il s'était inspiré de Ménippe, mais sans le traduire: il voulait ainsi initier les lecteurs les moins préparés à découvrir ce qui fait l'essentiel de la*

philosophie ("ex intima philosophia"), c'est-à-dire, peut-on croire, le rejet "socratique" des préjugés et des erreurs de l'opinion ("doxa"), créer ainsi cette "table rase" sur laquelle on pourra, plus tard, reconstruire un système de pensée cohérent. Pour attendre ce but, Varron procédait en recourant à des plaisanteries, des images et des situations burlesques, qui rendaient la lecture agréable.

³⁴ Cf. Miguel, *op. cit.*, p. 44: Petrarca ("Trionfo della fama" III 37-38) considera a Varrón "il terzo gran lume romano", tras Virgilio y Cicerón.

³⁵ Cf. Calvo, J. L. Platón. In: López Férez, J. A. (org.). *História de la literatura griega*. Madrid: Cátedra, 2000, p. 655: Sería ingénuo pensar que el diálogo, como género literario, salió de la cabeza de Platón, como Atenea de la de Zeus, con toda su panoplia. Ningún género surge espontáneamente. Por ello se ha buscado minuciosamente todo aquello que pudiera constituir un precedente. Así R. Hirzel hace un recorrido por todas las formas miméticas anteriores, desde los propios poemas homéricos, como si se tratara de veneros que van confluyendo hasta formar el torrente del diálogo platónico. Evidentemente tal planteamiento es equivocado, pero no se puede negar que, al menos, formas dramáticas como la Tragedia y Comedia áticas y los Mimos de Sófron han debido influir en Platón. Pero es más, Platón no es el único y con seguridad no fué el primero en escribir diálogos de contenido "filosófico" con Sócrates como protagonista y con antagonistas como Calias, Alcibiades, etc. Aunque no conservamos ningún diálogo socrático no platónico, contamos con datos de sobra sobre la existencia, y abundancia, de ellos. El libro II de Diógenes Laercio nos ofrece la lista de los escritores socráticos y títulos de sus diálogos entre los que destacan Glaucón, Simias de Tebas, Fedón y Critón y, sobre todo, Esquines socrático de cuyos siete diálogos - "Alcibiades", "Aspasia", "Axíoco", "Cálias", "Milcíades", "Telauges" y "Rinón" - conservamos algunos fragmentos.

³⁶ Cf. Tejera, A. D. Aristóteles. In: López Férez, *op. cit.*, p. 698: Aristóteles ha dejado una amplia y profunda obra. Y se acepta como doctrina común que esta obra comprende dos clases de escritos. Una clase que engloba tratados denominados "exotéricos", dedicados a la publicación y de estructura dialógica, en su mayor parte, de imitación platónica.

³⁷ Cf. Tejera, *op. cit.*, p. 699: Y es posible que reprodujera pensamientos fundamentales del "Fedón" de Platón: la migración de las almas, según la terminología que transmite Proclo "aquí y allá", "desde allá hacia aquí", y quizá, la "anamnesis", de suerte que el alma que un día contempló los objetos allá arriba en su pureza, al unirse al cuerpo los olvidó, pero en la separación se recuerda de nuevo. Digo quizá porque si bien se lee el texto de Proclo, la semejanza con la doctrina platónica podría no ser tan clara. Y esta diferencia se encuentra, no en el tema, pero sí en la argumentación. Platón había rechazado la concepción de que el alma fuera una armonía. Aristóteles también y lo prueba de la siguiente forma: sustancia es la realidad que no tiene contrarios. Pero a la armonía se opone la desarmonía; están en el alma como elementos adyacentes. La armonía es belleza, vigor, salud; la desarmonía, lo contrario. El alma puede ser fea, débil, enferma, pero nunca fealdad. Luego el alma no es armonía y sí una sustancia.

³⁸ Cf. Tejera, *op. cit.*, p. 701.

³⁹ Cf. o que se dá no *De finibus bonorum et malorum*, em que a discussão a respeito do bem supremo se reparte não só por diversas escolas filosóficas mas também, concretamente, pelas personagens que as defendem (entre as quais se encontra o próprio Cícero).

⁴⁰ Cf. as seguintes palavras de Grimal (*op. cit.*, 1994, p. 176) a respeito das semelhanças entre, particularmente, certa passagem antológica do *De re publica* ciceroniano e um procedimento compositivo associável a Platão: *Il en expose longuement les principes dans le "De re publica", dont l'influence s'exercera sur la formation du principat. Le livre se terminait par un mythe, comme un dialogue de Platon: Scipion Émilien, qui est l'un des interlocuteurs du dialogue, avec son ami Laelius et Q. Mucius Scaevola, raconte qu'étant en Afrique, il a vu, en songe, le premier Africain, qui lui révèle le sort des âmes après la mort, celle des hommes vertueux, et, en particulier, de ceux qui ont consacré leur vie au bien de la cité, et qui recevront l'immortalité.*

⁴¹ Cf. Ruch, M. *Le préambule dans les oeuvres philosophiques de Cicéron. Essai sur la genèse et l'art du dialogue*. Paris: "Les Belles Lettres", 1958, p. 29.

⁴² Cf. Ruch, *op. cit.*, p. 32: *Le récit littéraire fait à la première personne et s'adressant au public caractérise les dialogues narratifs.*

⁴³ Cf. Ruch, *op. cit.*, p. 33: *A ce sujet il faut d'abord rectifier la distinction que font Diogène Laërce (...) et Plutarque entre dialogues dramatiques et dialogues narratifs, les premiers reproduits directement, les autres rapportés par un narrateur qui, d'ailleurs, n'est jamais Platon lui-même.*

⁴⁴ Cf. Calvo, *op. cit.*, p. 655-657.

⁴⁵ Cf. Ruch, *op. cit.*, p. 40.

⁴⁶ Cf. Ruch, *op. cit.*, 41-42.

⁴⁷ Cf. Gaillard, S.; Martin, R. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990, p. 234 (minha tradução).

⁴⁸ Cf. von Albrecht, M. *A history of Roman literature. From Liuius Andronicus to Boethius*. Leiden/ New York/ Köln: E. J. Brill, 1997. V. I, p. 602: *The doctrine he imparts is presented in Platonic fashion as the report of a conversation, something without parallel in the literature of agriculture.*

⁴⁹ Cf. *De re rustica* I 7: *sermones eos quos de agri cultura habuimus nuper.*

⁵⁰ A presença desse modo compositivo, por sinal, permite aos estudiosos as tentativas de datarem os momentos fictícios de ocorrência dos eventos tematizados em cada livro (cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXII: *Rappellons que la date fictive du livre I se place entre 59 et 57, celle du livre II en 67, celle du livre III entre 60 et 50.*).

⁵¹ Em III XVI 4-9, *Appius* trata justamente das abelhas sob o aspecto biológico (deixando a *Mérula* o prático); em II V 2-18, *Vaccius* trata do gado bovino; no livro I, embora Estolão "monopolize" o tratamento da agricultura com Escrofa, a grande especificidade de seu nome diante da riqueza dos temas abordados inviabiliza o efeito encontrado para *Appius* e *Vaccius*.

⁵² Referimo-nos aqui à produção de Plauto e Terêncio, autores associados à chamada *palliata* latina.

⁵³ Segundo observação de Pociña [cf. Pociña, A. *Épica y teatro. La primera poesia desde sus comienzos hasta el siglo I a.C.* In: Codoñer, *op. cit.*, p. 35], o enredo básico das peças de Plauto mantém em geral vínculos com as dificuldades de um jovem que intenta comprar a liberdade da mulher a quem ama mas não possui os recursos materiais para tanto. Assim, deve recorrer aos ardis de um escravo esperto para alcançar esses objetivos, a despeito da oposição "encarnada" na figura de um amo avarento; o mesmo autor, em seguida, cita algumas variações dessa trama básica, dividindo as peças por grupos conforme critérios que variam de crítico para crítico. Independentemente dos muitos parâmetros classificatórios já adotados para essa divisão, o fato é que as comédias plautinas não se esgotam na total constância compositiva, possibilitando-nos falar em nuances temáticas como aquelas a que nos referimos aqui.

⁵⁴ Cf. Gaillard; Martin, *op. cit.*, p. 234-235 (minha tradução). Apesar do grande entusiasmo desses autores pelo *De re rustica*, perceptível pelas próprias palavras transcritas acima, julgamos necessária, como esclareceremos em seguida, a moderação do tom em referência a ele. Dessa maneira, sem ignorar os méritos da obra no tocante ao aspecto da elaboração literária, recomenda-se evitar a divulgação de sua imagem sob a categoria das obras-primas da literatura latina (erro em que, por sinal, esses críticos não recaem).

⁵⁵ Cf. Ruch, *op. cit.*, p. 57: *Le dialogue s'explique par les mêmes besoins que le poème didactique: comme lui, il est devenu le signe d'une époque qu'ennuie l'érudition du spécialiste: or c'est nécessairement ennuyer que de suivre trop longtemps la même trame. Voilà pourquoi d'autre part, un poète qui entreprend de traiter un sujet scientifique (médecine, astrologie...), prend soin, pour éviter l'allure du pédagogue, d'introduire des digressions, de parsemer son poème de toutes espèces d'agréments.*

⁵⁶ Cf. a respeito do artificialismo (embora com enfoque diversificado) as seguintes palavras de Skydsgaard sobre aspectos da fala de Estolão em *De re rustica* I (Skydsgaard, J. E. *Varro the scholar. Studies in the first book of Varro's "De re rustica"*. Copenhagen: Einar Munksgaard, 1968, p. 25): *The style is very similar to Scrofa's. The starting-point is a table with six columns, which are filled in with varying interest - in some cases with an analytic description of the subject, in others with an enumeration almost like a catalogue, or with a number of linguistic explanations. Characteristic are the many reflections of the type, thesis followed by argument or illustration. On the whole, examples and analogies of the most surprising kind play an important part. These features should not only be considered typical of the speakers of the dialogue, but also of the writer of the treatise. Further, references to technical literature appear too frequently to form a natural part of a fictiously improvised discourse; such references belong to a treatise. It is unreasonable to expect that people, at a chance encounter, can quote and paraphrase long passages of technical literature of a rather specialist kind - even considering the phenomenal training of the memory in Antiquity.*

⁵⁷ Cf. Miguel, *op. cit.*, p. 16. Em menção às divisões e subdivisões do *De lingua Latina*, por exemplo, o crítico alude a prováveis motivações estoicas e pitagóricas em seu modo de organização interno. Considerando que esse constitui um traço contínuo da prática de escrita varroniana, não nos parece despropositado pensar numa espécie de extensão desse fator (enquanto "inspiração") também para o *De re rustica*.

⁵⁸ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XLVII: *Les notices en tête de chaque livre s'efforceront de dégager le plan sur lequel il est construit, et le commentaire tentera de faire ressaisir les efforts constants de Varro pour soumettre à un schéma préétabli une réalité qui souvent lui échappe: notamment dans le livre I, à l'occasion de 1,5,3 pour le discours de Scrofa et de 1,37,4 pour celui de Stolon; on nottera entre autres, à 1,16,1-6, la solution de rechange qu'il est obligé d'improviser.*

⁵⁹ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XLVI, XLVII (minha tradução).

⁶⁰ Cf. Saint-Denis, E. de. Syntaxe du latin parlé dans les "Res rusticae" de Varron. *Revue de Philologie*. Paris, année et tome XXI, p. 141-162, 1947.

⁶¹ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 142.

⁶² Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 142: *Pour prendre un exemple savamment étudié, celui de la phrase nominale, on constate que la copule est à chaque instant omise dans les "res rusticae", non seulement dans les propositions d'exposé général (il y a deux espèces de..., il y a trois parties..., etc.), mais encore dans les énoncés de préceptes (il faut faire en sorte de...; le moment de faire telle chose, c'est..., etc.), et même dans les propositions explicatives, introduites par "nam", "quod", "quoniam", etc. D'autres omissions sont fréquentes, par ex. celle du sujet "agricola", toujours présent à l'esprit de l'auteur quand il parle des travaux de la terre. Procédés du langage savant, du style didactique, qui abrège et retient l'essentiel? Oui, si l'on veut que Varron ne fasse que "réunir des notes", et procéder "comme un écrivain moderne qui, composant un manuel, se contenterait de rendre à l'aide de ponctuations la suite de ses idées: deux parties dans ce sujet; la première, des semailles, partie la plus importante, parce que la moins connue..." Mais beaucoup de phrases nominales se trouvent dans les passages les plus dialogués, dans les scénettes qui font penser aux "Comédies" de Plaute ou à certaines "Satires" d'Horace, c'est-à-dire à ce que pouvait être le latin parlé. Entre syntaxe du latin parlé et syntaxe du latin didactique la discrimination n'est pas toujours facile.*

⁶³ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 143: *Même ambiguïté en ce qui concerne l'anastrophe de la conjonction, du relatif et de l'interrogatif, très librement déplacés et rejetés à l'intérieur des subordonnées qu'ils commandent; s'explique-t-elle par les libertés du "sermo cotidianus"? Anastrophe de la conjonction reléguée à la deuxième place: 1, 17, 6 ("cum"); 1, 1, 2 ("quod"); à la troisième: 2, 3, 2 ("ut"); 1, 2, 5 ("si"); à la quatrième: 2, 3, 2; 3, 3, 3; 2, 4, 17 ("ut"); 1, 12, 4; 2, 2, 14 ("quod"); à la cinquième: 1, 2, 17 ("ne"); 2, 1, 3 ("cum"); à la septième: 3, 6, 6 ("ut"); 3, 16, 32 ("quoniam"); à la huitième: 1, 13, 2 ("ut"); 1, 41, 4 ("quod"); 3, 13, 3 ("cum"); à la dixième: 1, 3 ("quoniam"); à la onzième: 1, 46 ("ut"). Anastrophe du relatif: 1, 4, 4 ("quae"); 1, 26 ("quas"); 1, 31 ("unde"); 1, 45, 3 ("quod"); 1, 63 ("qui"), etc. Anastrophe de l'interrogatif: 1, 17, 1 ("quibus"); 1, 17, 3 ("quid"); 1, 18, 7 ("cuius"); 1, 22, 5 ("qua"), etc.*

⁶⁴ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 144: *Voici, dans le même ordre d'idées, quelques exemples de phrases dont l'agencement très souple fait penser aux sinuosités de la langue parlée comme aux libertés des notes de cours: 1, 2, 2 ("et nos uti expectaremus se reliquit qui rogaret"); 1, 5, 1 ("relinquitur quot partes ea disciplina habeat ut sit uidendum"); 3, 12, 4 ("de iis Archelaus scribit, annorum quot sit qui uelit scire, inspicere oportet foramina naturae").*

⁶⁵ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 144: *Les anaphores, qui ne manquent pas, sont procédés d'interlocuteurs qui martèlent leurs propos, comme des professeurs qui font saillir les articulations de leur exposé: 1, 9, 3 ("alia... alia... alia"); 1, 9, 7 ("si... si... si"); 1, 13, 3 ("hic... hic"); 1, 16, 6 ("ut...ut"); 1, 23, 1 ("alia... alia... alia... alia"); 2, 5, 4 ("testis... testis"); 2, 5, 5 ("hunc... hunc... hunc"); 2, 7, 15 ("alii... alii... alii... alii..."); 2, 8, 1 ("de... de... de"); 2, 10, 3 ("qui... qui... qui"); 3, 2, 4 ("ubi... ubi... ubi"); 3, 5, 3 ("ubi... ubi... ubi"); 3, 16, 4 ("ab his... ab his... ab his"); 3, 16, 5 ("neque quod... nec quod... nec quod"); 3, 17, 2 ("magno... magno... magno").*

⁶⁶ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 144: *Enfin les anacoluthes peuvent être lâchées dans la conversation comme dans la rédaction succincte de notes didactiques: 1, 8, 4 ("coligatas", s. ent. "harundines", à tirer de "harundinetum"); 1, 37, 5 ("aliae", s. ent. "arbores" suggéré par le contexte); 1, 41, 2 ("existimatur ea inseri", i. e. "ficus", à tirer de "ficeta"); 2, 10, 8 ("in Liburniam... eorum", i. e. "Liburnorum", à tirer de "Liburniam"); 3, 15, 1 ("glirarium... ne ex ea eripere possit", sujet "glis", à tirer de "glirarium"). En un mot, les procédés et accidents de style qui tiennent au besoin d'abrégé et de formuler, sont utilisés par l'auteur didactique et par le dramaturge qui anime un dialogue.*

⁶⁷ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 144-145: 2, 11, 9 ("a quarta ad decimam", s. ent. "horam"); 3, 17, 10 ("cum lata candidatus noster", s. ent. "purpura"); du verbe "dicere": 1, 22, 6 ("hic haec"); 1, 23, 7 ("Cato non male"); 2, 5, 1 ("haec hic"); 2, 6, 1 ("haec ille"); 2, 11, 12 ("illi hoc"); 3, 17, 10 ("nos haec"); du verbe "uenire": 1, 2, 11 ("illi interea ad nos"); 3, 17, 10 ("candidatus noster... in uillam"); du verbe "facere-fieri": 1, 2, 1 ("quid uos hic?"); 1, 34, 2 ("haec aliquot regionibus"); ou d'autres verbes faciles à suppléer d'après le contexte: 1, 20, 3 ("quos ad uecturas"); 1, 13, 7 ("ut antiqui"); 1, 19, 3 ("de canibus uero utique"); 1, 40, 5 ("neque enim si malus pirum"); 2, 2, 10 ("sic calles publicae"); 2, 5, 13 ("si quadrimae"); 3, 9, 16 ("quod fere quae ante").

⁶⁸ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 145: "etiam quoque" (1, 1, 3; 1, 2, 14); "et etiam" (1, 17, 2; 1, 48, 1; 1, 59, 3; 2, pr., 5; 2, 11, 3; 3, 9, 9); "quod enim" (1, 13, 4); "itaque ideo" (1, 8, 7; 1, 16, 5); "itaque ita" (1, 45, 3); "itaque propterea" (1, 2, 19); "itaque ab hoc" (2, 7, 16); "itaque ob eam rem" (2, 4, 5); "nisi si" (2, 2, 6; 2, 9,

9; 3, 2, 12); "nec non" (1, 1, 6; 1, 55, 3; 2, 1, 22; 2, 9, 10; 2, 10, 9; 3, 3, 4; 3, 16, 26); "item sic" (1, 22, 5); "statim sine interuallo" (2, 1, 22); "interea iis temporibus" (2, 2, 17); "item eodem modo" (2, 7, 3); "in secluso clam" (3, 5, 6); "initium primum" (2, 4, 9); "redire rursus" (3, 17, 9); "rursus reicere" (1, 13, 5); "rursus reddere" (2, 2, 1); "crebro facitare" (3, 16, 29); "semper solere" (3, 17, 5); "bestiolae minutae" (2, 5, 14); "riuolus tenuis" (3, 5, 11); "mamillae tenues" (3, 14, 2); "pisciculi minuti" (3, 17, 6). À cette liste de G. Heidrich on peut ajouter: "fere circiter" (1, 27, 1); "alia reliqua" (1, 9, 3); "adiciant praeter eas aues alias quoque" (3, 5, 2); "omnes uniuersae" (3, 2, 5); "eo magis... eo deterior" (1, 6, 6). Plusieurs de ces pléonasmes se trouvaient déjà chez Plaute.

⁶⁹ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 145: 1, 2, 14 ("quod ab eo in eam conuehantur fructus et euehantur" - "et ex ea euehantur"); 1, 12, 3 ("uitandum ne... spectet uilla... et ut potius in sublimi loco aedifices" = "et uidendum ut potius..."); 1, 16, 6 ("euehi atque inuehi ad multa praedia scimus" = "euehi e multis praediis atque inuehi ad ea scimus"); 1, 17, 2 ("grauia loca utilius esse mercennariis colere quam seruis, et in salubribus quoque locis opera rustica maiora" = "opera rustica maiora facere"); 3, 3, 6 ("bini gradus, superiores quos frugalitas antiqua inuenit"); 3, 8, 2 ("inter reliquos dodrantes": suppléer "interesse"); 3, 3, 5 ("piscinae dulces fieri coeptae", et "e fluminibus captos recipere ad se pisces" = "et... recipere coeperunt").

⁷⁰ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 147: Passage d'un singulier collectif à un pluriel: "familia... si fessi..." (1, 13, 1); "herba... de his" (1, 49, 1); "capra... harum..." (2, 3, 7); "utraq; fenestra... factae... per eas" (3, 9, 6); "alterum genus... cum iis..." (3, 10, 2); en particulier, dans des proportions relatives: "capra... quas..." (1, 2, 15); "serpens... quarum bestiarum..." (3, 9, 14); "lepus... qui mutant" (3, 12, 6). Inversement, passage d'un pluriel à un singulier collectif sousentendu: "considunt (apes)... minime malefica", s. ent. "apis" (3, 16, 7).

⁷¹ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 148: Quatre exemples du passage de "res", fém. plur., à "quae", plur. neutre: 1, 1, 11 ("rebus, quae non arbitror pertinere ad agri culturam"); 1, 5, 4 ("de rebus... quae sint praeparanda"); 1, 39, 3 ("de singulis rebus uidendum, quae... facias"); 2, 1, 3 ("ex iis rebus, quae... ferret terra").

⁷² Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 148: Une survivance de l'état paratactique, en latin ancien, est la reprise, dans la proposition relative, de l'antécédent: Pl. "Epid.", 41 ("est causa, qua causa..."); "Rud.", 997 ("quo colore..., hoc colore"); "Merc.", 1015 ("legem..., qua lege"). Semblable est cette quasi-reprise de l'antécédent dans un précepte de Varron, 1, 13, 5: "aedificium facere oportet, sub quod tectum..."

⁷³ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 149: Comme Plaute et beaucoup d'autres, Varron omet volontiers cet antécédent, qui serait un accusatif: 1, 41, 2 ("quae natura minus sunt mollia, uas aliquod supra (ea) alligant"); 3, 7, 10 ("qui iam pinnas incipiunt habere, (eos) relinquunt in nido"); 3, 10, 1 ("ubi anseres aluntur, (id) chenoboscion appellatis"); (...) ou un datif: 2, 6, 2 ("gregem qui facere uolt bonum, (ei) primum uidendum"); 2, 7, 11 ("alternis qui admittant, (eis) diuturniores equos, meliores pullos fieri dicunt"); (...) ou un ablatif: 3, 16, 7 ("opturant... (ea) quam erithacen appellant Graeci").

⁷⁴ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 149: Varron va plus loin: il omet l'antécédent "is" du relatif, alors même que ce démonstratif serait précédé d'une préposition: 1, 27, 2 ("uere sationes quae fiunt, (in eis) terram rudem proscindere oportet"); 1, 52, 1 ("quae seges grandissima... fuerit, (ex ea) seorsum in aream secerni oportet spicas"); 3, 13, 1 ("quem fundum in Tusculano emit hic Varro..., (in eo) uidisti... apros et capreas conuenire ad pabulum"); 1, 25, 1 ("qui locus..., (in eo) seri oportere").

⁷⁵ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 150: La juxtaposition paratactique de deux sujets (Pl. "Capt.", 232: "maxima pars... homines = hominum") s'est maintenue, semble-t-il, après la période archaïque, dans certains emplois du latin parlé, si l'on en juge d'après 2, 4, 2: "proauos ac superiores, de Tremeliis nemo appellatus Scrofa" = "neque proauos neque superiorum unus..." De même parataxe, à l'accusatif, en 2, 5, 18: "exscripta... aliquid legat" = "exscriptorum aliquid..."

⁷⁶ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 151: l'accusatif proléptique, autrefois considéré comme un héliénisme, appartenait au latin parlé, comme le montrent les nombreux emplois de Plaute ("Merc.", 483; "Rud.", 390; "Pers.", 414; "Most.", 389; etc). Il y en a plusieurs exemples dans les "R.R.": 1, 40, 2 ("prima semina uidere oportet ne uetustate sint exsucta"); 1, 2, 8 ("uidet eos fore ut pestilentia dispereant"); 2, 5, 18 ("armentarium meum crebro ut aliquid legat curo"); 2, 9, 15 ("reliquas canes facit... ut sint in tuto"); 3, 10, 4 ("eas cellas prouident ne habeant in solo umorem"); 3, 16, 28 ("alii aquam mulsam in uasculis prope ut sit curant").

⁷⁷ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 152: À l'ablatif de temps se rattachent des ablatifs de substantifs non accompagnés d'adjectifs et désignant une circonstance, comme "occasu solis" (Caes., "B.G.", 1, 50, 8). La langue parlée dut multiplier ces ablatifs rapides et commodes. On lit chez Plaute: "ludis" (aux jeux, "Pers.", 436); "nuptiis" (aux noces, "Aul.", 540); chez Cicéron: "theatro et spectaculis" (au spectacle, "Att.", 2, 19, 3); chez Tite-Live: "solemnibus" (les jours de grandes fêtes, 23, 24, 12), etc. Parfois cet ablatif concurrençait l'ablatif avec "in", de la question "ubi". Avec d'autres substantifs il côtoyait l'ablatif circonstanciel de

manière: de même que Caton dit: "uento austro" ("Agr.", 31, 2) et Cicéron: "austro" ("Diu.", 2, 27) = quand souffle le vent du midi, par vent du midi, Varron écrit: "siccitatibus" (= par temps serein, 31, 12, 5).

⁷⁸ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 154: On sait que la concordance des temps n'était pas observée rigoureusement dans le latin parlé; par ex., en proposition complétive, Pl., "Men.", 788 ("quotiens monstraui tibi uiro ut morem geras?"). De même, dans les "R.R.", 2, 7, 15: "maxime institutum (est) ut castrentur equi", au lieu de "castrarentur"; 2, 9, 6: "praecepit... uti ranam obiciat coctam." Et en proposition interrogative indirecte, 1, 3; "quae diiungenda essent a cultura cuius modi sint quoniam discretum (est)", au lieu de "cuius modi essent".

⁷⁹ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 155: La préférence de la langue parlée pour les constructions paratactiques (...) apparaît dans "licet adicias" (1, 2, 16; cf. Plaute); "est satius dicas" (1, 2, 26; cf. Cat., "Agr.", 54, 17); "uillam urbanam quam maximam ac politissimam habeant dant operam" (1, 13, 7).

⁸⁰ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 157: La substitution de l'adjectif verbal en "-ndus" au gérondif, lorsque celui-ci est accompagné d'un complément à l'accusatif, ne s'imposait pas dans la langue parlée, comme il appert d'après les exemples de Plaute, de Lucrèce, d'Afranius; cf. Lindsay, pp. 77-78; Juret, "op. cit.", pp. 190-191. Varron, dans ces préceptes des "R.R.", use fréquemment du tour "uidendum (est)haec", au lieu de "uidenda sunt haec", 1, 6, 1; cf. 1, 11, 2; 1, 20, 1; 1, 20, 2; 1, 20, 5; 1, 21; 1, 32, 2; 1, 47, 1; 1, 51, 2; 2, 2, 8; 2, 2, 13; 2, 2, 18; 2, 7, 11; 2, 7, 12; 2, 9, 10; 3, 7, 8; 3, 8, 1; 3, 9, 4; 9, 13 (3 ex.); 3, 10, 3 (3 ex.); 3, 16, 37.

⁸¹ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 158: La langue parlée substituait volontiers au superlatif de l'adjectif et de l'adverbe la périphrase: adverbe expressif + positif; cf. Lindsay, p. 80. Ainsi Varron écrit: "uehementer frigida" (1, 12, 1), après Cicéron: "uehementer utilis" ("Balb.", 60; "De Or.", 2, 216); et Horace usera de ce précédé du "sermo cotidianus" dans ses "Satires" (...).

⁸² Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 160: Enfin de "de" + abl. équivalent d'un génitif partitif, dont on cite quelques exemples cicéroniens et césariens, se trouve au moins huit fois dans les "R.R.", avec "nemo" (2, 4, 2: "de Tremeliis nemo"); ou un superlatif (1, 25, 1: "de iis miscellas maxime"; 2, 1, 5: "de antiquis illustrissimus quisque"; 3, 16, 19; "de apibus optima"); ou un comparatif (2, 5, 9: "de mediis duobus prior"; 2, 3, 4: "de capris quod meliore semine eae quae bis pariant"); ou un distributif (1, 5, 4: "de his quattuor partibus singulae"); ou même avec la valeur de parmi, d'entre (3, 16, 23: "de iis propolim uocant" = parmi ces produits, on appelle propolis).

⁸³ Cf. Saint-Denis, *op. cit.*, p. 162: Enfin le jeu des conjonctions copulatives n'est pas rigoureux comme dans la prose écrite et châtiée. Voici un exemple significatif: "quod et sustinet saepem ac cogit aliquot corbulae uuarum, et frondem iucundissimam ministrat ouibus ac bubus ac uirgas praebet saepius et foco ac furno" (1, 15, 1). La distribution des "et... ac" est négligée; en effet, on attendrait: "et sustinet (premier terme)..., et ministrat (deuxième terme)..., et praebet (troisième terme)"; les "ac" uniraient les membres à l'intérieur de chaque groupe; et l'on aurait pour le troisième: "saepius, foco furnoque".

⁸⁴ Cf. Norden, E. *La prosa d'arte antica*. Traduzione italiana a cura di Benedetta Heinemann Campana. Roma: Salerno, s.d. V. I, p. 209: Rispetto a questi fatti è solo apparentemente paradossale che lo stesso Varrone secondo Cicerone ("Att." XII 6,1) "Hegesiae genus laudabat", come effettivamente possiamo constatare nelle sue opere intere o frammentarie. Per capire questo dovremo riflettere anzitutto che il suo tono solenne, bislacco, prepotente è solo un aspetto della sua indole, e che ad esso si accoppia una irrefrenabile tendenza verso un rude umorismo, che viene alla luce in giochetti linguistici d'ogni genere. Quello che Cicerone ("Rep." II I) dice di Catone il vecchio, che in lui c'è "grauitate mixtus lepos", vale, come per tanti caratteri di campagnoli dell'antica Italia, anche per Varrone, il contrapposto di Catone, originario dei monti sabini. Da questo miscuglio deriva quel che di barocco noi troviamo sia nella sua personalità che nel suo stile. (...) Si pensi agli scherzi, di un'arguzia un po' rozza, sui nomi propri e anche su altri vocaboli, che per il nostro gusto hanno spesso il sapore di una freddura appena passabile (come 1 2, 27: "dic sodes, inquit Fundanius: nam malo de meis pedibus audire, quam quem ad modum pedes betaceos seri oporteat") più spesso di una molto scadente (come 1 7, 7: "idem ostendit, quod in locis feris plura ferunt, in iis quae sunt culta meliora"); in tali bisticci si incrocia la voglia di scherzare con quella di far delle etimologie. Contemporaneamente vi compaiono ogni sorta di periodi raffinati, come 1 2, 19; "itaque propterea institutum diuersa de causa ut ex caprino genere ad alii dei aram hostia adduceretur, ad alii non sacrificaretur, cum ab eodem odio alter uidere nollet, alter etiam uidere pereuntem uellet".

⁸⁵ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XLIX: Notons encore que Varron professait expressément le goût des courtes phrases sautillantes qu'il admirait chez Hégésias, fondateur de l'école asiatique.

⁸⁶ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XLIX: *Et en effet se révèle çà et là dans l'inorganisation de son écriture une volonté de style artiste: il recherche certains effets de "concinnitas", avec homoiotéleute et chiasme, poursuit un effort de "uariatio" qui évite les répétitions, cultive la personification poétique des objets inanimés.*

⁸⁷ Cf. nota anterior.

⁸⁸ Há, com efeito, vozes discordantes do excessivo influxo da arte na escrita varroniana. E. Laughton, assim, prefere abster-se de considerar a sistemática assimilação do asianismo pelo autor e nega que os traços arcaicos de sua linguagem tenham sido buscados de forma calculada [cf. Laughton, E. *Observations on the style of Varro. The Classical Quarterly*. Oxford, v. X, p. 2, 1960]: *Norden has taken Cicero's words too seriously; whatever Varro may have said about the Asianic style, his extant work provides no evidence that he made any conscious attempt to write in it. Nor, on the other hand, apart from his antiquarian predilection for archaic words and modes of expression, does he reveal any deliberate effort to avoid the fluency and balance of Ciceronian Latin. If an obvious parallelism or opposition of thought presents itself to him, he will not try to avoid the concinnity of language which is its natural expression. But for Varro it is the content of his work which matters, and he is not prepared to spend time over the form. When we consider his ceaseless passion for collecting and recording facts, and the enormous output that is attributed to him, it is clear that he must have written rapidly, and can have had neither the time nor the patience to pause over the shaping of a sentence, still less to revise what he had written. This is certainly the most probable explanation of the long periods that lose themselves, of the frequent anacolutha, and of the strangely misplaced subordinate clauses which we so often encounter. This, too, is the reason for the many apparent breaches of grammatical agreement which have been attributed to him, and which, in most cases, when examined in their context, exhibit nothing more violent than the kind of ambiguity or sense-construction which readily occurs in colloquial speech or in rapid, unrevised writing.*

⁸⁹ Cf. *supra* notas em que se remete ao nome de Saint-Denis.

⁹⁰ Cf. Heurgon, J. *L'effort de style de Varron dans les "Res rusticae"*. *Revue de Philologie*. Paris, v. XXIV, p. 62, 1950: *Nous avons la chance, si l'on ose dire, d'avoir en Varron un assez mauvais écrivain, le seul peut-être dans toute la littérature latine de la belle époque sur qui l'on puisse prononcer avec assurance un tel jugement. Et ce n'est pas naturellement que l'on confonde le laisser-aller de la langue parlée avec les défauts propres d'un style. Ce n'est pas non plus qu'on reproche à Varron de ne pas écrire comme Cicéron et César, envisagés comme les modèles absolus de l'éloquence. Ses fautes, c'est lui-même qui nous les signale en nous révélant, à chaque ligne, un idéal vers lequel il tend et qu'il n'atteint pas. (...) Et ce n'est pas non plus sa faute si, ayant commencé un paragraphe avec un souci évident d'ordre et de clarté, il en vient, au bout de quelques lignes, à s'embrouiller dans ses constructions, à se perdre dans ses parenthèses, à piétiner dans l'enchevêtrement de ses idées.*

⁹¹ Cf. Heurgon, *op. cit.*, 1950, p. 65: *Pourtant, le plus souvent, Varron fait comme ces épistoliers distingués qui, vous ayant remercié d'une "lettre", se hâtent de vous envoyer une "missive". C'est même ce facile raffinement de toilette qui attire notre attention sur des négligences qu'autrement nous ne songerions pas à lui reprocher. Il éprouve une visible satisfaction à faire alterner les synonymes: "ut PVTAVIT Thales Milesius, ... ut CREDIDIT Pythagoras Samius" (II, 1, 3; cf. II, 9, 13) - "ita... oportet aetate praestare, ut ne propter senectutem minus SVSTINERE possit labores. Neque enim senes callium difficultatem facile FERUNT, quod PATIENDVM illis qui greges sequuntur" (II, 10, 3) - "OBICIENDVM farinam, DANDVM hordeum" (II, 7, 11-12) - "SINVNT, PATIVNTR" (II, 4, 19-20) - (...) Parfois le même désir d'éviter une répétition se traduit par l'emploi de mots de même racine, mais pourvus d'une terminaison différente: "in uitam PASTORICIAM, e uita PASTORALI" (II, 9, 8) - "RVBENTI crista, palea RVBRA" (III, 9, 5). On le perçoit encore dans la chute pitieuse d'un mouvement d'éloquence sur le lièvre: "tanta fecunditas huius QVADRPEDIS" (III, 12, 4) où "quadrupes" apparaît comme une cheville assez plate et un succédané sans rigueur.*

⁹² Cf. Heurgon, *op. cit.*, 1950, p. 68: *Il existe enfin dans les "Res rusticae" certaines bizarreries de langage qui sont bien des personifications, mais qu'inspire le même goût pour l'expression recherchée; tel l'abus qu'il fait de verbes comme "uenio" et "uideo". On remarque en effet chez lui une façon de parler étrange, et qui lui semble particulière, qui prête aux objets un mouvement spontané: "ita lecta differtur in forum uinarium, unde in dolium VENIAT" (I, 54, 2) - "fauus VENIT in altaria" (III, 16, 5) - "quae (les produits de basse-cours) nutrire saginesque, in macellum ut PERVENIANT" (III, 3, 4). En allant un pas plus loin dans la même direction, on aboutit à "alia (uua) quae in piscinam in amphoram DESCENDAT, alia quae in carnarium ESCENDAT" (I, 54, 2; cf. I, 54, 1 et I, 68). Avec "uideo", on retrouve la même tendance à*

remplacer le mot simple par un équivalent imprévu: "nec enim (la "Villa Publica" du Champs de Mars) faenisicia VIDIT arida in tabulato" (III, 2, 6).

⁹³ Cf. Heurgon, *op. cit.*, 1950, p. 70: Et il ajoute: "Ceux qui encore aujourd'hui procèdent par arrachement font jeûner les moutons trois jours à l'avance, parce que la faiblesse de l'animal rend le travail moins pénible et les racines de ses poils moins tenaces." Mais tout à coup: "On dit qu'il n'y a eu aucun barbier avant qu'ils ne vinssent de Sicile en l'an de Rome 453..." Cette allusion intempestive à l'introduction des barbiers (ou, par écrire dans son style, des Figaros) dans la civilisation romaine, ne se justifie évidemment que parce que "tonsura" l'a fait penser à "tonsor", et que "tonsor" veut dire à la fois "tondeur" et "barbier".

⁹⁴ Cf. a esse respeito o sugestivo título do artigo de Heurgon citado acima.

⁹⁵ Cf. *supra* nota 84 e as seguintes palavras de Grimal (*op. cit.*, 1994, p. 101), decerto alusivas à impecável mestria do comediógrafo nelas mencionado quanto ao uso das palavras e ao humor: *Lorsque Plaute mourut, son épitaphe disait: "Depuis que Plaute est entré dans la mort, la comédie est en deuil, la scène est déserte, enfin les ris, les jeux, les bons mots, et les rythmes innombrables, tous ensemble, se sont mis à pleurer." Tel était le jugement que le public romain portait alors sur lui.*

⁹⁶ É preciso que nos lembremos, aqui, da extensa galeria de personagens utilizadas na comédia plautina. Apesar de serem tipos caricaturais e, portanto, repetirem-se a si mesmas nas diversas peças, diferenciavam-se nitidamente umas das outras (a ponto, no caso do escravo esperto e do amo tolo, de entrar em conflito por suas próprias características intrínsecas) e ajudavam a compor um panorama abrangente da diversidade dos caracteres humanos. Não se pode propriamente dizer que tenhamos isso no *De re rustica*, tendo em vista as semelhanças profundas entre homens que se vinculam, por exemplo à experiência com um mesmo universo (o mundo rural, em suas variadas faces) e ao papel de "palestrantes" em complementação às lacunas dos saberes dos companheiros.

⁹⁷ Cf. *supra* observações de Gaillard e Martin nas páginas 90-91.

⁹⁸ Cf. Calvo, *op. cit.*, p. 656: *De todas formas, incluso con esta dramatización secundaria, la parte esencial es el diálogo pertinente al tema, es decir, el agón propiamente dicho. Este agón, por su parte, puede aparecer bajo múltiples formas: la más simple es la del "élenchos" en que Sócrates va haciendo sus preguntas y el interlocutor responde simplemente "sí", "no" o "no sé"; es la forma habitual en los primeros diálogos y las preguntas de Sócrates suelen ser también cortas. Una forma más desarrollada es la de los diálogos más maduros que son más expositivos que refutativos: no buscan una definición, sino la exposición dialéctica de un pensamiento en expansión, por lo que las intervenciones de Sócrates son más largas y el diálogo resulta todavía más asimétrico. En este caso lo interlocutor se limita a afirmar, negar, expresar dudas o recapitular lo ya dicho (así, "Republica").*

⁹⁹ Cf. *De re rustica* I II 28.

¹⁰⁰ *Placenta*: cf. *De agri cultura* LXXVI.

¹⁰¹ *Libum*: cf. *De agri cultura* LXXV.

¹⁰² *Salgar os pernis*: cf. *De agri cultura* CLXII.

¹⁰³ Minha tradução.

¹⁰⁴ Cf. referências explícitas ao riso de certas personagens ao ouvirem citações de autores como os Sasernas (*De re rustica* I II 23-26, em minha tradução): *Non enim, siquid propter agrum aut etiam in agro profectus domino, agri culturae acceptum referre debet, sed id modo quod ex satiatione terra sit natum ad fruendum. Suscipit Stolo, Tu, inquit, inuides tanto scriptori et obstrigillandi causa figlinas reprehendis, cum praeclara quaedam, ne laudes, praetermittas, quae ad agri culturam uehementer pertineant. Cum subrisisset Scrofa, quod non ignorabat libros et despiciebat, et Agrasius se scire modo putaret ac Stolonem rogasset ut diceret, coepit: Scribit cimices quem ad modum interfici oporteat his uerbis: "cucumerem anguinum condito in aquam eamque infundito quo uoles, nulli accedent; uel fel bubulum cum aceto mixtum, unguito lectum." Fundanius aspexit ad Scrofam, Et tamen uerum dicit, inquit, hic, ut hoc scripserit in agri cultura. Ille, Tam hercle quam hoc, siquidem glabrum facere uelis, quod iubet ranam luridam coicere in aquam, usque qua ad tertiam partem decoxeris, eoque unguere corpus. - "Pois, se o senhor tiver algum ganho por causa do campo ou mesmo no campo, não se deve atribuí-lo à agricultura, mas apenas o que nasceu do cultivo do solo para seu proveito." Então, Estolão respondeu: "Tu," disse, "invejas tamanho escritor e censuras-lhe os potes para discordar, omitindo, para não elogiar, certos pontos memoráveis que decerto dizem respeito à agricultura." Escrofa sorriu, pois não ignorava os livros e os desprezava; Agrásio julgava que apenas ele os conhecia e pediu a Estolão que falasse; então, ele começou: "Descreve como é preciso que os percevejos sejam mortos nestes termos: 'conserva na água um pepino comprido e verte-a como quiseres: nenhum percevejo vai aproximar-se; ou ainda, rega o leito com fel bovino misturado com vinagre.'" Fundânio olhou para Escrofa e*

disse: "Ele fala a verdade, embora tenha escrito isso num livro sobre a agricultura." Ele respondeu: "Por Hércules, é tão bom quanto isto: 'Se quiseses depilar alguém, manda lançar uma rã amarela na água, ferver até reduzir à terça parte e umectar o corpo com a água.'"

¹⁰⁵ Cf. nota anterior.

¹⁰⁶ Cf. Scivoletto, N. Le "Praelocutiones" di Varrone nei "Rerum Rusticarum Libri". In: Santini, C.; Scivoletto, N. (org.). *Prefazioni, prologhi, proemi di opere tecnico-scientifiche latine*. Roma: Herder, 1992. V. II, p. 737-738: *La prima parte di tale proemio (par. 1-4) ha la forma di un discorso epidittico nel suo doppio aspetto di "laudatio" e di "uituperatio": la prima rivolta ai "uiri magni nostri maiores" che preponevano nella loro considerazione i "rustici" agli "urbani", le attività agricole alle altre svolte in città, la seconda riservata invece ai mutamenti insorti nella società romana, con l'inurbamento dei "patres familiae" e con la trasformazione del suolo coltivato in pascoli da parte di proprietari avidi e incapaci di distinguere tra "agri cultura" e "pastio"*.

¹⁰⁷ Cf. *De re rustica* II I 6, II I 9.

¹⁰⁸ Minha tradução.

¹⁰⁹ Cf. Traglia, A. Le "Res rusticae" di Varrone come opera letteraria. *Cultura e scuola*. Roma, n. XCIV, p. 92-93, 1985: *Si notino: "quisque pastor erat" (trocheo+peone primo o coriambo); "et ueteres poetae" (dattilo+ditrocheo); "alios polybutas" (clausola eroica); "tradiderunt" (dicoreo); "subduxe queritur" (trocheo+tribraco [= doppio trocheo]); "dicuntur argonautae" (trocheo+dicoreo); "exportauit" (dicoreo)*.

¹¹⁰ Cf. Pereira, M. A. *Quintiliano gramático. O papel do mestre de gramática na "Institutio oratoria"*. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 41-42: *Segundo os estóicos, todas as palavras teriam, de fato, uma origem onomatopaica; com o tempo, entretanto, a língua teria sofrido uma mudança tal, que nem sempre era possível enxergá-lo, daí decorrendo a necessidade de procurar descobrir, por trás das palavras, uma forma primitiva que mostrasse aquela origem. Nascia, deste modo, a Etimologia. O próprio nome dessa disciplina, derivado do adjetivo grego ε)/tumor, cujo significado é "verdadeiro", mostra bem a intenção com que para ela se voltaram os primeiros estudiosos da linguagem: chegar, mediante uma análise das correlações possíveis entre a forma e o sentido das palavras, a uma forma anterior, supostamente "verdadeira", por exibir justamente o antigo vínculo entre o nome e a coisa representada*.

¹¹¹ A explicação de palavras e expressões, por sinal, constituiu-se num dos principais afazeres da gramática antiga. Assim, ocorrendo com frequência e de maneiras distintas nas obras dos autores dedicados às especulações "lingüísticas" no mundo greco-latino (haja vista a possibilidade de consideração da própria etimologia, a que Varrão destinou as duas tríades iniciais do *De lingua Latina*, como uma de suas variantes), caracteriza fortemente uma das faces da erudição antiga nesse grande âmbito teórico. Ainda, seria talvez de interesse lembrar com Coradini (Coradini, H. *Metalinguagem na obra "De lingua Latina" de Marcos Terêncio Varrão*. Tese de doutoramento apresentada ao DCLV-FFLCH-USP. São Paulo: USP-FFLCH-DLCV, 1999, p. 323) da especial vitalidade dos estudos lexicográficos entre os "sábios-filólogos" alexandrinos: *Além disso, a exegese de textos levou os filólogos a estudar o léxico: palavras raras e técnicas ou de uso mais freqüente numa determinada forma poética, numa área semântica, numa época, num autor, numa região ou província. As le/ceij ou glw=ssai se multiplicam na época helenística*.

¹¹² Minha tradução.

¹¹³ Cf. Skydsgaard, op. cit., p. 102: *Naturally, a prerequisite for study was a comprehensive library. To a Roman in the days of the Republic this meant a private library, as a public library was only established by Caesar as dictator. From his correspondence we know the zeal which Cicero added to his collection of books. Lucullus, who can hardly be described as learned in the proper sense, had an immense library, and Varro's collection was also considerable, as was to be expected*.

¹¹⁴ Segundo observação de Heurgon (cf. nota a essa passagem específica do *De re rustica* na edição "Les Belles Lettres" da obra, p. 176-177), pairam dúvidas sobre a origem (onomatopaica?) da palavra *frit*, aqui empregada por Varrão; além disso, aventa a hipótese de que também se encontraria no verso 595 da *Mostellaria* plautina ("nec erit", corrigé en "ne frit"). No tocante à palavra *urru*, igualmente manifestando hesitação a respeito de sua legitimidade como leitura desse trecho varroniano, nomeia certo erudito alemão (Goetz) que a endossa.

¹¹⁵ Minha tradução.

¹¹⁶ Minha tradução.

¹¹⁷ Cf. introdução à edição "Les Belles Lettres" das *Geórgicas* (Virgile. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Introduction, notes et postface par J. Pigeaud. Paris: "Les Belles Lettres", 1998, p. XLIII: *Naïveté? Quelle naïveté? N'a-t-on pas cru jusqu'à Pasteur à la génération spontanée, et n'aura-t-on pas*

raison, peut-être d'y croire de nouveau, ne serait-ce que pour la tuer encore? La "bougonia" s'explique très bien en physique aristotélicienne. Elle est de bonne science de l'époque, si j'ose dire. C'est, comme le dit Ovide, un fait bien établi, "res probata").

¹¹⁸ Cf. *De re rustica* I I 11.

¹¹⁹ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXVI-XXVII: *Son expérience personnelle d'agriculteur? Nous savons que Varron avait eu une enfance paysanne, et il n'est pas impossible qu'il soit revenu de temps en temps, dans l'une de ses propriétés, au travail physique de la terre, bien qu'il dût se borner, le plus souvent, à les inspecter avec son "uillicus". Mais ces visites devaient être minutieuses. La saveur concrète des "Res Rusticae" tient pour beaucoup à l'attention avec laquelle il sait regarder; "animaduere", "obseruare" sont des verbes qu'il emploie très souvent. De même il insiste sur l'importance de l'"experientia coloni" (1,40,20), et sur l'utilité des essais méthodiques (1,18,8) auxquels on doit se livrer. Il est à l'affût des progrès de la technique agricole, signale comme une découverte intéressante l'application aux arbres fruitiers, "nuper animaduversa", de la greffe en fente par approche (1,40,6) - mais il s'embrouille dans les détails -, note avec satisfaction un procédé nouveau - "nuper institutum" - d'engraisement des lièvres (3,12,5).*

¹²⁰ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXIX.

¹²¹ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXIX-XXX.

¹²² Como exemplos desses momentos de equívoco interpretativo, citemos I XL 1 e I XL 3.

¹²³ Cf. *De re rustica* I II 16 e II I 3.

¹²⁴ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXXVI-XXXVII.

¹²⁵ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXXVII.

¹²⁶ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXXVII.

¹²⁷ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXXVIII: *Surtout il modernise un latin qui, en plus d'un siècle, avait vieilli: olivaire ne se dit plus "oletum", mais "oliuetum"; Caton appelait les marcottes "taleae"; Varron note que d'autres préfèrent le terme "clauolae" (1,40,4); parmi les fruits de conserve, les "pommes de moût" de Caton étaient devenues "pommes de miel" (1,59,1); les raisins dits autrefois "aminniae maiores" étaient maintenant, par suite de l'évolution phonétique et du succès d'un nouveau cépage, étiquetés "aminnae scantianae" (1,58). On ne peut rapprocher à un amateur de mots comme Varron, d'ailleurs ouvert aux nouveautés de la civilisation, de ne s'être pas désintéressé des variations du vocabulaire.*

¹²⁸ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXXVIII-XXXIX.

¹²⁹ Cf. Martin, R. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: "Les Belles Lettres", 1971, p. 244.

¹³⁰ Cf. nota anterior.

¹³¹ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXXIXss.

¹³² Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XL: *Les divisions et subdivisions à l'infini auxquelles Varron se complaît ici, par exemple lorsqu'il distingue dans la science de l'élevage 3x3x9 = 81 parties (2,1,12), seraient l'expression authentique de la passion de Scrofa pour l'ordre, de la "rigueur" de son esprit "dans la composition et l'organisation d'une matière qu'il s'agit de maîtriser en la ployant aux qualités de la raison". À moins que "le malicieux Varron" ne se soit amusé ainsi à "fixer un trait caractéristique de celui qu'il fait parler". R. Martin oublie que cette systématique, qui est à ses yeux l'essentiel de l'"eloquentia" de Scrofa, est par excellence une manie varronienne, sensible - pour prendre au hasard - dans ses "Hebdomades", où il s'admirait, ayant abordé la douzième série de sept années de sa vie, d'avoir écrit jusque-là soixante-dix séries de sept livres", où lorsqu'il classait toutes les philosophies passées, présentes ou futures en 288 écoles. N'importe: rien n'arrête R. Martin dans cette reconstruction enthousiaste et arbitraire de l'apport de Scrofa; il lui attribue en propre l'esprit nouveau qui règne dans les "Res Rusticae", la conception de l'agriculture comme une "ars", la technocratie moderne, le rationalisme économique, le sens du progrès, le paternalisme. En fait s'il est quelqu'un dont ce chapitre dégage l'originalité profonde, c'est bien Varron.*

¹³³ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XLII: *dans le préface de son livre 2, Columelle cite, pour le réfuter, l'usage que Scrofa avait fait de la théorie de l'épuisement de la terre pour rendre compte de la crise de l'agriculture italienne dans la première moitié du dernier siècle avant notre ère: "entraîné sans doute par l'estime qu'il avait vouée aux anciens qui ont écrit sur la même matière, Tremelius s'était imaginé que la terre, mère commune de toutes choses, actuellement dans la décrépitude, ressemblait à ces vieilles femmes qui ont cessé d'enfanter." On a rapproché ce texte de deux passages de*

Lucrèce, et le rapport en effet n'est pas niable, surtout à cause de la comparaison de la terre avec une vieille femme lasse d'enfanter. Mais on retrouve cette image ailleurs, et il est évident que Scrofa, Lucrèce, Salluste et beaucoup d'autres suivaient, pour exprimer cette vue cosmologique pessimiste, une très ancienne tradition. L'idée de l'épuisement de la terre, qui après avoir produit les "grandia ossa" qu'évoque Virgile, ne pouvait plus créer que de "animalia parua", était commune à plusieurs philosophies antiques, l'épicurisme, le pythagorisme, la philosophie d'Empédocle.

¹³⁴ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XLIV.

¹³⁵ Cf. Martin, *op. cit.*, p. 44: *Pline insiste sur le fait que le Sénat en ordonna la traduction à une époque où cependant Caton avait déjà écrit son propre traité d'agriculture; or ce dernier était récent au moment de la prise de Carthage et de la découverte de celui de Magon; il est donc peu probable qu'il a été d'ores et déjà "dépassé" par l'évolution économique. Il faut donc que l'ouvrage de Magon ait eu en lui-même une supériorité très nette sur celui de Caton.*

¹³⁶ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXXIII-XXXIV: *La première fut faite, au début du premier siècle, par un certain Cassius Dionysius Uticensis, c'est-à-dire un Grec d'Utique nommé Denys, favorisé dans sa carrière par L. Cassius Longinus, consul en 107, qui avait joué un rôle diplomatique important en Numidie lors de la guerre de Jugurtha. Ce personnage, qui, dans la capitale de la province d'Afrique, parlait le punique comme sa seconde langue, eut à sa disposition les bibliothèques de Carthage confiées aux rois Numides, que Hiempsal II, très cultivé lui-même, avait dû recueillir et entretenir soigneusement, et qu'exploita encore dans la suite l'érudition de Juba II, petit-fils de Hiempsal. Cassius Dionysius dédia au préteur P. Sextilius, qui gouverna la province d'Afrique en 89-88, sa traduction grecque de Magon, abrégée en 20 livres, dans lesquels néanmoins il avait, on l'a vu, ajouté beaucoup d'emprunts aux agronomes grecs.*

¹³⁷ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXXIV: *Une nouvelle traduction grecque, plus réduite encore, et ne comptant plus que six livres, fut offerte par Diophane de Bithynie au roi Déjotaros. Si ce titre de roi est bien, comme il semble, tiré de la dédicace, la traduction de Diophane dut paraître entre 64, date où il fut conféré par Pompée au tétrarche de Galatie, et sa mort en 40: elle était donc d'une grande actualité pendant la période de préparation et de rédaction des "Res Rusticae".*

¹³⁸ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXXIV.

¹³⁹ Cf. prefácio de Heurgon à edição "Les Belles Lettres" do *De re rustica* I, p. XXXV.

¹⁴⁰ Cf. a respeito do que se dá nesse sentido no livro I do *De re rustica* as seguintes palavras de Skydsgaard (*op. cit.*, p. 90): *In this connection it is worth pointing out that Book I is dedicated to his wife, Fundania. In other words, it is not designated for the professional farmer, but for the senator's wife who has bought an estate, and who wants the capital invested to yield the best possible interest. Cato's heterogeneous notes are written by a man who prides himself on having worked in the fields as a young man. Columella's work is the gentleman farmer's encyclopedia, intended to include everything. Varro's book, however, is laid out as a short, theoretical treatise, to which Fundania can revert when her husband is no longer at hand to advise her. What she needs, of course, is a general outline rather than specific technical instructions, which her "uillicus" knows far better anyway. This fact in itself represents a basic difference from the other agricultural literature known to us. Varro seems to be indicating this purpose when, in the introduction to Book I, he refers to the three books as "indices", in other words compendia or surveys. In different terms, his intention may be described as one of popularization.*

¹⁴¹ Cf. Trevizam, M. Das especulações "etimológicas" antigas: as contribuições de Platão e Varrão. *Classica. Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. São Paulo, v. 15/ 16, p. 179-188, 2002-2003.

¹⁴² Cf. Della Corte, F. Varrone. *Il terzo gran lume romano*. Genova: Pubblicazioni dell'Istituto Universitario di Magistero, 1954, p. 93-94: *La frequenza delle festività, la necessità di dare sovente cene pubbliche alla plebe per procurare un più largo numero di elettori al candidato, rendeva necessario migliorare anche il tipo di cibo elargito. Non più vinello della penisola, ma buoni, prelibati, alcoolici e zuccherini vini greci; non solo carne bovina, ovina o suina, ma tordi, polli, oche e persino pavoni. Era quindi una ricchezza quell'uccelleria piena di uccelli preziosi che finivano sullo spiedo, come i tordi, le beccacce; quei merli e usignoli che andavano ad allietare del loro canto le dorate gabbie delle ville romane, o quei passerii che andavano a posarsi sulle esili dita di Lesbia. E i pesci, quei prelibati pesci di fiumi, che il vivaio di Cassino alimentava, pesci di acqua limpida dalla finissima carne, contendevano il primato della ghiottoneria alle murene di Lucullo o di Ortensio.*

¹⁴³ Ruch (*op. cit.*, p. 59) atribui a Aristóteles a prática argumentativa da *disputatio in utramque partem*, nos diálogos, inclusive. Curiosamente, Varrão também o utilizara no *De lingua Latina* (cf. Miguel, *op. cit.*, p. 16),

mas não o faz no *De re rustica*: *Aristote donc applique cette méthode dans ses exercices d'éloquence: pour chaque problème on expose de façon suivie le pour et le contre, le maître lui-même faisant ensuite le bilan en tant qu'interlocuteur, et prenant la parole en dernier lieu: à la thèse et à l'antithèse, il substitue la synthèse: voilà ce qu'on appelait "démontrer dans les deux sens".*

¹⁴⁴ Cf. por exemplo as partes dos diálogos em que Varrão faz a apresentação sumária das personagens indicando elementos como suas origens familiares e cargos na república (I II, III II). Sem exceção, trata-se de indivíduos cultos, de posses razoáveis ou bem situados no *cursus honorum*.

¹⁴⁵ Cf. Conte, G. B. *Latin literature. A history*. Translated by Joseph B. Solodow, revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1994, p. 218-219: *Understandably, the true purpose of the work is to present a satisfactory picture of himself to the country gentleman, who is eager to behold a dignified, comfortable model of life well realised rather than to learn the minute techniques that are necessary to work the land productively and to look after the raising of animals; the slaves and their superintendents are there to deal with the mud of the fields and the oppressive fumes of the stalls. Thus, not intended (except superficially) for the practical instruction of the steward, but written rather to foster and gratify the ideology of the rich landowner, the "De re rustica" in a way estheticizes the farmer's life.* - A esse respeito, observamos que, apesar do caráter geral da instrução (técnica ou erudita) oferecida no *De re rustica*, não acreditamos, como dissemos, numa suposta posição de segundo plano para esses conteúdos na economia interna do texto. Em outras palavras, o fato de que se trate de uma obra de "vulgarização" técnico-científica não a exime de mostrar os traços da vida e das práticas rurais com um grau de acuidade que não nos parece desprezível.

¹⁴⁶ Cf. *De re rustica* I II 6-7.

¹⁴⁷)*Ampelo/essa*: (gr.) "coberta de videiras".

¹⁴⁸ *Polu/puron*: (gr.) "rica em grãos".

¹⁴⁹ Minha tradução.

¹⁵⁰ Cf. *De re rustica* III V 9-17.

¹⁵¹ Portanto, no caso de um escritor mediano como Varrão, privilegia-se em geral um ou outro pólo compositivo: ao contrário de um Platão, ele não chegou ao ponto de aliar "naturalmente" a densidade dos conteúdos e a total beleza expositiva. Eis o motivo pelo qual dissemos acima que, sem descuidar da forma (mas também sem realizá-la com excelência!), ele parece ter instrumentalizado o gênero dialógico e seus recursos com vistas à palatabilidade e boa organização dos saberes. Por outro lado, Virgílio, embora o vejamos decisivamente inclinado para a busca de efeitos *poéticos* no tema agrário, não deve ser incluído nessa discussão por nunca ter pretendido de fato compor uma obra voltada à instrução prática dos leitores, o que o eximiu *a priori* de quaisquer necessidades de buscar a plena conciliação entre ambos os pólos citados.

¹⁵² Cf. Lehmann, A. "Vtilitas et delectatio". Varron théoricien de l'esthétique classique. *Latomus. Revue d'Études Latines. Varron critique littéraire. Regard sur les poètes latins archaïques*. Bruxelles, v. CCLXII, p. 272, 2002 (minha tradução).

¹⁵³ Cf. *De re rustica* III IV 3.

¹⁵⁴ Cf. *De re rustica* III XVII 2.

¹⁵⁵ Cf. *De re rustica* III II 3-4.

¹⁵⁶ Cf. *De re rustica* III XVII 5.

¹⁵⁷ Considerando ainda a "diversão" do público diante de um espetáculo extravagante como a descrição desse viveiro varroniano, deve-se notar a presença das concessões ao prazer não só no nível temático da obra, mas ainda no próprio plano dos recursos literários mobilizados para compô-la. Isso significa, pois, como que a materialização de tal postura no plano visível da escritura.

¹⁵⁸ Cf. introdução do *De re rustica* II.

¹⁵⁹ Cf. Cícero. *Tratado dos deveres*. Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Cultura Brasileira, s.d., XLII: *Nem são de nossa aprovação os ofícios que encerram prazeres, os de pescadores, carniceiros, cozinheiros, tripeiros, como diz Terêncio. E a esses acrescentamos os que fazem comércio de águas, perfumes e cosméticos, os bailarinos, os jogadores, e todos os que vivem de superfluidade. (...) O comércio, quando pobre, é reputado por ruim ofício; porém, se é extenso e rico, quando conduz mercadorias de todas as partes e as distribui sem enganar a ninguém, não deve ser condenado por completo. Parece mesmo merecer justos elogios se, satisfeito o comerciante, ou melhor, satisfeito com os seus lucros, depois de ter realizado viagens por terra e por mar, por exemplo, de volta se retirasse imediatamente ao sossego do campo. Mas, entre todos os ofícios por meio dos quais se adquire alguma cousa, o melhor, o mais produtivo, mais agradável e próprio*

do homem de bem, é a agricultura, sobre a qual tendo eu falado bastante no livro sobre a velhice, dali se pode tirar o que a este lugar pertence.

¹⁶⁰ Cf. Deschamps, L. Varron et le sacré. *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*. Paris, p. 289, 1990: *C'est pourquoi, tout en restant dans le domaine des traités d'agronomie, tournons-nous vers un autre auteur. R. Martin signale en Caton l'Ancien un agronome "profondément imprégné d'esprit religieux, qui non seulement ne sépare pas les opérations cultuelles des opérations culturelles, mais encore intègre celles-là dans celles-ci et considère le rituel comme faisant partie des tâches que doit accomplir normalement le cultivateur et, par voie de conséquence, des préceptes que doit fournir normalement le professeur d'agriculture"* et R. Martin de noter l'absence de ce trait dans les *"Res Rusticae"* de Varron.

¹⁶¹ Cf. Grimal, *op. cit.*, 1994, p. 214.

¹⁶² Tal crítica ao mito já se fizera presente no mundo grego, onde surge, ao que parece, com o pensamento de Xenófanes [cf. Howatson, M. C. (ed.). *The Oxford companion to classical literature*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 1997, p. 601].

¹⁶³ Cf. Deschamps, *op. cit.*, 1990, p. 295: *Ainsi, on ne saurait refuser à notre auteur le sens du sacré. Mais en raison de son tempérament, de sa formation philosophique (le stoïcisme, en particulier, pratiquait l'interprétation allégorique), il s'agit d'un sacré rationalisé, si l'on peut dire.*

¹⁶⁴ Cf. *De re rustica* II 10 6-7 (minha tradução): *Quod ad feturam humanam pertinet pastorum, qui in fundo perpetuo manent, facile est, quod habent conseruam in uilla, nec hac uenus pastoralis longius quid quaerit. Qui autem in saltibus et siluestribus locis pascunt et non uilla, sed casis repentinis imbres uitant, iis mulieres adiungere, quae sequantur greges ac cibaria pastoribus expediant eosque assiduiore faciant, utile arbitrati multi. Sed eas mulieres esse oportet firmas, non turpes, quae in opere multis regionibus non cedunt uiris, ut in Illyrico passim uidere licet, quod uel pascere pecus uel ad focum afferre ligna ac cibum coquere uel ad casas instrumentum seruare possunt.* - "No que diz respeito às relações dos pastores, é fácil para os que sempre permanecem na propriedade, pois têm companheiras na sede e a sexualidade pastoril nada requer de mais distante. Quanto aos que apascentam nas pastagens e lugares arborizados e se abrigam da chuva em casebres improvisados, não na sede, muitos julgaram bom uni-los a mulheres que sigam os rebanhos, preparem refeições para os pastores e os tornem mais empenhados. Mas convém que essas mulheres sejam fortes, não fracas. Em muitas regiões, não ficam atrás dos homens no trabalho, como se pode ver aqui e ali na Ilíria, pois apascentam os rebanhos, trazem lenha para a fogueira, preparam as refeições e podem tomar conta dos equipamentos nos casebres."

¹⁶⁵ Cf. por exemplo *De agri cultura* V 2.

¹⁶⁶ Cf. Robert, J.-N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: "Les Belles Lettres", 1985, p. 264: *Enfin, il est préférable d'abandonner la culture traditionnelle si l'on se lance dans un élevage de grande envergure car les animaux représentent un danger pour les champs cultivés. Et les moutons et les chèvres ont tôt fait de dévaster les vignes si la vigilance des bergers se relâche. Toutes ces considérations ont amené de nombreux propriétaires à transformer peu à peu leur activité agricole pour s'adonner à l'élevage.*

¹⁶⁷ Cf. Martin, *op. cit.*, p. 223: *Manifestement, au contraire de celui de Columelle, le traité de Varron ne présente aucun caractère d'unité, à tel point que nous sommes conduits à nous poser la question suivante: cet ouvrage a-t-il été composé de façon suivie, et forme-t-il un tout dont Varron aurait eu l'idée dès l'origine, ou n'est-il pas plutôt constitué de trois traités distincts, réunis après coup dans une édition commune, soit par Varron lui-même, soit de façon posthume?*

¹⁶⁸ Cf. Martin, *op. cit.*, p. 233: *Certes, nous ne pouvons prétendre avoir démontré la vérité de l'hypothèse que nous proposons, et nous ne songeons nullement à la présenter autrement que comme une hypothèse de travail (...).*

¹⁶⁹ Cf. Martin, *op. cit.*, p. 213ss.

¹⁷⁰ Como exemplo de uma incoerência interna aos diálogos do *De re rustica*, considere-se o que se dá no prefácio do segundo livro, em que, como vimos acima, Varrão condena o excessivo desenvolvimento da pecuária como sinal de cobiça dos "modernos"... para em seguida incentivar a *uillatica pastio* enquanto algo rendoso (cf. introdução do *De re rustica* II, 4-6).

III. As *Geórgicas* de Virgílio como poema didático e a veiculação dos assuntos agrários

1) Introdução: as *Geórgicas*, a poesia didática e seu estatuto genérico na literatura greco-latina

Dizer que as *Geórgicas* pertencem ao gênero didático da literatura antiga significa situá-las no interior de uma tradição compositiva marcada por certos traços bem definidos. Como se sabe, ela remonta à literatura grega arcaica, em que encontramos Hesíodo, no século VIII a.C., como seu mais antigo realizador.¹

Ao longo dos séculos em que tal forma de composição foi praticada (com especial vitalidade durante os períodos helenístico, com autores como Arato e Nicandro de Cirene, e romano, com autores/ tradutores como Cícero, Manílio, Lucrécio, Ovídio e o próprio Virgílio das *Geórgicas*),² características internas como a onipresença da postura de "ensinamento", o tratamento até certo ponto sistemático de temas técnicos ou científico-filosóficos, a "voz" de um *magister* didático uno e a viva evocação da presença dos ouvintes (*discipuli*) contribuíram para a constituição de uma família textual *sui generis*.³

Portanto, será nossa tarefa ao longo das páginas seguintes a definição dos contornos relacionados à natureza peculiar das *Geórgicas* diante desse pano de fundo comum. Através da abordagem de pontos como a caracterização da figura do *magister* didático, o *discipulus* e sua relação com o público romano real, os temas e sua forma de tratamento por Virgílio, esperamos reunir os elementos necessários para a compreensão das características desse poema diante de outros do mesmo gênero.

De início, julgamos necessário justificar a própria proposição da existência de uma categoria de textos a que se possa chamar didática: longe de se constituir numa evidência metodológica, essa tomada de posição implica optar por uma via condizente com anseios interpretativos direcionados por nossas necessidades teóricas.⁴ Isso significa que, considerando a questão do modo de organização discursivo-formal um fator de grande importância para a determinação dos sentidos em quaisquer produções lingüísticas (literárias ou não), encontramos na teoria dos gêneros um instrumental de análise capaz de definir com clareza os princípios estruturadores dos textos.

No caso da poesia didática ou das demais produções literárias antigas, é fundamental não confundir a atuação concreta de tais princípios com o sentido da vigência de leis rigidamente seguidas: como o contato com as obras dos vários autores vinculados a uma mesma classe compositiva comprova, é sempre possível um vasto espectro de realizações, de modo que os arcabouços estruturadores gerais (definidores de classes específicas) são fluidos, passíveis de adaptar-se e sujeitar-se aos propósitos de cada poeta. Isso não impede, porém, como dissemos há pouco, que a noção mais abstrata do gênero e de suas "leis" possa prestar-se à análise acurada de obras antigas, já que consideramos a aproximação *parcial* com outros textos afins do ponto de vista discursivo-formal um meio útil para a compreensão das próprias particularidades de cada um.

No tocante, em específico, à presença do gênero "didático" na literatura greco-latina, adotaremos as posições expressas por Volk: segundo a autora, basta-lhe constatar a existência de evidentes semelhanças constitutivas entre um certo conjunto de obras antigas que depara para que a abstração de tais características se preste a definir o arcabouço genérico comum.⁵ Assim, procedendo indutivamente, ela parte de sua experiência prática de leitura para a teorização e a análise, sem basear-se desde o início na proposição de um conceito mais refinado de gênero a que devessem corresponder em suas especificidades os textos de todas as famílias compositivas existentes. Em outras palavras, bem mais do que teorizar em geral sobre a noção considerada, interessa-lhe instrumentalizá-la para a análise, limitando-se conceitualmente a pensar nas categorias genéricas como "famílias de textos" constituídas conforme dissemos.

Um fator de grande importância para a sustentação dessa postura crítica diz respeito à consideração da atitude dos poetas antigos para com seus antecessores na tradição didática: Dalzell observou a presença nas *Geórgicas* de um efeito de sentido convencionalmente indicador da inserção dos autores num dado veio compositivo. Trata-se do que apresenta, ao rememorar a definição virgiliana das *Geórgicas* como "canto de Ascrea", como uma espécie de saudação cordial a Hesíodo e, simultaneamente, de um indício da adoção desse autor, em certo sentido, como um parâmetro fundador para o poeta latino:

Havia códigos literários que marcavam essa distinção genérica. O mais óbvio deles era recorrer à autoridade de Hesíodo, o "prôtos heurêtês" do gênero. Arato é louvado por Calímaco por seguir o tema e o modo de Hesíodo (Epigr. 29.1). Virgílio descreve as "Geórgicas" como o "canto de Ascra" (2.176), e suas palavras são posteriormente ecoadas por Columela (10.436). Nicandro invoca o testemunho de "Hesíodo de Ascra" perto do início de seu poema sobre serpentes venenosas. Era uma prática comum entre os poetas latinos indicar suas filiações literárias no início das obras com um aceno cordial para seus predecessores. Manílio abriu a "Astronomica" com a tradução da primeira linha da "Teogonia" de Hesíodo. Estas referências sugerem uma sucessão apostólica de poetas conscientes de seus elos genéricos comuns e que se vêem como continuadores de uma tradição que remonta a Hesíodo. Não seria verdadeiro, então, dizer que a literatura clássica não reconhecia a existência da poesia didática como um gênero distinto.⁶

Vários estudiosos têm ressaltado o relativo silenciamento dos comentadores antigos a respeito das particularidades do gênero de que nos ocupamos aqui.⁷ No caso do Aristóteles da *Poética*, por sinal, as rígidas posições do autor sobre o que seria a poesia fazem com que chegue a negar tal estatuto à obra de um Empédocles, já que os conteúdos por ele abordados em versos (relacionados à física) evidentemente não se enquadram na clássica definição da mímese.⁸

Se, então, exceto de uma maneira "marginal",⁹ os comentadores antigos não destacaram a existência autônoma da classe compositiva a que nos referimos, mas, movidos por razões essencialmente formais (como o metro e o emprego de figuras como o símile), tenderam em certas ocasiões a considerá-la como algo assimilável à épica, temos motivos para nos questionarmos a respeito da legitimidade da iniciativa "taxonômica" moderna. Seria o caso de incorrerem num anacronismo injustificado, totalmente estranho à compreensão dos textos ditos "didáticos" pelo público coevo à sua produção?

Diante dessa dificuldade, julgamos útil atentar para o alcance das palavras de Dalzell transcritas acima (já que parecem indicar a compreensão da existência de uma

classe didática "fechada" *pelos próprios autores* dedicados a compor alguns dos textos que modernamente consideramos como tais) e destacar a especificidade histórica dos procedimentos críticos atuais. Como se sabe, a moderna crítica literária, consolidada como disciplina universitária ao longo do século passado e tributária de pressupostos cientificistas,¹⁰ caracteriza-se pela necessidade de afirmar-se institucionalmente através da proposição de bases metodológicas "objetivas" e precisas para a análise dos textos. Dos formalistas russos,¹¹ passando por correntes como a psicanálise e a teoria da recepção, sua breve história tem sido marcada pela busca contínua dos mais acurados princípios interpretativos, como se não houvesse mais o direito de ignorar nenhum dos fenômenos relacionados ao que consideramos "obras literárias" e de desistir de enquadrá-los no interior de teorias "absolutas".

Esse não era, evidentemente, o modo antigo de proceder em relação à arte da composição verbal: conforme se tem observado, a única teorização possível naquele momento coincidiu com a preceituação retórica (e poética), a qual jamais se pretendeu um mero lugar de emissão de juízos valorativos a respeito de textos quaisquer, mas ocupava-se de codificar o dizer com vistas ao favorecimento da persuasão nas mais variadas circunstâncias. Dito diversamente, a finalidade última da retórica antiga não era comentar e julgar os discursos, mas, ao fazê-lo, favorecer a *prática* eficaz de sua composição, submetida às contingências de cada momento de produção oral ou escrita.¹²

Dessa maneira, o fato de que um Horácio ou um Aristóteles não se tenham ocupado de descrever as obras segundo nossos parâmetros de análise e sequer tratado a fundo da existência de um gênero como o da poesia didática não justifica de imediato que se interprete essa atitude como sinal inequívoco da ignorância de suas especificidades por todos os leitores antigos. Considerando ainda, no encalço das observações de Dalzell, que os poetas greco-latinos pautavam-se ao compor inclusive pela prática de outros autores do passado¹³ e que, nesse diálogo, também operavam uma forma particular de leitura, parecem-nos eliminadas as barreiras para a aceitação da existência da poesia didática enquanto categoria genérica no mínimo parcialmente autônoma entre os antigos.

A consideração do tema sob esse viés, acreditamos, possibilitaria compreender os motivos da aparente arbitrariedade classificatória adotada por um Quintiliano¹⁴ em relação a todas as produções poéticas em hexâmetros, unidas sob a rubrica da épica: isento do

espírito cientificista moderno levado a extremos, o autor não aprofunda a "taxonomia" e apenas cede a um procedimento distintivo importante para os antigos.¹⁵ Por outro lado, a coexistência de tipos poéticos tão diferentes sob essa categoria (a exemplo da poesia bucólica, da épica em sentido estrito e da própria poesia didática) torna impossível pensar que ele simplesmente não se tenha dado conta das feições particulares de cada um e, portanto, não se diferenciasse em sua época o bucolismo da produção hesiódica, por exemplo.

Uma vez estabelecidas as bases necessárias à diferenciação em algum grau da poesia didática diante das demais formas poéticas greco-latinas, resta-nos observar que os críticos modernos oscilam entre incluir a ela, e somente a ela, na mesma compartimentação classificatória da épica mítica ou histórica¹⁶ ou em estudá-la por si, tão somente levando em consideração os parâmetros compositivos próprios de sua peculiaridade:¹⁷ no primeiro caso, ao lado da épica convencional, haveria uma outra "didática"; no segundo, é evidente, há circunscrição da teoria a seu exame particular e restrito.

Com exceção de eventuais momentos de indicação de afinidades (sobretudo estilísticas) entre poesia didática e épica, não nos vincularemos aqui à primeira posição: uma vez que nos interessa para os propósitos deste trabalho a análise dos diversos modos de ensinamento favorecidos pelos textos de cada um dos "agrônomos" latinos estudados, preferimos considerar o fator da instrução poeticamente favorecida em sua face mais restrita, isto é, sem levar em conta algo como o papel formador atribuído a um Homero¹⁸ ou, em seguida, a um Virgílio.¹⁹ Desse modo, ao dizer que nos poemas didáticos "se ensina", não entenderemos simplesmente que, a partir de sua leitura, possam-se extrair modelos ideais de conduta ou eventuais informações relativas à geografia, à história, aos mitos ou às técnicas humanas, mas que o próprio impulso constitutivo dessas obras nasce do gesto de estabelecimento do contato ininterrupto entre "mestre" e "aluno".

2) As *Geórgicas* como poema didático: tradição e inovação

A configuração desse poema virgiliano, do ponto de vista das macro-estruturas de sustentação dos preceitos agrários oferecidos, pode ser descrita da seguinte forma: utilizando os hexâmetros datílicos, o autor distribuiu ao longo de quatro livros de extensão

variável (mínimo de 514 e máximo de 566 versos) um conjunto de "ensinamentos" relacionados aos trabalhos rurais: no primeiro, trata-se propriamente da lavoura, no segundo, da arboricultura (com destaque para a viticultura), no terceiro, da pecuária de grandes e pequenos animais (cavalos, bois, ovelhas, bodes...), no quarto e último, da apicultura.

Há que se notar, além da presença da preceituação metrificada, a destacada participação nesse texto de partes de natureza até certo ponto distinta: referimo-nos às chamadas "digressões" ou trechos de fuga à abordagem meramente técnica dos assuntos. Tem-se por vezes evitado considerá-las como "elementos estranhos" ao preceituar dos poemas didáticos,²⁰ pois se trata de passagens em que, em absoluto, não se interrompe a postura formadora do *magister*: apesar da mudança do modo instrutivo nesses casos (com sua realização através de narrativas míticas e fábulas, de elogios aos bons e críticas aos maus, do esboço de imagens...), é evidente que podem harmonizar-se com a função geral de "instruir". A adoção do posicionamento contrário, por outro lado, significaria talvez falsear nossa interpretação segundo a idéia de que as características essenciais da poesia didática dizem respeito unicamente a adotar a forma métrica mencionada para a transmissão de conteúdos despidos de atrativos, a que se juntam partes decorativas mais ou menos extensas, destinadas apenas a conferir dignidade momentânea a temas banais e a variar pelo contraste da *secura* expositiva com a beleza poética.

Nas *Geórgicas*, de acordo com o princípio usual de integração das digressões à economia interna dos poemas didáticos, observamos que certos temas de fundamental e difundida importância no todo, a exemplo da necessidade do trabalho constante como um fator de que não se pode fugir na Idade de Ferro e da sobrevivência como luta, encontram ressonâncias em algumas delas (como é o caso da chamada "teodicéia do trabalho", no primeiro livro da obra).²¹ Então, poder-se-ia dizer que, por intermédio de uma digressão como essa, Virgílio não só ilustra miticamente os motivos das atuais condições de vida disponíveis aos homens como ainda, ao enraizá-las nos desígnios de Júpiter, oferece ao *discipulus* motivos de ordem sagrada e religiosa para que se conforme piamente a elas da melhor forma possível, sem rebelar-se contra o que nos é apresentado à maneira de uma intervenção providencial.²²

Desse modo, as digressões e os trechos de "ensinamento" agrário conjugam-se no poema de que nos ocupamos para oferecer ao *discipulus* todo um programa formador. É importante, porém, notar a esse respeito que a própria natureza conteudística das digressões impede que isso se dê de forma idêntica em ambos os momentos: ao narrar ou esboçar a bela imagem de sua terra natal (caso do que se dá nas *laudes Italiae* em II 143-176), Virgílio convida com sutileza à adoção de certos valores. Isso significa que, sem preceituar com rigor, encontra em tais passagens o espaço privilegiado para expandir temas abstratos esboçados quando da abordagem direta das técnicas.

Tal funcionamento distributivo faz-nos lembrar de uma questão evocada com alguma frequência pelos estudiosos da poesia didática: trata-se da existência de uma certa divisão dos assuntos tratados pelos autores em dois planos distintos. Essa idéia encontra sua formulação clássica nas análises de Effe, segundo o qual preencheriam a estrutura dos poemas dois tipos de conteúdos, denominados respectivamente "der Stoff" e "das Thema".²³

Corresponderiam ao primeiro os temas ostensivos da poesia didática, vinculados, portanto, aos sentidos mais superficiais do texto; o segundo, por sua vez, identificar-se-ia com o que se deseja "de fato" dizer, podendo ocorrer que coincida ou não com "der Stoff", a depender do modo de condução empregado por cada poeta.

As categoria temáticas definidas por Effe, assim, abrem espaço para a repartição dos diversos poemas didáticos entre categorias distintas: se o tema "profundo" e o superficial coincidirem (caso do que encontramos no *De rerum natura* de Lucrécio, em que nenhum conteúdo se aborda a não ser aqueles subordinados à defesa do epicurismo), haveria o tipo "ideal"; se coincidirem mas houver "falta de comprometimento" do autor em relação a ambos (com o desvio dos interesses para o aspecto do mero virtuosismo da linguagem), haverá, caso da *Therriaca* e da *Alexipharmaca* de Nicandro de Cirene, o tipo "formal"; finalmente, caso diverjam (embora relacionados entre si), produz-se uma certa sobreposição conteudística nos textos e a adoção de "das Thema" como o foco central da constituição semântica das obras.

Nessa última categoria ("transparente") se enquadram as *Geórgicas*: muito embora se possa dizer que as preencham num certo sentido (superficialmente) os conteúdos relacionados às técnicas agrárias tratadas em cada um de seus quatro livros, não há como

ignorar o que anunciamos acima como uma espécie de "expansão" temática do texto. A própria possibilidade do estabelecimento de vínculos entre o tema rural e certos assuntos de fundamental importância para os antigos romanos (ou para o leitor de todas as épocas) favorece, por sinal, que Virgílio enriqueça semanticamente a obra, fazendo-a reverberá-los sem cessar.²⁴

Não pretendemos com isso dizer que estejamos em condições de reduzir esses temas mais abstratos a um corpo significativo uno e coerente no caso do poema de que nos ocupamos aqui: como intentaremos demonstrar no capítulo seguinte, destinado justamente ao exame dessa questão, Virgílio comporta-se "polifonicamente" no tocante a tal aspecto.²⁵ Apesar da constatação geral de que, de fato, a busca dos sentidos finais das *Geórgicas* deve efetuar-se num plano distinto do da mera transmissão dos preceitos agrários,²⁶ há que se notar nesse texto a extrema complexidade do que seriam tais "significados-outros": exceto o que nos parece corresponder a uma certa angústia em relação à fraqueza humana diante da Ordem universal, há poucas chances de se chegar a alguma estabilidade.

Para que se tenha uma idéia aproximada desse grau de indeterminação de sentidos, basta lembrar que nem sequer em relação ao aspecto da "melancolia" virgiliana, pela qual nos decidimos teoricamente em razão do que julgamos corresponder com menos falhas às feições da obra, há a concordância absoluta dos críticos. Assim, ao lado de um Ross²⁷ e de um Thomas,²⁸ tipicamente vinculados a leituras "pessimistas" das *Geórgicas* em escalas de intensidade variável, há o surgimento de vozes como a de Morgan, inclinada para a consideração de uma espécie de Virgílio "estóico" (e propagandista inequívoco de Augusto), avesso, portanto, a deixar-se impressionar pelo que normalmente corresponderia aos males da vida.²⁹

Uma breve passagem de olhos pela história do gênero didático permite-nos observar que n'*Os trabalhos e os dias* Hesíodo também se comportara semelhantemente no que se refere à composição da obra, sobrepondo à eventual abordagem das técnicas agrárias certo conteúdo ético-moral alçado ao primeiro plano, como o verdadeiro núcleo dos ensinamentos que desejou comunicar por intermédio de sua fala a Perses.³⁰ Referimo-nos, evidentemente, a suas recomendações de justiça e trabalho como normas a serem seguidas por todos os que desejam conformar-se aos desígnios divinos e obter respeitabilidade diante de deuses e homens.

Em Hesíodo, contudo, vincular-se pelo modo compositivo à categoria "transparente" da poesia didática, nos termos de Effe, não significava necessariamente ser obscuro: é bem verdade que havia dificuldades em relação ao significado exato de algumas partes da obra (caso típico da fábula do falcão e do rouxinol),³¹ mas o conjunto de seus preceitos conduzia sem dúvida alguma para a recomendação de uma única postura diante da vida.

Assim, Virgílio, tributário do poeta grego num ponto tão importante quanto a adoção do mesmo "ambiente" rural (com sua indelével aura de tradicionalismo) e, em se tratando ele de ninguém menos que o "fundador" do gênero didático, por manter traços formais como as digressões, o metro e a variação de modo e "tom" expositivos, diferenciava-se do mestre ao favorecer de uma maneira jamais vista antes a dispersão ideológica dos temas abstratos.

Ainda em relação a certas divergências de Virgílio quanto à conformação usual dos poemas didáticos na literatura greco-latina, é importante ressaltar sua ousada iniciativa de preencher aproximadamente quarenta e três por cento dos versos do quarto livro das *Geórgicas* com a narrativa entrelaçada do episódio de Orfeu e Aristeu. Em postura de "afinação" do termo técnico *epyllion*,³² por vezes utilizado distintamente para descrevê-la, Morgan observou:

Dois comentadores recentes das "Geórgicas", por exemplo, usam o termo "epyllion" para descrever dois artefatos um tanto distintos, o elíptico, patético "Orfeu", e o "Aristeu" em sua totalidade, enleados entre duas definições do termo "epyllion" que, embora à primeira vista aparentemente complementares, são na verdade - enquanto aplicadas a "Aristeu" - mutuamente exclusivas: como um tipo de poema consistindo em moldura e quadro e como uma forma que é tipicamente helenística. Dos dois, o segundo emprego é preferível. Como se tem reconhecido desde há muito, o "Orfeu" é mais aparentado estilisticamente com as produções curtas em hexâmetros dos neotéricos, como o "Peleu e Tétis" de Catulo, a "Esmirna" de Cina, a "Io" de Calvo e o pastiche de seus trabalhos representado pela "Cirís". Se escolhermos empregar o termo "epyllion" (e isso tem suas

utilidades) é, portanto, ao "Orfeu" que deveria ser aplicado. Tradicionalmente, no entanto, o termo "epyllion" tem sido usado para a totalidade do "Aristeu", e ajudou a fomentar a idéia de uma moldura descosida (homérica) circunscrevendo um quadro neotérico.³³

Se, pela extensão e indisputada posição de destaque (ao final do último dos livros das *Geórgicas*), tal entrelaçamento narrativo já desafia os padrões usuais da poesia didática, sua complexidade compositiva e as dificuldades de se encontrar uma solução final para seus sentidos não significam menor "desvio" em relação ao usual.³⁴ Lembrando que se trataria, no conjunto dos recursos formais dessa classe textual, de uma "digressão", deve-se ressaltar que o poeta optou por valorizá-lo muito além do mínimo requerido pelos usos do gênero.

Sobre o assunto, seria talvez proveitoso apresentar em poucas palavras o que Morgan e outros críticos têm apontado como uma significativa variação estilística entre o relato do mito de Aristeu e a tocante história de Orfeu, a ele narrada por um deus. Num minucioso estudo dessa célebre passagem, Otis observou que, enquanto a "moldura" identificada com os fatos que concernem diretamente apenas a primeira personagem segue de perto a dicção épica homérica (com emprego de longos discursos, descrições, epítetos, anáforas, disposição expressiva de membros com fins de favorecimento da amplificação...), correspondendo ainda à sua categoria de "estilo objetivo" (sem qualquer empatia do narrador),³⁵ o mesmo não se dá com o relato do mito de Orfeu. Nesse caso, o próprio patético da situação de fúria amorosa da personagem por uma esposa duas vezes morta favorece significativa proximidade entre o narrador e o relato, deixando-se transparecer algo como a compaixão pela desgraça do casal:

te, dulcis coniunx, te solo in litore secum, 465
*te, ueniente die, te decedente canebar*³⁶

Eurídice é diretamente endereçada pelo narrador como Ariadne é por Catulo, Cila pelo autor da "Cirís" e Io por Calvo. Na verdade, esses versos implicam não só um apelo feito a Eurídice pelo narrador, mas sua

*identificação empática com Orfeu, de modo que vacilam, por assim dizer, na iminência da citação direta - o próprio Orfeu chamando Eurídice.*³⁷

Interessa notar a respeito desse relato do mito órfico que contribui para envolvê-lo numa aura de profunda beleza o fato de se tratarem os grandes temas da morte e do amor, de partir de Proteu, a divindade marítima, como uma espécie de revelação iniciática a Aristeu³⁸ e de problematizar a questão do poder do artista sobre o mundo. Afinal, ao que tudo indica, a espantosa habilidade dessa personagem como cantor (suficiente para comover até os deuses infernais e vencer a morte) resultou inútil diante de uma fúria passional responsável por sua queda definitiva.

No tocante à dificuldade interpretativa dessa digressão virgiliana, remetendo o leitor à discussão mais detalhada do assunto ao final do capítulo seguinte, limitamo-nos por ora a lembrar as opiniões de Thomas, expressas nos termos seguintes:

*A questão do significado desses versos e de seu vínculo com a primeira metade do livro e das "Geórgicas" como um todo é talvez o problema exegético mais difícil da poesia latina, e é decerto aquele sobre o que mais se escreveu (...).*³⁹

Um outro aspecto de constituição de sentidos que não se poderia omitir na presente discussão diz respeito à funcionalidade das *Geórgicas* enquanto fonte de informações técnicas. A esse respeito, as opiniões dos críticos têm em geral, com raras exceções,⁴⁰ pendido para a consideração da obra enquanto produto de uma iniciativa de instrução agrária ficcionalmente construída.⁴¹ Isso significa que, devido especialmente a) à seletividade dos assuntos abordados pelo poeta e b) ao modo de tratá-los, costuma-se pensar nas *Geórgicas* como um texto poético destinado acima de quaisquer outros propósitos à elaboração artística da palavra.

Quanto à seletividade, já foi observado à exaustão que, ao lado da omissão de certos assuntos de fundamental importância para os *agricolae* romanos, Virgílio dá ênfase aparentemente injustificada a outros desprovidos do mesmo peso prático.⁴² Assim, o caso do completo silenciamento a respeito da suinocultura ou das edificações rurais (celeiros,

casas, despensas, salas de prensagem...) exemplifica o primeiro aspecto e o longo e estilisticamente destacado tratamento da criação de eqüinos, o segundo.

Quanto aos porcos, sabemos que sua criação extensiva se constituía no principal meio disponível aos camponeses itálicos para a obtenção da carne: destinando-se o gado bovino sobretudo ao transporte e os ovinos e caprinos a usos secundários (extração do leite e das fibras provenientes da pelagem), cabia aos suínos prestarem-se a um papel de grande utilidade alimentícia pela própria extensão da utilidade de seus corpos.⁴³ Ocorre, porém, que não se trata de animais facilmente assimiláveis a temas poéticos: associados a atributos indesejáveis como a grosseria, tendem a permanecer às margens do universo representativo focalizado por esse poema didático.⁴⁴

Conforme esclareceremos adiante ao proceder à análise minuciosa dos textos dos "agrônomos", verificam-se reticências semelhantes quando da abordagem de outros temas "menores", considerados de certa forma "indignos" pelo poeta: é o que se dá no tratamento da construção da eira (I 176-186) e da adubação com esterco animal (I 79-81, II 346-348). Em ambas as circunstâncias, o *magister* didático oferece claros sinais de que, na verdade, há algum embaraço em abordar essas questões (como evitar ferir a sensibilidade do público?), de maneira a fazer-se necessária a sutileza e a habilidade expositiva para minimizar o problema.

A completa omissão da criação de porcos, porém, diferencia-se desses exemplos porque seus motivos mantêm vínculos com a necessidade de evitar-se não só o repulsivo ou o banal, mas ainda o elemento do humor: é importante lembrar que o terceiro livro das *Geórgicas*, em que se concentra toda a abordagem da pecuária, é marcado por um tom trágico, do mais negro pessimismo, em razão do enorme potencial destrutivo do amor e da peste.⁴⁵ Nesse mesmo livro, conforme se tem em geral observado, Virgílio estreita decisivamente a proximidade entre os seres humanos e os animais (já que os abatem as mesmas forças nefastas),⁴⁶ de modo que, a não ser com propósitos paródicos impensáveis no contexto, seria injustificado baixar ao tratamento chão de um tema tão avesso à nobreza.⁴⁷

No tocante ao descuido do tema das edificações rurais, abordado por Catão⁴⁸ e Varrão⁴⁹ com algum destaque, consideramos tratar-se de mais um indício da literariedade das *Geórgicas*, como se de fato o poeta não estivesse interessado em "afinar" a função

informativa do texto. A leitura de passagens semelhantes nos demais "agrônomos", pelo contrário, revelava neste ponto o desdobramento do discurso num sentido essencialmente sujeito a intentos referenciais: por motivos óbvios, esse é um aspecto importante da vida diária no campo e os autores, conformando-se às necessidades práticas do público, ofereciam informações detalhadas, à maneira de verdadeiros manuais de consulta. Isso significa que, menos preocupados com o "entretenimento" dos leitores, não encontravam obstáculos para a apresentação de seqüências inteiras de operações construtivas, em que se incluíam dados miúdos relacionados a medidas, ao *modus operandi*, ao custo das construções e da mão-de-obra e até mesmo à maneira de contratá-la.⁵⁰

A criação de cavalos, embora não ausente da economia rural na Itália antiga, destinava-se sobretudo, como observou Robert, ao mercado urbano:⁵¹ era, por exemplo, com fins militares e de exibição nos espetáculos circenses que esses animais constituíam objeto de interesse para potenciais compradores; nas *uillae* romanas, como dissemos, cabia em geral aos bois (ou aos burros) o papel de se prestarem a bestas de tração ou carga. Assim, pensar nos eqüinos como um elemento tipicamente associável à realidade dos trabalhos e da vida nos campos romanos é um erro, não só pela atribuição a eles de uma participação maior do que a devida neste âmbito, mas também pela generalização excessiva da presença de sua criação na Itália: afinal, essa atividade se concentrava em certas áreas específicas do Império.⁵²

Não se pode, porém, ignorar o significativo potencial poético vinculado aos cavalos: suas qualidades de força, vigor e beleza, bem como a existência de várias lendas da mitologia que os têm como elementos de interesse, permitem encontrar nessa espécie um tema de grande rentabilidade literária. O episódio mítico das éguas de Glauco, por exemplo, evocado por Virgílio para exemplificar o alcance imbatível do ímpeto sexual desses animais,⁵³ favorece sem dificuldades o estabelecimento de elos entre a postura admonitória do *magister* agrário (ocupado em mostrar os perigos do descontrole amoroso dos animais) e a prática letrada dum poeta cujas necessidades incluem matizar o dizer e impressionar a imaginação do público.

Tendo oferecido esses exemplos a respeito dos motivos pelos quais Virgílio inclui ou elimina tópicos do texto, devemos passar ao breve comentário da questão da "elocução" do poeta. Como esperaremos demonstrar em seguida, no capítulo destinado a cotejar alguns

trechos de afinidade temática das obras dos "agrônomos", a diferença essencial neste aspecto entre ele e os demais autores considerados diz respeito à escolha da poesia para dar vazão aos conteúdos: é sabido que o discurso poético, marcado pela elaboração *expressiva* da linguagem, resulta na produção de sentidos "condensados", mais, por assim dizer, próximos da apresentação direta dos temas do que de sua mera veiculação.⁵⁴

Recorrendo a um vasto conjunto de recursos possíveis (sons, ritmos, disposição de palavras, seleção e combinação de elementos, repetições, imagens, metáforas, comparações...), o poeta encontra na linguagem os meios para unir harmonicamente a forma de expressão aos conteúdos, do que resulta uma espécie de intensificação do dizer: o que de outra maneira se dissiparia na banalidade da língua quotidiana adquire aqui contornos de algo posto em evidência. Esse é, portanto, o modo de emprego da linguagem responsável por todos os efeitos potencializadores encontrados nas *Geórgicas*: procedendo habilmente, Virgílio não só dosa com cautela o grau de tecnicidade de seu discurso "instrutivo" (tratando com brevidade de certos detalhes, por exemplo)⁵⁵ como ainda, valendo-se de várias estratégias semântico-formais, torna a preceituação agrária uma espécie de suporte para a produção de sentidos que a ultrapassam largamente.

Não se deve com isso entender que uma espécie de leitura simbólica ou "alegórica" da obra seja a única possível, mas que a vivacidade de apresentação do mundo nela encontrada favorece, além do contato aproximado com o que se coloca diante de nossos olhos, uma postura afim à apreciação da beleza, desvinculada, portanto, da mera busca utilitarista de preceitos. Dito diversamente, apesar de manifestar algum grau de instrução com seus "conselhos" (e de poder ser lido em superfície nesse aspecto), o Virgílio das *Geórgicas* direciona a linguagem para a inquietante riqueza de associações característica da poesia.

Pelo que temos dito, é fácil ao leitor compreender por que, em certas ocasiões, referimo-nos à postura educativa do *magister* agrário das *Geórgicas* como uma ficção: trata-se de uma espécie de construto interno ao texto, cujas motivações coincidem com o intento de vincular-se temática e genericamente à produção didática de um Hesíodo,⁵⁶ bem como com o aproveitamento da estrutura assim obtida para a prática dum intrincado exercício de escrita. Os estudiosos têm ressaltado a existência de elementos afins ao gosto helenístico nas *Geórgicas*: traços como a erudição (manifesta através do entretecer de uma

complexa teia de alusões a muitos autores gregos e latinos),⁵⁷ a escolha de um tema aparentemente árido do ponto de vista da poeticidade,⁵⁸ a proximidade técnica com o refinamento característico de poetas como Calímaco (considere-se, por exemplo, a peculiar arquitetura do *epyllion* de Orfeu), o interesse pelo saber "científico"⁵⁹ e a própria fuga à imponência homérica⁶⁰ enquanto modelo fundador contribuem para aclimatá-las nessa atmosfera artística.

Devemos lembrar que o helenismo foi, na literatura grega, uma fase de revivescência do interesse pela obra de Hesíodo, e que uma das maneiras de manifestação de tal interesse coincidiu com o surgimento de importantes "espécimes" de poemas didáticos. Ora, Virgílio, um autor erudito, encontrou nos procedimentos desse brilhante período uma via possível para exercitar-se num gênero que não é, por motivos óbvios, um dos mais fáceis de serem praticados. Dessa maneira, evidentemente afastado do mero intento de instruir os camponeses italianos "desabituaados" aos trabalhos da terra em razão dos traumas das guerras civis, o poeta pôs-se a serviço da própria genialidade criativa e derivou da estrutura poética herdada sentidos que, embora até certo ponto harmonizados com o ideal hesiódico de trabalho e justiça, não deixam de nutrir-se de questões fundamentais às especificidades do momento histórico-cultural em que viveu.⁶¹

É importante, aqui, ressaltar que a existência de Hesíodo como modelo para Virgílio não deve ser confundida com uma "tirania": os estudos intertextuais, especialmente, vêm lançando luz sobre a questão, fazendo-nos compreender que, exceto pela adoção da estrutura geral dos poemas didáticos (com elementos-tipo como o *magister*, o *discipulus* e o "ensinamento"), pelo tema rural da superfície e por sua vinculação a aspectos ético-morais e religiosos, a presença do poeta grego nas *Geórgicas* se restringe sobretudo ao primeiro livro da obra. É nesse contexto, e apenas nele, que se criam certos nexos estruturais efetivos com *Os trabalhos e os dias*, levando-nos a considerar a natureza de sua influência *no poema como um todo* sob a marca de algo mais sutil:

O próprio título do poema de Hesíodo lhe sugere a estrutura em grandes linhas: ele começa ilustrando a necessidade geral de trabalhar, mencionando a maioria dos afazeres clássicos do fazendeiro e termina estabelecendo os melhores dias para realizar vários trabalhos. Sérvio pode

estar certo em ver nas "Geórgicas" I 1 uma alusão ao título do poema de Hesíodo: "quid faciat (= e)/rga) laetas segetes, quo sidere (= h(me/rai) terram/ uertere." Virgílio certamente estrutura as "Geórgicas" I de acordo com esse tema duplo: os versos 43-203 dizem respeito aos afazeres do fazendeiro e, assim, correspondem de modo geral aos "e)/rga" de Hesíodo, enquanto os versos 204-514 discutem as melhores épocas para executar esses afazeres, como ocorre nos "h(me/rai" de Hesíodo. Assim, a divisão temática de Virgílio em "Trabalhos" e "Dias" indica uma coincidência estrutural total entre as "Geórgicas" I e seu modelo.⁶²

Notemos, por fim, que as obras didáticas antigas realizam com variações o elemento "instrutivo".⁶³ Assim, ao lado de um Lucrécio e de um Hesíodo d'*Os trabalhos e os dias*, decerto comprometidos com a transmissão eficaz de preceitos, encontramos autores como Nicandro, cujo virtuosismo lingüístico e exuberância de apresentação dos conteúdos abordados na *Therriaca* e na *Alexipharmaca* chega a resultar obscurecedora desse aspecto.⁶⁴ Embora Virgílio, pela real inclusão na trama significativa das *Geórgicas* de temas "sérios" (filosófico-morais, religiosos, políticos...), não se desvie para a mesma vacuidade do "engajamento" formador de Nicandro, há que se notar sua profunda diferença neste ponto em relação ao extremo representado por Lucrécio: afinal, sem manifestar quaisquer intentos "apostólicos",⁶⁵ concede em sua obra grande espaço ao puro exercício compositivo.

A constatação da ficcionalidade e da literariedade do gesto "formador" de Virgílio nesta obra convida-nos a esclarecer o que se passa no contato entre os participantes diretos desse "fingimento". Referimo-nos, é evidente, ao modo de desempenho dos papéis do *magister* e do *discipulus*, segundo as diretrizes estabelecidas pelo texto para sua constituição.

De início, é importante explicitar que a "voz" textual emanada da obra não é, em absoluto, uma manifestação direta da subjetividade de Virgílio:⁶⁶ é bem verdade que a ela se atribuem textualmente algumas características do criador efetivo do texto,⁶⁷ mas a própria dinâmica do gênero didático (que *impõe* a apresentação de todos os emissores de preceitos sob a "máscara" do *magister*), bem como outros indícios espalhados pelo poeta ao

longo das *Geórgicas*,⁶⁸ convidam-nos a ter cautela com qualquer iniciativa precipitada de compreensão desse aspecto.

Assim, tal "voz" se forma complexamente pela fusão de dois papéis distintos: "Virgílio", como a leitura do poema permite observar, posiciona-se enquanto *magister* de técnicas agrárias (ao preceituar à sua maneira sobre cada uma de suas partes) e enquanto o poeta da época augustana, criador de uma obra como as *Bucólicas* num momento anterior de sua carreira.⁶⁹ Há que se notar a relativa incompatibilidade entre esses dois papéis já que, como se sabe, o exercício da composição poética erudita coincidiu, no período romano, com uma atividade refinada e bastante restrita a certos círculos de cultura. Isso significa que o Virgílio histórico, evidentemente inserido nesse contexto de erudição, não poderia dirigir-se ao público-alvo das *Geórgicas* enquanto instrutor agrário em sentido estrito, como quem pretendesse de fato orientá-lo para agir com as próprias mãos nos casos previstos em tal circunstância, mas que subordina no texto essa função "instrutiva" a uma imagem do poeta também moldada em seu interior.

Em outras palavras, somos lembrados pelo autor de que lemos uma obra de poesia e de que somente no plano ficcional seria possível encontrar uma caracterização tão "tensa" quanto a construída para o emissor das *Geórgicas*. Nesse movimento, parte-se desde o princípio da idéia de que ele, *sem deixar jamais de ser poeta*, apresentará comportamentos até certo ponto afins aos esperados de um "professor de agronomia". Pois, não nos deixemos iludir pelas aparências, o próprio impulso gerador da obra nasce da intenção de dar corpo aos conteúdos técnicos dum modo afim à evocação do imaginário rústico tradicional, de maneira que o gesto criador precede o formador e o determina.

Importa ainda ao esclarecimento dessa questão o fato de que, embora o emissor deixe em certos momentos de comportar-se como *magister* agrário (ao fazer pura metalinguagem pelo comentário da poesia),⁷⁰ não pode jamais abandonar a função de poeta: mesmo nas passagens de estrita abordagem técnica, esse "mestre", enquanto desdobramento da proposição inicial de Virgílio,⁷¹ constitui-se sempre numa espécie de instrumento de seu impulso criador. Portanto, pelo fato mesmo de preceituar tecnicamente, o *magister* (vinculado, aliás, a uma linguagem intensificada em seu potencial significativo) contribui no contexto para o estabelecimento da pequena "encenação" engendrada no interior da obra.

É curioso observar que, embora não se possa, pelo motivo que expusemos acima, vincular de imediato as "vozes" presentes n'*Os trabalhos e os dias* e no *De rerum natura* às pessoas reais de Hesíodo e Lucrécio, a inexistência da repartição da "máscara" didática entre funções tão distintas em ambas as obras, bem como a proximidade de caracterização entre os papéis assumidos nos textos e as personalidades históricas dos autores,⁷² inviabiliza nesses casos a fragmentação produzida nas *Geórgicas*. Com efeito, encontramos diante de posturas bem distintas ao ter contato com um "Virgílio" decisivamente voltado para a indicação do artificialismo de seu papel instrutivo ou com um "Lucrécio" ou um "Hesíodo", em geral considerados os porta-vozes "fiéis" e coerentes de seus criadores.

Que dizer do *discipulus* didático? Contraponto da figura do *magister* e semelhante a ele em pontos fundamentais de sua caracterização, não deve, conseqüentemente, ser assimilado de forma direta ao público das *Geórgicas*. Uma via possível para o tratamento de suas especificidades, julgamos, diz respeito à análise da questão da destinação textual da mensagem a certos alvos particulares.

Observamos, em muitos dos textos pertencentes à classe compositiva estudada, que com alguma freqüência os autores adotam o procedimento de nomear o *discipulus*, como se a preceituação tivesse sido conduzida com vistas ao alcance dum único e específico destinatário: é o que se passa n'*Os trabalhos e os dias* (com a destinação a Perses, o irmão desonesto de Hesíodo e rival na questão da justa repartição da herança paterna), no *De rerum natura* (com a destinação a Mêmio, contemporâneo e amigo pessoal de Lucrécio) e nas *Geórgicas* (em que cabe inclusive a Mecenas⁷³ dar ouvidos ao *magister*).

Em todas as ocorrências do efeito de sentido em questão, é notável que as personagens a que se destinam as obras pela letra do texto correspondem a homens cuja existência histórica não se costuma questionar e que, portanto, poderiam ter-se de fato constituído em interlocutores verdadeiros dos poetas. Apesar do tom de intimidade (pois, invariavelmente, encontramos então a existência de laços de amizade ou parentesco a unir mestres e alunos)⁷⁴ e "realismo" assim engendrado, a visão do estabelecimento de uma espécie de circuito comunicativo fechado não encontra sustentação possível numa análise mais detida desses textos.

No tocante às obras de Lucrécio e Hesíodo, contribui para desaconselhar a demasiada restrição da mensagem veiculada o próprio fato de que os conteúdos nelas

tratados têm alcance geral, passível de relacionar-se em inúmeras situações à experiência de muitos. Assim, enquanto o primeiro poeta visa à "conversão" humana, no sentido da aceitação do epicurismo como a *única* forma acurada de explicação do real (e de posicionamento filosófico diante da vida),⁷⁵ o segundo propõe um modelo de conduta que tem sido compreendido enquanto reação aos velhos valores heróicos da épica e valorização do modo de vida tradicional dos camponeses beócios (universo a que ele, segundo se acredita, teria pertencido).⁷⁶

Dessa maneira, muito dificilmente seria defensável (mesmo que se pretendesse levar em conta qualquer intenção particularizante dos autores) a funcionalidade formadora restritiva desses textos, ocorrida no contato exclusivo com os destinatários nomeados: todos os indivíduos que compartilham as mesmas condições de existência associáveis a Mêmio (a totalidade dos homens) ou a Perses (o conjunto dos camponeses conterrâneos do poeta grego) poderiam sem problemas ser integrados ao papel de "alunos", no plano da realidade concreta, inclusive.

Nas *Geórgicas*, muito embora se dê algo semelhante, isto é, não seja necessário pensar em Mecenas como o alvo obrigatório e exclusivo da mensagem (à maneira do que se daria na correspondência íntima entre amigos), os motivos que justificam esse fator são, em certo sentido, diversos: numa proposição crítica bastante esclarecedora, Volk procedeu à separação do destinatário *interno* do poema entre "Mecenas" e os "fazendeiros".

Trata-se de uma significativa mudança em relação ao enfoque costumeiro da questão, já que os estudiosos em geral se limitavam a diferenciar um destinatário interno fictício e distante da realidade factual do público romano originalmente implicado na recepção da obra (identificado com a "máscara" dos "fazendeiros"), de outro, correspondente aos leitores esperados para esse tipo de poesia.⁷⁷ O último elemento corresponde obviamente aos contemporâneos cultos do poeta, capazes de apreciar todas as sutilezas de seu extraordinário talento artístico: os freqüentadores do célebre "círculo de Mecenas", por sinal, constituiriam uma imagem aproximada desse tipo de apreciadores.

Em que pese à utilidade e à validade geral dessa classificação, a consideração do *discipulus* sob uma única categoria criava algumas dificuldades para os críticos. Ocorria, assim, que as partes de endereçamento direto a Mecenas surgiam como uma espécie de "sobra" nas *Geórgicas*. Referimo-nos ao fato de que essa personagem (a que não se ajusta a

máscara do "agricultor") se constituía em algo de difícil integração na estrutura interna do poema: tratando-se inegavelmente de um dos focos a que se dirigia a palavra de "Virgílio", não encontrava, contudo, um estatuto condizente com as especificidades de sua posição.

A solução proposta pela autora citada, numa tentativa de desfazer o impasse, acaba por associar apenas aos destinatários fictícios dos preceitos agrários a "máscara" dos "fazendeiros" e ao destinatário de conteúdos outros, quase sempre relacionados aos comentários metalingüísticos de "Virgílio" sobre aspectos variados do andamento compositivo das *Geórgicas*, a de "Mecenas".

Isso significa, como observa, que a velha distinção entre público refinado e "grosseiro", antes considerada uma particularidade exclusiva da oposição entre os apreciadores reais (externos) e ficcionais (internos) da obra, passa a adentrar o texto,⁷⁸ já que, além de dirigir-se aos *agricolae* como "mestre de agronomia", seu emissor interno também, momentaneamente desviado dessa atitude, dirige-se a "Mecenas" para tratar de assuntos mais afinados com o papel dessa personagem em sociedade. Com isso, acreditamos que se dá maior nitidez à questão da complexidade compositiva das *Geórgicas* neste ponto, em razão da própria coexistência "conflituosa" de destinatários bem diferenciados num mesmo espaço conceitual.

Como observação final a respeito de sua posição, é importante mencionar o que apresenta em termos de uma certa indefinição do foco receptor em certas partes do poema:

Diversamente, porém, no início do Livro I, como mostrei, a "persona" dissimula cuidadosamente sua mudança de destinatário e por muito tempo deixa em aberto a quem está falando, permitindo mesmo a possibilidade humorística de que a segunda pessoa, que vem à cena em I.71, possa ser por instantes identificada com Mecenas. Citei Sérvio acima, "ad" I.56, que não sabia se "nonne uides" era endereçado a Mecenas ou aos fazendeiros. Da mesma forma, "ad" I.176, "possum multa tibi ueterum praecepta referre", escreve: "'tibi' autem, id est o Maecenas, inquit, uel o agricola" (Serv. Dan.). De fato, embora neste ponto o emissor esteja claramente envolvido com a instrução dos fazendeiros, a frase, com seu toque de antiquarismo (cf. "ueterum praecepta"), soa como se bem pudesse ser

*endereçada a Mecenas, especialmente se considerarmos a cláusula que se segue de imediato: "ni refugis tenuisque piget cognoscere curas" (I.177). Enquanto o fazendeiro dificilmente tem a escolha de desdenhar "tenuis curas", Mecenas pode ser alguém desinteressado pela trivialidade do tema.*⁷⁹

Esse comentário permite notar a significativa diferenciação do modo compositivo das *Geórgicas* em relação à caracterização dos receptores reais ou fictícios da mensagem em outras obras vinculadas ao mesmo gênero. Tomando como parâmetro de comparação dois poemas didáticos que temos comentado até o presente momento, pode-se dizer que, enquanto um "Perses" ou um "Mêmio" preenchem maciçamente a função de receptores nas obras em que se encontravam, sem, inclusive, haver diferenças substanciais entre ambos e seus correlatos "reais", Virgílio optou por favorecer a constituição elaborada do universo evocado.

Com essa atitude, é importante dizer que ele permitiu a seu público a participação num jogo ficcional mais sofisticado: ocorre, com efeito, que o "tu" a que se direciona o *magister*, independentemente da natureza dos leitores que venham a ter contato com a obra, deve ser de algum modo preenchido por esses receptores enquanto durar a "escuta". Trata-se de um funcionamento típico da poesia didática, através do qual o endereçamento gramatical à segunda pessoa (manifesto pelo emprego das formas verbais e pronominais correspondentes) passa a constituir-se num ponto de contato necessário entre o interno e o externo do texto: moldando formalmente o destinatário como "aluno" dos temas abordados, os poemas do gênero pressupõem-lhe a adesão a certos papéis,⁸⁰ cujo desempenho corresponde a parte do modo esperado de leitura.

Explica-se: certos críticos têm apontado no leitor de poesia didática uma espécie de bipartição constitutiva.⁸¹ Assim, encontrar-se-iam nele simultaneamente uma face "neutra", isto é, apenas observadora do que se passa na interação entre o *magister* e o *discipulus* no interior das obras (correspondendo, portanto, a uma atitude de apreciação descomprometida) e outra afim à postura de "aprendizado": é a ela que se vincula a "máscara" textual do aluno.

No caso das *Geórgicas*, excetuando-se os trechos de manifestação da metalinguagem em estado mais puro, ocorria que os leitores inseridos no contexto de recepção original (correspondentes ao público romano erudito) deveriam submeter-se, como vimos, a um papel bem diverso daquele condizente com sua esfera de existência em sociedade. Em outras palavras, a "máscara" dos rústicos não se ajustava à face verdadeira do público coevo a Virgílio, o que significava para ele a necessidade da adoção de uma postura bastante artificial no desempenho da função apreciativa do *discipulus*.

Apesar das dificuldades representadas por esse fator para Virgílio (ocorrendo a necessidade ininterrupta de "negociar" entre a ficção informativa e a sensibilidade de um público decerto muito preparado), não se deve necessariamente considerar essa artificialidade um obstáculo intransponível: afinal, o domínio que o poeta demonstra dos recursos lingüísticos permite-lhe, como explicaremos adiante, "animar" e enriquecer o texto das *Geórgicas* como um todo; além disso, o próprio descompasso interacional dos leitores em relação ao papel do *discipulus* favorece-lhes o despertar da fantasia. Dessa maneira, temporariamente deslocados de sua realidade quotidiana, esses leitores puderam colocar-se por instantes num outro plano e possivelmente usufruir da habilidade do poeta em sustentar um "fingimento" que os inclui.

Como elemento final desta análise das *Geórgicas*, parece-nos necessário abordar o tema do "fingimento" da situação de "aula" enquanto algo favorecido por certos usos de linguagem caracteristicamente associáveis ao gênero didático. O primeiro deles, já anunciado anteriormente, diz respeito ao endereçamento insistente do *magister* à segunda pessoa: não se tem, nos textos dessa categoria compositiva, o mero tratamento teórico dos assuntos, mas criam-se a todo instante as condições para sua apresentação "dramatizada", por assim dizer. Com isso, pretendemos observar que o *magister* e o *discipulus* assumem como que contornos de personalidade, de cuja interação resultam situações formadoras diversamente conduzidas em cada obra.

Assim, certos elementos lingüísticos nos permitem afirmar sobre o "tu" a quem se dirige "Virgílio" no poema que, de acordo com a natural preocupação do *magister*, busca-se assegurar sua adesão aos ensinamentos, chamando-o à atenção e à cautela, bem como torná-lo consciente da presença "tutelar" do mestre:

his animaduersis terram multo ante memento
excoquere et magnos scrobibus concidere montis, 260
ante supinatas Aquiloni ostendere glaebas
quam laetum infodias uitis genus. optima putri
arua solo: id uenti curant gelidaeque pruinae
et labefacta mouens robustus iugera fissor.
at si quos haud ulla uiros uigilantia fugit, 265
ante locum similem exquirunt, ubi prima paretur
arboribus seges et quo mox digesta feratur,
mutatam ignorent subito ne semina matrem.
quin etiam caeli regionem in cortice signant,
ut, quo quaeque modo steterit, qua parte calores 270
austrinos tulerit, quae terga obuenterit axi,
*restituant: adeo in teneris consuescere multum est.*⁸²

"Sabido bem tudo isto, agora outra advertência: 305
 Cumpre a terra cozer com grande antecedência:
 dar cava funda ao monte, e a leiva que arrancares
 revirá-la de avesso aos aquilônios ares,
 antes de abacelar cepas de casta fina.
 Torrrão que se desfaz para o vidonho é mina. 310
 Assim tudo te ajuda a alegre bacelada:
 os braços dos cavões, os ventos e a geada.
 Quem atenta por tudo, acautelou já dantes
 que a terra do viveiro e a terra dos transplantes
 fossem da mesma espécie; afim de que arrancada 315
 duma para outra mãe a prole delicada
 não pudesse estranhar. Fez mais: em cada vara
 marcou a exposição com que ela se criara,
 para restituir-lha: a parte donde ao Austro
 recebia o calor, e a que virava ao Plaustro. 320

Tanto da prima idade os hábitos importam!"⁸³

No verso latino 259, há o emprego de duas expressões cuja função é advertir o *discipulus* da necessidade de manter-se atento (*his animaduensis* - "considerados esses elementos" e *memento* "lembra-te"). A primeira delas, pode-se dizer, retira sua força expressiva da seleção lexical do particípio: trata-se, afinal, de uma raiz composta por elementos que remetem à própria idéia de "voltar o espírito",⁸⁴ ou seja, "concentrar-se em" ou "dar atenção" a algo. Quanto à segunda, identificada com o uso enfático (posto em final de verso) dum imperativo futuro, presta-se a manifestar a função admonitória não só por seu sentido lexical (relacionado ao conceito da lembrança), mas, obviamente, pela força mesma do modo verbal em que se encontra.

O verso 265, por sua vez, opera pela apresentação da possibilidade de que possa de fato haver agricultores descuidados [*si quos (haud) ulla uiros uigilantia fugit*], de modo que o emprego (negativo) da oração condicional em questão se presta a introduzir certas práticas cuja observância é tida por necessária para o sucesso da lavoura. Vê-se, aqui, que o *magister* procede a uma espécie de julgamento conciso a respeito do que considera corresponder a bons ou maus parâmetros de cultivo, como se, situado numa posição privilegiada de conhecimento, estivesse em condições de instruir o *discipulus* pela crítica do que lhe parece ruim.

Por fim, o comentário do verso 272 introduz como que uma súbita irrupção do *magister* no tecido do discurso "formador": trata-se, como se nota, da manifestação de sua opinião a respeito do significativo grau de dificuldade envolvido nas minuciosas práticas há pouco descritas. Por esse recurso, acreditamos, ele como que se põe diante do *discipulus* enquanto autor duma fala nem sempre contida por detrás da crua preceituação.

Embora não tenhamos pretendido esgotar a análise desse aspecto no trecho transcrito, os dados aqui reunidos nos permitem afirmar, a respeito do *magister* e do *discipulus*, que o texto os apresenta, num caso, sob as marcas psicológicas da "preocupação" com o processo de ensino-aprendizado e da autoridade e, em outro, de um posicionamento inferior ao do mestre no tocante à experiência e ao domínio do conteúdo, justificando-se assim que se arrisque a erros pela desatenção e imperícia.⁸⁵

É interessante observar que, tratando-se de um poema preenchido por conteúdos técnicos como as *Geórgicas* (e não científico-filosóficos), o direcionamento da preceituação e o modo de participação do *magister* e do *discipulus* em todo o processo se dão com vistas ao favorecimento da boa assimilação de *fazer*es. Tomando como parâmetro de comparação o *De rerum natura* lucreciano, porém, observávamos que, naquele caso, "Lucrecio" envolvia-se com o tratamento de conceitos filosóficos e moldava por sua fala um receptor vulnerável sob o efeito de sua ignorância (temeroso, enganado com a crença distorcida nos deuses e na religião, impressionável diante da grandeza e dos mistérios do cosmos...).⁸⁶ Isso significa que, de acordo com sua crença no gesto "salvador" de Epicuro, buscava incutir argumentativamente (valendo-se do instrumental lógico da linguagem)⁸⁷ no *discipulus* ensinamentos de ordem mais abstrata, cuja boa compreensão passaria talvez a modificar-lhe a atitude diante da vida.

Assim, apresentando-se ele mesmo como um entusiasmado seguidor (ou ex-aluno) do mestre grego, "Lucrecio" via no *discipulus* a imagem de alguém que pretendesse libertar-se da ignorância e fortalecer-se pelo domínio da verdade. Devemos dizer que essa caracterização em muito acrescentava à grandeza das "personagens": não era a uma humanidade perdida que se oferecia aqui a saída das trevas?⁸⁸

Esperamos, assim, ter oferecido com esse comentário um panorama geral de alguns dos aspectos constitutivos mais importantes para a caracterização das *Geórgicas* enquanto realização particular do gênero didático. Apesar das dificuldades (e perigos) de enquadrar uma obra tão rica num esquema de categorias fixas, acreditamos, pelos motivos apresentados desde o início, que a cautela e a fuga à excessiva rigidez analítica podem favorecer olhares iluminadores sobre tal objeto.

¹ Cf. Toohey, P. *Epic lessons. An introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996, p. 21: *The "Works and Days" acts as a benchmark against which later didactic epic can be measured (...). The poem aims to instruct, and it does this through the presence of an identifiable addressee (...). The addressee of this poem is Perses, Hesiod's brother. He is regularly mentioned (vv.10, 27, 213, 274, 286, 299, 397, 611, 633, 641), both as the recipient of the advice of the "Works and Days" (10, 611, 641), and, more specifically, as the scoundrel who has swindled his brother (37-9) of his paternal inheritance by courting the princes (...). Hesiod wants to cure his brother of this bad behaviour and to procure an end to the troubles between them.*

² Cf. Toohey, *op. cit.*, p. 2-5.

³ Cf. Toohey, *op. cit.*, p. 15-19.

⁴ Cf. a respeito das vantagens e desvantagens da adoção da chamada "crítica de gêneros" as seguintes palavras de Dalzell (Dalzell, A. *The criticism of didactic poetry. Essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996, p. 3): *My interest is to look at these poems as a genre and to inquire what tools are available to the critic for their understanding. It is true that works like the "De rerum natura" of Lucretius and the "Georgics" of Virgil are very different in character; nevertheless they exhibit a sufficient number of features in common to make it reasonable to consider them as members of a class. Not everyone would agree that such an approach is likely to be fruitful. Ever since Croce's attack on the utility of classification in literature generic criticism has been treated with a certain reserve. Those critics who followed Croce insisted that every poem, and every work of art in general, is a unique creation; to classify a poem is to risk blinding oneself to its essential uniqueness. No great artist, it is argued, obeys all the laws; hence the more attention one pays to genre, the greater the danger of missing what is most individual, and perhaps most valuable, in a work of art.*

⁵ Cf. Volk, K. *The poetics of Latin didactic. Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. Oxford: University Press, 2002, p. 34-35: *With hindsight, that is, many centuries after the fact, I perceive that during a certain period of literary history (Greek and Roman antiquity) a certain major body of texts exhibits a certain number of shared characteristics that distinguish it from other texts and that these similarities do not appear to have come about by chance, but must to a certain extent be assumed to have been intended by authors and noticed by their audience. To say that these texts belong to the same genre is nothing more than a convenient shorthand to describe the phenomenon.*

⁶ Cf. Dalzell, *op. cit.*, p. 21-22.

⁷ Cf. a título de exemplificação Volk, *op. cit.*, p. 29: *For the most part, such poems as the "Works and days", the "Phaenomena", the "De rerum natura", and the "Georgics" were not in fact regarded as belonging to a distinct genre.*

⁸ Cf. Aristóteles; Horácio; Longino. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultrix, 1981: II 1. *Como aqueles que imitam imitam pessoas em ação* (grifo meu), estas são necessariamente ou boas ou más (pois os caracteres quase sempre se reduzem apenas a esses, baseando-se no vício ou na virtude a distinção do caráter), isto é, ou melhores do que somos, ou piores, ou então tais e quais, como fazem os pintores; Polignoto, por exemplo, melhorava os originais; Pausão os piorava; Dionísio pintava-os como eram. Evidentemente, cada uma das ditas imitações admitirá essas distinções e diferirão entre si por imitarem assim objetos diferentes.

⁹ Cf. Volk, *op. cit.*, p. 30-31: *Two main approaches to the problem are known from antiquity. Both offer a positive theory of didactic poetry as a kind of "poetry" ("contra" Aristoteles) which is "distinct" from other types of poetry ("contra" the "communis opinio"). Both are to a certain extent similar, both were highly influential in the subsequent history of the question, and both are rather difficult to date. The first is in the so-called "Tractatus Coislinianus", a tenth century manuscript that contains an epitome of a Peripatetic work of literary criticism and deals mainly with comedy. (...) A second way of integrating didactic poetry as a distinct genre into a system of poetic types is found most prominently in the "Ars grammatica" of Diomedes (4th/ 5th cent. A.D.).*

¹⁰ A respeito de uma espécie de "contaminação" do discurso crítico por conceitos oriundos das ciências biológicas, por exemplo, cf. palavras seguintes de Bickel (Bickel, E. *Historia de la literatura romana*. Madrid: Gredos, 1987, p. 9): *Las grandes literaturas de la Antigüedad clásica, que se muestran a nuestros ojos conclusas, poseen su propia problemática frente a las literaturas en curso de los pueblos modernos. Especialmente la historia de la literatura latina, cuyo origen, florecimiento y decadencia se desenvuelven en sucesión milenaria con límites superiores e inferiores precisos, nos induce a contemplarla como un hecho*

biológico, en el que se conciben la juventud, madurez y ancianidad del espíritu latino, en exposición coherente, como la historia de un organismo.

¹¹ Cf. Eagleton, T. *Teoria da literatura. Uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 3: *Os formalistas surgiram na Rússia antes da revolução bolchevista de 1917; suas idéias floresceram durante a década de 1920, até serem suficientemente silenciadas pelo Stalinismo. Sendo um grupo de críticos militantes, polêmicos, eles rejeitaram as doutrinas simbolistas quase místicas que haviam influenciado a crítica literária até então e, imbuídos de um espírito prático e científico, transferiram a atenção para a realidade material do texto literário em si. À crítica caberia dissociar arte e mistério e preocupar-se com a maneira pela qual os textos literários funcionavam na prática: a literatura não era uma pseudo-religião, ou psicologia, ou sociologia, mas uma organização particular da linguagem. Tinha suas leis específicas, suas estruturas e mecanismos, que deviam ser estudados em si, e não reduzidos a alguma outra coisa. A obra literária não era um veículo de idéias, nem uma reflexão sobre a realidade social, nem a encarnação de uma verdade transcendental: era um fato material, cujo funcionamento podia ser analisado mais ou menos como se examina uma máquina.*

¹² Cf. Pernot, L. *La rhétorique dans l'Antiquité*. Le Livre de Poche, 2000, p. 7: *Dans ces conditions, la rhétorique est une technique visant à l'efficacité, une méthode de production du discours persuasif fondée sur un savoir-faire et même sur des recettes. Derrière ce savoir-faire, il y a un savoir, une science si l'on veut, en tout cas une réflexion approfondie et systématique sur la nature et le fonctionnement de la parole. Ce savoir et ce savoir-faire sont objets d'enseignement.*

¹³ Em seu conhecido estudo, dedicado ao tratamento do que chama de "gêneros" (categorias *temáticas* da literatura antiga), Cairns, embora adote uma perspectiva crítica que não é a nossa, sugere por vezes a constituição das categorias consideradas com base na retomada de exemplos práticos de composição poética: *As well as containing the primary elements of its genre every generic example contains some secondary elements ("topoi"). These "topoi" are the smallest division of the material of any genre useful for analytic purposes. Their usefulness lies in the fact that they are commonplaces which recur in different forms in different examples of the same genre. They help, in combination with the primary elements, to identify a generic example* (cf. Cairns, F. *Generic composition in Greek and Roman poetry*. Edinburgh: University Press, 1972, p. 6).

¹⁴ Cf. *Institutio oratoria* X I 46-57 de Quintiliano (Quintiliani, M. Fabi. *Institutiones oratoriae libri duodecim*. Edited by M. Winterbottom. Oxford: Clarendon Press, 1970. V. II).

¹⁵ Cf. Volk, *op. cit.*, p. 29.

¹⁶ Cf. Toohey, *op. cit.*, p. 5-6: *How should we think of didactic epic? The ancients, even at the high points of their literary self-consciousness and achievement, had no clear conceptualization of its separate life. We ought to follow them and try to describe ancient epic in such a way as to allow within it the partnership of didactic poetry (...). Such a description might go like this. Within the culture of classical antiquity there were a variety of elastic, ill-defined, but nonetheless recognizable subspecies or subgenres (...) of epic: mythological or narrative epic is one; but so too was the small-scale epic practised by the Alexandrian writers in the third century B.C. (which could include pastoral); there was even a comic or parodic epic; alongside these stands didactic epic which can deal with subjects as varied as science, philosophy, religion, and agriculture.*

¹⁷ Cf. acima citações aos nomes de Dalzell e Volk.

¹⁸ Cf. Jaeger, W. *Paideia. Los ideales de la cultura griega*. Versión española de Joaquín Xirau. Pánuco: Fondo de Cultura Económica, 1942, p. 60-61: *Las formas de expresión poética de origen privado o culto tienen poco que ver con la educación. En cambio, los cantos heroicos se dirigen, por su esencia mismo idealizadora, a la creación de ejemplares heroicos. Su importancia educadora se halla a gran distancia de la de los demás géneros poéticos, puesto que refleja objetivamente la vida entera y muestra al hombre en su lucha con el destino y por la consecución de un alto fin.*

¹⁹ Cf. *Institutio oratoria* de Quintiliano (apud Pereira, M. A. *Quintiliano gramático. O papel do mestre de gramática na "Institutio oratoria"*. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 176-177): I VIII 4-5. *Cetera admonitione magna egent, in primis, ut tenerae mentes tracturaeque altius quidquid rudibus et omnium ignaris insederit, non modo quae diserta, sed uel magis quae honesta sunt, discant. Ideoque optime institutum est ut ab Homero atque Vergílio lectio inciperet, quamquam ad intellegendas eorum uirtutes firmiore iudicio opus est: sed huic rei superest tempus, neque enim semel legentur. Interim et sublimitate heroi carminis animus adsurgat et ex magnitudine rerum spiritum ducat et optimis inbuatur.* - "Para o restante, fica, sobretudo, uma importante recomendação: que os espíritos infantis e que se vão desenvolver aprendam, seja o que for que se tiver fixado mais profundamente ao tempo em que eram rudes e de tudo ignorantes, não apenas o que é eloquente, mas

sobretudo o que é ético. Por isso, muito a propósito se determinou que a leitura se iniciasse com Homero e Virgílio, conquanto seja preciso, para a apreciação de seus méritos, um desenvolvimento intelectual maior. Mas para isso há tempo, pois não se lerão aqueles autores uma só vez. Por ora, que se eleve o espírito com a sublimidade do verso heróico, que ele transporte a alma através da grandeza do tema, impregnando-a com o que há de mais nobre."

²⁰ Cf. a respeito especificamente da integração do *epyllion* de Aristeu ao quadro geral das *Geórgicas*, as seguintes palavras de Conte no prefácio da tradução italiana da obra, publicada pela editora Mondadori (Virgílio. *Georgiche*. A cura di A. Barchiesi. Milano: Mondadori, 1983, p. XXII): *Quasi tutta la critica recente (con maggiore o minore consapevolezza) ha riconosciuto la necessità di interpretare all'interno del sistema del testo la funzione e il senso dell'epillio che, in chiusa al poema, narra le vicende di Aristeo e di Orfeo. Rimane isolato chi, comunque si autorizza invece a leggere questi versi come un "exploit" decorativo del poeta, un ampliamento ornamentale in forma di racconto eziologico: nient'altro che un'elegante costruzione letteraria contenta della propria autonomia strutturale e del tutto priva di connessioni organiche col resto del poema: sarebbe stata introdotta col semplice scopo di fornire un "aition" alla "Bugonia" (la nascita delle api dal cadavere di un bue).*

²¹ Cf. *Geórgicas* I 121-146.

²² Cf. *Geórgicas* I 129-135 (minha tradução): *ille malum uirus serpentibus addidit atris/ praedarique lupos iussit pontumque moueri,/ mellaque decussit foliis ignemque remouit/ et passim riuis currentia uina repressit,/ ut uarias usus meditando extunderet artis/ paulatim, et sulcis frumenti quereret herbam,/ ut silicis uenis abstrusum excuderet ignem.* - "Ele deu o veneno ruim às serpentes terríveis,/ mandou que os lobos caçassem e o mar se movesse,/ derramou o mel das folhas, escondeu o fogo/ e aqui e ali nos rios os vinhos correntes estancou,/ para que pensando forjassem as artes/ paulatinamente, dos sulcos buscasse a planta do trigo/ e de veios rochosos extraísse o fogo."

²³ Citado por Dalzell, *op. cit.*, p. 32.

²⁴ Florio, R. *Poesia didáctica y oratoria en Roma*. Bahía Blanca: Universidad Nacional del Sur, 1997, p. 49: *No obstante encontremos informaciones del ámbito rural, las "Geórgicas" (como ya había sucedido con la obra de Lucrecio sobre la naturaleza, aunque acrescentado en la de Virgilio), son bastante más que un compendio de aplicación práctica sobre métodos a seguir en agricultura. Esta afirmación surge de un hecho fácilmente comprobable: de la totalidad de preceptos, útiles y prácticos en cada rama de la agricultura, Virgilio selecciona los que convienen a la finalidad artística y gravedad moral de cada episodio.*

²⁵ Cf. a respeito da multiplicidade dos pontos-de-vista expressos na obra de Virgílio as seguintes observações de Gale: *The two extremes of the didactic tradition (archaic, Hesiodic piety, and Lucretian science) are brought together in such a way that the conflict between them is brought to the fore, not resolved. I will argue that this central, programmatic passage is emblematic of the poem as a whole: Virgil's problematic juxtaposition here of two incompatible world-views suggests a way of reading the "Georgics", as a polyphonic text in which the different voices of the didactic tradition are brought together but not harmonized into a seamless whole* (cf. Gale, M. *Virgil on the nature of things. The "Georgics", Lucretius and the didactic tradition*. Cambridge: University Press, 2000, p. 11).

²⁶ Cf. como exemplo dessa atitude interpretativa as palavras de Florio, *op. cit.*, p. 49-50: *En las "Geórgicas", el centro de interés nunca deja de ser el hombre, el sentido de su existencia y de su participación en el engranaje universal, no obstante se encubra tras los temas aparentes que conforman los cuatro cantos, un gran espejismo de intencionalidad ejemplar sin traslación explicativa. El estilo sutil, la trama de bordado imperceptible, el tratamiento casi sigiloso, en todos los aspectos, de los materiales integrados en la continuidad poética del "corpus" geórgico, son recursos que pueden confirmarse en los versos iniciales del libro cuarto.*

²⁷ Cf. Ross Jr., D. O. *Virgil's elements. Physics and poetry in the "Georgics"*. Princeton, New Jersey: University Press, 1987, p. 241: *Virgil's pessimism is thorough, deep, and inescapable: there is no relief.*

²⁸ Cf. Virgil. *Georgics*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1994. V. I, p. 17: *The agents of Jupiter are toil and want, toil which is insatiable and pervasive, and want which presses when times are hard.*

²⁹ Cf. Morgan, L. *Patterns of redemption in Virgil's "Georgics"*. Cambridge: University Press, 1999, p. 13: *In the interpretation of the "Georgics" which follows, then, I am not going to ignore or argue away the disquieting elements of the poem. This reading of the "Georgics" will prove the possibility of an interpretation of the poem which, without ever ignoring those details which have been used to argue Virgil's essential pessimism, can tease out of it an ultimately "upbeat", propagandistic import. In my interpretation of details I shall often, in fact, be treading familiar ground. Ross's definitively pessimistic conclusion about the poem,*

"conflict is the ultimate reality in that fire and water are the ultimate elements of all things", is not, for example, a position I would want radically to differ from. What I shall suggest, though, is that in the cultural and historical context of the "Georgics" such a message has great "optimistic" potential.

³⁰ Cf. Jaeger, *op. cit.*, p. 80: *En Hesiodo se introduce por primera vez el ideal que sirve de punto de cristalización de todos estos elementos y adquiere una elaboración poética en forma de epopeya: la idea del derecho. En torno a la lucha por el propio derecho, contra las usurpaciones de su hermano y la venalidad de los nobles, se despliega en el más personal de sus poemas, los "Erga", una fe apasionada en el derecho.*

³¹ Cf. Toohey, *op. cit.*, p. 26: *The relevance of the tale of the hawk and the nightingale ought now to be apparent. Zeus is the hawk; Perses and the princes are the nightingales (...). If the princes do not comprehend superior might (the justice of Zeus), they will suffer. Thus the argumentative logic of the fable.*

³² Há que se dizer que seus sentidos atuais, desconhecidos da "crítica" antiga, correspondem a uma cunhagem da moderna filologia [cf. Stracca, B., in Teocrito. *Idili e epigrammi*. Milano: Rizzoli, 1993, p. 16: *È bene sottolineare, comunque, che l'uso del vocabolo per indicare un genere letterario autonomo non ha alcun fondamento nell'antichità: quando ricorre (...) significa semplicemente "uersiculus" (...). Solo in un passo di Ateneo (...) ha il valore di "breve carmen" (...). Si tratta dunque di un uso moderno, e si deve far risalire alla filologia del secolo scorso ("scil." 19)].*

³³ Cf. Morgan, *op. cit.*, p. 18-19 (minha tradução).

³⁴ Exatamente ao final do último livro de *De rerum natura* (VI 1138-1286), Lucrécio também compusera uma célebre digressão relativa aos eventos passados em Atenas durante certa ocasião de peste. Apesar de fatores como a vivacidade do quadro de horror aí esboçado, a posição "estratégica" ao final da obra e o estranhamento causado pela presença de tal fecho numa obra destinada justamente a *confortar* os homens pela revelação da verdade epicurista (cf. Grimal, P. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994, p. 254: *Le chant se termine par la grande description d'une peste survenue autrefois à Athènes, tableau effroyable qui laisse le lecteur sur une impression de malaise et a souvent fait accuser Lucrèce d'être un poète pessimiste.*), há que se notar importantes diferenças entre ela e o *epyllion* virgiliano em questão. Assim, em contraste com o espaço proporcionalmente maior ocupado pelo *epyllion* nas *Geórgicas* (243 versos num livro composto no total por 566), tem-se que Lucrécio dedicou apenas 148 versos a tal fecho num livro bem mais longo do que o de seu sucessor (com uma diferença de 720 versos a seu favor); além disso, o "mal estar" a que se refere Grimal e que tem por vezes causado inquietações nos críticos poderia ser justificado sem dificuldades como um forte argumento lucreciano em favor da adesão do público ao epicurismo: afinal, espera-se, aqueles iniciados nessa corrente de pensamento estariam isentos do pavor experimentado pelos *ignari* diante da própria aniquilação física e da morte. Nesse sentido, ainda que vulneráveis como todos os mortais aos terríveis padecimentos físicos a que se sujeitam as vítimas da peste, ao menos estariam conscientes da plena naturalidade do ciclo infundável de destruição e renascimento no Universo e não temeriam, em contraste com os ignorantes, as trevas do Orco ou a fúria divina. Em outras palavras, diante da fragilidade de nossa natureza humana, teriam a evidente vantagem da segurança interna favorecida pelo conhecimento e, movidos inclusive pela horrível visão do maior grau de infelicidade daqueles alheios à seita, tenderiam a buscar na salvação filosófica um meio de se furtarem a tamanha miséria. Neste caso, portanto, não corresponderia à determinação dos sentidos e da função do fecho lucreciano na obra um nível de dificuldade tão pronunciado quanto aquele vinculado à mesma operação interpretativa do *epyllion* a que nos temos referido.

³⁵ Cf. Otis, B. *Virgil. A study in civilized poetry*. Norman: University of Oklahoma Press, 1995, p. 194-195.

³⁶ Cf. *Geórgicas* IV 465-466.

³⁷ Cf. Otis, *op. cit.*, p. 200 (minha tradução).

³⁸ M. Owen Lee (Lee, M. O. *Virgil as Orpheus. A study of the "Georgics"*. Albany: State University of New York, 1996, p. 103-104), por sinal, encontrou na jornada de Aristeu em busca dos motivos da morte de suas abelhas uma oportunidade para interpretá-la conforme certas idéias de Jung: *There is a regularly recurring pattern in the myth of the maturing male which Carl Jung and his disciples have found also in the collective unconscious, and most particularly in the psychotherapy of male patients in crisis. Jungians call it the individuation process: a man individuates his inner psychic powers and integrates them. The mythic hero (or the man under treatment) encounters, in some deep place that represents his unconscious, his anima - his inner feminine, a complex of mother memories and of everything he has experienced of the opposite sex. This inner feminine is potentially destructive ("Come, with your own hand, tear up my happy forests") but, if the hero can win her over to his purposes, she will be of great help to him, and can guide him to his "Wise Old Man" archetype - his inner masculine, often an emblem of his father. The Wise Old man, extremely difficult to find and to master, eventually gives the young hero the psychic information essential to his maturing, The*

hero then re-encounters the anima figure, who provides the practical details he needs. Finally he rises from the unconscious to the conscious world to integrate his experiences. His journey, if successful, is symbolized in some circular object or design - a centripetal configuration, like Jung's mandala, in which conflicting elements are held in tension.

³⁹ Cf. comentário do autor às *Geórgicas*, v. II, p. 202 (minha tradução).

⁴⁰ Spurr, arrolando argumentos como a extensão da seletividade temática também às obras dos tratadistas antigos em prosa (p. 71-74) e uma suposta focalização essencial pelo poeta das grandes propriedades (de acordo com a realidade econômica da Itália de sua época, portanto - p. 77-78), é uma voz discordante nesta questão [cf. Spurr, M. S. *Agriculture and the "Georgics"*. In: McAuslan, I.; Walcot, P. (org.). *Virgil*. Oxford: University Press, 1990].

⁴¹ Cf. Dalzell, *op. cit.*, p. 106: *What Wilkinson means when he says that the "Georgics" masquerades as a didactic poem is that the didactic purpose is not the main purpose, or, if it is, the message is not quite what it appears to be. It used to be suggested that the poem had an immediate practical application - that it was written to instruct the returning veterans whom Octavian had settled on the land. But this is no poem for the horny-handed sons of toil. Even more than the "De rerum natura", it was clearly designed to appeal to a sophisticated literary taste. The poem bristles with allusions to other writers. In a short passage of twenty-six lines devoted to the zones of the earth (1.231-56), there are echoes of no less than seven authors, both Greek and Latin. Such a work can never have had much value for the ordinary countryman.*

⁴² Cf. Dalzell, *op. cit.*, p. 107: *Not only are essential points omitted, but the selection is itself strange.*

⁴³ Cf. Robert, J.-N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: "Les Belles Lettres", 1985, p. 275: *Le porc est surtout rentable pour toutes les utilisations culinaires qu'on en fait: saucisses, saucissons, boudins... On connaît le goût des "gastromanes" pour les vulves et les tétines de truie, de préférence farcies!*

⁴⁴ É importante dizer aqui que os fortes vínculos entre certos animais igualmente "humildes" e a expressão literária antiga (como os ovinos e caprinos em relação à poesia pastoril - cf. por exemplo as *Bucólicas* virgilianas I 8 e V 12) atenuam-lhes a banalidade e favorecem a entrada no universo rural evocado pelo poeta.

⁴⁵ Cf. Grilli, A. *Lettura del terzo libro delle "Georgiche"*. In: Gigante, M. (org.). *Lecturae Vergilianae*. Napoli: Giannini, 1982. V. II, p. 92: *E i libri dispari? Il primo è tragicamente concluso dai truci vapori di guerra, nell'angoscia dell'Italia tutta, nel grido disperato per avere la speranza almeno ("saltem") del divino giovane, Ottaviano; il terzo quasi neppure si conclude, tanto à tremenda la visione di disfacimento della peste del bestiame. Naturalmente, una lettura è sempre qualche cosa di soggettivo: ma direi che gli elementi di pessimismo sulla vita del bestiame prevalgono, anche riguardo all'amore, che inesorabilmente travolge tutto e tutti.*

⁴⁶ Cf. especificamente a respeito da grande proximidade entre o gado bovino e o homem neste livro do poema, Morgan, *op. cit.*, p. 110: *The ox is practically human, practically a workmate, practically here a brother to the ploughman.*

⁴⁷ Cf. versos seguintes da quarta epístula de Horácio (*in* Horace. *Satires. Epistles. "Ars poetica"*. With an English translation by H. Rushton Fairclough. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1999), em que o nome do animal surge como termo de injúria, por associação com a glutoneria e a auto-indulgência (minha tradução): IV 15-16. *me pinguem et nitidum bene curata cute uises,/ cum ridere uoles, Epicuri de grege porcum.* - "Tu me verás gordo e reluzente, de couro bem cuidado,/ quando quiseses rir, um porco do rebanho de Epicuro."

⁴⁸ Cf. *De agri cultura* XIV, XV, XVIII...

⁴⁹ Cf. *De re rustica* I XI, XII, XIII...

⁵⁰ Cf. *De agri cultura* XIV.

⁵¹ Cf. Robert, *op. cit.*, p. 268: *Virgile, qui habitait un pays de grand élevage d'équidés, distinguait bien les chevaux de course, ceux de manège et ceux de haras, fort utilisés pour les transports et pour l'armée.*

⁵² Cf. White, K. D. *Roman farming*. London: Thames and Hudson, 1970, p. 298: *Italy was short of the high quality pasture required for the breeding of racing ponies, and it is not surprising that we hear of Imperial stud farms in Spain and in Cappadocia; the products of some of these establishments continued to receive fodder from the Imperial granaries when pensioned off and put out to grass.*

⁵³ Cf. *Geórgicas* III 266-268.

⁵⁴ Cf. Paz, O. *El arco y la lira*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986, p. 69: *Mientras el poema se presenta como un orden cerrado, la prosa tiende a manifestarse como una construcción abierta y lineal. Valéry ha comparado la prosa con la marcha y la poesía con la danza. Relato o discurso, historia o demonstración, la prosa es un desfile, una verdadera teoría de ideas o hechos. La figura geométrica que*

simboliza la prosa es la línea: recta, sinuosa, espiral, zigzagueante, mas siempre hacia adelante y con una meta precisa. De ahí que los arquetipos de la prosa sean el discurso y el relato, la especulación y la historia. El poema, por el contrario, se ofrece como un círculo o una esfera: algo que se cierra sobre sí mismo, universo autosuficiente y en el cual el fin es también un principio que vuelve, se repite y se recrea. Y esta constante repetición y creación no es sino ritmo, marea que va y viene, cae y se levanta.

⁵⁵ Cf. Dalzell, *op. cit.*, p. 107: *The opening lines of Book 2, which list the principal subjects to be discussed, give the impression that the olive and the vine will be accorded equal treatment. In fact the olive, so important to the Roman economy, is dismissed in six lines (2.420-5).*

⁵⁶ Cf. no erudito verbete *Georgiche* da *Enciclopedia virgiliana* (*Enciclopedia virgiliana*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1985. V. II, p. 691): *In questa espressione possiamo forse vedere sintetizzati gli scopi strutturali del poema: aggiornare il genere esiodico di epica didascalica per renderlo piacevole e accettabile al pubblico contemporaneo, che era romano e, cosa più importante, urbano.*

⁵⁷ Cf. Farrell, J. *Vergil's "Georgics" and the traditions of ancient epic*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 4: *The "Georgics" is different. Here there is no main model, no possibility of explaining the entire poem even superficially as an updated revision of Hesiod or of Lucretius: no one source eclipses all the others, as Homer does Apollonius in the "Aeneid" and as Theocritus does everyone in the "Eclogues". Uniquely among Vergil's works, the "Georgics" ranges broadly over the traditions of ancient poetry, using allusion to draw together various strands of these traditions into a seamlessly unified and convincing whole. If not the most allusive poem that antiquity has produced, it must be one of the most creatively and ambitiously imitative that literature has yet seen.*

⁵⁸ Cf. Legrand, Ph.-E. *La poésie alexandrine*. Paris: Payot, 1924, p. 54-55: *Le choix de certains sujets que traita l'alexandrinisme excluait d'emblée toute émotion: comment se fût-on passionné en donnant des recettes de pharmacie, en décrivant des procédés de pêche, en énumérant les mérites et les imperfections des diverses sortes de gemmes? L'astronomie et la météorologie offraient une matière singulièrement plus intéressante. Bien que les Alexandrins n'eussent sur les lois du ciel que des idées imparfaites, la conquête par l'homme d'une partie des secrets de la voûte étoilée aurait pu inspirer à un Aratus quelques accents de fierté; et la conscience de ce qui restait indéchiffré quelques transports d'impatience. Mais Aratus demeure impassible.*

⁵⁹ Cf. Legrand, *op. cit.*, p. 54: *À défaut de ferveur pour les hautes spéculations de la métaphysique, de la théogonie, de la cosmogonie, ne constate-t-on pas chez les poètes alexandrins le culte de la science, l'admiration de ses découvertes, l'espace de vertige ou d'ivresse qui s'empare de l'esprit devant ses perspectives infinies? Le progrès scientifique qui s'accomplissait autour d'eux eût assez justifié cet état d'âme, et la renaissance du poème didactique peut paraître le supposer.*

⁶⁰ Cf. introdução a *O livro de Catulo* (Catulo. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996, p. 31): *Já se observa, na contínua reverência ao legado, a atitude borgiana de recusar a criação da obra de arte monumental. Calímaco afirmava: "tò mega biblón íson tòi megáloi kakôi", "um grande livro é igual a um grande mal".*

⁶¹ Cf. idéias seguintes de Grimal sobre o controvertido tema da "sugestão" de Mecenas a Virgílio: *Ainsi Virgile, tout en composant une oeuvre qu'il avait conçue lui-même et qui répondait à sa sensibilité la plus profonde, n'en était pas moins ouvert, dans sa rétraite napolitaine, aux suggestions, voire aux pressions ("haud mollia iussa") de ses amis, et aux événements de l'actualité (cf. Grimal, *op. cit.*, 1994, p. 280).*

⁶² Cf. Farrell, *op. cit.*, p. 134 (minha tradução).

⁶³ Isso significa, portanto, que basta a um determinado texto neste quesito que nele se manifeste maciçamente algo semelhante a uma postura de ensinamento para que possa ser considerado didático.

⁶⁴ Cf. Toohey, *op. cit.*, p. 65: *Nicander has instructed us on how to recognize both the snake and the symptoms of its bite. But the description of the snake is not at all detailed - it is small, thin, dark, and is blacker from the end forward (vv.334-7). One could be forgiven for mistaking this creature for a small, decorated lead pencil, for all of the detail within Nicander's pen-portrait. The description of the death of a victim of a dipsas is more generous (vv.338-42). The bite produces a thirstiness of epic proportions.*

⁶⁵ Cf. Boyancé, P. *Lucrèce et l'épicurisme*. Paris: Presses Universitaires de France, s.d., p. 34: *De tous ces dévouements, de tous ces renoncements des disciples à un maître, il n'y en a pas de plus fanatique que celui de Lucrèce: peut-être parce que c'est le front le plus orgueilleux qui se soit courbé sous le joug. Lui qui se fait si impérieux pour parler à celui qu'il veut convaincre, qui a des accents guerriers et romains dans les choses du sprit, quand il parle d'Épicure, ne peut le faire qu'avec un humble amour. Qu'on écoute, dans le prélude du chant III, cette fidélité passionnée qui se veut littérale, cette brûlante tendresse: "Je marche derrière toi, honneur du peuple grec, et me voici qui, dans la trace de tes pas, imprime et modèle la trace des miens: non*

que j'aspire à rivaliser avec toi, mais dans mon amour je brûle de t'imiter. L'hirondelle, en effet, ira-t-elle se mesurer avec les cygnes? Et les chevreux aux pattes tremblantes, pourraient-ils à la course opposer leur effort à celui du cheval impétueux?"

⁶⁶ Cf. a respeito da necessária diferença entre o "eu poético" e a pessoa dos autores na poesia em geral as seguintes observações de M. Moisés: *Dessas considerações podemos inferir que, na medida em que o poeta se distingue do cidadão, a voz do poema equivale à do poeta. E dado que a voz do poeta é, pelo menos, um "eu" contíguo do "eu social", podemos supor que a voz do poema seja igualmente um "eu", agora insulado, livre de qualquer sujeição à origem, incluindo o "eu do poeta"* (Moisés, M. *A criação literária. Poesia*. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 137).

⁶⁷ Cf. por exemplo *Geórgicas* III 12 (minha tradução): *primus Idumaeas referam tibi, Mantua, palmas (...)*. - "antes de todos levarei a ti, Mântua, as palmas iduméias (...)." Mântua, como se sabe, era a cidade natal de Virgílio.

⁶⁸ Seria difícil, por exemplo, pensar de fato em Virgílio como mero teórico da agricultura; afinal, toda sua carreira como homem de letras não se deu no âmbito da produção poética artisticamente comprometida com a excelência?

⁶⁹ Cf. *Geórgicas* IV 563-566.

⁷⁰ Cf. *Geórgicas* III 1-48.

⁷¹ Cf. *Geórgicas* I 1-5 (minha tradução): *Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram/ uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis/ conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo/ sit pecori, apibus quanta experientia parcis./ hinc canere incipiam*. - "O que torna as searas alegres, sob qual astro convém a terra/ volver, Mecenas, e unir os olmos às videiras,/ qual o cuidado dos bois, ao gado que se deve ter/ o trato esperado, quanta perícia nas pequenas abelhas,/ daqui começarei a cantar."

⁷² Cf. a respeito de certos traços autobiográficos em suas obras Toohey, *op. cit.*, p. 20 e Grimal, *op. cit.*, 1994, p. 250-251: *He also tells us in the "Works and days" (37-9) that Perses, Hesiod's brother, swindled him of his share of his father's inheritance./ Il existe entre Catulle et Lucrèce, son contemporain exact, un lien qui, sans être totalement assuré, n'en est pas moins probable. Tous deux furent les amis d'un certain Memmius, nous le savons parce que Catulle accompagna en Bithynie un prêteur de ce nom, Lucrèce parce qu'il a dédié son poème à un personnage homonyme. S'agit-il du même homme? Bien que l'on puisse, au moins théoriquement, hésiter e se demander s'il s'agit, dans les deux cas, du même Memmius, de sérieux arguments invitent à le penser. Si le Memmius de Catulle est engagé dans la carrière des honneurs, celui de Lucrèce apparaît, lui aussi, comme un grand personnage, sur lequel, dit le poète, la patrie peut compter en des temps difficiles. Il est suffisamment curieux de poésie pour que Lucrèce puisse espérer l'intéresser à son oeuvre. Or nous savons que le Memmius de Catulle s'était entouré, dans son état-major, de tout un groupe de poètes, outre Catulle, Calvus et Helvius Cinna. Sans doute n'est-il pas épicurien et l'on a fait observer que, lorsqu'il passa à Athènes, il ne fit preuve d'aucune "piété" à l'égard du fameux jardin où avait enseigné le Maître, mais l'objection n'est guère valable. Le Memmius de Lucrèce n'est pas encore converti à la doctrine, et nous ignorons s'il le fut jamais. Le poète espère seulement provoquer sa conversion.*

⁷³ Cf. *supra* nota 71.

⁷⁴ Com efeito, Perses é o irmão de Hesíodo na vida real e na trama d'*Os trabalhos e os dias*, Mecenas é poderoso protetor de Virgílio nas mesmas circunstâncias e Mêmio, o amigo de Lucrécio.

⁷⁵ Cf. Boyancé, *op. cit.*, p. 10: *L'invitation impérieuse qu'il adresse quelque part à étudier la physique épicurienne toutes autres affaires cessantes, doit s'adresser à chacun.*

⁷⁶ Cf. Jaeger, *op. cit.*, p. 75: *El heroísmo no se manifiesta sólo en las luchas a campo abierto de los caballeros nobles con sus adversarios. También tiene su heroísmo la lucha tenaz y silenciosa de los trabajadores con la dura tierra y con los elementos, y disciplina cualidades de valor eterno para la formación del hombre.*

⁷⁷ Cf. Dalzell, *op. cit.*, p. 108: *To whom does the poem appear to be addressed? The formal addressee is Maecenas, but Maecenas was no farmer, and there is no reason to believe that the instruction is intended to him. His name appears in each book, but where the mention is not merely perfunctory, it is the difficulty of Virgil's task as a poet which is the point at issue. Caesar is also addressed in the poem, again outside the didactic message. In the prologue Virgil states that the poem was written for the benefit of "ignorant countryfolk"; and at intervals through the text instructions are directed specifically toward farmers ("agricolae") and shepherds ("pastores").*

⁷⁸ Cf. Volk, *op. cit.*, p. 136: *It is often said that the "Georgics" has two audiences, the "pretended" audience of the farmers and the "real" audience of educated readers (...). What scholars have not hitherto realized is that the poem does indeed have these two audiences - but that both exist inside the poem. While, for example,*

Aratus' "Phaenomena" creates a marked contrast between the learned extra-textual readers of the poem and the unsophisticated intra-textual farmers and sailors addressed by the teacher (...), the "Georgics", by making Maecenas an intra-textual character, brings the learned audience into the very poem itself.

⁷⁹ Cf. Volk, *op. cit.*, p. 138 (minha tradução).

⁸⁰ No caso das *Geórgicas*, de aluno de práticas agrárias, no caso dos *Phaenomena* de Arato, de aluno de astronomia...

⁸¹ Cf. Sharrock, A. *Seduction and repetition in Ovid's "Ars amatoria"* 2. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 7: *The convention of the didactic addressee allows the teacher to criticize within the bounds of literary tact, and allows the reader both to identify with the disciple and to distance himself.*

⁸² Cf. *Geórgicas* II 259-272.

⁸³ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (Virgílio. *As Georgicas*. Traduzidas a português por A. F. de Castilho. São Paulo: Heros, 1930, p. 66).

⁸⁴ Cf. Ernout, A.; Meillet, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1967, p. 34: "animaduerto", de "animum aduerto", juxtaposé encore à l'époque archaïque et devenu composé par la suite: "tourner son sprit vers", "remarquer"; souvent avec une nuance de blâme (comme "notare", auquel il est joint par Cic. "Brut." 316; "De Or." I 109), d'où (par litote) "sévire contre, punir". Même sens dans "animaduorsor" (Cic. = "censor"); "animaduorsio".

⁸⁵ No *De rerum natura* de Lucrécio (cf. Lucrèce. *De la nature*. Introduction et notes de Henri Clouard. Paris: Garnier, s.d.), lê-se: I 81-83. *Illud in his rebus uereor, ne forte rearis/ Impia te rationis ire elementa viamque/ Indugredi sceleris...* - "O que temo a esse respeito é que talvez julgues/ abraçar princípios doutrinários ímpios e num caminho/ de crime entrar..." (minha tradução). Nessa espécie de *praemunitio* retórica, o autor, antecipando as reações de "Mêmio" da mesma forma que Virgílio em *Geórgicas* II 265, diferencia-se do poeta por, de acordo com a natureza "revolucionária" da doutrina epicurista diante das crenças religiosas tradicionais dos romanos, recear não a desatenção ou a imperícia do alvo da mensagem, mas sim que venha a repudiá-la ou escandalizar-se com ela pelo motivo dito. Isso significa que a ocasião lhe serve para rebater as críticas e fortalecer-se enquanto transmissor de saberes que, longe de ferirem a santidade divina, atribuem a ela o justo lugar na veneração dos homens.

⁸⁶ Cf. Lucrécio, *op. cit.* (minha tradução): I 63-70. *Humana ante oculos foede cum uita iaceret/ In terris, oppressa graui sub religione,/ Quae caput a caeli regionibus ostendebat,/ Horribili super aspectu mortalibus instans,/ Primum Grauius homo mortales tollere contra/ Est oculos ausus, primusque obsistere contra./ Quem nec fama deum, nec fulmina, nec minitanti/ Murmure compressit caelum;* - "Diante de seus olhos prostrando-se indignamente a vida humana/ na terra, oprimida por uma religião pesada,/ que a cabeça mostrava das regiões celestiais/ pairando com terrível aspecto sobre os homens,/ pela primeira vez um grego ousou/ levantar os olhos, e pela primeira vez resistir./ Nem o renome dos deuses, nem os raios, nem com um murmúrio/ ameaçador o céu o refreou."

⁸⁷ Cf. Dalzell, *op. cit.*, p. 36: *In his concept of poetry the message was central and the poet's job was to present that message clearly and accurately. The structure of his discourse is patterned, therefore, on the needs of the argument.*

⁸⁸ Cf. Lucrécio, *op. cit.* (minha tradução): VI 79-80. *Quam quidem ut a nobis ratio uerissima longe/ Reiciat (...).* - "Que minha muito verdadeira doutrina isso para longe de nós/ afaste (...)"

IV. As *Geórgicas* de Virgílio e a assimilação transformada da temática agrária

Em relação às obras de seus predecessores temáticos na literatura agrária latina, caso de Catão Censor e Varrão de Reate, pode-se dizer que o Virgílio das *Geórgicas* expandiu as reverberações de sentido associáveis a esse conteúdo através de substancial enriquecimento em vários aspectos constitutivos do poema. De fato, apesar da já mencionada presença de elementos vinculados a influxos ideológicos e à busca de alguma elaboração do texto (no caso de Varrão) no *De agri cultura* e no *De re rustica*, as *Geórgicas* representam o alcance de um grau de complexidade e ampliação de possibilidades expressivas que ultrapassa largamente o mero intento de informar, submetendo ao plano técnico fatores indicativos de sua assimilação pela cultura ou pelas interpretações dos autores. Em outras palavras, parece-nos que Virgílio, a despeito da manutenção superficial da face de instrução técnica que caracterizava por excelência as obras de Catão e Varrão, deslocou a linha de força da constituição dos sentidos em seu poema para planos identificados com o de questões de maior alcance, social¹ ou filosoficamente pertinentes.

Por uma espécie de processo caracteristicamente associável à dicção poética e que tem relação com a possibilidade de comunicar num mesmo momento (através de um mesmo verso ou passagem, por exemplo) sobre coisas distintas, o poeta obtém nas *Geórgicas* um meio de estabelecer nexos entre o quotidiano rural e contextos mais abrangentes. Referimo-nos, evidentemente, à dimensão simbólica da poesia e à sua face polissêmica, fatores importantes à re-significação de temas mesmo quando se identificam com algo passível de tratamento apenas literal:²

seminibus positis superest diducere terram
saepius ad capita et duros iactare bidentis, 355
*aut presso exercere solum sub uomere (...)*³

"Tens posta a bachelada; agora se te segue,
que às cabeças a terra a miúdo se aconchegue," 420

a dura enxada a amanhe, ou co'o rompão do arado
se arregoe por fundo (...)."4

Nos versos acima (II 354-356), em que Virgílio tematiza as atividades a serem conduzidas no cultivo do parreiral logo após o plantio das toras/ mudas de videira no local definitivo, introduzem-se, especialmente através das expressões destacadas no trecho latino, claros indícios que apontam para a necessidade de sua interpretação em níveis diversos da superfície. Assim, a leitura atenta do poema como um todo revela que uma palavra como *durus* ("duro", "rude"...), caracteristicamente associável ao mundo do *rusticus* e à sua forma de atuação sobre a natureza, ocorre com alguma frequência ao longo do texto e indica uma certa violência na interação entre o homem e a terra;⁵ *mutatis mutandis*, o mesmo se dá no caso da expressão *presso (...) sub uomere*, já que o adjetivo empregado para qualificar o arado ("pressionado") pressupõe a idéia do uso da força. Por fim, o advérbio *saepius* ("com bastante frequência") contribui para construir uma imagem do trabalho não apenas como uma atividade de "luta" contra as dificuldades naturais, mas ainda como algo repetitivo, com provável desgaste mútuo para o *rusticus* e a terra.

Isso significa que, embora não se possa negar o oferecimento de algum grau de instrução técnica na passagem, as reverberações de sentido obtidas neste caso pelo emprego de expressões evocativas de eixos temáticos subjacentes aos "ensinamentos" técnicos e que perpassam todo o poema acabam por favorecer-lhe o enriquecimento das possibilidades de leitura. Eis o que justifica a interpretação de um adjetivo como *durus* para além da mera associação com a qualidade física da rigidez...

A própria repartição dos livros das *Geórgicas* entre as atividades da agricultura/ arboricultura (I e II), da pecuária (III) e da apicultura (IV), ocorrendo a concentração dos esforços do homem sobretudo nos três primeiros e das abelhas no último, favorece que os temas do trabalho e de seu papel na Ordem universal se constituam numa espécie de fio condutor da integridade do poema. Importa, aqui, considerar as implicações resultantes do tratamento por Virgílio desses temas na passagem tradicionalmente conhecida como "teodicéia do trabalho".

Como se sabe, nela o poeta aborda a questão da introdução do trabalho no mundo sob os auspícios de Júpiter, insatisfeito com a indolência em que se encontrava a

humanidade na Idade Áurea (caracterizada, na versão hesiódica⁶ e na seguida aqui por Virgílio, pela produtividade abundantemente espontânea da terra). Curiosamente, porém, Virgílio não mantém em sua versão a face do encerramento dessa era mítica enquanto castigo divino aos homens, apresentando-o nos termos de um plano maior em favor da transformação de sua forma de existência: movida pela nova realidade de uma natureza não mais tão generosa, a raça humana pôde desenvolver as técnicas necessárias à sua sobrevivência e, por fim, habituar-se a ganhar seu sustento com o suor do próprio rosto.⁷

Ao menos de início, então, poder-se-ia pensar na atuação do *Pater* (Júpiter) como sinal da atuação da Providência no mundo, com o sentido de algo que contribuiu para a melhoria (moral e no que se refere ao desenvolvimento da inteligência) de nossa espécie. Ocorre, porém, que, já na versão hesiódica, o final da Idade Áurea correspondia a um estado de necessária diminuição da felicidade sobre a Terra, de maneira que a vida de trabalho, embora enobrecedora e afinada com a justiça divina, identificava-se apenas com *a melhor possível na atual fase da existência humana*.⁸

De maneira um tanto paradoxal, Virgílio parece indicar aqui que as implicações do fim do estado "edênico" para nossa raça são complexas, já que se prestam a visões mais ou menos centradas no "bem" daí resultante. Na verdade, não é possível, apesar de nosso impulso inicial de nos inclinarmos pelo que parece ser uma visão "otimista" de Virgílio a respeito da atuação de Júpiter nesta ocasião, desconsiderar que tal atuação se caracteriza antes de mais nada pelo oferecimento de dificuldades que têm de ser superadas com grande empenho.

Desse modo, já nessa espécie de etiologia do trabalho, Virgílio ressalta basicamente dois pontos que perpassarão os quatro livros das *Geórgicas* como eixos temáticos centrais: por um lado, tem-se a apresentação da realidade atual identificando-a à aspereza das condições em que é necessário interagir para sobreviver; por outro, o fato de que quase nada mais se pode obter sem esforço obriga o homem à adoção de uma postura combativa diante do mundo. Esse é, aliás, o fundo temático a que se vincula a passagem virgiliana citada há pouco: se é preciso lavrar com "enxadas *duras*" e submeter ao "arado *pressionado*", é porque foi preciso desenvolver a técnica em "luta" contra uma natureza resistente em facilitar-nos a vida por completo.

No livro II, porém, Virgílio não só aproxima a vida atual dos camponeses italianos da mítica Idade Áurea (fase de reinado de Cronos entre os gregos ou de Saturno entre os latinos), como ainda indica que, naquele período ideal, os homens *trabalhavam a terra* e coabitavam com o deus nos campos.⁹ Em aprofundado comentário ao significado dessa redefinição (pois, na teodicéia, vigorava na Idade Áurea o automatismo absoluto da produção da terra e os homens *não trabalhavam*), Barchiesi ressaltou a influência das concepções de Arato a respeito do tema sobre esta passagem das *laudes ruris*¹⁰ e seu caráter de proposição do que seria uma visão não cerradamente cronológica de tal estado de bem-aventurança. Assim, recolhendo um conjunto de traços que julgou passíveis de associar a uma conduta humana ideal (trabalho, frugalidade, religiosidade, justiça...), Virgílio pôde contrapor como pólos opostos neste trecho os vícios urbanos ao valor dos camponeses de sua época, apresentados como equivalentes atuais dos homens que viveram sob Saturno.¹¹

Disso resulta uma espécie de incoerência entre as visões associáveis ao trabalho no livro I e no livro II das *Geórgicas*: no primeiro caso, como dissemos, apesar da menção ao final da Idade Áurea (e ao início das dificuldades de sobrevivência para o homem) como resultado da atuação da Providência, o teor hesiódico da teodicéia impedia-nos o esquecimento de que o estado anterior à queda (em que não se trabalhava) era caracterizado pela ausência de conflitos entre o homem e a natureza. Em contrapartida, a imagem da agricultura esboçada nas *laudes ruris* não só se apresenta como herdeira de uma outra tradição que incluía essa atividade no estado de plenitude inicial mas também opera pela transposição desse modo de existência ao seio do universo rural contemporâneo a Virgílio.

Apesar dessa aparente mudança de paradigmas e das observações de Barchiesi a respeito de certa reelaboração "corretiva" do conceito de Idade Áurea nas *laudes ruris*,¹² parece-nos difícil rejeitar a noção central do trabalho enquanto reação (muitas vezes brutal) às dificuldades de um meio hostil:¹³ no próprio livro II, apontado, como dissemos, como espécie de contraponto do "pessimismo" do livro I pela prodigalidade da natureza apresentada ao leitor e pela imagem da "cooperação" entre os seres humanos e as árvores, podem-se encontrar indícios da persistência da necessidade de manter *a alto custo* os esforços pelo sucesso.

Citando um exemplo passível de ser depreendido pela própria leitura do texto, na longa passagem em que Virgílio se dedica ao tratamento do tema do cultivo das videiras (II

259-419) deixa-se entrever em alguns pontos que, longe de se sujeitarem sem resistir aos intentos do homem, devem ser submetidas pelo trabalho intenso em razão, curiosamente, de sua própria vitalidade natural. Nos versos em que se tematiza a questão da poda, por exemplo, nota-se certa alteração das atitudes do *rusticus* para com as plantas:

*ac dum prima nouis adolescit frondibus aetas,
 parcendum teneris, et dum se laetus ad auras
 palmes agit laxis per purum immissus habenis,
 ipsa acie nondum falcis temptanda, sed uncis 365
 carpendae manibus frondes interque legendae.
 inde ubi iam ualidis amplexae stirpibus ulmos
 exierint, tum stringe comas, tum brachia tonde
 (ante reformidant ferrum), tum denique dura
 exerce imperia et ramos compesce fluentis.¹⁴ 370*

"Enquanto a vide é nova, e está no crescimento,
 poupa-lhe a tenra folha; após, quando o sarmento
 se lança ao ar sereno e à rédea solta, ufano,
 mas não adulto, arreda o teu podão profano;
 esparra, mas à mão, e de onde em onde. Em sendo 435
 que extenso ao tronco aperte, embora; condescendo
 em que desfolhes franco, e hásteas afouto podes;
 já não no assusta o ferro; usá-lo alfim já podes;
 és dono, anda sem dó: guerra ao pompaeear sobejo."¹⁵

Assim, o momento de manifestação do vigor nas videiras marca o ponto decisivo para a mudança drástica da forma de interação entre o homem e a natureza: da grande delicadeza do início, passa-se a exercer a força bruta a fim de evitar o domínio do descontrolo natural; a exuberância e a prodigalidade da natureza na era corrente, tipicamente manifestas no livro II das *Geórgicas* através de imagens como a da grande variedade arbórea (II 83-108) e a do sucesso com que se praticam os enxertos (II 63-82),

não exigem o *rusticus* da necessidade de impor-se com vistas à obtenção de bons resultados.¹⁶ Nos versos transcritos acima, pois, é importante notar o tratamento das videiras mais desenvolvidas como um subjugar apresentado em termos antropomorfizantes: tais plantas "indisciplinadas" têm "braços" (*bracchia* - v. 368) e "cabeleira" (*comas* - v. 368) que é preciso cortar e devem ser debeladas (como "ameaças") de um modo, para um comentador como Thomas, evocativo de nuances bélicas ou mesmo políticas.¹⁷

Acreditamos que a relativa variação de tom ocorrida ao longo dos quatro livros das *Geórgicas* justifica que Virgílio "atenue" em parte a imagem do que se descreve nos livros pares do poema (caso do II e do IV). Essa variação superficial, porém, ocorrida através da apresentação das faces mais ou menos risonhas da integração entre o homem e a Ordem estabelecida, não basta para desfazer o que temos destacado como ênfase no aspecto da luta árdua pela sobrevivência.

Ainda no contexto do cultivo do parreiral, os últimos versos dedicados ao tratamento desse trabalho podem lançar alguma luz sobre as questões tratadas até o momento:

*est etiam ille labor curandis vitibus alter,
cui numquam exhausti satis est: namque omne quotannis
terque quaterque solum scindendum glaebaque uersis
aeternum frangenda bidentibus, omne leuandum 400
fronde nemus. redit agricolis labor actus in orbem,
atque in se sua per uestigia uoluitur annus.*¹⁸

"A lida num vinhal absorve o ano e os meses:
o solo há de se abrir três vezes, quatro vezes; 480
desfazer-se os torrões co'a enxada eternamente;
aliviar da rama o bosque, embora ingente.
Inda não se acabou, já se reprincipia;
é na roda anual suar de dia em dia."¹⁹

iam uinctae uites, iam falcem arbusta reponunt 416
iam canit effectos extremus uinitor antes
sollicitanda tamen tellus pulvisque mouendus
*et iam maturis metuendus Iuppiter uuis.*²⁰

"Já vês a vinha atada, a poda feita, e cantas, 505
cansado, à orla enfim das alinhadas plantas;
mas vais entrar de novo em luta co'o terreno
e revolver o pó. Vês o ar limpo e sereno,
e inda estás a tremer que às maturadas uvas
(Jove é pronto em mudar) não sobrevenham chuvas."²¹

Ora, surpreende-se neste, que é por vezes considerado o mais "luminoso"²² dos livros das *Geórgicas*, a declaração de que os esforços do viticultor, sucedendo-se cumulativamente de ano a ano, não chegam jamais (*numquam* - v. 398) a um termo. A segunda passagem citada acima, por sua vez, contribui para o agravamento das dificuldades com que o *rusticus* tem de haver-se em sua lida: nesses versos, exatamente coincidentes com o término da seção dedicada ao cultivo do parreiral (introduzindo-se a partir do verso 420 o breve tratamento do tema das oliveiras),²³ paira a ameaça de que Júpiter venha a destruir com as chuvas o resultado final de todo o cultivo.

Um aspecto significativo para que se compreenda a questão do "otimismo" ou do "pessimismo" de Virgílio nesta obra tem relação com o que a crítica por vezes denomina as "mentiras"²⁴ do poeta. Típico representante dos que se pautam pelo princípio de que Virgílio, mesmo quando voltado em aparência para o enaltecimento da vida agrária, na verdade estaria posicionando-se em favor do mais negro pessimismo, Ross ressaltou a presença de vários elementos perturbadores da visão identificada com a "luminosidade" plena dos livros pares das *Geórgicas*.

Assim, o trecho em que se recomendam enxertos tecnicamente impossíveis entre as árvores frutíferas e certos elementos contraditórios presentes numa passagem tão destacada quanto a das *laudes Italiae*²⁵ fazem com que ele se incline pela interpretação de ambos enquanto indícios do inequívoco posicionamento do poeta. No primeiro caso, o próprio

desacordo entre uma suposta e exuberante produtividade obtida através da técnica de cultivo descrita e o que se comprova corresponder a uma flagrante falha técnica (por sinal, dificilmente ignorada por Virgílio)²⁶ fundamenta-lhe a leitura.²⁷

Quanto às *laudes Italiae*, o crítico ressaltou a presença do enaltecimento inicial da terra como espécie de contraponto de algo que se segue na mesma digressão e se caracteriza pelo esboço de uma imagem menos idealizada:

*Essa sucessão de mentiras, então, tem o óbvio propósito de estabelecer a Itália como uma terra ideal, comparável à Idade Áurea de Saturno ou às Ilhas dos bem-aventurados. Dizer que a Itália desfruta de uma primavera eterna e abundância contínua, isenta de todos os males (animais selvagens, plantas venenosas, serpentes), é um modo aceitável de estabelecer essa analogia - licença poética, enfim, e só o mais terra-à-terra dos ingênuos insistiria na botânica verdadeira ou na história natural. Mas o que se segue é o que chamaríamos de mentira de segunda circunvolução: o tipo italiano, como sugerido antes, nada é a não ser versado na guerra.*²⁸

Desse modo, apontando a presença de novas "mentiras" no intervalo correspondente aos vv. 155-176 (a exemplo da menção à existência de verdadeiros "rios" de prata e cobre na Itália - v. 165 - e de uma imaginária investida militar de Otávio contra os longínquos hindus - vv. 170-172), Ross baseia-se nas mesmas para reiterar a recomendação de cautela com a adesão irrestrita às palavras do poeta. Além disso, observa, de maneira dificilmente conciliável com a imagem inicial da Itália enquanto terra pacífica (contraposta à belicosidade do Oriente, apresentada nos versos que antecedem sem pausa essa digressão),²⁹ Virgílio introduz a partir do verso 167 o tema da pujança militar de seus filhos.³⁰ O conjunto desses fatores, por fim, leva-o a considerar a saudação final à terra [*salve, magna parens frugum, Saturnia tellus,/ magna uirum (...)* - "salve, grande mãe de searas, terra Saturnia,/ e grande de homens (...)", vv. 173-174] como a derradeira falsidade da digressão.³¹

Em que pese às objeções possíveis às leituras do crítico (apontando, por exemplo, que não seria explicável a detração completa da Itália numa obra a que, sem dúvida,

incorporam-se vários temas vinculados à defesa das tradições pátrias),³² não se pode deixar de reconhecer em seu esforço interpretativo o mérito de contrapor-se às leituras mais ingênuas do texto. Com isso, referimo-nos à necessidade de que se evite a consideração linear da obra, mera aceitação de sentidos literal e superficialmente oferecidos como equivalentes satisfatórios à "mensagem" do texto: uma leitura mais atenta do todo do poema acaba, de fato, por revelar a presença difundida de ambigüidades contextualmente condicionadas que não se pode ignorar.

Um dos momentos em que o modo de leitura adotado é decisivo para que se determinem os sentidos parece-nos corresponder à seguinte passagem:

*non tamen ulla magis praesens fortuna laborum est
quam si quis ferro potuit rescindere summum
ulceris os: alitur uitium uiuitque tegendo,
dum medicas adhibere manus ad uulnera pastor 455
abnegat et meliora deos sedet omina poscens.*³³

"(...). Sim; mas banhos, mas ungüentos
com terem contra o mal bastante de virtude,
não valem o que val a restaurar saúde
o ferro, se houver mão que cercear não tema 665
a cabeça entreaberta à sórdida apostema.
Alimenta-se e atura o mal quando encoberto.
Um pastor que não sabe, assenta-se, mui certo
de que basta implorar a proteção divina,
e descara em seu gado usar da medicina."³⁴ 670

Nesses versos do livro III da obra, Virgílio recomenda como solução *necessária* para combater a doença de pele que ataca as ovelhas (*scabies*, espécie de sarna) o emprego de uma medida rude: trata-se de usar um instrumento cortante para abrir as chagas dos animais e permitir, segundo suas instruções, a saída do mal. É inútil, pois, esperar pela ajuda divina como solução para o problema sem agir concretamente.

Esse último ponto leva-nos a perguntar o que se pressupõe ao negar nesses termos a validade do pedido de ajuda aos deuses: estaria o poeta apenas indicando que a prece sem ação não asseguraria o sucesso nas circunstâncias específicas dessa passagem ou, de maneira mais radical, sugerindo que eles não auxiliam aqui porque não o fazem *jamais*? Apesar do estranhamento que a completa concepção da "surdez" divina diante dos pedidos humanos poderia causar, considerando sua presença num poema em que a religião tradicional é por vezes ortodoxamente tematizada em seu aspecto de culto, não se pode deixar de, ao menos, aventar a hipótese de influxo do pensamento materialista nos versos citados. Como se sabe, entre os epicuristas, cujo expoente máximo nas letras latinas foi Lucrécio, negava-se a acessibilidade ao divino através das formas tradicionais de culto: retirados nos *intermundia*, os deuses tinham existência completamente alheia ao mecanismo do mundo material, entregue a suas próprias leis de forma irrevogável.³⁵

Curiosamente, ecoa-se aqui o verso IV 1068 do *De rerum natura* de Lucrécio (*ulcus enim uiuescit et inueterascit alendo* - "pois a ferida se desenvolve e se instala alimentando") e o tema da inutilidade do culto ressurge em *Geórgicas* IV 486-493, como nova alusão ao poema lucreciano e ao episódio em que, diante da barbárie do sacrifício de Ifigênia, o filósofo manifestou seu repúdio à religião tradicional.³⁶ No primeiro caso, Lucrécio tratara do tema da paixão como doença e, no segundo, Virgílio trata da impossibilidade de obter uma resposta divina na ocasião da peste entre os nóricos.

Ocorre, porém, que a menção a Lucrécio nesses contextos potencialmente propícios para o diálogo entre autores não parece oferecer-nos uma solução definitiva para o problema interpretativo que nos propusemos a confrontar há pouco: é certo apenas que o ecoar do verso lucreciano a respeito do mal amoroso no contexto da doença das ovelhas (acrescido do fato de que, no mesmo livro III das *Geórgicas*, Virgílio o apresente como *furor*)³⁷ indica a concordância entre ambos os poetas no tocante à compreensão patológica desse sentimento. Quanto à busca de uma resposta para o sentido da inutilidade da prece no trecho seguinte das *Geórgicas* (em que o *sacrifício* é inútil) ou mesmo na passagem lucreciana que parece tê-lo inspirado, nada indica que se trate de algo frutífero: o motivo da falha do sacrifício entre os nóricos permanece discutível, repartindo-se as opiniões dos críticos a respeito disso entre apontar uma suposta defesa pelo poeta da completa

desqualificação prática do culto³⁸ e em ver nessa falha nada menos do que um sinal da ira divina motivada por um erro em conduzi-lo.³⁹

A menção ao tópico da inter-relação entre os deuses e o mundo natural (ou humano) convida-nos a, expandindo-o, comentar alguns pontos de tratamento do tema nas *Geórgicas*. Como esperamos demonstrar em seguida, tem-se aqui um dos elementos privilegiados para pensar na natureza do poema enquanto algo sujeito à contribuição de influxos ideológicos variados, sem a possibilidade do fechamento dos sentidos num construto intelectual totalmente uno.

Na supracitada passagem da teodicéia, conforme observamos, notava-se, por um lado, o tratamento de Júpiter sob flagrante influência do mito hesiódico e, em seu aspecto providencial, de algo afim ao pensamento estóico. Como é sabido, essas duas formas de pensamento pautavam-se pela noção de que, atuando sobre o mundo material, os entes divinos (independentemente de sua compreensão como os deuses personificados da mitologia e da religião ou como o ser supremo identificado com a Razão universal) não eram indiferentes ao que se passa com o homem.

No primeiro livro das *Geórgicas*, ecoando os *Phaenomena* de Arato, Virgílio oscila entre a idéia da Providência e um certo ceticismo que não se enquadra nela:

*atque haec ut certis possemus discere signis,
aestusque pluuiasque et agentis frigora uentos,
ipse pater statuit quid menstrua luna moneret,
quo signo caderent Austri, quid saepe uidentes
agricolae propius stabulis armenta tenerent.*⁴⁰ 355

"As calmas, o chover, e os ventos que arrepiam,
tudo lá tem sinais que ao certo o pressagiam.
Assim o quis o Padre: impôs de encargo às luas
os meses predizer co'as variedades suas. 460
Sabe-se antecipado o fim dos Austros duros.
Sabe o esperto zagal se dos redis seguros
não deve ir pascer longe. (...)"⁴¹

tum liquidas corui presso ter gutture uoces 410
aut quater ingeminant, et saepe cubilibus altis
nescio qua praeter solitum dulcedine laeti
inter se in foliis strepitant; iuuat imbribus actis
progeniem paruam dulcisque reuisere nidos.
haud equidem credo, quia sit diuinitus illis 415
*ingenium aut rerum fato prudentia maior;*⁴²

"Adelgaçando a voz, os corvos dão grasnidos
 três vezes até quatro em seus covis subidos;
 parecem doudejar de insólita alegria
 pelos frondosos vãos da árvore sombria.
 Já lá vai a invernada, e cheios de carinho 535
 tornam a haver a prole, a paz, o amor, o ninho.
 Deus não lhes deu, bem sei, profética ciência
 (neles há mero instinto, em nós inteligência)"⁴³

Em comentário ao primeiro trecho dos "sinais do tempo", Gale, movida pela explicitude da expressão *ipse Pater*, observou a semelhança entre essa versão virgiliana de Júpiter e o deus estóico do poeta alexandrino.⁴⁴ Que pensar, porém, da menção posterior de Virgílio à própria descrença na atuação divina sobre o comportamento dos corvos, misteriosamente capazes de, adotando certos comportamentos, "predizerem" a mudança do tempo? Como é sabido, os estóicos defendiam, ao invés disso, uma espécie de infiltração de Deus em todo o universo:

Na tradição estóica original, "pneuma" e Deus são os dois modos de chamar a força que torna a matéria viva, capaz de ação, movimento e mudança. Outra consequência muito importante do "continuum" dinâmico estóico é a noção de interação e harmonia entre as partes do universo ("sympatheia"). Como prova da unidade da criação, os estóicos freqüentemente se valem das influências de forças externas sobre a Terra,

*por exemplo, a relação entre a lua e as marés. Tais considerações conduzem à visão de que todo o cosmos é controlado pelas mesmas leis, bem como unificado pelo "pneuma", ou seja, à idéia de lei universal.*⁴⁵

Não se deve, porém, generalizar esse ceticismo como atitude válida para todo o poema: ao lado do que parece indicar eventuais visões puramente materialistas dos fatos, há, como dissemos, passagens em que, embora sem infiltrar-se o pensamento estóico, o poeta mantém-se próximo do mito ou da religião. Poder-se-ia citar como exemplo (além do caso da intervenção divina na teodicéia) a recomendação do culto aos deuses em I 338-350, contexto de tematização das festividades rústicas em honra a Ceres e Baco: tem-se, aqui, a ocasião para apresentar práticas ritualísticas do tipo do oferecimento de itens alimentares (v. 344) e preces (v. 347) à deusa, de acordo com o gesto pio de cultuar em agradecimento pela frutificação das espigas ou ainda para assegurar o sucesso da colheita que se aproxima.⁴⁶

Os exemplos de que nos ocupamos acima, portanto, demonstram que a modulação dos sentidos ocorre no poema localmente (caso das passagens de interpretação vacilante) ou com o próprio prosseguimento do texto: pretender ignorar a multiplicidade das referências culturais ou ideológicas de que o poeta se nutre significaria desconsiderar um dos aspectos mais característicos da prática compositiva virgiliana nesta obra.⁴⁷ Com isso, não pretendemos defender algo como a fluidez absoluta de seus sentidos, como se, infinitamente capaz de acolher quaisquer interpretações, este texto não se sustentasse ao redor de certos eixos temáticos ou de pensamento que permanecem a despeito do que se altera.

As sucessivas visões esboçadas para a interação do *rusticus* com a natureza ao longo do poema permitem-nos observar num caso particular a que nos referimos ao tratar dessa maneira do grau parcial das "variações" de Virgílio; conforme observamos acima, a ênfase no esforço constante enquanto traço inerente a nossa condição (e na "luta" com o meio daí decorrente) é um dos elementos-chave para a compreensão da obra:

sed tamen et quernas glandes tum stringere tempus 305
et lauri bacas oleamque cruentaue myrta,

*tum gruibus pedicas et retia ponere ceruis
auritosque sequi lepores, tum figere damnas
stuppea torquentem Balearis uerbera fundae,
cum nix alta iacet, glaciem cum flumina trudunt.*⁴⁸ 310

"Mas inda há que apanhar: o fruto dos anzinhos,
do louro, da oliveira, e rúbidos murtinhos. 390
E os alçapés aos grou! e as redes aos veados!
e o perseguir a lebre! e os gamos derrubados
da balear funda ao tiro! oh! que exercícios belos,
para quando a corrente abóia caramelos,
e a neve encobre o solo. (...)"⁴⁹ 395

O trecho supracitado (I 305-310), correspondente à apresentação de parte dos afazeres a que se dedicam os homens durante o inverno (época de pausa nos trabalhos mais pesados do campo), permite observar que, mesmo absorto por ora nos prazeres da caça ou na mera coleta de frutos, o *rusticus* não se encontra inerte e mantém-se, no primeiro caso, em enfrentamento com os animais: a conjunção *sed*, introdutora do verso 305, marca, por sinal, a oposição entre o que se apresentara em 299-304 sobretudo como descanso⁵⁰ e o que se tem aqui. Em que pese às possíveis objeções no tocante ao caráter provavelmente voluntário dessas atividades (nas quais não deixam de manifestar-se os elementos do prazer e da diversão), não se pode negar a manutenção, em tom atenuado, de algo da costumeira diligência ou combatividade do homem do campo: além do evidente emprego dos dois últimos infinitivos com sentidos afins aos da luta, há que se notar que os dois primeiros verbos da passagem correspondem a ações passíveis de ocorrer, também, em contextos de cultivo.⁵¹

Em determinadas passagens das *Geórgicas*, a ação do homem sobre a natureza assume um grau mais intenso de violência:

*aut unde iratus siluam deuexit arator
et nemora euertit multos ignaua per annos,*

antiquasque domos auium cum stirpibus imis
eruit; illae altum nidis petiere relictis, 210
*at rudis enituit impulso uomere campus.*⁵²

"(...). Há terras que se arreiam
 d'alta espessura brava, imemoriais maninhos.
 Se, aborrecido já de pássaros e ninhos, 250
 bom colono as desmoita, - extirpado o arvoredor,
 debanda pelos céus, esvai-se o passaredo;
 mas o solo, que há pouco inútil se escondia,
 brilha sulcado, e se orna, e gera, e praz ao dia."⁵³

É importante apontar nos versos acima (II 207-211) a apresentação da derrubada da mata como uma espécie de agressão: na religião antiga, guardava-se grande respeito aos bosques, considerados sagrados; o capítulo do *De agri cultura* de Catão em que o autor oferece cuidadosas instruções para que se extraia a madeira sem ofender as divindades protetoras das árvores (CXXXIX) é um típico exemplo da observância desses escrúpulos.⁵⁴ O que se vê aqui, porém, especialmente pela ação de um agricultor "irado" (*iratus*) sobre árvores antigas (*nemora... multos ignaua per annos* - "bosques... por muitos anos ociosos", v. 208), o que lhes reforça a venerabilidade, confina com a impiedade: afinal, esse não seria, em absoluto, o espírito com que deveria proceder à tarefa de desmatamento caso minimamente preocupado em manter-se dentro dos parâmetros esperados.⁵⁵ A menção ao detalhe do abandono dos ninhos (e, é evidente, dos filhotes) pelas aves, por fim, contribui para construir localmente uma imagem do agricultor enquanto *inimigo* do ambiente que o rodeia, sem chances de relativizar o que nos sugere um forte antagonismo entre ambos.⁵⁶

Como se vê, essa violência não foi imotivada: perdendo-se o bosque, há possibilidade de que o "campo *rude*" (*rudis*) "tenha bom aspecto" (*enituit*). Entretanto, apesar da aparente compensação obtida ao final do processo (o campo cultivado é belo), o conteúdo dos versos imediatamente precedentes e o estranho emprego do adjetivo *rudis* no contexto (já que destoa da idéia positiva expressa pelo verbo *enitere*) possibilitam

interpretar o todo como expressão de reconhecimento da brutalidade por vezes manifesta na transformação da natureza pela cultura.

Por outro lado, pode-se facilmente compreender pelo que temos dito que a hostilidade manifesta na interface homem/ mundo natural não se dá em via de mão única: com alguma frequência, os trabalhos rurais assumem caráter de defesa contra toda uma gama de fatores potencialmente perigosos. No livro III das *Geórgicas*, espaço de apresentação do gado de pequeno porte (ovelhas, cabras, bodes...) em íntima conexão com os seres humanos (trata-se de animais domesticados, como que alheios, por esse motivo, ao estado de plena naturalidade), destaca-se o aspecto dos cuidados miúdos a serem dedicados ao rebanho:

incipiens stabulis edico in mollibus herbam 295
carpere ouis, dum mox frondosa reducitur aestas,
et multa duram stipula filicumque manipulis
sternere subter humum, glacies ne frigida laedat
*molle pecus scabiemque ferat turpisque podagras.*⁵⁷

"Primeira lei que imponho a quem de ovelhas trata:
no agasalho do aprisco à sombra quente e grata
com ervas as mantenha, enquanto lhes não torna 435
o seu frondoso tempo. A cama fofa e morna
seja de feno e feto; em terra dura e fria,
gado tão melindroso aliás se estragaria:
vinha a nojosa ronha, e a trôpega podagra."⁵⁸

Logo no início do tratamento do tema dos rebanhos de pequeno porte (os versos anteriores aos citados acima são preenchidos pela proposição poética desse conteúdo "humilde"),⁵⁹ Virgílio recomenda como cuidado profilático com a saúde das ovelhas "delicadas" (*mollibus*) a prática da forração do solo sobre o qual ficarão, numa tentativa de evitar expô-las à friagem excessiva e, anuncia-se no último verso da seqüência, às doenças. O elemento contra o qual é necessário precaver-se nestas circunstâncias é nada menos do

que o gelo (*glacies*), de maneira compatível com a consideração do elemento natural citado em sua face de ameaça aos bens humanos.

Não se pode deixar de lembrar aqui que o tema da doença se faz marcante no livro III do poema, finalizado, de fato, pela abordagem da peste em sua versão mais destrutiva. É curioso que a menção a um mal menos grave como a *scabies* (sarna) ressurja no verso 441, em que mais uma vez se apresenta o frio como uma de suas causas:

turpis ouis temptat scabies, ubi frigidus imber 441
altius ad uiuum persedit et horrida cano
bruma gelu, uel cum tonsis inlotus adhaesit
*sudor, et hirsuti secuerunt corpora uepres.*⁶⁰

"Vem às ovelhas ronha, ascoso mal, - ou quando 645
lhes fere glacial chuva ao vivo o corpo brando,
e de alvo caramelo a bruma se arrepia;
- ou quando desnudada a pele co'a tosquia
se empasta de suor, por lhe faltar lavagem,
e a arranha o tojo hirsuto, inóspito selvagem."⁶¹ 650

Nesses versos, parece-nos reiterar-se não só a imagem negativa da friagem, mas ainda, de forma variada em relação ao que havia no trecho citado há pouco, de certo contraste entre os animais e os elementos hostis. Assim, como destacamos acima, as ovelhas "delicadas" eram vulneráveis a algo de que não podiam defender-se e as lesaria caso ficassem entregues à própria sorte; aqui, embora as ovelhas não sejam apresentadas como "delicadas",⁶² expõem-se aos malefícios da "bruma horrível" (*horrida... bruma* - v. 442-443) e dos "espinheiros eriçados" (*hirsuti... uepres* - v. 444).

Em outras palavras, ressalta-se no primeiro caso a fragilidade dos animais e no segundo a rudeza dos "agressores", dois deles acompanhados de adjetivos que remetem direta ou indiretamente à aspereza material (pois a palavra latina *horridus*, além do significado abstrato manifesto neste contexto, pode indicar a aspereza física dos objetos).

Completa-se, assim, uma espécie de ciclo, com a manifestação plena, ao final, do conflito entre a fragilidade (ou a "maciez") e a aspereza que a lesa.

Além das visões dos esforços do homem diante da natureza como "ataque" (atenuado ou forte) ou defesa, parece ainda haver alguma chance para a colaboração mútua entre ambos em certas passagens do livro II das *Geórgicas*:

*ut saepe ingenti bello cum longa cohortis
explicuit legio et campo stetit agmen aperto* 280
*derectaeque acies ac late fluctuat omnis
aere renidenti tellus, necdum horrida miscent
proelia, sed dubius mediis Mars errat in armis.*⁶³

"(...). O teu vinhedo talha,
como hábil general o exército em batalha:
as legiões em linha; a tropa enchendo os campos,
regrada, firme, altiva; o chão todo aos relâmpagos 330
co'os fulgidos metais ao largo em torno esplende.
A tuba de investir inda em silêncio pende.
Marte, alma dos heróis, vagueia inda indeciso."⁶⁴

Tem-se, aqui, um símile de reconhecidas afiliações épicas⁶⁵ em que as videiras, dispostas em fileiras pelo *rusticus* a fim de favorecer-lhes a produtividade, são comparadas a uma legião de soldados ordenados que esperam pela batalha. Nesse caso, não seria possível pensar na relação estabelecida entre o parreiral e o que o cultiva de modo a contrapô-los antagonicamente: ele apenas "comanda" as plantas para enfrentarem os elementos sem, por motivos óbvios, desafiá-las. Assimilada, pois, a seus interesses, a vitalidade natural das videiras deve, sim, ser domesticada, mas o *labor* partilhado por ambas as partes (o "comandante" e o parreiral submetido à disciplina) favorece a união momentânea das forças.

É importante que se explicita nesse ponto a complexidade dos fatores envolvidos no tratamento da ação humana pelo poeta. Como observamos, a imagem de uma natureza

totalmente benigna em interação fácil com a humanidade deve ser rejeitada dos horizontes interpretativos viáveis para as *Geórgicas*; contudo, a tensão resultante da necessidade do empenho contraposta, por um lado, ao movimento incessante dos fatores a exigirem uma reação e, por outro, à fragilidade de qualquer segurança obtida, impossibilita que se chegue a uma resposta definitiva no tocante ao significado do *labor*.

Assim, caso se pense nos esforços humanos reiterados em sua face de luta legítima pela sobrevivência, existe a possibilidade de considerá-los positivamente: colocado no mundo diante de situações nem sempre favoráveis, o *rusticus*, representante de nossa estirpe, deve bater-se com direito contra as dificuldades a fim de manter-se na posse de alguma segurança. O mesmo não se dá, evidentemente, caso se manifeste em sua interação com o mundo natural pronunciado desequilíbrio de forças a seu favor (como se vê no episódio da derrubada do bosque comentado acima): as "boas intenções" não podem eximi-lo, então, de vincular-se a modos de agir questionáveis.

No que se refere, por sua vez, à validade prática desses esforços, independentemente de quaisquer valorações morais, também não parece haver chances de defesa ou ataque irrestrito do *labor*. Numa passagem como aquela em que se recomendam as práticas de enriquecimento do solo (I 77-83), manifesta-se até certo ponto a face do sucesso como fruto da ação racional sobre a natureza:

*urit enim lini campum seges, urit auenae,
urunt Lethaeo perfusa papauera somno;
sed tamen alternis facilis labor, arida tantum
ne saturare fimo pingui pudeat sola neue* 80
*effetos cinerem immundum iactare per agros.
sic quoque mutatis requiescunt fetibus arua,
nec nulla interea est inaratae gratia terrae.*⁶⁶

"(...). Em linho
não falo, que um linhar às terras é daninho:
queima-as; como também as queima a ingrata aveia, 95
e a dormente papoila infusa em letéia veia.

O alternar porém é muito melhor costume;
 logo que à gleba exausta acuda o crasso estrume,
 e encinzes bem a chã que te ficou falida.
 Mudar de produção dá sua folga à lida, 100
 mas terra não lavrada alguma cousa presta."⁶⁷

A adubação com esterco (*fimo* - v. 80) ou cinzas (*cinerem immundum* - v. 81) e, especialmente, a rotatividade (ou pausa) das culturas, asseguram, segundo os conselhos do *magister* agrário, que as retribuições da terra "não sejam insipientes" (*nec nulla... est... gratia* - v. 83). Tal imagem de cooperação "fácil" (*facilis labor* - v. 79) entre o cultivador e o solo, deve-se dizer, não se furta de todo a um certo questionamento de sua total eficácia: a expressão do sucesso final através da litotes torna-o parcial quanto à completude; além disso, poder-se-ia pensar na menção ao "pudor" (*ne... pudeat* - v. 80) de espalhar o esterco e à imundície (*immundum* - v. 81) das cinzas utilizadas como fertilizante em termos de uma indicação dos aspectos penosos do trabalho rural.⁶⁸

Que dizer, porém, dos trechos da obra em que se dão claros sinais das ameaças ou mesmo da completa destruição que se abatem sobre os frutos do trabalho do *rusticus*? Acreditamos que a reiteração dessas passagens no poema recomenda que se evite pensar numa suposta ética da infalibilidade do trabalho diante das dificuldades como ponto inequivocamente defendido pelo poeta.⁶⁹ Se é verdade que, segundo as evidências, nada se obtém sem esforço, seria temerário generalizar demais as chances de obtenção da vitória e pretender ver em Virgílio uma espécie de "otimista" convicto.

No livro III, diante dos horrores experimentados na peste pelos homens e animais, surge um momento dramático em que se assiste à completa impotência de ambos:

ecce autem duro fumans sub uomere taurus 515
concidit, et mixtum spumis uomit ore cruorem
extremosque ciet gemitus. it tristis arator
maerentem abiungens fraterna morte iuuencum,
atque opere in medio defixa reliquit aratra.
non umbrae altorum nemorum, non mollia possunt 520

*prata mouere animum, non qui per saxa uolutus
 purior electro campum petit amnis; at ima
 soluuntur latera, atque oculos stupor urget inertis
 ad terramque fluit deuexo pondere ceruix.
 quid labor aut benefacta iuuant? quid uomere terras 525
 inuertisse grauis? atqui non Massica Bacchi
 munera, non illis epulae nocuere repostae:
 frondibus et uictu pascuntur simplicis herbae,
 pocula sunt fontes liquidi atque exercita cursu
 flumina, nec somnos abrumpit cura salubris.⁷⁰ 530*

"(...). Agora é o touro, sob o arado
 fumando; e logo em terra; e a vomitar mesclado 750
 sangue e espuma, e a arrancar os últimos gemidos.
 O triste lavrador, dos dous irmãos jungidos
 descanga e leva um só, que na tristeza indica
 as saudades que tem do irmão, que lá lhe fica
 junto à relha cravada entre incompletas leiras. 755
 Altos bosques de sombra, o tenro prado, as beiras
 do rio que em cachões das penhas se desprega,
 e mais que alambres puro, ao diante os campos rega...
 tudo vê por demais.

Infaustos bois! infaustos!
 a entranha a desfazer-se! olhos de vida exaustos! 760
 pasmados! cerviz curva e fronte descaída!
 Que lucrastes, ó bois, com tão lidada vida?
 com tanto benfazer? Quais os proventos vossos
 de haverdes revolvido a ferro os chãos mais grossos?
 Mássicos dons de Baco, ou lauta gula insana, 765
 à-la-fé que não são, como na raça humana,
 a origem do seu mal: de frondes se alimentam,

e de ervas, quais per si os campos lhas presentam;
copos nos seus festins são-no as vítreas nascentes,
a levada batida, as nítidas correntes; 770
nem cuidados cruéis, veneno eterno do homem,
lhes dão quebras ao sono, ou forças lhes consomem."⁷¹

É lugar-comum entre os críticos do poeta o reconhecimento da gradativa aproximação entre os seres humanos e o mundo natural ao longo das quatro *Geórgicas*: de mero agente, no primeiro dos livros da obra, sobre os "objetos" que depara, o homem passa, em seguida, a "parceiro" das videiras no livro segundo, a igualar-se aos animais, no terceiro, pelos males do *amor* e do contágio individual com a peste e, por fim, no quarto, a espelhar-se socialmente em alguns aspectos da vida comunitária das abelhas.⁷² No livro III, a proximidade do homem com os animais ocorre, deve-se dizer, não só porque humanos e não-humanos experimentam o mesmo sofrimento, mas ainda pela manutenção nesse ponto da antropomorfização dos entes do mundo natural pelo poeta, de resto difundida ao longo das quatro *Geórgicas*.

O caso da apresentação do gado bovino em tal relação de proximidade reveste-se de sentidos especiais por dois motivos: em primeiro lugar, trata-se de um animal trabalhador, amplamente empregado nos *fundi* antigos para atividades tão essenciais quanto o transporte e a condução do arado. Além dessa importância prática, há ainda que observar o fator da atribuição aos bois de arado na Antigüidade de um estatuto especial: como nos indica Morgan, vários testemunhos antigos declaram o respeito votado a esses animais, considerados nada menos do que os pares do agricultor na luta pela sobrevivência.⁷³ Dispomos, portanto, de elementos para a quase que completa assimilação do gado ao homem nessa passagem.

A própria imediatez dos vínculos do gado bovino com a terra faz com que as características associadas a ele na vida e na morte (avassaladora força que destrutura, no terceiro livro do poema, o equilíbrio conquistado) adquiram conotações simbólicas de algo dolorosamente comum a todos os seres inseridos no contexto do *labor* agrícola. Assim, a vida simples de frugalidade e trabalho pesado não o poupa de experimentar o horror da doença e da morte no instante mesmo em que se dedica à lida: por uma espécie de

inexplicável brutalidade do mundo, a atribuição do bem e do mal parece totalmente aleatória, como se de fato de nada importasse persistir no caminho da justiça ou da iniquidade.

Por sua vez, o *arator* e o novilho sobrevivente partilham aqui não só da labuta que lhes deveria garantir o mínimo para sobreviver, mas, sobretudo, da dor por se verem privados do companheiro. É curioso ainda observar que o elemento decisivo para a interrupção do trabalho nessas circunstâncias foi nada menos do que a morte traiçoeira; ao que tudo indica, tem-se nesse tipo extremo de "descanso" uma ironia, já que, afinal, passa-se do *labor* do trabalho árduo para o *labor* da agonia, sem esperança de paga alguma por todos os serviços prestados.

Tal sentimento do absurdo, então, justifica a intervenção patética do *magister* didático, manifesta através de ambas as interrogações retóricas destacadas nos versos supracitados. Essa mesma perplexidade, acreditamos, indica o questionamento pelo poeta a respeito dos limites da segurança identificada com o trabalho e a justeza diante dos males da existência, de maneira incompatível com uma suposta proposição ingenuamente "luminosa" da prática do bem como garantia de felicidade.⁷⁴

A referência às várias faces do *labor* traçadas na obra (e, em consequência, do *rusticus* em seu aspecto de agente sobre o mundo) torna pertinente aprofundar o tema, a esse proximamente relacionado, das evocações da terra italiana e de seus habitantes que se sucedem ao longo de suas páginas. Entre as várias camadas constitutivas dos sentidos das *Geórgicas*, conta-se a presença daquela em que, diversamente do tratamento das questões sob um enfoque geral, há ênfase nas relacionadas às particularidades da terra natal do autor, em rica incorporação de elementos evocativos de sua história e cultura.⁷⁵

O caráter itálico do poema começa a insinuar-se já a partir do proêmio do livro primeiro, em que, ao lado da invocação convencional a alguns deuses da mitologia helênica, o poeta introduz o apelo a divindades locais como Líber (correspondente latino de Baco) e Silvano. O último dos "imortais" invocado por Virgílio nesse proêmio assume na obra um papel diverso daquele de seus correlatos divinos: trata-se de César Augusto, cuja atuação na política romana da época do autor redefiniu os rumos da história do Império e que significa, para ele, uma espécie de elo possível entre os temas das *Geórgicas* e a contemporaneidade dos fatos concretamente ocorridos em sociedade.⁷⁶

Tal invocação inicial aos deuses rústicos contribui para que Virgílio esboce no poema a imagem dos primitivos habitantes da Itália, terra historicamente enraizada nas tradições agrárias de todos os povos que contribuíram para construir sua identidade.⁷⁷ A associação existente na cultura latina entre esse universo arcaico e um modo de vida pautado por valores como a observância rigorosa da piedade para com os deuses, a enérgica disposição para enfrentar as dificuldades, o vigor e a perseverança, faz com que não se possa prescindir de incorporá-lo a uma obra como as *Geórgicas*: segundo o pensamento dos defensores das velhas tradições romanas, esse passado assume o sentido de um verdadeiro modelo ético, em que os bons devem *por força* espelhar-se.

Isso explica por que, em comentário à postura de relativa flexibilidade recomendada por Cícero no *De officiis* ao cidadão ideal, Mario Labate observou a fundamental importância atribuída pelo filósofo a alguns dos valores vinculados ao arcaísmo:

Na contraposição entre mundo do campo e mundo da cidade, as virtudes da colaboração deparam desvalores como a arrogância, a soberba, a crueldade e a dureza frontalmente oposta, mas também valores difíceis de deixar de lado: "grauitas", "seueritas", "fortitudo", "austeritas", "innocentia". O modelo cultural e ideológico adaptado aos tempos e ao desenvolvimento da sociedade que Cícero contribui para delinear não se pode permitir a troca em massa dos valores austeros a que cada uma dessas virtudes parecia contrapor-se pela virtude da colaboração. O sistema do "mos maiorum" fora modernizado, não abatido. Daí a necessidade de uma sábia alternância de valores ou mesmo de um equilíbrio tenazmente procurado: a fórmula é a que prevê uma dosagem calculada de elementos contrastantes (Corn. Nep. "uita Att." 15,1 "comitas non sine seueritate... neque grauitas sine facilitate").⁷⁸

Poder-se-ia pensar no fundo temático de arcaísmo que perpassa as *Geórgicas*, então, com o sentido de uma concessão necessária a alguns dos pilares-mestres da cultura latina. Afinal, não seria explicável que o poeta, inserindo-se numa tradição poética em que, desde Hesíodo, apresentou-se a atuação do homem rural como exemplo por excelência da justa

conduta,⁷⁹ viesse a bater-se de frente contra os valores tipicamente personificados em Roma pela imagem do *rusticus*.

Um exemplo da presença desse imaginário nas *Geórgicas* corresponde à passagem das *laudes ruris*, em que imagem da vida dos camponeses, esboçada com base na incorporação de traços pertencentes a matrizes ideológico-culturais bastante distintas, encontra sua "coesão", como demonstrou Barchiesi,⁸⁰ sobretudo no fato de contrapor-se aos males urbanos. Nessa espécie de "moldagem em negativo", pode-se dizer, a própria estruturação retórica em termos do contraponto cerrado⁸¹ entre as duas formas de vida apresentadas (na cidade e no campo) faz com que a segunda delas adquira sentidos marcadamente positivos: mesmo as menções ao trabalho contínuo (*nec requies...* - "nem descanso...", v. 516) e às eventuais disputas entre os bodes (*inter se aduersis luctantur cornibus haedi...* - "entre si com chifres inimigos lutam os bodes...", v. 525) e os "atletas" (*corporaue agresti nudant praedura palaestra...* - "e os corpos vigorosos desnudam no rústico ginásio...", v. 531) têm seus ecos menos propícios abafados diante das pesadas implicações do que as antecede; no verso 510, por exemplo, a disputa tinha colorações políticas, evocativas de nada menos que os recentes massacres da guerra civil.⁸²

O breve alusão às alegrias modestas dos camponeses, por sua vez, cumpre o papel de indicar sua integridade de caráter, já que tais bens, oferecidos pela reta condução de sua existência, prescindem dos pesados e, por vezes, criminosos, meios buscados pelos cidadãos para a satisfação de suas ambições:

hic petit excidis urbem miserosque penatis, 505
ut gemma bibat et Sarrano dormiat ostro;
*condit opes alius defossoque incubat auro*⁸³

"(...) aquele uma cidade assola
dos lares surdo aos ais, tão só porque o consola 620
beber em seus festins por gemas superfinas,
e dormir estirado em colchas purpurinas;
qual soterra o ouro e pousa em cima inquieto"⁸⁴

*interea dulces pendent circum oscula nati,
casta pudicitiam seruat domus, ubera uaccae
lactea demittunt, pinguesque in gramine laeto* 525
*inter se aduersis luctantur cornibus haedi.*⁸⁵

"(...) É de ver as festas com que amima
aquele homem agreste, aos filhos doudos, ternos, 645
que marinham em chusma aos ósculos paternos.
A casa é pura e casta. Os úberes do armento
rojam tesos co'o leite. Olha o contentamento
com que no prado alegre os nédios dos neixentes
se entremarram lutando. (...) "⁸⁶ 650

Assim, como se observa pelo cotejo de ambas as passagens, há possibilidade de estabelecimento de diferenças pontuais entre a imagem localmente traçada para o homem urbano e o rural: enquanto, no primeiro caso, aquilo de que se toma posse mantém relações próximas com o luxo, a ganância e a violência, os bens do camponês constituem-se tão somente na vida familiar preservada da imoralidade e nos animais de que retira parte de seu sustento. Parece-nos, por fim, especialmente ilustrativo do que se configura nas *laudes ruris* em termos de um confronto da agitação com a calma o fato de que, enquanto ao citadino cabe *saquear* para obter aquilo que deseja (inclusive com a profanação dos *penates*), o *rusticus* possa aproveitar-se do que mana (*demittunt*) dos úberes das vacas.

Como em geral observam os críticos,⁸⁷ não se pode deixar de notar certa semelhança entre o modo de vida idealmente traçado nesses versos por Virgílio e a recomendação lucreciana de afastamento dos afazeres desnecessários. No *De rerum natura*, Lucrécio, em conformidade com as idéias de Epicuro, defendeu a aquisição dos conhecimentos filosóficos relativos à escola de que se fez adepto como o único meio de atingir a libertação do sofrimento e o prazer;⁸⁸ nesse sentido é que, desaprovando toda forma de busca de satisfação que não se identificasse com a *ataraxia* prometida pelo epicurismo, pôde atacar o empenho político e bélico (cuja detração Virgílio retoma nas *laudes ruris*) como males.⁸⁹

Não é possível, porém, interpretar essa semelhança como sinal da irrestrita adesão de Virgílio ao epicurismo. Há, nessa passagem, elementos de inspiração mítica (caso provável da tematização da produtividade espontânea da terra), de maneira a impedir a plena assimilação do quadro esboçado nas *laudes ruris* ao modelo de vida proposto por Lucrécio: como se sabe, em sua escola se condenava o mito e a religião tradicional por considerá-los meras falsidades⁹⁰ e se reconhecia no mundo contemporâneo indícios de evidente degenerescência natural.⁹¹ Além disso, não se pode obviamente esquecer que a suposta felicidade desses camponeses não se pauta pela aquisição e prática de princípios filosóficos quaisquer: é fundamental para a perfeita caracterização dos *rustici* que o poeta os apresente de modo a ressaltar, em sua simplicidade, a eficácia de seu modo de vida diante dos males.

No tocante ao tratamento da religiosidade "ingênua" dos camponeses, um dos traços caracteristicamente associados à sua probidade, importa ainda considerar o que se tem em geral interpretado como um momento de "polêmica" com Lucrécio:

<i>felix qui potuit rerum cognoscere causas</i>	490
<i>atque metus omnis et inexorabile fatum</i>	
<i>subiecit pedibus strepitumque Acherontis auari.</i>	
<i>fortunatus et ille deos qui nouit agrestis</i>	
<i>Panaque Siluanumque senem Nymphasque sorores.</i>	
<i>illum non populi fascēs, non purpura regum</i>	495
<i>flexit et infidos agitans discordia fratres,</i>	
<i>aut coniurato descendens Dacus ab Histro,</i>	
<i>non res Romanae perituraque regna; neque ille</i>	
<i>aut doluit miserans inopem aut inuidit habenti.</i>	
<i>quos rami fructus, quos ipsa uolentia rura</i>	500
<i>sponte tulere sua, carpsit, nec ferrea iura</i>	
<i>insanumque forum aut populi tabularia uidit.</i> ⁹²	

"(...). Afortunado o humano
que das leis naturais logra sondar o arcano;

calcar terrores vãos, o inexorável fado,
 e do avaro Aqueronte o estrépito abafado. 600
 Mas não menos feliz quem entre amenidades
 alcançou conhecer as rústicas deidades:
 Pã, o velho Silvano, as irmãs Ninfas! Esse
 ri do povo no Foro escravo do interesse,
 ou da ambição que aspira aos fascas nos comícios. 605
 Nada sabe de reis; e menos dos flagícios
 que lavram entre irmãos. Soa um rumor sinistro
 para o romano império: levantou-se o Istro;
 já os dacos lá vêm; alui-se uma potência;
 que monta ao solitário! O aspecto da indigência 610
 raro ali vai doer-lhe; e nunca a inveja o tolhe.
 Dá-lhe o ramo, espontâneo, a fruta; a fruta colhe;
 a terra o brinda franca; abaixa-se e recebe.
 Ignora as duras leis; nem ápice percebe
 dos loucos tribunais, confusos, tumultuários; 615
 nem tão pouco do povo entende os tabulários."⁹³

Vasconcellos, em comentário aos aspectos intertextuais desse trecho das *Geórgicas*, posicionou-se em favor da leitura anunciada acima, interpretando o ecoar de certas expressões lucrecianas no início desses versos como indício de sua apropriação transformada por Virgílio.⁹⁴ Assim, considera em sua análise a mudança do modelo de bem-aventurança, ocorrida a partir do verso 493, uma "correção" do pensamento de Lucrécio: aos rústicos, ignorantes da verdade filosófica epicurista, também seria possível atingir a felicidade *apesar de sua crença ingênua nos deuses*.

Anteriormente, no intervalo dos versos II 136-176 (identificados com a totalidade da passagem das *laudes Italiae*), ocorrera a apresentação da terra italiana sob o foco específico de suas características; buscava-se naquele contexto, com efeito, responder à questão do tipo dos "frutos" produzidos por ela no tocante aos fatores natural, cultural e humano.

De maneira equivalente ao que descrevemos há pouco ao tratar da proposição da imagem dos camponeses sob decisiva influência de seu modelo negativo (a cidade), as *laudes Italiae* também se definem em seu início como espécie de oposição ao Oriente, terra fabulosa dos medos e hindus: além da já anunciada tendência à guerra,⁹⁵ essas regiões se caracterizam, na imagem traçada por Virgílio, por certo excesso da natureza.

Assim, nos versos que antecedem as *laudes*, em desenvolvimento do lugar-comum de que a cada terra cabe naturalmente um tipo de produção específica, Virgílio, após enumerar alguns dos itens associáveis às paisagens italianas (os salgueiros crescem nos rios, os álamos nos pântanos, os freixos nos montes pedregosos, os murtais na costa...),⁹⁶ menciona os produtos exóticos do Oriente, a exemplo do incenso dos sabeus e do ébano negro dos hindus. Além disso, parece não haver árvores capazes de igualar-se em grandeza às aquelas das matas da Índia, localizadas nos extremos do mundo [*aut quos Oceano propior gerit India lucos,/ extremi sinus orbis, (...) - "ou os bosques que a Índia produz junto ao Oceano,/ golfo da extremidade do mundo, (...)"*, v. 122-123], e o cítrico produtor do *felix malum* dos medos não pode comparar-se de todo ao loureiro dos latinos, muito embora com ele se pareça: entre outras diferenças, faz sentir "largamente" (*late* - v. 123) o cheiro de suas folhas.

A continuidade da enumeração dos itens produzidos na Itália, com a introdução das *laudes* propriamente ditas, dá prosseguimento a esse efeito contrastivo: a princípio, nada parece haver de extraordinário no fato de que nela se produza vinho (*Massicus umor* - v. 143) e de que dominem "as oliveiras e o gado" (*tenent oleae armentaque laeta* - v. 145): trata-se de itens habituais da região mediterrânea, sem nenhuma conotação de estranheza ou falta de comedimento.

Ocorre, porém, que a menção posterior a algumas das características dessa terra contribui para desestabilizar toda contraposição cerrada: a partir do verso 145, diz-se, por exemplo, que o "cavalo *belicoso*" (*bellator equus* - v. 145) tem sua origem nessa terra e que o sacrifício dos animais justifica-se pelo motivo de agradecimento aos deuses pela vitória na guerra. Em seguida, parece possível considerar certa característica oferecida na breve apresentação das "cidades ilustres" (*egregias urbes* - v. 155) que lhe pontuam o território como traço afim ao militarismo: afinal, para que se prestariam seus "muros antigos" (*antiquos... muros* - v. 157), banhados por rios, a não ser para a defesa contra os inimigos?

Nos versos que se seguem, produz-se uma acentuada reversão do quadro inicialmente traçado:

*haec genus acre uirum, Marsos pubemque Sabellam
adsuetumque malo Ligurem Volcosque uersutos,
extulit, haec Decios Marios magnosque Camillos,
Scipiadas duros bello et te, maxime Caesar, 170
qui nunc extremis Asiae iam uictor in oris
imbellem auertis Romanis arcibus Indum.*⁹⁷

"Raça de homens de prol, valentes lidadores: 195
marsos! sabelos! vós lígures sofredores!
volscos, vós os da chuça! aqui fostes criados.
Décios, Mários! heróis! Camilos sublimados!
Cipiões, duros à guerra! Itália seus vos chama!
Tu, sobretudo, és seu, tu, César, cuja fama 200
toda a outra escurece; e que hoje, vitorioso
já da Ásia nos confins, nos dás feliz repouso,
seguros de que nunca o Indo, a quem debelas,
ousará mais pôr mira em nossas cidadelas."⁹⁸

Conforme observado por Ross, Virgílio reúne aqui alguns dos povos que se fundiram para dar origem à grande confederação itálica sob a característica comum de sua destacada disposição para a guerra. Também a César Augusto, citado em posição de destaque como a última das personalidades a desempenhar com vigor a arte bélica, cabe enquadrar-se nesta "honrosa" posição.⁹⁹

O golpe final e inesperado,¹⁰⁰ porém, introduz-se com a menção ao enfrentamento do "Indo pusilânime" (*imbellem Indum* - v. 172), em flagrante contradição com o que se dissera a respeito dos arqueiros orientais:

aut quos Oceano propior gerit India lucos,

*extremi sinus orbis, ubi aëra uincere summum
arboris haud ullae iactu potuere sagittae? -
et gens illa quidem sumptis non tarda pharetris.*¹⁰¹ 125

"Na Índia de ribamar, do orbe confins, se hasteiam 146
lucos tão gigânteos, que aos topes derradeiros
ninguém co'a seta alcança, e mas são bons frecheiros."¹⁰²

Portanto, como o movimento progressivo dos sentidos ao longo desse trecho faz notar, passa-se da preterição da guerra e da exuberância (traços contra os quais se define de início uma Itália pacífica e moderada em seus frutos) para o abandono gradativo desses aspectos: ao final, diante do "elogio" dos guerreiros italianos (*genus acre uirum* - "raça dura de homens", v. 167) e de um "exagero"¹⁰³ como o da "primavera eterna" nessa região, acaba por modificar-se a idéia da paz e do equilíbrio absolutos.

Em que pese ao fato de que essa mudança pudesse ser interpretada como sinal da ironia do poeta em relação a nada menos do que sua terra natal e Augusto,¹⁰⁴ parece-nos que isso não significa necessariamente a eliminação de todas as possibilidades de uma leitura menos "pessimista": segundo certas ideologias, a belicosidade não se exclui ao plano dos valores positivos; o prefácio de Catão ao *De agri cultura*, por sinal, manifesta a evidente compreensão das qualidades do guerreiro e do bom agricultor como algo parecido.¹⁰⁵

Naturalmente, a necessidade da grande aplicação de esforços e a bravura que caracterizam no ideal a atividade em ambos os campos de atuação justifica tal paralelo, de maneira compatível com sua valorização pelos defensores do *mos maiorum*. Por outro lado, em que pese à manifestação da guerra e de um aparente "excesso"¹⁰⁶ natural também na Itália, há que recordar que certos itens apontados na passagem como parte de sua produção são, como dissemos, comuns do ponto de vista dos latinos: isso nos indica que nem todos os traços passíveis de alguma conotação pejorativa no retrato esboçado para o Oriente foram "importados" por Virgílio para a paisagem itálica.

Desse modo, em contraste com os habitantes do Leste, os latinos não assistem à produção de itens de luxo como o incenso e o ébano em suas terras. Há, é verdade, menção

a supostos rios de ouro e cobre em sua terra natal, mas esses metais, a princípio, furtam-se à idéia de afeminação proximamente associada aos orientais:¹⁰⁷ mantêm antes vínculos com as noções de poder e riqueza do que, propriamente, com os aspectos supérfluos da existência.

Também não se pode esquecer que a combatividade, longe de ser um elemento de todo condenável no contexto das *Geórgicas*, assume os contornos de algo necessário: em certos casos, quando o *rusticus* se vê acossado por inimigos *hostis* contra os quais ainda restam esperanças de um combate eficaz, ela é uma espécie de obrigação. Afinal, além do aspecto da defesa de seus interesses, seria vergonhoso que ele viesse a eximir-se de lutar, por mais dificuldades que isso pudesse trazer-lhe, contra o que o ataca e talvez possa ser vencido com coragem.¹⁰⁸

Consideramos ainda proveitoso comentar a descrição pelo poeta de dois ambientes naturais extremos, contra os quais se procede a certo "recorte" da Itália como algo intermediário.¹⁰⁹ Referimo-nos aos tratamentos da Cítia e da Líbia por Virgílio, presentes no livro III das *Geórgicas*.

Quanto à Líbia, tórrida região do norte africano associada pelo poeta com a atividade do pastoreio nômade, destaca-se em sua imagem a figura do guardador de rebanhos que se movimenta continuamente com os animais, em virtude, infere-se, da escassez de alimentos em cada paragem; carregando sua morada e suas armas nessas andanças, observa o poeta, ele não é muito diferente do legionário romano em campanha.¹¹⁰

Por sua vez, a Cítia, é tratada em certos pontos como algo distintamente diferente da realidade dos campos italianos esboçada ao longo das quatro *Geórgicas*: tem-se, nessa região, um inverno contínuo (*semper hiems* - "é sempre inverno", v. 356), de tal maneira intenso que os rios deixam correr por si carretas ao invés de barcos (*undaque iam tergo ferratos sustinet orbis*, - "e a onda já sustenta rodas guarnecidas de ferro em sua superfície," v. 361), as vestes congelam nos corpos (*uestesque rigescunt* - "as vestes se enrijecem" v. 363) e o vinho tem de ser cortado com machados (*caeduntque securibus umida uina* - "cortam com machados os úmidos vinhos", v. 364). Embora esse quadro pudesse suscitar idéia de grande desolação e esterilidade, é curioso notar que a própria imobilidade da natureza acaba por *favorecer* os cílios:

intereunt pecudes, stant circumfusa pruinis
corpora magna boum, confertoque agmine cerui
torpent mole noua et summis uix cornibus exstant. 370
hos non immissis canibus, non cassibus ullis
puniceaeque agitant pauidos formidine pennae,
sed frustra oppositum trudentis pectore montem
comminus obtruncant ferro grauiusque rudentis
caedunt et magno laeti clamore reportant. 375
ipsi in defossis specubus securo sub alta
otia agunt terra, congestaque robora totasque
aduoluere focis ulmos ignique dedere.
hic noctem ludo ducunt, et pocula laeti
*fermento atque acidis imitantur uitea sorbis.*¹¹¹ 380

"(...) há fato, há aí manada
 que não salva uma rês. Vês touros desmedidos 535
 quedar mortos em pé no gelo submergidos.
 Imprevisto nevão lá cai sobre uma pinha
 de hirtos cervos, e a abafa; apenas a pontinha
 do último galho assoma! a eles, caçadores!
 Não precisais de cães, de rede, ou de pavores 540
 de rubri-prúmea corda: olhai como escabujam
 co'os peitos contra o gelo, a ver como lhe fujam!
 Aí é que é ferir a salvo e à mão-tenente!
 Acabai-los sem dó do seu bramir veemente,
 e à pousada os levais com alta vozeria. 545
 Mas onde é que estanceia esta gente bravia?
 Em covas sob o chão. Lá, como que sepulta,
 a sua vida ociosa em branda paz se oculta.
 Carvalhos aos montões, que para ali juntaram,
 e olmos, té sem decote, a funda noite aclaram 550

flamejando no lar, que os recebera a rojo.
Sob a neve há calor; brinca-se no amplo fojo.
Fermento e azeda sorva o alegre vinho imitam."¹¹²

A morte do gado em função do frio é, aqui, compensada através do efeito de entorpecimento da caça: sem chances de se defenderem, os animais selvagens tornam-se presas fáceis para os homens. O recolhimento noturno desses últimos sob a terra também contribui para reforçar a idéia de uma existência continuamente feliz nessa região: apenas se bebe sem preocupações, em contraste com a relativa industriiosidade do *rusticus* latino e sua esposa na pequena cena doméstica de inverno mostrada por Virgílio num trecho anterior do poema.¹¹³

Pelo que dissemos a respeito de ambos os ambientes, pode-se ver uma maior proximidade entre o modo de vida possível aos itálicos e aquele a que se dedicam os pastores líbios: em ambos os casos, faz-se necessário, embora por motivos distintos, que a atividade seja contínua, sem grandes chances de repouso.¹¹⁴

Numa obra crítica sem precedentes, Ross, por outro lado, defendeu a idéia da natureza das *Geórgicas* enquanto texto "científico."¹¹⁵ Discordando da posição daqueles que insistem em interpretá-las como pura alegoria, sem espaço para a abordagem dos temas tecnicamente tratados pelo que valeriam em si, isto é, em sua face de reflexões sobre a concretude do mundo natural, o autor propõe a existência de uma espécie de estrutura constante subjacente aos mesmos;¹¹⁶ através dela, Virgílio, baseando-se na filosofia e nas "ciências naturais" de sua época, convidaria ao confronto com certos princípios explicativos da realidade física, em postura de desmascaramento de ilusões e falsas aparências quanto ao que se observa no cosmos:

O mundo físico, como veremos em breve, era redutível aos quatro elementos (terra, ar, fogo e água), com que se associavam quatro qualidades (quente, frio, úmido e seco). A autoridade de Aristóteles canonizara esses elementos e qualidades: previamente, suas associações e correspondências não tinham sempre sido tão claras ou exclusivas, e em tempos posteriores os pensadores mais criativos tenderam a ignorar a rigidez imposta sobre o

*mundo por tal sistematização, embora a existência desses quatro elementos básicos nunca tenha sido abertamente negada. No pensamento popular, contudo, o apelo dessas tetralogias era universal, e com boa razão - tudo pode ser explicado em termos simples, se a explicação não é forçada demais. Para Virgílio, a preeminência desses quatro elementos e qualidades era um fato, não só porque sua existência e universalidade era aceita tão fácil e completamente em seus dias quanto a existência e a natureza dos átomos é aceita nos nossos, mas porque, de novo como os átomos, toda a matéria pode ser compreendida por aí. (...) A luta e sua resolução, a criação e a destruição, toda a vida era compreensível em termos de oposições elementares. Assim como tudo, existência física e forças intangíveis, é reduzível a quatro elementos e qualidades, eles também servem para tudo conectar, para formar as menores peças nos padrões em constante mudança das coisas.*¹¹⁷

Para o crítico, então, o poeta, sem pautar-se com rigidez pelos ensinamentos de escola filosófica alguma, ter-se-ia apropriado do princípio dos quatro elementos para dispor de algum embasamento teórico para discussão dos assuntos naturais abordados nas *Geórgicas*.¹¹⁸ Tem-se, no comentário a respeito de I 311-320, um exemplo do que Ross indica como evidência da assimilação de tal princípio explicativo pela trama do poema; nessa passagem, Virgílio apresenta as estações da primavera e do outono em seu aspecto de épocas do ano propícias ao surgimento de tempestades e que, pela lógica do calendário agrícola, põem em risco o destino das plantações durante a semeadura e a colheita. O motivo natural que explica a turbulência climática em ambas as fases do ano, comumente consideradas, seria seu caráter de momentos de transição de uma época mais quente para outra mais fria (caso do outono) e de uma época mais fria para outra mais quente (caso da primavera): segundo a teoria dos elementos, o equilíbrio entre contrários dá-se sempre através do enfrentamento bruto de forças "inimigas".¹¹⁹

Desse modo, segundo a interpretação de Ross, não há, diante da "verdade dos fatos", chances de consideração otimista da "doçura" da primavera: conseqüentemente, as

passagens da obra em que há tratamento convencional desse tópico deveriam, observa, ser consideradas com suspeitas.¹²⁰

O momento em que se sugere a afinidade da natureza na Itália com um estado de constante primavera¹²¹ faz com que, caso se atente para os sentidos "físicos" apontados por Ross nas *Geórgicas*, haja problematização da imagem inicial associada a essa estação e, por conseguinte, àquela terra. A respeito disso, é curioso, por fim, atentar com o crítico para a ausência da menção *explícita* à natureza temperada da Itália nas *laudes* dedicadas à sua apresentação: trata-se de um lugar-comum encontrado, por exemplo, na passagem semelhante do *De re rustica* varroniano,¹²² e cuja falta neste poema indicaria um momento de "sinceridade" sutil do poeta a respeito de sua verdadeira compreensão do mundo natural.¹²³

Quanto a Otávio, representante do poder terreno nesta obra e, como dissemos, meio de interligação entre seus conteúdos e a história contemporânea ao poeta, também, é de interesse acompanhar o tratamento conferido à sua pessoa com vistas à compreensão do pensamento de Virgílio a respeito de vários temas "nacionais".

Logo ao término da invocação aos deuses no início do livro I, ele surge como a mais importante divindade dentre todas as incluídas no trecho: seus domínios futuros, num espectro abrangente de possibilidades, poderão vir a coincidir com as "cidades" (*urbisne* - v. 25), as "terras" (*terrarumque* - v. 26), o universo agrícola e do tempo (*te maximus orbis/ auctorem frugum tempestatumque potentem* - "a ti o círculo enorme/ como o que faz crescer as searas e o senhor das estações", v. 25-27), os mares (*an deus immensi uenias maris* - "quer como deus do imenso mar venhas", v. 29) e o espaço ocupado pela constelação de Libra (*qua locus Erigonen inter Chelasque sequentis/ panditur* - "o lugar por onde Erígone, entre os braços do escorpião,/ estende-se", v. 33-34). Também, é significativo que se faça menção à possibilidade de que venha a ocupar consílios divinos (*deorum concilia* - "dos deuses o consílio", v. 24-25) e a evitar reger as regiões infernais do Tártaro (*te nec sperant Tartara regem* - "nem te esperam os Tártaros como rei", v. 36), em clara associação com a onipotência dos deuses superiores e, pela destacada extensão dos poderes, com o próprio Júpiter.

Apesar dessa imagem de grandeza, deve-se notar que tamanha potencialidade fica, a rigor, reservada para o futuro: no momento que coincide virtualmente com o da fala do

magister didático, nada há de totalmente definido em termos da realização dessas projeções.¹²⁴

A flagrante diferença entre a figura histórica de Otávio e o panorama mítico-religioso constituído pela invocação dos demais deuses torna necessário o esclarecimento do significado de sua divinização no contexto. O tratamento das grandes personalidades em termos da divindade absoluta ou com implicações de culto estatal não era uma prática genuinamente enraizada nas tradições romanas: entre os latinos, tão somente aos espíritos dos ancestrais ou de alguns heróis pátrios mortos (caso de Rômulo e Hércules) cabia a atribuição do estatuto sagrado e a prestação da reverência religiosa. Aos primeiros, juntamente com os gênios protetores dos membros das famílias, cabia o culto doméstico presidido pelo *pater familias*;¹²⁵ quanto aos últimos, embora por vezes homenageados em templos públicos à semelhança dos grandes deuses do panteão mítico, o próprio caráter lendário de suas vicissitudes contribuía para aproximá-los do mesmo universo.¹²⁶

Desse modo, dentre todos os que se considerava terem em algum momento vivido sobre a terra, a velha tradição romana favorecia apenas o culto dos mortos, sem que se acolhesse a idéia, corrente nos reinos helenísticos, da existência de homens-deuses vivos identificados com os reis.¹²⁷ O próprio Augusto, como nos relata Jones, tomou algumas medidas concretas para coibir o culto à sua pessoa, em postura de alinhamento com a prática dos *maiores*.¹²⁸

Não se pode, então, interpretar sua deificação nessa passagem como indício da atribuição imediata à sua pessoa do estatuto divino estritamente compreendido, mas tão somente como uma prática de natureza laudatória (em reconhecimento por seu papel de gradativo pacificador do Império) e literária.

A respeito do último ponto, parecem-nos corretas as opiniões de Thomas e Williams, ambos inclinados pela adoção de motivações artísticas como causas possíveis para o surgimento de Otávio ao final da invocação. Assim, o primeiro dos críticos apontou, com base num pormenor formal (o característico emprego do verbo *uocari* nos hinos), as feições poéticas dessa assimilação,¹²⁹ enquanto Williams, partindo da idéia da mera convencionalidade dos deuses helênicos igualmente invocados, optou por estender sua feição literária a Augusto.¹³⁰

Ao final do livro I, Otávio ressurgue num contexto dramático, de profunda perplexidade de Virgílio diante do que parece ser uma desconcertante confusão do mundo:

*di patrii Indigetes et Romule Vestaque mater,
quae Tuscum Tiberim et Romana Palatia seruas
hunc saltem euerso iuuenem succurrere saeclo 500
ne prohibete. satis iam pridem sanguine nostro
Laomedontae luimus periuria Troiae;
iam pridem nobis caeli te regia, Caesar,
inuidet atque hominum queritur curare triumphos,
quippe ubi fas uersum atque nefas: tot bella per orbem, 505
tam multae scelerum facies, non ullus aratro
dignus honos, squalent abductis arua colonis,
et curuae rigidum falces conflantur in ensem.
hinc mouet Euphrates, illinc Germania bellum;
uicinia ruptis inter se legibus urbes 510
arma ferunt; saeuit toto Mars impius orbe,
ut cum carceribus sese effudere quadrigae,
addunt in spatia, et frustra retinacula tendens
fertur equis auriga neque audit currus habenas.¹³¹*

"Rômulo! e quanto nume há dado o chão latino!
guarda do tusco Tibre, e do alto Palatino,
madre Vesta! sequer não proibais que possa
um príncipe mancebo erguer a pátria nossa
da ruína em que se jaz. De sobra o vosso estrago 640
da laomedôntea raça as vis traições há pago.
Ó César! muito há já que o olímpico palácio
cobiça possuir-te, e sente inveja ao Lácio,
e estranha o ser posposto a um triunfar de humanos.
Com razão: tudo agora é caos entre os romanos: 645

do crime fez-se jus, e das virtudes vícios.
 Vão às soltas pelo orbe as guerras, os flagícios.
 Dorme o arado sem honra, o campo é dos silvados;
 os que o haviam de arar, calcam-no; estão soldados.
 Saiu da fouce a espada. Aspérrimos rebates 650
 Nos dão, d'além Germânia, e d'outra parte Eufrates.
 As cidades de perto, os pactos seus rompendo,
 Armaram-se. Ímpio Marte o globo assola horrendo.
 Tais das prisões saltando as férvidas quadrigas
 voam rivais na arena; arrastam seus aurigas; 655
 e, senhoras de si, frenéticas, absurdas,
 zombam da arte e do esforço, a freio e rédea surdas."¹³²

Essa passagem apresenta, é evidente, conotações profundamente "nacionalistas": invoca-se nada menos que os deuses pátrios, Rômulo e Vesta, guardiães do Lácio, para que favoreçam o sucesso do "jovem", apresentado em postura de restaurador da ordem. Nesse contexto, o caos só pode identificar-se com a guerra fratricida ou externa e contrapõe-se à *dignitas* da agricultura, tragicamente adulterada em militarismo estéril.

Desse modo, Virgílio nos convida, de acordo com uma idéia por vezes aceita pelos críticos dessa obra, a associar Otávio a uma espécie de restauração dos campos da Itália, fatalmente arruinados durante as guerras.¹³³ Em que pese às justas críticas à fraca realidade histórica da atuação augustana em favor de tal renovação, não parece haver motivos para desacreditá-la no plano poético:¹³⁴ o papel de restaurador da ordem agrária complementa o de vingador da morte nefanda de Júlio César, constituindo ambos a imagem ideal da *pietas* dessa personagem.

Por fim, ao término da passagem, dois detalhes parecem contrapor-se, criando certa ambigüidade no tocante às esperanças de vitória por que se anseia: conforme observa Farrell,¹³⁵ o nome do Eufrates, ocorrendo apenas duas vezes nas *Geórgicas* (também em IV 561), surge em ambas as ocasiões vinculado ao nome de César (Otávio), com a diferença de que, na segunda, os mesopotâmicos não mais se rebelam, mas foram vencidos; o fato de que esse último momento corresponda aos versos finais do último dos livros da obra

(constituindo parte da *sphragis*¹³⁶ virgiliana), além disso, contribui para intensificar pela posição enfática os sentidos desse sucesso.

Em contrapartida, o símile final (I 512-514), em seu evidente significado de perda de controle da quadriga pelo condutor, contrabalança com um tom sombrio as sugestões anteriores de sucesso no decorrer do tempo. Não é justamente a uma imagem de dramática impotência que assistimos aqui?

O surgimento seguinte de Otávio no poema, comentado acima de passagem, quando tratamos em linhas gerais da opinião de Ross a respeito de sua ambigüidade no contexto das *laudes Italiae*, introduz como mudança o nuançamento de seu papel. Afinal, segundo as observações do crítico, a paz de início parecia mais valorizada ali do que a combatividade.¹³⁷

No livro III, em que o nome de César (Otávio) surge por duas vezes (v. 16, v. 47), por outro lado, há sofisticação das ressonâncias de sua atuação política no mundo romano, já que a natureza metalingüística desse proêmio artisticamente construído faz com que se impregne, também ele, de sentidos literários: o templo de mármore a ser construído por Virgílio em sua Mântua natal (ocupado no meio por César e que servirá para divulgar sua fama no futuro) mantém vínculos, segundo a interpretação mais aceita, com os projetos de Virgílio de compor a *Eneida*.¹³⁸ Assim, seus feitos passam a revestir-se nesses versos de colorações épicas e vinculadas, pela personagem de Enéias, à ancestralidade de sua casa.

Curiosamente, essa não é a única passagem das *Geórgicas* em que há pronunciado entrelaçamento de temas augustanos com a literatura. Ao término do livro IV, contexto de apresentação, como vimos, de Otávio em sua face de vencedor contra os povos do Eufrates, a *sphragis* virgiliana contrapunha-lhe os feitos às realizações do próprio Virgílio. Em comentário ao significado dessa contraposição, Williams observou:

A paz de que Virgílio desfruta em Nápoles enquanto estuda e escreve poesia é inglória quando comparada aos grandes feitos militares de Otávio. O contraste é deliberado (quatro linhas para Otávio e quatro para Virgílio), e a ironia parece fora de cogitação. Horácio pôde empregar um tom muito diferente num poema escrito mais ou menos quinze anos antes ("Odes" iv.15.17-18) - "custode rerum Caesare non furor/ ciuilis aut uis exiget

otium": o próprio César é quem garante agora um "otium" honrado. Virgílio usa a convenção grega do "selo" para louvar a grandeza de Otávio, não simplesmente por uma declaração direta, mas por contraste com sua própria atividade.¹³⁹

Apesar das palavras de Williams, parece-nos possível pensar que também Virgílio atribua nesta *sphragis* sua possibilidade de escrever poesia (*otium*) a Otávio. Como se tem observado, o último verso das *Geórgicas* alude ao primeiro dos versos das *Bucólicas*;¹⁴⁰ os leitores do poeta decerto se lembram de que a primeira bucólica se estrutura em torno do diálogo entre dois pastores, Títiro e Melibeu, apresentados em condição diversa quanto à sua sorte: ao primeiro coube, por intervenção de um *deus* (Otávio), permanecer resguardado da expulsão dos campos; ao segundo, partir. É importante dizer que Títiro, à maneira do jovem Virgílio ocupado em compor as *Bucólicas* em Nápoles, também é poeta e usufrui assim do *otium* obtido por intervenção do príncipe. Desse modo, o cotejo entre os contextos de emprego dos versos supracitados em ambas as obras virgilianas parece indicar a permanência da imagem de Otávio enquanto provedor, isto é, daquele por cujo necessário intermédio se fazem a poesia e a paz.

A aceitação inequívoca, por outro lado, de que Virgílio conceda aqui toda a primazia a Otávio soa deformadora das complexidades de sentido que temos indicado como associadas à sua escritura poética. Ocorre que Virgílio, consciente do alto nível de realização artística alcançado por si com a feitura das *Bucólicas*, indica-nos que não se deve interpretá-lo pela via da autodesqualificação: Thomas observou, em comentário ao adjetivo *audax* (que qualifica *iuventas* em *Geórgicas* IV 566), seus prováveis sentidos de perícia do artista no manejo do verso.¹⁴¹ Além disso, a associação entre Otávio (tratado, segundo o que vimos há pouco, como tema de poesia no livro III) e o Olimpo em IV 562, com as implicações de grandeza daí decorrentes, fazem pensar nos empreendimentos "épicos" enquanto algo de que o poeta se exime por ora, voluntariamente detido na refinada "brandura" dos gêneros menores.

Isso significa que, embora não seja necessário interpretar tal menção a Otávio como sinal de ironia corrosiva contra ele, parece haver indícios da sutil valorização do poeta, cuja grandeza não consiste em ressoar como um relâmpago,¹⁴² mas sim, de acordo com os

ditames da poética alexandrina, em ousar num plano distinto, de sofisticada elaboração formal e de sentidos. A conhecida passagem metapoética do livro III, através da qual se introduz o tema "baixo" dos cuidados com os rebanhos, por sinal, dá bem a medida de como é possível ser grande mesmo em menor escala:

*nec sum animi dubius uerbis ea uincere magnum
quam sit et angustis hunc addere rebus honorem; 290
sed me Parnasia deserta per ardua dulcis
raptat amor; iuuat ire iugis, qua nulla priorum
Castaliam molli deuertitur orbita cliuo.*¹⁴³

"(...). Um tanto me acovarda
saber como é rebelde a cousas tais o estilo,
e o baixo esquiva lustre; embora, a audácia atilo.
Este meu doce amor à bela natureza 425
me arrebatava a investir co'a inóspita aspereza
do Parnaso, a trilhar-lhe os íngremes fastígios;
desertos, onde nunca outrem marcou vestígios.
Algun declíuio brando à beira da Castália
por vós me há de levar, agrícolas da Itália."¹⁴⁴ 430

Os elementos disponíveis no trecho, pois, como esperamos ter demonstrado, permitem que a aparente oposição entre a grandeza de Otávio e uma suposta "baixeza" ou falta de importância do Virgílio criador das *Geórgicas* e das *Bucólicas* seja abalada. Em suas áreas de atuação e à sua maneira, ambas as personagens são apresentadas como valorosas, ainda que não se possa deixar de notar o relativo ofuscamento do brilho de Otávio em razão, como observamos, da redefinição da figura do poeta num nível menos superficial do texto.

No tocante ao tratamento de Otávio, então, cremos ser importante observar que nunca, em absoluto, o poeta procede como se o atacasse ou ironizasse com agressividade: apenas, como vimos, ocorrem com alguma frequência (por sinal, desde o primeiro dos

livros do poema) efeitos de sentido que convidam a ter cautela com a aceitação plena do esboço de sua figura em termos ufanistas. Tal modalização operada pelo poeta, acreditamos, tem por objetivo inserir-se com harmonia no panorama geral de um texto cujas próprias características convidam em muitos pontos à mudança do ponto de vista apreciativo, sob o risco de incorrer numa rigidez nociva ao contato com a obra em todo seu potencial de significação.

Por outro lado, a referência feita há pouco (a propósito da vulnerabilidade de Otávio no comando do Império) ao símile da quadriga desgovernada traz-nos à memória o fato de que o livro III da obra, apesar da reconhecida ênfase posta sobre os poderes coercitivos do *rusticus*, acaba igualmente por direcionar-se para a atualização dessa realidade sombria no plano concreto da vida rural.

Os animais de que trata o poeta nesse contexto, sejam eles grandes e impetuosos (tipicamente representados pelos cavalos e bois) ou pequenos e frágeis (tipicamente representados pelas ovelhas) apresentam-se aqui, por motivos diversos, como em constante necessidade de vigilância e cuidados.¹⁴⁵ Em que pese às tentativas de comando do *rusticus*, porém, duas das forças que perpassam com marcante presença os versos deste livro se mostram potencialmente destrutivas do equilíbrio conquistado a alto preço para todos: referimo-nos, é evidente, ao *amor* e à doença, cujas características, tal como apresentadas por Virgílio, acabam por assemelhar-se no que têm de desagregadoras de qualquer estabilidade. Em outras palavras, propomos aqui o colapso do contraste entre o aspecto criador do *amor* (manifesto pelo potencial reprodutivo da sexualidade) e a idéia da doença como único fator de destruição: em ambos os casos, a impetuosidade irresistível dos elementos em confronto com praticamente todos os seres vivos faz com que, ao final, experimentem o esfacelamento de sua segurança e, muitas vezes, a morte.

Numa passagem como a seguinte, tem-se a nítida apresentação do significado da experiência amorosa para o poeta:

ipse ruit dentesque Sabellicus exacuit sus 255
et pede prosubigit terram, fricat arbore costas
atque hinc atque illinc umeros ad uulnera durat.
quid iuuenis, magnum cui uersat in ossibus ignem

durus amor? nempe abruptis turbata procellis
nocte natat caeca serus freta, quem super ingens 260
porta tonat caeli, et scopulis inlisa reclamant
aequora; nec miseri possunt reuocare parentes,
nec moritura super crudeli funere uirgo.
quid lynces Bacchi uariae et genus acre luporum
atque canum? quid quae imbelles dant proelia cerui? 265
scilicet ante omnis furor est insignis equarum,
et mentem Venus ipsa dedit, quo tempore Glauci
*Potniades malis membra absumpsere quadrigae.*¹⁴⁶

"(...); porém que admira em feras a fereza,
 se o bácoro sabelo, abjeta natureza, 370
 o doméstico porco, em no abrasando a brama,
 rui, os dentes aguça, em cóleras se inflama,
 escoicinha o terreno, a um tronco o lombo esfrega
 já dum lado já doutro, e porque na refrega
 melhor possa livrar da tromba que o persiga, 375
 nas nodosas espáduas com lodo enverga alta loriga.
 Pois um triste mancebo, a quem amor tirano
 té as medulas queima!

É noite; o pego insano
 tumultua medonho; é tarde; que lhe importa?
 arroja-se-lhe; nada; embora a grande porta 380
 do céu lhe sobretoe, o mar nas fragas quebre,
 e atro negrume o cubra! É o delirar da febre;
 nada sempre; não ouve os pais desventurados
 que o lá ficam chamando, e nem sequer os brados
 da amante, que, se o perde, há de também perdida 385
 com desumano arrojo arremessar a vida.
 Pretermito de Baco as linceas mosqueadas,

e o acre lobo, e o cão, e as lutas e as marradas
 dos cervos, raça imbele. Onde se vê domina
 mais insigne esta fúria, é na manada eqüina. 390
 Vênus mesma as dotou com esse privilégio,
 quando, para vingar o insulto e sacrilégio
 do potníade Glauco, às da quadriga sua,
 influiu devorá-lo. (...)"¹⁴⁷

Como aspecto preponderante dos versos acima, destaca-se o que se pode descrever em termos de reversões do usual: duramente incitado pelo aguilhão amoroso, o porco sabélico prepara-se com certa "presteza" (*hinc atque illinc umeros ad uulnera durat* - "aqui e ali as espáduas fortalece aos golpes", v. 257) para receber feridas sobre o corpo, o "jovem", a arriscar-se no mar durante uma noite borrascosa, os cervos, por ora iguados aos predadores (lince, lobos e cães), a combater, as éguas potníades, a devorarem seu condutor; rompidos os limites da conveniência, chega-se, como é o caso do porco, a arriscar a própria integridade física ou mesmo, a exemplo do jovem que surge no episódio da fatal travessia a nado, a vida. Tamanho é, por fim, o ímpeto amoroso que há chances, sob seu domínio, de que se mude a própria natureza dos seres a que subjuga: parece-nos especialmente sugestiva desse efeito avassalador a súbita combatividade dos cervos.

Também se deve atentar aqui para a eliminação de barreiras num outro sentido: além da ultrapassagem de limites no plano do excesso, o *amor* confunde homens e animais, quaisquer que sejam eles, num mesmo e indissolúvel *continuum*. O episódio da morte do amante a que se faz alusão sutil, já que os nomes dos participantes do drama são omitidos por completo, funciona como sinal dessa assimilação do humano pelo quadro maior da natureza: a ausência dos nomes de Hero e Leandro nesses versos contribui decisivamente, julgamos, para aproximar sua condição da dos demais seres que lhes compartilham o jugo.¹⁴⁸

Com efeito, nem mesmo o fato de que o amante impetuoso na busca da consumação do encontro com a amada seja denominado *iuuenis* ("jovem", v. 258) e de que seus pais busquem chamá-lo de volta sem sucesso (*miseri... parentes* - "infelizes... pais", v. 262) basta para desfazer as ambigüidades inicialmente associáveis à sua identificação: ao longo

das *Geórgicas*, o difundido processo de antropomorfização dos seres do mundo natural (plantas, animais ou mesmo entes inanimados) faz com que a menção aos mesmos sob denominações mais bem aplicadas aos homens e a seu mundo particular possa estender-se com facilidade ao que o extrapola.¹⁴⁹

Certo elemento do verso final, porém, muito embora se pudesse pensar no uso do termo *uirgo* em referência à fêmea dos animais sob condições particulares, acaba por favorecer a identificação de todo o contexto com a experiência do casal mítico citado. Afinal, correr-se-ia o risco, dadas as fortes implicações de pureza e incorruptibilidade da palavra no âmbito das instituições humanas, de produzir efeitos parodísticos indesejados caso se ousasse transpô-lo para a animalidade.

Isso significa que a possibilidade de fusão entre o humano e o bestial nesse intervalo (v. 258-263) apenas é dificultada ao término do episódio mítico em questão (dada a inconveniência de que sobre ele pairasse qualquer suspeita de mudança do tom de seriedade), de maneira compatível com a manutenção de tal semelhança ao longo da maior parte desses versos.

Por fim, que pensar do "assassinato" de Glauco por suas éguas? Há que se considerar aqui, em primeiro lugar, o emprego pelo poeta de um lugar-comum do pensamento antigo a respeito da intensidade extrema do ímpeto amoroso das éguas (v. 266). Esse elemento favorece, dentre as duas versões míticas disponíveis para explicar os motivos de tal ocorrência,¹⁵⁰ que se opte pela da vingança dos animais contra seu tratador, que ousara privá-las do contato sexual com os machos a fim de torná-las mais ardorosas nas corridas. Neste caso, como se nota, o desacato a Vênus faz com que, de uma maneira diversa do que ocorrera com Leandro (responsável direto apenas por sua *própria* destruição), o ímpeto frustrado venha a voltar-se contra quem o impede, sendo, portanto, mais uma forma de manifestação da violência contra o outro, em relação de complementaridade ao ato de ferir os rivais no amor.

Pelo que temos afirmado até o presente momento, é fácil concluir que o amor, tal como tematizado no poema de que nos ocupamos, não deve ser compreendido sob qualquer forma "domesticada" pela cultura: trata-se de uma das forças que movem o mundo de modo irrevogável (dado que também é, no tocante à reprodução, um escape à finitude de tudo o

que vive e a nada poupa), perpassando a experiência de todos em seu potencial para transformá-la acima de quaisquer empecilhos.

Nesse sentido, a aproximação feita pelo poeta entre a doença e o amor pode ser considerada uma consequência do enraizamento de ambos em algo maior, cujo domínio e extensão se furtam a nossa capacidade de controlar e resistir.¹⁵¹ Por uma espécie de lei que não é possível evitar, o "contágio" impõe-se em ambos os casos e nada resta senão sujeitar-se a seus efeitos imprevisíveis e, muitas vezes, fatais.

Apesar do que já se disse a respeito da aproximação entre os seres humanos e os animais na doença e na morte ao tratarmos do episódio da morte do gado, parece-nos ainda de interesse comentar alguns sentidos presentes em certo trecho de abordagem da peste nórica:

*non lupus insidias explorat ouilia circum
nec gregibus nocturnus obambulat: acrior illum
cura domat; timidi dammae ceruique fugaces
nunc interque canes et circum tecta uagantur. 540
iam maris immensi prolem et genus omne natantum
litore in extremo ceu naufraga corpora fluctus
proluit; insolitae fugiunt in flumina phocae.
interit et curuis frustra defensa latebris
uipera et attoniti squamis astantibus hydri. 545
ipsis est aër auibus non aequus, et illae
praecipites alta uitam sub nube relinquunt.¹⁵²*

"À volta dos ovis já não rondava o lobo
espreitando traições e dando a noite ao roubo;
cuidado harto maior lhe quebrantava as forças. 785
O gamo espantadiço, e fugaz cervo e corças
andavam-se entre os cães e à orla já dos lares.
Peixes, e quanto nada imenso nesses mares,
vinham no rolo à praia em náufrago cardume;

e as focas, infringindo o natural costume, 790
subiam o rio adentro.

A víbora alapada
no esconderijo em vão, e a hidra amedrontada,
co'as escamas a pino, à morte sucumbiam.
Nem as alturas do ar aos pássaros valiam:
que entre as nuvens morrendo, aí vinham de repente 795
dos pestilentes céus à terra pestilente."¹⁵³

Os versos acima evidenciam, como se vê, a extensão da peste sobre todas as esferas da criação: na terra, nas águas e no ar, os animais mais diversos (presas ou predadores, nocivos ou inócuos, domesticados ou selvagens, grandes ou pequenos...) experimentam os males do contágio e por ele padecem a ponto de ignorarem seus comportamentos usuais (*acrior illum/ cura domat* - "mais duro/ um cuidado o domina", v. 538-539).

Ora, a que assistimos numa passagem como essa a não ser à repetição da mesma "desordem do mundo" mostrada há pouco, quando apresentamos os estranhos efeitos da imposição do *amor* sobre homens e animais? Parece bastante sintomático dessa retomada o fato de que aqueles a quem cabe o contágio (muito difundido, por sinal) passem a agir na contramão de certo instinto básico: do mesmo modo que Leandro ousou desafiar o mar borrascoso para satisfazer seus desejos e, por fim, veio a encontrar a ruína na travessia do Helesponto, as focas do mar esquivam-se para os rios, furtando-se à permanência em seu *habitat* seguro; a força da peste (e, como vimos, do *amor*), pois, chega a sobrepor-se ao mais fundamental dos instintos (o de sobrevivência), em flagrante indício da necessidade de ceder a ela em detrimento da própria vida.

Além desse ponto, que representa, talvez, o auge do efeito de reversão a que nos temos referido, ainda há outros fenômenos incomuns que se produzem sob o domínio da peste: o lobo cessa de perseguir as ovelhas; os cervos e corças não mais têm de recear os cães, seus antigos inimigos encarniçados; encontram-se peixes (mortos) na praia, não no mar; as víboras e cobras d'água, em outras circunstâncias associadas ao próprio mal e à agressão, buscam aqui refugiar-se inofensivas em suas tocas; por fim, o ar torna-se danoso às aves e elas tombam sem vida no chão.¹⁵⁴

Dessa maneira, do mesmo modo que o *amor*, a peste também se caracteriza pela capacidade de minar o equilíbrio e pela significativa extensão de seus domínios. Devemos ressaltar a respeito dessa última particularidade que, embora a princípio se trate de algo restrito ao mundo natural, sequer os seres humanos se furtam de todo às chances de contágio: o contato da pele humana com o pêlo dos animais mortos produz a contaminação e os terríveis sintomas também sobre os de nossa espécie, de modo que se contribui assim para a completude do quadro geral de ruína.¹⁵⁵

Como comentamos acima, ao tratar da ambigüidade do papel dos deuses no mundo esboçado nas *Geórgicas*, o sacrifício oferecido pelos nóricos em favor do restabelecimento da normalidade em sua terra não obtém os resultados almejados: certos sinais apontam para a recusa de sua aceitação e, em consequência, a permanência do mal. Além dessa falha do socorro divino na ocasião, há que se ressaltar ainda a indicação pelo poeta de que a técnica, ou o conhecimento racional da realidade, também não constitui garantia de que se possa sempre mantê-la sob controle: afinal, como interpretar a menção à "desistência" de Quíron e Melampo (representantes míticos da medicina) diante da gravidade da situação que deparam?¹⁵⁶

Passando desse trecho em diante a comentar o quarto livro das *Geórgicas*, em que o poeta se dedica de início ao tratamento do tema da apicultura e, a partir de sua segunda metade, à abordagem complexa da técnica de geração de enxames (pela *bougonia*), procuraremos demonstrar de que maneira ele se presta, pela própria natureza de seu núcleo temático, a favorecer a incorporação conjunta de assuntos desenvolvidos esparsamente ao longo dos três livros anteriores.

Dentre todos os domínios naturais tratados por Virgílio no poema, o mundo das abelhas é o que mais bem se presta ao estabelecimento de paralelos complexos com a realidade da vida humana: o fato de que esses animais também se organizem numa sociedade definida pela observância de normas e papéis permite aproximá-los em vários pontos do que se vê na interação conjunta dos de nossa espécie, de maneira diversa da mera indicação de eventuais semelhanças entre traços de comportamento inseridos num e noutro contexto.

Um aspecto fundamental dessa proximidade diz respeito a que esses insetos, numa imagem reduzida do mundo do *rusticus*, também precisam trabalhar com afincos para

sobreviver e o fazem de forma *organizada*. Contrariamente ao que em geral se observa no poema, as abelhas dispõem por si mesmas da capacidade para interagir produtiva e eficazmente com o meio, caracterizando-se, assim, por uma espécie de sofisticada auto-suficiência.

Embora outros animais surjam nas *Geórgicas* compartilhando traços comuns à vida do homem (a exemplo de todos os que experimentam com nossa espécie os turbilhões do *amor* e da aniquilação pela doença, e do gado bovino, habituado à lida agrária), em nenhum outro caso se encontra algo como a presença marcante do trabalho assíduo e "voluntário" enquanto elemento definidor de grupos:¹⁵⁷ mesmo os bois, praticamente iguais ao fazendeiro no *labor* do esforço contínuo e da morte, não chegavam, por sua necessária assimilação e subserviência aos interesses do dono, a desvencilhar-se por completo da condição de instrumentos para passar a agentes autônomos sobre a realidade.

Dessa maneira, a capacidade de agir com coerência sob a direção de algum tipo de *mens*¹⁵⁸ estabelece uma espécie de fronteira entre o potencial de homens e abelhas e o que se apresenta como uma conformação mais passiva às vicissitudes da vida nos demais domínios. Em outras palavras, assistimos, diante do espetáculo do trabalho nas colméias e nas sociedades, a um esforço direcionado de mudança das condições que os indivíduos deparam, com todas as implicações daí resultantes.

De início, é sabido que o trabalho (*labor*) não é algo a que se possa vincular um único significado: em sua face de meio para obtenção de segurança e bens, ele é uma atividade vantajosa para os que se dedicam a ele, já que, sob tal aspecto, mantém relações com o controle sobre a realidade. Nesse sentido, a diligência desses insetos acaba por justificar que se tornem como que senhores de um mundo artificialmente construído, até certo ponto resguardado das incertezas externas à colméia:

*seu lento fuerint aluaria uimine texta,
angustos habeant aditus; nam frigore mella
cogit hiems, eademque calor liquefacta remittit.
utraque uis apibus pariter metuenda; neque illae
nequiquam in tectis certatim tenuia cera
spiramenta linunt, fucoque et floribus oras*

35

explent, collectumque haec ipsa ad munera gluten 40
et uisco et Phrygiae seruant pice lentius Idae.
saepe etiam effossis, si uera est fama, latebris
sub terra fouere larem, penitusque repertae
*pumicibusque cauis exesaeque arboris antro.*¹⁵⁹

"Ou seja o colmeal armado de cortiços,
ou tecido de verga e vimes dobradiços,
quer-se estreito na entrada; aliás, do inverno o frio
congelaria os méis, e os derreteria o estio.
Contra um e outro excesso é bom que as antepares. 55
Elas mesmas, bem vês, lá dentro nos seus lares
como vedam com cera, e de sargaço e flores
co'o pegajoso extrato, acesso a tais rigores.
Dessa massa, tenaz qual visco ou pez do Ida
até guardam de reserva. A ser fama crida, 60
já se hão visto abelhais buscar por mais seguro
contra inclemências do ar, da terra o bojo escuro;
outros vão abrigar-se das pómicis no centro;
dum tronco carcomido outros habitam dentro."¹⁶⁰

Em contraste com os animais selvagens (ou mesmo o gado) que, na Cítia, eram imobilizados ou morriam pelo frio excessivo,¹⁶¹ as abelhas conseguem (com a eventual ajuda humana) isolar-se dos extremos de temperatura através da "arquitetura" peculiar à colméia. Ainda remetendo ao que se descreve no tratamento da vida do homem naquela mesma paisagem, vimos que, apesar do sofrimento dos animais (desamparados pela cultura), os cítios, resguardados em subterrâneos, gozavam de uma existência feliz, sem terem de recriar o que não podia atingi-los nas circunstâncias por eles transformadas.¹⁶² Isso significa que a "aculturação" das abelhas favorece-lhes neste ponto uma maior proximidade com as condições de vida do homem do que com as dificuldades irremediáveis por vezes resultantes do confronto das demais criaturas com as inclemências naturais.

A manutenção dessa estabilidade, no entanto, do mesmo modo que se notava no universo dos homens, não pode ser obtida senão pela presença contínua dos esforços. Em certas passagens do livro IV, deixa-se entrever que a vida na colméia, apesar do muito que apresenta em termos de uma aparente placidez, é laboriosa ao extremo, sem chances de sustentar-se a não ser através da luta árdua de todos os indivíduos.

De acordo com um princípio característico da organização social das colméias, chega-se a verificar que o esgotamento e morte das abelhas operárias no trabalho praticamente não são contados como prejuízo, tendo em vista a exigência compulsória de sua contribuição total para que a força da comunidade se mantenha e de que o todo prevaleça em detrimento do particular:

*saepe etiam duris errando in cotibus alas
attriuere, ultroque animam sub fasce dedere:
tantus amor florum et generandi gloria mellis. 205
ergo ipsas quamuis angusti terminus aeui
excipiat (neque enim plus septima ducitur aestas),
at genus immortale manet, multosque per annos
stat fortuna domus, et aui numerantur auorum.¹⁶³*

"Uma às vezes à toa esbarra, e desasada
cai, sofre-se, expirou sob a carga pesada.
Tanto nelas impera o inato amor das flores,
e a glória de criar os mélicos dulçores.
Posto que as três Irmãs lhes dêem tão curto fio, 295
que nunca chega além do seu seteno estio,
vive imortal o enxame. Os pastos seus remonta
de avós a avós, e cresce em pósteres sem conta."¹⁶⁴

Não podemos deixar de ressaltar aqui o que nos parecem ser indícios de uma postura ambígua do poeta: as rochas contra as quais se friccionam as asas das abelhas trabalhadoras são qualificadas, de um modo que não pode ser apenas acidental, de

"duras",¹⁶⁵ em conformidade com o reconhecimento de que há dificuldades reais a serem enfrentadas na rotina da fabricação do mel; isso explica, por sinal, o emprego enfático do termo *tantus* na menção ao *amor* que as leva a trabalhar pela comunidade.

A presença, entretanto, do contraste estabelecido entre a brevidade "justificável" da vida de trabalho incessante das operárias e a "imortalidade" da raça (na verdade, como o trecho de tratamento dos males que podem *dizimar* a comunidade revela, uma ilusão)¹⁶⁶ convida a ter cautela com a aceitação irrestrita do que parece a princípio ser um louvor do poeta a tal forma de organização social. Afinal, diante da inevitabilidade da morte dos indivíduos e das chances reais de que a colméia como um todo venha a extinguir-se, seria o caso de nos perguntarmos a respeito dos limites do valor de tal diligência, apresentada em termos de uma dedicação absoluta.¹⁶⁷

É curioso que o poeta proceda em seguida a uma espécie de "correção" da idéia de "imortalidade" expressa ao referir-se à raça das abelhas: no verso 208, então, o emprego da expressão *multosque per annos* ("por muitos anos", fase de permanência da "boa sorte" na colméia) atenua a conotação absoluta do qualificativo anterior, como que a indicar a existência de uma outra realidade por detrás do que fora apresentado em tons mais favoráveis.

Não se pode esquecer aqui de que, na cena da morte do boi (apresentada no livro anterior), o mesmo poeta chegara a lamentar-se explicitamente pelo sofrimento injusto daquele cujas características o aproximavam de uma espécie de modelo de virtude rústica em razão de sua frugalidade e dedicação contínua ao trabalho. Embora essa lamentação fosse motivada pelo fato de que a morte do indivíduo não interligado a uma comunidade (pois um conjunto de bois não seria um grupo coeso do mesmo modo que o conjunto das abelhas) adquire os sentidos de uma perda definitiva, é forçoso admitir que a sobrevivência da colméia, apesar dos pesados custos para seus pequenos habitantes, também pode ser *totalmente*¹⁶⁸ comprometida pelos males de que nem sequer as abelhas podem furtar-se. Portanto, nem mesmo o sacrifício total das pequenas partes pode salvaguardar com absoluta segurança o "corpo" coletivo da aniquilação.

As abelhas, pois, da mesma forma que os *rustici* e outros seres envolvidos na lida agrária, não se furtam ao trabalho (inclusive em sua face mais sombria) e à doença. Apenas o *amor*, a terceira das forças que subjuga a maioria absoluta dos mortais, poupa-as dos

padecimentos apresentados como a regra geral no restante da natureza. Virgílio parece aqui louvar-lhes a beatitude pelo fato de não se reproduzirem sexualmente, mas sim, de um modo misterioso para o leitor, recolherem seus "filhotes" dentre as folhagens por que passam:

*illum adeo placuisse apibus mirabere morem,
quod neque concubitu indulgent, nec corpora segnes
in Venerem soluunt aut fetus nixibus edunt;
uerum ipsae e foliis natos, e suauibus herbis
ore legunt, ipsae regem paruosque Quirites
sufficiunt, aulasque et cerea regna refingunt.*¹⁶⁹

"Eis outro privilégio, único desta raça:
na virginal pureza acham tamanha graça,
que a antepõem ao prazer e aos gozos dos amores. 285
Não as cansa o gerar; são mães sem terem dores.
Na folhage e no odor das plantas, como em ninhos,
acham, trazem na boca, adotam mil filhinhos,
quais para cidadãos, e qual para regente.
Refaz-se o céreo paço, e o céreo reino ingente." ¹⁷⁰ 290

De fato, sem a existência da sexualidade como algo necessário à reprodução, não há chances de manifestação de nenhuma das formas de violência que vimos associadas a essa força no livro III da obra: ausentam-se os rivais e quem possa ousar refreá-la (a exemplo de Glauco), além dos combates travados internamente aos que amam entre o desejo e o próprio instinto de sobrevivência. Ao invés disso, tudo se resolve para as abelhas na pacata simplicidade do ato descrito acima...

O que dissemos a respeito da inexorabilidade do *labor* (enquanto labuta e experimentação do sofrimento na doença e na morte) para esses insetos torna necessário acrescentar que também não se furtam a um outro tipo de esforço igualmente difundido no

mundo humano ou natural: referimo-nos à guerra, representada nesse domínio pelo enfrentamento entre enxames inimigos.

Uma importante particularidade do tipo de enfrentamento que se dá aqui diz respeito à sua escala, diminuta em razão do próprio tamanho dos combatentes envolvidos. Assim, a passagem em que Virgílio apresenta a batalha das abelhas, apesar das evidentes semelhanças com o que se dá no plano humano, não se furta aos efeitos humorísticos resultantes de uma aproximação tão imbricada entre o grandioso e o pequeno.¹⁷¹

Tem-se em geral considerado que a paródia épica presente nesse trecho indica a opção deliberada pelo poeta de variar o tom expositivo dos temas, já que, segundo os ditames da poética alexandrina (a que ele, como sabemos, adere nesta obra), a *poikilia* é um dos mais caros elementos aos autores ocupados em elaborar a própria elocução.¹⁷²

Eis abaixo um exemplo do efeito de "distorção" épica assim produzido, em que, como se verá, não faltam sequer momentos de manifestação da mais completa ironia:

*ergo ubi uer nactae sudum camposque patentis,
erumpunt portis, concurritur, aethere in alto
fit sonitus, magnum mixtae glomerantur in orbem
praecipitesque cadunt; non densior aëre grando,* 80
*nec de concussa tantum pluit ilice glandis.
ipsi per medias acies insignibus alis
ingentis animos angusto in pectore uersant,
usque adeo obnixi non cedere dum grauis aut hos
aut hos uersa fuga uictor dare terga subegit.* 85
*hi motus animorum atque haec certamina tanta
pulueris exigui iactu compressa quiescent.*¹⁷³

"Se porém o sair com súbita arvorada
foi por quebrar-se a paz na pristina morada
(que às vezes acontece entre rainhas duas
ferverem, tumultuando, as dissensões mais cruas)
sente-se logo ali na alvorotada turba

ser bélico furor que a agita, inflama e turba.
 Um como de clarins intrépido rebate 105
 daqui, dali concita as frouxas ao combate.
 Prestes se apinha o bando, e se revolve e freme;
 um relâmpago de ouro em suas asas treme;
 co'as bocas os ferrões aguçam diligentes;
 exercitam os pés; fiéis e inteligentes 110
 condensando-se em torno à chefe e à régia tenda
 chamam com grão clamor as outras à contenda.
 Todo o ar é primavera, a terra amenidade;
 por isso, desertando o abrigo da cidade,
 se arrojaram em chusma ao campo azul da esfera. 115
 Já soa lá por cima a lide insana e fera,
 representando à vista escuro globo ingente.
 Vem de rondão pelo ar caindo a morta gente,
 densa como granizo, e basta como chove
 a glande em temporal da árvore de Jove. 120
 As próprias maiores soberbamente aladas
 se mesclam na refrega, e às hostes abaladas
 mostram ânimo grande em pequenino peito:
 inflama-se o valor; enraiva-as o despeito.
 Não n'as verão ceder, até que em fuga postas 125
 as de um ou outro bando hajam voltado as costas;
 mas todo o guerrear de pronto se refreia,
 mal que se lhes arroja um punhado de areia."¹⁷⁴

Vários elementos de composição dos versos acima transcritos conformam-se ao espírito épico em tom e grandiosidade: de acordo com a necessidade, difundida ao longo da obra, de observação das condições climáticas para que se iniciem na época correta os empreendimentos,¹⁷⁵ as abelhas elegem a primavera como o momento do "ataque". Evidentemente, trata-se de um lugar-comum da prática e dos escritos de teor bélico¹⁷⁶ (ou

agrário), pois o sucesso dos exércitos contra seus inimigos não pode prescindir da colaboração do clima.

Nos versos 80 e 81, o emprego da comparação com um elemento pertencente a outro domínio do mundo natural (a botânica) faz com que se eleve, pela elaboração da linguagem, o tom da passagem como um todo. Tipicamente, sabemos que o mesmo papel cabia na épica tradicional aos símiles, diferenciados da figura aqui empregada por sua maior complexidade e extensão; o fato, porém, de que o poeta se furte ao meramente descritivo por seu emprego e de que, em rememoração dum aspecto usual do modo configurativo dos símiles na épica, a natureza seja trazida para o centro do paralelo assim estabelecido (além da própria idéia de intensidade expressa pelo emprego dos termos *densior* e *tantum*), viabiliza tal elevação.

O que se vê no intervalo correspondente a 82-85, por sua vez, soa estranhamente ambíguo pelo próprio contraste da ênfase posta na grandeza dos "reis" em batalha com sua natureza de insetos. É verdade que sobressai aqui sua determinação e coragem em luta, mas os recursos utilizados para descrevê-los em suas especificidades sustentam mal a configuração de um quadro verdadeiramente sério: esse é o caso do que vemos no verso 83, em que, parece-nos, a antítese só faz por recordar-nos com intensidade o plano situacional verdadeiro que deparamos.

Por último, os dois versos finais da seqüência, com a reiteração das expressões intensificadoras (*hi motus...*, *haec certamina tanta* - "estes movimentos..., estes combates tamanhos", v. 86), contribuem para o desmascaramento final da ironia: a "grandiosidade" bélica dos insetos não resiste à contraposição com a banalidade extrema do gesto necessário para silenciá-los por completo.

Um outro importante aspecto da caracterização das abelhas no livro IV das *Geórgicas*, além de sua valentia e disposição tenaz para o trabalho, é a devoção absoluta que dedicam a seus reis. Pode-se dizer que, também neste ponto, mantém-se o traço da inteireza por elas votada a tudo a que se dedicam, como se o traço essencial a diferenciá-las do restante da criação fosse uma pronunciada rigidez.

Tendo já tratado brevemente da problematização que parece caracterizar a abordagem de seu trabalho incessante por Virgílio, devemos ainda observar o que se dá no caso dos vínculos com o líder.

Ora, como explicamos ao buscar uma interpretação para o papel exato de Otávio divinizado no proêmio do livro I da obra, a idéia do culto aos soberanos como divindades absolutas era estranha às tradições propriamente romanas. Em que pese à deificação póstuma de Júlio César e ao culto votado em certos lugares do Império ao próprio Otávio, há que ter em mente a acomodação das crenças tradicionais dos latinos ou do pensamento estóico ao primeiro dos eventos¹⁷⁷ e o fato de que, como sabemos, o próprio *princeps* vetou a manifestação da religiosidade excessiva em relação a si no espaço da *Vrbs*.¹⁷⁸

Por outro lado, durante séculos a república romana sustentou-se na retaguarda contra a excessiva preponderância de quaisquer particulares, entendendo-se que apenas a partilha igualitária do poder entre os senadores poderia assegurar-lhe a liberdade. Otávio, inserindo-se na política romana justamente como o transformador do *status quo*, teve, ele próprio, de afastar de si as suspeitas de usurpador do poder antes destinado aos *patres*, em postura de cautelosa acomodação dos novos tempos à inédita posição de que passou a desfrutar.¹⁷⁹

Assim, o nome de "rei" e a exacerbação do prestígio pessoal associável às figuras políticas desse porte não se contavam, certamente, entre os elementos valorizados de forma pacífica por todos os romanos contemporâneos a Virgílio.¹⁸⁰ Isso justifica que se tenha cautela com a aceitação do que o poeta diz a respeito da devoção total das abelhas por seus soberanos como algo puramente elogioso:

praeterea regem non sic Aegyptus et ingens 210
Lydia nec populi Parthorum aut Medus Hydaspes
obseruant. rege incolumi mens omnibus una est;
amisso rupere fidem, constructaque mella
diripuerunt ipsae et cratis soluere fauorum.
ille operum custos, illum admirantur et omnes 215
circumstant fremitu denso stipantque frequentes,
et saepe attollunt umeris et corpora bello
*obiectant pulchramque petunt per uulnera mortem.*¹⁸¹

"E depois, que respeito à majestade suma!

O Egito é nada a par. Povo nenhum presuma 300
 com elas competir: Lídia, a desmesurada,
 gentes da Pártia, Hidaspe Média, é tudo nada.
 Enquanto vive a chefe, unânimes e amigas
 são irmãs na alegria e sócias nas fadigas;
 mas apenas falece, adeus união, justiça! 305
 o egoísmo triunfa; o ódio ao ódio atíça:
 a reserva dos méis já anda às rebatinhas;
 a cressa favaria, as caras celazinhas
 arrasaram-se. A chefe é o núcleo da colméia
 e das obras a guarda. Em roda lhe enxameia 310
 todo o povo a zumbir; vêem-na com mil assombros;
 hegão a transportá-la ufanas sobre os ombros;
 acompanham-na à guerra; e se morrem por ela,
 varadas de ferrões, acham a morte bela."¹⁸²

Como é sabido, o oriente antigo caracterizou-se, no domínio político, como uma zona de tradicional subserviência (religiosa, inclusive) aos soberanos; é esse, por sinal, o sentido da menção às terras do Egito e da Lídia, entre outras, na passagem. Dizer que o sentimento das abelhas por seus líderes ultrapassa mesmo esse limiar, portanto, significa situá-lo num nível sem comparações mesmo com o que, em geral, se considerava como extremo.

Diante desse quadro, a existência da autoridade como fator de agregação harmônica dos indivíduos na comunidade não nos parece suficiente para justificar por completo o que assume os contornos de um verdadeiro despotismo. De maneira análoga ao que vimos quando comentamos o estatuto ambíguo da dedicação ferrenha dos insetos ao sustento material da colméia, dever-nos-íamos perguntar, a respeito da "bela morte" pelo rei, se não ultrapassa os limites do que seria razoável aos olhos dos tradicionalistas, decerto pouco inclinados ao que fosse estranho à sua mentalidade.¹⁸³

Um ponto fundamental para a compreensão do papel do universo das abelhas nas *Geórgicas* tem relação com sua proximidade *relativa* com as sociedades humanas. A

despeito de certas leituras extremadas no tocante ao grau com que se deve favorecer o estabelecimento de vínculos entre ambas as "comunidades", identificadas com a posição dos que se pautam pela idéia do estatuto meramente simbólico desse livro do poema (em necessária relação de especularidade precisa com o que os homens experienciam),¹⁸⁴ julgamos que Virgílio convida o leitor a não esquecer-se de algumas importantes especificidades.

Como dissemos, em nenhum outro momento da obra se oferece a oportunidade para uma "miniaturização" tão complexa e funcional de certos aspectos de nossa existência. Contudo, é evidente que a manutenção desse paralelo não se sustenta até a exaustão: os traços típicos da espécie das abelhas, relacionados, pois, à sua própria identidade, acabam por defini-la como algo à parte, sem correspondentes exatos em outros domínios da criação.

O caso da reprodução assexuada ou mesmo da impermeabilidade do universo das abelhas a quaisquer influências amorosas, por sinal, seria o mais flagrante exemplo dessa particularização, como se chegasse, pela importância das implicações daí resultantes, a estabelecer uma nítida fronteira entre esse domínio e todos os demais de que se trata nas *Geórgicas*.

Assim, a impossibilidade da existência de núcleos "familiares" nessas circunstâncias faz com que os filhotes das abelhas (colhidos das flores)¹⁸⁵ devam ser considerados, estranhamente, como frutos do empenho conjunto da colméia em criá-los e ainda de um impulso gerador externo a elas. Ambas as características da criação desses descendentes, como se nota, excluem-nos ao que em geral se observa na natureza ou nas sociedades humanas: de um lado, a rigor não se trata de filhos de seus "pais"; de outro, o corpo conjunto da colméia, agregado ao redor da figura do rei, cumpre, em sua orgânica unicidade, o papel de "formador" monolítico das pequenas abelhas.

Quanto à segunda consequência, especificamente, deve-se dizer que, em contraste com o mundo dos homens, reforça-se a dissolução necessária da "mãe" (a própria colméia) e dos filhotes na completa generalidade, de modo a impedir aqui a grande variação de papéis que nos caracteriza socialmente e a própria especialização dos indivíduos de acordo com o que lhes cabe ser por circunstâncias distintas. Isso explica que às abelhas, com maior ou menor eficácia,¹⁸⁶ destine-se sempre (exceto no caso dos reis) o desempenho das funções de "soldados" e, sobretudo, fabricantes do mel.¹⁸⁷

Em outras palavras, diversamente dos homens, as abelhas não podem furtar-se a um tipo de existência com paralelos próximos naquele experimentado pelo *rusticus* (também ele dedicado por excelência ao trabalho constante e, a seu modo, à luta), mas não se definem por oposição a outros setores de sua comunidade cujos traços viessem a favorecer-lhes o recorte contrastivo no mundo. Em sua especificidade de filhas das colméias, portanto, as abelhas, em tantos pontos parecidas com o tipo humano tratado e por vezes idealizado ao longo das *Geórgicas*, não partilham com ele o traço de sua diferenciação de grupo enquanto algo interno à própria sociedade,¹⁸⁸ mas divergem em massa *do restante dos seres* retratados no poema.

Tais diferenças nos parecem justificar, assim, que se evite buscar em todos os elementos deste livro motivações necessárias no mundo humano, a exemplo da supracitada identificação compulsória dos líderes das colméias inimigas com Otávio e Marco Antônio.¹⁸⁹ Por outro lado, como vimos há pouco, a presença em sua caracterização de um traço pouco afeito à latinidade (ou seja, a idolatria aos reis) permite concluir que, no conjunto, sua proximidade com a vida dos agricultores, aqui compreendidos como um modelo ético positivo para os romanos, não deve ser levada às últimas consequências.

Por fim, como último dos pontos a serem brevemente tratados neste capítulo, faz-se necessário abordar alguns problemas relacionados à difícil interpretação do *epyllion* de Aristeu, composto pelo poeta para preencher a maior parte da segunda metade do livro final das *Geórgicas*.¹⁹⁰

Tematiza-se aqui, de forma bastante elaborada, o modo de descoberta pelo herói citado da *bougonia*, processo utilizado para dar origem a novas abelhas no caso da aniquilação completa de sua antiga comunidade. É importante dizer que a abordagem do tema nessa passagem não se reveste de funções práticas, isto é, de demonstração dos procedimentos a serem adotados pelos que desejarem reproduzi-la com êxito (afinal, Virgílio já o tratara sob esse enfoque numa passagem anterior das *Geórgicas*),¹⁹¹ mas sim etiológicas e poéticas.

No primeiro caso, o poeta vincula-se a certa tendência da poesia alexandrina relacionada à erudição, manifesta, dentre outros modos, pelo gosto em compor versos dedicados a esclarecer as origens de práticas culturais quaisquer.¹⁹² Assim, aproveitando-se da oportunidade oferecida pela *bougonia*, Virgílio desenvolve o tema sob o aspecto de seu

surgimento mítico na ocasião da perda das próprias abelhas por Aristeu e em sua posterior recuperação através desse processo.

Quanto ao apelo poético da questão, há que se ressaltar a receptibilidade das fábulas que acolhem a técnica mencionada (e portanto, das vicissitudes enfrentadas na ocasião por Aristeu e, como descobrimos num segundo momento, por Orfeu e Eurídice) a toda uma dimensão significativa imbuída de encantamento. No caso de Aristeu, o foco principal de desenvolvimento dessa face parece ser a apresentação da busca das causas que lhe motivam a perda sob a forma de uma jornada inusitada: como semideus e filho da ninfa Cirene, ele deve retirar-se do mundo prosaico do trabalho quotidiano (já que, como uma espécie de símbolo do agricultor, insere-se no âmbito das atividades que lhe caracterizam a atuação)¹⁹³ e procurar o conhecimento profundo e prático respectivamente nas palavras de Proteu e de sua mãe.

A apresentação estranhamente sensorial dos domínios sub-aquáticos de Cirene,¹⁹⁴ bem como o caráter extraordinário das muitas metamorfoses de Proteu ao ser forçado por Aristeu a dizer-lhe as causas, prefiguram o caráter sobrenatural de todos os males por ele experimentados: trata-se de nada menos do que uma vingança dos *manes*, ofendidos pela morte prematura de Eurídice, em que tomara parte sem intenções de prejudicá-la a esse ponto. Explica-se: a jovem esposa de Orfeu, em passeio pelo campo na companhia das Dríades, fora perseguida por Aristeu, inflamado por súbito desejo, e, na fuga, pisara sobre uma víbora letal, vindo a perder a vida. Nem mesmo o inconformismo e os esforços do marido (que buscou arrebatá-la aos Infernos baixando vivo a eles por seu inigualável talento poético) pôde, por fim, reverter os danos, conduzindo-os ambos à completa aniquilação. Tais antecedentes (revelados por Proteu)¹⁹⁵ justificam a morte de suas abelhas e a necessidade de realização do rito da *bougonia* em expiação pelo malefício.

No que se refere a Orfeu e Eurídice, o próprio caráter de invencibilidade de seu amor mútuo (mais forte do que a própria morte e, tragicamente, a razão) faz com que assumam uma espécie de caráter paradigmático, no sentido da experiência desse sentimento em seu grau mais completo. Parece-nos bastante sintomático desse efeito o fato de que Orfeu, após a "segunda morte" de Eurídice, recuse-se ele próprio a viver, exaurindo-se no canto ininterrupto do nome da amada.¹⁹⁶

O tratamento muitas vezes dado a essa fábula no interior do quadro significativo do poema tem relações com uma forte oposição entre as duas personagens principais evocadas, como se se devesse opor a um Aristeu pio e bem sucedido (e, portanto, uma espécie de modelo das virtudes do rústico romano) um Orfeu demasiadamente concentrado na busca infrutífera da felicidade no plano pessoal. Uma das leituras mais difundidas nesse sentido diz respeito às proposições de Conte, manifestas na introdução a certa tradução italiana das *Geórgicas*:

Mas não é que ao opor o cantor de amor ao herói geórgico se deseje introduzir uma forma um pouco mais refinada de alegorismo, particularizando por detrás das figuras não (como quiseram alguns) improváveis personagens históricas, mas sobretudo, por sua vez, um verdadeiro e próprio discurso crítico-literário (metaliterário) que contrapõe duas formas de poesia diversa (como se aqui a obra pretendesse de algum modo alegorizar o próprio gênero e o "epyllion", então, estivesse no poema só por conter um tratamento de poética). Há, sim, uma oposição entre poesia geórgica e poesia de amor que nasce da oposição entre "situação prática" e "situação contemplativa" (essa resulta ineficaz e perecível). Mas a oposição que orienta aqui o sentido do texto não é tanto aquela que põe em confronto duas formas de poesia para que lhes sejam singular e respectivamente delimitados, por diferença, os conteúdos e a linguagem (é essa a função que cumpre nas "Bucólicas" a écloga final). O verdadeiro confronto aqui é entre duas maneiras diversas de fazer poesia, e deseja mediar a diferença irreduzível entre dois modos de vida.¹⁹⁷

Como se tem observado, o domínio poético caracterizado pelo canto exaustivo da amada corresponde, na literatura latina, à produção da elegia erótica, tal como praticada por Propércio, Tibulo e Ovídio. A existência do paralelo temático da paixão irremediável e de certo "eco" de linguagem elegíaca¹⁹⁸ no canto final de Orfeu permite-nos pensar na oposição estabelecida por Conte em termos do contraste entre a *nequitia*¹⁹⁹ associável na

cultura romana a esse imaginário poético e o tipo de poesia e de vida empenhada (isto é, comprometida com os valores pátrios) das *Geórgicas*.

Uma consequência dessa forma de leitura seria, como se pode esperar, a atribuição a Virgílio de uma postura de escolha em que o fator individual e amoroso resulta fatalmente preterido em favor dos apelos patrióticos, considerados mais dignos da atenção de todos. Assim, a fábula mítica empregada no contexto exemplificaria, pela dramática aniquilação de Orfeu e pelo sucesso de Aristeu (que acaba por recobrar o bem perdido), a inutilidade prática do caminho de vida seguido pela primeira personagem e os ganhos advindos da persistência absoluta nas velhas virtudes romanas de industriiosidade e *pietas*.

Apesar da utilidade dessa leitura para a compreensão do papel do *epyllion* na obra (especialmente pelo que lança de iluminador sobre a caracterização em muitos pontos conflituosa de Orfeu e Aristeu,²⁰⁰ e por ressaltar a conformação do caráter do segundo a certos traços fundamentais da imagem do *rusticus* latino), não se pôde deixar de submetê-la a uma necessária revisão. Como se tem por vezes notado, a comovente beleza manifesta no tratamento do mito de Orfeu por Virgílio (em que o *pathos* contribui para a elevação do todo ao sublime) recomenda que se considere a hipótese da sutil manifestação de uma outra "voz" virgiliana por detrás do que se lera contrastivamente como mera desaprovação.²⁰¹

Toohy observou o que lhe parece corresponder, nesse episódio, a mais um momento de manifestação da conhecida "simpatia" do poeta pelos vencidos; apresentando, pois, a opinião inicial de Griffin, acaba por concluir:

*A destruição produzida por Orfeu deve ser associada com as desordens e desastres mostrados no final da primeira "Geórgica" (metaforicamente, as guerras civis). É para eles que a sociedade das abelhas oferece uma cura. Mas Orfeu é apresentado por Virgílio com encanto notável. Isso parece deliberado. É como se, através de Orfeu, Virgílio revelasse as limitações da sociedade das abelhas e romana. A digressão mítica, então, enfatiza as consequências destrutivas da paixão desenfreada. Mas o faz, como neste poema, com uma notável simpatia pelas vítimas da paixão.*²⁰²

De acordo com o tratamento dado por esse crítico à questão, ter-se-ia aqui a sobreposição de uma voz "pública" ("otimista" e conformada aos valores nacionais tipificados pelo *mos maiorum* e Otávio) a outra "pessoal", pelo que se pode por vezes dar vazão a idéias divergentes mesmo quando isso significa questionar.²⁰³

Por sua vez, um estudioso como Griffin, em aproximação de certas características da sociedade das abelhas com as dos romanos de "velha têmpera", demonstrou que, em ambos os casos, prevalece a ênfase no útil (não no belo). Assim, a república a ser restaurada "à moda antiga" por Otávio e a colméia recuperada pelo pio Aristeu favorecem sobretudo o retorno da ordem, alheia aos desequilíbrios da guerra e do *furor* amoroso.²⁰⁴

Que dizer, porém, do tom de "langorosa beleza" da história de Orfeu, cuidadosamente composta pelo poeta?

*Quanto a mim, não posso crer que o recobrar das abelhas seja mais importante do que o sofrimento e morte de Orfeu e Eurídice, especialmente em vista do modo como Virgílio tratou a história. Uma sensível ambivalência certamente predomina. A vida continua, e as abelhas virtuosas vão para sempre exercer sua virtuosa coletividade; mas o artista e seu amor devem morrer, nada deixando além da canção.*²⁰⁵

A *sphragis* que se segue ao término do *epyllion* e encerra as *Geórgicas*, correspondente, como vimos, a um momento de auto-afirmação de Virgílio em seu ofício de poeta (coincidente com o de Orfeu!), por fim, faz com que esse mesmo autor obtenha mais um argumento em favor da defesa do amante mítico em questão.²⁰⁶

Julgamos que as opiniões de ambos os críticos (aliás, ecoadas de formas diversas por outros estudiosos)²⁰⁷ encontram sustentação teórica na própria riqueza de aspectos significativos passíveis de serem associados em muitos pontos ao texto virgiliano. Como vimos, a aproximação do *labor* e, em específico, do paradigma da vida rural a ele vinculado, de fatores culturais valorizados na sociedade romana não pode, de fato, furtar-se neste poema à problematização a que o autor, consciente das múltiplas possibilidades e revezes da vida humana, insiste em submetê-la.

Não podemos esquecer-nos de que o próprio renascimento das abelhas pela *bougonia* implica, além da "ressurreição" do enxame, no sacrifício do novilho, animal que, sob a forma do boi de arado, Virgílio relacionara à existência do *rusticus* em suas modestas alegrias e misérias. Desse modo, o encerramento da obra sob o enfoque do tratamento complexo da técnica reprodutiva em questão poderia ser interpretado como indicação pelo poeta de que os sacrifícios ou perdas (de modo algum negligenciáveis em seu potencial causador de sofrimento) em geral contrabalançam, no frágil equilíbrio da existência, a segurança e a obtenção dos bens pela via do controle das coisas.

¹ Cf. Toohey, P. *Epic lessons. An introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996, p. 111: *The countryside and its denizens become a symbol for Rome and Italy as a whole.*

² Cf. Lyne, R. O. A. M. "Scilicet et tempus ueniet..." Virgil, "Georgics" I.463-514. In: Woodman, T.; West, D. (org.). *Quality and pleasure in Latin poetry*. Cambridge: University Press, 1974, p. 47: *Virgil's "Georgics" is scarcely simply a didactic poem to aid the cultivator. To miss any of its sheer descriptive beauty is surely a pity. Yet too much concentration on this can obscure a greater literary worth. It is also a poetical expression of morals and values. It is an emotional response to a datable historical situation, to a time largely dominated by the threat or actuality of civil war; though of course the poem is as timeless as the essence of the historical situation.*

³ Cf. *Geórgicas* II 354-356.

⁴ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (Virgílio. As "*Georgicas*". Traduzidas a português por A. F. de Castilho. São Paulo: Heros, 1930, p. 71).

⁵ Cf. a título de exemplificação *Geórgicas* I 146 (... *duris urgens in rebus egestas*. - "... a necessidade obrigando a duras coisas."), I 160 (... *quae sint duris agrestibus arma*. - "... quais são as armas dos duros camponeses."), II 341 (*terrea progenies duris caput extulit aruis*. - "a raça terrena ergueu a cabeça dos duros campos."), II 378-379 (... *durique uenenum/ dentis*... - "o veneno/ do dente duro..."), IV 102 (... *durum Bacchi domitura saporem*. - "... pronta a amansar o duro sabor de Baco."), em minha tradução.

⁶ Cf. Hesíodo. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e comentários de Mary de C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996: 42-50. *Kru/yantej ga|r e)/xousi qeoil bi/on a)nqrw/poisi:/ r(hidi/wj ga/r ken kai\ e)p'h)/mati e)rga/ssaio./ w(/j te se keij) e)niauto\n e)/xein kai a)ergo\n e)o/nta:/ ai)=ya\ phda/lion me\n u(pe|r kapnou= kataqe=i o./ e)/rga bow=n d'a)po/loito kai\ h(mio/nwn talaergw=n./ A)lla\ Zeu\j e)/kruye xolwsa/menoj fresi\ h)=sin./ o(/tti min ecapa/thse Promhqeul\j a)gkulomh/thj:/ tou)/nek'a)/r'a)nqrw/poisin e)mh/sato kh/dea lugra// kru/ye de\ pu=r:- "Oculto retêm os deuses o vital para os homens;/ se não comodamente em um só dia trabalharias/ para teres por um ano, podendo em ócio ficar;/ acima da fumaça logo o leme alojarias./ trabalhos de bois e incansáveis mulas se perderiam./ Mas Zeus encolerizado em suas entranhas ocultou./ pois foi logrado por Prometeu de curvo-tramar;/ por isso para os homens tramou tristes pesares:/ ocultou o fogo."*

⁷ Cf. *Geórgicas* I 121-146.

⁸ Cf. Barchiesi, A. Lettura del secondo libro delle "Georgiche". In: Gigante, M. (org.). *Lecturae Vergilianae*. Napoli: Giannini, 1982. V. II, p. 48.

⁹ Cf. *Geórgicas* II 493-540.

¹⁰ Cf. Barchiesi, *op. cit.*, p. 48: *In Arato (vv. 108 ss.) gli uomini della stirpe aurea sono benedetti, come in Esiodo, dall'abbondanza dei frutti della terra: ma, diversamente da Esiodo, Arato racconta che anche allora si lavorava la terra con buoi e aratri.*

¹¹ Cf. Barchiesi, *op. cit.*, p. 52ss.

¹² Cf. Barchiesi, *op. cit.*, p. 55: *La qualifica di età dell'oro si trova spostata rispetto alle attese del lettore, e questa operazione determina uno spostamento ideologico: non l'età primitiva, il Bengodi, merita di essere chiamata età dell'oro; l'età dell'oro, l'età veramente ideale, si trova nella vita quotidiana dei contadini.*

¹³ O próprio Barchiesi, acreditamos, confina suas conclusões a respeito do "otimismo" de Virgílio quanto ao trabalho ao livro II da obra (*op. cit.*, p. 45: *Soprattutto, si percepisce che la vita agricola assomiglia, nel finale di Geo. II, all'ideale dell'età d'oro. Ma questo ideale di felicità non corrisponde pienamente al consueto ideale virgiliano del labor agricolo.*).

¹⁴ Cf. *Geórgicas* II 362-370.

¹⁵ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 71-72).

¹⁶ A esse respeito, parece-nos pertinente o comentário de Gale a respeito da *improdutividade* das plantas entregues a suas próprias forças, isto é, não trabalhadas pelo *rusticus* (cf. Gale, M. *Virgil on the nature of things. The "Georgics", Lucretius and the didactic tradition*. Cambridge: University Press, 2000, p. 86: *Here, the natural world is depicted as both abundant and chaotic: uncultivated trees are strong and sturdy and infinitely various, but remain unproductive until tamed and disciplined by the farmer's civilizing hand.*).

¹⁷ Cf. comentário do autor às *Geórgicas* (Virgil. *Georgics*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1994. V. I, p. 224).

¹⁸ Cf. *Geórgicas* II 397-402.

¹⁹ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 74).

²⁰ Cf. *Geórgicas* II 416-419.

²¹ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 75).

²² Cf. Lee, M. O. *Virgil as Orpheus. A study of the "Georgics"*. Albany: State University of New York Press, 1996, p. 67-68: *The lighter tone is struck at the start (1-8), with the invocation of a new and happier father god. Fearsome Jupiter now gives way to light-hearted Bacchus: "huc, pater o Lenaeae, ueni, nudataque musto/tingue nouo mecum dereptis crura cothurnis."* - *Come this way, wine-press father, rip off your buskins,/ and, in company with me, dip your bare legs in new must.*

²³ Em conformidade com o que temos observado a respeito do nuançamento relativo dos vários livros das *Geórgicas*, é curioso observar que Virgílio apresenta o cultivo das oliveiras como algo em que quase não é necessário empregar esforços. Thomas (cf. comentário do autor às *Geórgicas*, v. I, p. 235), porém, ressalta que esse contraste entre a videira impetuosa e "difícil" e a pacífica oliveira não corresponde, tecnicamente, à realidade; assim, o poeta, optando por pôr em evidência poética a face generosa do último tipo de cultura, como que escamoteia os fatos, sem, porém, deixar de submeter-se ao "desmascaramento" por parte dos conhecedores do *métier* agrário.

²⁴ Cf. Ross Jr., D. O. *Physics and poetry in the "Georgics"*. Princeton, New Jersey: University Press, 1987, p. 104ss.

²⁵ Cf. *Geórgicas* II 143-176.

²⁶ Como observamos ao tratar comparativamente das passagens dedicadas à técnica do enxerto em Catão, Varrão e Virgílio, Varrão, uma das fontes dos conhecimentos agrários de que o poeta se apropria, fizera, em *De re rustica* I XL 5-6, claras restrições à prática indiscriminada da fusão de espécies arbóreas.

²⁷ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 104-109.

²⁸ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 118 (minha tradução).

²⁹ Cf. *Geórgicas* II 140-142.

³⁰ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 118.

³¹ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 119.

³² Cf. a esse respeito a seguinte formulação de Toohey (*op. cit.*, p. 111): *The Georgics' affirmation of country life and agriculture, its expectation of and hope for their renewal, are no less than an affirmation and expectation of the renewal of Rome and Italy through its regent, Octavian.*

³³ Cf. *Geórgicas* III 452-456.

³⁴ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 121).

³⁵ Cf. Lucrèce. *De la nature*. Introduction et notes de Henri Clouard. Paris: Garnier, s.d., em minha tradução: V 157-168. *Dicere porro, hominum causa uoluisse parare/ Praeclaram mundi naturam, proptereaque/ Adlaudabile opus diuum laudare decere,/ Aeternumque putare atque immortale futurum,/ Nec fas esse, deum quod sit ratione uetusta/ Gentibus humanis fundatum perpetuo aeuo,/ Sollicitare suis ulla ui ex sedibus unquam,/ Nec uerbis uexare, et ab imo euertere summa,/ Caetera de genere hoc affingere et addere, Memmi,/ Desipere est. Quid enim immortalibus atque beatiss/ Gratia nostra queat largiri emolumentum,/ Vt nostra quidquam causa gerere aggrediantur?* - "Dizer que pelos homens quisessem ordenar/ a maravilhosa natureza do mundo, que por esse motivo/ convém enaltecer a louvável obra dos deuses,/ julgar eterno e imortal o futuro;/ que não é lícito o que foi por desígnio antigo dos deuses/ estabelecido eternamente para os povos humanos/ jamais abalar com algum ímpeto de seus fundamentos/ nem maltratar com palavras e fazer descer do alto as coisas mais elevadas./ Outras desse tipo supor e acrescentar, ó Mêmio,/ é ser insano. Pois qual proveito aos imortais e bem-aventurados/ o nosso reconhecimento pode conceder,/ para que se movam a fazer algo por nós?"

³⁶ Cf. Lucrécio, *op. cit.*, I 84-101.

³⁷ Cf. *Geórgicas* III 266 (minha tradução): *scilicet ante omnis furor est insignis equarum*. - "naturalmente, mais do que todos é extraordinário o furor das éguas."

³⁸ Cf. comentário de Thomas às *Geórgicas*, v. II, p. 126: *The shepherd's failure is a failure of knowledge, brought about by a relaxation of "labor" and by inactivity combined with a misguided reliance on religion, the inappropriateness of which will be demonstrated when the real plague comes (486-93 n.). Cf. also I.335-50n. on the words "in primis uenerare deos", which had little to do with averting the destruction of the storm.*

³⁹ Cf. Harrison, E. L. The Noric plague in Vergil's third "Georgic". In: Cairns, F. (org.). *Papers of the Liverpool Latin Seminar*. Liverpool: F. Cairns, 1979. V. II, p. 24-25: *From Georgics 3,486ff. we learn that victims about to be sacrificed collapse before the blow can be delivered, or, if they are successfully dispatched, then the sacrifice proves defective in some other crucial respect: the "exta" fail to burn, or the victim proves to be unnaturally short of blood. Such developments are familiar from the pages of Livy and Julius Obsequens, and their message is clear: they indicate a breakdown in the relationship between a community and its gods, whose anger must be appeased if that community is to escape destruction. Thus by placing these*

lines at the very start of his plague account Vergil gives a clear indication that here, as elsewhere in his poetry, he accepts the orthodox Roman view of plagues; this one, as usual, is a general manifestation of divine anger, and it is therefore appropriately introduced by specific and unmistakable signs of that anger. The people portrayed here have at some point gone astray in their religious practice, and because they never find their way back again the district they once called their "patria" becomes a waste-land, leaving them with no alternative but to abandon it.

⁴⁰ Cf. *Geórgicas* I 351-355.

⁴¹ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 36).

⁴² Cf. *Geórgicas* I 410-416.

⁴³ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 39-40).

⁴⁴ Cf. Gale, *op. cit.*, p. 68 (na nota em que se cita Arato): *With 353, cf. "Phaen." 10-12: a)uto|j ga|r ta/ ge sh/mat'e)n ou)ran%= e)sth/ricen,/ ...e)ske/yato d'ei|j e)niauto\|n/ a)ste/raj oi(/ ke ma/lista... shmai/noien* ("for [Zeus] himself placed signs in the heavens... and appointed stars to give the clearest signs in their annual course").

⁴⁵ Cf. Pratt, N. T. *Seneca's drama*. Chapel Hill/ London: The University of North Carolina Press, 1983, p. 48 (minha tradução).

⁴⁶ Cf. Basanoff (Basanoff, V. *Les dieux des Romains*. Paris: Presses Universitaires de France, 1942, p. 29) a respeito da *pietas* rústica não a Ceres e a Baco, mas a deuses bem mais específicos em suas atribuições: *Les travaux des champs et la pousse des céréales sont répartis entre plusieurs divinités dont chacune a une tâche bien définie, qui rappelle celle d'un ouvrier dans les usines modernes de construction en grandes séries. (...) "Stercilinius" y assurait l'engrais; "Veruactor", le premier défrichement du sol; "Redactor", le deuxième passage de la charrue (...).*

⁴⁷ Cf. opinião de Batstone a respeito da "abertura" dos significados possíveis nas *Geórgicas* (Batstone, W. *Virgilian didaxis: value and meaning in the "Georgics"*. In: Martindale, C. (org.). *The Cambridge companion to Virgil*. Cambridge: University Press, 1997, p. 142-143): *Critics have generally looked to the "Georgics" for some determinate meaning or unified attitude toward the world. I have tried to challenge this endeavour by describing the poem as a field or a dynamic. Rather than create security, clarity, univocity, the poem complicates our feelings and confounds our paradigms. It offers an excess of thought and feeling which, while true to the life of the mind, exceeds both the propositions by which we try to secure our understanding and the determinations upon which we must and do act. We may take directions from the poem (for planting or for governing), but the poem will also always remind us that our understanding is larger than these pressing necessities and that the contingencies of life have already implicated us in failure and greatness.*

⁴⁸ Cf. *Geórgicas* I 305-310.

⁴⁹ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 32-33).

⁵⁰ Cf. *Geórgicas* I 299-304, em minha tradução (*nudus ara, sere nudus. hiems ignaua colono:/ frigoribus parto agricolae plerumque fruuntur/ mutuaque inter se laeti conuiuia curant./ inuitat genialis hiems curasque resoluít,/ ceu pressae cum iam portum tetigere carinae,/ puppibus et laeti nautae imposuere coronas.* - "Ara nu, semeia nu. O inverno é ocioso para o colono./ No frio, os agricultores quase sempre usufruem da colheita/ e, alegres, cuidam de banquetes mútuos entre si./ O inverno festivo convida e desfaz as preocupações,/ como quando as quilhas pressionadas já tocaram o porto,/ e os marinheiros alegres puseram coroas sobre as naus.").

⁵¹ Cf. *Geórgicas* II 273-274, em minha tradução (*collibus an plano melius sit ponere uitem,/ quaere prius.* - "se nas colinas ou na planície é melhor dispor a videira/ indaga primeiro.") e II 367-368 (*inde ubi iam ualidis amplexae stirpibus ulmos/ exierint, tum stringe comas, tum brachia tonde.* - "depois, tendo já enlaçado os olmos com cepas fortes,/ poda as cabeleiras, corta os braços quando tiverem crescido.").

⁵² Cf. *Geórgicas* II 207-211.

⁵³ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 63). Cabe, aqui, uma advertência: a opção de Castilho por desviar-se eventualmente da letra do texto acaba por direcionar os sentidos no caso destes versos; assim, ao chamar o "colono" de "bom" (qualificativo de todo ausente da passagem latina, como se nota) e omitir o equivalente português ao latim *rudis*, o tradutor não conserva as sutilezas do original e não deve ser considerado, como em geral temos procedido, como o ponto de partida de nossa leitura.

⁵⁴ Cf. ainda carta XLI de Sêneca, in *Epistulae*. With an English translation by Richard M. Gummere. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1996. V. I (minha tradução): *Si tibi occurrerit uetustis arboribus et solitam altitudinem egressis frequens lucus et conspectum caeli ramorum aliorum alios protegentium summouens obtentu, illa proceritas siluae et secretum loci et admiratio umbrae in*

aperto tam densae atque continuae fidem tibi numinis faciet. - "Caso encontrases um bosque cheio de árvores antigas que cresceram além do normal e que impede a visão do céu pelo sombrear de uns ramos encobrindo outros, tal altura da mata, o mistério do lugar e a admiração de uma sombra tão densa e contínua a céu aberto vai dar-te a fé num deus."

⁵⁵ Como exemplo da infração à mesma norma religiosa, cf. o que se tem na seguinte passagem do *Bellum ciuile* de Lucano, em minha tradução: III 432-448. *Implicitas magno Caesar torpore cohortes/ ut uidit, primus raptam uibrare bipennem/ ausus et aeriam ferro proscindere quercum/ effatur merso uiolata in robora ferro:/ "Iam ne quis uestrum dubitet subuertere siluam,/ credite me fecisse nefas." Tunc paruit omnis/ imperiis non sublato securo pauore/ turba, sed expensa superiorum et Caesaris ira./ Procumbunt orni, nodosa inpellitur ilex,/ siluaque Dodones et fluctibus aptior alnus/ et non plebeios luctus testata cupressus./ Tunc primum posuere comas et fronde carentes/ admisere diem, propulsaque robore denso/ sustinuit se silua cadens. Gemuere uidentes/ Gallorum populi; muris sed clausa iuuentus/ exultat. Quis enim laesos inpune putaret/ esse deos? (...)* - "Quando César viu as coortes embaraçadas com grande torpor,/ ousou em primeiro lugar vibrar a bipene tomada/ e fender o alto carvalho com o ferro./ Fala com o ferro fincado no carvalho que profanou:/ 'Que nenhum de vós hesite mais em derrubar a mata:/ acreditei que eu cometi o crime.' Então toda a turba obedeceu/ às ordens não, findo o temor, confiante,/ mas ponderando a ira dos deuses e a de César./ Os freixos prostram-se, a azinheira cheia de nós é impelida,/ as árvores de Dodona, o álamo mais bem adaptado às ondas/ e o cipreste que testemunhou lutos não plebeus./ Então pela primeira vez perderam as ramagens e, privados das folhas,/ deixaram entrar o dia; impelida pelo basto carvalho,/ a mata, ao cair, resistiu. Geceram ao ver/ os povos gauleses; mas a juventude fechada nos muros/ exulta. Pois quem julgaria que os deuses impunemente/ foram ofendidos?" [Lucain. *La guerre civile (La Pharsale)*. Texte établi et traduit par A. Bourguery. Paris: "Les Belles Lettres", 1997. V. I].

⁵⁶ Cf. opinião de Mynors em seu comentário às *Geórgicas* (Virgil. *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon Press, 2000, p. 128), a respeito do caráter "conflituoso" dessa passagem: 207-208. *iratus: 'indignant', not at the hard work ('iuuat' 2.37), but at the scandalous way this 'nemus' has 'cumbered the ground' for so long. And so V. seizes the opportunity to display two things, as live now as they were then: (1) his husbandman hard at work, 'making two blades of grass grow where one grew before'; (2) the insoluble conflict, which is still with us, between such admirable activities and the interests of wild creatures or the nobility of ancient woodland.*

⁵⁷ Cf. *Geórgicas* III 295-299.

⁵⁸ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 108).

⁵⁹ Cf. *Geórgicas* III 286-294.

⁶⁰ Cf. *Geórgicas* III 441-444.

⁶¹ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 120-121).

⁶² O emprego da expressão "corpo brando" (v. 646) em Castilho, portanto, deve-se à liberdade do tradutor.

⁶³ Cf. *Geórgicas* II 279-283.

⁶⁴ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 67).

⁶⁵ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 136: 282-3. *aere renidenti: the glitter is Homeric: "Il." 20.362 ge/lasse de| pa=sa per| xqw|n xalkou= u(po| steroph=j.*

⁶⁶ Cf. *Geórgicas* I 77-83.

⁶⁷ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 14-15).

⁶⁸ Em comentário à natureza *urbana* (e refinada) dos leitores reais das *Geórgicas*, Dalzell observou (cf. Dalzell, A. *The criticism of didactic poetry. Essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996, p. 123): *The feeling of detachment pervades the whole of the "Georgics". It arises in part from the fact, which we have already observed, that the reader is not seriously engaged in the practical business of agriculture. Addison has a splendid phrase about Virgil "tossing the dung about with an air of gracefulness". Tossing the dung about is not at all what Virgil does. His only reference to the subject is characterized by a kind of mealy-mouthed prissiness. "Do not be too squeamish", he says, "to soak the earth with rich dung" (I.80). Squeamishness is not, in my experience, one of the problems of the practising farmer. Virgil's attitude to the farm is consistently urban.*

⁶⁹ Isso explica por que Thomas, de acordo com sua postura crítica de ler as *Geórgicas* como obra de todo "pessimista", opta por traduzir a célebre expressão *labor omnia uicit/ improbus* (I 145-146) por "*insatiable toil occupied all areas of existence*" (cf. seu comentário às *Geórgicas*, v. I, p. 93).

⁷⁰ Cf. *Geórgicas* III 515-530.

⁷¹ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 125-126).

⁷² Cf. comentário de Thomas às *Geórgicas*, v. I, p. 21.

⁷³ Cf. Morgan, L. *Patterns of redemption in Virgil's "Georgics"*. Cambridge: University Press, 1999, p. 109: *We find numerous references in ancient texts to a pre-eminence among domestic animals attributed to the ox which is such as to accord oxen a status almost equivalent to humans. According to Varro ("Rust." 2.5.3; cf. Columella 6 praef. 7), killing an ox had in the past been a capital offence. The ox was the "socius hominum in rustico opere", "the partner of mankind in agricultural work", and as such equivalent to, and as inviolable as, a human fellow-worker. Similarly, Pliny the Elder cites a case where a man who killed an ox, his "socium... laboris agrique culturae", "partner in work and agriculture", had been punished just as if he had killed his farm-labourer (HN 8.180; cf. Val. Max. 8.1 "damnat"). Ovid also has Pythagoras make much of this close relationship between man and ox ("Met." 15.120-42). Aelian makes the point explicit, stating that in Athens it was not permitted to sacrifice a plough-ox, o/(ti kai\ ouÁtoj ei)/h a)\n gewrgolj kai\ tw=n e)n a)\nqrw/pojj kama/twn koinwno/j, "because it also was a farmer and partner in human labours" (VH 5.14; cf. NA 2.57).*

⁷⁴ Como exemplo de uma interpretação a ser evitada, considere-se o que parece ser, na leitura de Maria Helena da Rocha Pereira, uma defesa da idéia do *labor* assíduo enquanto suposta garantia de sucesso (cf. Pereira, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica. V. II: cultura romana*. Lisboa: Gulbenkian, 1989, p. 240): *Mas o livro I comporta ainda outra mensagem importante: a do valor do trabalho, que exalta ao terminar a descrição da Idade do Ouro quando a de Ferro prova a sua dureza nos homens: "Surgiram então as várias artes; tudo venceu/ o trabalho perseverante, e o acicate da necessidade, em sua/ [dura condição." A frase central, todos a conhecem no original: "labor omnia uicit." Como também geralmente todos veem nela a réplica que o poeta dá a si mesmo, ao mesmo tempo em que, nas "Bucólicas", proclamava o não menos célebre "omnia uincit Amor."*

⁷⁵ Cf. Lyne, *op. cit.*, p. 47: *"Metaphor" is slightly to overstate; or to oversimplify. The strength of the poetical potential of "the Farmer" lay in his nearness, or his emotional nearness, to all Roman citizens of Italy. The poem is about and for man. But it is based as a poem of Italy; and Italy was still largely rural.*

⁷⁶ Cf. Toohey, *op. cit.*, p. 111: *Virgil's vision of Rome and her empire's place in history at the time of the "Georgics" is, understandably, still inchoate. Yet the lineaments of what was to be expressed in the "Aeneid" are visible (...). We can see this in those "Georgics" passages which endorse Octavian and his adviser Maecenas, and in those passages which reflect a love of the Italian countryside. There is a symbiosis, as it were, between Caesar (Octavian, later Augustus) and Italy. Virgil explicitly links him with the health of the Roman countryside (its plants and its animals).*

⁷⁷ Cf. introdução de La Penna à tradução das *Geórgicas* preparada por L. Canali (Publio Virgílio Marone. *Georgiche*. Introduzione di A. La Penna. Traduzione di L. Canali. Note al testo di R. Scarcia. Milano: Rizzoli, 1991, p. 80): *Un terzo punto di riferimento nella caratterizzazione della vita dell'agricola (terzo dopo l'età dell'oro e l'atarassia epicurea), è la vita delle antiche popolazioni italiane, popolazioni di contadini semplici e laboriosi e di soldati valorosi (513 sgg., apec. 532 sgg.); sono richiamati i Sabini, i Romani dei tempi di Romolo; vi sono anche gli Etruschi, la terza componente della Roma del Palatino (e la componente più cara al cuore dell'etrusco Virgilio); e naturalmente, anche gli Etruschi, famosi da secoli per i loro raffinati e smodati piaceri, sono qui esempio di semplicità e di parsimonia. Non è qui necessario discutere se tutti i punti di riferimento siano coerenti fra loro.*

⁷⁸ Cf. Labate, M. *L'arte di farsi amare. Modelli culturali e progetto didascalico nell'elegia ovidiana*. Pisa: Giardini, 1984, p. 133 (minha tradução).

⁷⁹ Cf. Hesíodo, *op. cit.* (trad. de Mary de C. N. Lafer): 311. e)/rgon d'oude\ n o)/neidoj, a)ergi/h de/ t'o)/neidoj. - "o trabalho, desonra nenhuma, o ócio desonra é!".

⁸⁰ Cf. Barchiesi, *op. cit.*, p. 74.

⁸¹ A partir do verso 505 até o 515, com efeito, tem-se uma *priamel* cuja última alternativa corresponde ao modo de vida adotado pelo *rusticus*.

⁸² Cf. *Geórgicas* II 510 (... *gaudent perfusi sanguine fratrum* - "... alegram-se com o sangue derramado dos irmãos").

⁸³ Cf. *Geórgicas* II 505-507.

⁸⁴ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 81).

⁸⁵ Cf. *Geórgicas* II 523-526.

⁸⁶ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 83).

⁸⁷ Cf. Gale, *op. cit.*, p. 47.

⁸⁸ Cf. Lucrécio, *op. cit.* (minha tradução): I 45-48. *Quod superest, uacuas aures animumque sagacem/ Semotum a curis adhibe ueram ad rationem./ Ne mea dona, tibi studio disposta fidei,/ Intellecta prius quam*

sint, contempta relinquo. - "Quanto ao mais, dispõe teus ouvidos vazios e teu espírito penetrante/ afastado de preocupações à verdadeira doutrina,/ nem os meus dons, para ti arranjados com fiel bem-querer,/ abandones com desprezo antes de serem compreendidos."

⁸⁹ Cf. Lucrécio, *op. cit.* (minha tradução): II 1-13. *Suaue, mari magno turbantibus aequora uentis,/ E terra magnum alterius spectare laborem:/ Non quia uexari quemquam est iucunda uoluptas,/ Sed quibus ipse malis careas, quia cernere suaue est./ Suaue etiam belli certamina magna tueri/ Per campos instructa, tua sine parte pericli:/ Sed nil dulcius est bene quam munita tenere/ Edita doctrina sapientium templa serena./ Despicere unde queas alios, passimque uidere/ Errare, atque uiam palantes quaerere uitae,/ Certare ingenio, contendere nobilitate./ Noctes atque dies niti praestante labore,/ Ad summas emergere opes, rerumque potiri.* - "É doce, do mar vasto os ventos perturbando a superfície,/ na terra observar a grande fadiga de outro:/ não porque seja um prazer agradável que alguém padeça,/ mas porque os males de que tu mesmo estás isento é doce divisar./ Doce também ver os combates grandes da guerra/ preparados nos campos sem partilhar do perigo;/ mas nada é mais doce do que bem protegidos ocupar/ os templos serenos fundados pela doutrina dos sábios,/ donde podes vislumbrar os outros e ver vagar/ sem direção, o caminho da vida buscar desgarrados,/ batalhar com o engenho, fazer por chegar à nobreza,/ esforçar-se noite e dia com enorme fadiga/ por se apossar das maiores fortunas, tomar o poder."

⁹⁰ Cf. Lucrécio, *op. cit.* (minha tradução): I 63-70. *Humana ante oculos foede cum uita iaceret/ In terris, oppressa graui sub religione,/ Quae caput a caeli regionibus ostendebat,/ Horribili super aspectu mortalibus instans,/ Primum Graius homo mortales tollere contra/ Est oculos ausus, primusque obsistere contra./ Quem nec fama deum, nec fulmina, nec minitanti/ Murmure compressit caelum;* - "Diante de seus olhos prostrando-se indignamente a vida humana/ na terra, oprimida por uma religião pesada,/ que a cabeça mostrava das regiões celestiais/ pairando com terrível aspecto sobre os homens,/ pela primeira vez um grego ousou/ levantar os olhos mortais, e pela primeira vez resistir./ Nem o renome dos deuses, nem os raios, nem com um murmúrio/ ameaçador o céu refreou-o."

⁹¹ Cf. Lucrécio, *op. cit.* (minha tradução): V 205-218. *Inde duas porro prope partes feruidus ardor,/ Assiduusque geli casus mortalibus aufert./ Quod superest arui, tamen id natura sua ui/ Sentibus obducit, ni uis humana resistat,/ Vitae causa ualido consueta bidenti/ Ingemere, et terram pressis proscindere aratris./ Si non fecundas uertentes uomere glebas,/ Terraeque solum subigentes cimus ad ortus,/ Sponte sua nequeant liquidas existere in auras./ Et tamen interdum magno quaesita labore,/ Cum iam per terras frondent atque omnia florent,/ Aut nimis torret feruoribus aetherius sol,/ Aut subiti peremunt imbres, gelidaeque pruinae./ flabraque uentorum uiolento turbine uexant.* - "Além disso, um calor fervente quase duas partes/ e a queda contínua de neve rouba aos mortais:/ quanto ao campo restante, a natureza com seu vigor/ de espinhos o encobriria se a força humana não se opusesse,/ pela sobrevivência com o pesado bidente acostuada/ a gemer e a fender a terra sob arados pressionados./ Sem os terrenos fecundos trabalhar com a relha,/ o substrato da terra domar e (trazer) os brotos ao nascimento,/ não poderiam espontaneamente vir aos ares puros./ Contudo, por vezes o que se buscou com grande esforço,/ quando já pelas terras se cobre de folhas e todo floresce,/ abrasa demais com o ardor o sol etéreo/ ou destroem as súbitas chuvas e as frias geadas,/ e os sopros de vento agitam em violento turbilhão."

⁹² Cf. *Geórgicas* II 490-502.

⁹³ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho, (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 80-81).

⁹⁴ Cf. de Vasconcellos, P. S. *Efeitos intertextuais na "Eneida" de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2001, p. 50-52.

⁹⁵ Cf. *supra* observações de Ross, p. 188.

⁹⁶ Cf. *Geórgicas* II 110-112.

⁹⁷ Cf. *Geórgicas* II 167-172.

⁹⁸ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 60).

⁹⁹ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 118.

¹⁰⁰ Como leitura para os sentidos dessa "correção", poder-se-ia pensar na proposição virgiliana da insignificância da belicosidade hindu diante daquela dos itálicos. Em outras palavras, embora aqueles fossem bons arqueiros, a perspectiva fictícia de seu enfrentamento por Otávio acabaria por deixá-los em desvantagem nesse aspecto cultural.

¹⁰¹ Cf. *Geórgicas* II 122-125.

¹⁰² Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 57).

¹⁰³ Cf. comentário de Thomas ao verso II 149 da obra de Virgílio, v. I, p. 184: *A lie in terms of the realities of Italy within and outside the "Georgics": it is a premise of the poem, as of the real world, that the normal cycle of seasons operates in Italy.*

¹⁰⁴ Cf. *supra* observações de Ross, p. 188.

¹⁰⁵ Cf. Cato; Varro. *On agriculture*. With an English translation by W. D. Hooper. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1999 (minha tradução): *At ex agricolis et uiri fortissimi et milites strenuissimi gignuntur, maxime pius quaestus stabilissimusque consequitur minimeque inuidiosus, minimeque male cogitantes sunt qui in eo studio occupati sunt.* - "Mas, dentre os que se dedicam à agricultura, saem homens do maior vigor e soldados da maior coragem; daí se obtém o ganho mais justo, seguro e o menos invejado, e minimamente insidiosos são os que se ocupam deste labor."

¹⁰⁶ Aparente porque facilmente desmentido pela realidade menos risonha das condições naturais dessa terra. Isso não impede, entretanto, que venha a manifestar-se certa semelhança provisória entre sua "perfeita" prodigalidade e a estranha exuberância das regiões situadas a leste.

¹⁰⁷ Cf. Catulo. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996: XI 5. *siue in Hyrcanos Arabasue molles*, - "quer aos hircanos ou árabes afeminados,".

¹⁰⁸ Parece ser esse, por sinal, um dos sentidos da recomendação de abertura imediata das chagas com ferro na passagem das *Geórgicas* comentada acima (cf. *supra* p. 189-190). Trata-se, afinal, de um dos casos em que a vitória pode fazer-se possível pela ação.

¹⁰⁹ Cf. comentário de Thomas aos versos III 339-383 das *Geórgicas*, v. II, p. 105: *The descriptions, particularly that of Scythia, look outside the present book to the "laudes Italiae", with which a contrast is inevitably established (349-83n.).*

¹¹⁰ Cf. *Geórgicas* III 343-348 (minha tradução): (...). *omnia secum/ armentarius Afer agit, tectumque laremque/ armaque Amyclaeumque canem Cressamque pharetram;/ non secus ac patriis acer Romanus in armis/ iniusto sub fasce uiam cum carpit, et hosti/ ante expectatum positus stat in agmine castris.* - "(...). Tudo consigo/ o pastor africano carrega, o teto, o lar,/ as armas, o cão amicleu e a aljava cretense;/ não diversamente do severo romano nos pátrios exércitos,/ quando se põe a caminho sob feixes injustos e,/ estabelecido o acampamento, posta-se com o batalhão antes do esperado pelo inimigo."

¹¹¹ Cf. *Geórgicas* III 368-380.

¹¹² Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 114-116).

¹¹³ Cf. *Geórgicas* I 291-296.

¹¹⁴ Thomas (cf. comentário do autor às *Geórgicas*, v. II, p. 106), na análise de um traço formal dos versos III 341-343, interpretou a continuidade sintática (*enjambement*) entre todos como atualização, no plano sintático, da idéia de monotonia associada à vida de pastoreio nômade, contrapondo-a à variabilidade da vida na Itália ao longo do ano (ocasionada pelas mudanças acentuadas de estações). O contraste imediato entre o flagrante repouso dos cílios e a incessante marcha dos líbios e seus rebanhos, porém (em conformidade com a forte contraposição desses ambientes como extremos de frio e calor), possibilita-nos, sem que se invalide a leitura de Thomas, defender a visão de uma espécie de contraste menor entre a Itália e a África do Norte: tratar-se-ia de uma diferença secundária, obscurecida pelo fato de que as divergências naturais entre esses ambientes não bastam para particularizar a vida de seus respectivos habitantes num aspecto tão significativo quanto a necessidade do movimento contínuo. O próprio Virgílio, com a comparação estabelecida entre os líbios e os legionários romanos, parece convidar a essa aproximação, já que, como temos acentuado ao longo dessas páginas, a atividade rural e a militar confinam proximamente nas *Geórgicas*.

¹¹⁵ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 13-14.

¹¹⁶ Curiosamente, a teoria dos elementos a que Ross se refere encontra correspondência em outras teorias "científicas" antigas no critério da divisão numérica em quatro partes. Desbordes (cf. Desbordes, F. *Concepções sobre a escrita na Roma antiga*. Tradução de Fúlvio M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1995, p. 242), assim, remontando não só aos esquemas interpretativos da física aristotélica, mas ainda a certas especulações antigas sobre a linguagem, arrola exemplos como o da *Rhetorica ad Herennium* IV 29, em que se dividem os processos de origem da paronomásia entre a) a adição de letras (*temperare/ obtemperare* - "governar", "obedecer"), b) sua subtração (*lenones/ leones* - "proxenetas", "leões"), c) sua transposição (*nauo/ uano* - "ativo", "vão") e d) sua modificação (*deligere/ diligere* - "escolher", "amar").

¹¹⁷ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 30-31 (minha tradução).

¹¹⁸ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 55.

¹¹⁹ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 89.

¹²⁰ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 120-121.

¹²¹ Cf. *Geórgicas* II 149 (minha tradução): *hic uer adsidium* (...) - "aqui a primavera é contínua (...)."

¹²² Cf. *De re rustica* I II 4 (minha tradução): (...) *dicendum utique Italiam magis etiam fuisse opportunam ad colendum quam Asiam, primum quod est in Europa, secundo quod haec temperatior pars quam interior*. - "(...) de fato se deve dizer que a Itália também era mais favorável ao cultivo do que a Ásia; primeiro, porque se localiza na Europa, segundo, porque essa região é mais temperada do que a parte interior."

¹²³ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 121.

¹²⁴ Tal postura de "postergar" a divinização plena, julgamos, afina-se com a prática da apoteose, acolhida entre os romanos a partir do assassinato de César com o sentido da transformação anímica dos poderosos *depois de mortos*.

¹²⁵ Cf. Meslin, M. *L'homme romain. Des origines au premier siècle de notre ère*. Paris: Complexe, 1985, p. 185: *Le lendemain, tous les membres de la famille se réunissent pour honorer les dieux Lares et célébrer la bonne entente des membres vivants de la "gens" dans le souvenir des parents chéris: cette fête de la "Cara Cognatio" marque ainsi très fortement le lien ininterrompu entre les ancêtres et les hommes vivants* (...).

¹²⁶ Cf. Meslin, *op. cit.*, p. 106: *La dédicace offerte en 145 av. J.C. par L. Mummius à Hercule après la prise de Corinthe est, sur ce point, fort explicite: les choses se sont bien passées pour Rome parce que le général Romain revêtu de l'"imperium" a su consulter les dieux et que son action personnelle a été guidée par ceux-ci: "Ductu auspicio imperioque"* (...).

¹²⁷ Cf. Cf. Jones, A. H. M. *Augustus*. London/ New York: Norton & Co., 1970, p. 150: *The Greek inhabitants of the Eastern provinces were used to worshipping kings* (...).

¹²⁸ Cf. Jones, *op. cit.*, p. 150: *The Roman upper class were thus quite used to being worshipped by provincials, and indeed expected it, but they strongly resented any suggestion that they should worship one of their colleagues, or indeed that any Roman citizen should do so. Julius Caesar had added to his unpopularity by accepting official Roman worship, not that it was regarded as blasphemous, but ridiculous and pretentious, and savouring of regal pride. Whether because he wished to avoid such odium, or because he had a genuine distaste for an un-Roman and oriental practice, Augustus was very cautious in accepting divine honours*.

¹²⁹ Cf. comentário de Thomas às *Geórgicas*, v. I, p. 75.

¹³⁰ Cf. Williams, G. *Tradition and originality in Roman poetry*. Oxford: Clarendon Press, 1985, p. 94: *Virgil, to some extent, used the information in Varro's handbook on farming for his "Georgics". Varro starts that prose work with an appeal to twelve gods (arranged as pairs, which was a pattern of the real Twelve Gods and cannot be seen in Virgil), and the gods are Italian - though they are, of course, not the real Twelve Gods. Varro's gods, then, are Italian, but Virgil's are Greek, with the exception of Silvanus; the poetic context required the associations of Greek religion and not the prosaic, carefully defined gods of Varro which were the real gods of Roman religion, each with his minute, humble sphere (like the God of Mildew), hostile, needing appeasement. So the whole passage of "Georgics" i has no actual religious significance: it is poetic and belongs to the world of imagination, not real life*.

¹³¹ Cf. *Geórgicas* I 448-514.

¹³² Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 44-45).

¹³³ Cf. *supra* nota 76.

¹³⁴ Cf. Jones, *op. cit.*, 142: *Apart from this revolutionary measure, which was a by-product of political and military exigencies, Augustus seems to have done little or nothing to encourage agriculture*.

¹³⁵ Cf. Farrell, J. *Vergil's "Georgics" and the traditions of Ancient Epic*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 165.

¹³⁶ A *sphragis* (gr. *sfragi/j*), ou selo, é uma convenção literária proveniente da lírica grega arcaica, sendo uma espécie de "assinatura" poética em que o autor, por vezes nomeando-se (ou apresentando características pessoais), assume a autoria de uma obra (cf. Williams, *op. cit.*, p. 177).

¹³⁷ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 118-119.

¹³⁸ Cf. Wilkinson, L. P. *The Georgics of Virgil. A critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997, *op. cit.*, p. 172.

¹³⁹ Cf. Williams, *op. cit.*, p. 436 (minha tradução).

¹⁴⁰ Cf. Virgile. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Introduction et notes de J.-P. Néraudeau. Paris: "Les Belles Lettres", 2002: I 1 *Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi* - "Títiro, tu, deitado sob a sombra duma vasta faia," (minha tradução).

¹⁴¹ Cf. comentário do autor às *Geórgicas*, v. II, p. 241.

¹⁴² Cf. comentário de Thomas às *Geórgicas* (v. II, p. 240), em que se aventa a hipótese de que o uso do verbo *fulminare* nesta passagem remeta aos *Aetia* de Calímaco (minha tradução): I 1 20. *bronta=n ou)(k e)mo/n, a)lla\ Dio/j*, "trovejar não cabe a mim, mas a Zeus".

¹⁴³ Cf. *Geórgicas* III 289-293.

¹⁴⁴ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 108).

¹⁴⁵ Os animais maiores, a exemplo dos bois e cavalos, devem ser controlados pelo *rusticus* para que se evitem os prejuízos advindos de seu ímpeto amoroso (as éguas, aliás, corresponderiam ao mais elevado grau de volúpia da natureza - III 266); quanto aos pequenos animais (de que as "frágeis" ovelhas - III 295 - constituem um símbolo), é preciso protegê-los dos males com cuidados variados.

¹⁴⁶ Cf. *Geórgicas* III 255-268.

¹⁴⁷ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 105-106).

¹⁴⁸ Embora sem referir-se especificamente ao traço compositivo de que tratamos aqui, Bellessort (Bellessort, A. *Virgilio. Su obra y su tiempo*. Traducido por D. P. Suárez. Madrid: Tecnos, 1965, p. 126-127) notou a estreiteza dos laços a unirem Leandro e as feras inflamadas pela paixão: *El recuerdo de Leandro, arrojado en medio de esta enumeración de animales exasperados por la pasión, esta mención de la humanidad sometida al mismo duro amor que la animalidad, posee una belleza penetrante*.

¹⁴⁹ Cf. *Geórgicas* III 123-128 (minha tradução): *his animaduensis instant sub tempus et omnis/ impendunt curas denso distendere pingui,/ quem legere ducem et pecori dixere maritum,/ florestisque secant herbas fluuiosque ministrant/ farraque, ne blando nequeat superesse labori/ inualidique patrum referant ieiunia nati*. - "Tendo-se atentado para essas coisas, empenham-se quando chega a hora e toda/ atenção dedicam para encher com gordura espessa/ o que escolheram para chefe e chamaram de macho do rebanho./ Cortam as ervas florescentes, dão a água dos rios/ e espelta para que não fique impossibilitado de sair-se bem no doce esforço,/ e os filhos fracos não reflitam o jejum dos pais."

¹⁵⁰ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 224 (III 267-268): *The story took several forms: (a) he fed them on human flesh, and when supplies ran short, they turned on their masters (ps. Probus here, citing the "Tragodumena" of Isocrates' pupil Asclepiades); (b) they drank of a spring which can drive horses mad (DServ. here; the spring, without Glaucus, in Paus. 9.8.2, Aelian "nat. anim." 15.25); (c) "Glaucus contemnebat sacrificium Veneris" (schol. on "Ibis" 555 and Serv. here), and in return Venus drove his team mad; (d) Serv. adds a variant of this, "dilaniatus est Glaucus, effrenatis nimia cupiditate equabus, cum eas cohiberet a coitu, ut essent uelociiores," and this is the form that V. uses. It may well have been told in some Hellenistic poem*.

¹⁵¹ Cf. *Geórgicas* III 244 (minha tradução): (...): *amor omnibus idem*. - "(...): o amor para todos é o mesmo."

¹⁵² Cf. *Geórgicas* III 537-547.

¹⁵³ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 127-128).

¹⁵⁴ Em comentário a esses efeitos devastadores, La Penna, prefaciador da tradução italiana das *Geórgicas* publicada pela editora Rizzoli (cf. bibliografia final, p. 93), ressaltou seu caráter paradoxal, no sentido da proximidade com nada menos do que os aspectos *positivos* da existência perfeita sob a égide da Idade Áurea: *Dunque la peste, la morte, rovesciando i normali rapporti, ha creato, si direbbe, ciò che gli uomini sognano come età dell'oro*.

¹⁵⁵ Cf. *Geórgicas* III 563-566.

¹⁵⁶ Cf. a esse respeito comentário de Thomas ao verso 550 das *Geórgicas* [*Chiron, the son of Chronus and Philyra (who figured, the latter unnamed, at 92-4)), is famed for his skill in medicine as early as Homer ("Il." 4.219), and Melampus cured the women of Argos of their madness (Apollod. I.9.12)*], v. II, p. 143.

¹⁵⁷ Cf. *Geórgicas* IV 184 (minha tradução): *omnibus una quies operum, labor omnibus idem*. - "o descanso dos trabalhos é um só para todos, o esforço é o mesmo para todos."

¹⁵⁸ Cf. *Geórgicas* IV 219-22 (minha tradução): *his quidam signis atque haec exempla secuti/ esse apibus partem diuinæ mentis et haustus/ ætherios dixere* - "alguns, por esses sinais e tendo seguido esses exemplos,/ que há nas abelhas uma parte da mente divina e haustos/ etéreos disseram".

¹⁵⁹ Cf. *Geórgicas* IV 34-44.

¹⁶⁰ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 135-136).

¹⁶¹ Cf. *Geórgicas* III 368-370.

¹⁶² Cf. *Geórgicas* III 376-378.

¹⁶³ Cf. *Geórgicas* IV 203-209.

¹⁶⁴ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 146).

¹⁶⁵ Cf. *supra* p. 182.

¹⁶⁶ Cf. *Geórgicas* IV 25ss.

¹⁶⁷ Tocamos, aqui, num dos principais pontos de tensão do poema: trata-se da questão da divergência entre uma espécie de aprovação ao "nacionalismo" romano, compreendido sob a forma do privilégio do coletivismo, e a viva consciência da individualidade. Um autor como Toohey (*op. cit.*, p. 118), diante da impossibilidade da conciliação plena entre ambas as vertentes de pensamento, propõe o tratamento da questão sob o enfoque da divisão da fala do *magister* didático entre vozes ideológicas distintas: *Virgil's optimism (manifest as the public register) is counterpointed by a dour pessimism (a private register)*.

¹⁶⁸ A eventual aniquilação da colméia justifica, por sinal, que o processo da *bougonia* ocorra para permitir-lhe o renascimento a partir dum cadáver de novilho sacrificado (ou seja, necessariamente, da morte).

¹⁶⁹ Cf. *Geórgicas* IV 197-202.

¹⁷⁰ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 146).

¹⁷¹ Cf. Otis, B. *Virgil. A study in civilized poetry*. Norman: Oklahoma University Press, 1995, p. 189: *We can sympathize with the suffering bull or horse, even with the dying sheep, but heroism in the bee is somewhat absurd. There is a hollowness, an absence of solid reality in the descriptions here that warn us against taking the bee symbols too seriously*.

¹⁷² Cf. comentário de La Penna, prefaciador da tradução italiana das *Geórgicas* preparada pela editora Rizzoli (cf. bibliografia final, p. 111-112): *Nelle "Georgiche" la tendenza al sublime è tanto forte quanto la tendenza alla varietà dei toni, alla "poikilia" cara agli alessandrini: dalla precettistica piana, paziente, minuta all'accensione lirica dei brani luminosi sulla primavera o di quelli foschi sui prodigi per la morte di Cesare o sulla peste la gamma è ricca. I toni sono distribuiti secondo criteri che a noi talora sfuggono; è certo, però, che la loro varietà è uno degli elementi essenziali dell'armonia e dell'arte propria delle "Georgiche"*.

¹⁷³ Cf. *Geórgicas* IV 77-87.

¹⁷⁴ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 137-139).

¹⁷⁵ Cf. *Geórgicas* I 43-46, I 276-280, II 315-316, III 295-299, IV 305-307...

¹⁷⁶ Cf. a esse respeito a seguinte passagem do *Bellum Iugurthinum* de Salústio (Salluste. *Conjuración de Catilina. Guerre de Jugurtha*. Texte établi par B. Ornstein et traduit par J. Roman. Paris: "Les Belles Lettres", 1924), em minha tradução: LXI. *Metellus postquam uidet frustra inceptum, neque oppidum capi neque Iugurtham nisi ex insidiis aut suo loco pugnare facere et iam aetatem exactam esse, ab Zama discedit et in eis urbibus, quae ad se defecerant satisque munitae loco aut moenibus erant, praesidia inponit. Ceterum exercitum in prouinciam, quae proxima est Numidiae, hiemandi gratia conlocat*. - "Depois que Metelo vê que deu início em vão, a cidadela não pode ser tomada, Jugurta não combate a não ser por emboscadas ou em seu território e, além de tudo, o verão terminou, parte de Zama e garante de tropas aquelas cidades que passaram para seu lado e eram bastante protegidas pelo local ou pelas muralhas. Estabelece o restante do exército na província, que é próxima da Numídia, para hibernar."

¹⁷⁷ Cf. Jones, *op. cit.*, p. 145: *The philosophical schools were compatible with acceptance of, and even a belief in, the traditional gods*.

¹⁷⁸ Cf. Jones, *op. cit.*, p. 152: *In Rome itself the lower orders were allowed to worship the "genius" of Augustus at the "Lares Compitales", the shrines of the city wards now renamed "Lares Augusti", but all overt worship of the emperor was banned*.

¹⁷⁹ Cf. Jones, *op. cit.*, p. 60: *Augustus' constitutional powers were now complete: he received two additions to his titles later, "pontifex maximus" and "pater patriae", but these were purely honorific and added nothing to his powers. In addition to his consular "imperium" over his own provinces and his "maius imperium" over the public provinces, he now had the "imperium" of a consul over Italy and Rome. All these powers were studiously veiled. Later emperors might call themselves proconsul in their provinces, but Augustus never did. In the "Res gestae" Augustus never alluded to his (or his colleagues') consular power or to his (or their) "maius imperium"*.

¹⁸⁰ A era augustana caracterizou-se por uma ambígua promoção pública do *mos maiorum* e, por conseguinte, das tradições pátrias.

¹⁸¹ Cf. *Geórgicas* IV 210-218.

¹⁸² Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 146-147).

¹⁸³ Segundo o relato de Suetônio em *Vita Augusti* XVII (cf. Suetone. *Vies des douze Césars*. Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: "Les Belles Lettres", 1931. V. I), um dos motivos da desgraça de Marco Antônio em Roma foi sua identificação com o exotismo de Cleópatra, rainha do Egito, com quem se encontrava unido conjugalmente. Pode-se ainda conjecturar que o temor da expansão de um suposto

imperialismo egípcio sobre o mundo romano foi mais um fator significativo para seu enfraquecimento perante a opinião pública.

¹⁸⁴ A esse respeito, considere-se a refutação de Thomas a certa interpretação dos versos IV 88-102 do poema (cf. comentário do autor às *Geórgicas*, v. II, p. 162): *The lines on the good and bad king have been seen as pure allegory, representing Octavian and Antony, but V.'s treatment of the bees, while symbolic, does not suit such a strict equation (1-7 n.).*

¹⁸⁵ Cf. *Geórgicas* IV 200-201.

¹⁸⁶ Em *Geórgicas* IV 88-102, Virgílio trata da existência de variedades distintas de abelhas, cujas características se estendem aos reis e à "plebe". Embora sobretudo ao tipo superior coubesse a fabricação dos "doces méis" (v. 101), nada indica que o inferior seja apresentado como de todo improdutivo; dessa maneira, ainda que com maior ou menor presteza, pode-se imaginar que ambas as variedades de abelhas acabem por aproximar-se em sua forma de interagir com o ambiente.

¹⁸⁷ Como observou Griffin (cf. Griffin, J. *The Fourth "Georgic", Virgil and Rome*. In: McAuslan, I.; Walcot, P. (org.). *Virgil*. Oxford: University Press, 1990, p. 100-101), o mundo das abelhas, em certos pontos aproximado dos ideais do *mos maiorum*, caracteriza-se justamente pela massificação absoluta: *The bees presented him with a powerful image for the traditional Roman state, in its impersonal and collective character. The bees, then, with their collective virtues and their lack of individuality and art, serve as the counter-part to the old Roman character.*

¹⁸⁸ Compare-se, por exemplo, o que se dá no caso do "recorte" do *rusticus* contra a imagem do cidadão vicioso em *Geórgicas* II 458-540.

¹⁸⁹ Cf. *supra* nota 184.

¹⁹⁰ Cf. *Geórgicas* IV 315-558.

¹⁹¹ Cf. *Geórgicas* IV 281-314.

¹⁹² Cf. Legrand, Ph.-E. *La poésie alexandrine*. Paris: Payot, 1924, p. 57: *Une tendance favorite de l'érudition alexandrine doit être ici particulièrement signalée. Le recueil d'élégies de Callimaque, son principal ouvrage poétique, avait pour titre "Aitia", c'est-à-dire les "Causes" ou plus exactement les "Origines". Cela signifie que, sans préjudice des détails érudits semés à pleine mains le long des narrations, toutes ou presque toutes étaient consacrées à révéler l'origine de quelque chose: fête, jeux, usage, cité.*

¹⁹³ Cf. palavras de Thomas a respeito da caracterização de Aristeu no poema (no comentário do autor às *Geórgicas*, v. I, p. 23): *Nor is he merely a beekeeper, for at 4.329-30 he is active in the three areas of agriculture, the areas which are the theme of "Georgics" 1-3; his success is that of the "agricola" in general.*

¹⁹⁴ Cf. Wilkinson, *op. cit.*, p. 217: *Aristaeus first moves through his mother's home spellbound, as well he might be (363ff.). For it is a miraculous palace under the water (352), where the seats are glassy as water (350) and even the wool is of a greenish, watery colour ("hyalo", 335), and yet there are hollow caves and rustling woods. "Ibat" - that wonderfully expressive word, especially coming first in a line - suggests smooth, silent movement. He was also bewildered by the sound of rushing water.*

¹⁹⁵ Cf. *Geórgicas* IV 453-558.

¹⁹⁶ Cf. *Geórgicas* IV 504-527.

¹⁹⁷ Cf. Virgílio. *Georgiche*. A cura di A. Barchiesi. Milano: Mondadori, 1983, p. XXIX-XXX (minha tradução).

¹⁹⁸ Cf. comentário de Thomas às *Geórgicas*, v. II, p. 236: *527 Elegant word-order (not quite a golden line) closes the song. The echoing of Orpheus' words perhaps suggests the same empathy as at 460-3. This too is a feature of elegy; cf. Prop. I.18.21 "a quotiens teneras resonant mea uerba sub umbras!"; also E. I.4-5 "tu, Tityre, lentus in umbra/ formosam resonare doces Amaryllida siluas."*

¹⁹⁹ Uma possível tradução portuguesa para essa palavra latina seria "inutilidade", o que se justifica pelo fato da dedicação exclusiva dos apaixonados elegíacos à paixão. Ora, segundo a velha moral dos romanos (*mos maiorum*), tal excesso, considerado sinal de fraqueza e descontrole num homem, seria condenável como algo vergonhoso e sem proveito.

²⁰⁰ Segundo as observações de Batstone (cf. Batstone, *op. cit.*, p. 127), no entanto, a diferenciação entre Orfeu e Aristeu não se dá sob a forma de uma polarização cerrada: *There is always some truth to these articulations, but in the end they are partial and founder. The figures merge as they separate: both are passionate, self-absorbed, and destructive of others; both destroy Eurydice but remain indifferent to guilt. If the greatness (and seductiveness) of Orpheus' passion gains our sympathy, its self-indulgence (which cannot be separated from his backwards glance) is shared by Aristaeus, who lusts for Eurydice and longs for new bees. Both recall the farmer, staving off the backward pull of entropy (see I.199-203). Both seek to dominate nature and*

death. They are the victims of their own capacities - and these capacities are both remarkably similar and inextricably linked to their greatness.

²⁰¹ Parecem-nos esclarecedoras do grau de "comprometimento" de Virgílio com o casal mítico citado (e de sua conseqüente simpatia por ambos) as seguintes palavras de Otis (cf. Otis, *op. cit.*, p. 201): *I have underlined here the most obviously empathetic-sympathetic words: the narrator, full of sympathy for Orpheus, sees the "inexorable" hearts of the rulers of Hades, trembles at the "incautious" lover, feels how "pardonable" his error was, feels his "vain desire" to say more, shares his dilemma after Eurydice's second parting, pities the nightingale whose nest the "hard-hearted" ploughman has robbed and of course mourns for "poor" Eurydice.*

²⁰² Cf. Toohey, *op. cit.*, p. 116 (minha tradução).

²⁰³ Cf. *supra* nota 167.

²⁰⁴ Cf. Griffin, *op. cit.*, p. 100.

²⁰⁵ Cf. Otis, *op. cit.*, p. 103 (minha tradução).

²⁰⁶ Cf. Otis, *op. cit.*, p. 104.

²⁰⁷ Cf. *supra* nota 201 e as seguintes palavras de La Penna, prefaciador da tradução italiana das *Geórgicas* publicada pela editora Rizzoli (cf. bibliografia final, p. 102-103): *E l'eros, sebbene forza terribile, sebbene follia fatale, conserva qui, più che in altre pagine della poesia d'amore virgiliana, qualche cosa della divina follia.*

V. Comentário comparativo de aspectos da construção da linguagem e do texto em trechos escolhidos de Catão, Varrão e Virgílio

1) Tema da localização da colméia (Varrão, *De re rustica* III XVI 12-17/ III XVI 27; Virgílio, *Geórgicas* IV 18-32)

O tema relaciona-se à indicação das características que devem ser buscadas num local para instalar convenientemente a colméia, ou seja, à correta ambientação da mesma com fins de propiciar às abelhas boas condições de produtividade e *habitat*. Em Varrão, após o primeiro trecho citado, há um pequeno apêndice posterior que, parece-nos, mantém relação temática com ele ao especificar o tipo do reservatório d'água que deve estar à disposição dos insetos: trata-se de III XVI 27, em que a informação é dada de modo preciso e breve.

Podem-se enumerar as recomendações oferecidas pelos autores do seguinte modo: Virgílio menciona a importância da presença de reservatórios d'água rodeados por musgo no local (v. 18), de uma palmeira e um zambujeiro para sombrear (v. 20), de um regato (v. 19), de "pontes" de pedra ou salgueiros em meio a ele para servirem de pouso às abelhas (v. 26) e de um "jardim" formado por plantações de lauréolas (v. 30), serpão (v. 31), segurelha (v. 31) e violetas que bebam da fonte (v. 32). Quanto a Varrão, deve-se fazer com que a colméia se localize próximo da sede, em local silencioso, sem ecos e de temperatura amena, que se volte para o nascer do sol durante o inverno, possua "pastagens" herbais por perto (com doze tipos de plantas citados) e água pura; quanto ao último fator, esclarece em III XVI 27 que se trata dum regato que passe pela colméia ou se despeje num lago, tenha apenas dois ou três dedos de profundidade e contenha pedras ou cacos no meio do fluxo para servirem de local de pouso às abelhas; por fim, acrescenta que as colméias não devem ser dispostas a longa distância umas das outras e devem ser colocadas em fileiras nas paredes.

De início, é importante atentar para os nomes empregados por esses autores para designar a colméia especificamente nas passagens consideradas ou, no caso de Virgílio, também em seu entorno. Assim, em III XVI 12-17, Varrão menciona cinco sinônimos equivalentes no latim ao termo português de que nos ocupamos aqui: trata-se das

expressões *mellitona*, *mellarium*, *melitrophium*, *aluarium* e *aluus*. Por sua vez, Virgílio designa a colméia por expressões como as seguintes: *sedes* (v. 8), *statio* (v. 8), *stabulum* (v. 14), *aluarium* (v. 34), *tectum* (v. 38), *lar* (v. 43) e *cubile* (v. 45). Há que se observar que as expressões varronianas tendem, em geral, a maior grau de tecnicidade, no sentido de que as quatro primeiras, como o comprova a presença das raízes gregas ou latinas que designam o mel, apenas se prestam a significar a morada das abelhas; a palavras *aluus*, com o sentido usual de "entranhas" ou "intestinos" no latim, furta-se, por sua vez, a essa restrição. Em contrapartida, as expressões virgilianas não se caracterizam pelo mesmo nível de especialização: *sedes* ("assento", "morada"...), *statio* ("local de parada", "posto", "acampamento"...), *stabulum* ("morada", "hospedaria", "estábulo"...), *tectum* ("teto", "casa", "covil"...), e *cubile* ("leito", "quarto de dormir", "toca"...), são palavras que podem apresentar, além do sentido contextualmente condicionado pelo trecho de que nos ocupamos (de morada de abelhas), outros significados variados; furta-se a essa variação a palavra *aluarium*, dicionarizada com o sentido específico de colméia.

A observação de fatores como a extensão das passagens em um e outro autor, bem como dos usos de linguagem peculiares a eles, favorece o entendimento dos meios utilizados em cada caso para a comunicação de conteúdos de acordo com os princípios ditados pelo gênero da poesia didática ou do diálogo. Desse modo, observa-se que, ao longo dos quinze versos por que se estende a descrição de Virgílio, ocorre, por um lado, menor detalhamento técnico dos elementos enumerados como constituintes de um local ideal para a colméia (a exemplo do que se nota pela citação de apenas quatro espécies de ervas para formar o "jardim", em contraposição às doze de Varrão, e pelo fato de que não haja aqui referência a um pormenor como a profundidade aproximada do regato) e, por outro, a presença de outros que não seriam estritamente necessários ao esclarecimento do tema para os leitores, principalmente em se considerando a relativa exigüidade do espaço dedicado a ele nesta obra. Isso significa que um trecho como a menção ao pouso das abelhas migrantes na sombra das árvores, estendido por quatro versos (v. 21-24), talvez pudesse ser mais condensado sem que se deixasse de dizer que a penumbra favorece seu estabelecimento no espaço destinado a esse fim. Nesse caso, porém, parece-nos que o poeta preferiu enfatizar o aspecto convidativo da água e da sombra para os insetos e não se furtou a desenvolver um pouco mais esse tópico, decerto atraente para o leitor pela sensação de

prazer sensorial evocada e pela própria semelhança do ambiente descrito com o *locus amoenus* da tradição clássica, "cenário" típico em que também não faltam umidade, frescor e relva verdejante.

Destacam-se também em Virgílio os fatores propriamente relacionados ao modo de dizer ou elocução, indicadores da opção de apresentar os fatos de forma bastante expressiva. Esse *modus operandi* pode ser observado em níveis variados da constituição poética do texto (disposição de vocábulos ou versos na seqüência, escolha lexical, sonoridade...),¹ de maneira que, agregando-se ao que há de propriamente informativo nele, ressalta-o em seus sentidos, e, elaborando-o muito além do mínimo necessário a oferecer preceitos técnicos, acrescenta ao todo a dimensão artística da palavra.

No verso 29, por exemplo, o poeta emprega as expressões *Eurus* (a rigor, o vento do leste) e *Neptunus*, em vez dos equivalentes prosaicos *uentus* e *aqua*, com efeito de "mitologização" do quotidiano mais banal e, por que não, de personificação de objetos inanimados da natureza. Nota-se, portanto, no fator da escolha lexical, a tentativa de afastar a expressão de um registro mais baixo porque mais gasto pelo uso no latim coloquial e de dotar a natureza de atrativos para a imaginação do leitor.²

No tocante aos jogos de disposição "calculada" de partes componentes do trecho, poder-se-ia citar o caso da sugestiva colocação do verso 25 exatamente no meio da seqüência aqui considerada, situado, portanto, entre os sete primeiros (de 18 a 24) e os sete últimos (de 26 a 32). Ora, esse verso contém em si nada menos do que a expressão *in medium* (aplicada à descrição do espaço físico de localização da colméia em sua porção *central*), de maneira que, iconicamente, recupera-se algo das características do objeto descrito através do recurso formal citado. Além disso, no verso 19, nota-se que o sintagma relativo ao regato [*tenuis fugiens (per gramina) riuus* - "fugindo tênue (pela grama) um regato"] surge com intercalação da expressão *per gramina*; nesse caso, poder-se-ia pensar com alguma liberdade na intercalação citada como resgate do "envolvimento" do campo pelas curvas sinuosas do curso d'água, com acréscimo de musicalidade resultante da aliteração em "s" que marca a menção ao segundo elemento.

Por fim, sem pretensões de esgotar a análise dos recursos poéticos da passagem, poder-se-ia mencionar que, na parte em que se enumeram as ervas do "jardim" das abelhas (v. 30-31), ocorre a menção a três delas através de uma estrutura tripartida (sujeito dotado

de três núcleos distintos), formada pela coordenação de elementos dispostos em ordem crescente quanto à extensão. Parece-nos, aqui, que o "aumento" de extensão de tais elementos é ainda complementado pelo aumento gradual de intensidade dos atributos relacionados a cada uma das ervas enumeradas: assim, seguem-se às lauréolas *verdes* (*casiae uirides*) os serpões que exalam *largamente* seu odor (*olentia late serpylla*) e, a eles, uma grande quantidade de segurelha *exalando um cheiro "pesado"* (*grauiter spirantis copia thymbrae*).

Que se dá no caso da passagem varroniana que consideramos? De início, pode-se dizer que, enquanto texto em que se busca a comunicação de conteúdos técnicos de forma sistemática e objetiva, o *De re rustica* do autor não privilegia a total elaboração da linguagem com vistas ao favorecimento da expressividade propiciada pelo apuro da forma. A prosa do autor, com frequência apontada como exemplo de deselegância e incoerência estilística,³ não ultrapassa o nível de uma linguagem com razoável nível de fluidez e clareza em latim, sem tantos desenvolvimentos no plano sintático, por exemplo.

Assim, numa passagem como aquela de que nos ocupamos aqui (III XVI 12-17), poder-se-ia mencionar a repetição seguida de que as colméias devem localizar-se próximo da sede como indício de um certo descuido com uma melhor elaboração do texto [*primum secundum uillam potissimum, (...) - "primeiro, de preferência, perto da sede, (...)"*⁴ / *quod ad locum pertinet, hoc genus potissimum eligendum iuxta uillam, (...) - "no tocante ao local, de preferência tal que se encontre perto da sede, (...)"*⁵], afinal, parece-nos claro que uma única menção a esse fator deveria bastar para a explicitude da informação. Contudo, de forma não exatamente condizente com o andamento linear dos raciocínios que deveria a princípio caracterizar a prosa técnica, o autor reitera o primeiro de seus preceitos.

No tocante à sintaxe, Varrão dá algum desenvolvimento aos períodos (com a presença recorrente de orações coordenadas e subordinadas de tipos variados, como as relativas, as completivas infinitivas e integrantes, as condicionais, as finais...), sem, contudo, chegar a extremos de complexidade neste ponto. Como exemplo de um procedimento construtivo tipicamente adotado pelo autor, poder-se-ia citar o caso do segundo período do trecho considerado, em que faz seguir-se ao verbo impessoal *oportet* algumas orações subjetivas sem vínculos sintáticos entre si, tão somente relacionadas a um mesmo termo regente.

Devemos acrescentar, porém, que em geral a simplicidade da sintaxe varroniana é suficiente para explicitar os nexos lógico-semânticos entre as partes pela própria presença difundida, como dissemos, de sua expressão através de construções conjuncionais variadas. Além disso, o fato de que o autor não se poupe de oferecer preceitos ou explicações relativas a pontos miúdos dos temas que explora (veja-se o modo de sobrepor as colméias nas paredes) faz com que haja bom grau de funcionalidade do texto no tocante à sua eficácia como fonte de referências técnicas.

Surge também na passagem considerada um uso tipicamente associável à prática de Varrão como teórico da agricultura: trata-se do uso da etimologia como parte do instrumental de que se vale para explicar os fenômenos que depara em sua tarefa de descrição do universo rural. Dentre esses fenômenos, é evidente, conta-se o fato de que os objetos que o integram sejam nomeados de formas particulares; sabemos que o autor, polígrafo e multifacetado em seus interesses, compôs anteriormente ao *De re rustica* a obra denominada *De lingua Latina*, em que se privilegia como um dos principais tópicos de discussão a questão da etimologia tal como compreendida pelos antigos, isto é, baseada em pressupostos de escolas filosóficas como o Estoicismo e relacionada à busca de um melhor entendimento do real através da investigação dos sentidos "primordiais" das palavras.⁶ Portanto, parece-nos que o diálogo agrário de que nos ocupamos presentemente "herdou" a prática etimológica do *De lingua Latina* com o sentido reservado a ela naquele contexto, destinando-a, pois, mais do que à mera exibição dos dotes de erudição "filológica" do autor, a instrumento válido para aprofundar o conhecimento da vida rural pela consideração detida da relação entre os nomes e as coisas. É nesse espírito, acreditamos, que o autor oferece como etimologia da palavra *aluus* ("colméia") a expressão *alimonium mellis* ("alimento do mel").

Por outro lado, a própria menção imprecisa a outros autores de obras agrárias (*mellitonas ita facere oportet, quos alii melitrophia appellant... - "é preciso fazer as mellitonae, que uns chamam de melitrophia..."*⁷) faz com que a dicção técnica de Varrão, caso único entre os três "agrônomos" considerados nesta pesquisa, seja enriquecida pela indicação explícita de que o dito provém de outros lugares. Assim, o autor dá mostras de que seu conhecimento técnico resulta, entre outras fontes, da erudição do estudioso dedicado a nutrir-se de saberes dispersos pelas mais variadas obras antes de compor; nesse

ponto, pode-se dizer, ele se destaca pela autoridade de quem fala sobre os assuntos pertinentes com a "bagagem" de conhecimentos de um "especialista", ou seja, daquilo que por isso entenderíamos.

2) Tema do enxerto arbóreo (Varrão, *De re rustica* I XL 5-6/ I XLI 1-3; Catão, *De agri cultura* XL 1-4/ XLI 1-4/ XLII; Virgílio, *Geórgicas* II 69-82)

O tema relaciona-se nos três autores à operação de enxertia de árvores frutíferas, embora em Virgílio a menção a ele se faça de forma muito breve em comparação com os demais e, no caso de Catão e Varrão, enfatize-se fortemente o modo de proceder a fim de realizar a prática com sucesso.

No caso das *Geórgicas*, destaca-se o uso de recursos formais e de outros tipos pelo poeta a fim de apresentar essa técnica enquanto algo passível de resultar na produção de verdadeiras maravilhas. As próprias combinações de plantas sugeridas pelo autor indicam que não se trata, aqui, de apresentar a realidade rural de forma puramente retratística e, portanto, rigorosamente precisa no que diz respeito à validade dos procedimentos de enxertia descritos. Em comentário aos versos 69-72, um crítico como Ross observou:

*Os enxertos mencionados por Virgílio são: macieira em pereira, ameixeira em cerejeira (32-34); nogueira em medronheiro, macieira em plátano, castanheira em faia, pereira em freixo, carvalho em olmo (69-72). Com exceção, talvez, do primeiro, todos esses enxertos são impossíveis. Sem exceção, nenhum é prático e todos são absurdos.*⁸

Ocorre, com efeito, que o poeta viola a regra de enxertia relativa ao fato de que apenas se podem combinar pela técnica variedades frutíferas proximamente aparentadas.⁹ O próprio Varrão,¹⁰ uma das fontes técnicas mais importantes para Virgílio, avisa o leitor contra a prática indiscriminada de combinação de plantas, o que significa que não se deve interpretar o "erro" de Virgílio simplesmente como resultado de ignorância teórica. A postura da crítica diante do que vemos aqui tem em geral pendido para a consideração da

passagem como indício da intenção do poeta de afastar-se por sua vontade do minimamente concebível, a fim de enfatizar todo o processo descrito em sua face de interferência profunda do agricultor no meio natural. Thomas,¹¹ típico representante dessa postura, interpreta o significado da expressão *miratast* (v. 82) como sinal de que algo fabuloso se deu com a produção dos frutos de enxertia: segundo suas palavras, o verbo *mirari* com frequência se liga na poesia latina à apresentação de prodígios do tipo da metamorfose de Cila.

Avisados, pois, contra os perigos da crença indiscriminada na veracidade das informações oferecidas por Virgílio, deslocamos nossa atenção para a construção poética da passagem, certamente posta em destaque em detrimento de qualquer espécie de rigor técnico. No verso 73, em que se observa o início da descrição da técnica de enxertia, há apenas duas sinalefas e cesura heptemítere:

*Nēc módús/ ìnséré/re_ätque_ócú/lös// ìm/pönéré /simplëx.*¹²

"Dous modos há de enxerto: um garfa; outro inocula."¹³ 89

Parece-nos bastante sugestivo que se verifiquem tais sinalefas e uma cesura métrica posicionada o mais distante possível do início num verso em que a idéia de "enxertar" se faz fortemente presente (inclusive com o surgimento do verbo latino *inserere*, que traduz essa palavra portuguesa): tem-se aqui, julgamos, a recuperação no plano rítmico da noção de prolongamento que se vincula no plano das idéias à técnica de cultivo a que nos referimos; afinal, ao enxertar, "prolongamos" a árvore para onde se traz o ramo de uma outra através da junção correta de ambos...

Logo abaixo, nos versos 74-75, vemos a disposição de dois verbos de movimento (*trudunt* - "impelem", v. 74; *rumpunt* - "rompem", v. 75) em meio a dois sintagmas nominais distintos [*se medio... de cortice* - "se (pronome reflexivo) do meio... da casca", v. 74; *tenuis...tunicas* - "tênues... túnicas", v. 75] sugerir a seu modo o próprio fenômeno físico a que se faz menção: trata-se, evidentemente, do *rompimento* da casca e do envoltório fino das árvores pelo brotamento de botões germinativos. Desse modo, a "quebra" dos sintagmas por dois verbos diretamente relacionados em seus sentidos ao "empurrar" para

sair e à conseqüente ruptura pode ser considerada uma imagem concreta na materialidade da linguagem para a idéia veiculada por seu intermédio.

Por fim, nos versos 80-81, que se devem considerar conjuntamente, observamos mais uma vez o emprego de recursos rítmicos para a expressão reforçada de conteúdos semânticos:

Plāntae_īm/müttiün/tür: nēc/ lōngūm/ tēmpūs, ét/ īngēns 80
*ēxítt/ ād caē/lūm rā/mīs fē/licībūs/ ārbōs,*¹⁴

"(...); um gomo que se arranca 93
 d'outra árvora diversa, é nela introduzido;
 o lentor do entrecasco o amoja; ei-lo crecido."¹⁵

No par transcrito acima, parece-nos sintomático que quase todos os pés sejam espondeus (exceto o quinto de dois hexâmetros datílicos e o primeiro do verso 81) num contexto em que, novamente, fala-se de crescimento ou dilatação: nesse caso, o andamento regular dos versos poderia repor no plano sonoro o processo de crescer, considerado naquilo que tem de contínuo. Por outro lado, ocorre *enjambement* entre eles, com o adjetivo *ingens* ("enorme") do verso 80 referindo-se à palavra *arbos* ("árvore") do final de 81; assim a idéia de "distender" é enfatizada através de uma pausa longa entre o termo determinante e o determinado:

plāntae immittuntur: nec longum tempus, et ingens 80
exiit ad caelum ramis felicibus arbos

As passagens varronianas, por sua vez, apresentam as características esperadas para um texto em que não se faz presente a poesia, mas, de acordo com a tipologia genérica estabelecida entre os antigos, presta-se, enquanto diálogo, à exposição teórica de conteúdos de teor agrário. Assim, logo no início de I XL 5-6, o autor estabelece quais serão os subtópicos de que vai ocupar-se em matéria de enxertia. São eles: entre quais árvores empregar a técnica, quando e como proceder ao fazê-lo. É importante dizer que o próprio

item da enxertia (*quartum genus seminis* - "quarto meio de propagação") já corresponde a uma especialização de um tópico anterior introduzido a partir do final de I XXXIX e que se vincula justamente à apresentação dos tipos de reprodução vegetal disponíveis ao agricultor. Dessa maneira, surpreendemos na passagem indícios de duas divisões sucessivas da matéria da reprodução das plantas, de maneira que, após a primeira delas, o tópico relativo à técnica de nosso interesse ainda se ramifica em mais três, a que se dá a seu tempo o desenvolvimento mais detido ao longo dos trechos aqui considerados.

Com efeito, em I XL 5-6, o autor ocupa-se principalmente de discriminar combinações mais (macieiras e pereiras, pereiras comuns e pereiras comuns) ou menos (macieiras e carvalhos, pereiras comuns e pereiras silvestres) bem sucedidas entre árvores e a comentar assuntos relativos aos tipos vegetais, até o trecho em que passa a explicar uma das técnicas de enxertia, a qual se dá pela união de ramos pertencentes a plantas distintas e que possam tocar-se.

Em seguida, a passagem I XLI 1-3 trata da questão da época adequada à realização da operação para, depois, enumerar certos cuidados miúdos que devem ser tomados com os ramos a serem submetidos a ela: assim, como o período ideal para enxertar ocorre no auge do verão, deve-se evitar, por exemplo, que os muito tenros se dessequem fazendo a água gotejar aos poucos sobre eles. Quanto aos ramos naturalmente "secos" da macieira e da figueira, é melhor enxertá-los sem demora para que a pouca umidade que contêm não se esvaia...

A leitura da passagem revela que o autor não esgota o tema, restringindo-se, por sinal, a apresentar com maiores detalhes uma única técnica de enxertia ao final de I XL 5-6. De qualquer modo, ele desenvolve os três subtópicos que se propôs tratar ao introduzir esse tema e, em I XLI, multiplica detalhes concernentes a ele de um modo ou outro.

Um outro ponto de importância para a compreensão da dicção técnica de Varrão diz respeito a um traço de linguagem a que chamaremos de "polidez" comunicativa: no diálogo de que nos ocupamos presentemente, ocorre a transmissão dos conteúdos técnicos através da representação de situações de conversa entre amigos, de modo que as personagens que delas participam, conforme seus interesses, experiências e conhecimentos no tocante às práticas agrárias, são os porta-vozes das informações oferecidas pelo autor. Ora, ocorre, então, que o texto não poderia estruturar-se simplesmente como sucessão de "comandos" de

ação secamente oferecidos, à maneira do que encontraríamos em obras estruturadas de acordo com a estrutura de um "receituário".¹⁶ Assim, pois, explica-se a presença no texto de pequenas digressões, comentários e explicações para os motivos pelos quais se recomendam as práticas da maneira preceituada:

*Ne extrinsecus imbres noceant aut nimius calor, argilla oblinendum ac libro obligandum. Itaque uitem triduo antequam inserant desecant, ut qui in ea nimius est umor defluat, antequam inseratur;*¹⁷

"Para que as chuvas ou o calor excessivo não danifiquem por fora, deve-se besuntar com argila e atar com casca. Assim, cortam a videira três dias antes de enxertar para que sua umidade excessiva saia antes disso;"¹⁸

Além disso, traço lingüístico indicador desse fenômeno, é curioso notar que em geral se evita, nas falas de tais personagens, o emprego de imperativos para transmissão dos preceitos: evidentemente, uma vez que apenas contam o que sabem sobre as práticas agrárias, cabe melhor ao contexto o uso de formas verbais menos carregadas de sentidos de "imposição" de pontos de vista. No excerto acima, por exemplo, vemos que o autor apresenta as práticas antes como quem aconselha a respeito do mais conveniente e proveitoso do que como quem se impõe pela autoridade demasiada.

Passando agora ao comentário dos trechos catonianos em que se trata do mesmo tema (XL 1-4/ XLI 1-4/ XLII), nota-se uma significativa diferença no modo de estruturar o texto e preceituar em relação ao que havia em Varrão e, especialmente, em Virgílio. De início, mesmo uma leitura superficial já basta para fazer entender que Catão privilegia como objetivo a transmissão sem rodeios da informação técnica: é decerto esse o fator central para que se produza em sua escritura o traço tão comumente associável ao autor e que diz respeito à "pobreza" de composição.¹⁹

Formalmente, destaca-se na estruturação do texto que se nos mostra a forte presença da preceituação ocorrida através do acúmulo de imperativos futuros; por vezes, esse recurso cede lugar ao emprego do subjuntivo jussivo ou de verbos impessoais semanticamente

carregados de sentidos de conveniência e dever, sem, contudo, que a preponderância quantitativa da primeira construção mencionada seja afetada.

Além disso, contribui para a impressão de imediatez comunicativa o fato de que a maioria das frases do autor seja breve, sem muito espaço para comentários ou desenvolvimentos alheios à transmissão mínima dos comandos que se deseja dar (*sumito tibi surculum durum, eum praeacuito, salicem Graecam discindito* - "toma um ramo rijo e afila-o na ponta; trunca o salgueiro grego"²⁰). Por outro lado, a sintaxe simples, com várias orações independentes justapostas (*salicem Graecam amplius circumligato, luto depsto stirpem oblinito digitos crassum tres* - "em volta, prende mais com o salgueiro grego e besunta o galho com a pasta na espessura de três dedos"²¹) e a reiteração freqüente de estruturas semelhantes (*ficis, oleas, mala, pira, uites/ oleas, ficis, pira, mala/ sumito tibi/ capito tibi/ postea capito tibi/ quod genus insere uoles/ quem insere uoles/ medullam cum medulla/ medullam cum medulla...*) ou dos mesmos itens vocabulares (*postea, postea/ surculum, surculum, surculum.../ ex arbore, ex arbore, ex arbore...*) faz com que se tenha no contato com a obra a impressão de que, de fato, não se pretendeu elaborá-la textualmente além do mínimo necessário à funcionalidade técnica.

Nesse último ponto, é importante ressaltar que as informações técnicas transmitidas pelo autor a respeito da operação de enxertia em XL e XLI são as mais detalhadas e precisas dentre todas as oferecidas pelos três "agrônomos" tomados como tema de nosso estudo: nem mesmo Varrão, autor decerto preocupado em preceituar com eficácia, desenvolveu o tema com cuidado semelhante em I XL e I XLI, conforme se pode depreender da leitura comparativa de ambos. De fato, o próprio número de etapas mencionadas num e noutro caso para o procedimento, superior em Catão, permite afirmá-lo.

Dessa maneira, Virgílio optou por privilegiar a poeticidade e, assim, adotar sobretudo a riqueza de expressão; Varrão, por organizar com certo grau de cautela informações que se configuram enquanto apresentação referencial da técnica; Catão, por tão somente preceituar de maneira direta.

3) Tema da construção da eira de debulhar cereais (Varrão, *De re rustica* I LI 1-2; Catão, *De agri cultura* CXXIX; Virgílio, *Geórgicas* I 176-186)

Os três trechos extraídos dos autores para análise abordam, aqui, a questão da correta construção da eira, espaço destinado nos *fundi* romanos a servir como local de debulha dos grãos após a colheita. Uma vez que a eira se presta a receber os grãos, que ficam depositados nela por algum tempo até que sejam despegados totalmente das espigas por ação mecânica de homens ou animais, importa aos autores de textos antigos sobre técnicas agrárias dizer quais são as características que se deve esperar da que seja bem construída: após o longo e penoso trabalho de plantio e colheita, seria inconsequente descuidar do que é feito dos frutos da terra nas etapas finais de seu beneficiamento. Afinal, sabemos que, sob determinadas condições, aquilo que se colhe pode perder-se com extrema facilidade, tornado alvo do ataque de agentes naturais os mais variados.

A observação da passagem em Virgílio tem dado margem a discussões importantes a respeito de certos temas recorrentes nas *Geórgicas*.²² De fato, trata-se de um trecho em que se busca evitar que as sombrias ameaças representadas por forças naturais descontroladas venham a abalar o equilíbrio conquistado a alto custo para o agricultor e para a própria terra: tem-se aqui a forte impressão de que o *labor* identificado com a faina rural é *improbis*²³ no sentido de que, incessante, não permite jamais uma pausa nos cuidados e afazeres. A análise formal e conteudística desses versos deverá bastar, esperamos, para a demonstração de que essa etapa da lida agrária também é uma luta.

Em 176-177, parece curioso que Virgílio, como *magister* didático de técnicas agrárias, introduza o tópico da construção da eira como se se desculpassem por abordar uma questão banal (haveria alguma possibilidade de entediar ou desagradar o leitor, baixando ao tratamento de um tema tão específico e sem grandes atrativos para a imaginação?): afinal, como explicamos acima, esse tópico de "engenharia" decerto importaria para os que se preocupassem em bem aproveitar os frutos da colheita. Consideramos essa hesitação do *magister* como um indício importante da ficcionalidade da obra, ou seja, do fato de que a relação de ensino-aprendizado que se estabelece pela dinâmica de constituição significativa do poema didático em questão não deve ser interpretada como correspondente de um processo em que, de fato, se tente ensinar a quem lê para que se oriente e ponha em

prática os conhecimentos adquiridos. Em outras palavras, a riqueza compositiva do poema do ponto de vista artístico (bastando dizer a esse respeito que se trata para muitos da obra poética mais impecavelmente acabada de toda a literatura latina),²⁴ em contraste com fatores do tipo da seletividade dos conteúdos abordados e da concisão extrema com que isso muitas vezes se dá, revela a presença das preocupações de ordem estética enquanto linha de força central de sua composição. Portanto, o "pudor" de Virgílio em explicar a construção de uma eira explica-se pelo fato de que, além das aparências mais superficiais, o público romano culto que o leu não era provavelmente interessado em aprender para a *prática* agrícola, mas sim atento à habilidade com que o poeta deu expressão a temas, por vezes, prosaicos para sua sensibilidade.

Apesar desse "desmascaramento" momentâneo da verdadeira condição do *magister* e de seus *discipuli*, a partir do verso 178 o pudor parece ultrapassado pela "negociação" entre ambos (e pelo bem da manutenção da ilusão ficcional), e tem início a descrição sumária das operações necessárias à construção de uma boa eira. Pode-se dizer que as direções de construção são oferecidas, a rigor, em dois versos (178-179), sem espaço para detalhamento algum: elas se condensam ao redor de três gerundivos de verbos de ação (*aequanda* - "deve ser nivelada", v. 178; *uertenda* - "deve ser lavrada", v. 179; *solidanda* - "deve ser compactada", v. 179), dispostos, no caso dos dois últimos, sob a forma de um quiasmo (*ingenti aequanda cylindro* - "nivelada com um cilindro enorme", v. 178, *creta solidanda tenaci* - "compactada com greda tenaz", v. 179) situado ao final de cada um dos versos citados.

A partir do verso 180, Virgílio passa a expor os motivos pelos quais recomendou as etapas acima: trata-se de uma precaução para evitar o que chama de *pestes* ("pestes", v. 181) ou *monstra* ("monstros", v. 185). Referimo-nos a agentes nocivos do tipo das ervas daninhas, do pó, dos ratos, das toupeiras, dos sapos, dos gorgulhos e das formigas. Parece significativo que, a partir do verso 181, produzam-se dois efeitos de sentido direcionados pela disposição das palavras (os nomes dos pequenos animais que podem danificar o grão) e têm relação, por um lado, com o fato de que, vinculando-se tais nomes a seres de hábito subterrâneo (caso dos ratos, toupeiras, sapos e formigas) ou dados a esconder-se (gorgulhos), situem-se *abaixo* do que interpretamos como uma linha de superfície iconicamente recriada (o verso 180, em que se fala de fenômenos passíveis de ocorrer *na*

superfície do solo da eira, o que vale dizer, do crescimento de ervas daninhas e das rachaduras provocadas pelo pó). Por outro, a enumeração seguida desses animais (de forma que nenhum dos versos do intervalo 181-186 é alheio, quando não à sua menção, ao menos ao tratamento de pontos a eles concernentes) produz efeito de proliferação pela própria listagem dos nomes e pela diversidade de tipos a que remetem. Após essa leitura, dispomos de elementos que nos permitem pensar em dois fatores relacionados ao tipo de ameaça que paira sobre os *agricolae* das *Geórgicas* nesta passagem: em primeiro lugar, o perigo, por vezes insinuando-se sorrateiramente por debaixo da terra, recomenda cautela na adoção de medidas preventivas; afinal, contra inimigos que não se vêem, parece não haver outra retaguarda a não ser o preparo para o caso de que venham a fazer o mal. Além disso, reforça-se a idéia da necessidade de adoção dos preceitos do *magister* diante das múltiplas direções de que pode sobrevir o ataque, identificadas, obviamente, com cada um dos agentes de destruição atuantes por debaixo ou por cima do solo.

O verso 181 apresenta um efeito semântico de grande rendimento no contexto:

tum uariae inludunt pestes: saepe exiguus mus

"então várias pestes prejudicam: com freqüência, um pequeno rato"²⁵

O monossílabo *mus*, como se nota, encerra inusualmente o verso, já que, de acordo com os usos da métrica latina, evita-se finalizar um hexâmetro desse modo. É curioso notar que o determinante de *mus* (*exiguus* - "pequeno") como que ressalta a anormalidade da ocorrência ao indicar exatamente aquilo que o animal em questão é no tocante ao tamanho e que se apresenta como tal diante de nossos olhos e ouvidos.²⁶ Essa pequenez, no entanto, não deve enganar-nos: como já dissemos, o rato também é uma *pestis* capaz de dar cabo da colheita e, portanto, potencialmente ameaçador. Desse modo, majestosos (tempestades, vendavais, incêndios...)²⁷ ou aparentemente mesquinhos (ratos, toupeiras, formigas...), os inimigos não devem ser subestimados pelo bom lavrador...

Em Varrão, tem-se a descrição mais completa dentre aquelas oferecidas pelos autores considerados neste estudo: discrimina-se aqui a localização da eira no campo, o tamanho mais conveniente para ela (proporcional ao da lavoura) e a forma adequada

(redonda e abaulada do centro para as bordas, a fim de evitar acúmulo de águas pluviais junto aos grãos). Também existe a possibilidade, como entre os vagienos, antigo povo da Ligúria, de que seja coberta como precaução contra as chuvas excessivas que, explica-nos Varrão, assolam aquela região na época da debulha.²⁸

Além dessas características, o autor oferece informações relacionadas ao modo de construção no local, indicando que deve ser feita de terra pisada, regada com *amurca*²⁹ e, eventualmente, pavimentada com pedras ou pedregulhos batidos. Como em Virgílio, os motivos que justificam essas precauções especiais ao construir têm relação com a necessidade de evitar que a eira se preste a acolher agentes nocivos aos frutos, a exemplo dos ratos, formigas, ervas daninhas e toupeiras.

Diversamente dos versos de Virgílio analisados há pouco, a descrição de Varrão, sem enfatizar tanto a ameaça representada pelos animais e pelas ervas, destaca-se pela cobertura até certo ponto abrangente dos aspectos técnicos da construção (inclusive, ao contrário do que tínhamos em Virgílio, abordando o tópico do aspecto ou conformação do objeto descrito). Dessa maneira, o autor faz da passagem uma oportunidade para apresentar com clareza o item tratado em sua feitura ou aparência.

Em conformidade com certas características já mencionadas anteriormente como associáveis à sua forma de composição, nota-se que o autor, sem esmerar-se a ponto de obter grandes realizações artísticas, escreve em prosa clara, em que se nota a presença usual de construções conjuncionais variadas a favorecer o estabelecimento de vínculos explícitos entre os componentes sintáticos e a difusão de explicações que justificam os direcionamentos de ação recomendados (*solida terra pauita, maxime si est argilla, ne aestu peminosa si sit, in rimis eius grana oblitescant et recipiant aquam et ostia aperiant muribus ac formicis* - "que se faça com terra sólida pisada, especialmente se é argilosa, para que, se rachar no verão, os grãos não se ocultem em suas fendas, recebam água e abram passagem aos ratos e formigas"³⁰). Ainda, quanto à sintaxe, contribui para a coesão e fluência do texto ao empregar conectivos que de algum modo relacionam os períodos entre si (*itaque, non nulli etiam* - "e assim", "alguns também"...).

Por outro lado, o autor, inserindo como sempre esses ensinamentos na fala de uma personagem em interação informal com amigos, apresenta-os mais como quem contasse do que como quem preceituasse para a ação imediata dos ouvintes. Como exemplo desse

mecanismo, citemos a já mencionada ausência de imperativos na preceituação e a apresentação de certos pontos à maneira de algo surgido livremente no fluxo da fala, em forma de comentário um tanto paralelo aos pontos centrais (*non nulli etiam tegunt areas, ut in Bagiennis, quod ibi saepe id temporis anni oriuntur nimbi* - "alguns também cobrem as eiras, como os vagienos, pois entre eles com freqüência ocorrem tempestades nessa época do ano"³¹).

Catão, por sua vez, dedicou a pequena passagem citada ao tema, em que não se pode notar nada além da rude preceituação, despida de maiores atrativos. Decerto se faz presente aqui a estruturação textual nos moldes do que chamamos acima de "receituário",³² com o mero acúmulo de verbos no imperativo futuro ou de subjuntivos jussivos, a construção de frases breves e pouco complexas, destinadas apenas a passar comandos aos interessados em agir, e grande concisão comunicativa.

Apesar dessa simplicidade extrema, a passagem parece mais precisa nas indicações técnicas oferecidas do que o trecho correspondente de Virgílio: em vez dos três gerúndios presentes na obra do poeta, a ação aqui é indicada em ordem cronológica de execução por cinco verbos, por vezes refinados em seus sentidos através da presença de advérbios como *minute, bene, quam plurimum* ("miudamente", "bem", "o mais possível"...).

Quanto aos *monstra* de Virgílio, apenas se mencionam aqui como correspondentes a tal ameaça as chuvas, causadoras do surgimento de lodo, e as formigas. Nesse ponto, então, o autor preferiu sobretudo indicar como proceder para que não houvesse danos do que reforçar por detalhamento e vivacidade a presença do mal.

4) Tema do pastoreio das ovelhas (Varrão, *De re rustica* II II 10-11; Virgílio, *Geórgicas* III 322-338)

Esse tema se vincula à organização diária da rotina do pastor e de suas ovelhas: em que hora sair para o pastoreio no inverno ou no verão? Em que hora conduzir os animais à bebida? Em que hora retornar para o abrigo ao fim do dia? É interessante notar que, enquanto tema tipicamente associável ao tipo de atividade humana retratado no gênero

bucólico da literatura greco-latina, ele permite que se façam presentes na passagem poética de nosso interesse certas reminiscências dessa tradição artística.

Assim, o verso 330, cuidadosamente balanceado em termos da disposição das palavras³³ e posto no meio exato da seqüência aqui considerada (posterior ao intervalo 322-329 e anterior ao intervalo 331-338), indica, segundo Mynors, uma espécie de marco divisório na rotina dos pastores da poesia bucólica:

*Essa condução para a água é um símbolo da rotina pastoril em "Éclogas" V
24-25. É a pontuação do dia do pastor.*³⁴

Por outro lado, o intervalo correspondente a 331-334 representa o lapso temporal em que as ovelhas, delicadas demais para se exporem às inclemências do meio-dia, repousam calmamente em local sombreado. Significativamente, portanto, há na idéia do *ocultar-se* dos raios do sol um dos pontos mais importantes para a constituição do trecho, quer o refúgio corresponda a um vale sombreado (v. 331), aos ramos de um carvalho (v. 332-333) ou à penumbra sagrada de um bosque de azinheiras (v. 334). Ora, observando a disposição das palavras nos quatro versos do trecho, nota-se que em todos eles existe algum sintagma "truncado" pela presença de algo que se interpõe (*umbrosam mediam uallem* - "no meio de um vale sombreado", v. 331/ *magna Iouis antiquo robore quercus* - "um grande carvalho de Júpiter com o tronco antigo", v. 332/ *ingentis tendat ramos* - "estenda os ramos enormes", v. 333/ *sacra nemus accubet umbra* - "uma sombra sagrada ponha-se junto ao bosque", v. 334), numa provável tentativa de reprodução imagética ou sonora do gesto de ocultamento dos animais em meio ao que os acolhe.

Entre os versos 325 e 335, observa-se a ocorrência de um curioso efeito de simetria:

*cärpä/müs, // düm/ mäné nó/uüm, // düm/ grämíná/ cänënt*³⁵ 325

"Sus! para o campo fresco! aproveitar, pastores, 475
o aljôfar da manhã que alveja nos verdores;"³⁶

*tüim ténú/is// dáré/ rürsús á/quäs// ët/ päscéré/ rürsús*³⁷ 335

"Depois tornar ainda ao claro bebedouro
e repastar de novo (...)"³⁸ 490

É importante dizer que, enquanto o primeiro deles corresponde ao quarto verso na contagem de cima para baixo no intervalo 322-338, o segundo corresponde ao quarto na contagem em sentido inverso. Como se nota, em ambos se tem a repetição de uma dada expressão (*dum* - "enquanto", v. 325; *rursus* - "novamente", v. 335), indicadora de sua articulação em dois segmentos complementares. Se considerarmos esses segmentos de modo que contenham sempre três palavras, notaremos que, em 325, o primeiro deles terá início a partir do quarto meio-pé e o segundo a partir do oitavo; *mutatis mutandis*, o primeiro de 335 na condição aqui estabelecida também poderá ter início a partir do quarto meio-pé (com *dare*) e o segundo também a partir do oitavo. Parece reforçar a idéia de que se buscou um efeito calculado de simetria o fato de que o verso imediatamente anterior a 325 contenha uma menção à estrela da manhã (*Luciferi sidere*) e de que o imediatamente posterior a 335 contenha nada menos do que a menção ao mesmo astro (sempre o planeta Vênus) sob a denominação de *Vesper*, ou estrela da tarde. Em ambos os casos, as menções ocorrem com função de marcador temporal, indicando respectivamente os momentos de início e término do dia pastoril.

Por fim, como último elemento sinalizador em nossa análise da riqueza de composição dessa passagem das *Geórgicas*, parece interessante mencionar a observação de Mynors³⁹ a respeito da convencionalidade literária da imagem do canto das cigarras para indicar o calor extremo: segundo o crítico, ela é tão proverbialmente antiga quanto os versos 582-583 da terceira parte d'*Os trabalhos e os dias* de Hesíodo. Isso significa que o poeta, consciente do poder de semelhantes reverberações de linguagem, nutre-se de uma fonte grega fundamental ao tema da vida rural, enraizando-se, assim, numa tradição de autores vinculados a uma herança comum.

Em Varrão, encontram-se vários pontos compatíveis com a passagem de Virgílio comentada acima, o que indica aqui a provável adoção desse "agrônomo" pelo poeta como fonte de referenciais técnicos. Assim, em ambos convém oferecer a erva ainda orvalhada

aos animais, fazê-los repousar na sombra ao meio-dia e apascentar de novo ao cair da tarde. Diversamente de Virgílio, porém, que trata da rotina pastoril apenas no verão, Varrão oferece depois os preceitos convenientes à primavera e ao inverno, em que se verificam alterações em relação às demais épocas do ano: não convém, por exemplo, que as ovelhas pastem a erva ainda orvalhada neste último caso.

No tocante ao léxico, parece-nos significativo que Varrão, ao referir-se às horas do dia ou à posição do rebanho que pasta em relação ao céu, caracterize-se por uma certa monotonia e prosaísmo de expressão: ao dizer *sole exorto* ("ao nascer do sol"), *ad solis occasum* ("até o pôr do sol") e *auerso sole* ("opondo-se o sol"), o autor, como se nota, não só repete o nome do sol por três vezes como também desiste de conferir a seu texto o enriquecimento propiciado pela variação. Comparando-o com Virgílio, vê-se que, enquanto o poeta matiza os sentidos ao falar em "Lúcifer" e "Vésper" (nomes que se vinculam à designação do mesmo astro, como dissemos), o texto do diálogo prefere tão somente manter-se fiel à clara indicação de objetos, sem elaboração alguma. Por outro lado, além da reiteração lexical, contribui para conferir à dicção varroniana um certo desgaste o fato de que o sol, astro principal do firmamento e que se faz sentir com efeitos mais intensos do que quaisquer estrelas, é um ponto de referência banal para a indicação das horas.

Além disso, a natureza presente na descrição de Varrão parece bem menos onírica: próximo ao calor do meio-dia, suas ovelhas não bebem numa fonte cujas características remetem ao idealismo bucólico, mas apenas se protegem do sol na penumbra. Também não há aqui a ponta de religiosidade presente na passagem de Virgílio (III 334), em que o rebanho é acolhido pela sombra *sagrada* dum bosque de azinheiras.

Em que pese ao maior despojamento da linguagem, Varrão destaca-se por oferecer preceitos de forma mais minuciosa, não se furtando, entre outros fatores, a avisar como "veterinário" contra os riscos da exposição frontal do rebanho ao sol, a diferenciar com cautela a rotina pastoril de acordo com as estações e a explicar os benefícios do pastoreio realizado nas searas.

Por fim, de acordo com seu procedimento de expor mimetizando os comentários de amigos em interação verbal, nosso autor evita também aqui o uso de um recurso de expressão como os imperativos de comando (totalmente ausentes da passagem), desenvolve até certo grau os pontos principais do que aconselha (sob a forma, no nível sintático, de

modestos desdobramentos relativos à coordenação ou à subordinação - *sole exorto potum propellunt, ut redintegrantes rursus ad pastum alacriores faciant* - "impelem para a água ao nascer do sol para que, ao retornarem de novo ao pasto, deixem-nos mais contentes") e reitera coesivamente o dito, contribuindo assim para a fluidez e melhor palatabilidade do texto.

5) Tema da proteção do gado bovino contra os tavões (Varrão, *De re rustica* II V 14; Virgílio, *Geórgicas* III 143-156)

Este tópico diz respeito a um dos cuidados necessários no tratamento do gado bovino (vacas prenhes), uma vez que, caso não se tomem certas medidas, corre-se o risco de expor os animais a danos provocados por insetos do tipo dos tavões ou moscardos. Ambos os autores, como se verá, recomendam basicamente como precaução que se cuide de manter o gado em local com condições apropriadas, pois, ao que tudo indica, a combinação do calor com a umidade favorece o ataque dos insetos.

De início, já se pode dizer que a passagem virgiliana, longe de privilegiar o aconselhamento preciso de seus leitores, faz do tema em questão um mero pretexto para desenvolver-se em outras direções. Na verdade, pode-se afirmar que apenas os três últimos versos da sequência (154-156) mantêm vínculos reais com a prática da preceituação: neles, conforme dissemos acima, recomenda-se o pastoreio dos animais exclusivamente nas horas do dia em que o sol não os castigue e favoreça, assim, a presença dos insetos (ao alvorecer e ao cair da tarde).

Anteriormente, nos intervalos de 143-145 e 146-153, tem-se em primeiro lugar a descrição do local ideal em que os animais devem pastar (num bosque, às margens verdejantes dum rio e onde haja sombra de grutas) e, em seguida, a apresentação elaborada dos insetos. No primeiro caso, parece-nos importante mencionar a semelhança do ambiente de pastoreio do gado com o *locus amoenus* literário: como a leitura do trecho permite observar, também aqui não falta a bem conhecida combinação num único espaço de elementos como a água e o "tapete" fresco de ervas e musgo.

Quanto ao segundo segmento, pode-se dividi-lo em duas partes, relativas, respectivamente (v. 146-151, v. 152-153), à menção inicial à praga dos tavões (ocorrida pelo entremeio de associações entre tais insetos e localidades geográficas da Itália meridional) e à breve lembrança do mito de Io, outrora metamorfoseada em novilha por Juno.

No tocante à menção da região geográfica em questão, parece-nos importante mencionar que a presença conjunta na passagem de dois nomes próprios (*lucos Silari* - "bosques do Sílari", v. 146, *Alburnum* - "Alburno", v. 147), bem como de uma pequena "descrição" física desse ambiente, contribui para conferir a ela certo tom de "cor local", favorável a seu modo ao estímulo da imaginação do público.

Quanto ao mito de Io, deve-se dizer que, estabelecendo-o no mesmo nível de credibilidade das demais informações que oferece, o *magister* didático caracteriza sua dicção enquanto algo pertencente ao campo da poesia: afinal, apenas assim se pode compreender que um evento tão fantasioso (a metamorfose de uma princesa em novilha!) seja apresentado pura e simplesmente como algo ocorrido no passado e que se recorda aos leitores (*hoc quondam monstro...* - "outrora com este monstro...", v. 152).

Há ainda que se referir, por fim, a musicalidade do verso 149, em que, ao descrever-se o ruído desagradável produzido pelos insetos, verifica-se reiteração por seis vezes de sons sibilantes:

asper, acerba sonans, quo tota exterrita siluis

"Áspero, soando rudemente, de que espantado nas matas todo"⁴⁰

Em Varrão, em que a menção ao tópico é brevíssima (a rigor, restrita a uma única linha, inserida em meio a preceitos de outro tipo), nada há, como se vê, que se alheie ao estritamente técnico: claro e mais cuidadoso com a expressão do que um Catão, o autor apenas enumera aqui os cuidados referentes à saúde e bem estar das vacas prenhes.

6) Tema do cultivo do parreiral (Varrão, *De re rustica* I XXV/ I XXVI/ I XXXI 1-4; Catão, *De agri cultura* XXXIII 1-4; Virgílio, *Geórgicas* II 259-419)

A importância desse tópico, considerando a presença marcante do vinho na vida cotidiana e na economia antiga, justifica o espaço dedicado por autores como Varrão e Virgílio às técnicas de plantio do parreiral (de modo a abordá-las ao longo de pelo menos três capítulos do *De re rustica* e de nada menos do que 161 versos das *Geórgicas*). Quanto a Catão, embora o único capítulo de sua obra agrária vinculado especificamente a esse tipo de plantio e escolhido para a presente análise corresponda à passagem que aqui citamos, há que se ressaltar a existência, ao longo do *De agri cultura*, de vários outros trechos ou capítulos em que o autor trata de questões diretamente relacionadas a ele: assim, em XI, tem-se uma detalhada listagem dos equipamentos necessários à formação de um vinhedo de cem jeiras; em XXIII, o oferecimento de preceitos relativos à época da vindima; em CIX, uma receita para suavizar o vinho ácido...

Ainda que extensa e dedicada à abordagem sucessiva das muitas etapas concernentes à viticultura, a longa passagem virgiliana caracteriza-se sobretudo, como temos em geral ressaltado ao tratar do modo de composição praticado pelo poeta, pela vivacidade e beleza expressivas obtidas através do uso da forma poética e do enriquecimento do texto por fatores de outras ordens (personificações da natureza - da própria videira nesse contexto -, emprego bem dosado do mito, entremeio de "digressões" que se prestam a suavizar a aridez de exposição de certos conteúdos...). Portanto, ao longo da análise que se seguirá, procederemos ao tratamento progressivo dos versos da passagem a fim de demonstrar os motivos pelos quais ela se constitui, nos termos do que dissemos há pouco, em algo tão radicalmente distinto da natureza dos trechos afins de Catão e Varrão, autores mais próximos entre si em seus objetivos e maneiras de conceber o texto de teor informativo do que da extrema sofisticação encontrada nas *Geórgicas*.

Logo no início da passagem, em que se recomendam certos cuidados prévios de preparo do solo para o plantio, parece-nos que a estruturação formal dos versos permite a intensificação dos sentidos por reiteração em outros níveis compositivos:

his animaduersis terram multo ante memento

excoquere et magnos scrobibus concidere montis 260
ante supinatas Aquiloni ostendere glaebas
quam laetum infodias uitis genus. optima putri
arua solo: id uenti curant gelidaeque pruinae
et labefacta mouens robustus iugera fossor.

"Sabido bem tudo isto, agora outra advertência: 305
 cumpre a terra cozer com grande antecedência:
 dar cava funda ao monte, e a leiva que arrancares
 revirá-la de avesso aos aquilônios ares,
 antes de abacelar cepas de casta fina.
 Torrão que se desfaz para o vidonho é mina. 310
 Assim tudo te ajuda a alegre bacelada:
 os braços dos cavões, os ventos e a geada."⁴¹

Assim, a partir do verso 260 até o verso 262, em que a idéia do trabalho do solo surge associada à fragmentação do terreno, nota-se a presença de três sintagmas "fragmentados" pela interposição de algo estranho à sua estrutura (*magnos... montes* - "grandes... montes", v. 260; *supinatas... glaebas* - "reviradas... leivas"; v. 261, *laetum... genus* - "alegre... raça", v. 262). No verso 264, por sua vez, em que a idéia de remexer o solo ao lavrar se faz presente, notamos o "embaralhamento" da sintaxe, com intercalação de duas palavras entre *labefacta... iugera* ("lavradas... jeiras") e de outra entre *robustus... fossor* ("robusto... lavrador"). Deve-se observar, nesse caso, que a "confusão" chega ao ponto de fazer com que uma palavra do primeiro sintagma citado (*iugera*) venha pôr-se entre as palavras do segundo:

et labefacta mouens [robustus iugera fossor].

No intervalo referente a 274-277, nota-se um outro efeito, passível de produzir-se através da consideração da extensão oracional. Esse intervalo, é bom lembrar, trata justamente do tópico da disposição das videiras em terrenos menos (274-275) ou mais

(276-277) acidentados, de maneira que se aconselha plantá-las de forma mais concentrada no primeiro caso e menos no segundo:

(...). *si pinguis agros metabere campi,*
densa sere (in denso non segnior ubere Bacchus); 275
sin tumulis accliue solum collisque supinos,
indulge ordinibus; (...)

"(...). Em campo, e de substância,
basto podes plantar; e aguarda-te abundância.
Em colinas, porém, recostos e ladeiras, 325
fazes muito melhor se alargas, e enfileiras"⁴²

Curiosamente, ao introduzir a oração condicional em 274 para tratar do plantio em campos ricos (onde, segundo seus preceitos, convém *condensar* as videiras pela proximidade), Virgílio *restringe* a prótase a parte do verso em que se encontra. Em contrapartida, ao proceder do mesmo modo em 276 (em que se faz menção ao plantio em terreno acidentado, onde convém *espaçar* as fileiras de cultivo), o poeta *distende* a prótase por toda a extensão do verso.

Pouco abaixo, Virgílio vale-se de um recurso formal que importa para a consideração das *Geórgicas* enquanto texto pertencente ao gênero da poesia didática. Referimo-nos aqui ao símile da frente de batalha ordenada para a luta (279-283). Como se sabe, o símile é uma figura de elocução tipicamente associada à épica,⁴³ funcionando como um dos traços distintivos dessa produção em contraste com as de outros tipos. Isso decerto ajuda a explicar o motivo pelo qual os comentadores antigos, em geral reticentes a respeito das especificidades do que conhecemos modernamente por "poesia didática", com frequência viram na épica o espaço para a correta classificação de obras do tipo das *Geórgicas* e da *Eneida*:⁴⁴ embasados nos traços formais comuns a esses textos (caso dos hexâmetros e do símile), não se preocuparam em analisar a questão sob outros enfoques.

Ocorre, porém, que a observância do funcionamento dos símiles na épica tradicional e num texto como as *Geórgicas* pode revelar-se esclarecedora a respeito de fenômenos que

ocorrem aqui e não na *Eneida* ou na *Iliada*, por exemplo. Naquele contexto, em que a temática se vinculava em geral aos eventos experimentados pelos heróis na guerra, os símiles, que se caracterizam sempre por introduzir a comparação mais ou menos estendida de algo presente num nível representativo com outros elementos estranhos a ele, deveriam conter elementos alheios ao universo bélico ou heróico; surgiam, então, comparações que o aproximavam, por exemplo, de forças da natureza como as tempestades e a fúria dos ventos...

Nas *Geórgicas*, texto que preferimos considerar com os contemporâneos como didático, o uso do símile não se dá da mesma forma. Como usualmente acontece com as obras pertencentes ao gênero em questão, esse poema se organiza para criar a ficção do ensinamento de um tema sistematicamente abordado ao longo de toda sua extensão. Assim, não há, a rigor, espaço para a narrativa de feitos heróicos ao longo de suas páginas, dedicadas ao desenvolvimento de assuntos relacionados às práticas e à vida rurais e ao imaginário que se constituiu ao redor de ambas. Isso significa que, ao se buscar um universo diferente do agrário para o estabelecimento de contraponto nos símiles, o plano da experiência militar, no que puder ter de análogo com a "vida real" nos *fundi*, constitui algo conveniente para a função.

Ora, devemos considerar que, pelas regras da poética clássica, ocupada, como sabemos, em organizar as obras num espectro variável de níveis representativos (dos mais elevados, caso da tragédia e da epopéia, aos mais baixos, caso da comédia e da poesia jâmbica), o plano representacional dos "protagonistas" e "eventos" das *Geórgicas* não corresponde ao ápice da escala: não vemos aqui a atuação de deuses e heróis nos moldes típicos da produção correspondente a esse topo; em vez disso, desdobra-se perante nós o espetáculo da vida diária do trabalho no que possui de maravilhoso ou banal.

Assim, ao aproximar analogicamente pelo uso do símile uma zona menos sublimada da experiência humana (ou natural) de outra a que cabe na tradição clássica grande dignificação, parece-nos que Virgílio por um breve instante infunde em sua obra a aura de nobreza que a caracterizava na origem. O mesmo, pode-se dizer com segurança, não ocorria na épica típica: inabalavelmente seguros em seu posto elevado, os textos pertencentes a essa categoria não necessitavam buscar alhures uma fuga para o risco de queda na

banalização, ocorrendo que, mesmo, permitia-se nesse caso o uso de símiles em si desprovidos de grandiosidade no que continham como imagem.⁴⁵

É importante, aqui, reproduzir as observações de Mynors a respeito da repercussão de Homero e Lucrécio por Virgílio em certa parte do símile considerado:⁴⁶

282-3. *aere renidenti*: o brilho é homérico: *Il.* 20.362 *ge/lasse de/ pa=sa perì\ xJw\ n/ xalkou= u(po\ steroph=j*, *Lucr.* 2.323-6 *fulgor ubi ad caelum se tollit totaque circum/ aere renidescit tellus (...)*.⁴⁷

A proximidade entre as palavras de Virgílio e Lucrécio e a de um antecessor como Homero comprova que, em ambos os casos, os poetas latinos, repercutindo uma tradição antiga e respeitável, buscaram nutrir-se poeticamente da bela imagem do brilho do metal. No caso de Virgílio, essa reminiscência vem favorecer ainda mais a elevação de tom da passagem de que nos ocupamos, enriquecida, como se nota, não só pela dignificação obtida através do conteúdo do símile.

Como último ponto de comentário a esse respeito, julgamos pertinente atentar para a musicalidade dos versos 282-283, em que se têm reiterações fônicas bastante evocativas do nome de Marte (e *armis*!) ao longo do par assim considerado:

*aere renidenti tellus, necdum horrida miscent
proelia, sed dubius mediis Mars errat in armis.*

"(...) o chão todo aos relâmpos
co'os fulgidos metais ao largo em torno esplende. 330
A tuba de investir inda em silêncio pende.
Marte, alma dos heróis, vagueia inda indeciso."⁴⁸

A partir do verso 290, o poeta inicia a menção ao *aesculus* ou "carvalho selvagem", provavelmente movido pelo fato de que, nos parreirais, com alguma frequência, as videiras se sustentam não em pérgulas, mas sobre árvores vivas.⁴⁹ Nessa passagem, destaca-se, por

um lado, o contraste entre a profundidade das raízes da árvore e a altura dos ramos e, por outro, sua nobilitação através de imagens evocativas de longevidade e constância.

Assim, em 291-292, estabelece-se um par antitético possibilitado pelo surgimento, no primeiro verso, da expressão *ad auras* ("aos ares") e, no segundo, de *in Tartara* ("para o Tártaro"), ocorrendo a introdução dos elementos de contraponto através do emprego de *tantum... quantum*. É curioso notar que a comparação de igualdade entre o que o *aesculus* tem de profundo e elevado é reatualizada no nível métrico pela equivalência quase perfeita entre as estruturas de ambos os versos (exceto pelo último pé):

äescúlús/ in pri/mīs, // quäe/ quäntüm/ uërtíce_ád/ äuräs
*äethéri/äs, tän/tüm // rä/dice_in/ Tärtará/ tëndít.*⁵⁰

"(...) o ésculo mormente, 341
 que enterra os pés no Averno, e alteia aos céus a fronte"⁵¹

No que se refere ao que chamamos de nobilitação da planta mencionada, há que se referir a presença da mitologia no v. 292 (através da menção à zona infernal do Tártaro) e a elevação elocutória possibilitada pelo emprego da expressão *ad auras aetherias* ("às auras etéreas"), em que o determinante pertence a um nível expressivo mais distinto em latim por, entre outros motivos, tratar-se de uma palavra não tão desgastada no uso e importada do grego. Além disso, contribuem para conferir à passagem forte tom de perenidade as expressões relativas à passagem do tempo, todas elas evocativas de lapsos consideráveis pela própria imutabilidade dos processos referidos, sejam eles a chegada das estações (*ergo non hiemes illam...* - "então os invernos não o...", v. 293) ou o suceder das gerações (*immota manet multosque nepotes* - "permanece imóvel e muitos descendentes", v. 294) e dos séculos (*multa uirum uolens durando saecula uincit* - "muitos séculos dos homens vence naturalmente resistindo", v. 295).

Por último, destaca-se no trecho relativo a 293-297 a marcante presença de sons nasais, contribuindo para criar uma musicalidade própria a toda a seção temática:⁵²

ergo non hiemes illam, non flabra neque imbres

conuellunt: immota manet multosque nepotes,
multa uirum uolens durando saecula uincit, 295
tum fortis late ramos et bracchia tendens
huc illuc media ipsa ingentem sustinet umbram.

"por isso arrosta audaz refegas e invernias,
 conta, imóvel de pé, os séculos por dias;
 vê passar gerações; braceja a toda parte; 345
 montanhas de folheto a todo o ar disparte;
 e sob a carga imensa, ufano à sombra está."⁵³

Na sequência referente a 303-311, Virgílio aborda a questão do perigo dos incêndios motivados pelo descuido dos pastores ao fazerem fogo perto das árvores do parreiral: a princípio passando despercebidas (v. 303-304), as chamas resultantes em seguida se apoderam da plantação com força incontrolável (305-311). Nos dois primeiros versos da passagem, o poeta produz uma espécie de lembrete da presença do fogo oculto através da aliteração e da assonância, fazendo com que se repitam neles com insistência alguns sons ("i", "s", "n", "m") evocativos da palavra latina *ignis*:

nam saepe incautis pastoribus excidit ignis,
qui furtim pingui primum sub cortice tectus

"(...): muita vez a gente pegureira 355
 tem decuidos co'o lume: uma fagulha arteira
 lá vai despercebida, entra na casca oleenta -"⁵⁴

Ainda, a sequência *pingui primum sub cortice* ("sob a casca úmida a princípio") possibilita, talvez, uma leitura baseada na disposição espacial das palavras: como se nota, interpõe-se a *sub cortice...* *pingui* o vocábulo *primum*. O contexto, justamente, fala-nos do ocultamento das chamas nascentes *em meio* à casca úmida, de modo que poder-se-ia pensar em tal interposição como ícone do processo aqui indicado. Contribui para reforçar a leitura

o fato de que a palavra *primum* contém em si dois sons nasais e uma vogal "i" e, portanto, algo de *ignis*...

Do verso 306 a 311, Virgílio apresenta a fúria destrutiva do fogo em toda sua majestade: impulsionadas por elementos naturais do tipo das tempestades (v. 310) e ventos (v. 311), as chamas apoderam-se de todo o bosque (v. 308) e "reinam no alto" (v. 307). Parece-nos importante dizer que tal vitória do fogo (*uictor perque alta cacumina regnat* - "e reina vencedor pelos altos cimos", v. 307) contrapõe-se à derrota final do lavrador, cujas terras calcinadas perdem suas propriedades originais e apenas podem gerar, após o incidente, o zambujeiro improdutivo (*infelix* - v. 314) de folhas *amargas*.

No tocante ao vocabulário, há no verso 316 (*tellurem, Borea*) a possibilidade de elevar a elocução através do emprego de uma palavra menos desgastada do que a usual *terra* e da menção ao vento norte por seu nome mítico, com todas as implicações de personificação e colorido poético implicadas.

Passando agora ao comentário do trecho em que Virgílio desenvolve o *topos* da fertilização da terra pela chuva através da metáfora do "casamento sagrado" entre o céu e a terra (v. 325-327), pode-se dizer que ele se enriquece com fatores de ordem variada, prestando-se, por esse motivo, a formas de leitura distintas: num nível mais superficial, tem-se tão somente a imagem da descida das águas pluviais sobre o campo. Entretanto, numa observação mais detida, nota-se a presença de um vocabulário que remete ao campo da sexualidade: eis o motivo pelo qual, antropomorficamente, Júpiter baixa ao seio da "esposa fértil" (v. 326) com seu "corpo" (v. 327) e nutre os *fetus* (palavra latina que designa as ninhadas ou filhos) como resultado dessa união (v. 327). Além disso, expressões do tipo de *pater... Aether* ("pai... Éter", v. 325) e *magnus alit magno* ("grande, alimenta com o grande", v. 327), como nos lembra Mynors,⁵⁵ remetem a usos lucrecianos de linguagem, funcionando, portanto, como elos de ligação entre a prática de escrita de Virgílio na presente obra e a tradição anterior da didascálica latina.

Na passagem correspondente a 336-342, tem-se a presença de uma digressão, com que se introduz um paralelo entre a condição do mundo na Idade Áurea e a atual estação da primavera. Deve-se notar que essa digressão é o desdobramento final do trecho 329-335, em que é esboçado o quadro primaveril da natureza em meio ao ano de trabalhos do *agricola*. Como seria esperado, em ambos se enfatiza o aspecto da docilidade da vida

nessas condições, com imagens vinculadas à idéia de expansão ou brotamento e, portanto, à generosidade natural (*Zephyrique.../ laxant arua sinus* - "Zéfiros..."/ "os campos desdobram-se", v. 330-331; *superat... umor* - "sobeja... a umidade", v. 331; *inque nouos soles audent se gramina tuto/ credere* - "as ervas ousam com segurança confiar-se a novos sóis", v. 332-333; *sed trudit gemmas et frondes explicat omnis* - "mas faz brotar as gemas e estende toda a ramagem", v. 335), além de outras ligadas aos prazeres da melodia (*auia tum resonant auibus uirgulta canoris* - "então ressoam as ramagens das aves com as aves", v. 328) e de Vênus (*repetunt... Venerem* - "tornam... a Vênus", v. 329). Formalmente, parece interessante verificar que o par *uer... uer* de 338 (situado, portanto, em meio à digressão da Idade Áurea) reitera outro idêntico de 323 (situado numa descrição do mundo em termos mais "realistas"), como que apontando para a equivalência passageira entre aquele momento privilegiado da trajetória humana na Terra e o atual. Apesar da suavidade da primavera, o final da digressão (v. 340-342) anuncia que aquele estado ideal, a rigor, é algo encerrado no passado:

(...), *uirumque* 340
terrea progenies duris caput extulit aruis,
immissaeque ferae siluis et sidera caelo.

"e os homens, raça férrea, ao sol a fronte ergueram
 filhos da terra dura, e o mato houve alimárias,
 e áureos astros o céu, da noite luminárias."⁵⁶ 405

Em relação à "descoberta" dos campos "duros" pelo homem e às feras, nada é necessário dizer, tendo em vista a explicitude dos sentidos. No tocante à presença dos astros no céu, é importante lembrar que se trata, ao que tudo indica, de uma menção ao "calendário" natural a ser rigorosamente seguido pelo agricultor, sob pena de não obter os frutos desejados. Portanto, ter-se-ia aqui um indício da necessidade inclemente do trabalho submetido às exigências do meio como traço distintivo da rotina do homem após a "queda do paraíso".

Em 346-353, trecho dedicado a oferecer preceitos miúdos de plantio, relativos ao modo de proceder ao depositar brotos ou sementes na terra, sobressai-se o que nos parece indicar a busca do equilíbrio entre contrários como uma das chaves do sucesso da prática agrícola. Assim, em 347, recomenda-se que se ponha esterco "rico" ou "úmido" (*pinguis*) nos ramos enterrados no campo e que sejam cobertos com terra; por outro lado, em 348, devem-se enterrar pedras absorventes (*bibulus*) junto aos brotos e conchas rugosas, no segundo caso a fim de garantir que a água escoe através delas e se eleve um "hálito" (349-350) do fundo. Ora, a terra, por associação ao pó, remete-nos à secura, enquanto o esterco "rico", pela propriedade textualmente citada pelo poeta, ao elemento úmido; em seguida, a menção às pedras que absorvem (e, portanto, ajudam a *secar*) e às conchas que permitem a entrada da água (favorecendo, assim, a penetração da umidade na terra, mesmo que de forma passageira) também parece apontar para a busca do meio-termo. Finalmente, em 352-353, em explicação aos motivos pelos quais conviria mesmo cobrir os brotos com cacos ou pedras, a questão ressurge, desta vez bem marcada na forma pela repetição do pronome *hoc*:

(...): *hoc effusus munimen ad imbris,*
hoc, ubi hiulca siti findit Canis aestifer arua.

"(...) aquilo à chuva embarga 416
 que lha possa ir danar, assim como a defende
 do fogo com que o Cão sidéreo os campos fende."⁵⁷

Como se nota, o úmido (v. 352) e o seco (v. 353) em excesso constituem também aqui os dois extremos a serem evitados pela prática prescrita.

No intervalo correspondente a 354-357, enfatiza-se a ação de lavrar o vinhedo já formado por plantio como prática vinculada ao trabalho incessante e brutal. Do ponto de vista do vocabulário, encontram-se dispersas pela passagem expressões que nos remetem ao uso da força, caso de *duros bidentes* ("duras enxadas", v. 355), *presso uomere* ("pressionando o arado", v. 356) e *luctantis iuuencos* ("novilhos resistentes" ou "esforçados", v. 357), bem como ao suceder contínuo dos trabalhos [com os infinitivos de

ação *diducere* ("soltar"), *iactare* ("lançar"), *exercere* ("lavar") e *flectere* ("direcionar"), colocados cada qual num dos quatro versos da sequência]. No verso 357, a disposição da expressão *inter uineta* ("entre os vinhedos") em meio a *luctantes... iuuencos*, num contexto (de penetração dos animais em meio aos trilhos do parreiral) em que a idéia de "permear" surge em forte evidência, parece indicadora de efeito poético.

O tópico tratado em 358-361, apesar da concisão e pouco detalhamento do ponto de vista técnico,⁵⁸ apresenta a curiosidade, segundo a explicação de Mynors,⁵⁹ da disposição dos itens em ordem precisa do mais para o menos ligeiro: trata-se da enumeração dos tipos de suportes para videiras, peças com peso e robustez variável (*leuis calamos* - "leves colmos", v. 358; *rasae hastilia uirgae* - "tanchões de vara raspada", v. 358; *sudes fraxineas* - "estacas de freixo", v. 359 e *furcas ualentis* - "forcados robustos", v. 359). Acrescentamos que o fato de que o primeiro determinante a encabeçar a sequência corresponda a *leuis* e o último a *ualentis* também parece muito sugestivo a esse respeito.

A partir do verso 362 (até 370), o tópico diz respeito à poda das videiras novas (v. 362-366) ou mais maduras (v. 367-370) e é abordado energicamente, em forte tom de recomendação "pedagógica": surgem aqui quatro verbos no imperativo (*stringe, tonde* - "desrama", "poda", v. 368; *exerce, compesce* - "usa de", "detém", v. 370) e quatro gerundivos (*parcendum* - "deve-se poupar", v. 363; *temptanda* - "devem-se atacar", v. 365; *carpendae, legendae* - "devem-se arrancar", "devem-se colher", v. 366). Tais verbos se distribuem com rigor, de modo que todos os gerundivos se apliquem à poda das videiras novas e todos os imperativos à das videiras maduras. No último caso, três deles são introduzidos pela reiteração de *tum* ("então"), como se de fato se desejasse fazer atentar enfaticamente para o momento de agir.

É importante ainda dizer que, nesse trecho, é estabelecida uma espécie de contraste entre a operação realizada num e noutro caso: no caso das plantas tenras, não se recomenda o uso de ferramentas, mas que as folhas sejam simplesmente removidas à mão (v. 365-366), enquanto as que já se desenvolveram devem experimentar o "ferro" (v. 369) e a força (v. 370).

Em 371-379, em que se apresenta a necessidade de cercar os parreirais para que certos animais não os danifiquem por devorar suas folhas, tem destaque a apresentação dos inimigos naturais das plantas com certa conotação moral. Assim o inverno é "odioso"

(*indigna* - v. 373), o sol é "potente" (*potens* - v. 373), as cabras são "incansáveis" (*sequaces* - v. 374), as novilhas são "ávidas" (*avidae* - v. 375) e o dente dos animais é "cruel" (*durus* - v. 378); deve-se acrescentar ainda que os animais *inludunt* ("estragam", mas, possivelmente, também "escarnecem" das plantas). Além disso, o verso 379 é uma espécie de resumo sentencioso de toda a passagem, contendo o ensinamento principal que se deseja transmitir (construir cercas para manter o gado, principal inimigo das videiras, à distância) e dois gerundivos enfaticamente colocados no início e no fim:

texendae saepes etiam et pecus omne tenendum

"Põe sebes de anteparo ao gado malfazejo"⁶⁰

440

A variedade dos inimigos naturais do parreiral, sua freqüente "maldade" e o fato de que, segundo a crença dos antigos,⁶¹ a mordida e a saliva de animais como as cabras constituem um grande perigo para o vigor das culturas (*uenenum!* - v. 378) justificam o tom de aviso do verso transcrito acima, espécie de máxima a ser lembrada e seguida no tocante ao tópico tratado.

Curiosamente, Virgílio aproveita-se do tema da nocividade das cabras para, passando a um assunto festivo, minimizar o aspecto sombrio da seção anterior. Referimo-nos aos dez versos em que o poeta apresenta as festividades tipicamente realizadas em honra a Baco na Itália e na Grécia. Repartindo o tópico entre duas partes simétricas de cinco versos, ele o introduz através da menção ao sacrifício de espécimes caprinos ao deus como "revanche" contra os danos que causam à cultura de que é protetor. Em seguida, sempre no contexto grego até o verso 384, Virgílio vincula o culto a Baco ao surgimento dos espetáculos teatrais, a competições pouco especificadas entre os camponeses e a festas rurais em que dançam vestidos com couros de animais.

No intervalo de 385-389, passa-se a descrever a celebração báquica entre os italianos, então ocupados em divertir-se com versos irregulares, rir livremente, mascarar-se de modo grotesco, invocar o nome do deus e pendurar *oscilla* (espécie de móveis votivos) em pinheiros como oferendas. Além da semelhança dos temas na seção grega e na italiana e do número de versos idêntico para ambas, há que se notar ainda o surgimento do nome de

Baco uma única vez em cada uma delas (v. 380, v. 388) e o fato de que as denominações evocativas de cada região geográfica não correspondem, aqui, aos termos mais banais em latim. Desse modo, os helenos (especificamente, os atenienses) são chamados de *Thesidae* ("tesidas", v. 383), em menção à sua ascendência mítica enraizada no rei Teseu, e os italianos de *Ausonii* ("ausônios", v. 385).

Em seguida, na passagem correspondente a 390-392, vê-se que, como resultado do cultivo ou do culto ao deus (?), haverá recompensa para os agricultores, evocada através de imagens como o voltar da cabeça de Baco aos campos:

hinc omnis largo pubescit uinea fetu, 390
cömplën/tür// uäl/lësqué cá/uäe// säl/tüsqué pró/fündi
*ët quö/cümqué dé/üs// cîr/cüm cápút/ ëgít hó/nëstüm.*⁶²

"Cada vide o promete em seu viçar fecundo:
as do vale, as da encosta, as do arvoredado fundo,
as de qualquer lugar por onde alegre mira
a imagem sorridente ao Zéfiro que a gira."⁶³ 470

Como se nota, na enumeração dos locais por onde se estenderão as graças dionisíacas, o poeta empregou três segmentos coordenados por *-que*, *-que* e *et*. Parece sugestivo que, do primeiro ao último deles, ocorra um crescimento progressivo de sua extensão, como que a imitar a fartura resultante de todo o processo descrito: assim, contam-se cinco sílabas para o primeiro, seis para o segundo e quinze para o terceiro.

A partir de 397 (até o v. 402), introduz-se a problemática do cultivo das videiras enquanto prática exaustiva para os trabalhadores: itens lexicais e expressões do tipo de *etiam* ("ainda", v. 397), *ille alter labor* ("aquele outro afazer", v. 397), *curandis* ("de que se deve cuidar", v. 397), *numquam est satis exhausti* ("nunca se exaure o bastante", v. 398), *omne quotannis* ("todo a cada ano", v. 398), *terque quaterque* ("três e quatro vezes", v. 399), *scindendum* ("deve ser fendido", v. 399), *aeternum* ("para sempre", v. 400), *frangenda* ("deve ser rompida", v. 400), *omne* ("todo", v. 400), *leuandum* ("deve ser aliviado", v. 400) acabam por produzir, no conjunto, forte impressão de intensificação dos

esforços a serem empregados. De fato, sabemos que o teor dos gerundivos tem muitas vezes relação com a compulsoriedade das ações a serem realizadas por alguém; além disso, produz-se na passagem idéia de continuidade (ou desmascaramento da ilusão de término) pelo emprego de expressões como as duas primeiras e a quarta citadas e de infiltração dos esforços em tudo através do uso de *omne quotannis*. Quanto à idéia de continuidade, especificamente, é importante atentar ainda para a estrutura de *atque in se sua per uestigia* ("e a si por suas pegadas", v. 402), em que o pronome possessivo, inusualmente situado antes da preposição regente e do termo determinado, contribui, julgamos, para atrapalhar a fluência do que se diz: tudo se passa como se, ao prosseguir, *algo tivesse ficado para trás*, o que justificaria a necessidade de retomar o caminho pelas mesmas pegadas...

Em 408-410, passagem de enumeração de algumas das atividades que devem ser realizadas como parte desse trabalho inclemente, continua a impressão de compulsoriedade da ação, desta vez produzida pelo acúmulo de quatro imperativos em três versos (*fodito*, *cremato* - "escava", "queima", v. 408; *referto* - "restitui", v. 409; *metito* - "colhe", v. 410), ocorrendo que junto aos três primeiros se emprega o adjetivo *primus* ("antes de todos"). Há que se atentar ainda para certo efeito de simetria métrica presente em 408-409:

primús hú/miüm fódí/tö, // pri/miüs dë/uëctá cré/mätö
*särmën/ta, _ët uäl/lös // pri/miüs süb/ tëctá ré/fërtö*⁶⁴

"Na cava, no queimar os sarmentos, levados
para longe da mãe, no pôr arrecadados
os paus da empa em casa, hás de ser o primeiro"⁶⁵ 495

Como se nota, as cesuras, situadas após o quinto meio-pé, dividem ambos os versos não só no mesmo ponto, mas ainda de forma que a elas se siga sempre a palavra *primus*, reiterada com destaque por esse motivo.

Em 410-419, por fim, não cessa a impressão de inclemência dos esforços: já no par 410-411, além da reiteração de *bis* ("duas vezes"), palavra indicadora do crescimento reiterado de vegetais nocivos à videira, ocorre o "ocultamento" de *obducunt* ("tapam") em meio a *densis... sentibus* ("espinheiros... cerrados"). O intervalo correspondente a 413-415,

por sua vez, introduz a idéia da "grosseria" do meio natural e da extensão dos esforços mesmo ao que é bruto, desprovido, portanto, do voluptuoso refinamento das videiras: assim, deve-se dar atenção também a cortar os "*ásperos* vimes da mata", a cana, e a cuidar do salgueiro *inculto*.

O trecho correspondente a 416-417, apesar da imagem da finalização dos trabalhos do viticultor nas últimas fileiras do parreiral (v. 417), enfaticamente apresentada através da tripla reiteração de *iam* ("já") ao longo de sua extensão, não significa, em absoluto, que as *curae* ("preocupações") tenham cessado em definitivo: o que é evocado no par de versos seguinte a não ser a rememoração de que, em se tratando da lida agrária, pouco sossego resta aos *agricolae*?

De fato, num momento do ano em que já se obtiveram as uvas (v. 419), ainda pairam sobre os homens os riscos de que "Júpiter", aqui relacionado a fenômenos atmosféricos do tipo das tempestades, as destrua (eis porque se diz a seu respeito que deve ser *temido* - v. 419) e a obrigação de lavrar o solo (v. 418). Sobre a vindima, então, não tratada explicitamente pelo poeta, já se sabe ao menos que vai produzir-se sob a condição do receio...

As passagens varronianas tematicamente afins, sem a mesma riqueza expressiva, prestam-se a seu modo a organizar com eficiência os conhecimentos de que dispõe o autor. Assim, no capítulo I XXV, abordando a questão dos terrenos mais apropriados a cada espécie de videira por suas condições climáticas, o autor enumera sete variedades de uvas, citadas pelos nomes, e deixa a oitava posição às comuns (*miscellae*) ou de tipos indefinidos. Este pequeno trecho, portanto, presta-se ao papel de guia geográfico de plantio, em obediência ao princípio geral⁶⁶ de que a cada terreno cabe melhor aquilo que lhe é naturalmente destinado.

Em I XXVI, como se nota, há concentração no tópico do modo de sustentar as videiras no parreiral, já que, como é sabido, essa cultura necessita de algum apoio para que as plantas se ergam do solo. Apesar da concisão do capítulo, sobressai-se aqui a minúcia das observações (caso da menção à necessidade de que as estacas de apoio se voltem especificamente para o norte e a que não se deve deixar as videiras crescerem mais altas do que as mesmas...). Além disso, ao explicar as razões do que aconselha [(...) *neque propter eos ut adserant uites, quod inter se haec inimica* - "(...) nem que a videira seja plantada

perto deles, pois são hostis um ao outro"^{67]} e, conforme temos ressaltado, preceituar como quem conta informalmente (*in omni uinea diligenter obseruant ut...* - "cuida-se especialmente em todo parreiral de que..."⁶⁸), o que se dá no caso de cada prática apresentada, Varrão é "polido" e "leve" ao exprimir-se.

No capítulo seguinte, em que se introduzem de fato as operações de cultivo ou manutenção que se devem realizar no parreiral, notamos, curiosamente, a preponderância de um traço compositivo que aponta para a erudição do autor: trata-se, evidentemente, da metalinguagem,⁶⁹ dispersa ao longo de boa parte dessas linhas. Pode-se dizer que ela ocorre aqui de duas maneiras distintas, relativas ao oferecimento de sinônimos ou "paráfrases" para certos termos do vocabulário agrícola e à proposição de etimologias nas mesmas circunstâncias.

A respeito da questão etimológica, em complementação ao que comentamos anteriormente,⁷⁰ resta dizer que, embora de fato nos pareça que o autor se sirva desse recurso como instrumental para esclarecer melhor a seus leitores aquilo de que se ocupa em cada caso, ele não seria, a rigor, indispensável numa obra de conteúdo agrário: existem, é óbvio, muitas formas de comunicação eficiente de saberes técnicos que prescindem de toda a etimologia. Isso significa que se deve ver nos usos etimológicos do *De re rustica* varroniano um sinal de sofisticação da prática de escrita do autor. Juntamente com o fato de que, como explicamos, a obra se estrutura de acordo com as normas do gênero dialógico (com a presença, entre vários outros fatores, de personagens com nomes tão sugestivos quanto *Appius*, *Agrius*, *Scrofa*⁷¹ ou mesmo *Varro*,⁷² de ambientações situacionais que criam o pano de fundo para a interação de tais personagens, da tripartição dos assuntos por livros diversos de acordo com sua especificidade...), a presença da etimologia é aqui algo concernente às opções compositivas do autor, por motivos como sua familiaridade com a filosofia, inclinado a refinar algo mais o texto para além do mínimo requerido pela informatividade técnica de conteúdos.

Por outro lado, no tocante ao trabalho "lingüístico" de Varrão "lexicógrafo" (e não mais "etimologista"), existe uma diferença parcial em relação à outra prática metalingüística comentada: apesar de também se notar neste caso o impulso de explicar, esclarecendo os fatos a um público, provavelmente, nem sempre familiarizado com o universo rural, trata-se de um tipo de procedimento bem mais corriqueiro. Afinal, o

oferecimento de sinônimos ou paráfrases para termos que não se sabe se serão de fato compreendidos por destinatários quaisquer é algo passível de verificar-se com muita facilidade na expressão de todos os que pretendem fazer-se entender com clareza: não paira, pois, sobre essa estratégia comunicativa, a mesma aura de prestígio e refinamento caracteristicamente associável à etimologia na Antigüidade.

Em que pese a isso, entretanto, não se pode deixar de dizer que a conjunção dos traços textuais do *De re rustica* varroniano com as características do público romano a que a obra originalmente se destinou (ao que tudo indica, ao menos semicultivado) torna tais passagens de teor "lexicográfico", quando não excepcionalmente eruditas, ao menos denotadoras do cuidado do estudioso em, imbuído de saberes atinentes a um dado campo do saber humano, difundi-los entre os menos informados. Ainda, caso se pretenda ver na obra intentos reais de instrução para orientar os procedimentos práticos dos produtores rurais, há que se lembrar a óbvia utilidade de tal atitude: por seu intermédio, desfazem-se quaisquer mal-entendidos a respeito de como realizar as operações necessárias ao cultivo.

As operações necessárias ao cultivo do parreiral enumeradas por Varrão neste capítulo são em número de cinco [*fodere*,⁷³ *arare*,⁷⁴ *occare* (ou *comminuere*),⁷⁵ *pampinare* e *resicari*], ocorrendo que apenas a de *pampinare* ("desfolhar") é comentada com maiores detalhes no texto. Entretanto, é também dito por qual motivo se deve *resicari* ("cortar").

Como comentário final a esses trechos, deve-se lembrar a significativa presença do vocabulário técnico em sua constituição (*pampinare*, *flagellum* - "renovo", *capreolum* - "gavinha", *palma* - "ramo produtor de cachos"...), ou seja, de palavras com frequência evocativas de elementos típicos das práticas rurais, dificilmente, portanto, encontráveis em outros contextos. Essa característica, a propósito, justifica a preponderância aqui conferida à metalinguagem.

O trecho catoniano escolhido para esta análise (XXXIII 1-4) ocupa-se, como se nota, da enumeração das providências necessárias na lida com o parreiral em várias etapas dos trabalhos. Tais operações, por sinal, estendem-se ao longo de dois eixos temporais distintos: da época de juventude das plantas (com a recomendação, obviamente direcionada às parreiras tenras, de que se prendam no alto a suportes) até sua maturidade (*in uinea uetere*... - "num parreiral velho...") e, ainda, ao longo do ano rural (*capita uitium per sementim ablaqueato* - "durante a sementeira, ablaqueia a cepa das videiras"⁷⁶).

Além da já comentada propensão do autor para construir pobremente o texto [com reiteração freqüente dos mesmos itens vocabulares (*alligatoque, alligato, alligato/ ubi, ubi, ubi/ si, si, si/ pampinato, pampinato...*) ou estruturas sintáticas (*si opus erit, si uinea a uite calua erit, si macra erit...*)], preferência pelo oferecimento dos preceitos através do suceder de imperativos futuros e parco desenvolvimento dos períodos], destaca-se na passagem a significativa tecnicidade da linguagem. O fato de que a viticultura seja laboriosa e demande muitos cuidados justifica a presença de todo um vocabulário especificador das operações realizadas para sua condução (*bene nodata* - "bem provida de nós", *ablaqueato* - "ablaqueia", *propagato* - "põe em mergulhia", *praecidito* - "separa"...). Ainda em relação ao léxico, deve-se observar que o acúmulo de muitos verbos de ação no capítulo (*ducito* - "impele", *alligato* - "ata", *circumfodito* - "escava em torno", *propagato* - "põe em mergulhia", *occato* - "estorrea", *praecidito* - "tira", *interponito* - "entremeia"...) dá uma idéia clara a respeito da persistência e dedicação necessárias ao cultivo das uvas.

É um traço distintivo do estilo catoniano o fato de que, ao subordinar, o autor mantenha-se muitas vezes vinculado à reprodução de certas "fórmulas": esse é o caso do modo construtivo das orações condicionais transcritas há pouco e de duas orações temporais situadas ao término do capítulo (*ubi uinea frondere coeperit...* - "quando o parreiral começar a cobrir-se de folhas...",⁷⁷ *ubi uua uaria fieri coeperit...* - "quando a uva começar a variegar-se..."⁷⁸). Como se nota ao observar essas orações temporais, existe sempre a manutenção da conjunção *ubi* no início das frases, o emprego do mesmo verbo *coeperit* ao fim e a intercalação de infinitivos no meio; observe-se ainda que, entre as condicionais citadas e essas orações existe, *mutatis mutandis*, pequena diferença construtiva.

A presença, como mencionamos acima, de várias passagens dispersas ao longo do *De agri cultura* em que o autor aborda questões relacionadas à viticultura e, com especial cuidado, à produção do vinho, faz com que ele se destaque, dentre os três "agrônomos" a que nos dedicamos neste estudo, como o mais extensivo e abrangente no tópico em questão.

Assim, apesar da parca elaboração formal desse texto quando contraposto às demais obras agrárias da literatura latina, há que se apontar no grau de detalhamento técnico com que Catão se dedica a abordar a viticultura uma das provas do inegável valor prático do *De agri cultura*. Deve-se dizer, aliás, que a própria "falta de critério" compositivo de Catão ao

escrever contribui para que não tenha pudor de baixar a minúcias (como a indicação do modo de preparo de remédios caseiros com ingredientes naturais⁷⁹ ou mesmo de alimentos⁸⁰ ou bebidas⁸¹) que serão motivo de chacota para as personagens varronianas⁸² e, portanto, serão ignoradas pelo autor como inadequadas ao tratamento numa obra "séria".

7) Tema das sementeiras (Varrão, *De re rustica* I XXIX/I XLI 4-5/ I XLV 2/ I XLVII 1; Catão, *De agri cultura* XLVI 1-2; Virgílio, *Geórgicas* II 265-272)

A sementeira (ou "viveiro") é o espaço destinado, em certas plantações, a servir para a germinação e acondicionamento temporário das mudas, antes de seu cultivo no local de plantio permanente. Trata-se, portanto, de uma espécie de espaço preparatório, cuja finalidade se vincula ao fortalecimento dos brotos até o ponto de poderem resistir às inclemências dos elementos em campo aberto.

A única passagem concernente ao tema em Virgílio, meros oito versos, insere-se no grande tópico do cultivo das videiras há pouco explorado nesta análise. Portanto, sua presença reiterada neste momento como um dos pólos de comparação justifica-se sobretudo em função da utilidade de contrapô-la a trechos bem específicos dos textos dos demais "agrônomos".

Como únicos comentários a essa passagem virgiliana, parece-nos importante dizer que, dentre seus oito versos, quatro (v. 265-268) são dedicados a recomendar brevemente que a terra do viveiro seja semelhante à terra do local para onde se pretende transplantar as mudas, e os quatro seguintes (v. 269-272) a explicar certos pormenores relativos à forma de transplante.

Numa passagem como o verso 268, deve-se notar o modo inusual de referência à terra de plantio: curiosamente, Virgílio aproveita-se da idéia de pequenez e fragilidade associável às mudas e, em analogia com a vida humana, chama o terreno de *mater* ("mãe"). No verso 272, algo parecido ressurge, pois, tendo demonstrado a intensidade dos cuidados a serem dedicados às plantas nesse estágio de seu desenvolvimento, chama-as *tenerae* ("delicadas"), adjetivo também aplicável em latim à qualificação de crianças.

Finalmente, nos quatro versos finais, a menção à prática de marcar na casca de cada muda a ser transplantada a posição exata que tinha em relação ao sol e aos ventos para reproduzi-la em seguida parece antes destinada a ressaltar a dificuldade de mais esta etapa de cultivo do que a favorecer o ensinamento: apesar desse comentário breve a respeito do tema, não há aqui nenhuma descrição objetiva de como conduzir a operação, de modo que, aos ignorantes do assunto, só resta contentar-se com a mera rememoração do fato.

As indicações oferecidas no cabeçalho deste item devem ter bastado para esclarecer que, no caso de Varrão, ocorre a dispersão do tópico ao longo de vários trechos do *De re rustica*. Isso significa que, não tendo considerado importante dedicar a ele uma parte exclusiva ou ao menos concentrada do diálogo (à maneira do que ocorre com Virgílio ou Catão), o autor abordou-o de forma casual e secundária ao tratar de outros temas.

Assim, em I XXIX 1, ele faz menção instantânea em apenas cinco palavras ao tema, inserindo-o numa enumeração das atividades a serem realizadas no primeiro dos intervalos do ano que propõe (*primo interuallo inter fauonium et aequinoctium uernum...* - "no primeiro intervalo, entre o Favônio e o equinócio de primavera..."⁸³). É interessante, aqui, notar a estrutura de listagem do trecho, desprovido de qualquer elaboração formal e, por essa razão, evocativo de traços compositivos que apontamos como típicos de Catão: acumulam-se na indicação das diferentes atividades oito infinitivos passivos com seus sujeitos, sem a presença explícita do termo subordinante. Por sua vez, o preceito de plantar nos viveiros de todo tipo é introduzido no início através do uso do subjuntivo exortativo com *ut* ("que").

Em I XLI 4-5, o motivo que justifica a abordagem da questão do plantio em sementeiras tem relação com o modo de comportamento diferenciado das espécies vegetais no estado de brotos ou sementes: ao lado de variedades arbóreas mais "secas", como as palmeiras, as oliveiras e o cipreste, encontram-se outras mais "úmidas", como as figueiras (em se tratando do caule), a videira e a "macieira púnica" (romãzeira) e, portanto, mais inclinadas a crescer. Desse modo, deve-se aproveitar essa característica dos caules de figueira e preferir plantá-los num viveiro a plantar suas sementes (mais secas do que eles), tendo em vista a rapidez do crescimento.

Em I XLV 2 e I XLVII 1, as breves referências têm relação com o tópico da proteção das mudas no local, através de palhas e folhagens no primeiro caso (como

precaução contra o frio) e, estranhamente, de pequenos protetores de madeira no segundo (presos às pontas de oliveiras e figueiras novas). Pode-se dizer que, especialmente em I XLVII 1 (em que também se recomenda a retirada das ervas daninhas do viveiro antes de secarem), Varrão aborda temas muito miúdos em sua especificidade, de forma quase "microscópica".

No tocante à linguagem, após a pronunciada rudeza do primeiro dos trechos, verifica-se nos seguintes o retorno ao padrão de escrita por ele adotado em geral, com discreta presença do desenvolvimento dos períodos e boa fluidez das passagens, acrescidas com alguma frequência de pequenos comentários e entretecidas coesivamente.

Quanto a Catão, a própria concentração do tópico num capítulo exclusivo do *De agri cultura* já nos indica que, dentre os três agrônomos aqui considerados, o autor se destaca pela forma de tratamento mais sistemática. Assim, ele não só enumera as etapas de ação necessárias no trabalho com a sementeira em três tempos (ao escolher-se o terreno, ao preparar-se a terra para o plantio e ao cultivar depois de plantar) como ainda as dispõe em ordem cronológica rigorosa, das primeiras às últimas pela seqüência de realização.

Textualmente, sobressai-se o oferecimento de comandos através dos imperativos futuros (*facito* - "faze", *uertito* - "lavra", *delapidato* - "livra de pedras", *saepito* - "rodeia com sebes", *serito* - "cultiva", *demittito* - "enterra, espeta", *opprimito* - "pressiona"...), a repetição vocabular e sintática (*semina/ semina*, *seminarium/ seminario*, *serito/ serito*, *delapidato circumque saepito/ taleam adponito crebroque sarito...*) e a parca presença do desenvolvimento dos períodos (com algumas subordinações de tipos restritos, coordenações, períodos simples...).

Apesar da usual "pobreza" do texto, o autor, pode-se dizer, caracteriza-se neste ponto por oferecer uma razoável cobertura para o tema da formação e cuidado do viveiro de plantas, dando orientações que, se de fato são marcadas pela concisão, abrangem várias etapas dos trabalhos necessários.

8) Tema dos cuidados de saúde do gado (Varrão, *De re rustica* II I 21-23; Catão, *De agri cultura* V 7/ XCVI 1-2; Virgílio, *Geórgicas* III 440-456)

As passagens aqui consideradas se ocupam, com maior ou menor especificidade, do tópico dos procedimentos médicos utilizados para tratar animais (gado) que estejam de algum modo doentes ou prevenir doenças. É importante dizer que, embora os tratamentos prescritos pelos autores sejam semelhantes (basicamente, relativos à aplicação externa de substâncias sobre a pele ou à lavagem do gado em água), Catão dá à questão o enfoque preventivo, Varrão ocupa-se de prescrever terapias para os animais que já adoeceram e Virgílio parece combinar ambas as tendências.

Virgílio inicia a seção (v. 440) dizendo que oferecerá em seguida as causas e os sintomas das doenças. Apesar dessa proposição, a leitura do trecho permite observar que, na verdade, o poeta, ao menos no trecho presentemente escolhido para análise, privilegiará o oferecimento das causas e tratamentos, sem detalhar os sintomas do mal apresentado sob o nome de *scabies* ("sarna"): como única exceção neste ponto, poder-se-iam apontar dois dos versos finais (v. 454-455), em que se fazem menções a "úlceras" e "feridas" sem descrevê-las.

No tocante às causas da doença tal como apresentadas por ele, é importante atentar para o fato de que elas se assemelham em vários casos às observações de Catão e Varrão a respeito: assim, como veremos em seguida, os avisos contra o contato dos animais com a friagem e a umidade já estavam presentes de um ou outro modo nesses autores e, especificamente, os conselhos relativos ao mal provocado às ovelhas pelo "suor" aderido ao corpo foram abordados por Catão em XCVI 1-2. Dessa maneira, embora não os cite claramente como fontes de saber nesta passagem, Virgílio confere ao poema certa aura de credibilidade ao manter-se, em tal ponto teórico, bastante próximo da palavra de duas das maiores autoridades latinas nos assuntos agrários.

Ainda em relação ao tratamento das causas pelo poeta, deve-se acrescentar que se apresenta aqui um motivo a mais para que os animais adoeçam, isto é, não elencado por nenhum dos dois outros "agrônomos": trata-se da menção ao fato de que, sendo arranhadas por espinheiros, as ovelhas estariam sujeitas à evolução dos ferimentos assim produzidos para o quadro da *scabies* (v. 444). De maneira geral, no entanto, essa parte da seção em Virgílio é bastante evocativa dos trechos equivalentes nos autores em prosa não só, como dissemos, pela coincidência da maior parte dos motivos do mal, mas também pela própria seleção lexical comumente encontrada nesses textos: expressões do tipo de *causas et signa*

("causas e sintomas", v. 440), *scabies* ("sarna", v. 441), *frigidus* ("frio", v. 441) e *sudor* ("suor", v. 444) já se achavam, ao menos como radicais, presentes em Catão e Varrão.

Um aspecto de interesse para a análise diz respeito à adjetivação empregada por Virgílio ao referir-se a certas palavras utilizadas para tratar da doença: assim, a *scabies* é *turpis* ("vergonhosa", "torpe"...), a *bruma*⁸⁴ é *horrida* ("rigorosa", "severa"...), o *sudor* é *illotus* ("não lavado", "sujo", "imundo"...), os *uepres*⁸⁵ são *hirsuti* ("erizados", "rudes", "grosseiros"...), a *amurca* é *tristis* ("amarga", "desagradável", "sombria"...). Além do traço semântico da negatividade, deve-se dizer que esses determinantes carregam em si a possibilidade do desdobramento dos sentidos para o campo moral: muitas das qualidades elencadas acima podem aplicar-se à descrição pejorativa do homem, verificando-se aqui, portanto, mais um caso de provável proximidade entre a natureza e nossa maneira de interagir no mundo.

No que se refere à descrição dos tratamentos apresentados no intervalo correspondente a 448-451, é importante notar a disposição dos itens em forma crescente, quantitativa e, ao que tudo indica, intensivamente falando. Assim, no verso 448, Virgílio apresenta um único remédio para o mal (ungir o corpo tosado das ovelhas com a *amurca*), enquanto no par correspondente a v. 449-450 menciona duas "terapias" em cada verso (*spumas argenti* - "espumas de prata", *uiua sulphura* - "enxofres ativos"/*pices Idaeas* - "pez do Ida", *ceras pingues* - "ceras ricas") e por fim, no v. 451, três (*scillam* - "cebola albarrã", *elleboros grauis* - "heléboros fortes", *nigrum bitumen* - "betume negro").

No tocante ao aspecto da "intensificação" dos tratamentos, é importante também considerar na análise o intervalo correspondente a 441-456 e mencionar que ele se vincula à mais drástica forma de curar abordada até essa passagem: de fato, para seguir as instruções de Virgílio nesse ponto, seria preciso *abrir com ferro* a parte superior das úlceras (v. 453-454). Parece-nos, então, que, após o par correspondente a 448-449, cujos atributos relacionados aos remédios, como se nota pela enumeração dos itens feita há pouco, não se destacavam por nenhum traço excepcional de sentido, surge no verso 451 a qualificação enfática de duas das substâncias citadas: trata-se de recomendar o uso dos "heléboros fortes" (*grauis*) e do "betume negro" (*nigrum*). Deve-se notar que, especificamente em relação ao betume, a adjetivação é não só enfática pela intensidade da coloração apresentada como também redundante: afinal, a palavra "betume" é por si mesma algo

Curiosamente, essa gradação em sentido crescente parece estender-se para partes ainda mais recuadas, antes e depois da seqüência até aqui abordada. Assim, no verso 445, é importante notar a apresentação do primeiro de todos os remédios como uma imersão em "doces águas" (*dulcibus fluiis*). Além disso, em comentário sutil a essa passagem e ao que se segue, Mynors notou que os três tipos de doenças do gado apresentados por Virgílio no livro terceiro das *Geórgicas* foram dispostos do mais (pois a sarna atinge a *pele*) ao menos superficial (pois a febre já é um mal interno e a peste nórica, segundo a descrição oferecida pelo poeta, é apresentada como algo que se infiltra nos ossos, chegando, portanto, à medula - v. 484-485) e, similarmente, recebem tratamentos "cirúrgicos" que se colocam em ordem aumentada de severidade.⁸⁶

*non tamen ulla magis praesens fortuna laborum est
quam si quis ferro potuit rescindere summum
ulceris os: alitur uitium uiuitque tegendo,
dum medicas adhibere manus ad uulnera pastor 455
abnegat et meliora deos sedet omina poscens.*

303

Destaca-se nos versos acima, como se nota, a recomendação da ação, ainda quando identificada com uma certa rudeza, como a melhor alternativa para o impasse. Nesse sentido, apenas remediar levemente ou mesmo esperar pelo socorro divino resultaria, segundo o poeta, em soluções de validade duvidosa.

Ao abordar esse tema, Varrão reparte cuidadosamente os tópicos como especificações de pontos de alcance mais geral: é o que vemos através da menção ao fator da saúde do gado bovino como quarto elemento a ser considerado no tocante ao que se diz sobre esse tipo de animal, bem como no fato de que também ele é dividido pelo autor em três partes (relativas ao conhecimento das causas das doenças, de seus sintomas e dos tratamentos a serem adotados em cada situação). Além disso, antes de iniciar propriamente a abordagem da questão, Varrão ainda diferencia os males cujo conhecimento requer saber médico daqueles passíveis de serem tratados pelo próprio guardador-chefe de animais (*magister pecoris*).

Em seguida, introduzindo realmente a questão, Varrão passa a oferecer detalhes concernentes aos três tópicos antes anunciados como subdivisões: cita, pois, alguns sintomas de doenças (febre, resfolegar contínuo...), algumas causas (trabalho excessivo, trabalho com exposição demasiada ao frio e ao calor, inércia e oferecimento de comida logo após os esforços físicos) e, por fim, certos procedimentos curativos (banhar com água, ungir com azeite e vinho, alimentar, encobrir...).

Apesar da boa cobertura dos tópicos assim obtida, há que se ressaltar o tratamento sistemático pelo autor apenas dos males provocados pelo trabalho excessivo, para os quais se descrevem os sintomas e as terapias citadas acima. Dessa maneira, ele se exime de uma abordagem realmente exaustiva da questão justificando-se pela presença de informações detalhadas a respeito dela numa espécie de manual de veterinária que deveria ficar em posse do *magister pecoris*, o escravo responsável nos *fundi* pela direção dos trabalhos de criar os animais.

Não se pode deixar de dizer que, em que pese a essa tentativa de evitar a redundância (a qual resulta, para nós, na perda de informações valiosas a respeito do assunto), o autor mantém-se fiel na passagem a algumas qualidades que temos apontado

como características de seu modo de conceber o texto técnico e que resultam em razoável grau de eficácia no tocante à sistematicidade e clareza de exposição. De início, basta dizer que, em contraste com Virgílio, ele de fato cumpre até certo ponto o que se propõe fazer ao enumerar os tópicos abordados: como explicamos há pouco, na descrição da sarna faltavamos, a não ser pelo fato de que se falasse em "feridas", quase que totalmente a indicação dos sintomas. Varrão, porém, ao menos ao tratar do mal provocado nos animais pelo esgotamento, não se exime de mostrar não só a causa, mas ainda os sintomas e a terapêutica.

Textualmente, a própria estrutura ramificada dos conteúdos no plano das idéias contribui para estruturar essa passagem com bom encadeamento. Nota-se aqui, a propósito, a presença usual dos nexos conjuncionais variados a servir de indicadores precisos de sentidos, o emprego da referenciação coesiva interna e externamente aos períodos e o tom geral de uma descrição feita com fluidez e algum apuro no que se refere ao aspecto da tecnicidade. Deve-se dizer ainda, em relação ao último aspecto, que essa tecnicidade é um fator de restrição na prática compositiva do autor ao deslocamento semântico para planos alheios ao do intento essencial de bem informar: em comparação com a adjetivação virgiliana na passagem correspondente, não só enfática, mas até antropomorfizante, como vimos há pouco, é notório que Varrão restrinja esse elemento à função de precisar os objetos a que se refere. Não nos sensibilizam de modo peculiar, então, as palavras varronianas ao afirmar-se que o gado doente possui *os adapertum* ("boca aberta") e *corpore calido* ("corpo quente")...

Os trechos de Catão vinculados ao mesmo tópico ocupam-se, como vimos, sobretudo da prevenção do mal das doenças de pele em ovelhas (ou, como especifica ao final de XCVI 1-2, nos quadrúpedes em geral). Utilizando-se de repetições por várias vezes (*scabrae/ scabrae, aquam/ aquam, lauito/ lauito...*) e reiterando os imperativos futuros, o autor não se afasta aqui da estrutura textual de uma "bula", com indicação seqüencial de práticas regradas por especificações de quantidade, por exemplo, e a costumeira concisão expressiva.

É curioso notar que, apesar dessa "secura", a descrição encontrada no segundo trecho do autor aqui considerado corresponde à mais exata prescrição terapêutica presente nos três "agrônomos": ressalta-se nela, especialmente, a sucessão rigorosa dos tópicos de

ação e a preocupação em ser claro no tocante ao fator temporal e quantitativo. Assim, pode-se dizer, tal característica da escritura técnica do autor acaba por vezes por situá-lo com vantagens em relação à utilidade dos demais enquanto "guias práticos" de agropecuária.

9) Tema do trabalho durante o mau tempo (Catão, *De agri cultura* II 3/ XXXIX 1-2; Virgílio, *Geórgicas* I 259-275/ I 291-310)

O especial interesse da seleção desse eixo temático nos autores citados diz respeito ao fato de que nele encontremos um espaço privilegiado para a manifestação de certos elementos constantes das obras em foco. Assim, sobressai-se nas passagens catonianas o traço relativo à necessidade do trabalho incansável no *fundus rusticus*: tem-se a impressão, no contato com a obra, de que a propriedade rural descrita pelo autor deve ser uma unidade de produção maximizada ao extremo no tocante à produtividade. Não parece, nesse sentido, haver espaço algum para o prazer ou a diversão dos *agricolae* nos planos traçados pelo autor para a condução da vida rural; contrariamente, as referências ao senhor,⁸⁸ ao *uillicus*, à *uillica*⁸⁹ e aos escravos⁹⁰ caracterizam-se sem exceção pelo traço da severidade dos superiores em impor a ordem nos moldes descritos e da subserviência e sacrifício dos subalternos ao segui-la.

Em Virgílio, no entanto, o mesmo não se dá: um dos componentes mais apreciados das *Geórgicas* por seus leitores ao longo do tempo tem relação com a intercalação, em meio aos momentos de exposição técnica, de trechos de abordagem das alegrias da vida rural. É justamente um exemplo desse tipo que se apresenta a nossa apreciação na segunda passagem das *Geórgicas* aqui considerada: nela, como se verá ao longo da análise, o autor entrelaça a abordagem do tópico dos "prazeres de inverno" com a dos pequenos trabalhos realizados na casa pelos camponeses.

Antes desse trecho, porém, o poeta esboçou um quadro de realização de atividades durante os dias de chuva ou consagrados, em que a idéia do descanso parece rechaçada para longe: segundo suas palavras, *multa* ("muitas coisas"), então, podem ser realizadas (v. 260). A seguir, em especificação do que pretendeu comunicar com esses dizeres, ele distribui ao longo de todos os versos da sequência (exceto o v. 273) vários verbos de ação relacionados

com maior ou menor especificidade às práticas agrícolas (*procudit* - "forja", v. 261; *cauat* - "escava", v. 262; *impressit* - "marcou", v. 263; *exacuunt* - "afiam", v. 264; *parant* - "preparam", v. 265; *texatur* - "seja tecida", v. 266; *torrete, frangite* - "tostai", "rompei", v. 267; *exercere* - "fazer", v. 268; *deducere* - "fazer sair, conduzir", v. 269; *praetendere* - "pôr diante", v. 270; *moliri, incendere* - "armar", "queimar", v. 271; *mersare* - "banhar", v. 272; *onerat* - "carrega", v. 274; *reportat* - "traz", v. 275). Nos versos 266-267, especialmente, a inexorabilidade do trabalho parece intensificada pelo fato de que o poeta apresente aí três imperativos introduzidos por *nunc* ("agora"), favorecendo a impressão de urgência das práticas assim mencionadas.

Finalmente, parece útil lembrar com Mynors que a expressão *grex balantum* ("rebanho das que balem", v. 272) é poética e ecoa Lucrécio (II 369).⁹¹

A segunda passagem tematicamente afim das *Geórgicas*, vinculada ao tema das ocupações a que o homem pode dedicar-se durante o frio do inverno (intenso a ponto de poder retê-lo em casa), é caracterizada, como comentamos acima, por um tom de maior descontração, ainda que, em absoluto, não deva ser considerada um trecho de apresentação da inércia. Apesar de se produzir na passagem a impressão do inverno como época de fruição dos bens naturais, inclusive daqueles conquistados com sacrifício na conjunção das forças da natureza com as humanas (*musti... humorem* - "do mosto... o líquido", v. 295), deve-se observar que aquilo a que o *rusticus* se dedica sentado diante do fogo (v. 292) e que, diversamente, ocupa a atenção de sua esposa (v. 294-296), também são trabalhos. Além disso, o fato de que ele afie o "ferro agudo" parece fortemente indicador de uma espécie de preparo para o retorno futuro à lavoura com o acompanhamento de uma "arma" apropriada à violência da lida com a terra; por outro lado, o trabalho da esposa ao tear é longo (v. 293) e ela precisa confortar-se por meio do canto.

Ainda no interior dessa pequena cena doméstica, é importante atentar para o fato de que os elementos vinculados ao bem-estar na passagem (a chama que ilumina o agricultor à noite - v. 291, a "música" produzida pela esposa ao cantar - v. 293 e o fogo em que se prepara o mosto cozido - v. 295) mantêm, sem exceção, vínculos com o trabalho, prestando-se, pelo que explicamos até aqui, a favorecê-lo.

Formalmente, essa "pintura interior" destaca-se pelo fluir regular das atividades (com exatos dois versos dedicados a cada uma das três) e pela elevação da dicção através

do emprego de *Volcano* pelo desgastado *ignis* ("fogo", v. 295). A regularidade de distribuição dos temas pelos versos sugere, pela constância, o equilíbrio momentâneo desse pequeno universo, vindo a enriquecer a descrição produzida através da evocação de detalhes vívidos.

Em seguida, antes de realmente adentrar o tópico das atividades de inverno desenvolvidas em ambiente externo, Virgílio insere uma interpolação, em que se contrasta o tempo quente como época de colheita (v. 297-299) com o inverno como época do ócio e das festas entre os rústicos (v. 299-301) e, em 302-304, compara sua alegria na ocasião à dos marinheiros chegados ao porto sãos e salvos.

O que se apresenta ao leitor no intervalo correspondente ao trecho 305-310, por outro lado, tem relação direta com a prática da caçada (v. 307-310) e do aproveitamento de frutos como as bagas de loureiro, as azeitonas e os mirtos "sangrentos" (v. 306). Acrescentamos como comentário a ele que, também nessa fase do ano, em que reina a alegria nos campos enregelados e há tempo para diversões do tipo da caçada, permanece certo aspecto de enfrentamento entre os homens e a natureza (já que é necessário perseguir e matar os animais) e de grande movimentação dos *rustici*, nunca de fato, ao que parece, totalmente alheios à realização de esforços.

Em Catão, que dedica duas passagens do *De agri cultura* ao tratamento do tópico que aqui nos interessa, tem-se na primeira delas uma mera listagem das atividades a serem realizadas no *fundus* em dias de chuva, formalmente caracterizada pela presença preponderante de uma sucessão de orações infinitivas com verbo passivo e cujo termo subordinante foi omitido. A enumeração de dez verbos de ação por esse modo e, portanto, de dez atividades possíveis, resulta na impressão de forte empenho dos trabalhadores como meta a ser buscada pelo *uillicus* ou pelo senhor.

No segundo capítulo, um pouco mais variado no conteúdo das partes, o autor recomenda a princípio algumas atividades passíveis de realização em alguma época indeterminada de tempo ruim (*ubi tempestates malae erunt...*- "quando fizer mau tempo..."⁹²), trata em seguida da especificação de uma das práticas recomendadas (preparo ou impermeabilização de recipientes) e finaliza o capítulo com uma frase que, por seu teor sentencioso, presta-se ao papel antológico de condensadora de um aspecto fundamental da

obra (*cogitato, si nihil fiet, nihilo minus sumptum futurum* - "lembra-te de que, se nada for feito, não obstante haverá gastos"⁹³).

Deve-se dizer que esse último trecho é uma passagem exemplificadora dos momentos nos quais o autor, de forma dificilmente comparável com o que temos em geral nas duas outras obras agrárias de que nos ocupamos, descreve com especial atenção práticas evocativas do quotidiano mais específico da vida rural: a tendência varroniana por generalizar e a preponderância de certa "cautela poética" nas *Geórgicas* dificultariam que um tópico como o da impermeabilização do *dolium*⁹⁴ recebesse tão boa acolhida entre as páginas produzidas por Varrão e Virgílio.

Quanto ao espírito da frase sentenciosa final e à sua inserção no contexto, deve-se dizer que dá bem o tom da face do trabalho nesse autor enquanto algo contínuo e sempre voltado para propósitos práticos ou para a prosperidade do senhor. O próprio processo de impermeabilização do *dolium* a que nos referimos acima, por sinal, vincula-se a uma espécie de necessidade de auto-suficiência do *fundus*, pois, a fim de que os gastos não superem os ganhos obtidos através dele, é necessário que os trabalhadores tudo saibam fazer com suas mãos; assim, ao serem capacitados, por exemplo, para preparar *dolia*, desempenham suas funções com diligência nesse tipo de atividade.

Quanto à linguagem do autor, além da presença neste trecho dos traços tipicamente associáveis à sua dicção, parece-nos importante fazer um breve comentário do que se passa no seguinte excerto:

*Si bene sarseris aut bene alligaueris et in rimas medicamentum indideris
beneque picaueris, quoduis dolium uinarium facere poteris.*⁹⁵

"Se bem consertares ou bem prenderes, puseres grude nas fendas e besuntares bem com pez, poderás fazer de qualquer recipiente um *dolium* para vinho."⁹⁶

O advérbio reiterado é, segundo observação de Marouzeau,⁹⁷ um dos itens vocabulares preferidos por Catão: desprovido de maiores interesses pela elaboração estilística, ele não titubeia, em muitos dos momentos em que é preciso reforçar

semanticamente o cuidado no desempenho de alguma ação, em recorrer a esse mesmo recurso, preferindo-o à variação sinonímica.

10) Tema da adequação das culturas a tipos específicos de solo (Varrão, *De re rustica* I XXIII 1-6/ I XXIV 1-4/ I XXV; Catão, *De agri cultura* VI 1-4/ VIII 1-2/ IX, Virgílio; *Geórgicas* I 50-63/ II 109-135)

Esse é um *locus classicus* nas obras de todos os autores dedicados aos assuntos agrícolas: trata-se, evidentemente, de um dos pontos fundamentais ao bom desenvolvimento das culturas e à prosperidade ou ruína dos *agricolae*.

Em Virgílio, encontramos duas passagens dedicadas a seu tratamento, as quais, apesar das diferenças que acabam por particularizá-las, apresentam certos pontos em comum, verdadeiras constantes, ao que parece, do pensamento do poeta a respeito desse tópico. Como comentário geral e inicial a esse respeito, diga-se que o autor desloca o foco de interesse da questão para pontos diversos daqueles relativos ao intento de realmente orientar a escolha das culturas aos camponeses italianos a que, supostamente, falaria: a falta de detalhamento técnico que mereça destaque na passagem, bem como a presença de elementos muito mais chamativos para a imaginação do que para a razão em ambos os trechos faz com que se tornem, por um lado, mais elaborados textualmente do que o necessário e, por outro, não muito satisfatórios no critério da clareza instrutiva.⁹⁸

Logo no início do primeiro trecho (v. 50-51), surge um efeito de sentido passível de favorecer leituras diversas das mais superficiais. Trata-se da ambigüidade possibilitada pelo emprego de vocábulos que podem remeter simultaneamente ao universo agrário ou da navegação:

ac prius ignotum ferro quam scindimus aequor, 50
uentos et uarium caeli praediscere morem

"Antes de meter ferro à incógnita campanha 62
cumpre os ventos saber-lhe, a compleição dos ares"⁹⁹

Há que se ressaltar que o grau de ambigüidade chega ao ponto de que, não fosse por um detalhe¹⁰⁰ e caso não se soubesse que integram as *Geórgicas*, dificilmente se poderia distinguir a qual contexto original esses versos teriam pertencido: a imagem de "cortar (a planície)" (*scindimus aequor*) é empregada com frequência na literatura latina para referir-se ao ato de navegação,¹⁰¹ embora, a rigor, corresponda neste caso a um uso metafórico. Além disso, a associação entre o mar e o desconhecido (*ignotum*), pela própria vastidão e profundidade desse espaço hostil ao domínio humano, é uma idéia recorrente em várias épocas e autores.¹⁰² Há ainda que se acrescentar o vínculo entre os fenômenos atmosféricos, a necessidade de observá-los e o mar como algo bastante pertinente: afinal, sem o conhecimento da questão há maior risco de perda de naus e tripulações.

No intervalo constituído pelos versos 54, 55 e parte de 56, notemos os efeitos produzidos pela seguinte enumeração das especialidades dos solos:

hic segetes, illic ueniunt felices uuae,
arborei fetus alibi atque iniussa uirescunt 55
gramina.

"aqui, prospera a messe, além, triunfa a vinha; 65
aqui, medra o pomar; lá, sem cultura, as ervas"¹⁰³

Há que se notar, nessa apresentação, o arranjo dos itens de modo crescente em mais de um sentido. Dessa maneira, não só os próprios advérbios a que cabe a introdução das culturas têm extensão variável em termos de suas sílabas constituintes (contando-se uma apenas em *hic*, duas em *illic* e três em *alibi*), mas ainda os segmentos a que cada um se vincula igualmente "crescem" em extensão (*tricolon ascendens*). Deve-se dizer que essas ocorrências, acrescidas do fato de que se trata na passagem do *crescimento* das plantas, resultam bastante funcionais em termos do enriquecimento poético da passagem.

A partir do verso 56, Virgílio abandona o foco particular da questão para dedicar-se a apresentá-la em tom mais universalizante. Então, enumera terras longínquas como o monte Tmolos, a Índia, a terra dos sabeus, a dos cálibes, o Ponto e o Epiro e seus produtos,

vegetais ou não (respectivamente, o açafrão - v. 56, o ébano - v. 57, o incenso - v. 57, o ferro - v. 58, o castóreo - v. 59 e as palmas - v. 59).

Parece-nos bastante significativo o apelo dessa passagem para a imaginação do leitor, obtido não só pela aura de encantamento e exotismo que se vincula a alguns dos locais citados (como é o caso típico da Índia, conhecida pelos antigos como terra de fabulosa riqueza),¹⁰⁴ mas também pelo fato de que a lista dos produtos enumerados (em que se contam perfumes como o açafrão e o incenso, itens de luxo como o ébano, raros como o castóreo...) é evocativa de sensações e imagens variadas (cores, odores, a dureza do ferro, a associação das palmas com a vitória...). Esse efeito, julgamos, dever-se-ia intensificar no contexto original de recepção das *Geórgicas*, já que o mundo conhecido pelos latinos na Antigüidade era, evidentemente, bem mais restrito em suas fronteiras: sobre muitas das regiões distanciadas da bacia mediterrânea pairavam as sombras da lenda e da quase completa ignorância.

O fecho dessa passagem no livro primeiro das *Geórgicas* apresenta a diversidade produtiva das terras como resultado da degradação do mundo após o final da Idade Áurea: de uma época de abundância generalizada e proverbial, passou-se, nos tempos seguintes, a ter uma natureza menos pródiga em seus dons. Deucalião, personagem mítica aqui introduzida como povoador do mundo após o dilúvio universal (v. 61-63), representa uma espécie de via de passagem de um estágio a outro da história humana, uma vez que, contamos o poeta, após sua intervenção no curso dos acontecimentos a ela relacionados, cessou a prodigalidade espontânea da produção.

É interessante notar a esse respeito que se trata de um mito grego, por sinal empregado com fins de explicação de um fenômeno de ordem natural. Isso significa que Virgílio, por vezes "denunciando" mais abertamente a ficção de sua iniciativa de ensinamento, oferece na passagem um sinal de desviar-se para o plano do imaginário ao furtar-se ao "objetivismo" esperado para um autor de obra vinculada a um tema técnico.

Na segunda passagem em que o tema é abordado nas *Geórgicas* (II 109-135), nota-se novamente a ênfase em descrever as produções das terras estrangeiras: a própria distribuição quantitativa dos tópicos (com 22 versos dedicados a esse conteúdo e apenas 5 à abordagem do que se dá na paisagem européia) comprova que o poeta não foi exaustivo ao oferecer os preceitos de maior utilidade para os habitantes da Itália.

Mesmo no trecho menos desenvolvido, no entanto, julgamos de interesse mencionar a relativa abrangência dos meios enumerados e associados às plantas, de modo a constituir uma espécie de catálogo em miniatura dos principais ambientes passíveis de serem encontrados na Itália:

nec uero terrae ferre omnes omnia possunt.
fluminibus salices crassisque paludibus alni 110
nascuntur, steriles saxosis montibus orni;
litora myrtetis laetissima; denique apertos
Bacchus amat collis, Aquilonem et frigora taxi.

"Nem tudo se procria em todos os lugares: 130
o salgueiro é do rio; o amieiro, da alagoa:
o orno, do monte alpestre; o mirto as praias c'roa.
Baco os outeiros quer, teixo Aquilões e frios."¹⁰⁵

Assim, ao citar as árvores adaptadas aos rios, pântanos, montes pedregosos, litorais, colinas e ao vento e à friagem, Virgílio condensa em poucos versos certas referências geográficas possivelmente evocativas de sua terra natal, caracterizada, como sabemos, pela variabilidade das paisagens.

Na passagem seguinte, em que é introduzida a questão com enfoque no que se passa nas terras estrangeiras, fazem-se notórias certas reiterações de elementos já utilizados nos versos do livro primeiro e dedicados ao mesmo tema. Esse é o caso da referência à Índia e ao nome dos sabeus nos versos 116-117. Deve-se observar que, tanto aqui como na passagem do livro primeiro (I 57), o nome do povo mencionado segue-se ao da Índia e a ambos se segue o nome de um produto caracteristicamente oferecido por suas terras (respectivamente, "marfim" - v. 57 e "seus incensos" - v. 57, "ébano negro" - v. 116-117 e "vara de incenso" - v. 117); além disso, a palavra designativa dos sabeus encontra-se na mesma *sedes* métrica no livro primeiro e no segundo, em final de verso e obedecendo a uma distribuição idêntica de longas e breves (*sá/bäeĩ*, *sá/bäeĩs*¹⁰⁶).

Por outro lado, como não poderia deixar de ocorrer na abordagem de um tema tão promissor, também se nota aqui o tom de um destacado exotismo. Como diferencial em relação ao que se desenvolveu nesse campo no livro primeiro, Virgílio propicia a produção de um novo efeito de sentido na passagem que nos interessa: trata-se, por assim dizer, de empregar "metaforicamente" a linguagem ao referir-se ao fato de que a madeira "sua" (*odorato... sudantia ligno* - "com perfumada... madeira suando", v. 118) e os bosques dos etíopes produzem "lã" (*nemora Aethiopum molli canentia lana* - "os bosques dos etíopes branquejando com lã macia", v. 120). Apesar da frequência com que um processo como esse ocorre nas línguas, isto é, com que termos a princípio voltados para a designação de uma dada realidade passam a denominar outras pela analogia existente entre ambas, este contexto (de apresentação de objetos que não se viam no quotidiano) favorece sua interpretação no sentido da estranheza do fato de que plantas possam comportar-se como animais.

Em seguida, ao tratar do que caracteriza os bosques da Índia, Virgílio ressalta sua localização na extremidade do mundo (v. 123) e a altura descomunal de suas árvores, invencível mesmo para as setas atiradas por hábeis guerreiros (v. 123-125).

Por fim, em 126-135, desenvolve-se o tema do *felix malum* da Média, fruto cítrico apresentado pelo poeta como especialmente dotado de poderes curativos (na verdade, como um *antídoto* eficaz contra as poções preparadas por "madrastas cruéis" - v. 128). Parece importante observar com Mynors que o tema da madrastra má é um lugar-comum da literatura clássica, desenvolvido, por exemplo, nas *Metamorfoses* de Ovídio (I 147).¹⁰⁷ Além disso, o crítico nota que a expressão *folia haud labentia* ("folhas não oscilantes") do verso 133, com particípio "usado como verbo finito", ecoa pela construção *tum uero ardentis oculi* ("então os olhos bem ardentes") do verso 505 do terceiro livro da obra, também empregada em contexto "médico".¹⁰⁸

A primeira passagem correspondente de Varrão (I XXIII 1-6) discrimina, ramificando com mais detalhes depois de propor em linhas gerais os dois pontos a serem observados nesta questão de plantio (o que e como cultivar), quais espécies vegetais se adaptam aos diversos terrenos. Organizado na exposição, ele o faz em parte dividindo os itens por pares opositivos (o que cultivar em terra pobre ou rica, em terra úmida ou seca, em locais sombreados ou expostos...).

Apresentando os traços lingüísticos até aqui apontados nesta análise como caracteristicamente associáveis a seu modo de compor, o autor, além disso, detalha os pontos a que se refere, estabelecendo, a título de exemplificação, várias distinções ou categorias (em terra rica, em terra pobre, em terra seca...), multiplicando as culturas elencadas sob cada rubrica (*ocinum* - "trevo", *farrago* - "ferrã", *uicia* - "ervilhaca", *medica* - "luzerna", *cytisum* - "codesso", *lupinum* - "tremoço" / *holus* - "hortaliça", *triticum* - "trigo", *siligo* - "trigo candial", *linum* - "linho"...), apresentando os motivos pelos quais recomenda o que oferece ao leitor (*quaedam etiam serenda non tam propter praesentem fructum quam in annum prospicientem, quod ibi subsecta atque relictæ terra faciunt meliorem* - "alguns itens devem ser plantados não tanto pelos frutos imediatos quanto pelos do ano seguinte, pois, ceifados e deixados na terra, tornam-na melhor"¹⁰⁹)...

Sem restringir-se ao óbvio, Varrão dá mostras de capacitação para tratar tecnicamente o assunto ao dizer que "não é correto plantar tudo numa terra rica ou nada numa pobre"¹¹⁰ (*neque in pingui terra omnia seruntur recte neque in macra nihil*), chegando, em seguida, a recomendar que se fertilize o solo desgastado através de certos procedimentos descritos (*itaque lupinum, cum minus siliculam cepit, et non numquam fabalia, si ad siliquas non ita peruenit, ut fabam legere expediat, si ager macrior est, pro stercore inarare solent* - "assim, se o campo é um tanto pobre, costumam enterrar o tremoço como adubo logo que começou a produzir vagens, e por vezes os pés de favas que não chegaram a produzi-las para que convenha colher vagens"¹¹¹).

Demonstrando seu pendor classificatório, Varrão menciona ainda as culturas que, ao lado daquelas mais diretamente relacionadas ao proveito de homens ou animais (por serem meios de obtenção de itens alimentícios para ambos), servem ao deleite ou a outras necessidades humanas (*nec minus ea discriminanda in conserendo quæ sunt fructuosa, propter uoluptatem, ut quæ pomaria ac floralia appellantur, item illa quæ ad hominum uictum ac sensum delectationemque non pertinent neque ab agri cultura sunt diiuncta* - "não se deve distinguir menos ao plantar o que é proveitoso por agradar os sentidos, a exemplo dos chamados pomares e jardins de flores, bem como o que não diz respeito à sobrevivência e aos sentidos e prazer do homem, mas não é estranho aos benefícios agrícolas"¹¹²). No último caso, contam-se cultivos como os do cânhamo e do junco, úteis

por propiciarem a obtenção da matéria-prima para a manufatura dos utensílios utilizados no dia-a-dia da lida agrária.

Por fim, como último comentário a esse capítulo varroniano, parece útil transcrever a curiosa etimologia por ele oferecida ao explicar o termo *legumina*, categoria vegetal em que se inclui, por sua classificação, um item do tipo das favas:

*Rectius enim in tenuiore terra ea quae non multo indigent suco, ut cytisum et legumina praeter cicer; hoc enim quoque legumen, ut cetera quae uelluntur e terra, non subsecantur, quae, quod ita leguntur, legumina dicta.*¹¹³

"Pois é melhor plantar em terra mais pobre o que não necessita de muita seiva, como o codesso e os 'legumes', exceto o grão-de-bico. Ele também é um 'legume', como tudo o que se arranca da terra sem ceifar; por serem colhidos [*leguntur*] assim, tais itens são chamados de 'legumes' [*legumina*]."114

Deve-se notar que, no pequeno trecho em questão, o oferecimento do sentido etimológico para a palavra "legumes" não se restringe apenas à função de esclarecê-la lingüisticamente, mas acaba ainda por favorecer que se explicita algo sobre uma característica dessa cultura. Desse modo, pode-se dizer que se tem aqui um claro exemplo da instrumentalização da etimologia enquanto meio de abordagem técnica dos temas agrários.

Em I XXIV, há um exemplo de citação textual de Catão pelo autor, utilizado aqui como fonte de embasamento técnico por seu "herdeiro". Neste capítulo, certas marcas formais indicam-nos que se trata não mais do texto catoniano servilmente transcrito mas sim de uma adaptação com "acomodações" do mesmo. Assim, de acordo com as regras de passagem do discurso direto para o indireto em latim, Varrão adapta os modos verbais ao novo contexto, escrevendo, por exemplo, *ager crassus et laetus si sit sine arboribus, eum agrum frumentarium fieri oportere* ("é preciso que um solo rico e fértil, se não possui árvores, seja um campo de cereais"¹¹⁵) ao invés de *ubi ager crassus et laetus est sine*

arboribus, eum agrum frumentarium oportet ("quando o solo é rico, fértil e não possui árvores, é preciso que seja um campo de cereais"¹¹⁶). Nesse caso, como se nota, passou-se o primeiro verbo (*est*) do indicativo para o subjuntivo (ocorrendo ainda a mudança do tipo de oração subordinada em que se encontra de temporal para condicional), enquanto o verbo impessoal passou do indicativo para o infinitivo.

Além das adaptações sintáticas, introduzem-se também outras modificações vinculadas à alteração de certas palavras (caso dos nomes de algumas variedades de oliveiras, em que se contrapõem *conditiuam* e *colminianam* a *conditaneam* e *colminiam*) e à reescritura do texto em sentido mais amplo, como comprova o trecho varroniano dedicado a explicar a diferença entre *hostus* e *factus*, de todo ausente em Catão.

Acreditamos ser um elemento importante da prática de escrita de Varrão nessa obra o fato de que o autor faça algumas referências explícitas a outros autores ou os cite da mesma maneira: desse modo, em conformidade com seus intentos de compor um texto abrangente sobre as práticas agrárias e de adaptar-se ao gênero dialógico (caracterizado, na tradição clássica, por se tratar de um dos meios apropriados para a discussão elaborada de temas teóricos de natureza variada),¹¹⁷ ele deixa claro que até certo ponto conduz com critério essa atividade compositiva. Isso significa que, ao delimitar assim os pontos da presença de outras "vozes" em seu texto, o autor simultaneamente favorece que nele se mostre a pluralidade das fontes de que provém o dito (traço afim às práticas de discussão e argumentação nos diálogos antigos) e a percepção de seu procedimento de assimilar conhecimentos fundamentados para deles utilizar-se em seguida.

Finalmente, no capítulo de número vinte e cinco, embora não se avise explicitamente o leitor, tem-se a continuidade da citação de Catão, mais uma vez realizada pelo procedimento de reportar e alterar em parte o que se retoma.

Os capítulos catonianos correspondentes, apenas em parte citados por Varrão, apresentam como característica o fato de se vincularem sem variação ao padrão de escrita praticado pelo autor ao longo de todo o *De agri cultura*, com reiteração vocabular e sintática constante [*agrum/ ager/ agrum/ ager/ ager/ agro (...), oportet/ oportet/ oportet, serito/ serito/ serito/ serito/ serito/ serito*] e presença marcante do oferecimento de comandos com verbos no imperativo futuro (embora haja em VI 1-4, por exemplo, certa alternância entre esse uso e o da construção com o verbo impessoal *oportet*).

Em VI 1-4, apesar das explicações e desdobramentos por vezes presentes (*ibi corrudam serito, unde asparagi fiant. Nam conuenit harundinetum cum corruda, eo quia foditur et incenditur et umbram per tempus habet* - "aí, planta o aspargo-bravo para que haja aspargos. Pois o canavial vai bem com o aspargo-bravo, sendo arrancado e queimado e dando sombra a seu tempo"¹¹⁸), prevalece a estrutura de uma enumeração seguida de vários ambientes naturais com suas características e das culturas mais bem adaptadas a cada um deles.

Os capítulos VIII e IX tratam, respectivamente, da boa localização das figueiras e jardins e do plantio dos salgueiros. É interessante ressaltar aqui um traço característico da composição catoniana e que tem relação com a grande aleatoriedade na distribuição dos tópicos pelos capítulos. Embora todas as passagens aqui abordadas, de VI 1-4 a VIII-IX, tratem sempre do tema do "ajuste" entre as regiões de cultivo e as plantas, nota-se que a repartição dos assuntos pelos capítulos não parece coerente: afinal, ainda que dedicar o capítulo IX à menção exclusiva da cultura dos salgueirais pareça justificável, como explicar o fato de que VI, em que se aborda mais de uma forma de plantio, e VIII, em que o mesmo se dá, tenham sido separados como partes distintas? Por que Catão não uniu os dois primeiros capítulos citados num único, já que o critério da seletividade dos temas parece não vigorar no que se refere à sua abordagem efetiva no interior de cada subdivisão? Deve-se dizer que, do ponto de vista da organização das informações, tal falta de critério resulta perturbadora da ordem e da funcionalidade do texto enquanto manual de consulta prática.

11) Tema da adubação do solo (Varrão, *De re rustica* I XXXVIII 1-3; Catão, *De agri cultura* XXXVI; Virgílio, *Geórgicas* I 79-81/ II 346-348)

Acreditamos que a análise conjunta dessas passagens pode servir para exemplificar tipicamente alguns fatos observáveis na escrita de cada um dos autores como um todo: o interesse eminentemente prático do tema (uma vez que, por sua própria banalidade, torna-se quase impossível vinculá-lo ao que ofereça rendimento poético ou de erudição) favorece a restrição de seu tratamento pelos autores ao ponto de vista técnico, sem quaisquer sofisticações em outros níveis. Isso significa que tais passagens das obras agrárias que

deparamos se prestam a pontos de visibilidade privilegiada do significado da abordagem técnica dos temas pelos escritores.

Em Virgílio, destaca-se de início, nas duas únicas passagens das *Geórgicas* em que se trata da questão, sua extrema exigüidade: na verdade, seria difícil que se pudesse chegar a ensinar algo sobre essa prática num total de seis versos. Não obstante essa concisão, todavia, há que se ressaltar a importância fundamental da prática de adubar, utilizando esterco animal ou outros recursos, para o sucesso da rentabilidade agrícola.

Então, pode-se dizer que Virgílio praticamente menospreza o tema em questão não só por uma abordagem mais do que passageira, mas também por um modo de dizer que chega a revelar certo constrangimento em tratar de algo tão "baixo". No verso 80 do livro primeiro, menciona-se, inclusive, o sentimento de vergonha (*ne saturare fimo pingui pudeat sola* - "não envergonhe saturar os solos com esterco rico") como algo passível de ser experimentado pelo *agricola* ao adubar com estrume, de maneira fortemente perturbadora do que seria esperado em termos da normalidade da situação: de fato, como conceber que a um trabalhador da terra, habituado por definição a tudo o que diz respeito a seu *métier* (mesmo no que possa ter de mais rude e desagradável para os sentidos dos leigos), caiba ter pudor de fazer o que é preciso?

Por outro lado, o adjetivo quase que pleonasticamente aplicado às cinzas no verso seguinte (*cinerem immundum* - "cinza imunda") parece reforçar o fator do estranhamento do *magister* (e, possivelmente, de seus leitores) no tocante a uma atividade comuníssima na lavoura: ao que tudo indica, o fato de que as cinzas sejam imundas constitui, em potencial, mais um elemento motivador da repulsa. É importante dizer que a negação do sentimento de vergonha como algo necessário não basta para desfazer os efeitos de sentido a que nos referimos aqui: a mera menção a ele já basta para fazer entender que, definitivamente, não nos encontramos diante de um mestre de agricultura ensinando a seus "alunos". Assim, inconcebível em tais circunstâncias a não ser para aqueles que não se definem como lavradores, a vergonha, ainda que apenas referida de leve, desencadeia aqui a imediata e necessária associação do público com o plano do refinamento.

A passagem seguinte, extraída do livro segundo das *Geórgicas* e inclusa em outra já tratada nesta análise,¹¹⁹ também não se caracteriza, em absoluto, pelos traços da precisão e do cuidado técnico: de maneira muito geral, Virgílio limita-se nela apenas a recomendar

que *quaisquer* ramos fincados nos campos sejam "borrifados" com estrume. Dessa maneira, mais uma vez se nota a relativa "fuga" do poeta a um tema, como dissemos, dificilmente tratável no que se refere ao rendimento poético.

Varrão, em contrapartida, oferece a seu público o que nos parecem ser as mais cuidadas observações a respeito do tema da adubação: há que se notar, na passagem em questão, traços indicadores de razoável grau de tecnicidade, como a distribuição dos tipos de esterco animal numa escala decrescente de utilidade e a citação de um predecessor teórico (Cássio) pelo autor. Além disso, a própria variabilidade dos tipos de esterco passíveis de emprego (em que se incluem mesmo as fezes humanas) indica as intenções do autor de oferecer boa cobertura para o tema.

Apesar do bom desenvolvimento nos pontos citados há pouco, Varrão não privilegia a questão da adequação entre os terrenos e os tipos de fertilizante, limitando-se nesse sentido a afirmar que o esterco eqüino é bom para as searas e pastagens (*Cassius secundum columbinum scribit esse hominis, tertio caprinum et ouillum et asinium, minime bonum equinum, sed in segetes; in prata enim uel optimum, ut ceterarum ueterinarum, quae hordeo pascuntur, quod multam facit herbam* - "Cássio escreve que, depois do de pombos, fica o humano, em terceiro lugar, o caprino, o ovino e o dos burros, e que o menos bom é o eqüino, embora seja bom para as searas; pois é o melhor para as pastagens, como o dos demais animais de carga que se alimentam de cevada, já que ajuda a produzir erva em abundância"¹²⁰). Quanto ao modo de adubação, a rigor, as indicações restringem-se a mostrar a forma de espalhar o estrume de pombos e do gado (*id ut semen aspargi oportere in agro, non ut de pecore aceruatim poni* - "é preciso que ele seja espalhado no campo como a semente, não depositado aos montes como o de gado"¹²¹).

Estilisticamente, parece-nos interessante observar que o autor, evitando a monotonia de expressão, alterna o uso de determinantes constituídos por sintagmas substantivais no caso genitivo e por adjetivos ao qualificar a palavra *stercus* ("esterco"); encontram-se, assim, ao lado de *uolucrium*, *palustrium* e *nantium* ["das aves", "das aves dos pântanos" e "(das) da costa"] por exemplo, as expressões *columbinum*, *equinum* e *caprinum* ("de pombos", "eqüino" e "caprino").

Catão, como em geral temos ressaltado, é também aqui muito direto na expressão dos comandos oferecidos. Assim, nessa breve passagem, bastam-lhe cinco verbos, ao redor

de que gravitam todos os preceitos oferecidos [(*oportet* - "é preciso") *spargere* - "espalhar", *conseruato* - "conserva", *inriges* - "rega", *addito* - "usa, junta" e *ablaqueato* - "ablaqueia"] e que se encontram, em três ocorrências, no modo imperativo, para finalizar o que tem a dizer sobre a adubação.

Em que pese a essa brevidade e "secura" expressivas, no entanto, o autor discrimina para dois tipos de adubo os melhores locais de uso (cabendo, pois, utilizar o de pombos na pastagem, nos jardins ou na lavoura, e a *amurca* junto às raízes das árvores). Assim, em relação a Varrão (que cita, como vimos, apenas os locais de emprego *do esterco equino*), ele foi mais extensivo na abordagem desse ponto.

12) Tema do culto a Ceres (Catão, *De agri cultura* CXXXIV; Virgílio, *Geórgicas* I 338-350)

Nos tempos antigos, a prática escrupulosa dos cultos foi um dos aspectos mais característicos da vida dos *agricolae*: imersos por gerações num ambiente de forte conservadorismo e *pietas*, aqui compreendida enquanto observância rigorosa das obrigações para com os entes do mundo espiritual (deuses, gênios, manes...), os homens identificados com esse tipo social incorporaram com muita freqüência a seu dia-a-dia os procedimentos vinculados à experiência do sagrado.

Os tratamentos dados por autores como Catão e Virgílio a um tema específico como o do culto em homenagem a Ceres, deusa do panteão clássico a que se atribuía a fertilidade das colheitas, permitem-nos observar dois direcionamentos distintos dados à questão. Dessa forma, enquanto o poema didático de que nos ocupamos aqui negligencia o aspecto propriamente sacrificial do rito (que é justamente aquele privilegiado por Catão), abre espaço para a viva apresentação das ocasiões de culto em sua face mais risonha.

Na passagem que aqui analisamos, Virgílio faz com que se sucedam várias imagens ou eventos condizentes com as épocas de sacrifício.¹²² Não se trata, então, da apresentação das sucessivas etapas de realização de *um* culto, mas sim de algo muito mais difuso. É importante, a esse respeito, destacar a face do trecho como "vista panorâmica" das épocas do ano consideradas, já que, muitas vezes, o fraco nexos entre os eventos que se sucedem

numa mesma descrição [o que, a não ser a coincidência temporal, faz com que a referência ao sono agradável na sombra dos bosques (v. 342) ocorra junto daquela à diluição do mel no leite ou no vinho (v. 344)] não permite estabelecer elos causais ou sequenciais plenos entre as partes apresentadas.

Além disso, como dissemos, a menção no trecho de vários elementos proximamente ligados à idéia da fruição ou da alegria [a exemplo dos carneiros gordos e dos vinhos em v. 341, do descanso à sombra dos bosques em v. 342, da oferenda de mel diluído em leite ou vinho a Ceres nos v. 343-345, da oferenda de uma vítima propícia (*felix*) conduzida por um cortejo ovante nos v. 345-347, do "convite" à deusa pelos fiéis em v. 347, do coroamento dos fiéis com folhas de carvalho em v. 349 e, por fim, de seu canto "irregular" e das danças] acaba por imprimir a esses versos sobretudo a marca da celebração festiva. Tem-se a impressão, ao lê-lo, de uma espécie de pausa na dura rotina dos *agricolae*, por algum tempo dedicados, inclusive em conjunto (v. 343, v. 346), a atividades diversas daquelas relacionadas a seus trabalhos.

Quanto ao ensinamento dos ritos, devemos dizer que a passagem virgiliana resulta ineficiente: lembremos que a prática da condução de vítimas por três vezes ao redor do campo (v. 345) é um gesto sacrificial de purificação apresentado com algum detalhamento em Catão, pelo fato de comportar especificidades que não se devem negligenciar. Naquele contexto,¹²³ com efeito, o autor oferecia para o sacrifício da *suouetaurilia* prescrições relativas, por exemplo, às palavras exatas que deveriam ser pronunciadas na invocação de Marte e ao fato de que, na ocasião, convinha ainda oferecer vinho a Jano e a Júpiter. Nesse sentido, pois, Virgílio antes rememora a existência de tal prática em linhas muito gerais do que dá as diretrizes minimamente necessárias para que o culto seja levado adiante com sucesso.

Por outro lado, segundo observação de Mynors, o oferecimento de mel diluído em vinho ou leite (v. 344) a Ceres não é documentado na literatura que nos restou da Antigüidade; ele ressalta, aliás, sua presença exclusiva no culto aos mortos ou, por vezes, a Dioniso.¹²⁴ Assim, o crítico acaba por interpretar essa referência como algo motivado pela associação próxima entre os produtos oferecidos com a terra (a que Ceres, como favorecedora das colheitas, também se vincula), sem reais intenções documentais.

Faz-se necessário, aqui, mencionar ainda o lembrete desse estudioso a respeito do ecoar da seguinte passagem hesiódica no verso 341 do segundo livro das *Geórgicas*:

Th=moj pio/tatai t'ai)=gej, kai\ oi)=noj a)/ristoj 585

tüm pîn/guës äg/nï// ët/ tüm möl/lissímá/ uíná, 341

*tüm sôm/nï düll/cës// dën/säeque_in/ möntíbús/ ümbräe.*¹²⁵

"(...). Os ledos cordeirinhos 441

então é que têm carne, e mais sabor os vinhos;

dormem-se os sonos bons; e as árvores, co'as fronte

galanadas de viço, enchem de sombra os montes."¹²⁶

Por fim, como comentário sucinto a um aspecto formal dessa passagem, mencionemos a construção até certo ponto simétrica de ambos os versos transcritos acima (com reiteração da distribuição de um item de fruição antes das cesuras pentemímeres e outro posteriormente em cada um, a composição constante dos mesmos através de um substantivo acompanhado de um adjetivo e a predominância dos espondeus no par), a contribuir para a impressão de harmonia. A posição dos termos determinantes e determinados no primeiro hemistíquio de ambos os versos, por outro lado, propicia o surgimento de um quiasmo, e a ausência de quaisquer verbos enfatiza a face puramente sensorial da passagem, sem espaço para o maior rigor lógico obtido através do emprego de construções sintáticas mais desenvolvidas.

Em Catão, contrariamente a muito do que havia em Virgílio, nota-se a apresentação mais escrupulosa do culto: fatores como a sucessão precisa das ações a serem conduzidas na ocasião, a transcrição exata e reiterada das palavras a serem pronunciadas em oração e a indicação dos itens alimentícios cuja colheita deve ser precedida pelo mesmo acabam por resultar num texto claro e eficiente ao orientar para que se aja com acerto. Uma minúcia que se poderia indicar como exemplo dessa precisão diz respeito à necessidade de ofertar a Júpiter o "bolo" sacrificial denominado *fertum*, enquanto a Jano convém oferecer outro tipo de item alimentício (um *libum*).¹²⁷

Embora o sacrifício de que trata Catão tenha como alvo principal das súplicas a deusa Ceres, a quem se mata a *porca praecidanea* no encerramento do ato, há pelo menos mais três divindades nele envolvidas (Jano, Júpiter e Juno). Em relação a esse aspecto, é curioso notar que vários elementos no culto conjunto a tais deuses parecem apontar para a repetição como um traço característico de sua constituição: de início, o próprio nome das divindades, sempre iniciado pelo "i" semivocálico latino e, no caso de Jano e Juno, obviamente parecido, favorece o aparecimento de semelhanças. Em seguida, há que se mencionar a reiteração quase exata das palavras nas preces dirigidas a Jano e Júpiter ou ainda, nas mesmas circunstâncias, do ato de oferecimento dos "bolos" sacrificiais a ambos os deuses.

Por fim, deve-se dizer a respeito disso que as preces dirigidas aos deuses apresentam a estrutura de fórmulas, não apenas porque devem ser sempre reproduzidas para que se obtenha sua benevolência (o que justifica seu registro e transcrição pelo autor), mas também pelo fato de que se caracterizam internamente por traços que apontam para a necessidade da explicitude ou mesmo da saturação de sentidos com vistas à sua eficácia. Em outras palavras, como a apresentação do exemplo permite observar, tais preces se reiteram no uso, em contextos sociais repetidos, e ao se construírem com características formais diferenciadas dos usos corriqueiros da linguagem:

*Iuppiter, te hoc fertō obmouendo bonas preces precor, uti sies uolens propitius mihi liberisque meis domo familiaeque meae mactus hoc fertō.*¹²⁸

"Júpiter, oferecendo-te este *fertum*, suplico-te com boas súplicas que sejas favorável e benévolo para mim, meus filhos, minha casa e minha gente, glorificado com este *fertum*."¹²⁹

Desse modo, sem perder-se em digressões e desviar-se do necessário à instrução técnica do leitor, Catão afasta da abordagem dos temas religiosos tudo o que não diz respeito à praticidade e recomenda o culto como quem preceitua a respeito de uma outra prática qualquer da vida rural.

13) Tema dos tipos de abelhas (Varrão, *De re rustica* III XVI 18-19; Virgílio, *Geórgicas* IV 88-102)

O tópico que se segue tem relação com as classificações oferecidas pelos autores para as abelhas, insetos cuja variabilidade morfológica ou, como diríamos modernamente, de espécies, condiciona em ambos os casos a distribuição dos tipos por categorias distintas. Por suas próprias características, o tema se vincula não só aos aspectos eminentemente utilitaristas da vida rural, mas ainda confina com o campo da ciência zoológica antiga, já que se trata aqui de descrever animais em suas particularidades de aspecto externo e comportamento.

É importante, porém, ressaltar a importância do conhecimento dessa classificação para a boa produtividade das colméias nos *fundi*, já que, como veremos em seguida, os tipos de abelhas não são todos apresentados como correspondentes ao mesmo padrão no tocante à capacidade ou mesmo, curiosamente, à disponibilidade para produzir.

Em Virgílio, o elemento da diversidade dos insetos é aproveitado para que se ressaltem com grande expressividade pontos de contraste entre os tipos a que se faz menção e, conjuntamente, ocorrem efeitos que nos parecem afins à apresentação antropomorfizada das abelhas.

Quanto ao segundo elemento, os itens vocabulares empregados na referência aos próprios insetos ou ao que a eles se vincula favorecem a aproximação entre os animais e os seres humanos: assim, tem-se que, ao caracterizar o tipo superior das abelhas como *clarus* ("brilhante" ou "notável", "distinto", v. 93) e o inferior como *inglorius* ("inglório", v. 94) ou *turpis* ("torpe", v. 96), Virgílio emprega conceitos também passíveis de uso no campo da moral romana. Por outro lado, ao referir-se à colméia como *aula* (*regnet in aula* - v. 90), o poeta utiliza uma expressão cujo significado, especificamente direcionado pelo contexto (já que as abelhas vivem numa *monarquia*, sob o comando de um *rei*), remete-nos a uma imagem do poder na sociedade dos homens: tratamos do palácio real, aqui evocado através da menção a um de seus elementos arquitetônicos (caso interpretemos a palavra com o sentido de "pátio") ou ao todo (caso a interpretemos como "corte", "morada do rei" ou "palácio").

Quanto ao fator de ressaltar a diferença entre os tipos pela intensificação dos traços, pode-se dizer que o modo de apresentação das características de cada uma das duas variedades de "reis" ou de seus súditos por Virgílio favorece a nítida separação entre uma e outra espécie. Assim, usam-se na descrição da melhor variedade palavras como *maculis auro squalentibus ardens* ("ardente com manchas eriçadas/ escuras em ouro", v. 91) e, nos versos 98-99, *elucet aliae et fulgore coruscant/ ardentes auro*. Como se nota, várias dessas expressões remetem às idéias de luminosidade ou brilho (*ardens* - "ardente", *auro* - "em ouro", *elucet* - "reluzem", *fulgore* - "com brilho", *coruscant* - "refulgem" e *ardentes* - "ardentes") ou ainda de nobreza ou maior valor (*auro*, repetido por duas vezes). O efeito parece particularmente intensificado pelo contraste visual estabelecido no verso 91 (em que o rei é "ardente com manchas *escuras* em *ouro*") e pelo pronunciado acúmulo de palavras indicadoras de luminosidade no par de versos citado em seguida [em que as "outras (abelhas) reluzem e refulgem com brilho/ ardendo em ouro"].

Por outro lado, na descrição do tipo inferior [que se deve, aliás, exterminar das colméias por sua pouca rentabilidade ao produzir (v. 89-90)], sobressai-se a presença de atributos associáveis a características ruins: algumas palavras utilizadas nesse contexto são *horridus* ("erizado" ou "horrível", v. 93), *desidia latamque trahens inglorius aluum* ("e com inércia arrastando inglório o ventre volumoso", v. 94) e *turpes horrent* ("erizam-se torpes", v. 96). Como se vê, tais expressões veiculam sentidos de aspereza (*horridus* - "erizado", mas também "rude", "horrível"...), baixeza "moral" (*inglorius* - "inglório" e *turpes* - "torpes", "vis") e falta de agilidade e rendimento (*desidia latamque trahens aluum* - "e com inércia arrastando o ventre volumoso").

Por fim, parece útil dizer a esse respeito que o produto obtido pelo trabalho das abelhas de melhor variedade é apresentado como doce e capaz de corrigir o "sabor acre de Baco" (v. 100-102) e que, em 96-98, Virgílio emprega um símile no qual aproxima por analogia as de tipo inferior de um viajante "árido" (*aridus* - v. 98), vindo do pó espesso e que cospe com boca "seca" (*sicco* - v. 97). Dessa maneira, poder-se-ia pensar nas imagens empregadas em cada um dos casos como indicadoras de esterilidade ou fartura.

No tocante à utilização de Varrão como fonte de informação técnica para esta passagem, é importante dizer que se tem aqui como que uma adaptação do que havia no autor em prosa, indicando-nos a iniciativa virgiliana de não pautar-se servilmente pelo

predecessor teórico. Assim, Varrão de fato apontou, no trecho aqui considerado, a possibilidade de divisão dos tipos em duas categorias (segundo a opinião de Menecrates), e de que, em pelo menos um deles, as abelhas fossem variegadas. Entretanto, ocorre que a variedade apresentada como inferior em Varrão não se caracterizava por ser "erizada" (*horridus* - v. 93) ou de ventre volumoso (*latamque... aluum* - v. 94), mas sim pela cor escura e pela propensão a fomentar "revoluções" e a evadir-se. A característica do ventre saliente, por sinal, foi referida de algum modo por Varrão ao tratar de um *outro* tipo de abelhas, não incluído em nenhuma dessas categorias postas em confronto direto (*de reliquis apibus optima est parua uaria rutunda* - "das abelhas restantes, a melhor é pequena, variegada e bojuda"¹³⁰).

Como comentário final aos sentidos da passagem em Virgílio, deve-se dizer que parece haver forte contraste não só entre as melhores ou piores abelhas, mas ainda entre a doçura do mel e a "aspereza" do sabor de Baco, referida no verso 102. É importante aqui atentar para o fato de que a palavra empregada na descrição do vinho "imperfeito" é justamente o adjetivo latino *durus*, indicador de um traço muitas vezes associado a elementos variados da vida rural nas *Geórgicas* e que se reveste de grande importância para sua compreensão: com efeito, um dos eixos temáticos principais da obra tem relação com a ênfase na inclemência dos esforços a serem realizados pelo *agricola* e com a necessidade de que ele se submeta a condições difíceis ou, inversamente, subjugu a natureza por sua atuação.¹³¹

Com isso, pretendemos propor uma interpretação que considere a sociedade das abelhas (apesar de não serem perfeitas)¹³² como um dos elementos da vida rural ainda associáveis a algum bem numa fase tão conturbada da trajetória humana no mundo quanto o reinado de Júpiter. Devemos ressaltar, com efeito, que os dons de Baco, apesar de sua vinculação aos sentidos do prazer e da celebração festiva, são apresentados por Virgílio como algo de obtenção custosa (haja vista os cuidados infintos de cultivo do parreiral),¹³³ passíveis, em razão da embriaguez, de motivarem derramamento de sangue¹³⁴ e, no caso específico do trecho de que aqui nos ocupamos, nem sempre satisfatórios no sabor. Nesse sentido, a doçura do mel, também ele produzido industriosamente pelos insetos, contrabalança até certo ponto as deficiências encontradas no outro item referido.

Em Varrão, a passagem de interesse caracteriza-se, como usualmente, pelo oferecimento de informações de maneira mais despida de atrativos do ponto de vista da vivacidade descritiva e do apelo para a imaginação e a sensibilidade do leitor. Notemos a respeito disso que os critérios utilizados pelo autor para distribuir os insetos por categorias são essencialmente dois, relativos à morfologia externa das abelhas (segundo uma classificação possível, negras, rubras e variegadas e, segundo outra, negras e variegadas) e a seu *habitat* (selvagens ou domésticas). Desse modo, em demonstração de que oferece uma boa cobertura teórica para o tema, Varrão não só varia as formas de classificar como também, ao referir-se à opinião de Menecrates a respeito da suposta existência de "reis" diferenciados em apenas duas categorias, multiplica os pontos de vista oferecidos, apresentando a questão sem restringir tanto as possibilidades de considerá-la.

Além disso, é importante dizer que, dos oito tipos de abelhas elencadas em suas listagens (*niger* - "negro", *ruber* - "rubro", *uarius* - "variegado", *parua uaria rutunda* - "pequena, variegada e bojuda", *fur/ fucus* - "ladrão"/ "tavão", *uespa* - "vespa", *ferae* - "selvagens" e *cicures* - "domésticas"), Varrão oferece as características de sete, excetuando-se a categoria das rubras, cujo único atributo, evidentemente, pode ser depreendido por sua própria denominação.

Ao dizer que, dentre as variegadas e negras, sobressaem-se as variegadas pelas vantagens que trazem para o apicultor (*ut expediat mellario...* - "que é vantajoso ao apicultor...") e que as selvagens são mais *industriosas* (*siluestres... opifices magis* - "selvagens... mais industriosas") do que as domésticas, nota-se a preocupação do autor em oferecer, com suas classificações, indicações de valor prático ao leitor: é óbvio que, no caso de ter de fazer uma escolha, o *agricola* preferiria criar abelhas produtivas a improdutivas.

É importante, também, atentar para a diferença de tons entre essa passagem e a correspondente em Virgílio: em vez da "antítese" presente no poema didático entre apenas dois tipos de insetos escolhidos para exemplificar o ponto teórico da variabilidade, nota-se que Varrão, evidentemente empenhado em compilar o maior número de informações possível e explicar as particularidades com vistas aos lucros do apicultor, não se aproveita do tema para produzir um contraste tão marcado, caracterizando-se nesse aspecto por uma certa dispersão das tensões.

14) Tema do aspecto das abelhas doentes (Varrão, *De re rustica* III XVI 20; Virgílio, *Geórgicas* IV 251-163)

Na passagem em questão, Virgílio parece-nos enriquecer o que poderia passar por um tema árduo e sem maiores interesses para o público de poesia ao tratá-lo com auxílio de elementos de linguagem que não se restringem ao informativo. Aqui, pode-se dizer que o poeta infunde afetividade no modo de abordar o mal que atinge as abelhas, aproximando-as do que seria a forma humana de experimentar os sofrimentos da doença e, conseqüentemente, diminuindo a distância ente o mundo em miniatura dos insetos (passível de, em outras circunstâncias, tornar-se indiferente a nossos olhos) e a realidade da vida dos indivíduos.

Nos versos 251-252, Virgílio inicia a abordagem da questão, dizendo que "a vida também trouxe nossas infelicidades às abelhas" (*casus apibus quoque nostros/ uita tulit*) e que portanto, enlanguescem com uma "doença triste" (*tristi morbo*). Como se nota, há, a partir desse momento, a abertura para a aproximação a que nos referimos acima.

Em seguida, o poeta apresenta como alguns dos sintomas do mal a mudança da cor (v. 254) e "uma magreza horrível" (*horrida...macies* - v. 254-255). Devemos dizer que tais indícios são também alguns dos mais freqüentemente associados aos problemas de saúde humanos, não podendo, desse modo, permanecer restritos às particularidades fisiológicas dos insetos.

Além disso, após a morte das companheiras, as outras abelhas conduzem-nas para fora da colméia em funerais *tristes* (*exportant tectis et tristia funera ducunt* - v. 256) e, no verso 255, são chamadas, ao morrerem, de *luce carentum* ("carentes de luz"). Segundo a observação de Mynors, tal expressão eufemística, longe de se constituir num uso banal em latim, indica perceptível elevação da dicção do poeta ao empregá-la e ecoa certo uso lucreciano do verso 35 do quarto livro do *De rerum natura*.¹³⁵

Quanto a certos sintomas apresentados pelas abelhas, há que se notar sua maior restrição ao universo de tais insetos, sem, entretanto, que bastem para arruinar os efeitos de generalidade semântica produzidos pelos elementos que comentamos há pouco. Assim, a título de exemplificação, sabe-se que a doença as faz ficarem irresolutas ou *penduradas*

junto à abertura da colméia (*ad limina pendent* - v. 257) e que, em estado de contágio, ouvem-se zumbidos e sussurros produzidos pelos animais (v. 260).

Oferecendo ao leitor um parâmetro de comparação da intensidade desse zumbido, Virgílio emprega um símile na passagem correspondente ao intervalo dos versos 361-363, em que ele é aproximado do ruído do vento sul nas matas (v. 261), da maré na vazante (v. 262) e das chamas numa fornalha fechada. É interessante notar a presença de sugestivas aliterações (em nasais e, sobretudo, em "s") nesse intervalo e no verso 260, que o antecede imediatamente, favorecendo certo efeito imitativo em relação às sonoridades evocadas:

tum sonus auditur grauior, tractimque susurrant, 260
frigidus ut quondam siluis immurmurat Auster,
ut mare sollicitum stridit refluentibus undis,
aestuat ut clausis rapidus fornacibus ignis.

"Ouve-las sussurrar; rumor que se parece 366
co'o do Austro num bosque, ou da maré na areia,
ou do lume num forno."¹³⁶

Em Varrão, a breve referência ao tema caracteriza-se, como a leitura do trecho permite verificar, pela concisão e objetividade na transmissão dos indícios de boa ou má saúde dos insetos. Além disso, contribui para a impressão de praticidade instrutiva da passagem o fato de que o autor vincule o tema à necessária cautela do apicultor ao adquirir os enxames.

15) Tema da extração do mel (Varrão, *De re rustica* III XVI 32-34; Virgílio, *Geórgicas* IV 228-235)

No tocante ao desenvolvimento desse ponto, Virgílio caracteriza-se pelo oferecimento de informações em apenas dois aspectos, ou seja, naqueles concernentes ao modo de extração do mel e à época adequada para que se realize tal operação.

Nesse primeiro aspecto, há que se observar a falta de precisão e a seletividade extrema do que é oferecido como conteúdo: afinal, ao dizer que o apicultor deve espargir-se com água (v. 229), purificar a boca (v. 230) e defumar a colméia na ocasião de retirada do mel (v. 230), não se explicitam para o leitor sequer os sentidos exatos das duas primeiras práticas descritas.¹³⁷

Além disso, na passagem em que se menciona a época de retirada do mel (v. 231-235), o autor caracteriza-se por certa sofisticação ao animar Taigete (uma das Plêiades) e a constelação de Peixes com características evocativas de seres vivos: no primeiro caso, a estrela mostra a "face bela" às terras e repele o "rio Oceano" com o pé (v. 232-233); quanto a Peixes, diz-se que baixa "mais triste" (234-235) à ondas.

A passagem correspondente de Varrão caracteriza-se, por sua vez, pela maior funcionalidade técnica: assim, o autor enumera três sinais da presença suficiente do mel (quando se verifica um zumbido no interior da colméia, quando as abelhas tremem ao entrar ou sair da mesma ou quando os favos parecerem obstruídos por uma película), oferece mais de uma estimativa a respeito da quantidade a ser extraída e faz observações finais a respeito do modo de proceder durante a realização da operação.

Apesar do parco desenvolvimento dado ao último ponto, a relativa precisão do autor ao tratar dos dois aspectos restantes parece-nos bastar para que se imprima no texto desse trecho a marca da verdadeira informatividade técnica.

¹ Cf. por exemplo a sutil musicalidade do verso 27 (*pontibus ut crebris possint consistere et alas*), harmoniosamente caracterizado pela reiteração sonora do "i" e do "s".

² Quanto a evitar a banalidade da expressão quotidiana através da variação possibilitada pelo mito, cf. por exemplo a *Eneida* (Virgile. *Éneide*. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort. Paris: "Les Belles Lettres", s.d. Livres I-VI), em minha tradução: I 214-215. *tum uictu reuocant uiris, fusique per herbam/ implentur ueteris Bacchi (...)*. - "então com uma refeição renovam as forças e espalhados pela erva/ fartam-se com velho Baco (...)."

³ Cf. Norden, E. *La prosa d'arte antica*. Edizione italiana a cura di Benedetta Heinemann Campana. Roma: Salerno, s.d. V. I, p. 209: *Così accade, che in un uomo, il cui sguardo era volto all'indietro e che dimenticava così volentieri la miseria del "nunc" immergendosi nelle care memorie del "tunc", pure poté verificarsi un'unione esteriore, dall'effetto estremamente disarmonico, fra lo stile più moderno e artificioso e quello più arcaico e più semplice*.

⁴ Minha tradução.

⁵ Minha tradução.

⁶ Cf. Varrón. *De lingua Latina*. Traducción de M.-A. M. Casquero. Barcelona: Anthropos, 1990, p. XXIII-XXIV: *Resulta esclarecedor que el estoicismo utilizara el término "etimología", es decir, "significado verdadero". En efecto, para un estoico la auténtica verdad de una palabra consiste en la correspondencia natural y necesaria entre su significante y su significado, entre el nombre y el objeto designado: bastará desentrañar el origen de la palabra para descubrir la esencia última de lo que designa*.

⁷ Minha tradução.

⁸ Cf. Ross Jr., D. O. *Virgil's elements. Physics and poetry in the "Georgics"*. Princeton, New Jersey: University Press, 1987, p. 105 (minha tradução).

⁹ Cf. Ross, *op. cit.*, p. 105: *To put it simply, modern theory and practice can be stated thus: grafting between families is impossible, between genera (intergeneric) possible though difficult and often unsuccessful, and between species (intrageneric) generally successful. We can thus say immediately that six of Virgil's seven examples are impossible (though chestnut and beech both belong to the family Fagaceae)*.

¹⁰ Cf. *De re rustica* I XL 5-6 (minha tradução): *Quartum genus seminis, quod transit ex arbore in aliam, uidendum qua ex arbore in quam transferatur et quo tempore et quem ad modum obligetur. Non enim pirum recipit quercus, neque enim si malus pirum*. - "Quanto ao quarto meio de propagação, que é passado de uma árvore para outra, deve-se observar de qual árvore para qual se transplanta e em que tempo e como é enxertado. Pois o carvalho não aceita a pereira, ainda que a macieira aceite a pereira."

¹¹ Cf. comentário do autor às *Geórgicas* (Virgil. *Georgics*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1994. V. I, p. 170).

¹² Na transcrição do verso com os pés métricos do hexâmetro e a duração das vogais, optou-se por utilizar o trema para indicar o macron e o acento agudo para indicar a braquia.

¹³ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. Virgílio. *As Georgicas*. Traduzidas para português por A. F. de Castilho. São Paulo: Heros, 1930, p. 54).

¹⁴ Cf. *supra* nota 12.

¹⁵ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 54).

¹⁶ Cf. por exemplo a estrutura do texto na obra agrária de Catão.

¹⁷ Cf. *De re rustica* I XLI 1-3.

¹⁸ Minha tradução.

¹⁹ Cf. prefácio à edição do *De agri cultura* e do *De re rustica* preparada para a coleção de clássicos "Loeb" (Cato; Varro. *On agriculture*. With an English translation by W. D. Hooper. Cambridge, Massachusetts/London, England: Harvard University Press, 1999, p. XIII: *The "De Agri Cultura" constitutes our earliest extant specimen of connected, if loosely connected, Latin prose. The work, with its notable lack of systematic arrangement, can hardly pass as literature. It resembles rather a farmer's notebook in which the author had jotted down in random fashion all sorts of directions for the care of the farm, for his own private use or for the benefit of his friends and neighbours.*)

²⁰ Minha tradução.

²¹ Minha tradução.

²² Cf. comentário de Thomas a essa passagem das *Geórgicas* (v. I, p. 98): *As elsewhere, he is concerned not with instruction, but with suggesting the fragility of existence in the world of labor, a fragility which will be realized in the climax of this passage (197-203)*.

²³ Cf. *Geórgicas* I 145-146 (minha tradução): *labor omnia uincit/ improbus* - "o trabalho ávido tudo domina".

²⁴ Cf. Dalzell, A. *The criticism of didactic poetry. Essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996, p. 105: *Yet the poem has never lacked admirers. Dryden called it the "best Poem of the best Poet", and Montaigne thought it "le plus accompli ouvrage de la poésie."*

²⁵ Minha tradução.

²⁶ Cf. verso 139 da *Arte poética* de Horácio (Horace. *Satires. Epistles. "Ars poetica"*. With an English translation by H. Rushton Fairclough. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1999), que também se encerra com o mesmo monossílabo e em que a presença do vocábulo produz efeito de humor (minha tradução): *parturient montes, nascetur ridiculus mus* - "parirão montes, nascerá um ridículo rato".

²⁷ Cf. *Geórgicas* II 303-311 e II 419.

²⁸ Cf. *De re rustica* I LI 1-2.

²⁹ Cf. *De re rustica* LV 7, em que Varrão explica tratar-se de certo resíduo líqüido da fabricação do azeite de oliva.

³⁰ Minha tradução.

³¹ Minha tradução.

³² Cf. *supra* p. 268.

³³ Cf. verso virgiliano (minha tradução): *currentem ilignis potare canalibus undam* - "beber a água corrente em canais de madeira". Nele, como se nota, o verbo *potare* ("beber"), situado exatamente no meio de duas expressões compostas que o "envolvem" com certa simetria (a-b-c-B-A), surge em posição ressaltada, como se, de fato, a ação que designa tivesse sido destacada pelo poeta por sua importância. Além disso, cria-se quiasmo pela disposição das duas primeiras palavras em relação à disposição das duas últimas e surge a possibilidade, propiciada pela estrutura especular do verso, de uma leitura icônica do todo, no sentido de que o que está dum lado do verbo "reflete", de certa maneira, o que está do outro. Vale ressaltar que, nesse último caso, a imediata associação entre o gesto de beber, designado pelo verbo, e o elemento líqüido, faz com que esse termo passe a desempenhar, por analogia, o papel que caberia no real à superfície dum espelho d'água.

³⁴ Cf. Virgil. *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 232 (minha tradução).

³⁵ Cf. *supra* nota 12.

³⁶ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 110).

³⁷ Cf. *supra* nota 12.

³⁸ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 112).

³⁹ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 232.

⁴⁰ Minha tradução.

⁴¹ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 66).

⁴² Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 66-67).

⁴³ Cf., por exemplo, a frequência e a rentabilidade poética de seu uso desde a *Íliada* [XVI 765-771. (*Wj d'Eu=ro/j te No/toj t'e)ridai/neton a)llh/loiin/ ou/reoj e)n bh/ss\$ j baqe/hn pelemize/men u(/lhn,/ fhgo/n te meli/hn te tanu/floio/n te kra/neian,/ a(/i te prolj a)llh/laj e)/balon tanuh/keaj o)/zouj/ h)x\$= qespesi/\$, pa/tagoj de/ te a)gnumena/wn,/ w(/j Trw=ej kai\)Axaioi\ e)p'a)llh/loisi qoro/ntej/ d\$/oun, ou)d'e(/teroi mnw/ont'o)looi=o fo/boio. - Homère. *Iliade*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris: "Les Belles Lettres", 1998. V. II (em tradução portuguesa de Carlos Alberto Nunes: *Como Euro e Noto, por vezes, em grotas profundas contendem/ porfiadamente, fazendo abalar nas sombrias florestas/ os cortiçosos cornisos, as faias altivas e os freixos,/ e uns contra os outros os galhos compridos se chocam, ouvindo-se/ longe o estralar continuado de quantos, no embate, se quebram:/ dessa maneira os Troianos e os Dânaos em fúria acometem,/ sem que nenhum lembrasse, nessa hora, da Fuga nociva. - Homero. *Íliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, p. 383)].**

⁴⁴ A respeito do tema da classificação, durante a Antiguidade, das obras modernamente arroladas na categoria da "poesia didática", cf. Volk, K. *The poetics of Latin didactic. Lucretius, Vergil, Ovid and Manilius*. Oxford: University Press, 2002, p. 26-34.

⁴⁵ Cf. símile da andorinha na *Eneida* (Virgile. *Éneide*. Texte établi par René Durand et traduit par André Bellessort. Paris: "Les Belles Lettres", 1952. Livres VII-XII), em minha tradução: XII 473-477. *nigra uelut magnas domini cum diuitis aedes/ peruolat et pennis alta atria lustrat hirundo/ pabula parua legens nidisque loquacibus escas,/ et nunc porticibus uacuis, nunc umida circum/ stagna sonat (...)*. - "como quando a negra andorinha a grande casa de um rico senhor/ atravessa voando e com as penas percorre os altos átrios/

recolhendo pequenas porções de alimento e a comida,/ e ora nas galerias vazias, ora em torno dos úmidos/ tanques ressoa (...)."

⁴⁶ Cf. *Geórgicas* II 281-282 (minha tradução): *ac late fluctuat/ aere renidenti tellus* (...). - "e largamente ondula/ a terra com o brilho do bronze (...)."

⁴⁷ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 136 (minha tradução).

⁴⁸ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 67).

⁴⁹ Cf. *De re rustica* I VIII.

⁵⁰ Cf. *supra* nota 12.

⁵¹ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 67).

⁵² Cf. uso do mesmo recurso formal na *Eneida* (minha tradução), em que se tem a fala de Júpiter a Vênus a respeito da imutabilidade dos destinos de Roma (Virgile. *Éneide*. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par A. Bellessort. Paris: "Les Belles Lettres", s.d. Livres I-VI): I 257-260. *parce metu, Cytherea, manent immota tuorum/ fata tibi; cernes urbem et promissa Lauini/ moenia sublimemque feres ad sidera caeli/ magnanimumque Aeneam; neque me sententia uertit*. - "deixa de temer, ó Citeréia, permanece-te imutável dos teus/ o destino; verás a cidade e as muralhas prometidas de Lavínio/ e levarás aos astros do céu o ilustre/ e magnânimo Enéias; e não me muda o intento."

⁵³ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 68).

⁵⁴ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 68).

⁵⁵ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 141: *Lucr. I 250-251, Lucr. I 741*.

⁵⁶ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 70). Notar que a lição seguida por Castilho para traduzir não corresponde exatamente à lição da edição de Mynors, de que extraímos o trecho latino: naquele caso, havia, evidentemente, emprego de *ferrea progenies* ao invés de *terrea progenies*.

⁵⁷ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 71).

⁵⁸ Cf. a respeito do mesmo tópico *De re rustica* I VIII.

⁵⁹ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 144.

⁶⁰ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 72).

⁶¹ Cf. *De re rustica* I II 18-19.

⁶² Cf. *supra* nota 12.

⁶³ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 73-74).

⁶⁴ Cf. *supra* nota 12.

⁶⁵ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 75).

⁶⁶ Cf. *De re rustica* I VII 5.

⁶⁷ Minha tradução.

⁶⁸ Minha tradução.

⁶⁹ A respeito da fundamental importância da metalinguagem para Varrão, autor do *De lingua Latina*, cf. observações de Coradini sobre essa operação, por ele considerada o próprio sentido de sua escrita (Coradini, H. *Metalinguagem na obra "De lingua Latina" de Marcos Terêncio Varrão*. Tese de doutoramento apresentada ao DLCV-FFLCH-USP. São Paulo: USP-FFLCH-DLCV, 1999, p. 77ss).

⁷⁰ Cf. *supra* p. 263.

⁷¹ *Scrofa*: além de um nome de família, o termo pode ser em latim uma das denominações da porca.

⁷² *Varro*: segundo o dicionário latino-francês de Gaffiot, *uarrus*, *uarronis* é o "homem grosseiro".

⁷³ *Fodere*: "escavar".

⁷⁴ *Arare*: "arar".

⁷⁵ *Occare*: "estorrear".

⁷⁶ Minha tradução.

⁷⁷ Minha tradução.

⁷⁸ Minha tradução.

⁷⁹ Cf. *De agri cultura* CLVII, CLIX.

⁸⁰ Cf. *De agri cultura* CLXII.

⁸¹ Cf. *De agri cultura* CIV, CV.

⁸² Cf. *De re rustica* II 28.

⁸³ Minha tradução.

⁸⁴ *Bruma*: "época do solstício de inverno", "inverno"...

⁸⁵ *Vepres*: "espinhosos", "sarçais"...

- ⁸⁶ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 246.
- ⁸⁷ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 121).
- ⁸⁸ Cf. *De agri cultura* II.
- ⁸⁹ Cf. *De agri cultura* CXLII, CXLIII.
- ⁹⁰ Cf. *De agri cultura* II LVI.
- ⁹¹ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 62.
- ⁹² Minha tradução.
- ⁹³ Minha tradução.
- ⁹⁴ Trata-se de um grande recipiente bojudo destinado à armazenagem do vinho ou de outros itens alimentícios.
- ⁹⁵ Cf. *De agri cultura* XXXIX.
- ⁹⁶ Minha tradução.
- ⁹⁷ Cf. Marouzeau, J. *Traité de stylistique latine*. Paris: "Les Belles Lettres", 1946, p. 262.
- ⁹⁸ Em contraste com Virgílio, Varrão, ao abordar *en passant* no *De re rustica* (I VII 5-7) a questão da adaptabilidade das plantas ao solo em lugares variados do mundo (como o plátano de Gortina ou de Túrio, as viçosas videiras de Esmirna, as figueiras de Elefantina...), não desvia o foco para o lado fantasioso: neste caso, suas fontes de informação coincidem muitas vezes com sua experiência pessoal (o que viu) ou com a palavra de autoridades "científicas" (caso de Teofrasto). Além disso, as plantas a que se refere aqui são encontradas em lugares menos longínquos em relação à Itália (em torno da bacia mediterrânea) e, nas passagens seguintes, de que nos ocuparemos neste tópico de análise, não ressurgem mais a questão da adaptabilidade das culturas no estrangeiro.
- ⁹⁹ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 12).
- ¹⁰⁰ Note-se que o instrumento utilizado para fender a planície neste caso é chamado de *ferrum*, de uma maneira que remete diretamente ao arado, símbolo agrícola por excelência.
- ¹⁰¹ Para o emprego do verbo latino *scindere* com o sentido de cortar as ondas do mar, cf. *Eneida* (Virgile. *Éneide*. Texte établi par René Durand et traduit par André Bellessort. Paris: "Les Belles Lettres", 1952. Livres VII-XII), em minha tradução: X 763-765. *quam magnus Orion/ cum pedes incedit medi per maxima Nerei/ stagna uiam scindens* - "como o grande Oríon/ quando avança com seus pés pelos enormes/ mares, cortando o caminho de Nereu posto ao meio". - Eis outro exemplo da associação entre sulcar a terra e sulcar o mar, mas com um verbo diferente (*findere*): *Ars amatoria* II 671. *aut mare remigiis aut uomere findite terras* - "o mar com os remos ou as terras com o arado corta" [Ovide. *L'art d'aimer*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris: "Les Belles Lettres", 1929 (em minha tradução)].
- ¹⁰² Cf. primeira estrofe d'*Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões: I 1-8. "As armas e os barões assinalados/ Que da Ocidental praia Lusitana,/ Por mares nunca de antes navegados,/ Passaram ainda além da Taprobana,/ E em perigos e guerra esforçados/ Mais do que prometia a força humana,/ Entre gente remota edificaram/ Novo Reino, que tanto sublimaram" in "*Os Lusíadas*" de Luís de Camões comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. 3.ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1972.
- ¹⁰³ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 12).
- ¹⁰⁴ Sobre a Índia, cf. *De rerum natura* II 538 de Lucrécio (Lucrèce. *De la nature*. Introduction et notes de Henri Clouard. Paris: Garnier, s.d.), em que se fala do incrível número de elefantes dessa região.
- ¹⁰⁵ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 57).
- ¹⁰⁶ Cf. *supra* nota 12.
- ¹⁰⁷ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 118.
- ¹⁰⁸ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 118.
- ¹⁰⁹ Minha tradução.
- ¹¹⁰ Minha tradução.
- ¹¹¹ Minha tradução.
- ¹¹² Minha tradução.
- ¹¹³ Cf. *De re rustica* XXIII.
- ¹¹⁴ Minha tradução.
- ¹¹⁵ Minha tradução.
- ¹¹⁶ Minha tradução.
- ¹¹⁷ Cf. Gaillard, J.; Martin, R. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990, p. 221: *C'est une idée étrange que de recourir à la reproduction d'une conversation pour transmettre des idées, voire un enseignement*.
- ¹¹⁸ Minha tradução.

¹¹⁹ Cf. *supra* p. 280ss.

¹²⁰ Minha tradução.

¹²¹ Minha tradução.

¹²² Cf. Robert, J.-N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: "Les Belles Lettres", 1985, p. 314: *Si on relit attentivement le texte, on s'aperçoit que Virgile évoque en réalité trois fêtes importantes: tout d'abord les "Cerialia", en honneur de Cérès, puis dans la continuité logique, le poète parle des "Ambarualia", cette lustration avec le triple tour des champs, accomplie par la victime offerte aux dieux. Enfin, il décrit la fête qui précède la moisson.*

¹²³ Cf. *De agri cultura* CXLI.

¹²⁴ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 77.

¹²⁵ Cf. *supra* nota 12.

¹²⁶ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 35).

¹²⁷ Deve-se dizer que o próprio Catão, no texto do *De agri cultura* (LXXV), indica numa receita o modo de preparo dum alimento sacrificial como o *libum*.

¹²⁸ Cf. *De agri cultura* CXXXIV.

¹²⁹ Minha tradução.

¹³⁰ Minha tradução.

¹³¹ Cf. comentário de Thomas aos versos 145-146 de *Geórgicas* I (v. I, p. 93): *The meaning is "Insatiable toil occupied all areas of existence" - not a comfortable notion, but one consonant with the Latin, and with the poem, which proceeds to explore man's confrontation of this reality.*

¹³² Pois, entre outros fatores, entram em "guerra" e têm verdadeira idolatria por seus "reis" (cf. respectivamente *Geórgicas* IV 67-87 e IV 210-212).

¹³³ Cf. *Geórgicas* II 401-413.

¹³⁴ Cf. *Geórgicas* II 454-457.

¹³⁵ Cf. edição das *Geórgicas* preparada por Mynors, p. 291.

¹³⁶ Tradução portuguesa de A. F. de Castilho (cf. tradução citada das *Geórgicas*, p. 149).

¹³⁷ Cf. comentário de Mynors aos versos 229-230 de *Geórgicas* IV, p. 286-287.

Conclusão

Com as análises realizadas até o presente momento neste trabalho, pretendemos, como se tinha proposto desde o início, oferecer subsídios para que se pense nas obras dos "agrônomos" latinos como produtos de gestos de escrita direcionados não só pela conformação genérico-formal a eles concedida por cada autor, mas ainda como resultados de um fazer interpretativo afim ao substancial enriquecimento no plano específico das idéias.

De fato, há que se considerar a fundamental importância dos empregos lingüísticos e genéricos para a estruturação de cada um desses textos, sempre construídos com vistas ao tratamento do plano da experiência rural antiga: muito além de meras "roupagens" a acolherem conteúdos "idênticos", esperamos ter feito notar que esse nível da elaboração textual significa determinar decisivamente parte dos sentidos finais dos dizeres. Os exemplos supracitados do *De agri cultura* catoniano, do *De re rustica* de Varrão e das *Geórgicas* de Virgílio permitem-nos, assim, divisar de maneira privilegiada o papel dos gêneros literários (e de sua realização localizada na linguagem) na moldagem profunda de quaisquer obras antigas ou modernas: trata-se de uma espécie de prismas a que se deve atribuir o próprio processamento geral dos conteúdos, por isso entendendo o agenciamento de todo um conjunto de recursos cuja função se vincula a oferecer importantes "pistas" de leitura.

No caso do *De agri cultura*, a flagrante insistência do autor na preceituação cerrada (manifesta sintaticamente pela exaustiva abundância de formas jussivas variadas), a redução dos recursos de estruturação geral ao mínimo necessário (como o comprova a própria escolha do "acúmulo" de capítulos até certo ponto aleatoriamente reunidos como princípio construtivo mestre), a ênfase na necessidade do trabalho contínuo com vistas ao bom rendimento da empresa agrícola esboçada, a relativa severidade de posicionamento do emissor dos preceitos (isento, parece-nos, de "sentimento" e da abertura para a consideração "lúdica" da realidade rural), bem como o despudorado detalhamento de pontos apenas relevantes para aqueles de fato interessados em cultivar, mas demasiado aprofundados para quaisquer leitores mais descompromissados, indicam-nos de pronto que

nos vemos diante de um texto sobretudo afinado com propósitos pragmáticos de orientação do público especializado.

No tocante ao *De re rustica* varroniano, por outro lado, sem deixar-se de favorecer a informatividade técnica como foco principal de convergência dos interesses do autor (haja vista a reconhecida adequação do modelo dialógico à eficácia de processos comunicativos referenciais ou mesmo argumentativos), esperamos ter coligido elementos que permitam pensar em sua escritura nos termos de uma operação constitutiva mais diversificada. A respeito de tal flexibilização, importaria talvez atentar para o que chamamos de face "literária" desse empreendimento varroniano, incluindo nisso o emprego de recursos construtivos os mais variados ("nuançamento" de personagens, dosagem do humor, divisão dos temas por distintos livros com diversa contextualização dos diálogos, presença de traços da linguagem falada a contribuir para a representação dos momentos de interação descontruída entre os interlocutores, acato ao chamado modo aristotélico de conceber o gênero textual adotado...) e o enriquecimento e "leveza" de abordagem daí decorrente, sem esquecer-nos da marca da erudição em meio aos preceitos vazados pelas falas das múltiplas *personae* do escritor; nesse último ponto, com efeito, dispomos de elementos concretos para divisar a atribuição ao universo agrário de um conjunto de significações muito distinto da simples transmissão de diretrizes práticas.

As *Geórgicas*, por fim, muitas vezes recorrendo mesmo ao embasamento teórico em conteúdos diretamente provenientes desses antecessores, fazem com que, a despeito de sua manutenção superficial na complexa trama poética urdida, haja o privilégio de processos lingüísticos alheios ao intento de ensinar as técnicas aos *agricolae* romanos com real comprometimento "formador". Encontramo-nos, aqui, diante de um impulso criador francamente distinto do que possa haver de comum entre Varrão e Catão, considerados em conjunto à maneira de autores sem dúvida vinculados à orientação do público no plano da abordagem técnica: na verdade, a ênfase posta pelo poeta na elaboração artística da palavra e a riqueza de significados passível de surgir de seu peculiar processo de escrita acaba por ofuscar justamente a informatividade e a eficácia comunicativa do texto.

É importante, diante dessas diferenças, considerar a diversa rentabilidade dos modelos genéricos, escolhidos com vistas a seus alvos específicos. Não há, por exemplo, que "culpar" Virgílio por ter-se destacado poeticamente em detrimento da informatividade

enquanto um Catão, cumprindo "com seriedade" seu papel de mestre de técnicas agrárias, até certo ponto deu curso ao esperado de um escritor técnico: muito embora, como o comprova o sucesso da operação "educativa" levada a cabo por Lucrécio no *De rerum natura*, seja possível ao mesmo tempo manifestar expressividade poética nos textos e informar com rigor, os horizontes da poesia didática favorecem antes de mais nada a constituição do vivo intercâmbio entre *magister* didático e aluno(s); portanto, não seria, a rigor, estritamente necessário a um "poeta didático" de talento instruir com absoluta eficácia, mas tão somente proceder com verossimilhança, como se o fizesse. *Mutatis mutandis*, o mesmo se poderia dizer do *De re rustica* de Varrão, já que o fato de encontrarmos essa obra a meio caminho entre a maior "tecnicidade" catoniana e a riqueza textual estrita das *Geórgicas* de certo modo aponta para as chances de consideração do gênero dialógico enquanto terreno naturalmente aberto, desde suas origens no mundo grego, para o acolhimento simultâneo dos conteúdos (por vezes, caso da produção filosófica aristotélica e platônica nesses moldes, realizada com rigor epistemológico) e de recursos construtivos distintos deles, vias de acesso a ápices de refinamento artístico nas mãos de um mestre como Platão.

Isso dito, restaria, conforme o que mencionamos nos capítulos acima, ressaltar o que nos parece corresponder a um direcionamento das idéias de Catão e do Varrão dos diálogos iniciais do *De re rustica* (diante das particularidades do terceiro e último no confronto com os demais) para o relativo afinamento com as concepções dos *maiores populi Romani* e à pronunciada riqueza de pontos de vista associável às *Geórgicas* no âmbito ideológico. Assim, embora consideremos Catão um representante muito mais "puro" daquele universo (vinculado, bem o dissemos, à enérgica disposição para a atividade e a combatividade, à religiosidade, a uma visão profundamente hierarquizada da vida, à frugalidade e à simplicidade características do soldado ou do agricultor ideais...), algo não de todo diverso parecia manifestar-se nos livros varronianos estranhos à franca eclosão de um modo de existência afinado com o luxo urbano dos ricos romanos do final da república. Afinal, os trabalhos da terra e o pastoreio são atividades presentes na vida cultural de Roma desde tempos longínquos e, apesar das modificações no modo de praticá-los e da conseqüente transformação participativa dos homens e mulheres neles envolvidos, mantêm-se como elos ao menos parciais com a tradição.

De Virgílio, porém, em que a questão da interação entre o *rusticus* e a terra surge como um dos eixos temáticos centralmente posicionados, já não se poderia dizer o mesmo com o mesmo grau de segurança: a todo momento parecem multiplicar-se as perspectivas segundo as quais o poema nos convida ao confronto com as realidades descritas, de uma forma incompatível com a estabilidade das visões de mundo. Isso explica por que razão, conforme se buscou demonstrar, mesmo a "boa" batalha da lida agrária pode, por exemplo, manifestar-se com desequilíbrio de forças em relação aos dois "protagonistas" nela implicados (o homem rural e os elementos naturais), vindo a resultar, nos piores casos, na violência brutalmente direcionada contra um ou outro pólo estruturador do embate. Além de um certo questionamento da infalibilidade do modelo de vida ancestral no tocante à felicidade e à justiça dele advindas, tal oscilação de sentidos também nos remete, obviamente, a visões de mundo afastadas da imediata aceitação da guerra e do cultivo (ou do trato dos animais) como realidades essencialmente semelhantes em seu aspecto de "sanidade" moral (embora ainda persista, por vezes, a necessidade justificável do conflito...).

Eis, portanto, alguns dos principais motivos pelos quais o estudo dessas obras segundo o instrumental proposto nos pareceu favorecer o exame da questão interpretativa para cada um dos "agrônomos" latinos considerados. A análise conjunta do "como" se diz, complementada pela "do quê" é dito, julgamos, é um meio seguro para que se alcance a medida e os modos particulares de apropriação desses temas centrais à cultura latina por escritores antigos da importância daqueles sobre os quais nos detivemos neste trabalho.

Finalmente, como breves palavras sobre o papel das traduções nesse panorama teórico, consideramos fundamental lembrar que, sendo a própria leitura comparativa das obras instrutiva para os atentos, a iniciativa de oferecer ao leitor brasileiro nossa versão pessoal (embora não completa) dos textos de dois dos "agrônomos" estudados foi compreendida como via de acesso complementar a seus significados. Assim, no cotejo com as traduções versificadas das *Geórgicas* disponíveis em língua portuguesa, espera-se facilitar em seguida o vislumbre comparativo da tessitura e das principais idéias contidas em todos os livros agrários considerados.

Tradução do *De agricultura* de Catão

É mais proveitoso por vezes buscar a riqueza pelo comércio (se não fosse tão arriscado) e mesmo ser usurário (se fosse tão honesto). Nossos ancestrais pensaram assim e assim estabeleceram legalmente: que se punisse um ladrão obrigando-o a pagar o dobro e um usurário o quádruplo. Por isso se pode ver o quanto julgavam pior cidadão um usurário do que um ladrão. Mas, um homem bom a quem elogiavam, elogiavam assim: "um bom agricultor e um bom fazendeiro". Julgava-se que quem era elogiado assim era enormemente elogiado. Considero o comerciante diligente e empenhado na busca da riqueza. Em verdade, porém, como eu disse acima, há risco e perigo nos negócios. Mas, dentre os que se dedicam à agricultura, saem homens do maior vigor e soldados da maior coragem; daí se obtém o ganho mais justo, seguro e o menos invejado, e minimamente insidiosos são os que se ocupam deste labor. Tornando agora ao assunto, o que eu disse acima servirá de introdução.

I- Quando pensares em comprar uma propriedade, tem em mente o seguinte: não compres por impulso, não te furtas de tu mesmo examinar com cuidado nem julgues suficiente vistoriá-la uma só vez. Quantas vezes fores, tantas vai agradar-te mais o que for bom. Atenta para o aspecto dos vizinhos: numa região favorável, é preciso que tenham bom aspecto. Adentra-a e fica atento para que possas partir dela. Que tenha um clima bom e não propenso a tempestades e um solo bom, por si só vigoroso. Se possível, que fique ao pé dum monte, voltada para o sul e em terreno salubre; que tenha também muitos trabalhadores, um bom tanque e que perto haja uma cidade florescente, o mar, um rio por onde passam barcos ou uma via boa e movimentada. Situe-se em campos que não trocam de senhor com frequência, e que se arrependa de ter vendido quem vendeu propriedades nesses campos. Que seja bem provida de construções. Cuidado para não menosprezar às cegas os métodos alheios. Será melhor comprar de um senhor que seja bom fazendeiro e bom construtor. Quando vieres à sede,¹ nota se há muitas prensas de azeite e *dolia*:² onde não houver, saibas que a colheita lhes é proporcional. Que não tenha muitos equipamentos, mas situe-se num bom terreno. Cuida de que tenha o menos equipamentos possível e de que o campo não seja dispendioso. Saibas que com o campo se dá o mesmo que com o homem:

se for dispendioso, ainda que seja rico, não sobra muito. Se me perguntares qual é o melhor tipo de propriedade, direi que cem jeiras³ de campo com todos os tipos de solo e muito bem situado; um vinhedo é o melhor, se produz vinho bom e abundante; em segundo lugar, um jardim irrigado; em terceiro, um salgueiral; em quarto, um olival; em quinto, uma pastagem; em sexto, um trigal; em sétimo, um bosque de extração de madeira; em oitavo, um arvoredor; em nono, um bosque de produção de bolotas.

II- Quando o senhor vem à sede, tendo saudado o Lar familiar,⁴ que percorra a propriedade no mesmo dia se puder; se não no mesmo dia, ao menos no dia seguinte. Quando souber como a propriedade foi cultivada e quais trabalhos se fizeram ou deixaram de fazer, que chame o administrador⁵ no dia seguinte e interrogue quais trabalhos foram feitos, quais ainda falta fazer, se os trabalhos foram concluídos em bom prazo, se pode concluir o restante e qual a quantidade de vinho, trigo e de todos os outros itens. Quando estiver informado sobre isso, é preciso fazer cômputo dos trabalhadores e dos dias. Se o trabalho não se mostra, o administrador diz que agiu com empenho, que os escravos não passaram bem, que o tempo foi ruim, que os escravos fugiram, que tomou parte em obras públicas...⁶ Quando der esses e muitos outros motivos, faz o administrador tornar ao cômputo dos trabalhos e dos trabalhadores. Quando o tempo foi chuvoso, puderam-se realizar os seguintes trabalhos durante a chuva: lavar os *dolia*, besuntá-los com pezo, limpar a sede, remover o trigo, levar esterco para fora, construir uma esterqueira, limpar as sementes, consertar as cordas e fazer outras novas; em casa, era preciso remendar as mantas de retalhos e capuzes. Nos dias comemorativos, teria sido possível limpar as fossas antigas, construir a via pública, carpir o mato, escavar o jardim, limpar o pasto, enfeixar varas, arrancar espinheiros, moer a espelta⁷ e fazer limpeza. Quando os escravos adoeceram, não era preciso dar-lhes uma quantidade de alimento tão grande. Quando ele se informar tranquilamente sobre isso, cuida de que se terminem os trabalhos restantes: examinar as somas de dinheiro, de trigo e o que se comprou de forragem; a soma de vinho, de azeite, o que foi vendido, o que foi dado como tributo, o que restou, o que há para ser vendido; que se receba como caução o que deve ser recebido como caução; que se mostre o que ainda resta. Se algo for faltar durante o ano, que seja comprado. Que o que for excedente seja vendido. Que se dê de empreitada o que for preciso dar de empreitada. Que ordene e deixe

por escrito os trabalhos que deseja que se façam e os que deseja que se dêem de empreitada. Inspeçione o gado. Venda em leilão: venda o azeite, se tem bom preço, o vinho e o trigo que for excedente; os bois velhos, o gado que tem um pequeno defeito, as ovelhas que têm um pequeno defeito, a lã, as peles, a carreta velha, as ferramentas velhas, o escravo velho, o escravo doente e, se algo mais for excedente, que venda. É preciso que o senhor seja vendedor, não comprador.

III- É preciso que o senhor se dedique a cultivar os campos desde moço. É preciso refletir por longo tempo antes de construir, mas não é preciso refletir antes de cultivar: quanto a isso, é preciso agir. Quando chegares à idade de trinta e seis anos, é preciso construir caso tenhas um campo plantado. De tal modo construas que à sede não falte uma propriedade nem à propriedade uma sede. Convém que o senhor tenha uma sede bem construída, um depósito de azeite, uma adega e muitos *dolia*, para que se compraza em esperar que o preço suba (o que trará proveito a seus bens, influência e honradez). É preciso que tenha boas prensas para que o trabalho possa ser bem realizado. Quando a azeitona for colhida, faça-se o azeite sem demora para que não se estrague. Lembra-te de que todo ano vêm grandes tempestades e costumam derrubar as azeitonas. Se colheres rápido e as prensas estiverem a postos, a tempestade não causará dano algum e o azeite será mais verde e melhor. Se as azeitonas ficarem por tempo excessivo na terra e no tabulado, apodrecerão e o azeite terá um cheiro ruim. O azeite de quaisquer azeitonas pode ser mais verde e melhor se o fizeres a tempo. Em cento e vinte jeiras de olival, é preciso que haja duas prensas se o olival for bom, tiver muitas oliveiras e for bem cultivado. É preciso que os descaroçadores⁸ sejam resistentes e cada qual dum tamanho, para que possas trocá-los caso as rodas se desgastem; a cada um, suas cordas de couro, seis barras, doze pinos e cabos de couro. Movem-se as roldanas gregas⁹ com um par de cordas de esparto:¹⁰ sendo oito as polias superiores e seis as inferiores, tu as moverás mais rapidamente; se quiseres usar rodas, mover-se-á mais devagar, mas com menos esforço.

IV- É preciso que os currais sejam bons, bons os estábulos, e as manjedouras cercadas por um gradil colocado a um pé¹¹ de distância. Se as fizeres assim, os bois não lançarão a forragem para fora. Constrói a sede de acordo com tuas posses. Se construíres

bem numa boa propriedade e num bom lugar, se morares no campo como convém, virás a ele mais de bom grado e com maior freqüência; a propriedade ficará melhor, cometer-se-ão menos erros e colher-se-ão mais frutos: a frente é melhor do que a nuca. Seja bom para teus vizinhos; não permitas que os de casa lhes façam mal. Se a vizinhança conviver contigo de bom grado, venderás o que te pertence com maior facilidade, darás de empreitada com maior facilidade e contratarás trabalhadores com maior facilidade; se construíres, contribuirão com trabalho, animais de carga e material para a construção; se algo acontecer (oxalá nada aconteça), irão proteger-te de boa vontade.

V- Tais serão as obrigações do administrador: que tenha bom caráter. Que se observem os dias comemorativos. Que mantenha distância do alheio e guarde o seu com empenho. Que coíba brigas entre os de casa; se alguém cometer uma falta, que bem o castigue de acordo com sua culpa. Que os de casa não padeçam, não tenham frio, nem sintam fome; que os faça trabalhar bem e mais facilmente os desviará do mal e do que é alheio. Se o administrador não quiser que aja mal, não agirá. Se o permitir, que o senhor não deixe que seja impunemente. Que demonstre seu reconhecimento por um serviço prestado para que interesse a outros agir com retidão. Que o administrador não seja passeador, esteja sempre sóbrio e não vá banquetear-se em parte alguma. Que faça os de casa trabalharem e cuide de que se cumpra o que o senhor mandou. Que não pense saber mais do que o senhor. Considere que são seus amigos os amigos do senhor. Que só dê ouvidos a quem se ordenou que desse. Que não realize cultos a não ser em encruzilhadas,¹² durante as Compitais, ou diante do altar. Que não empreste a ninguém sem ordens do senhor: o que o senhor emprestar, reclame. A ninguém empreste a semente para plantar, alimentos, trigo, vinho e azeite. Que tenha dois ou três vizinhos a quem peça emprestado o que for preciso e empreste, e a mais ninguém. Que freqüentemente preste contas ao senhor. Não tome por tempo maior do que um dia o mesmo trabalhador, jornaleiro e o que dá o último amanho à terra. Que não deseje comprar algo sem que o senhor saiba nem ocultar algo ao senhor. Que não tenha comensal algum. Que não deseje consultar um harúspice,¹³ um áugure, um adivinho e um astrólogo. Que não poupe sementes: isso é de mau-agouro. Que cuide de saber realizar todos os trabalhos rurais e os realize com freqüência, contanto que não se estafe; se o fizer, saberá o que pensam os de casa e eles trabalharão mais de boa

vontade. Se agir assim, vão agradar-lhe menos os passeios, terá melhor saúde e dormirá mais de bom grado. Que seja o primeiro a levantar-se da cama e o último a ir para a cama. Que, antes, examine se a sede está fechada, cada um se deita em seu lugar e os animais de carga têm forragem.

Cuida de que os bois sejam tratados com o maior zelo. Aquiesce em parte aos vaqueiros para que cuidem dos bois mais de bom grado. Procura ter bons arados e relhas. Cuidado para não arares a terra ressequida,¹⁴ nem faças com que carros e o rebanho passem sobre ela. Se não te acautelares assim, perderás a colheita por um espaço de três anos na terra por onde fizeres com que passem. Que se faça com cuidado uma cama de palha para o rebanho e os bois e que se tratem seus cascos. Precavém-te contra a sarna do rebanho e dos animais de carga; isso costuma acontecer pela má nutrição e pela umidade do tempo. Procura terminar todo o trabalho cedo, pois assim são os trabalhos do campo: se fizeres uma parte deles com atraso, farás todo o trabalho com atraso. Se faltar palha, colhe folhas de azinheira e estende-as no chão para as ovelhas e os bois. Procura ter uma esterqueira grande. Conserva o esterco com cuidado; quando o tirares, limpa e fragmenta; tira-o no outono. Ablaqueia¹⁵ em torno das oliveiras no outono e deposita ali o esterco. Corta a seu tempo as folhas do álamo, do olmo e do carvalho: conserva-as, não de todo secas, como forragem para as ovelhas. Do mesmo modo, conserva secos o feno temporão e o restolho das pastagens. Depois das chuvas de outono, planta o rábano, a forragem e o tremçoço.

VI- É preciso que se considere assim em que terreno semear um campo: quando o solo é rico, fértil e não possui árvores, é preciso que seja um campo de cereais. Se o mesmo campo é sujeito a nevoeiros, rábano, rábão de cavalo, milho miúdo e milho painço é o que é melhor plantar. Num solo rico e quente, a azeitona de conserva, a de tipo alongado, a salentina, a orquita, a páusia, a sergiana, a colminiana e a branca; dentre essas, planta principalmente a que nesse lugar disserem ser a melhor. Planta esse tipo de oliveira a cada vinte e cinco ou trinta pés. Que o campo a ser cultivado como olival seja voltado para o Favônio¹⁶ e exposto ao sol: nenhum outro será bom. Num campo mais frio e menos rico, é preciso que se plante a oliveira liciniana. Se a plantares num terreno rico ou quente, o resultado da prensagem será ruim, a árvore vai arruinar-se ao produzir e o musgo vermelho será danoso. Em volta das cercas e em volta das vias, planta olmos e alguns choupos para

teres folhas para as ovelhas e os bois e madeira à disposição, se em alguma parte for necessária. Se em alguma parte desse lugar houver margens ou um lugar úmido, planta aí ramos de choupo e um canavial. Planta-o deste modo: lavrando com o alvião,¹⁷ introduze os olhos das canas a cada três pés um do outro. Aí, planta o aspargo-bravo para que haja aspargos. Pois o canavial vai bem com o aspargo-bravo, sendo arrancado e queimado e dando sombra a seu tempo. Planta o salgueiro grego em torno do canavial para que haja com que atar as videiras.

Considera assim em qual campo é preciso que a videira seja plantada: no terreno que disserem ser o melhor para as videiras e exposto ao sol, planta a amínia pequena, a eugênia dupla e a parda pequena. Em terreno de solo rico ou mais sujeito a nevoeiros, planta a amínia grande ou a murgentina, a apícia e a lucana. As outras videiras, principalmente as comuns, convêm a quaisquer lugares.

VII- É da maior importância que uma propriedade suburbana tenha um arvoredor: pode-se vender madeira e varas, e haverá para o uso do senhor. Na mesma propriedade, é preciso que se plante tudo o que nela vai bem; vários tipos de videira, a amínia pequena, a grande e a apícia. As uvas são conservadas num pote com bagaços de uvas; também são bem conservadas em vinho reduzido, em mosto e em aguapé.¹⁸ Suspende as uvas firmes e as amínias grandes, ou conservam-se corretamente, à maneira das passas, na oficina do ferreiro. Planta ou enxerta estes frutos: maçãs estrútiás, marmelos escancianos e quirinianos, bem como outros bons para conserva - maçãs succulentas e púnicas¹⁹ (é preciso jogar urina de porco ou esterco nas raízes para servirem de alimento às macieiras), pêras volemas, sementivas anicianas (esses frutos de conserva são bons em vinho reduzido), tarentinas, succulentas e em formato de abóbora - e quantas variedades a mais for possível; azeitonas orquitas e páusias, que são muito bem conservadas verdes em salmoura ou esmagadas em lentisco.²⁰ Quando as orquitas estiverem negras e secas, esfrega-as com sal por cinco dias; em seguida, sacode o sal e põe ao sol por dois dias ou conserva sem sal em vinho reduzido. Conserva a sorva²¹ em vinho reduzido ou seca; desseca-a. Conserva as pêras do mesmo modo.

VIII- Planta as figueiras mariscas em terreno gretoso e aberto. As africanas, herculanas, saguntinas, de inverno e telanas escuras de pedúnculo longo, planta-as em terreno mais rico ou adubado. Se tiveres uma pastagem irrigada ou, se não, seca, deixa-a desenvolver-se para que não falte o feno. Nos subúrbios, planta um jardim com todos os tipos de ervas, todos os tipos de flores para coroas, bulbos de Mégara, murta²² conjúgula, branca e negra, loureiro délfico, cipriota e silvestre, nozes calvas,²³ de Avela,²⁴ prenestinas e gregas. Que o dono de uma única propriedade nos subúrbios trabalhe e cultive a propriedade de modo a torná-la o mais fértil possível.

IX- É preciso plantar os salgueiros em terrenos alagadiços, úmidos, sombreados e próximos de rios; cuida de que tenham utilidade para o senhor ou possa vendê-los. Dá especial atenção a formar pastagens irrigadas se houver água. Se não houver, forma pastagens secas o mais possível. Tal é a propriedade que é preciso formar em qualquer lugar.

X- Deste modo se deve constituir um olival de duzentas e quarenta jeiras de extensão: um administrador, sua esposa, cinco trabalhadores, três vaqueiros, um tratador de burros, um porqueiro, um pastor (treze pessoas no total); três juntas de bois, três burros de carga arreados para transportar esterco, um burro para o moinho, cem ovelhas, cinco prensas de azeite completas, um tacho que comporte trinta quadrantes,²⁵ a tampa do tacho, três ganchos de ferro, três potes para água, dois funis, um tacho que comporte cinco quadrantes, a tampa do tacho, três ganchos, uma baciazinha, duas ânforas para azeite, uma urna que comporte cinquenta hêminas,²⁶ três escumadeiras, um balde para água, uma bacia, um vaso para líquidos, uma bacia de mãos, uma gamela pequena, um urinol, um regador, uma escumadeira, um candelabro, um medidor com capacidade para um sextário;²⁷ três carretas grandes, seis arados com relhas, três jugos com correias munidos de arreios, seis arreios para bois, um rastelo, quatro canastras para esterco, três cestos para esterco, três selas, três xairéis²⁸ para os burros; as ferramentas: oito forcados, oito sachos, quatro pás, cinco enxadas, dois ancinhos de quatro pontas, oito foices para feno, cinco foices para ceifar, cinco podões, três machados, três cunhas, um moinho manual para o trigo, duas tesouras, um esboralhador, dois fogareiros pequenos; cem *dolia* para azeite, doze cubas,

dez *dolia* para conservar bagaços de uvas, dez para a *amurca*,²⁹ dez para o vinho, vinte para o trigo, uma cuba para o tremço, dez jarros, uma cuba de lavagem, uma banheira, duas cubas para água, tampas apropriadas para os *dolia* e jarros; um moinho movido por burro, um manual, um espanhol, três varais de moinho, uma mesinha, dois discos de bronze, duas mesas, três bancos grandes, um banco no quarto, três banquinhos, quatro cadeiras, duas poltronas, uma cama no quarto, quatro leitos de tiras de couro e três camas; um almofariz de madeira, um lagar de pisoeiro, um tear, dois almofarizes, um pilão para favas, um para trigo, um para sementes, um que separe o miolo das nozes de sua casca; um medidor com capacidade para um módio,³⁰ outro com capacidade para meio módio, oito colchões, oito colchas, dezesseis travesseiros, dez cobertas, três toalhas, seis mantas de retalhos para os escravos.

XI- Deste modo se deve constituir um vinhedo de cem jeiras: um administrador, sua esposa, dez trabalhadores, um vaqueiro, um tratador de burros, alguém que faça tanchões³¹ de salgueiro, um porqueiro (dezesseis pessoas no total); dois bois, dois burros de tração, um burro para o moinho; três prensas completas, *dolia* onde se possam guardar cinco vindimas de oitocentos cúleos,³² vinte *dolia* onde se guardem bagaços de uvas, vinte para o trigo, tampas e coberturas para cada *dolium*, seis urnas de esparto, quatro ânforas de esparto, dois funis, três peneiras de vime, três peneiras para tirar a flor, dez potes para mosto; duas carretas, dois arados, um jugo para a carreta, um jugo para o transporte das uvas, um jugo para os burros, um disco de bronze, um varal de moinho; um tacho que comporte um cúleo, a tampa do tacho, três ganchos de ferro, uma panela de bronze que comporte um cúleo, dois potes para água, um regador, uma bacia, um vaso para líquidos, uma bacia de mãos, um balde para água, uma gamela pequena, uma escumadeira, um candelabro, um urinol, quatro leitos, um banco, duas mesas, uma mesinha, uma arca para roupas, um armário, seis bancos longos, uma roda d'água, um medidor com capacidade para um módio guarnecido com ferro, um medidor com capacidade para meio módio, uma cuba de lavagem, uma banheira, uma cuba para o tremço e dez jarros; arreios para dois bois, arreios e xairéis para três burros, três selas, três cestos para a borra, três moinhos movidos por burro e um moinho manual; as ferramentas: cinco foices para junco, seis foices para árvores, três podões, cinco machados, quatro cunhas, duas relhas, dez forcados, seis pás, quatro enxadas, dois ancinhos

de quatro pontas, quatro canastras para esterco, um cesto para esterco, quarenta podõezinhos para videira, dez podõezinhos para a giesta,³³ dois fogareiros, duas tesouras, um esboralhador; vinte cestinhos amerinos,³⁴ quarenta cestos para sementeiras ou gamelas, quarenta pás de madeira, duas dornas, quatro colchões, quatro colchas, seis travesseiros, seis cobertores, três toalhas, seis mantas de retalhos para os escravos.

XII- Para a sala de prensagem, há necessidade do seguinte: para cinco equipamentos, cinco prensas em condições de funcionar (mais três sobressalentes), cinco molinetes (mais um sobressalente), cinco cordas de couro, cinco para levantar, cinco cabos, dez polias, cinco correias e cinco viguinhas sobre as quais se ponham as prensas; três jarros, quarenta barras, quarenta pinos de madeira resistentes para prender as árvores³⁵ caso se fendam e seis cunhas; cinco descaroçadores, dez eixos pequenos, dez gamelas, dez pás de madeira e cinco enxadas de ferro.

XIII- Para a sala de prensagem em uso, há necessidade do seguinte: um pote, um tacho que comporte cinco quadrantes, três ganchos de ferro, um disco de bronze, (...) ³⁶ moinhos manuais, uma peneira, um crivo, um machado, um banco, um jarro para vinho, uma chave para a sala, um leito arrumado onde se deitem dois vigias livres (para que o terceiro, um escravo, durma junto com os trabalhadores), (...) cestos novos, (...) velhos, um cordão de polia, um travesseiro, (...) lâmpadas, uma pele, duas grelhas, um suporte para carnes e uma escada.

Para o depósito de azeite, isto é preciso: *dolia* para azeite com tampas, quatorze cubas para azeite, dois vasos grandes feitos de conchas, dois pequenos, três escumadeiras de bronze, duas ânforas para azeite, um pote para água, uma urna que comporte cinqüenta hêminas, um medidor para azeite com capacidade para um sextário, uma baciazinha, dois funis, duas esponjas, dois potes de argila, dois vasos que comportem uma urna,³⁷ duas escumadeiras de madeira, duas chaves com trancas para o depósito, uma balança, um peso de cem libras³⁸ e outros pesos.

XIV- Se deres de empreitada desde os alicerces a construção da nova sede que se deve erguer, é preciso que o encarregado faça o seguinte: todas as paredes, segundo o

combinado, com cal e pedra britada, pilares de pedras angulosas, todas as vigas necessárias, as soleiras, os umbrais, as vergas, os caibros, os sustentáculos, currais para uso dos bois no inverno e manjedouras no verão, uma estrebaria, aposentos para os de casa, três suportes para carnes, uma mesa redonda, dois tachos de bronze, dez pocilgas, uma lareira, uma entrada principal e outra que o senhor desejar, janelas, dez grades de dois pés para as janelas maiores, seis frestas, três bancos, cinco assentos, dois teares, um almofariz pequeno para moer o trigo, um lagar de pisoeiro, os ornamentos e duas prensas. Para isso, o senhor, deixando tudo no local, oferecerá a madeira e o que mais for preciso: uma serra, um fio de prumo (o empreiteiro somente extrairá, desbastará, cortará e preparará a madeira), pedra, cal, areia, água, palha e terra para fazer argamassa. Se cair um raio na sede, devem-se fazer orações. O preço desse trabalho para um bom senhor, que bem ofereça o necessário e pague de boa fé, é de dois sestércios³⁹ por telha. O telhado será calculado assim: há telhas inteiras e fracionadas, a que falta a quarta parte; quanto às últimas, considera-as como uma a cada duas. As telhas para o agüeiro⁴⁰ serão consideradas como duas; quanto às de tipo grande, considera-as como quatro a cada uma.

Numa sede em pedra e cal, ergue os alicerces até um pé sobre a terra e o restante das paredes em tijolos; assenta as vergas e adornos necessários. Quanto ao resto, deve-se proceder como para uma sede em cal e pedra britada. O preço será de dois sestércios por telha. Os preços que foram estabelecidos acima valem para um bom senhor que tenha propriedade situada em terreno salubre: o custo da mão-de-obra será conforme à estação.⁴¹ Numa propriedade situada em terreno insalubre, onde não se pode trabalhar no verão, que um bom senhor pague uma quarta parte a mais.

XV- As paredes de vedado devem ser em cal, pedra britada e pedra. Que o senhor ofereça tudo para os trabalhos. Terão cinco pés de altura (com uma empena⁴² de um pé), um pé e meio de largura e quatorze pés de comprimento; é preciso dar de empreitada os serviços do reboco. Se der de empreitada as paredes da sede para cem pés, isto é, dez pés para cada lado, o custo será de cinco libelos⁴³ por pé e dez vitoriatos⁴⁴ por faixa⁴⁵ de um pé por dez. Que o senhor faça os alicerces com um pé e meio de largura e ofereça um módio de cal e dois módios de areia por pé de comprimento.

XVI- Assim se deve proceder quando derem a cal a queimar como meeiros: o caueiro prepara, queima, tira a cal da fornalha e corta lenha para a fornalha. O senhor oferece a pedra e a lenha necessárias à fornalha.

XVII- A madeira do carvalho, bem como para os tanchões, está pronta para o corte no solstício⁴⁶ de inverno. A madeira restante, de árvores que produzem sementes, está pronta quando as sementes amadurecem. A madeira de árvores que não produzem sementes estará pronta quando perderem a casca. O pinho, porque tem sementes verdes e maduras (podes colher tais sementes do cipreste e do pinho em qualquer época do ano), é bom e está pronto para o corte em qualquer época do ano. Nas mesmas árvores há cones de dois anos, dos quais cairão sementes, e de um ano; logo que esses últimos começam a fender-se, é preciso colhê-los. Eles começam a amadurecer na época da sementeira, o que se estende por mais de oito meses. Os cones do ano corrente são verdes. A madeira do olmo está pronta para um novo corte quando as folhas caem.

XVIII- Se quiseses construir uma sala de prensagem para quatro lagares postos uns em frente aos outros, faze os lagares assim: as árvores com a espessura de dois pés e a altura de nove (com as espigas)⁴⁷ e os orifícios com o comprimento de três pés e meio e a largura de seis dedos⁴⁸ (distanto um pé e meio do chão na parte de baixo); entre as árvores e as paredes, dois pés, entre duas árvores, um pé, as árvores alinhadas em dezesseis pés com o primeiro pilar, o pilar com a espessura de dois pés e dez pés de altura (com as espigas), o molinete com nove pés (sem contar as espigas), o feixe com vinte e cinco pés de comprimento, sua ponta com dois pés e meio, trinta pés de pavimento para cada dois lagares (com dois escoadouros), vinte pés de pavimento à direita e à esquerda para os quatro descarçadores e vinte e dois pés entre dois pilares para as barras; para os lagares que se situam frente a frente, vinte pés do último pilar até a parede que fica atrás das árvores; no total, uma sala com quatro lagares tem sessenta e seis pés de comprimento e cinquenta e dois de largura. Entre as paredes, onde assentarás as árvores, faze bons alicerces com a profundidade de cinco pés; neste lugar, assenta pedras duras em todo o espaço definido pelo comprimento de cinco pés, a largura de dois pés e meio e a espessura de um pé e meio. Aí, faze um orifício para duas travas e assenta as árvores na pedra pela

trava. Completa o espaço que houver entre duas árvores com madeira de carvalho e verte chumbo no local. Faze com que a parte superior das árvores tenha a altura de seis dedos e põe aí um cabeçote de carvalho para que haja onde os pilares fiquem. Faze os alicerces com cinco pés e assenta uma pedra com dois pés e meio de comprimento, dois e meio de largura e um e meio de espessura; assenta os pilares aí. Assenta o segundo pilar similarmente. Sobre as árvores e pilares, põe uma viga plana com a largura de dois pés, a espessura de um pé e trinta e sete pés de comprimento ou põe duas, se não forem resistentes. Sob essas traves, entre os escoadouros e as paredes do fundo, onde ficam os descaroçadores, põe uma vigota de um pé e meio e vinte e três pés e meio de comprimento ou duas delas. Apóia as vigas que ficam sobre as árvores e pilares nessas vigotas; nessas vigas, constrói uma parede e une ao madeiramento, para que haja peso suficiente. Ao construir a plataforma, faze-lhe os alicerces com a profundidade de cinco pés e a largura de seis; constrói a plataforma e o escoadouro circular com o diâmetro de quatro pés e meio, e todo o resto do pavimento com alicerces de dois pés de profundidade. Primeiro calca o solo nos alicerces; em seguida, com brita miúda e cal amassada com areia, faze camadas alternadas com a espessura de meio pé. Constrói os pavimentos assim: tendo nivelado, faze a primeira camada de saibro e cal amassada com areia e calca-a com maças; faze uma outra camada igual; aí, deposita cal passada por um crivo até a espessura de dois dedos. Constrói o pavimento nesse local com cacos secos; uma vez construído, bate o chão e pule para que o pavimento seja bom. Faze as árvores e pilares de carvalho ou pinho. Se quiseses diminuir as traves, trunca os escoadouros além da coluna. Se fizeres assim, haverá necessidade de traves com o comprimento de vinte e dois pés. Faze o disco com o diâmetro de quatro pés, a espessura de seis dedos e com juntas à púnica; introduze nele encaixes de azinheira. Tendo-os fixado, prende com pinos de pilriteiro.⁴⁹ Ajusta três travessas a esse disco, fixando as travessas corretamente com pregos de ferro. Faze o disco de olmo ou aveleira: se tiveres madeira de ambos os tipos, usa-as revezadamente.

XIX- Para a prensa de uvas, faze os pilares e as árvores dois pés mais altos e deixa espaço para um pino acima dos orifícios das árvores, de modo que cada um deles fique a um pé de distância. Faze seis orifícios com meio pé de área no molinete. Farás o primeiro orifício a meio pé da espiga, distribuindo os demais com a maior precisão possível. Faze

um gancho no meio do molinete. O meio do espaço entre as árvores deve ajustar-se ao meio do molinete (onde será preciso fazer o gancho), para que o feixe do lagar se encaixe no meio com precisão. Ao posicionar a ponta do feixe, ajusta pelo meio da prensa para que ela bem se ponha entre as árvores, e deixa um polegar de folga. As maiores barras têm dezoito pés; em segundo lugar, há as de dezesseis pés e, em terceiro, as de quinze pés. As alavancas têm doze, dez e oito pés.

XX- É preciso instalar o descaroçador assim: o eixo de ferro que se assenta na coluna deve assentar-se reto no meio e a prumo; é preciso prender bem de todos os lados com cunhas de salgueiro e derramar chumbo no local como precaução para que o eixo de ferro não oscile. Caso oscile, remove-o e repete o procedimento para que não mais oscile. Faze os encaixes para as mós com a madeira da oliveira orquita e guarnece-os com chumbo como precaução para que não se soltem. Une-os ao eixo. Faze buchas resistentes com a largura de um polegar e com rebordos duplos; prende-as com dois pregos para não caírem.

XXI- Faze o eixo com dez pés e tão grosso quanto os encaixes exigirem, de modo que se ajuste ao meio das mós. Perfura-o no meio com a mesma largura do eixo de ferro para poder introduzir o eixo de ferro. Aí, põe uma bucha de ferro que se ajuste ao eixo de ferro e ao eixo. Faze um orifício no eixo à direita e à esquerda com o equivalente a quatro pontas de dedo de área e três pontas de dedo de profundidade; fixa uma placa de ferro perfurada e da largura do meio do eixo na parte inferior do eixo, de modo que se adapte ao eixo de ferro. Quando fizeres os orifícios, envolve-os à direita e à esquerda com lâminas. Curva para a parte inferior do eixo todas as quatro lâminas; dos dois lados, sob essas lâminas, põe laminazinhas pequenas, prendendo-as entre si para que os orifícios em que se encaixarão os eixos pequenos não se alarguem. Prende de ambos os lados a parte do eixo que adentra os encaixes utilizando quatro guarnições de ferro convexo-côncavas. Prende o meio das guarnições com pregos. Sobre as guarnições, perfura o eixo pelo lado de fora: põe aí um prego que prenda a mó. Sobre o orifício, põe um aro de ferro com a largura de seis dedos e perfurado dos dois lados para dar passagem ao prego. A razão disso tudo é impedir que o eixo se desgaste na pedra.

Faze quatro anéis e põe-nos em torno da mó, para que o eixo e o prego não se desgastem no interior. Faze o eixo de madeira de olmo ou de faia. Que o mesmo ferreiro faça e fixe as peças de ferro necessárias por sessenta sestércios. Compra o chumbo para o eixo por quatro sestércios. Para instalar o eixo e adaptar e chumbar os encaixes, a mão-de-obra custa pelo menos oito sestércios; é preciso que ele mesmo ajuste o descaroçador. O total dos gastos será de setenta e dois sestércios, fora os ajudantes.

XXII- É preciso ajustar o descaroçador deste modo: que ele seja equilibrado de forma que as mós distem uniformemente das bordas. É preciso que a mó diste pelo menos um dedo do fundo do descaroçador. É preciso ter cuidado para que as mós não raspem de modo algum as bordas. É preciso que haja um dedo entre a mó e a coluna. Se o espaço for maior e as mós se afastarem em excesso, passa várias vezes uma corda apertada em torno da coluna para preencher o vão excessivo. Se as mós estiverem muito embaixo e raspem o fundo excessivamente, acrescenta discos de madeira perfurados à coluna e ao eixo de ferro e regula a altura no local. Regula a largura do mesmo modo com pequenos discos de madeira ou argolas de ferro até que esteja bem regulada.

Comprou-se um descaroçador na região de Suessa, para cinqüenta libras de azeite, por quatrocentos sestércios. O custo da montagem é de sessenta sestércios. O custo do transporte por bois, com seis homens trabalhando por seis dias, é de setenta e dois sestércios, incluindo os vaqueiros; o custo de um eixo completo é de setenta e dois sestércios, com um acréscimo de vinte e cinco para o azeite. O custo total é de seiscentos e vinte e nove sestércios. Em Pompéia, comprou-se um completo por trezentos e oitenta e quatro sestércios, e o custo do transporte foi de duzentos e oitenta. É melhor instalá-lo e ajustá-lo no local, a um custo de sessenta sestércios. O custo total é de setecentos e vinte e quatro sestércios. Se vais comprar mós para descaroçadores velhos, devem ter um pé e três dedos de espessura no meio, um pé de diâmetro e um orifício de meio pé de área. Quando as tiveres transportado, regula conforme o descaroçador. Elas são compradas junto aos muros de Rúfrio por cento e oitenta sestércios, e reguladas por trinta. Em Pompéia, compram-se pelo mesmo preço.

XXIII- Cuida de que se providencie o que é preciso para a vindima. Que os vasos sejam lavados, que os cestos sejam remendados e besuntados com pez e que os *dolia* necessários sejam besuntados com pez quando chover; que as canastras sejam preparadas e remendadas, que o trigo seja moído, que os peixes salgados sejam comprados e que as azeitonas caídas sejam salgadas. Colhe a seu tempo as uvas comuns para o preparo do vinho dos trabalhadores, produzido com as que não estão de todo maduras. Reparte igualmente pelos *dolia* as uvas colhidas a cada dia, limpas e secas. Se for preciso, junta vinho reduzido de uvas não pisadas ao mosto na proporção de uma parte para quarenta ou uma libra e meia de sal por cúleo. Se juntares pó de mármore, junta uma libra por cúleo; junta-o à urna e mistura com o mosto; junta-o a um *dolium*. Se juntares resina, esmigalha bem três libras para um cúleo de mosto; põe-na num cestinho e deixa pender no *dolium* de mosto; agita-o com freqüência para que a resina se desfaça totalmente. Quando juntares vinho reduzido, pó de mármore ou resina, mistura com freqüência e desfaz quotidianamente por vinte dias. Reparte o mosto de segunda espremedura e junta em partes iguais a cada *dolium*.

XXIV- É preciso fazer vinho grego assim: colhe bem as uvas apícias totalmente maduras. Quando colheres, junta a um cúleo de mosto dois quadrantes de água do mar envelhecida ou um módio de sal puro; suspende-o num cestinho e deixa que se dissolva no mosto. Se desejares fazer vinho pardo, junta meia parte de vinho pardo, meia parte de vinho apício e um trinta avos de vinho reduzido envelhecido. Junta um trinta avos de vinho reduzido a todo vinho misto que fizeres.

XXV- Quando as uvas amadurecerem e forem colhidas, cuida de reservá-las primeiro para uso doméstico, e de esforçar-te para colhê-las bem maduras e secas, a fim de que o vinho não perca renome. Peneira todos os dias os bagaços de uvas frescos por uma "cama" de cordas tencionadas, ou providencia um crivo para isso. Esmaga-os e põe em *dolia* besuntados com pez ou numa cuba para vinho besuntada com pez. Manda conservá-los bem vedados para dar aos bois no inverno. Se quiseres, hidrata-os aos poucos: haverá aguapé para os de casa beberem.

XXVI- Terminada a vindima, manda que os equipamentos de prensagem, cestos, canastras, cordas, suportes e pinos sejam guardados cada qual em seu lugar. Faze com que os *dolia* com vinho sejam purificados duas vezes ao dia; para isso, cuida de ter uma escova para cada *dolium*, a fim de que esfregues as bordas dos *dolia*. Trinta dias após a colheita, se não houver mais resíduos de uvas, veda os *dolia*. Se desejas tirar o vinho da borra, esse será o melhor tempo para isso.

XXVII- Semeia trevo, ervilhaca,⁵⁰ feno grego, favas e chicharro, forragem para os bois. Faze uma segunda e uma terceira sementeira de forragem. Em seguida, planta outros itens. Na terra em pousio,⁵¹ covas para oliveiras, olmos, videiras e figueiras; planta-os simultaneamente à sementeira. Se o terreno for seco, transplanta as oliveiras durante a sementeira; quanto às que foram plantadas antes, poda as novas e ablaqueia as adultas.

XXVIII- Quando transplantares oliveiras, olmos, figueiras, árvores frutíferas, videiras, pinheiros e ciprestes, extrai-as bem com as raízes e a maior quantidade possível de sua terra e ata-as para poder transportar; manda que sejam transportados em caixas ou cestos. Cuidado para não escavar ou transportar se houver vento ou aguaceiro: deve-se evitá-lo ao máximo. Ao plantar numa cova, põe por baixo a terra de cima; em seguida, cobre com terra até a extremidade das raízes, calca bem com os pés e, o melhor que puderes, com maças e barras; é o mais importante. Planta as árvores que tiverem mais de cinco dedos de diâmetro aparadas nas pontas, esterçadas e presas com folhas nos cortes.

XXIX- Reparte o esterco assim: leva metade para a lavoura quando plantares a forragem e, se lá houver oliveiras, ao mesmo tempo ablaqueia e põe esterco; em seguida, planta a forragem. Na época de maior necessidade, põe a quarta parte em torno das oliveiras ablaqueadas e encobre o esterco com terra. Reserva a outra quarta parte para a pastagem e, na época de maior necessidade, quando o Favônio soprar, transporta-o durante o interlúnio.⁵²

XXX- Dá aos bois folhas de olmo, de álamo, de carvalho e de figueira enquanto estiverem disponíveis. Dá às ovelhas folhas verdes enquanto estiverem disponíveis; atraí as

ovelhas para onde fores semear e dá-lhes folhas até que a forragem esteja no ponto. Poupa o quanto puderes o feno seco que conservares para o inverno, lembrando-te de quanto ele é longo.

XXXI- Que se providencie o necessário para a colheita das azeitonas. Que se colham varas maduras e vime a seu tempo, para que haja do que fazer cestos novos e consertar os velhos. Para fazer pinos, põe na água ou no esterco madeira seca de azinheira, de olmo, de nogueira e de figueira; disso, havendo necessidade, fazes os pinos. Providencia barras de carvalho, de azinheira, de loureiro e de olmo. Faze o feixe do lagar preferencialmente de carpino⁵³ negro. Quando extraíres a madeira do olmo, do pinho, da nogueira ou de qualquer outro tipo, faze-o na lua minguante, à tarde e sem que haja o Austro.⁵⁴ Ela está pronta para o corte quando suas sementes estiverem maduras; cuidado para não transportá-la ou desbastar enquanto orvalha. A madeira de árvores que não dão sementes está pronta para o corte quando perderem a casca. Havendo o Austro, cuidado para não manusear madeira ou vinho, a não ser que seja preciso.

XXXII- Cuida de começar a podar cedo as videiras e as árvores. Põe as videiras em mergulhia⁵⁵ nos sulcos; o quanto puderes, busca impelir as videiras para cima. Deve-se podar as árvores assim: que se apartem os ramos que deixares, sejam cortados em linha reta e não restem em demasia. Que as videiras tenham muitos nós; muito cuidado para não deixares a videira pender demais para ramo algum e para não a tolheres demais. Faze com que as árvores sejam bem unidas e as videiras plantadas em número suficiente; se em alguma parte for preciso, tira-as das árvores para enterrá-las na terra: dois anos depois, corta-as das velhas.

XXXIII- Faze com que se cuide do parreiral assim: prende verticalmente a videira bem provida de nós para que não se contorça, impelindo-a sempre para cima o quanto puderes. Deixa ramos produtivos e de reserva em espaços regulares. Eleva a videira à maior altura possível e ata-a verticalmente, contanto que não a tolhas demais. Trata-a assim: durante a sementeira, ablaqueia a cepa das videiras. Escava em torno da videira que podaste, começa a arar e sulca em linha reta dum lado para outro. Põe as videiras novas em

mergulhia o quanto antes e estorrea.⁵⁶ Poda as velhas o menos possível: se for preciso, de preferência põe em mergulhia e separa dois anos depois. O tempo de podar uma videira nova será quando for vigorosa. Se houver falhas no parreiral, faze sulcos de permeio e planta aí as mudas; afasta a sombra dos sulcos e escava-os com freqüência. Num parreiral velho, planta trevo se estiver esgotado (não plantes o que produza sementes) e em torno da cepa junta esterco, palha, bagaços ou algo parecido para que se revigore. Quando o parreiral começar a cobrir-se de folhas, desfolha-o. Ata serradamente as videiras novas para que os caules não se quebrem; ata com delicadeza os ramos tenros da que começa a subir pelos tanchões e endireita-os, para que se ponham retos. Quando a uva começar a variegarse, ata as videiras por baixo, desfolha-as, expõe as uvas e sacha⁵⁷ em torno da cepa.

Corta o salgueiro a seu tempo, remove-lhe a casca e ata firmemente. Conserva a casca; quando for necessária para o parreiral, lança por isso parte dela à água e ata. Guarda varas para fazer cestos.

XXXIV- Retorno à sementeira. Quando um terreno for o mais frio e úmido, planta primeiro nele. É preciso que a sementeira aconteça por último nos terrenos mais quentes. Cuidado para não trabalhar a terra ressequida. Num campo de terra vermelha, em terra negra, compacta, pedregosa, arenosa, bem como na que não for úmida, o tremoço vai bem. Em greda, na umidade, em terra vermelha e num campo aguacento, planta principalmente a espelta. Nos terrenos secos, não cobertos pela erva e expostos ao sol, planta o trigo.

XXXV- Planta favas em terrenos vigorosos e não propensos a tempestades. Planta a ervilhaca e o feno grego em terrenos o menos possível cobertos pela erva. É preciso que o trigo candial⁵⁸ e o comum sejam plantados em terreno aberto e elevado, onde haja sol pelo maior tempo possível. Planta a lentilha em terrenos pedregosos e de terra vermelha, não cobertos pela erva. Planta a cevada num terreno novo ou que poderá ser cultivado anualmente. É preciso plantar o trigo tremês onde não pudeses amadurecer o que foi semeado e onde haverá, pela riqueza do terreno, a possibilidade de cultivar anualmente. Planta o nabo, o rábão de cavalo e o rábão num terreno bem estercoado ou num terreno rico.

XXXVI- Tais são os tipos de adubo para a lavoura: é preciso espalhar esterco de pombos na pastagem, nos jardins ou na lavoura. Conserva com cuidado o de cabras, ovelhas e bois, bem como todo o esterco restante. Espalha ou rega com a *amurca* em torno das árvores; depois de ablaqueá-las superficialmente, usa uma ânfora⁵⁹ de *amurca* diluída pela metade com água junto às árvores maiores e uma urna junto às menores.

XXXVII- Eis o que prejudica a lavoura: o trabalho na terra ressequida e o grão de bico, que, por arrancar-se e ser salgado, é ruim. A cevada, o feno-grego e o chicharro, bem como o que se arranca, exaurem a terra. Não enterres caroços de azeitonas nas terras destinadas à lavoura.

Tais são as culturas que adubam as lavouras: o tremoço, as favas e a ervilhaca.

Pode-se obter adubo da forragem, do tremoço, da palha, das hastes das favas, dos resíduos de cereais, das folhas de azinheira e de carvalho. Arranca da lavoura o engos,⁶⁰ a cicuta e, em torno dos salgueirais, a erva alta e a ulva;⁶¹ usa-a para fazer uma cama para as ovelhas e bois por ser malcheirosa.⁶² Criva parte dos caroços de azeitonas e lança-os numa cuba; junta-lhes água e mistura bem com uma enxada. Usa esse lodo em torno das oliveiras ablaqueadas, utilizando também caroços queimados. Se a videira estiver mirrada, retalha-lhe miudamente os sarmentos e, lavrando ou enterrando, encobre-os.

No inverno, faz isto de noite: estando seco o que trouxeste para debaixo de abrigo de véspera, corta como tanchões e mourões; faz tochas pequenas e tira o esterco. Não toques a madeira a não ser no interlúnio ou na lua minguante. A melhor época para extrair a madeira que retiras ou cortas da terra são os sete primeiros dias após a lua cheia. Tem enorme cuidado para não desbastar, extrair ou, se possível, tocar a madeira não seca, enregelada ou orvalhada. Cuida de sachar e capinar por duas vezes o trigo e de colher a aveia. Retira ramos das videiras e das árvores podadas e faz feixes; empilha a madeira da videira e da figueira para a fomalha e as toras pequenas para o senhor.

XXXVIII- Faze a fomalha para cal com a largura de dez pés, a altura de vinte e reduz o topo à largura de três pés. Se queimares por uma só boca, deixa um espaço grande no interior, para que de fato haja onde conter as cinzas e elas não precisem ser retiradas. Constrói a fomalha com cuidado; cuida de que a base de pedra se estenda por toda a parte

inferior da fornalha. Se queimares por duas bocas, não será preciso deixar espaço. Havendo necessidade de tirar as cinzas, tira-as por uma boca: na outra, o fogo arderá. Cuidado para não interromper o fogo e para que arda sempre; cuidado para que não se interrompa à noite ou em tempo algum. Usa na fornalha uma boa pedra, o mais alva possível e minimamente variegada. Quando construíres a fornalha, faze-lhe a cavidade em declive. Quando escavares bastante, faze uma base para a fornalha o mais profunda possível e minimamente exposta ao vento. Se só tiveres à disposição um lugar para fazer uma fornalha pouco profunda, constrói a parte de cima com tijolos ou reboca com pedra britada e barro por fora. Quando acenderes a fornalha, se for visível alguma chama em lugar que não seja o furo superior, reboca com barro. Cuidado para que o vento não chegue à boca: cuidado especialmente com o Austro. Haverá este sinal quando a cal estiver queimada: será preciso que as pedras de cima estejam queimadas; do mesmo modo, as pedras queimadas de baixo cederão e a chama produzirá menos fumaça.

Se não puderes vender madeira e varas nem tiveres pedra para fazer cal, faze carvão da madeira e queima na lavoura as varas e sarmentos que sobrarem para ti. Onde os queimares, planta papoulas.

XXXIX- Quando fizer mau tempo e quando não se puder trabalhar, tira esterco para a esterqueira. Limpa bem o curral, o redil, o terreiro e a sede. Veda os *dolia* com chumbo ou prende-os com madeira de carvalho bem seca. Se bem consertares ou bem prenderes, puseres grude nas fendas e besuntares bem com pezo, poderás fazer de qualquer recipiente um *dolium* para vinho. Faze o grude para o *dolium* assim: uma libra de cera, uma libra de resina e dois terços de libra de enxofre. Põe tudo isso num vaso novo, junta gesso moído para obter a consistência de um emplastro e conserta os *dolia*. Quando consertares, uniformiza a cor, misturando duas partes de greda crua e uma terça parte de cal; faze tijolinhos, queima na fornalha, mói-os e usa.

Durante as chuvas, busca o que se pode fazer na sede. Que não haja pausas. Ocupa-te de manter tudo limpo. Lembra-te de que, se nada for feito, não obstante haverá gastos.

XL- Na primavera, é preciso fazer estas coisas: é preciso fazer sulcos e covas, revolver o solo dos viveiros de oliveiras e videiras, pôr as videiras em mergulhia, plantar

em terrenos ricos e úmidos os olmos, as figueiras, as árvores frutíferas e as oliveiras. É preciso que as figueiras, oliveiras, árvores frutíferas, pereiras e videiras sejam enxertadas no interlúnio, à tarde e sem que haja o Austro. Enxerta as oliveiras, figueiras, pereiras e árvores frutíferas assim: corta na ponta o galho em que vais enxertar e verga-o um pouco, para que a água escoe; ao cortares, cuidado para não dilacerar a casca. Toma um ramo rijo e afila-o na ponta; trunca o salgueiro grego. Usa argila ou greda, um pouco de areia e esterco de boi e mistura bem, de modo a tornar a mistura o mais pastosa possível. Toma o ramo truncado de salgueiro e ata-o em volta do galho cortado para que a casca não se dilacere. Quando o tiveres feito, introduze o ramo pontiagudo entre a casca e a madeira com a profundidade de duas pontas de dedos. Em seguida, toma o ramo da espécie que desejas enxertar e afila-o obliquamente na extremidade pelo equivalente a duas pontas de dedos. Remove o ramo seco que introduziste e introduze o ramo que queres enxertar. Deixa a casca voltada para a casca e prende-o, inserindo totalmente a ponta. Procede similarmente com um segundo, terceiro e quarto ramos; faze a enxertia com quantas espécies desejares. Em volta, prende mais com o salgueiro grego e besunta o galho com a pasta na espessura de três dedos. Cobre tudo com língua-de-boi⁶³ para que a água não permaneça na casca se chover. Prende a língua-de-boi com a casca para que não caia. Em seguida, envolve com palha e prende, para que o gelo não danifique.

XLI- Há duas épocas para enxertar a videira: uma delas, na primavera; a outra, na florada - essa é a melhor. A enxertia das pereiras e macieiras ocorre na primavera, por cinquenta dias durante o solstício e durante a vindima. A enxertia das oliveiras e figueiras ocorre na primavera. A enxertia da videira é feita assim: corta a ponta do galho a enxertar-se e racha-o ao meio pelo cerne: aí, prende os ramos de ponta afilada; ao enxertar, liga cerne com cerne. A segunda forma de enxertia é esta: se uma videira tocar outra videira, aguça um ramo novo de ambas as videiras e liga-lhes cerne com cerne obliquamente com a casca. A terceira é esta: perfura a videira em que enxertas com uma verruma; introduze aí dois ramos de videira cortados obliquamente (do tipo que quiseres) até o cerne; esforça-te por ligar cerne com cerne e introduze pelo furo cada qual dum lado. Faze com que esses ramos tenham o comprimento de dois pés; baixa-os à terra e verga para a cepa da videira;

prende no chão o meio das videiras com forquilhas e cobre com terra. Besunta tudo isso com a pasta, ata e cobre do mesmo modo que as oliveiras.

XLII- Há outro modo para as figueiras e oliveiras: retira a casca de quaisquer tipos de figueira ou oliveira que desejares com uma faca; retira um outro pedaço de casca com broto de um tipo de figueira que desejares e deposita-o na árvore de outra espécie onde cortaste, ajustando-o. A casca deve ter o comprimento de três dedos e meio e a largura de três. Besunta do mesmo modo e cobre como os demais.

XLIII- É preciso que os sulcos, se o terreno for úmido, sejam escavados como canais, tenham a largura de três pés em cima, a profundidade de quatro pés e a largura de um pé e um palmo⁶⁴ no fundo. Forra-os com pedra. Se não houver pedra, com varas verdes de salgueiro dispostas em cruz; se não houver varas, com sarmentos reunidos. Em seguida, faz covas com a profundidade de três pés e meio e o diâmetro de quatro e faz a água fluir das covas para os sulcos; planta assim as oliveiras. Para as videiras, espaça os sulcos e mergulhões não menos do que dois pés e meio em todos os sentidos. Caso desejes que as videiras e oliveiras que plantares cresçam rápido, é preciso escavar os sulcos uma vez por mês e em torno dos troncos de oliveiras a cada mês até que tenham três anos. Cuida de outras árvores do mesmo modo.

XLIV- Começa a podar o olival quinze dias antes do equinócio de primavera.⁶⁵ Desse dia em diante, podarás corretamente por quarenta e cinco dias. Poda assim: se o terreno for bem fértil, remove tudo o que estiver seco e que o vento rompeu. Se o terreno não for fértil, poda mais e ara. Remove os nós dos ramos e deixa-os leves.

XLV- Corta toras de oliveira de três pés de comprimento para plantares em covas e manuseia-as com cuidado para que a casca não sofra danos quando as trabalhares ou cortares. Talha com o comprimento de um pé as que plantarás no viveiro; planta-as assim: que o terreno seja lavrado com um alvião e a terra fique bem fofa e pegajosa. Quando enterrares a tora, pressiona a tora com teu pé. Se penetrar pouco no solo, pressiona com uma maça ou um pau, cuidando de não romper a casca quando pressionares. Não faças

antes com uma estaca o furo em que enterrarás a tora. Se plantares de modo a deixá-la reta, vai desenvolver-se melhor. Aos três anos, quando a casca muda, finalmente estão prontas. Se plantares em covas ou sulcos, usa três toras e afasta-as uma das outras; que não se elevem mais do que quatro dedos acima da terra; também podes plantar os olhos.

XLVI- Faze o viveiro assim: lavra bem com um alvião o melhor, mais aberto e mais adubado terreno que puderes, o mais parecido com a terra em que plantarás as mudas e tal que não se precise depois transportar as mudas do viveiro por distância excessiva; livra o terreno de pedras, rodeia bem com sebes e cultiva em fileiras. Enterra cada tora a um pé e meio de distância de qualquer outra e pressiona-a com teu pé. Se for possível aprofundá-las um pouco, pressiona com uma maça ou um pau. Faze com que as mudas se projetem um dedo acima da terra, besunta as extremidades das toras com esterco bovino e põe-lhes uma marca por cima; sacha com freqüência se quiseses que as mudas cresçam rápido. Planta outras mudas do mesmo modo.

XLVII- Planta as canas assim: dispõe-lhes os olhos a cada três pés.

Faze e planta os parreirais do mesmo modo. Quando a videira tiver dois anos, poda-a; quando tiver três, transplanta-a. Se o gado pastará onde quiseses plantar as videiras, poda-as por três vezes antes de pô-las em árvores. Quando tiverem cinco nós antigos, põe-nas em árvores. Planta todo ano canteiros de alhos-porós, e todo ano os colherás.

XLVIII- Faze o viveiro de árvores frutíferas e oliveiras do mesmo modo. Planta cada tipo de tora em separado.

Lavra o solo com um alvião quando plantares as sementes de cipreste; planta-as no início da primavera. Faze canteiros no chão com a largura de cinco pés, junta-lhes esterco miúdo, sacha inteiramente e esmigalha os torrões. Faze canteiros aplainados, mas um pouco côncavos. Planta as sementes tão serradamente quanto o linho e, com um crivo, peneira terra por cima na altura de um dedo. Aplaina a terra com uma tábua ou com os pés e finca forquilhas em torno; põe varas sobre as forquilhas e, sobre elas, sarmentos ou telas de figueira para proteger do frio ou do sol. Faze a cobertura de modo que um homem possa

andar por debaixo. Sacha com frequência. Logo que as ervas começarem a crescer, tira-as. Pois, se arrancares as ervas depois de firmes, arrancarás junto os ciprestes.

Planta e protege do mesmo modo as sementes das pereiras e macieiras. Planta os cones do pinheiro do mesmo modo ou como o alho.⁶⁶

XLIX- Se quiseres transferir uma videira velha para outro terreno, será permitido enquanto tiver a espessura dum braço. Primeiro poda, não deixando mais do que duas gemas. Limpa bem as raízes até as extremidades, cuidando para não machucar as raízes. Quando o fizeres, põe numa cova ou num sulco, cobre e calca bem; planta a videira, ata-a e verga como estava antes; quando o fizeres, escava com frequência.

L- Aduba as pastagens no início da primavera, durante o interlúnio. Quanto às pastagens secas, limpa-as e arranca as ervas daninhas pela raiz quando o Favônio começar a soprar e resguardares as pastagens.

Quando podares as videiras, empilha a madeira e as varas. Desrama as figueiras e, no parreiral, desembaraça a parte inferior das figueiras até uma boa altura para que as videiras não subam por elas. Faze viveiros novos e restaura os velhos. Faze isso antes de começar a escavar o parreiral.

Na primavera, quando se consagrar e comer o banquete sagrado,⁶⁷ começa a arar. Ara primeiro os terrenos que forem os mais secos; ara por último os terrenos mais ricos e úmidos, contanto que não se dessequem primeiro.

LI- Assim se põem em mergulhia as árvores frutíferas e de outros tipos: rebaixa à terra os brotos que se projetam da árvore saindo da terra e eleva-lhes as extremidades para que deitem raízes; dois anos depois, retira-os da terra e planta. Devem-se pôr em mergulhia, retirar da terra e plantar do mesmo modo, a partir do tronco, a figueira, a oliveira, a macieira púnica, o marmeleiro e todos os outros tipos de árvores frutíferas, o loureiro, a murta, as nogueiras prenestinas e o plátano.

LII- Quando desejares que algo seja posto em mergulhia com mais cuidado, é preciso pôr em mergulhia em vasos ou cestos perfurados e enterrar com eles na cova. Nas

árvores, para que deitem raízes, perfura o fundo de um vaso ou um cesto e passa por eles o ramo que desejares enraizar; enche com terra esse cesto ou vaso e calca bem; deixa na árvore. Dois anos depois, corta o ramo sob o cesto. Secciona o cesto todo desde a parte de baixo ou, se for um vaso, quebra-o. Põe na cova com esse cesto ou vaso. Procede do mesmo modo com a videira, cortando-a depois de um ano e plantando com o cesto. Porás em mergulhia desse modo qualquer espécie que desejares.

LIII- Corta a seu tempo o feno, tomando cuidado para não o cortar tarde. Corta antes que as sementes amadureçam; reserva à parte o melhor feno para alimentar os bois na primavera, quando ararem, antes de dar-lhes trevos.

LIV- É preciso que se prepare e dê o alimento para os bois do seguinte modo: quando terminares a sementeira, deve-se procurar, colher e lançar bolotas na água. É preciso dar meio módio delas por dia a cada boi; se não trabalharem, será preferível que pastem; como alternativa, dá-lhes um módio dos bagaços de uvas que conservaste nos *dolia*. Durante o dia, devem pastar; à noite, dá vinte e cinco libras de feno a cada boi. Se não houver feno, dá-lhes folhas de azinheira e hera. Reserva as palhas do trigo e da cevada, a casca das favas, da ervilhaca ou do tremço, bem como de outros grãos. Quando conservares a palha, conserva a mais basta em lugar abrigado e salpica-a com sal; em seguida, dá-lhes em lugar do feno. Na primavera, quando começares a alimentar, dá-lhes um módio de bolotas ou de bagaços de uvas ou um módio de tremço macerado e quinze libras de feno. Quando o trevo estiver no ponto, dá-o primeiro a eles. Se o colheres à mão, brotará novamente; se o segares, não brotará. Dá-lhes trevos até secarem: em seguida, modera-lhes o uso. Em seguida, dá-lhes ervilhaca, milho painço e, depois do milho painço, folhas de olmo. Se houver folhas de álamo, mistura-as para que as folhas de olmo bastem. Se não houver folhas de olmo, dá-lhes folhas de carvalho e de figueira. Nada é mais importante do que cuidar bem dos bois. Não é preciso que os bois pastem, a não ser no inverno, quando não ararão. Alimentando-se de ervas, sempre as desejam, e é preciso que usem focinheiras para não buscarem as ervas ao arar.

LV- Conserva madeira para o senhor num tabulado, corta torinhas de oliveiras e raízes e empilha-as ao ar livre.

LVI- Alimentos para os de casa: para os trabalhadores, quatro módios de trigo no inverno e quatro módios e meio no verão. Para o administrador, sua esposa, o feitor e o pastor, três módios; no inverno, quatro libras de pão para os trabalhadores encadeiados;⁶⁸ quando começarem a escavar o parreiral, cinco libras de pão até a época dos figos; em seguida, volta às quatro libras.

LVII- Vinho para os de casa: terminada a vindima, que bebam aguapé por três meses; no quarto mês, uma hêmina por dia, isto é, dois côngios⁶⁹ e meio ao mês; no quinto, sexto, sétimo e oitavo meses, um sextário por dia, ou seja, cinco côngios ao mês; no nono, décimo, undécimo e duodécimo meses, três hêminas por dia, isto é, uma ânfora ao mês; além disso, nas Saturnais⁷⁰ e Compitais, três côngios e meio para cada homem; o total de vinho para cada homem num ano será de sete quadrantes. Aumenta a quantia dos trabalhadores encadeiados na mesma proporção do trabalho que fizerem; não há excesso em que bebam dez quadrantes de vinho por ano.

LVIII- Aperitivo para os de casa: conserva o quanto puderes de azeitonas caídas; em seguida, as azeitonas maduras, de que se pode fazer o mínimo de azeite. Conserva-as e economiza, de modo que durem pelo maior espaço de tempo possível. Quando tiverem comido as azeitonas, dá-lhes peixe em conserva e vinagre. Dá um sextário de azeite por mês a cada um. Um módio de sal ao ano por pessoa é bastante.

LIX- Vestes para os de casa: uma túnica de três pés e meio de comprimento e um manto a cada dois anos. Todas as vezes que deres uma túnica ou um manto a alguém, toma antes os usados para que se façam mantas de retalhos. É preciso dar-lhes tamancos bons a cada dois anos.

LX- Alimento anual por jugo de bois: cento e vinte módios de tremoço ou duzentos e quarenta de bolotas, quinhentas e vinte libras de feno, (...) ⁷¹ de trevos, vinte módios de

favas e trinta módios de ervilhaca. Além disso, cuida de plantar ervilhaca que baste também para a sementeira. Quando plantares a pastagem, fazes muitas sementeiras.

LXI- Que é cultivar bem um campo? Arar bem. O que, em segundo lugar? Arar. O que, em terceiro? Adubar.

Quem revolver o olival com muita frequência e muito fundo desenterrará as raízes mais finas. Mas, se arar mal, as raízes virão para cima, tornar-se-ão mais grossas, e o vigor das oliveiras esvair-se-á nas raízes. Arando um campo de trigo, ara-o bem e no tempo certo, evitando fazer sulcos desiguais. O cultivo restante é sachiear bem, retirar as mudas com cuidado e, a seu tempo, transplantar com terra quantas raízes puderes; quando enterrares bem as raízes, calcar com força para que a água não cause danos. Se me perguntam pela época certa para plantar a oliveira, é durante a sementeira num campo seco e durante a primavera num campo fértil.

LXII- Quantos jugos de bois, de burros e de asnos tiveres, é preciso que haja exatamente tantas carretas.

LXIII- É preciso que haja uma corda de prensa com o comprimento de cinquenta e cinco pés, uma corda de couro para a carreta com o comprimento de sessenta pés, rédeas com o comprimento de vinte e seis pés, cordas de prender as carretas aos jugos com o comprimento de dezoito pés, um cordel com o comprimento de quinze pés, cordas de prender os arados aos jugos com o comprimento de dezesseis pés e um cordel com o comprimento de oito pés.

LXIV- Quando a azeitona estiver madura, é preciso que seja colhida o quanto antes e fique o menos possível na terra e no tabulado. Na terra e no tabulado, apodrecerá. Os catadores⁷² desejam que caiam muitas azeitonas, para que se colham em maior número; os azeiteiros, que permaneçam no tabulado por longo tempo e amoleçam, para trabalharem mais facilmente. Não julgues que o azeite possa aumentar de quantidade no tabulado. Quanto mais rapidamente prensares, tanto mais conveniente será, e, tomando-se os mesmos módios, far-se-á mais e melhor azeite. Da azeitona que ficou por longo tempo na terra ou

no tabulado se faz menos azeite e de pior qualidade. Se puderes, drena o azeite duas vezes por dia. Pois, quanto mais ficar na *amurca* ou nos bagaços, pior será.

LXV- Faze azeite verde assim: tira o quanto antes as azeitonas da terra. Se estiverem sujas, lava-as e livra-as de folhas e de esterco. Prensa no dia seguinte ou dois dias depois de colher. Quando as azeitonas estiverem escuras, colhe-as. Quanto mais ácidas forem as azeitonas de que farás o azeite, tanto melhor será o azeite. Entretanto, convirá principalmente ao senhor que se faça o azeite de azeitonas maduras. Se houver geada quando colheres as azeitonas, faze o azeite três ou quatro dias depois. Se quiseses, esparge essas azeitonas com sal. Mantém a sala de prensagem e o depósito de azeite o mais aquecidos possível.

LXVI- As obrigações do vigia e do despenseiro: que vigie atentamente o depósito de azeite e a sala de prensagem. Que cuide para que se venha o menos possível à sala de prensagem e ao depósito de azeite. Que se trabalhe na maior ordem e limpeza possíveis. Que não se use um vaso de bronze nem se moam os caroços ao fazer o azeite: se forem moídos, ele terá um gosto ruim. Põe um tacho de chumbo na cuba, para onde o azeite escoe. Quando os azeiteiros espremerem com as barras, que o despenseiro continuamente retire o azeite usando uma concha, com a maior prontidão possível e sem cessar. Que tenha cuidado para não retirar a *amurca*. Primeiramente, transfere o azeite para uma cuba e daí para outro *dolium*, sempre extraindo os bagaços e a *amurca* dessas cubas. Quando retirares o azeite do tacho, extrai-lhe a *amurca*.

LXVII- Ainda as obrigações do vigia: os que ficarão na sala de prensagem devem manter os vasos limpos e cuidar de que as azeitonas sejam bem processadas e secas. Que não cortem madeira na sala de prensagem. Que retirem o azeite com freqüência. Que dê aos azeiteiros um sextário de azeite por moedura e o que for preciso para a lâmpada. Que retire os bagaços todos os dias. Que drene a *amurca* até que o azeite chegue à última cuba do depósito de azeite. Que esfregue os cestos com uma esponja. Que mude o azeite de recipiente todos os dias, até que chegue ao *dolium*. Que tenha grande cuidado para que não se furte azeite algum da sala de prensagem e do depósito.

LXVIII- Quando a vindima e a colheita das azeitonas terminarem, levanta os feixes do lagar; pendura as cordas de prensa, os cabos e as cordas de içar no suporte para carnes ou no feixe do lagar; devolve ao lugar certo os discos, os pinos, as barras, as gamelas, os cestos, as canastras, os cestos de vime, as escadas, os sustentáculos e tudo o que se voltará a usar depois.

LXIX- Impregna os *dolia* para azeite novos assim: enche-os com a *amurca* por sete dias, cuidando de preencher quotidianamente com a *amurca*. Em seguida, drena a *amurca* e seca o *dolium*. Quando secar, junta goma à água de véspera, diluindo-a no dia seguinte. Em seguida, esquento o *dolium* menos do que se desejasses besuntá-lo com pez. Basta que se amorne; aquece-o, então, a fogo brando. Quando se amornar moderadamente, verte a goma e pule em seguida. Se polires corretamente, quatro libras de goma bastarão para um *dolium* de cinquenta hêminas.

LXX- Remédio para os bois: no temor de uma doença, dá aos sãos três grãos de sal, três folhas de louro, três folhas de alho-poró, três bulbos de alho-poró, três dentes de alho, três grãos de incenso, três hastes de erva sabina, três folhas de arruda, três caules de dragôntea branca, três favas brancas, três brasas e três sextários de vinho.⁷³ É preciso que isso tudo seja reunido, triturado e dado enquanto ficas de pé. Quem o dará deve estar em jejum. Dá esse remédio a cada boi por três dias. Reparte-o assim: quando deres três vezes a cada um, que não reste mais nada; faz com que o próprio boi e quem dará fiquem ambos de pé. Dá num vaso de madeira.

LXXI- Se um boi adoecer, dá-lhe logo um ovo de galinha cru; faz com que o devore inteiro. No dia seguinte, tritura um bulbo de alho-poró com uma hêmina de vinho e faz com que sorva. Tritura em pé e dá num vaso de madeira, e que o próprio boi e quem dará fiquem de pé. Dá em jejum ao boi em jejum.

LXXII- Para que os bois não desgastem os cascos, besunta-os por baixo com pez líqüida antes de os conduzires por uma via qualquer.

LXXIII- Quando as uvas começarem a variegarem-se, medica anualmente os bois para que tenham boa saúde. Quando vires uma pele de serpente, recolhe-a e conserva-a para não precisares procurar por uma quando houver necessidade. Tritura juntamente a pele, a espelta, o sal e o serpão com vinho e dá de beber a todos os bois. No verão, cuida sempre de que os bois bebam água boa e pura: ajuda-os a ter boa saúde.

LXXIV- Faze o pão sovado assim: lava bem as mãos e o almofariz. Despeja farinha no almofariz, junta água aos poucos e sova bem. Quando sovares bem, modela e coze sob um testo.

LXXV- Faze o *libum*⁷⁴ assim: esmaga bem duas libras de queijo num almofariz. Quando estiver bem esmagado, junta a ele uma libra da melhor farinha ou, se desejares que fique mais macio, meia libra de flor de farinha⁷⁵ e mistura bem com o queijo. Junta um ovo e mistura homogeneizando bem. Forma um filão, põe-lhe folhas por baixo e coze suavemente em fogo quente sob um testo.

LXXVI- Faze a *placenta* assim: usa duas libras de flor de farinha para a base e quatro libras de farinha e duas da melhor espelta para os *tracta*.⁷⁶ Derrama a espelta na água. Quando estiver bem mole, põe num almofariz limpo e seca bem. Em seguida, sova com as mãos. Quando estiver bem sovada, junta aos poucos quatro libras de farinha. Faze os *tracta* com isso. Arruma-os num cesto para secarem. Quando secarem, arruma-os limpamente. Quando sovares, tendo preparado os *tracta*, toca-os com um pano azeitado, remove o excesso de azeite e envolve-os no azeite. Quando fizeres os *tracta*, aquece bem o fogo e o testo para cozê-los. Em seguida, esparge e sova duas libras de farinha. Com isso, faze uma base fina. Põe na água quatorze libras de queijo de ovelha não ácido e bem fresco. Curte-o aí e muda a água três vezes. Tira um pouco dele e seca bem e aos poucos com as mãos; estando bem seco, põe num almofariz. Quando secares bem todo o queijo, amassa-o com as mãos no almofariz limpo e esmaga o quanto puderes. Em seguida, toma uma peneira para farinha limpa, toma o queijo e faze com que passe pela peneira para o almofariz. Em seguida, junta quatro libras e meia de bom mel e mistura bem com o queijo. Em seguida, põe a base sobre folhas de louro untadas num tabuleiro limpo com a largura de

um pé e monta a *placenta*: primeiro, arruma os *tracta* sobre toda a base; em seguida, cobre os *tracta* com o que tirares do almofariz, forma uma nova camada pondo os *tracta* um a um e cobre outra vez até teres usado todo o queijo com mel. Por cima, põe um único *tractum*, fecha com a massa da base e prepara o fogo (...),⁷⁷ então, deposita nele a *placenta* e cobre com um testo aquecido, cobrindo com brasa em cima e em volta. Cuida de cozê-la bem e sem pressa. Abre duas ou três vezes para olhar. Quando estiver cozida, retira e unta com mel. Esta *placenta* terá meio módio.

LXXVII- Faze a *spira* assim: na medida que desejares, faze tudo com a mesma proporção da *placenta*, a não ser que a moldes diversamente. Besunta bem com mel os *tracta* da base. Então, estica como que um cordão e deposita sobre ela, preenchendo cerradamante só com *tracta*. De resto, procede como ao fazer a *placenta* e coze.

LXXVIII- Faze a *scriblita* assim: trabalha a base, os *tracta* e o queijo como ao fazer a *placenta*, mas sem mel.

LXXIX- Faze os globos assim: mistura queijo com espelta do mesmo modo. Disso, faze quantos globos desejares. Põe gordura num tacho aquecido. Frita-os de um em um ou de dois em dois e vira com frequência com duas espátulas; depois de fritos, retira-os, rega com mel, salpica com sementes de papoula e serve.

LXXX- Faze o *encytum* do mesmo modo que os globos, a não ser que tenhas uma forma perfurada no fundo. Nesse caso, derrama na gordura quente; molda-o como a *spira* e enrola e mantém no lugar com duas espátulas. Também o rega e colore⁷⁸ enquanto morno. Serve com mel ou vinho melado.

LXXXI- Faze o *erneum* como a *placenta*. Usa todos os ingredientes da *placenta*. Mistura bem numa gamela, põe num vaso de argila e deposita numa panela de bronze cheia d'água quente. Coze ao fogo. Quando estiver cozido, quebra o vaso e serve.

LXXXII- Faze a *spaerita* do mesmo modo que a *spira*, a não ser que a faças assim: faze esferas de *tracta*, queijo e mel com o tamanho de um punho. Dispõe-nas sobre uma base, dispondo tão cerradamente quanto na *spira*, e coze do mesmo modo.

LXXXIII- Faze a oferenda pela saúde dos bois assim: oferece a Marte Silvano,⁷⁹ num bosque e durante o dia, três libras de espelta, quatro e meia de toucinho, quatro e meia de carne e três sextários de vinho por boi; reúna-se isso tudo num só vaso e o vinho em outro vaso. Será permitido que um escravo ou homem livre faça a oferenda. Quando o culto for concluído, que se consumam logo e no mesmo local. Que uma mulher não presencie esse culto nem veja como acontece. Será possível fazer essa oferenda anualmente caso o desejes.

LXXXIV- Faze o *sauillum* assim: mistura homogeneamente meia libra de farinha, duas e meia de queijo (como para o *libum*), um quarto de libra de mel e um ovo. Unta um prato de argila com azeite. Quando tiveres misturado bem tudo, põe no prato e tampa o prato com um testro. Cuida de cozer bem no meio, onde fica mais alto. Quando estiver cozido, remove o prato, unta com mel, polvilha com sementes de papoula, coloca sob o testro por algum tempo e retira-o depois. Serve com um pratinho e uma colher.

LXXXV- Coze a *puls punica* assim: põe uma libra de espelta em água e faze com que se hidrate bem. Verte numa gamela limpa, junta três libras de queijo fresco, uma e meia de mel, um ovo e homogeneiza bem o todo. Despeja numa panela nova.

LXXXVI- Faze papa de trigo assim: põe num almofariz limpo meia libra de trigo limpo, lava bem, remove bem a casca e enxágua bem. Em seguida, põe-no numa panela com água limpa e coze. Quando estiver cozido, junta leite pouco a pouco até que o creme engrosse.

LXXXVII- Faze goma assim: limpa bem o trigo candial e em seguida põe numa gamela, juntando água duas vezes ao dia. No décimo dia, escore-o, espreme bem, mistura bem numa gamela limpa e faze com que se torne como borra de vinho. Põe sobre um pano

de linho novo e espreme o creme numa tigela nova ou num almofariz. Faze assim com tudo e sova novamente. Põe essa tigela ao sol para que seque. Quando secar, põe numa panela nova e faz cozer com leite.

LXXXVIII- Faze sal branco assim: quebra o gargalo de uma ânfora limpa, enche-a de água limpa e põe ao sol. Suspende nela um cestinho com sal comum, agita e completa de tempos em tempos. Faze isso algumas vezes por dia e sem falta por dois dias, até o sal deixar de dissolver-se. Haverá este sinal: lança dentro um peixe seco ou um ovo; se flutuar, tem-se uma salmoura para conservar carnes, queijos ou peixe. Põe essa salmoura numa baciazinha ou tigela ao sol. Mantém-na ao sol até que endureça; terás sal puro. Quando ficar nublado e durante a noite, recolhe-a a um lugar abrigado; todos os dias, quando houver sol, põe-na ao sol.

LXXXIX- Engorda as galinhas e as patas assim: confina galinhas novas, que comecem a pôr ovos. Faze pelotas com flor de farinha ou com farinha de cevada umedecida, impregna em água e dá-lhes no bico, aumentando a quantidade um pouco por dia; pelo apetite, calcula o quanto baste. Alimenta-as duas vezes ao dia e dá de beber ao meio-dia; não ofereças água por mais de uma hora. Alimenta a pata do mesmo modo, a não ser que lhe dê água antes e duas vezes ao dia, e duas o alimento.

XC- Engorda o filhote de pombo selvagem assim: quando for capturado, dá-lhe primeiro favas cozidas e torradas, soprando-as de tua boca ao bico dele, e água. Faze isso por sete dias. Em seguida, limpa as favas moídas e limpa a espelta; ferve uma terça parte de favas, despeja por cima da espelta, faze limpamente e coze bem. Quando retirares, sova bem com as mãos untadas de azeite, a princípio em pequena quantidade; em seguida, sovarás uma porção maior. Besunta com azeite e sova, até poderes fazer pelotas. Dá o alimento com água e moderadamente.

XCI- Faze a eira assim: escava o terreno onde a farás. Em seguida, borrifa bem com a *amurca* e deixa que se impregne. Em seguida, esmaga bem os torrões. Em seguida, nivela

e bate com maçãs. Em seguida, borrifa mais uma vez com a *amurca* e deixa que seque. Se fizeres isso, as formigas não causarão danos e as ervas não brotarão.

XCII- Para que o gorgulho não danifique o trigo nem os ratos o toquem: faz um lodo com a *amurca* e junta um pouco de palha, deixando que se curtam bem e amassando bem; besunta todo o celeiro com esse lodo espesso. Em seguida, borrifa com a *amurca* tudo o que enlameares. Quando secar, guarda o trigo arrefecido aí; o gorgulho não causará dano.

XCIII- Se a oliveira não frutificar, ablaqueia-a. Em seguida, envolve-a com palha. Em seguida, mistura a *amurca* com água em partes iguais e depois derrama em torno da oliveira. Para uma árvore bem grande, basta uma urna da mistura; para as árvores menores, usa-a proporcionalmente. Se fizeres o mesmo junto às árvores férteis, também elas ficarão melhores. Não usarás palha nelas.

XCIV- Para que as figueiras retenham os figos verdes, faz tudo como no caso das oliveiras e ainda, perto da primavera, amontoa bem a terra em volta. Se fizeres isso, os figos verdes não cairão, as figueiras não ficarão ásperas e serão muito mais férteis.

XCV- Para que não haja lagartas nas videiras: conserva a *amurca*, purifica-a bem e verte num vaso de bronze dois côngios dela. Em seguida, coze em fogo brando e revolve freqüentemente com uma espátula até que se torne tão espessa quanto o mel. Em seguida, toma um terço de sextário de betume e um quarto de enxofre. Pila ambos separadamente num almofariz. Em seguida, desfaz o quanto possível na *amurca* quente, mistura ao mesmo tempo com uma espátula e coze mais uma vez ao ar livre. Pois, se cozeres em local coberto, vai inflamar-se quando puseres o betume e o enxofre. Quando ficar tão espesso quanto goma, deixa que se esfrie. Besunta com isso a videira em torno do tronco e sob os ramos. Não nascerão lagartas.

XCVI- Para que as ovelhas não fiquem sarnentas: conserva a *amurca* e purifica-a bem. Mistura entre si em partes iguais a *amurca*, a água de cozimento do tremço e a borra de um bom vinho. Em seguida, quando tosares, besunta-as inteiramente e deixa que

ressudem por dois ou três dias. Em seguida, lava-as no mar; se não tiveres água do mar, fazes água salgada e lava com ela. Se fizeres assim, não terão sarna, terão mais e melhor lã e os carrapatos não incomodarão. Usa o mesmo para todos os quadrúpedes, se tiverem sarna.

XCVII- Besunta com *amurca* reduzida o eixo, as correias, os calçados e os couros: vais torná-los melhores.

XCVIII- Para que as traças não toquem as roupas: reduz a *amurca* à metade e besunta com ela o fundo de uma arca, por fora, os pés e os cantos. Quando secar, guarda as roupas. Se fizeres assim, as traças não causarão danos. Além disso, se besuntares toda a madeira da mobília, ela não se estragará e, quando a polires, ficará mais brilhante. Besunta do mesmo modo todas as peças de bronze, mas antes limpa-as bem. Depois de besuntar, pule quando desejares usar. Ficarão mais brilhantes e o azinhavre⁸⁰ não causará danos.

XCIX- Se quiseses que os figos secos se mantenham, conserva-os num vaso de argila. Besunta-o com *amurca* reduzida.

C- Se fores pôr azeite numa metreta⁸¹ nova, umedece antes com *amurca* crua e agita por um bom tempo para que se impregne bem. Se fizeres isso, a metreta não absorverá o azeite, vais tornar o azeite melhor e a própria metreta ficará mais resistente.

CI- Se quiseses conservar ramos de murta e de qualquer outro tipo com as bagas e se quiseses raminhos de figueira com folhas, prende-os entre si, fazes feixezinhos, mergulha-os na *amurca* e fazes com que a *amurca* fique por cima. Colhe o que fores mergulhar pouco antes de maduro. Veda inteiramente o vaso onde o conservarás.

CII- Se uma serpente morder um boi ou qualquer outro quadrúpede, mói numa hêmima de vinho envelhecido um acetábulo⁸² de nigela,⁸³ que os médicos chamam de *zmurnaem*. Insere pelas narinas e põe esterco de porco sobre a própria mordida. Fazes o mesmo a um homem se houver necessidade.

CIII- Para que os bois sejam saudáveis, bem cuidados e, caso recusem o alimento, comam com mais apetite, esparge com a *amurca* a forragem que lhes darás; a princípio, até que se acostumem, em pequena quantidade; em seguida, em maior quantidade. Às vezes, dá-lhes para beber uma mistura de água com a *amurca* em partes iguais. Farás isso a cada quatro ou cinco dias. Assim, os bois serão mais bem cuidados e não terão doenças.

CIV- Vinho para os de casa para uso durante o inverno: põe dez quadrantes de mosto num *dolium*, verte nele dois quadrantes de vinagre ácido, dois quadrantes de vinho reduzido e cinqüenta quadrantes de água doce. Mistura isso com uma espátula três vezes ao dia por cinco dias seguidos. Junta sessenta e quatro sextários de água do mar envelhecida, põe uma tampa no *dolium* e veda depois de dez dias. Esse vinho durará até o solstício. Se sobrar um pouco depois do solstício, será um vinagre bem ácido e excelente.

CV- Num campo situado longe do mar, faze vinho grego assim: verte vinte quadrantes de mosto num tacho de bronze ou chumbo e põe fogo debaixo. Quando o vinho ferver, retira o fogo. Quando esse vinho esfriar, verte num *dolium* de quarenta quadrantes. Verte à parte num vaso um quadrante de água doce e um módio de sal e deixa que se torne uma salmoura. Quando a salmoura estiver pronta, verte-a no *dolium*. Esmaga junco aromático e cana num pilão em quantidade suficiente e junta um sextário ao *dolium* para perfumar. Trinta dias depois, veda o *dolium*. Perto da primavera, reparte por ânforas. Deixa ficar ao sol por dois anos. Em seguida, transporta-as para um lugar coberto. Esse vinho não será inferior ao de Cós.

CVI- Preparo de água do mar: toma um quadrante de água do alto-mar, onde a água doce não chega. Torra uma libra e meia de sal, junta-a e mistura-a com uma espátula até que um ovo de galinha cozido flutue nela; deixa de misturar. Verte aí dois côngios de vinho envelhecido de Aminéia⁸⁴ ou branco comum e mistura bem. Em seguida, verte tudo num vaso besuntado com pez e veda-o. Se quiseses preparar mais água do mar, faze isso tudo proporcionalmente.

CVII- Para untar as bordas dos *dolia*, a fim de que tenham bom cheiro e nenhum defeito se acerque do vinho: verte seis côngios do melhor vinho reduzido num tacho de bronze ou chumbo e toma uma hêmima de íris seca esmagada e cinco libras de meliloto⁸⁵ da Campânia perfumado; esmaga o melhor possível com a íris, passa por um crivo e coze junto com o vinho reduzido num fogo brando de sarmentos. Agita e não deixes queimar. Coze até reduzir à metade. Quando esfriar, derrama num vaso besuntado com pez que tenha bom cheiro, veda e usa nas bordas dos *dolia*.

CVIII- Se quiseses testar se o vinho vai conservar-se ou não, põe num calicezinho novo meio acetábulo de farelo grosso de cevada, verte aí um sextário do vinho que desejas testar e põe sobre brasas; faze com que ferva duas ou três vezes. Então, coa e remove a cevada. Deixa o vinho ao ar livre. Na manhã seguinte, prova-o. Se tiver bom sabor, saiba que o que está no *dolium* vai conservar-se; se estiver um pouco ácido, não se conservará.

CIX- Se quiseses tornar um vinho ácido agradável e doce, faze assim: faze quatro libras de farinha de ervilhaca e rega com quatro ciatos⁸⁶ de vinho com vinho reduzido. Em seguida, faze tijolinhos e deixa que se umedeçam por uma noite e um dia. Em seguida, mistura com esse vinho num *dolium* e veda depois de sessenta dias. O vinho será agradável, doce, terá boa cor e bom cheiro.

CX- Para tirar o cheiro ruim do vinho: aquece bem ao fogo um caco espesso e limpo de telha. Quando esquentar, besunta o caco com pez, prende com um cordel, mergulha-o suavemente no fundo do *dolium* e deixa vedado por dois dias. Se o cheiro ruim sair, ótimo; se não, faze por mais vezes até tirar o cheiro ruim.

CXI- Caso desejes saber se água foi juntada ao vinho ou não, faze um vasinho de madeira de hera. Verte nele o vinho que julgares conter água. Se contiver água, o vinho sairá e a água ficará. Pois um vaso de hera não retém vinho.

CXII- Se desejares fazer vinho de Cós, recolhe água do alto-mar quando o mar estiver tranqüilo e não houver vento, setenta dias antes da vindima e onde a água doce não

chega. Quando tirares do mar, verte num *dolium* sem encher, com cinco quadrantes a menos do que o todo. Tampa e deixa um espaço para respirar. Quando se passarem trinta dias, transfere para outro *dolium* limpa e suavemente e deixa no fundo o que restar. Vinte dias depois, transfere do mesmo modo para um outro *dolium*; deixa descansar até a vindima. Deixa as uvas de que quiseses fazer vinho de Cós na videira para que fiquem bem maduras; quando chover, colhe-as depois de secas e põe ao sol por dois dias ou ao ar livre por três dias caso não chova. Se chover, guarda-as em cestos num lugar abrigado; se algum bago estragar-se, elimina-o. Em seguida, toma a água do mar de que falei acima e verte dez quadrantes de água do mar num *dolium* de cinquenta hêmicas. Em seguida, arranca do engaço os bagos de uvas comuns e põe no mesmo *dolium* até enchê-lo. Pressiona os bagos com as mãos, para que absorvam água do mar. Quando encheres o *dolium*, fecha-o com uma tampa e deixa espaço para respirar. Quando se passarem três dias, tira do *dolium*, esmaga na prensa e guarda esse vinho em *dolia* lavados, limpos e secos.

CXIII- Para que tenha bom cheiro, faze assim: toma um caco besuntado com pez, põe nele uma brasa tépida e defuma-o com meliloto, junco e a palmeira dos perfumistas; põe num *dolium* e tampa, para que o cheiro não saia antes de verteres o vinho. Faze isso um dia antes daquele em que desejares verter o vinho. Transfere o quanto antes o vinho da cuba para os *dolia*, tampa por quinze dias e, antes de vedar, deixa um espaço para respirar; em seguida, veda. Depois de quarenta dias, reparte por ânforas e junta a cada ânfora um sextário de vinho reduzido. Não enchas as ânforas em demasia, além da parte inferior das asas; deixa as ânforas ao sol onde não houver ervas e cobre para que a água não entre; não deixes mais do que quatro anos ao sol. Depois de quatro anos, arruma-as em cunha e aperta.

CXIV- Se quiseses preparar vinho que faça bem aos intestinos, depois da vindima, quando as videiras são ablaqueadas, ablaqueia e marca tantas videiras quantasulgares bastar para esse vinho. Corta-lhes as raízes nas extremidades e limpa. Esmaga raízes de heléboro⁸⁷ negro num almofariz e usa essas raízes em torno da videira com esterco e cinzas envelhecidos e duas partes de terra, circundando as raízes da videira. Recobre com terra. Colhe essas uvas separadamente. Se desejares conservá-lo até envelhecer para usar como

laxante, conserva sem misturar com outro vinho. Toma um ciato desse vinho, mistura com água e bebe antes do banquete. Sem fazer mal, terá efeito laxativo.

CXV- Junta um punhado de heléboro negro ao mosto de uma ânfora. Quando fermentar bastante, tira o punhado do vinho. Conserva esse vinho para usar como laxante.

Preparo de vinho laxativo: quando as videiras forem ablaqueadas, marca-as em vermelho para não misturar com o vinho restante. Joga em torno das raízes três feixezinhos de heléboro negro e recobre com terra. Durante a vindima, conserva separadamente o que colheres dessas videiras e junta um ciato a outra bebida. Terá efeito laxativo e purgará no dia seguinte sem fazer mal.

CXVI- Como é preciso conservar a lentilha: dissolve assa-fétida⁸⁸ em vinagre, mistura a lentilha com o vinagre curtido em assa-fétida e põe ao sol. Em seguida, unta bem a lentilha com azeite e deixa que seque. Assim, vai conservar-se corretamente em boas condições.

CXVII- Como pôr de conserva as azeitonas brancas: antes que escureçam, que sejam esmagadas e postas em água. Muda a água com frequência. Em seguida, quando estiverem bem curtidas, que sejam espremidas e postas em vinagre; junta azeite e meia libra de sal para um módio de azeitonas. Conserva funcho e grãos de lentisco separadamente em vinagre. Se desejares misturá-los, usa logo. Calca-os num vaso bojudo.⁸⁹ Quando desejares usar, toma com as mãos secas.

CXVIII- Conserva a azeitona branca que quiseses usar depois da vindima assim: junta-lhe a mesma medida de mosto e de vinagre. Também conserva os outros itens como se descreveu acima.

CXIX- Faze conserva de azeitonas brancas, pretas e variegadas. Remove os caroços das azeitonas brancas, pretas e variegadas. Conserva assim: reduz-as a pedaços, junta azeite, vinagre, coriandro, cominho, funcho, arruda e menta. Conserva num vaso bojudo com azeite sobrenadante. Serve assim.

CXX- Se quiseres ter mosto o ano todo, põe o mosto numa ânfora, besunta a rolha com pez e mergulha num tanque. Trinta dias depois, retira. Haverá mosto o ano todo.

CXXI- Faze *mustacei* assim: rega com mosto um módio de flor de farinha. Junta erva-doce, cominho, duas libras de gordura, uma libra de queijo e junta raspas de ramo de loureiro. Quando moldares, põe folhas de louro por baixo ao cozeres.

CXXII- Preparo de vinho contra a retenção de urina: esmaga num almofariz uma libra de *capreida*⁹⁰ ou zimbro⁹¹ e fazes ferver com dois côngios de vinho envelhecido num vaso de bronze ou de chumbo. Quando esfriar, põe numa bilha. Toma um ciato disso pela manhã em jejum: fará bem.

CXXIII- Faze o vinho para as dores ciáticas assim: retalha miudamente um pedaço de madeira de zimbro de meio pé de espessura. Faze ferver com um côngio de vinho envelhecido. Quando esfriar, põe numa bilha e em seguida toma um ciato pela manhã em jejum: fará bem.

CXXIV- Durante o dia, é preciso que os cães fiquem presos, para que de noite sejam mais alertas e vigilantes.

CXXV- Faze vinho com murta assim: seca a murta negra na sombra. Quando já estiver seca, conserva até a vindima, esmaga meio módio de murta numa urna de mosto e veda. Quando a fermentação do mosto parar, retira a murta. Serve para indigestão, dor de lado e cólica.

CXXVI- Para cólicas, diarréias e se têmias e lombrigas molestarem: toma trinta maçãs púnicas ácidas, esmaga e põe num pote com três côngios de vinho tinto ácido; veda o vaso. Depois de trinta dias, abre e usa; bebe uma hêmima em jejum.

CXXVII- Para remediar a dispepsia e a retenção de urina: colhe as inflorescências das maçãs púnicas quando houver, põe três minas⁹² delas numa ânfora, junta um quadrante

de vinho envelhecido e uma mina de raízes de funcho limpas e esmagadas. Veda a ânfora e, depois de trinta dias, abre e usa. Quando quiseres digerir o alimento e urinar, bebe disso o quanto quiseres sem nenhum risco. O mesmo vinho livra das tênias e lombrigas se o preparares assim. Manda que se fique sem jantar. No dia seguinte, pila uma dracma⁹³ de incenso, uma dracma de mel cozido e um sextário de vinho perfumado com orégano. Dá em jejum e, a uma criança, conforme a idade, um trióbolo⁹⁴ e uma hêmina de vinho. Faz com que suba sobre um pilar, salte dez vezes e caminhe.

CXXVIII- Para rebocar a sede: verte a *amurca* e junta palha à terra mais rica em greda ou vermelha. Deixa curtir por quatro dias. Quando curtir bem, amassa com uma enxada. Quando amassares, reboca. Assim, a umidade não causará danos, os ratos não escavarão, a erva não brotará e o reboco não rachará.

CXXIX- Faze a eira para debulhar o trigo assim: que a terra seja miudamente escavada, bem borrifada com a *amurca* e se impregne o mais possível. Esmaga a terra e nivela com um cilindro ou uma maça. Quando estiver nivelada, as formigas não causarão danos e, quando chover, não se formará lodo.

CXXX- Rega com *amurca* crua as torinhas de oliveira e outros tipos de madeira e põe ao sol, para que se impregnem bem. Assim, não produzirão fumaça e queimarão bem.

CXXXI- Na florada das pereiras, faze uma oferenda pelos bois. Em seguida, na primavera, começa a arar. Ara primeiro os terrenos pedregosos e arenosos. Em seguida, quanto mais pesados e úmidos, ara-os mais tarde.

CXXXII- É preciso fazer a oferenda assim: oferece a Júpiter Dapalis⁹⁵ um cálice de vinho do tamanho que quiseres; esse dia será comemorativo para os bois, os vaqueiros e quem fizer a oferenda. Quando for preciso fazê-la, farás assim: "Júpiter Dapalis, em atenção ao que é preciso que seja oferecido a ti em minha casa e entre minha gente, um cálice de vinho para o sacrifício, por esse motivo sejas glorificado por este e aquele sacrifício que se deve oferecer". Depois de lavar as mãos, pega o vinho: "Júpiter Dapalis,

sejas glorificado por este sacrifício que se deve oferecer, sejas glorificado pelo vinho posto à tua frente". Se desejares, oferece a Vesta.⁹⁶ A Júpiter, um assado de carne e uma urna de vinho. Oferece a Júpiter religiosamente e da maneira que lhe é própria. Depois de terminada a oferenda, planta milho miúdo, milho painço, alho e lentilha.

CXXXIII- Mergulhia das árvores frutíferas e das outras árvores: rebaixa ao chão os brotos que nascerem da terra junto às árvores e eleva para que deitem raízes. Desenterra a seu tempo e planta como convém. A figueira, a oliveira, a macieira púnica, a macieira estrútia, o marmeleiro e todas as outras árvores frutíferas, o loureiro cipriota e délfico, a ameixeira, a murta conjúgula, a murta branca e a negra, a noqueira de Avela, a prenestina e o plátano: será preciso que todas essas espécies sejam postas em mergulhia a partir do tronco e transplantadas assim. O que quiseses que se plante com mais cuidado, é preciso que se plante em vasos. Nas árvores, para que deitem raízes, toma um vaso perfurado ou um cestinho; passa por ele um raminho; enche esse cestinho com terra, calca e deixa na árvore. Quando tiver dois anos, corta o raminho por baixo e planta com o cestinho. Poderás fazer assim com que qualquer tipo de árvore se enraíze bem. Também põe a videira em mergulhia num cestinho, cobre bem com terra, corta depois de um ano e planta com o cesto.

CXXXIV- Antes de ceifar, é preciso que uma *porca praecidanea*⁹⁷ seja sacrificada assim: sacrifica a Ceres⁹⁸ uma porca como *porca praecidanea* antes de colher estes itens: espelta, trigo, cevada, favas e sementes de rábão de cavalo. Antes de imolares a porca, invoca Jano,⁹⁹ Júpiter e Juno¹⁰⁰ com incenso e vinho. Oferece a Jano uma *strues*¹⁰¹ assim: "Pai Jano, oferecendo-te esta *strues*, suplico-te com boas súplicas que sejas favorável e benévolo para mim, meus filhos, minha casa e minha gente". Oferece um *fertum*¹⁰² a Júpiter e honra-o assim: "Júpiter, oferecendo-te este *fertum*, suplico-te com boas súplicas que sejas favorável e benévolo para mim, meus filhos, minha casa e minha gente, glorificado com este *fertum*". Em seguida, oferece vinho a Jano assim: "Pai Jano, assim como, oferecendo uma *strues*, supliquei-te com boas súplicas, sejas glorificado pelo mesmo motivo pelo vinho posto à tua frente".

Em seguida, a Júpiter assim: "Ó Júpiter, sejas glorificado com este *fertum*, sejas glorificado pelo vinho posto à tua frente". Em seguida, imola a *porca praecidaneae*. Quando as entranhas forem retalhadas, oferece uma *strues* a Jano e honra-o, como fizeste antes. Oferece ainda vinho a Jano e a Júpiter como se ofereceu antes, ao ofertares a *strues* e o *fertum*. Em seguida, oferece as vísceras e o vinho a Ceres.

CXXXV- Em Roma, túnicas, togas, mantos, mantas de retalhos e tamancos; em Cales e Minturnas, capuzes, ferramentas, foices, pás, enxadas, machados, arreios, freios com pontas e cadeiazinhas; em Venafro, pás. Em Suessa e na Lucânia, carretas e grades para debulhar; em Alba e em Roma, *dolia* e cubas; telhas em Venafro. Para a terra pesada, os arados romanos são bons; para a terra negra, os da Campânia. Os jugos romanos são os melhores. O de relha adaptável é o melhor. Descaroçadores em Pompéia, em Nola e junto aos muros de Rúfrio; chaves e trancas em Roma; baldes, urnas para azeite, potes para água, urnas para vinho e outros vasos de bronze em Cápua e em Nola; cestos da Campânia de Cápua são úteis. Cordas de içar e todos os tipos de cordame em Cápua; cestos romanos em Suessa e Casino; (...) ¹⁰³ são os melhores em Roma.

Para fazer cordas de prensa, L. Túnio em Casino e G. Mênio, filho de L., em Venafro. É preciso usar nelas oito couros dos nossos recém-curtidos que tenham o menos de sal possível; é preciso curti-los, untar antes com gordura e secar. É preciso urdir a corda com o comprimento de setenta e dois pés. Que tenha três cordinhas com nove tiras de dois dedos de largura para cada cordinha. Depois de torcida, terá o comprimento de quarenta e nove pés. Para o nó, irão três pés, sobrando quarenta e seis. Quando alongada, vão somar-se cinco pés, e terá o comprimento de cinquenta e um. É preciso que a corda de prensa alongada tenha cinquenta e cinco pés para as maiores prensas e cinquenta e um para as menores. A corda de couro conveniente para a carreta terá sessenta pés, o cordel quarenta e cinco e as rédeas para a carreta trinta e seis; para o arado, vinte e seis, os tirantes com vinte e sete pés e meio, correias de atar ao jugo para a carreta com dezenove, o cordel com quinze, correias de atar ao jugo para o arado com doze e um cordel com oito.

Os maiores descaroçadores com o diâmetro de quatro pés e meio e as mós com três pés e meio; o meio das mós (quando tiradas das pedreiras) com a espessura de um pé e um palmo, entre a coluna e a cuba, um pé e dois dedos, e cubas com a espessura de cinco

dedos. Em segundo lugar, um descaroçador com o diâmetro de quatro pés e um palmo, entre a coluna e a cuba, um pé e um dedo, cubas com a espessura de cinco dedos e mós com o diâmetro de três pés e cinco dedos e a espessura de um pé e três dedos. Faze um orifício de meio pé de área nas mós. Em terceiro lugar, um descaroçador com o diâmetro de quatro pés, um pé entre a coluna e a cuba, uma cuba com cinco dedos, mós com o diâmetro de três pés e três dedos e a espessura de um pé e dois dedos. Quando se trazer o descaroçador, ajusta-o e instala onde se assentará.

CXXXVI- Como é preciso que o derradeiro amanho à terra seja confiado a um meeiro: no território de Casino e Venafro, num bom terreno, que receba a oitava parte dum cesto;¹⁰⁴ num razoavelmente bom, a sétima; num terreno de terceira qualidade, a sexta; caso se reparta o grão com um módio, a quinta. Em Venafro, que receba a nona parte dum cesto no melhor campo. Se moem em comum, o segador dará ao moinho proporcionalmente ao que o segador recebe. Com o módio, que receba a quinta parte de cevada e a quinta de favas.

CXXXVII- Cuidados do vinhedo pelo meeiro. Que cuide bem da propriedade, do arvoredado e do campo de trigo. Que o meeiro tenha à sua disposição feno e forragem em quantidade suficiente para os bois que lá houver. O restante, em comum.

CXXXVIII- É permitido jungir os bois nos dias comemorativos. É permitido que façam isto: transportem lenha, hastes de favas e o trigo que fores armazenar. Nenhum dia comemorativo para os burros, cavalos e asnos, exceto se houver comemorações entre os de casa.

CXXXIX- É preciso cortar um bosque à maneira romana assim: oferece um porco como vítima expiatória e recita esta fórmula: "Se és um deus ou uma deusa a quem este santuário é dedicado, como é justo sacrificar a ti um porco para vítima expiatória em paga do corte deste local sagrado e por esse motivo, que seja feito corretamente quer por mim quer por quem eu mandar; por esse motivo, imolando este porco como vítima expiatória,

suplico-te com boas súplicas que sejas favorável e benévolo para mim, minha casa, minha gente e meus filhos; sejas por isso glorificado pelo sacrifício deste porco expiatório".

CXL- Se desejares lavrar, sacrifica assim uma outra vítima expiatória e acrescenta isto: "pelo trabalho a realizar". Enquanto houver trabalho, que seja feito diariamente em alguma parte. Se interromperes os trabalhos e houver comemorações públicas ou entre os de casa, sacrifica uma outra vítima expiatória.

CXLI- É preciso purificar o campo assim: manda que o sacrifício da *suouetaurilia*¹⁰⁵ seja levado em torno dele. "Com a benevolência dos deuses e para ter sucesso confio a ti, ó Mânio,¹⁰⁶ que te ocupes de purificar minha propriedade, meu campo e minha terra com esta *suouetaurilia*, em qualquer parte que julgares convir que seja levada ou circule." Oferecendo vinho a Jano e a Júpiter, pronuncia tu primeiro estas palavras: "Pai Marte, suplico-te e rogo que sejas favorável e benevolente para mim, minha casa e minha gente e por esse motivo mandei que a *suouetaurilia* fosse levada em torno a meu campo, minha terra e minha propriedade; que tu afastes, repilas e apartes as doenças visíveis e invisíveis, a desdita, a destruição, o flagelo e as intempéries; consintas que as searas, os cereais, os parreirais e as mudas cresçam e se desenvolvam bem; conserves os pastores e o rebanho com boa saúde e dês boa saúde e vigor a mim, minha casa e minha gente; por esse motivo, para purificar e tornar puros minha propriedade, minha terra e meu campo, como disse, sejas glorificado com essa *suouetaurilia* de vítimas não desmamadas. Pai Marte, por esse motivo sejas glorificado com essa *suouetaurilia* de vítimas não desmamadas". Também oferece com uma faca a *strues* e o *fertum*; em seguida, faz a oferenda. Quando imolares o porco, o carneiro e o bezerro, é preciso dizer isto: "por esse motivo sejas glorificado pelas vítimas da *suouetaurilia*". Não se deve pronunciar "Marte", "carneiro" ou "bezerro". Se não se tiver bom presságio em tudo, recita esta fórmula: "Pai Marte, se algo naquela *suouetaurilia* de vítimas não desmamadas não te agradou, eu te aplaco com esta *suouetaurilia*". Se houver dúvida a respeito de um ou dois animais, recita esta fórmula: "Pai Marte, eu te aplaco com o sacrifício expiatório deste porco pelo que não te agradou naquele porco".

CXLII- Tais são os deveres do administrador: que se ocupe do que o senhor recomendou, de tudo o que é preciso que se faça na propriedade e que é preciso comprar e adquirir e de como é preciso repartir o alimento e as vestes aos de casa; aconselho que se ocupe e realize isso e obedeça às ordens do senhor. Além disso, de como é preciso tratar sua esposa e como dar-lhe ordens a fim de que, quando o senhor chegar, o necessário seja preparado e cuidado com zelo.

CXLIII- Cuida de que a esposa do administrador faça suas obrigações. Se o senhor a der a ti como esposa, contenta-te com ela. Faze com que te tema. Que não seja excessivamente dada ao luxo. Que tenha pouquíssima intimidade com as vizinhas e outras mulheres e não as receba na sede ou as tenha junto a si. Que não vá banquetear-se em parte alguma nem seja passeadeira. Que não realize sacrifícios nem mande que outros os façam em seu lugar sem ordens do senhor ou da senhora. Que saiba que o senhor é responsável pelos sacrifícios por todos os de casa. Que seja limpa; que mantenha a sede varrida e com asseio; que mantenha a lareira diariamente limpa e varrida, antes de deitar-se. Nas calendas,¹⁰⁷ idos,¹⁰⁸ nonas¹⁰⁹ e dias de festa, que ponha uma coroa sobre a lareira e nos mesmos dias suplique ao Lar familiar conforme suas posses. Que ela se ocupe de cozinhar o alimento para ti e os de casa. Que tenha à sua disposição muitas galinhas, ovos, pêras secas, sorvas, figos, passas, sorvas em vinho reduzido, pêras, uvas e marmelos estrútijs em *dolia*, uvas em seu próprio bagaço e armazenadas em potes enterrados e nozes prenestinas frescas armazenadas num pote enterrado. Maçãs escancianas em *dolia*, de outros tipos comumente utilizados em conserva e silvestres: que tenha isso tudo anualmente conservado com cuidado. Que saiba fazer uma boa farinha e farro bem moído.

CXLIV- É preciso contratar a colheita das azeitonas deste modo: que se apanhem corretamente todas as azeitonas segundo o parecer do senhor, de seu supervisor ou de quem as comprará. Que não se colha ou deite abaixo as azeitonas sem ordens do senhor ou do supervisor. Se alguém proceder contrariamente, ninguém pague pelo que ele colher no mesmo dia e não haverá dívida. Todos os que colherem as azeitonas jurem ao senhor ou ao supervisor que eles e ninguém mais roubaram azeitonas de má-fé da propriedade de L. Mânlio¹¹⁰ durante a colheita. Se algum dentre eles não jurar assim, ninguém o pagará por

tudo o que colher e não haverá dívida. Segundo o parecer de L. Mânlio, que o contratado ofereça caução e as azeitonas sejam colhidas corretamente. Que devolva as escadas assim como foram entregues, exceto as que se quebraram por serem velhas. Se não forem devolvidas, será feito um abatimento justo segundo o parecer de um homem de bem. Se algum dano for causado ao senhor por culpa do empreiteiro, que pague; será feito um abatimento segundo o parecer de um homem de bem. Que forneça catadores de azeitonas caídas e apanhadores¹¹¹ conforme a necessidade. Se não fornecer, será feito um abatimento do custo de contratação ou empreitada e dever-se-á esse valor a menos. Que não se retire madeira e azeitonas da propriedade. Será feito um abatimento de dois sestércios por retirada para o coletor que as retirar e o valor não será devido a ele. Toda azeitona será medida limpa com um medidor de um módio para azeitonas. Que se ofereçam cinqüenta homens constantemente ocupados, sendo dois terços deles apanhadores. Que ninguém dê seu consentimento para que se contrate a colheita e o processamento das azeitonas por um preço maior, a não ser que se nomeie seu sócio atual. Se alguém proceder contrariamente, caso o senhor ou seu supervisor desejarem, que todos os sócios prestem juramento. Se não jurarem, ninguém pagará pelas azeitonas colhidas e processadas nem deverá a quem não jurar. Como gratificações por mil e duzentos módios, somam-se cinco módios de azeitonas salgadas, nove libras de azeite puro e cinco quadrantes de vinagre para toda a colheita; pela quantia de azeitonas salgadas não recebida enquanto trabalharem na colheita, dar-se-ão cinco sestércios por módio.

CXLV- É preciso contratar o processamento das azeitonas sob estas condições: que as processe corretamente segundo o parecer do senhor ou do supervisor responsável. Se houver necessidade de seis equipamentos montados, que os forneça. Proveja homens tais que agradem ao supervisor ou a quem comprar as azeitonas. Se houver necessidade de descaroadores, que os forneça. Se trabalhadores forem arrendados ou os trabalhos contratados, pague por isso, ou será feito um abatimento. Não toque no azeite para usá-lo nem para roubar, a não ser o que o senhor ou o supervisor derem. Se retirar, será feito um abatimento de quarenta sestércios por retirada e não haverá dívida para com ele. Que os azeiteiros, fabricantes do azeite, jurem ao senhor ou ao supervisor que eles e ninguém mais roubaram azeite ou azeitonas de má-fé da propriedade de L. Mânlio. Se algum dentre eles

não jurar assim, que se faça um abatimento no valor total de sua paga e não haverá dívida para com ele. Que não tenha sócio algum, a não ser o que o senhor ou o supervisor autorizarem. Se algum dano for causado ao senhor por culpa do empreiteiro, será feito um abatimento segundo o parecer de um homem de bem. Se houver necessidade de azeite verde, que o faça. Somar-se-ão azeite e sal em quantidade suficiente para seu uso e, para a taxa de prensagem, dois vitoriatos.

CXLVI- É preciso vender as azeitonas no pé sob estas condições: para as azeitonas do pé a serem vendidas numa propriedade em Venafro, seu comprador juntará um por cento do total além da quantia de compra; cinquenta sestércios pelo trabalho do pregoeiro; que se paguem mil e quinhentas libras de azeite romano, duzentas libras de azeite verde, cinquenta módios de azeitonas caídas, dez módios de azeitonas apanhadas (que sejam medidas com um módio para azeitonas) e dez libras de azeite lubrificante; que dê duas cótilas¹¹² da primeira prensagem para usar os pesos e medidas do senhor. Data de pagamento: mesmo se o comprador der de empreitada, em dez meses a partir das calendas de novembro pela colheita e processamento das azeitonas que foram dados de empreitada, nos idos. Que prometa ao senhor ou a quem mandar que tudo será dado e acontecerá corretamente e que uma caução será dada; que dê caução segundo o parecer do senhor. Até que o pagamento seja feito ou se der caução assim, tudo o que for trazido para a propriedade servirá de penhor. Que não retire nada disso da propriedade; se retirar algo, que o senhor tome para si. Que devolva em bom estado os equipamentos de prensagem, cordas, escadas, descaroadores e, eventualmente, algo mais a que se deu acesso, exceto o que se quebrou por ser velho. Se não devolver, que pague um preço justo. Se o comprador não pagar, como deve ser, os apanhadores e azeiteiros que trabalharam em sua propriedade, que o senhor os pague se quiser. Que o comprador deva ao senhor, dê caução e, por isso, assim como se descreveu acima, seus bens sirvam de penhor.

CXLVII- É preciso vender as uvas no pé sob estas condições: que se deixem os bagaços não lavados e a borra. Dar-se-á o local para armazenar o vinho até as calendas de outubro seguintes. Se não o levar antes, que o senhor faça o que quiser do vinho. Quanto às demais condições, que sejam seguidas as mesmas estabelecidas para as azeitonas do pé.

CXLVIII- É preciso vender o vinho armazenado em *dolia* deste modo: quarenta e uma urnas serão dadas por cada cúleo. Só será dado o que não estiver ácido ou bolorento. Num espaço de três dias, que seja degustado segundo o parecer de um homem de bem. Se não o fizer, considerar-se-á que o vinho foi degustado. Quantos dias de atraso houver na degustação do vinho por culpa do senhor, tantos o comprador ganhará para fazê-lo. Que receba o vinho antes das próximas calendas de janeiro; se não receber antes, o senhor medirá o vinho. Que pague conforme a medida. Se o comprador solicitar, o senhor jurará ter agido honestamente. Dar-se-á o local para armazenar o vinho até as próximas calendas de outubro. Se não o levar antes, que o senhor faça o que quiser do vinho. Quanto às demais condições, que sejam seguidas as mesmas estabelecidas para as azeitonas do pé.

CXLIX- Sob quais condições é preciso vender a forragem invernal: estabelece até onde vendes. Que se comece a usar a forragem a partir das calendas de setembro. Que se afaste das pastagens secas quando a pereira começar a florescer; das pastagens irrigadas, quando em cima e em baixo os vizinhos irrigarem, ou estabelece uma data fixa para ambas. Que se afaste da forragem restante nas calendas de março. É reservado ao senhor apascentar duas juntas de bois e um cavalo castrado quando o comprador apascentar. As hortaliças, aspargos, madeira, água, a via e o direito de passagem são reservados para uso do senhor. Se o comprador, os pastores ou o rebanho do comprador causaram algum dano ao senhor, que ele indenize segundo o parecer de um homem de bem. Se o senhor, sua gente ou seu rebanho causaram algum dano ao comprador, será pago segundo o parecer de um homem de bem. Até que pague em dinheiro, dê caução ou constitua um devedor, o rebanho e os escravos que estiverem no local servirão de penhor. Se houver algum litígio a esse respeito, que se instaure um processo em Roma.

CL- É preciso arrendar a cria dos rebanhos sob estas condições: por cabeça, uma libra e meia de queijo (a metade seco) e a metade do leite obtido nos dias comemorativos; nos outros dias, uma urna. Sob estas condições, o carneiro que viver um dia e uma noite é considerado como parte da cria. Que o arrendatário se afaste da cria nas calendas de junho; se for num ano de mês intercalar,¹¹³ nas calendas de maio. Que o senhor não prometa mais do que trinta carneiros. As ovelhas que não parirem serão contadas duas por uma como

parte da cria. Dez meses depois da data de venda da lã e dos carneiros, que receba em retorno do arrendatário. Que alimente um porco com soro de leite para dez ovelhas. Que o arrendatário ofereça um pastor por dois meses. Até que dê caução ao senhor ou pague, servirá de penhor.

CLI- Mínio Percênio, de Nola, deu a conhecer desse modo como é preciso colher, plantar e multiplicar as sementes de cipreste e como é preciso plantar um ciprestal: é preciso que a semente do cipreste tarentino seja extraída na primavera; a madeira, quando a cevada amadurecer. Quando colheres, põe as sementes ao sol e limpa-as. Conserva-as secas para que, ao serem expostas, estejam secas. Na primavera, planta num terreno onde a terra for a mais fofa (a chamada terra negra) e onde houver água por perto. Primeiro, aduba bem o terreno com esterco caprino ou ovino, revolve com um alvião, mistura bem a terra com o esterco, livra-a das ervas e da relva e esmaga bem a terra. Faze os canteiros com a largura de quatro pés; faze-os côncavos, para que possam reter água; entre eles, faze sulcos, por onde possas livrar os canteiros das ervas daninhas. Quando os canteiros estiverem prontos, planta as sementes serradamente, como se costuma plantar o linho. Peneira terra no local com um crivo e com a altura de meio dedo. Aplaina bem com uma tábua, com as mãos, ou os pés. Se acaso não chover, de modo que a terra seque, irriga levemente os canteiros. Se não tiveres donde irrigar, traze água e rega levemente. Todas as vezes que for preciso, irriga. Se brotarem ervas, cuida de livrar das ervas cedo. Livra das ervas o mais cedo possível e quantas vezes for preciso. É preciso que isso aconteça no verão assim como descrito; quando a semente foi plantada, que seja coberta com palha; quando começar a germinar, que ela seja removida.

CLII- A respeito das vassouras, como os Mânlios deram a saber: nos trinta dias em que farás a colheita das uvas, faze algumas vezes vassouras de hastes de olmo secas presas a um bastão. Esfrega bem e continuamente as paredes internas dos *dolia* com elas para que a borra não se prenda às paredes.

CLIII- Faze aguapé assim: mantém para isso dois cestos da Campânia para azeitonas. Enche-os com borra, põe-nos debaixo da prensa e espreme.

CLIV- Como medir vinho para os compradores sem dificuldade: fazes uma cuba que comporte um cúleo para esse fim. Que tenha quatro asas na parte de cima, para que possa ser transportada. Perfura na parte de baixo e introduzes por aí uma cana para que possa ser fechada corretamente; perfura logo acima do ponto onde alcançar um cúleo. Conserva-a entre os *dolia* num lugar elevado, para que o vinho possa sair do *dolium* para a cuba. Enche-a e depois fecha.

CLV- No inverno, é preciso que a água seja afastada dos campos. É preciso manter os escoadouros limpos nos montes. No início do outono, quando há pó, é que a água oferece mais riscos. Quando começar a chover, é preciso que os de casa saiam com pás e sachos, abram escoadouros, façam a água vazar para as vias e cuidem de que flua. É preciso percorrer a sede quando chover: se a água penetrar em alguma parte, deve-se marcar o local a carvão para que se troquem as telhas depois da chuva. Durante a ceifa, se a água ficou estagnada em algum lugar - nos cereais, nas lavouras ou nos escoadouros - ou algo empoça a água, é preciso desimpedir, abrir passagem e removê-la.

CLVI- Da couve e suas propriedades digestivas: a couve leva vantagem sobre todas as hortaliças. Come-a cozida ou crua. Se a comeres crua, embebe em vinagre. Ajuda a fazer a digestão maravilhosamente, tem efeito laxativo, e a urina é boa para tudo. Num banquete, se quiseres beber muito e jantar à vontade, come-a antes do banquete crua e com vinagre na quantidade desejada; além disso, come outras cinco folhas quando te banquetear; será como se nada tivesses comido, e beberás quanto quiseres.

Se quiseres desopilar o trato digestivo superior, toma quatro libras da couve de folhas mais lisas, fazes três feixezinhos iguais e amarra. Em seguida, arruma uma panela com água. Quando começar a ferver, põe o feixezinho durante algum tempo, e a fervura cessará. Em seguida, quando começar a ferver, põe durante algum tempo, pouco mais ou menos o que é preciso para contares até cinco, e retira. Fazes assim com o segundo feixezinho e com o terceiro. Em seguida, põe-nos juntos, macera, coa num pedaço de linho e espreme aproximadamente uma hêmnia do sumo num copinho de argila. Junta um grão de sal com o tamanho aproximado de uma ervilha e uma quantidade de cominho moído suficiente para perfumar. Em seguida, põe o copinho ao ar livre durante uma noite de céu

limpo. Quem for beber deve tomar um banho quente, beber hidromel e deitar-se em jejum. Em seguida, de manhã, que beba o sumo e ande por quatro horas, ocupando-se de algum compromisso que tiver. Quando tiver vontade e sentir náuseas, que se deite e purgue. Vai eliminar tanta bile e muco que ele mesmo se perguntará admirado de onde podem ter saído. Quando for evacuar, que beba uma hêmina ou um pouco mais. Se o efeito for muito forte, que tome duas conchas de farinha fina e dissolva na água; bebendo um pouco, vai parar. É preciso macerar couves em água para os que sofrerem de cólicas. Quando estiverem maceradas, põe-nas em água quente, coze até que se ensopem bem e retira a água. Em seguida junta sal, um pouco de cominho, flor de farinha de cevada e azeite. Em seguida, faz ferver e põe num prato para que esfrie. Aí, amasse o alimento que desejar e coma em seguida; mas, se puder comer apenas a couve, que coma. Se não tiver febre, deixa que beba vinho tinto ácido diluído em pouquíssima água; se tiver febre, água. Faz isso a cada dia pela manhã. Não dê em grande quantidade para que não enjoie e futuramente possa comer de bom grado. Dá do mesmo modo a um homem, mulher e criança. Trato agora dos que urinam mal e sofrem de estrangúria.¹¹⁴ Toma couves e põe em água fervente durante algum tempo, de modo que fiquem mal cozidas. Em seguida, retira parte da água. Junta uma boa quantidade de azeite, sal e um pouco de cominho e faz ferver durante algum tempo. Em seguida, que beba desse caldo frio e coma a própria couve, para que seja digerida o quanto antes. Faz isso todos os dias.

CLVII- Da couve de Pitágoras, seus benefícios e do bem que faz à saúde: a princípio, é preciso que conheças as variedades de couve que existem e suas características. Ela reúne em si todas as coisas necessárias para a saúde e sempre se altera com o calor, sendo ao mesmo tempo seca, úmida, doce, amarga e ácida. A couve tem naturalmente reunidas todas as coisas que se chamam de "sete bens".¹¹⁵ Agora, para conheceres suas características, a primeira é chamada de lisa; ela é grande, tem folhas largas, o caule desenvolvido e é vigorosa e bem forte. A segunda, frisada, é chamada de *apiacon*, tem boas características e aparência e tem mais eficácia como remédio do que aquela de que falei acima. Há ainda uma terceira, que é chamada de suave, de caules pouco desenvolvidos e tenra; a mais ácida delas é essa, com pouco e fortíssimo sumo. Convém primeiro saber que, de todas as couves, nenhuma é tão medicinal quanto ela. Aplica-a moída sobre todas as

feridas e inchaços; vai purificar e cicatrizar todas as úlceras sem dor; vai fazer os furúnculos amadurecerem e romper-se e purificará e cicatrizará as feridas corruptas e cancos, algo que outro remédio não pode fazer. Antes de aplicá-la, lava o local com água quente em abundância; em seguida, aplica-a moída duas vezes ao dia: eliminará toda corrupção. O cancro negro tem mau cheiro e deita sangue purulento; o branco é purulento, mas é fistuloso e supura-se debaixo da pele. Para essas feridas, tritura couves assim e curarão: é o que há de mais eficaz para essas feridas. Se houver alguma luxação, aplica-lhe água quente duas vezes ao dia e põe couves moídas: logo curarão; se as usares duas vezes ao dia, a dor cessará. Se houver alguma contusão, vai romper-se; aplica-lhe couves moídas e curarão. Se aparecer alguma úlcera ou cancro nas mamas, aplica-lhe couves moídas e curarão. E, se a úlcera não puder suportar-lhes a acidez, junta farinha de cevada e aplica. Assim, curarão todas as úlceras, algo que outro remédio não pode fazer nem eliminar. E, se um menino ou menina tiver uma úlcera, junta farinha de cevada. Se quiseres comê-las picadas, lavadas, secas e salpicadas com sal e vinagre, nada é mais saudável. Para comeres mais de bom grado, rega com vinagre melado; tu as comerás com um pouco mais de bom grado lavadas, secas, salpicadas com arruda, coriandro picado e sal. Fará bem, não deixará que nenhum mal se apodere do corpo e fará os intestinos funcionarem. Se já tiveres algum mal, curará totalmente e livrará a cabeça e os olhos de todos os problemas, curando-os. É preciso comê-las pela manhã em jejum. Se tiveres bile negra, o baço inchar e o coração, o fígado, os pulmões e o diafragma doerem, vai, enfim, curar tudo o que doer por dentro. Rala *silphium*¹¹⁶ no mesmo lugar: é bom. Pois todas as veias, quando inchadas pelo alimento, não podem respirar no corpo todo; disso se originam algumas doenças. Quando os intestinos não funcionam por teres comido demais, se usares as couves proporcionalmente como prescrevi, evitar-se-ão todos os males decorrentes disso. De fato, nada livra tanto da artrite quanto a couve crua, se a comeres cortada, e arruda, coriandro picado e seco, *sirpicium*¹¹⁷ ralado e couves borrifadas com vinagre misturado com mel e sal. Se usares isso, poderás usar todas as juntas. Não custa nada e, mesmo que custasse, experimentarias por tua saúde. É preciso comê-las pela manhã em jejum. Se alguém sofre de insônia ou está debilitado, tu o curarás com este mesmo tratamento. Mas dá as couves fritas em azeite e quentes e um pouco de sal ao homem em jejum. Quanto mais comer, mais rapidamente vai curar-se do mal. Faz assim para os que padecerem com cólicas: macera

bem as couves, em seguida põe numa panela e faz ferver bem. Quando estiverem bem cozidas, retira a água. Junta uma boa quantidade de azeite, um pouquinho de sal, cominho e flor de farinha de cevada fina. Em seguida, faz ferver bem. Quando ferver, põe num prato. Que coma, se puder, sem pão; se não, deixa que umedeça o pão puro na mistura. Se não tiver febre, deixa que beba vinho tinto; ficará bom logo. Se em algum tempo usares o tratamento para quem estiver debilitado, isto pode curá-lo: que coma couves como se prescreveu acima. E ainda, conserva a urina do que tiver o costume de comer couves, aquece-a e banha um homem com ela: logo o curarás com este tratamento; tem efeito comprovado. Se lavares criancinhas com essa urina, nunca ficarão doentes. Os que têm a vista embaçada enxergarão melhor se lavarem os olhos com essa urina. Se a cabeça ou o pescoço doerem, lava-os com urina aquecida e deixarão de doer. Se uma mulher banhar as partes íntimas com essa urina, nunca adoecerão. É preciso banhar assim: quando ferveres numa bacia, põe sob uma cadeira perfurada. Que a mulher se assente no local, encobre-a e agasalha com sua roupas.

A couve selvagem é a mais forte. É preciso que ela seque e seja moída bem fina. Se desejares purgar alguém, que não vá banquetear-se na véspera; pela manhã, dá em jejum as couves trituradas e quatro ciatos de água. Nada purgará tão bem, nem o heléboro, nem a escamônea;¹¹⁸ sem fazer mal, é bom para a saúde. Curarás mesmo os que não acreditares poder curar. Cuida assim de quem for purgado com esse purgativo: dá-lhe isso em forma de poção por sete dias. Quando quiser comer, dá-lhe carne assada. Se não quiser, dá-lhe couves cozidas e pão, e que beba vinho suave diluído, banhe-se raramente e massageia com azeite. Quem for purgado assim gozará de saúde duradoura e não ficará doente a não ser por sua culpa. Se alguém tiver uma úlcera, supurada ou recente, esparge couves selvagens com água e aplica; tu a curarás. Se houver uma fístula, introduze uma pelota dentro. Se não for possível introduzi-la, dilui, põe numa bolsa, prende a uma cana e pressiona, para que penetre na fístula; isso vai curar logo. Põe-na triturada com mel sobre todas as úlceras velhas e novas: vai curar. Se houver uma excrescência carnosa no interior do nariz, põe couve selvagem seca e triturada em tua mão e aplica no nariz; inspira com a maior força possível; em três dias, a excrescência desaparecerá. Mas, quando desaparecer, faz o mesmo por alguns dias para eliminar totalmente as raízes da excrescência. Se ouves pouco,

macera couves com vinho, extrai o sumo e instila-o tépido nos ouvidos; logo perceberás que ouves melhor. Aplica couves no dartro: curará e não formará úlceras.

CLVIII- É preciso que se soltem os intestinos assim, se desejas purgar-te bem: toma uma panela, junta seis sextários de água e junta-lhe um pé de porco. Se não tiveres o pé, junta-lhe um pedaço do pernil com meia libra e o menos gorduroso possível. Logo que começar a cozer, junta-lhe duas hastezinhas de couve, duas hastezinhas de acelga com as raízes, um broto de polipódio,¹¹⁹ não muita urtiga mercurial, duas libras de mexilhões, um muge¹²⁰ e um peixe-escorpião, seis caramujos e um punhado de lentilhas. Coze isso tudo até obter seis sextários de caldo. Não juntes azeite. Toma um sextário de caldo morno, junta um ciato de vinho de Cós, bebe e repousa; em seguida, faz o mesmo uma segunda e uma terceira vez: vai purgar-te bem. Se quiseses beber além disso vinho de Cós diluído, será permitido que bebas. Dentre todos os ingredientes mencionados acima, qualquer um tem efeito laxativo. Mas, tantos ingredientes há nessa preparação que decerto tem efeito laxativo e é agradável.

CLIX- Para prevenir assaduras: quando fores viajar, mantém um raminho de absinto¹²¹ pôntico sob o ânus.

CLX- Se houver alguma luxação, vai curar-se com este encantamento: toma uma cana verde com o comprimento de quatro ou cinco pés e abre pelo meio; que dois homens a segurem junto a teus quadris. Começa a cantar "*motas uaeta daries dardares astataries dissunapiter*"¹²² até que ela se una. Brande um ferro por cima. Quando se unir e ambas as partes se tocarem, toma com tua mão e rompe à direita e à esquerda. Prende junto à luxação ou fratura: curará. Contudo, canta assim quotidianamente ou no caso de uma luxação: "*huat, haut, haut istasis tarsis ardannabou dannaustra*".

CLXI- Como se planta o aspargo: é preciso lavar bem um terreno úmido ou um terreno rico. Quando for lavrado, faz canteiros, para que possas sachar e capinar à direita e à esquerda sem calcá-los. Quando formares os canteiros, deixa um intervalo de meio pé em cada lado entre os canteiros. Em seguida planta, deixando duas ou três sementes por sulco

aberto em linha reta com uma estaca e recobrimdo o sulco com a mesma estaca. Em seguida, espalha bem o esterco sobre os canteiros. Planta depois do equinócio de primavera. Quando brotar, livra das ervas com freqüência e acautela-te para que o aspargo não seja arrancado junto com as ervas. No ano em que plantares, cobre as sementes com palha no inverno para que não sejam queimadas pelo frio. Em seguida, no começo da primavera, desencobre, sacha e capina. Três anos depois de plantares, queima no começo da primavera. Em seguida, não saches antes de o aspargo brotar para que, ao saches, não danifiques as raízes. No terceiro ou quarto ano, arranca o aspargo pelas raízes: se o truncares, vão formar-se brotos e morrer. Poderás arrancá-lo até que os vejas a caminho de produzir sementes. A semente amadurece perto do outono. Quando colheres as sementes, incendeia os canteiros e, quando o aspargo começar a brotar, sacha e aduba. Depois de oito ou nove anos, quando já estiver velho, extrai o pé e lavra e aduba bem a terra para onde fores transplantar. Em seguida, faze covas para plantar as raízes de aspargo. Entre as raízes de aspargo, que não haja menos do que um pé de intervalo. Arranca-as, escavando em volta para arrancar facilmente; cuidado para não rompê-las. Procura lançar a maior quantidade possível de esterco de ovelhas: é o melhor para isso. Outros tipos de esterco fazem crescer ervas.

CLXII- Salga dos pernis e das *ofellae Puteolanae*:¹²³ é preciso salgar os pernis num *dolium* ou jarro. Quando comprares os pernis, corta os pés. Meio módio de sal romano a cada um. Deposita o sal no fundo do *dolium* ou jarro e depois põe o pernil com a pele para baixo; cobre-o totalmente com sal. Em seguida, sobrepõe outro e cobre similarmente. Cuidado para que a carne não toque a carne. Cobre todos assim. Quando dispuseres todos os pernis, cobre por cima com sal para que a carne não apareça e nivela. Quando já estiverem há cinco dias no sal, retira todos eles com seu sal. Transfere os de cima para baixo e cobre e arruma do mesmo modo. Ao completar doze dias, retira os pernis, limpa de todo sal e suspende ao ar por dois dias. No terceiro dia, limpa bem com uma esponja, unta com azeite e suspende ao fumo por dois dias. No terceiro, retira, unta com azeite e vinagre misturados e suspende num suporte para carnes. Não será atingido por traças ou vermes.

-
- ¹ *Sede*: no original latino, tem-se a palavra *uilla*, designando o conjunto das construções rurais destinadas ao alojamento do senhor (*uilla urbana*), à moradia dos escravos, à manufatura e à armazenagem de produtos no campo (*uilla rustica*).
- ² *Dolia*: trata-se de recipientes de grandes dimensões e bojudos, destinados à conservação de itens alimentícios variados.
- ³ *Jeira*: antiga medida agrária de área correspondente aproximadamente a 0,2 ha.
- ⁴ *Lar familiar*: os deuses Lares, tradicionalmente cultuados pelos romanos nas casas, relacionavam-se ao espírito divinizado de um ancestral familiar; considerados membros das famílias, eram tidos por uma espécie de gênio que protegia a casa e as terras adjacentes.
- ⁵ *Administrador*: trata-se do *uillicus*, escravo responsável pela direção geral das propriedades rurais romanas na ausência do senhor.
- ⁶ *Obras públicas*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 7), trata-se provavelmente de trabalhos de construção de estradas públicas, com que se estava obrigado a contribuir.
- ⁷ *Espelta*: certa variedade de trigo mais vulgar.
- ⁸ *Descaroçadores*: no original latino, empregou-se a palavra *trapetus*, designando um equipamento destinado a separar os caroços das polpas das azeitonas antes da prensagem para a extração do azeite (cf. edição "Les Belles Lettres" da obra de Catão na bibliografia final, p. 131).
- ⁹ *Roldanas gregas*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão bibliografia final, p. 531), trata-se de uma espécie de "antigo mecanismo de polias e cordas para erguer".
- ¹⁰ *Esparto*: planta da família das gramíneas, empregada na confecção de cordas e cestaria.
- ¹¹ *Pé*: antiga medida de comprimento, o pé equivale aproximadamente a 0,29 m.
- ¹² *Encruzilhadas*: segundo comentário de Ash à edição Harvard da obra de Catão (cf. bibliografia final, p. 14), os *Lares Compitales* eram cultuados em festivais realizados no cruzamento de vias, durante o mês de dezembro e poucos dias depois das Saturnais.
- ¹³ *Harúspice*: *haruspex*, em latim, é o adivinho que se encarrega de predizer o futuro, consultando as entranhas de animais sacrificados para esse fim.
- ¹⁴ *Ressequida*: segundo comentário de Ash à edição Harvard da obra de Catão (cf. bibliografia final, p. 16), o termo latino correspondente à nossa tradução (*cariosa*) indica a terra seca por longo tempo antes que uma chuva fina venha molhá-la apenas em superfície.
- ¹⁵ *Ablaqueia*: ablaquear é revolver o solo em torno de um tronco ou caule para tornar a terra leve.
- ¹⁶ *Favônio*: Zéfiro ou vento do poente; no texto, especificamente, indica o lado oeste.
- ¹⁷ *Alvião*: instrumento agrícola semelhante a uma enxada na forma.
- ¹⁸ *Aguapé*: fermentado de qualidade muito inferior, feito com os bagaços das uvas já prensadas e água.
- ¹⁹ *Maças púnicas*: romãs.
- ²⁰ *Lentisco*: arbusto medicinal da família das anacardiáceas, cultivado no Mediterrâneo (Grécia, Turquia...) para usos variados. No texto, há referência ao emprego de sua resina como conservante.
- ²¹ *Sorva*: fruto da sorveira, árvore da família das apocináceas.
- ²² *Murta*: ou mirto; arbusto mediterrâneo da família das mirtáceas.
- ²³ *Nozes calvas*: segundo Goujard (cf. edição "Les Belles Lettres" da obra de Catão na bibliografia final, p. 149), tratar-se-ia de um tipo de avelã.
- ²⁴ *Nozes de Avela*: da localidade de Avela, na Campânia, ou avelãs.
- ²⁵ *Quadrantes*: antiga medida de capacidade, o quadrante corresponde aproximadamente a 26,26 l.
- ²⁶ *Hêminas*: antiga medida de capacidade, a hêmína corresponde aproximadamente a 0,27 l.
- ²⁷ *Sextário*: antiga medida de capacidade, o sextário corresponde aproximadamente a 0,54 l.
- ²⁸ *Xaíreís*: coberturas protetoras para o dorso dos animais de montaria, em couro ou tecido.
- ²⁹ *Amurca*: espécie de resíduo líquido da fabricação do azeite de oliva.
- ³⁰ *Módio*: antiga medida de capacidade, o módio corresponde aproximadamente a 8,75 l.
- ³¹ *Tanchões*: estacas (ou suportes) usadas para sustentar as videiras firmemente no solo.
- ³² *Cúleos*: antiga medida de capacidade, o cúleo corresponde aproximadamente a 526 l.
- ³³ *Giesta*: espécie de planta arbustiva da família das leguminosas, usada para fins medicinais ou na fabricação de vassouras.
- ³⁴ *Cestinhos amerinos*: da cidade de Améria, na Etrúria.
- ³⁵ *Árvore*: refere-se aqui a um tipo de peça fixa das prensas antigas, em formato de pilar.
- ³⁶ Os parênteses indicam uma passagem corrupta do original.
- ³⁷ *Urna*: antiga medida de capacidade, a urna corresponde aproximadamente a 13,13 l.

-
- ³⁸ *Cem libras*: a libra corresponde aproximadamente a 327 g.
- ³⁹ *Sestércio*: antiga moeda romana de prata, com o valor de dois asses e meio ou um quarto do denário.
- ⁴⁰ *Agüeiro*: parte dos telhados destinada a dar escoamento à água.
- ⁴¹ *Conforme à estação*: seguiu-se aqui a solução de Goujard (cf. edição "Les Belles Lettres" da obra de Catão na bibliografia final, p. 168) para a tradução de *ex signo*.
- ⁴² *Empena*: elemento arquitetônico identificado com o triângulo em que se acabam na parte superior as paredes destinadas a sustentar as águas inclinadas dos telhados.
- ⁴³ *Libelos*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 31), a *libella* era uma unidade monetária que correspondia a um décimo do *denarius*, antiga moeda romana de prata.
- ⁴⁴ *Vitoriatos*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 31), o *uictoriat* correspondia à metade do *denarius*.
- ⁴⁵ *Faixa*: fala-se aqui, propriamente, em "pértiga", antiga medida de comprimento correspondente a dez pés ou 2,945 m.
- ⁴⁶ *Solstício*: tempo em que, no hemisfério norte ou sul, o sol dá impressão de ter estacionado, antes de se aproximar de novo do Equador.
- ⁴⁷ *Espigas*: partes entalhadas na extremidade de certas peças, em formato de fuso.
- ⁴⁸ *Dedos*: antiga medida de comprimento, o dedo corresponde a um dezesseis avos do pé romano, ou a 1,8 cm.
- ⁴⁹ *Pilriteiro*: certa árvore ornamental da família das rosáceas.
- ⁵⁰ *Ervilhaca*: certa planta trepadeira da família das leguminosas.
- ⁵¹ *Terra em pousio*: o terreno deixado em repouso por algum tempo, sem plantio algum, para que não se esgote.
- ⁵² *Interlúnio*: tempo em que a lua não é visível no céu, estendendo-se da fase pouco anterior à lua nova à fase pouco posterior a ela.
- ⁵³ *Carpino*: certa árvore da família das betuláceas.
- ⁵⁴ *Austro*: o vento sul.
- ⁵⁵ *Mergulhia*: trata-se de uma técnica de propagação de videiras por brotamento, que se faz rebaixando ramos da planta ao solo (sem cortar) e enterrando-os em parte. Quando a parte enterrada produziu raízes, é separada da planta-mãe e torna-se uma nova videira.
- ⁵⁶ *Estorroa*: estorrear é esmigalhar com algum instrumento agrícola os torrões maiores que se desprendem da terra escavada.
- ⁵⁷ *Sacha*: sachar é trabalhar o solo com o sacho, instrumento agrícola aproximadamente correspondente a uma enxada na forma.
- ⁵⁸ *Trigo candial*: certa planta da família das gramíneas.
- ⁵⁹ *Ânfora*: aqui, antiga medida de capacidade correspondente a duas urnas ou 26,26 l.
- ⁶⁰ *Engos*: certa planta da família das caprifoliáceas.
- ⁶¹ *Ulva*: ou morracal, certa planta fétida de terrenos alagados.
- ⁶² *Malcheirosa*: seguiu-se aqui a solução de Goujard (cf. edição "Les Belles Lettres" da obra de Catão na bibliografia final, p. 41) para a tradução do adjetivo latino *putida* ("podre", "malcheirosa"...).
- ⁶³ *Língua-de-boi*: certa planta da família das labiadas.
- ⁶⁴ *Palmo*: antiga medida de comprimento, o palmo equivale aproximadamente a 7 cm.
- ⁶⁵ *Equinócio de primavera*: tempo em que o sol corta o Equador, com a conseqüente equivalência de duração entre dias e noites.
- ⁶⁶ *Como o alho*: seguiu-se aqui a solução de Goujard (cf. edição "Les Belles Lettres" da obra de Catão na bibliografia final, p. 49) para a tradução da palavra latina *alium*.
- ⁶⁷ Cf. capítulo LXXXIII.
- ⁶⁸ Por vezes, a fim de evitar fugas, os escravos trabalhavam presos a correntes nos campos.
- ⁶⁹ *Côngios*: antiga medida de capacidade, o côngio corresponde aproximadamente a 3,28 l.
- ⁷⁰ *Saturnais*: festividades anuais em honra do deus Saturno, celebradas do dia dezessete de dezembro em diante.
- ⁷¹ O numeral correspondente à passagem foi perdido.
- ⁷² *Catadores*: eram os trabalhadores encarregados de recolher do chão as azeitonas caídas (não do pé).
- ⁷³ Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 80) menciona o provável uso do simbolismo mágico do número três nesta passagem.

- ⁷⁴ Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 82) menciona a importância de preparações como o *libum* e a *placenta* nas celebrações religiosas dos latinos, já que esses "pães" eram ofertados aos deuses durante certos rituais.
- ⁷⁵ *Flor de farinha*: a parte mais sutil da farinha feita com o trigo.
- ⁷⁶ *Tracta*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 83), tratar-se-ia provavelmente de "pedacinhos de massa"; o termo vincula-se, é importante dizer, à raiz do verbo *trahere* (puxar, esticar...), o que nos faz pensar em algo, talvez, de formato alongado ou que teria sido sovado ou moldado esticando-se.
- ⁷⁷ Os parênteses indicam uma passagem corrupta no original.
- ⁷⁸ *Colore*: no contexto, fazer "corar", besuntando com mel.
- ⁷⁹ Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 87), citando W. W. Fowler, inclina-se para a identificação entre o deus Silvano e Marte.
- ⁸⁰ *Azinhavre*: crosta esverdeada de hidrocarbonato de cobre que se forma sobre os objetos feitos com esse metal pelo contato com o ar.
- ⁸¹ *Metreta*: espécie de vaso de argila destinado a conservar o vinho ou o azeite.
- ⁸² *Acetábulo*: antiga medida de capacidade correspondente à quarta parte da hêmina ou 0,068 l.
- ⁸³ *Nigela*: certa planta da família das ranunculáceas.
- ⁸⁴ *Aminéia*: região da Campânia afamada por seus vinhos.
- ⁸⁵ *Meliloto*: certa planta aromática da família das leguminosas.
- ⁸⁶ *Ciato*: antiga medida de capacidade, o ciato corresponde aproximadamente a 0,045 l.
- ⁸⁷ *Heléboro*: erva medicinal da família da liliáceas, de comprovado efeito analgésico.
- ⁸⁸ *Assa-fétida*: planta da família das umbelíferas, de odor desagradável.
- ⁸⁹ *Vaso bojudo*: trata-se, no original, do diminutivo de *orca*, recipiente de argila amplo e arredondado.
- ⁹⁰ *Capreida*: trata-se de um *hapax*, cujo significado (o vegetal correspondente) não pôde ser determinado pelos estudiosos (cf. edição Harvard da obra de Catão, p. 108).
- ⁹¹ *Zimbro*: planta aromática da família das pináceas.
- ⁹² *Mina*: uma mina equivale a 432 g.
- ⁹³ *Dracma*: uma dracma equivale a 4,32 g.
- ⁹⁴ *Trióbolo*: peso equivalente a meia dracma.
- ⁹⁵ *Júpiter Dapalis*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 112), o epíteto *Dapalis*, empregado na passagem em referência a Júpiter, tem relação com a palavra latina *daps* (banquete sagrado). Explica-se: tratar-se-ia de uma denominação alusiva ao costume romano de dispor alimentos em frente das imagens dos deuses em oferenda ritualística.
- ⁹⁶ *Vesta*: velha divindade dos latinos, cujo fogo sagrado (garantia da sobrevivência de Roma) era mantido aceso pelas virgens vestais.
- ⁹⁷ *Porca praecidanea*: trata-se de uma porca sacrificada aos deuses antes (*prae*) da realização das colheitas.
- ⁹⁸ *Ceres*: deusa identificada com a Deméter grega, era a protetora das searas.
- ⁹⁹ *Jano*: deus latino representado com dois rostos; a ele era dedicado o mês inicial do ano romano, *Ianuarius*.
- ¹⁰⁰ *Juno*: esposa e irmã de Júpiter, era a protetora da maternidade e das *matres familias* em Roma.
- ¹⁰¹ *Strues*: espécie de fogaça sagrada.
- ¹⁰² *Fertum*: espécie de bolo ou fogaça sagrada.
- ¹⁰³ Os parênteses indicam uma passagem corrupta no original.
- ¹⁰⁴ *Cesto*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 118), os grãos em estado bruto eram medidos com um recipiente de um módio ou, propriamente, com um cesto.
- ¹⁰⁵ *Suouetaurilia*: nesse tipo de sacrifício, eram oferecidos na mesma ocasião um porco (lat. *sus*), uma ovelha (lat. *ouis*) e um touro (lat. *taurus*), donde lhe vem a denominação.
- ¹⁰⁶ *Mânio*: o significado do emprego desse nome próprio no contexto não foi alcançado pelos filólogos.
- ¹⁰⁷ *Calendas*: as calendas são o primeiro dia dos meses no calendário romano.
- ¹⁰⁸ *Idos*: os idos correspondem ao dia quinze ou treze dos meses do ano no calendário dos antigos.
- ¹⁰⁹ *Nonas*: o quinto ou, por vezes, sétimo dia dos meses romanos.
- ¹¹⁰ *L. Mânlio*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 127), esse nome seria o equivalente latino de algo como nosso "Fulano de Tal".
- ¹¹¹ *Apanhadores*: diversamente dos catadores, são os que recolhem azeitonas do pé (não do chão).
- ¹¹² *Cótilas*: antiga medida de capacidade, a cótila corresponde aproximadamente a 0,27 litro.

¹¹³ *Mês intercalar*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 134), nos anos em que vinte e dois ou vinte e três dias eram adicionados ao número usual de 355, seguiam-se ao vigésimo terceiro dia de fevereiro, que terminava então. Os cinco dias restantes, mais os dias adicionados, constituíam um mês distinto, chamado de *intercalaris*.

¹¹⁴ *Estrangúria*: eliminação difícil da urina causada pelo estreitamento patológico das vias urinárias.

¹¹⁵ *Sete bens*: o sentido exato da expressão no original latino (*septem bona*) não foi alcançado pelos eruditos (cf. edição "Les Belles Lettres" da obra de Catão na bibliografia final, p. 311).

¹¹⁶ *Silphium*: planta medicinal da família das umbelíferas, amplamente utilizada pelos antigos; seu sumo é chamado de *laser* em latim.

¹¹⁷ *Sirpicium*: Hooper (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 147) traduziu a expressão latina pelo equivalente à palavra portuguesa "assa-fétida".

¹¹⁸ *Escamônea*: certa planta trepadeira de usos medicinais.

¹¹⁹ *Polipódio*: certo tipo de samambaia.

¹²⁰ *Muge*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Catão na bibliografia final, p. 152), tratar-se-ia de uma espécie não identificada (*piscis capito* em latim); Goujard, porém (cf. edição "Les Belles Lettres" da obra de Catão na bibliografia final, p. 318), identifica-a com a de um peixe chamado *cephalus* em latim. A tradução que oferecemos coincide com a sugestão de Saraiva em seu conhecido dicionário latino-português.

¹²¹ *Absinto*: erva amarga da família das compostas.

¹²² Nesta passagem e na seguinte, entre aspas, temos a transcrição de fórmulas encantatórias enigmáticas, sem possibilidade de tradução.

¹²³ *Ofellae puteolanae*: Goujard (cf. edição "Les Belles Lettres" da obra de Catão na bibliografia final, p. 323), baseando-se em Apício, considera que as *ofellae* seriam fatias de carne salgada. O adjetivo *Puteolanae*, evidentemente, remete a uma preparação originária de Putéolos, na Campânia.

Tradução do *De re rustica* I de Varrão

I – Se eu vivesse no ócio, Fundânia,¹ com mais comodidade escreveria a ti aquilo que agora exporei como puder e julgando que devo apressar-me, pois, como se diz, se o homem é como uma bolha, ainda mais um velho. Pois meus oitenta anos exortam-me a entrouxar a roupa antes de partir da vida. Então, já que compraste uma propriedade, desejas torná-la produtiva cultivando-a bem e pedes que eu me digne a cuidar do assunto, vou arriscar-me a fim de instruir-te no que é preciso fazer não só enquanto vivo, mas também depois de minha morte. Não admitiria que a Sibila² não só profetizou o que fosse útil aos homens enquanto vivesse, mas ainda o que o fosse depois de sua morte e mesmo aos homens mais desconhecidos (aos livros dela, depois de tantos anos, costumamos recorrer oficialmente quando queremos saber como agir diante de algum prodígio) e eu não fizesse sequer enquanto vivo o que é útil para meus amigos. Por isso, escreverei a ti três livros de consulta aos quais possas voltar, se procurares saber nessa matéria como e o que, ao cultivar, é preciso fazer. Já que, como dizem, os deuses auxiliam os que o fazem, eu os invocarei primeiro e não, como Homero e Ênio,³ as Musas, mas os doze deuses de primeira grandeza; contudo, não os urbanos, cujas imagens douradas se erguem junto ao foro, seis divindades masculinas e seis femininas, mas aqueles doze deuses, que são sobretudo guias dos agricultores. Primeiro, os que abrangem todos os frutos da agricultura com o céu e a terra, Júpiter e *Tellus*;⁴ e assim, já que são chamados de grandes pais, que Júpiter seja chamado de "pai" e *Tellus* de "mãe Terra". Em segundo lugar, o Sol e a Lua, cujas fases são observadas quando se planta ou armazena algo. Em terceiro, Ceres e Líber,⁵ já que seus frutos são extremamente necessários à sobrevivência, pois deles provêm o alimento e a bebida da propriedade. Em quarto, Robigo⁶ e Flora,⁷ por cujo benefício a ferrugem não estraga os grãos e as árvores e elas não florescem fora de época. Assim, foram oficialmente estabelecidas as comemorações da *Robigalia* para Robigo e os Jogos Florais para Flora. Também reverencio Minerva e Vênus: a uma cabe a guarda do olival;⁸ à outra, dos jardins;⁹ em seu nome, a *Vinalia* rústica foi estabelecida. Além disso, também suplico a Linfa¹⁰ e Bom Evento,¹¹ já que, sem água, todo cultivo se desseca e perde e, sem sucesso e um bom resultado, há esperanças vãs, não o cultivo. Então, respeitosamente invocados esses deuses, apresentarei os diálogos sobre agricultura que tivemos há pouco, pelo que poderás observar

o que é preciso que façam. Se houver assuntos que te interessam e não foram tratados por mim, indicarei em quais escritores, gregos e latinos, possas procurar.

Os que escreveram em grego de modo disperso, cada qual sobre um assunto, são mais de cinquenta. Estes são os que poderás ter em vista quando desejares examinar uma questão: Hierão Sículo e Átalo Filométor; entre os filósofos, o físico Demócrito, o socrático Xenofonte, os peripatéticos Aristóteles e Teofrasto¹² e o pitagórico Árquita; igualmente, o ateniense Anfíloco, Anaxípoles de Tassos, Apolodoro de Lemnos, Aristófanes de Malo, Antígono de Cima, Agátocles de Quios, Apolônio de Pérgamo, o ateniense Aristandro, Báquio de Mileto, Bião de Solos, os atenienses Queresteu e Quéreas, Diodoro de Priena, Díon de Colofão, Diófanes de Nicéia, Epígenes de Rodes, Evagão de Tassos, os dois Eufrônios, o ateniense e o anfipolita, Hegésias de Maronéia, os dois Menandros, o prieneu e o de Heracléia, Nicésio de Maronéia e Pitião de Rodes. Entre os demais, cuja pátria não chegou a meu conhecimento, há Androcião, Escríão, Aristomene, Atenágoras, Crates, Dádís, Dionísio, Eufitão, Euforião, Eubulo, Lisímaco, Mnásias, Menestrato, Plentífanos, Perses e Teófilo. Todos os que mencionei acima escreveram em prosa. Alguns escreveram as mesmas coisas em versos, como Hesíodo de Ascra¹³ e Menecrates de Éfeso. O cartaginês Magão,¹⁴ que abrangeu assuntos dispersos em vinte e oito livros escritos em púnico, sobrepujou-os pela fama; Cássio Dionísio Uticense traduziu-os para o grego em vinte livros e dedicou ao pretor Sextílio; nesses volumes, não adicionou pouco dos livros gregos que mencionei e suprimiu da obra de Magão o equivalente a oito livros. Diófanes, na Bitúnia, reduziu vantajosamente esses mesmos livros a seis e os dedicou ao rei Dejótaro. Por isso, tento tratar desse assunto mais brevemente em três livros, um sobre a agricultura, outro sobre a pecuária e o terceiro sobre as criações de animais na sede,¹⁵ suprimindo aquilo que não julgo pertencer à agricultura. Assim, antes mostrarei o que é preciso excluir ao assunto e então tratarei dele seguindo-lhe as divisões naturais. Partirei de três fontes: do que eu mesmo, cultivando em minhas propriedades, observei, do que li e do que ouvi de especialistas.

II- Eu viera ao templo de *Tellus* durante a comemoração das *Sementivae*¹⁶ convidado pelo *aeditumus*,¹⁷ como aprendemos a dizer com nossos ancestrais, ou pelo *aedituus*, como nos corrigem os puristas de hoje em dia. Lá encontrei G. Fundânio,¹⁸ meu

sogro, G. Ágrio, cavaleiro romano e socrático, e P. Agrásio, publicano, observando na parede uma pintura da Itália. "Que fazeis aqui?", eu disse. "Acaso a comemoração das *Sementiuae* vos trouxe sem compromisso para cá, como costumavam fazer nossos pais e avós?" "Na verdade," disse Ágrio, "penso que viemos pelo mesmo motivo que tu, a convite do *aeditumus*. Então, se é assim (como dás a entender com acenos), deves demorar-te conosco até que ele retorne. Pois, tendo sido chamado pelo edil que tem a seu cargo a guarda deste templo, ainda não voltou e deixou quem pedisse que aguardássemos por ele. Quereis, então, que pratiquemos enquanto isso aquele velho provérbio, 'o romano vence sentado',¹⁹ até que ele venha?" "Certamente", disse Ágrio, e ao mesmo tempo julgando que a passagem pelos portões é a parte mais longa do caminho, antecede-nos, seguido por nós, ao banco.

Tendo-nos todos assentado, Agrásio disse: "Vós, que viajastes por muitas terras, vistes acaso alguma mais cultivada do que a Itália?" E Ágrio: "Eu, de fato, julgo que não há nenhuma que seja tão inteiramente cultivada. Em primeiro lugar, tendo sido dividido o mundo em duas partes por Eratóstenes²⁰ - em pleno acordo com a ordem natural -, o sul e o norte, e já que sem dúvida a parte setentrional é mais salubre do que a meridional, e aquela que é mais salubre é mais fértil, de fato se deve dizer que a Itália também era mais favorável ao cultivo do que a Ásia; primeiro, porque se localiza na Europa, segundo, porque essa região é mais temperada do que a parte interior. No interior, há um inverno quase permanente e não é de admirar, pois essa região se localiza entre o círculo Ártico e o pólo, onde o sol não é visto por seis meses contínuos. Assim, dizem que nem sequer se pode navegar no oceano daquela zona por causa do congelamento do mar." E Fundânio: "Acaso julgas que algo pode brotar lá ou, se brotar, ser cultivado? Pois é verdadeiro o dito de Pacúvio:²¹ se há sol ou trevas continuamente, todos os frutos da terra morrem pelas emanções escaldantes ou pelo frio. Quanto a mim, não poderia viver aqui onde a noite e o dia vêm e vão regularmente, num dia de verão, se não o interrompesse ao meio-dia com minha sesta. Lá, num dia ou noite de seis meses, como algo pode ser plantado, crescer ou ser colhido? Por outro lado, o que de necessário não só não cresce na Itália mas também não se torna excelente? Que espelta²² compararei à da Campânia? Que trigo ao da Apúlia? Que vinho ao falerno? Que azeite ao de Venafro? Não é a Itália coberta de árvores, de modo que parece toda um pomar? Acaso a Frígia, que Homero chamou de

a)mpelo/essa,²³ é mais cheia de videiras do que esta terra? Ou Argos, que o mesmo poeta chamou de polu/puron,²⁴ de trigo? Em que terra uma jeira produz dez e mesmo quinze cúleos²⁵ de vinho, como em certas regiões da Itália? Acaso M. Catão não escreveu no livro das *Origens*: 'A terra que foi distribuída a cada um aquém de Arímino e além do território de Piceno é chamada de galo-romana. Nessa terra, em alguns lugares, uma jeira produz dez cúleos de vinho'? Acaso também não no território de Favência? As videiras de lá não são chamadas de *trecenariae* por ele, porque uma só jeira produz trezentas ânforas?" Olhando-me, disse: "Ao menos teu amigo Márcio Libão, inspetor de operários, dizia que as videiras produziam essa grande quantidade em sua propriedade de Favência. Os italianos parecem ter observado atentamente sobretudo duas coisas ao cultivar: se os frutos podem ser obtidos proporcionalmente aos gastos e trabalhos e se o terreno é salubre ou não. Se, na falta de uma ou outra dessas condições, alguém ainda quer cultivar, é louco e deve ser posto sob tutela dos familiares e parentes. Pois nenhum homem são deve querer fazer gastos e despesas ao cultivar se vê que não compensa, nem se pode obter os frutos mas vê que hão de ser destruídos pela insalubridade. Mas, creio, cá estão os que podem tratar melhor desses assuntos. Pois vejo chegarem G. Licínio Estolão e Gn. Tremélio Escrofa; um, cujos ancestrais propuseram uma lei sobre o tamanho do campo (pois é de Estolão²⁶ a lei que proíbe a um cidadão romano ter mais de quinhentas jeiras), e que, pelo zelo ao cultivo, confirmou o cognome de Estolão, pois nenhum ladrão [*stolo*]²⁷ podia ser encontrado em sua propriedade, já que, junto às árvores, desenterrava o que nascia do chão a partir das raízes (os chamados *stolones*). Da mesma família, G. Licínio, sendo tribuno da plebe, passados trezentos e sessenta e cinco anos do domínio dos reis, foi o primeiro a conduzir o povo do comício para as sete jeiras do foro para ouvir as leis. Vejo vir para cá teu outro colega, que foi um dos vinte homens encarregados de repartir as terras da Campânia: Gn. Tremélio Escrofa,²⁸ homem honrado por todas as virtudes; julgam que é o mais instruído dos romanos em agricultura." "Acaso injustamente?", eu disse. "As propriedades dele, pelo cultivo, constituem uma vista mais agradável para muitos do que os prédios regamente ornados de outros. Quando vêm ver suas sedes não, como na casa de Luculo,²⁹ para ver pinacotecas [*pinacothecae*], mas seus fruteiros [*oporothecae*]. A parte alta da Via Sacra", eu disse, "onde os frutos são vendidos a preço de ouro, dá uma idéia desses fruteiros."

Enquanto isso, eles vinham até nós e Estolão disse: "Acaso chegamos depois do banquete? Pois não estamos vendo L. Fundílio, que nos convidou." Ágrio disse: "Animai-vos! Pois não só não foi retirado aquele ovo³⁰ que, nos jogos circenses, põe termo à última volta das quadrigas, mas nem sequer vimos aquele ovo que em geral é o primeiro no cortejo dos banquetes. Assim, até que o vejais em nossa companhia e o *aeditumus* venha, ensinai-nos que finalidade tem a agricultura: a utilidade, o prazer ou ambos? Pois dizem que o cetro da agricultura, que agora está contigo, outrora esteve com Estolão." Escrofa disse: "Primeiro se deve distinguir se só o que se planta no campo tem lugar na agricultura ou também o que se põe nos campos, como as ovelhas e o gado maior. Pois vejo os que escreveram sobre a agricultura em púnico, grego e latim mais dispersos do que o necessário." "Pessoalmente," disse Estolão, "julgo que eles não devem ser imitados em tudo e que alguns, que se restringiram a limites mais estreitos, procederam melhor ao eliminar as partes que não dizem respeito ao tema. Assim, todos os assuntos relacionados à criação de animais, que são vinculados quase unanimemente à agricultura, parecem antes dizer respeito ao pastor que ao agricultor. Por essa razão, os responsáveis que são postos à frente de uma e outra atividade também recebem denominações distintas, pois um se chama *uillicus*³¹ e o outro *magister pecoris*.³² O *uillicus* existe para cultivar o campo e recebeu sua denominação de *uilla*,³³ porque por ele os frutos são transportados para ela e são levados dela quando são vendidos. Por esse motivo, os rústicos ainda hoje chamam a via [*uia*] de *ueha* em razão do ato de transportar [*uectura*] e a *uilla* [sede], para onde transportam e de onde transportam, de *uella*. Também se diz que os que vivem de fazer transporte fazem *uelatura*." "Certamente", disse Fundânio, "a pecuária é diversa da agricultura, mas são afins, assim como a cana direita de uma flauta é diversa da esquerda, embora de certo modo a ela relacionada, pois uma toca a melodia e a outra faz o acompanhamento dos compassos da mesma canção." "Deves acrescentar", disse eu, que a vida dos pastores toca a melodia e a dos agricultores faz o acompanhamento na opinião de Dicearco,³⁴ autor e homem eruditíssimo; ele nos mostrou como foi a vida na Grécia desde o início, ensinando que no passado houve um tempo em que os homens viviam do pastoreio e não sabiam arar a terra, plantar ou podar as árvores; eles apenas se ocuparam da agricultura numa época mais tardia. Então, ela acompanha o pastoreio, pois lhe é subordinada, como a cana esquerda aos furos da direita." Ágrio disse: "Tu, ó flautista, não só tiras o gado do senhor como também

tiras dos escravos a pequena parte do rebanho que lhes cabe, dada pelos senhores para apascentarem, e ainda revogas as leis agrícolas, entre as quais escrevemos uma que proíbe ao fazendeiro apascentar cabritos num campo plantado de arbustos; a astronomia também acolheu essa espécie no céu, não longe do Touro." Fundânio disse a ele: "Ó Ágrio, cuidado para não exagerar a esse respeito, visto que nas leis também se escreve: 'Certo tipo de gado.' Pois certos animais são danosos e letais às culturas, como esses a que te referiste há pouco, as cabras: elas estragam todas as plantas novas ao pastar, especialmente as videiras e oliveiras. Por isso, então, determinou-se por razões diferentes que uma vítima da espécie caprina fosse levada ao altar de uma divindade e não fosse imolada junto ao altar de outra, pois uma pelo mesmo ódio não queria ver e a outra queria ver morrendo. Assim, deu-se que ao pai Líber, descobridor da videira, os bodes fossem imolados, de modo a serem punidos com a pena de morte; contrariamente, que nada da espécie caprina imolassem a Minerva por causa da oliveira, pois dizem que se torna estéril aquela que estragou: a saliva desses animais é venenosa para seu fruto; por essa razão, também em Atenas não são conduzidos para a Acrópole mais do que uma vez por ano para o sacrifício necessário, a fim de que a oliveira, que se diz ter nascido lá em primeiro lugar, não possa ser tocada pelas cabras." "Nenhum tipo de gado", disse eu, "diz respeito à agricultura, a não ser os animais que ajudam na lida dos campos para que sejam mais trabalhados, como aqueles que podem arar jungidos." Agrásio disse: "Se é assim, como pode o gado ser apartado do campo quando os rebanhos de animais fornecem o esterco, que é muito útil?" "Pensando dessa forma," disse Ágrio, "diremos que o bando de escravos é a agricultura se decidirmos que é preciso tê-lo por sua causa. O erro provém do fato de que o gado pode estar no campo e trazer proveito a ele, mas não se deve aceitá-lo. Pois, assim, mesmo outros elementos alheios ao campo serão incluídos, como, por exemplo, no caso de haver muitos tecelões e tecelagens estabelecidos numa propriedade, bem como outros artesãos."

"Então", disse Escrofa, "separemos da agricultura a criação de animais e o que mais se quiser." "Acaso", disse eu, "seguiria os livros dos Sasernas³⁵, pai e filho, e consideraria que é mais apropriado dizer como convém que o ofício de oleiro seja praticado do que a mineração da prata e de outros metais, que sem dúvida acontecem em algum campo? As pedreiras e os areais não dizem respeito à agricultura, assim como o ofício do oleiro. Esse, porém, não é um motivo para que tais práticas não ocorram num campo a que são

apropriadas e não se deva tirar proveito delas; além disso, se o campo fica ao lado de uma estrada e o lugar é cômodo aos viajantes, estalagens devem ser construídas; embora sejam rendosas, em nada mais dizem respeito à agricultura. Pois, se o senhor tiver algum ganho por causa do campo ou mesmo no campo, não se deve atribuí-lo à agricultura, mas apenas o que nasceu do cultivo do solo para seu proveito." Então, Estolão respondeu: "Tu," disse, "invejas tamanho escritor e censuras-lhe os potes para discordar, omitindo, para não elogiar, certos pontos memoráveis que decerto dizem respeito à agricultura." Escrofa sorriu, pois não ignorava os livros e os desprezava; Agrásio julgava que apenas ele os conhecia e pediu a Estolão que falasse; então, ele começou: "Descreve como é preciso que os percevejos sejam mortos nestes termos: 'conserva na água um pepino comprido e verte-a como quiseres: nenhum percevejo vai aproximar-se; ou ainda, rega o leito com fel bovino misturado com vinagre.'" Fundânio olhou para Escrofa e disse: "Ele fala a verdade, embora tenha escrito isso num livro sobre a agricultura." Ele respondeu: "Por Hércules, é tão bom quanto isto: 'Se quiseres depilar alguém, manda lançar uma rã amarela na água, ferver até reduzir à terça parte e umectar o corpo com a água.'" Eu disse: "É melhor que faças referência ao que, neste livro, tem mais relação com o estado de saúde de Fundânio; pois seus pés costumam doer, fazendo-o franzir o cenho." Fundânio disse: "Fala, peço-te, pois prefiro ouvir a respeito de meus pés a como se devem plantar pés de acelga." E Estolão, sorrindo, disse: "Eu falarei com as mesmas palavras que ele escreveu (ainda ouvi Tarqüena³⁶ dizer que, quando os pés de um homem começam a doer, ele pode ser curado caso se lembre de ti): 'Eu me lembro de ti: cura meus pés, retém o mal na terra e que meus pés fiquem sãos.' Manda recitar isso três vezes nove, tocar a terra, cuspir e recitar em jejum." Eu disse: "Muitos prodígios mais encontrarás nos Sasernas que, sem exceção, são estranhos à agricultura e por isso devem ser rejeitados." "Como se," ele disse, "também nas obras de outros escritores tais conselhos não fossem encontrados. Acaso no livro agrário publicado pelo grande Catão não foram escritas muitas passagens semelhantes, por exemplo sobre como fazer a *placenta*,³⁷ como fazer o *libum*³⁸ e como salgar os pernis?"³⁹ "Tu omites aquilo," disse Ágrio, "que ele escreve: 'Num banquete, se quiseres beber muito e jantar à vontade, é preciso comer antes umas cinco folhas cruas de couve com vinagre.'"⁴⁰

III- "Então", disse Agrásio, "já que se discriminou de que tipo são os assuntos que têm de ser apartados da agricultura, ensinaí-nos que saber específico há no cultivo, se é uma arte ou algo diferente e de que ponto de partida se dirige à meta." Estolão, tendo olhado para Escrofa, disse: "Tu, porque te vantagens pela idade, pela dignidade e pelo saber, deves falar." Ele respondeu sem incomodar-se: "Em primeiro lugar, não só é uma arte, mas ainda uma arte necessária e importante; e é a ciência do que se deve plantar e fazer em cada campo para que a terra produza os maiores rendimentos continuamente."

IV- "Seus princípios são os mesmos que Ênio escreve serem os do mundo, água, terra, ar e fogo. Tais elementos, de fato, devem ser conhecidos antes de lançares as sementes, que são o início de toda produção. Partindo disso, os agricultores devem guiar-se para duas metas, a utilidade e o prazer. A utilidade busca o lucro e o prazer o deleite; o que é útil tem mais importância do que o que deleita. Além disso, o que torna um campo mais belo pelo cultivo geralmente não só o torna por si mesmo mais rendoso (como quando se plantaram arvoredos e olivais em fileiras), mas também mais fácil de vender e valoriza uma propriedade. Pois todo homem prefere pagar mais pelo que traz o mesmo proveito e é mais bonito do que pelo que é rendoso e feio. O mais útil, porém, é o campo que é mais salubre do que os outros, porque nele o rendimento é certo; contrariamente, num insalubre, a ruína não tolera que o fazendeiro obtenha os frutos, mesmo que seja fértil. Com efeito, onde se ajustam contas com a morte, não só o rendimento é incerto, mas também a vida dos agricultores. Por isso, onde não há salubridade, a agricultura não é outra coisa senão o risco para a vida do senhor e para seus bens. O conhecimento, porém, remedia esses problemas. Pois decerto a salubridade, que provém do céu e da terra, não está sob nosso comando, mas sob o comando da natureza, embora muito esteja a nosso alcance para podermos transformar com empenho grandes dificuldades em problemas menores. De fato, se uma propriedade é um tanto infecta pelo miasma⁴¹ que em alguma parte se expela da terra ou da água ou, pela localização, o campo é quente demais ou não sopram bons ventos, tais defeitos costumam ser remediados pelo saber e recursos do senhor; eis o fundamental: onde as sedes foram construídas, de que tamanho são, para onde se voltam suas galerias, portas e janelas. Acaso o célebre médico Hipócrates não salvou pelo saber, em meio a grande pestilência, não apenas um campo, mas muitas cidades? Mas por que eu o tomo como

testemunho? Este nosso Varrão, quando estava em Córceira com o exército e a esquadra e havia muitos doentes e mortos em todas as casas, não trouxe de volta incólumes seus companheiros e escravos deixando o Aquilão⁴² passar por janelas novas, barrando os ventos pestilentos, mudando as portas e adotando outros cuidados semelhantes?"

V- "Tendo dito qual é o início e o fim da agricultura, resta examinar quantas partes tem essa disciplina." "Decerto me parecem inúmeras," disse Ágrio, "quando leio os numerosos livros de Teofrasto intitulados *futw=n i(stori/a*⁴³ e *futikw=n ai)ti/ai*."⁴⁴ Estolão disse: "Esses livros não são tão apropriados aos que desejam cultivar um campo quanto aos que desejam cultivar as escolas filosóficas; não digo que não tenham algumas informações úteis e gerais. Por isso, fala-nos tu de preferência das partes da agricultura." Escrofa disse: "As partes da agricultura são, ao todo, quatro: a primeira delas é o conhecimento da propriedade, o solo, e quais são seus componentes; a segunda, de que há necessidade na propriedade e deve haver para o cultivo; a terceira, o que se deve fazer na propriedade para cultivar; a quarta, em que época convém que cada operação seja realizada na propriedade. Dessas quatro partes gerais, cada uma se divide pelo menos em duas espécies, pois a primeira abrange aquilo que diz respeito ao solo e às sedes e estábulos. A segunda parte, relacionada ao que se move e deve haver na propriedade em razão do cultivo, também é bipartida quanto aos homens por quem se deve cultivar e quanto ao resto dos instrumentos. A terceira parte divide-se entre as providências necessárias para cada atividade e onde pô-las em prática. A quarta parte diz respeito às estações, que se conformam ao giro anual do sol ou ao curso mensal da lua. Falarei antes das primeiras quatro partes e depois, mais minuciosamente, das oito espécies."

VI- "Assim, deve-se de início observar no tocante ao solo da propriedade estes quatro fatores: sua conformação, a qualidade da terra, sua extensão e até que ponto é por si mesmo protegido. Havendo dois tipos de conformação, uma dada pela natureza e outra obtida pelo cultivo, a primeira porque um campo tem espontaneamente boa ou má conformação e a segunda porque uma propriedade é bem ou mal cultivada, falarei primeiro da natural. Dessa forma, há três tipos básicos de campos no tocante à topografia: de planície, com colinas e montanhoso e, da combinação dos três, um quarto, de modo que

numa propriedade se encontrem dois ou três tipos, como se pode ver em muitos lugares. Considerando essas três espécies simples, sem dúvida certas culturas são mais bem adaptadas às terras baixas do que às altas, pois aquelas são mais quentes do que as altas, ou mesmo às colinas, pois são mais tépidas do que as terras baixas ou altas; tais qualidades se mostram melhor em regiões mais extensas quando são uniformes. Assim, onde os campos são abertos, há mais calor: por isso a Apúlia é mais quente e úmida; onde são montanhosos, como no Vesúvio, o ar é mais leve e por isso mais salubre. Os que cultivam nas partes baixas sofrem mais no verão; os que o fazem nas partes altas, mais durante o inverno. Durante a primavera, os mesmos itens que são plantados nas partes altas são plantados mais cedo nos campos e são colhidos mais depressa aqui do que ali. Contudo, são plantados e colhidos mais tarde em cima do que embaixo. Certas árvores crescem mais e são mais robustas nas montanhas por causa do frio, como os pinheiros e os abetos, enquanto os choupos e os salgueiros aqui, onde o clima é mais tépido; algumas são mais férteis em cima, como o medronheiro e o carvalho, ou embaixo, como as nogueiras gregas e as figueiras mariscas. Nas colinas pouco elevadas, há maior conformidade com a produção das planícies do que com a das montanhas; nas altas, o contrário. Em razão desses três tipos principais de espécies, ocorrem certas diferenças de cultivo, pois se julga que as melhores searas se localizam nas planícies, os melhores parreirais nas colinas e os melhores bosques nas montanhas. Geralmente, os invernos são melhores para os que cultivam nas planícies, pois então as pastagens são bastas nesse local e a poda das árvores mais tolerável; por outro lado, o verão é mais cômodo nos terrenos montanhosos, pois nessa época há muita forragem por lá (que está seca nos campos), e a cultura das árvores é mais apropriada, já que então o ar é mais frio. É melhor um terreno de planície que se incline inteiro e de modo uniforme para um só lado do que um plano, pois esse último, por não ter um escoadouro para a água, costuma tornar-se pantanoso; se é desigual, é ainda pior, pois se torna alagado por causa das depressões. Essas questões e outras afins importam ao cultivo de campos com as três espécies principais."

VII- Estolão disse: "Catão não parece tratar mal do que se refere à topografia quando escreve que o melhor campo é o que se situa ao pé dum monte e se volta para o sul."⁴⁵ Escrofa acrescentou: "Quanto à ação do cultivo sobre a forma, afirmo, o que tem

aparência mais agradável é também mais produtivo, como, por exemplo, se os que têm arvoredos os plantam em xadrez, com fileiras e intervalos regulares. Assim, nossos ancestrais colhiam uvas e trigo em menor quantidade e menos bons num campo do mesmo tamanho plantado desordenadamente; com efeito, o que foi posto em seu lugar ocupa menos espaço e interpõe-se menos entre os outros e o sol, a lua e o vento. É possível verificá-lo observando algumas coisas, como as nozes inteiras que se poderia pôr num módio⁴⁶ porque as cascas, juntando-se naturalmente, mantêm-nas no lugar; se as quebrasses, porém, mal as poderias conter num módio e meio. Além disso, o sol e a lua se irradiam uniformemente e por todos os lados sobre as árvores que foram plantadas em fileiras. Disso resulta que as uvas e as azeitonas nasçam em maior número e que amadureçam mais rápido. A essas duas vantagens, ainda se seguem outras duas: dar mais vinho e azeite e de maior preço.

Passamos à segunda divisão, o tipo de terra encontrado na propriedade, pelo que, especialmente, é considerada boa ou ruim. Pois influi sobre o que se pode plantar nela e crescer e de que modo; os mesmos itens não podem ser todos plantados convenientemente num mesmo campo. Assim como um é próprio para as videiras, outro é para o trigo e, os demais, cada um para uma cultura. Desse modo, em Creta, junto a Gortina, diz-se que há um plátano que não perde as folhas no inverno; segundo Teofrasto, há outro em Chipre; similarmente, em Síbaris, agora chamada de Túrio, encontra-se um carvalho desse tipo diante da cidade; do mesmo modo, contrariamente ao que acontece entre nós, em Elefantina nem as figueiras nem as videiras perdem as folhas. Pelo mesmo motivo, muitas dão frutos duas vezes ao ano, como as videiras junto ao mar em Esmirna e as macieiras no território de Consência. O fato de que as plantas produzam mais frutos nos terrenos incultos e frutos melhores nos cultivados também o demonstra. Pelo mesmo motivo, há as que não podem viver a não ser em locais alagados ou mesmo dentro d'água; conforme o caso, umas vivem em lagos, como as canas no território de Reate, outras em rios, como os álamos no Epiro, e outras no mar, como as palmeiras e cebolas albarrãs⁴⁷ sobre as quais Teofrasto escreve. No interior da Gália Transalpina, conduzindo o exército ao Reno, encontrei algumas regiões onde nem videiras, nem oliveiras, nem árvores frutíferas brotavam, onde adubavam os campos com greda branca escavada, onde não tinham sal mineral nem marinho, mas usavam carvões salinos de certas madeiras queimadas para esse fim." Estolão disse: "Catão,

decerto, enumerando gradativamente os melhores campos, diz que ocupam nove posições: o primeiro seria aquele onde as videiras podem produzir vinho bom e abundante; o segundo, onde há um jardim irrigado; o terceiro, onde há salgueirais; o quarto, onde há oliveiras; o quinto, onde há uma pastagem; o sexto, onde há um campo de trigo; o sétimo, onde há um bosque para extração de madeira; o oitavo, onde há um arvoredo; o nono, onde há um bosque para extração de bolotas."⁴⁸ Escrofa disse: "Eu sei que ele o escreveu. Mas nem todos estão de acordo a esse respeito, pois uns dão a primazia às boas pastagens, como eu; por esse motivo, os antigos chamaram as pastagens de *parata* [prontas]. César Vopisco, que foi edil, disse ao defender uma causa diante dos censores que os campos de Rósea⁴⁹ eram como que o úbere da Itália: não se podia encontrar no dia seguinte uma vara deixada ali por causa da erva."

VIII- "Contra os parreirais, há os que julguem que dão cabo do ganho com os gastos", disse eu. "Importa de que tipo é o parreiral, pois há muitas espécies. Uns são mais baixos e sem estacas, como na Espanha; outros, que são chamados de jungidos, altos como a maior parte na Itália. Os parreirais desse tipo recebem duas denominações, *pedamenta* e *iuga*. Aqueles em que a videira se ergue verticalmente são chamadas de *pedamenta*; os que são jungidos transversalmente, de *iuga*: daí provém a denominação de jungidos. Os tipos de jugo são quatro em geral: tanchões,⁵⁰ canas, cordas e vinhas; tanchões como na região de Falerno, canas como na região de Arpos, cordas como na região de Brundísio, vinhas como na região de Milão. Há dois tipos de empas:⁵¹ em linha reta, como no território de Canúsio, e em forma de *compluium*,⁵² jungidas no sentido do comprimento e da largura, como é a regra na Itália. Se o material necessário nasce na propriedade, não há motivo para temer os gastos; se muito dele pode ser obtido nas vizinhanças, nem tanto. O primeiro tipo de que falei requer sobretudo salgueirais; o segundo, um canavial; o terceiro, um juncal ou algo semelhante; o quarto, um arvoredo em que se possa recorrer à passagem de sarmentos para as videiras, como fazem os milaneses nas árvores que chamam de *opuli*,⁵³ e os canusinos⁵⁴ em suportes de cana nas figueiras. Em geral, também há tanchões de quatro tipos: um resistente, de carvalho e junípero, que costuma ser usado no parreiral com ótimos resultados e é chamado de *ridica*; o segundo é uma estaca feita com vara, de preferência resistente para que dure mais; quando a terra a desfaz na parte de baixo, vira-se a parte

podre e a parte inferior passa a ser a de cima; o terceiro, o que o canavial produziu para remediar a falta dos anteriores. Pois alguns fazem descer canas amarradas com cascas para canudos de argila com o fundo perfurado, a que chamam de *cuspides*, para que a umidade excedente escoe por elas. O quarto são os suportes naturais onde, passando-se as videiras de uma árvore para outra árvore, faz-se o parreiral; alguns chamam esses sarmentos de *rumpi*. A altura máxima das videiras é a altura de um homem; os intervalos entre os tanchões devem permitir que bois jungidos arem. A videira menos onerosa é aquela que fornece vinho para o pichel⁵⁵ sem ser jungida. Ela é de dois tipos: a terra oferece o leito para as uvas do primeiro, como em muitos lugares da Ásia; com frequência, raposas e homens partilham-nas. Além disso, se saem ratos da terra, a colheita diminui, a não ser que cubras todo o parreiral com ratoeiras, como fazem na ilha de Pandatária. No outro tipo de parreiral, só é removida da terra a videira que promete dar uvas. Sob ela, onde nascem as uvas, são postos pequenos forcados de dois pés⁵⁶ quase na época em que se formam, a fim de que não precisem esperar pelo fim da vindima para aprender a pender num ramo carregado com a ajuda de um cordel ou uma liga (chamada de *cestus* pelos antigos). Em tal vinhedo, logo que o senhor viu a nuca do vindimador, recolhe novamente os forcados pequenos para hibernarem em local coberto, a fim de poder servir-se deles no ano seguinte sem gastar. Os reatinos⁵⁷ têm esse costume na Itália. Tal variedade se deve principalmente ao fato de que importa de que tipo é a terra. Pois, onde é naturalmente úmida, a videira deve ser impelida mais para o alto: ao nascer e nutrir-se, a uva não requer água como no cálice, mas o sol. Esse é o principal motivo, acredito, para que a videira suba às árvores."

IX- "Importa", eu disse, "de que tipo é a terra e para quê é boa ou não. Falamos dela em três sentidos: o comum, o específico e o misto. Comum, como quando dizemos *orbis terrae*⁵⁸ e 'a terra da Itália' ou alguma outra. Pois nessa denominação se incluem a pedra, a areia e outros componentes semelhantes. Diversamente, fala-se em 'terra' no sentido específico quando empregamos a palavra isolada e sem epíteto algum. Fala-se em 'terra' no terceiro sentido para designar a que é mista e se presta à semeadura e ao cultivo, como a argilosa, a pedregosa ou quaisquer outras, embora neste tipo as espécies não sejam menos numerosas do que no comum em razão da mescla. Pois, nela, há muitos elementos diversos por suas propriedades e características, a exemplo da pedra, do mármore, do cascalho, da

areia, do saibro, da argila, da terra vermelha, do pó, da greda, das cinzas e dos carvõezinhos (isto é, quando o solo se torna de tal modo abrasado pelo sol que queima as raízes das plantas); quando empregamos a palavra 'terra' no sentido específico, nós a chamamos de 'cretosa' ou com outro qualificativo apropriado se é predominantemente misturada com quaisquer dos elementos citados. Há, então, esses tipos de terra (embora se pudesse afinar ainda mais a classificação), que se dividem em pelo menos três variedades cada, pois uma é muito pedregosa, outra razoavelmente e outra quase sem pedras. As terras mistas de outros tipos submetem-se à mesma gradação. Além disso, essas mesmas três espécies contêm outras três em si, pois parte é mais úmida, parte mais seca e parte intermediária. Tais diferenças têm forte relação com as culturas. Assim, num local mais úmido, os experientes preferem plantar espelta a plantar o trigo; contrariamente, num mais seco, preferem plantar a cevada à espelta e, num intermediário, ambas. Além disso, ainda há outras diferenças mais sutis e internas a esses tipos, como no tocante à terra arenosa, em que importa considerar se a areia é branca ou vermelha; pois a esbranquiçada é imprópria para plantar os brotos e a avermelhada é própria. Portanto, há três grandes variedades de terra, já que importa se é pobre, rica ou intermediária: a rica, diversamente da pobre, é mais fecunda para muitas culturas. Assim, em terra pobre, como em Pupínia, as árvores não são avantajadas nem as videiras fecundas, nem se poderia ver palhas espessas ou a figueira marisca, e a maior parte das árvores e pastagens secas são cobertas por musgo. Por outro lado, em terra rica, como na Etrúria, podem-se ver searas férteis e cultivadas todos os anos, árvores avantajadas e nenhum musgo. Um campo de terra intermediária, como em Tíbure, quanto mais perto chega de não ser pobre do que de ser estéril, tanto melhor para tudo que se tender para o que é pior. Estolão disse: "Diófanos Bitino⁵⁹ não escreve mal sobre os sinais que se pode obter da própria terra ou do que brota dela para determinar se é boa ou não para o cultivo; dela mesma, se é clara, negra ou leve; se, escavada, esmigalha-se facilmente e não é por natureza igual às cinzas nem muito densa; do que brota de modo espontâneo da terra, se é luxuriante e pela abundância dos frutos. Trata, porém, da terceira divisão, relacionada à medida dos campos."

X- Ele respondeu: "Cada qual estabeleceu a seu modo as medidas com que se medem os campos. Pois, na Espanha Ulterior, são medidos pelo *iugum*;⁶⁰ na Campânia,

pelo *uersus*;⁶¹ entre nós, nos territórios de Roma e do Lácio, pelo *iugerum*.⁶² Chamam de *iugum* o que os bois jungidos podem arar num só dia. Chamam de *uersus* cem pés quadrados; de *iugerum*, o que tem dois *actus* quadrados; de *actus* quadrado, o que tem cento e vinte pés de largura e o mesmo comprimento; essa medida é chamada de *acnua* em latim. A menor parte do *iugerum* é chamada de *scripulum*, correspondendo a dez pés quadrados. Baseando-se nisso, os agrimensores por vezes dizem que há uma onça⁶³ de campo, um sextante⁶⁴ ou algo semelhante numa pequena porção de terra ao tratarem de extensões menores do que uma jeira; pois uma jeira tem duzentos e oitenta e oito *scripula*, correspondendo ao peso de nosso antigo ás⁶⁵ antes das Guerras Púnicas. Duas jeiras foram chamadas de *heredium* porque se diz que Rômulo a princípio as repartiu por cabeça e passariam ao herdeiro. Depois, cem *heredia* foram chamadas de *centuria*. A centúria é uma medida de área que possui todos os quatro lados com o comprimento de dois mil e quatrocentos pés. Em seguida, quatro centúrias, reunidas de duas em duas por lado, foram chamadas de *saltus* nos campos publicamente divididos por cabeça."

XI- "Por descuido às medidas da propriedade, resultam muitos erros; pois uns construíram a sede menor do que o requerido e outros maior, ainda que as duas atitudes sejam inimigas do patrimônio e do ganho. Pois construímos sedes maiores gastando mais e despendemos mais para mantê-las. Quando são menores do que a propriedade requer, os frutos costumam perder-se. Pois não há dúvida de que se deve construir uma adega maior num campo onde há parreirais e de que os celeiros devem ser maiores se o campo é um trigal.

A sede deve ser antes de tudo construída de modo que possua água dentro das cercas; em caso contrário, o mais próximo possível; de preferência, uma nascente; em segundo lugar, um fluxo perene. Se em geral não há água corrente, devem-se fazer cisternas em locais cobertos e um tanque ao ar livre, para que sirvam num caso aos homens e em outro ao gado."

XII- "Deve-se cuidar acima de tudo de estabelecer a sede aos pés dum monte copado, onde as pastagens são vastas, e também de que se exponha aos ventos mais salutareos que soprarem no campo. A sede que se volta para o leste é a ideal, pois é

sombreada no verão e ensolarada no inverno. Mas, se fores forçado a construir ao lado dum rio, deve-se ter cuidado para que ele não se situe defronte: será muito fria no inverno e insalubre no verão. Se houver pântanos, também é preciso ter cautela pelos mesmos motivos e porque dão origem a certos animaizinhos que os olhos não enxergam, mas adentram o corpo pela boca e pelas narinas através do ar e causam doenças graves." Fundânio disse: "Que poderei fazer, se acaso herdar uma propriedade assim, para que a pestilência seja menos nefasta?" "Até eu posso responder a isso", disse Ágrio: "Vendas por quantos asses puderes ou, se não conseguires, abandones." Mas Escrofa disse: "Deve-se evitar que a sede se volte para os lados de onde o vento infectado costuma soprar e fique numa depressão; edifica de preferência num local elevado, pois o que é soprado, se algo nocivo for trazido, dispersa-se mais facilmente assim. Além disso, o que é iluminado o dia todo pelo sol é mais salubre, porque os animaizinhos, caso algum surja nas proximidades e seja trazido, são dispersos ou morrem logo pela secura. As tempestades repentinas e as torrentes dos rios são perigosas para os que têm construções em lugares baixos e deprimidos, bem como as turbas traiçoeiras de salteadores, porque podem surpreender mais facilmente os que não se acautelam. Por esses dois motivos, os lugares mais altos são mais seguros."

XIII- "Devem-se construir estábulos na propriedade de modo que se façam currais que se localizem num local mais aquecido no inverno. Os produtos da terra, como o vinho e o azeite, devem ficar em depósitos no térreo, e é preciso fazer vasos para armazenar o vinho e o azeite; os produtos secos, como as favas e o feno, devem ficar em tabulados. Deve-se providenciar um local para que os escravos se recolham quando estão cansados do trabalho, sentem frio ou calor, onde possam refazer-se da maneira mais cômoda pelo descanso. Convém que o aposento do administrador⁶⁶ fique próximo à porta e que ele saiba quem entra ou sai de noite e o que leva, principalmente se não há porteiro algum. Deve-se cuidar sobretudo de que a cozinha fique próxima, pois, no inverno, trabalha-se ali antes do amanhecer, prepara-se e come-se o alimento. Deve-se cuidar também de que haja abrigos grandes o bastante no pátio para as carretas e todos os outros instrumentos que são danificados pela chuva. Pois, se ficarem dentro de um espaço fechado, confinados por cercas ao ar livre, apenas não têm de recear o ladrão, mas não resistem aos danos da

tempestade. Convém ter dois pátios numa propriedade grande: que um deles possua um *compluuium* externo onde a água flua, fique entre colunas se quiseses e tenha um tanquinho. Pois os bois, retornando da lavoura no verão, bebem aqui e se banham aqui, bem como as patas, porcas e porcos que foram alimentados há pouco. No pátio exterior, é preciso que haja um tanque onde o tremço seja macerado, bem como outros itens que, lançados na água, tornam-se mais apropriados ao consumo. O pátio exterior, freqüentemente coberto com palhas e feno pisado pelos animais, torna-se como que escravo da propriedade pelo que se tira dele. Em segundo lugar, é necessário que a sede tenha duas esterqueiras ou uma dividida em duas partes; é necessário guardar numa parte o esterco novo, e que o esterco velho seja retirado para uso nos campos, pois o que se deteriorou é melhor do que o que é fresco. Além disso, a melhor esterqueira é a que tem os lados e o topo protegidos do sol por varas e folhas. Pois não é bom que o sol extraia antes a umidade que a terra requer. Assim, sempre que possível, os experientes deixam que a água corra para lá por esse motivo (pois dessa forma a umidade se mantém do melhor modo) e alguns fazem as cloacas dos domésticos ali. É preciso construir um abrigo, que alguns chamam de *nubilarium*, em que possas guardar toda a colheita da propriedade. Ele deve ser construído ao lado da eira onde intentas debulhar o trigo, com o tamanho proporcional ao da propriedade e aberto dum só lado (o da eira), para que o possas impelir para a debulha facilmente e, se começar a ficar nublado, para que o possas novamente recolher com rapidez. É preciso que tenha janelas no lado onde facilmente sopra o vento." Fundânio disse: "Decerto uma propriedade é mais rendosa por causa dos edifícios caso se conforme a construção antes ao zelo dos antigos que ao luxo dos contemporâneos. Pois eles construíam em proporção às colheitas e estes em proporção a seus desejos desmedidos. Assim, as *uillae rusticae*⁶⁷ daqueles custavam mais caro do que as *uillae urbanae*,⁶⁸ mas hoje em dia, na maior parte dos casos, é o contrário. Então, uma sede era elogiada se tinha uma boa cozinha rústica, currais espaçosos, uma adega e um depósito de azeite proporcionais ao tamanho do campo e com o piso inclinado para um tanque, pois com freqüência, quando o vinho novo foi guardado, romperam-se *orcae*⁶⁹ na Espanha e *dolia*⁷⁰ na Itália pela fermentação do mosto. Ainda cuidavam de ter na sede outras coisas semelhantes que a agricultura exigisse. Agora, pelo contrário, preocupam-se em ter uma *uilla urbana* o maior e o mais ornada possível e rivalizam com as casas de Metelo⁷¹ e Luculo, construídas a um custo exorbitante

para os cofres públicos. Por isso, estes se esforçam para que suas salas de jantar de verão se voltem para o frio do leste e as de inverno para o calor do oeste ao invés de, como os antigos, para que suas adegas ou depósitos de azeite tenham janelas do lado certo, pois o vinho armazenado requer um ar mais frio junto aos *dolia* e o azeite um mais quente. Também é preciso observar se há uma colina, para que lá de preferência se edifique a sede se nada impedir."

XIV- "Agora falarei a respeito das cercas, que existem para proteger a propriedade ou partes dela. Há quatro tipos de proteção, um natural, outro rústico, o terceiro, militar, e o quarto, em alvenaria. Cada um deles tem várias espécies. Primeiro a cerca natural, que em geral consiste em moitas ou espinheiros, é enraizada, viva e não tem a recear as tochas acesas de um viajante travesso. O segundo tipo de cerca, rústica, é de madeira, mas não é viva: faz-se com estacas dispostas cerradamente e com ramos entrelaçados ou perfurados nos lados (em geral, passando por esses furos duas ou três varas) ou com árvores cortadas e fincadas na terra umas depois das outras. O terceiro tipo de cerca, militar, são as fossas e anteparos de terra. Mas a fossa só é adequada se pode conter toda a água da chuva ou tem um declive, para que saia do fundo. Um bom anteparo de terra é o que, ficando junto à fossa na parte interna, é tão alto que não seja fácil ultrapassá-lo. As cercaduras deste tipo costumam ser feitas ao lado das vias públicas e ao lado dos rios. Junto à via Salária, no território de Crustumério,⁷² podem-se ver em alguns lugares anteparos de terra unidos a fossas, para que o rio não prejudique os campos. Também se constroem anteparos sem fossas: alguns os chamam de *muri*, como no território de Reate. O quarto e último tipo de cerca, de alvenaria, são os muros, de que em geral há quatro tipos: os que são feitos de pedra, como no território de Túsculo; os de tijolos cozidos, como no *Ager Gallicus*;⁷³ os de tijolos crus, como no território dos sabinos; e os de terra e pedriscos reunidos num molde, como na Espanha e no território de Tarento."

XV- "Além disso, sem as cercas, as fronteiras da propriedade tornam-se mais seguras pelo plantio de árvores, para que os de casa não briguem com os vizinhos e não seja preciso determinar os limites judicialmente. Alguns plantam pinheiros nas bordas, como minha esposa em suas terras sabinas; outros, ciprestes, como fiz no Vesúvio; outros, olmos,

como muitos na região de Crustumério; onde isso é possível, como nesse local, já que se trata de uma planície, nenhuma outra espécie deve ter a preferência de plantio, pois é especialmente útil: com frequência, dá suporte e reúne alguns cestinhos de uvas, dá uma sombra muito agradável às ovelhas e bois e varas para as cercas, o fogo e o fornalha."

Escrofa: "Assim, esses quatro pontos de que tratei devem ser observados pelo agricultor: a topografia do terreno, a natureza da terra, o tamanho do campo e a defesa dos limites."

XVI- "Resta a outra parte, os assuntos relacionados ao entorno das terras, cujos tópicos também dizem respeito diretamente à agricultura pela contigüidade. Suas espécies se dividem em tantos fatores quanto as anteriores: se a região vizinha é pouco segura; se é tal que não convém mandar nossa produção a ela nem trazer o que é necessário de lá; a terceira, se as estradas ou rios para transportar não existem ou não são apropriados; a quarta, se há algo nas propriedades vizinhas que traga proveito ou prejuízo a nossos campos. Das quatro, importa antes de tudo se a região é pouco segura ou não. Pois não é vantagem cultivar muitos campos excelentes por causa dos assaltos dos vizinhos, como alguns na Sardenha, que se localizam perto de *Oelies*,⁷⁴ e na Espanha, perto da Lusitânia. As propriedades que têm na vizinhança meios de transportar o que produzem para o local de venda e de trazer daí aquilo de que se necessita são rendosas por esse motivo. Pois muitos têm entre suas propriedades aquelas em que o trigo, o vinho e algum outro produto faltante deve ser importado; contrariamente, não poucos, aquelas de que é necessário retirar produtos para vender. Assim, nos subúrbios, é de interesse cultivar largamente jardins de violetas e rosas, bem como muitos itens que têm aceitação na cidade, embora não convenha cultivar esses mesmos itens numa propriedade distante, onde não haja para onde levar as mercadorias. Similarmente, se há cidades e povoados na vizinhança ou mesmo lavouras prósperas e sedes ricas onde podes comprar o que é necessário a tua propriedade a bom preço e onde os excedentes podem ser vendidos, a exemplo dos tanchões, varas ou canas, a propriedade torna-se mais rendosa do que se precisassem ser trazidos de longe; eventualmente, mais do que se pudesses obtê-los cultivando em tua propriedade. Nesse caso, os fazendeiros preferem ter perto de si pessoas que se empreguem ano a ano sob suas ordens, como médicos, pisoeiros e artesãos, a mantê-las na sede, pois a morte de um só

trabalhador por vezes arruína os lucros da propriedade. Nos latifúndios, os ricos costumam delegar essa função a seus muitos escravos. Pois, se as cidades ou povoados são um tanto distantes da propriedade, procuram ter ferreiros na sede, bem como os demais artesãos necessários, para que os escravos não se afastem da propriedade e do trabalho nos dias normais e perambularem como se fosse feriado, ao invés de, realizando suas tarefas, tornarem o campo mais rendoso. É por isso que o livro de Saserna recomenda que ninguém saia da propriedade além do administrador, do despenseiro e de alguém que o administrador escolher; se alguém sair contra essas ordens, que não parta sem castigo; se partir, que se puna o administrador. Dever-se-ia de preferência recomendar isto: que ninguém saia sem ordens do administrador nem o administrador sem ordens do senhor por um período mais longo do que um dia, nem com maior frequência do que o necessário à propriedade. A facilidade de transportes torna a mesma propriedade mais rendosa se há estradas por onde as carretas possam ser conduzidas facilmente ou rios próximos, por onde se possa navegar, pois sabemos que os produtos deixam e adentram muitas propriedades por ambos. Também importa aos lucros da propriedade como o vizinho constituiu seus campos nos limites. Pois, se tem um carvalhal junto aos limites, não poderias plantar oliveiras ao longo desse bosque com vantagem, já que a tal ponto é contrário à sua natureza que as árvores não só produzem menos, mas ainda se esquivam curvando-se para dentro da propriedade, como ocorre com a videira plantada ao lado das hortaliças. Assim como o carvalho, as nogueiras grandes e cerradamente plantadas nos limites tornam as bordas da propriedade estéreis."

XVII- "Falei das quatro divisões da propriedade que se vinculam ao solo e das outras quatro, que são externas a ela, mas dizem respeito à agricultura. Agora, falarei do que é necessário ao cultivo. Uns o dividem em duas partes, nos homens e no que auxilia os homens, sem o que não é possível cultivar; outros, em três partes, os instrumentos 'vocais', 'semivocais' e 'mudos': nos vocais, incluem-se os escravos; nos semivocais, os bois; nos mudos, as carretas. Todos os campos são cultivados por escravos, homens livres ou ambos: por homens livres, quando eles mesmos cultivam (como a maioria dos pobres com seus filhos) ou são assalariados, sendo contratados entre os livres para cuidar dos trabalhos maiores, a exemplo da vindima e da colheita do feno; também há os que os nossos chamaram de 'devedores insolventes'⁷⁵ e ainda se encontram em grande número na Ásia, no

Egito e na Ilíria. A respeito disso tudo, digo que é melhor cultivar nos lugares insalubres com a ajuda de assalariados do que com a de escravos, e nos lugares salubres o mesmo se dá com os trabalhos agrícolas maiores, como são guardar os frutos da vindima ou da ceifa. Cássio⁷⁶ escreve a respeito de como devem ser esses trabalhadores: deve-se procurar ter escravos que possam suportar a labuta, que não tenham menos do que vinte e dois anos e se adaptem à lavoura. Pode-se inferir essas coisas das incumbências que receberam em outras ocasiões e perguntando a um dos que comecem o que costumavam fazer para o senhor anterior.

Não convém que os escravos sejam medrosos nem temerários. É preciso que haja os que liderem, saibam ler e escrever, tenham alguma instrução, sejam ajuizados e mais velhos do que os trabalhadores que mencionei. Pois julgo que mais facilmente dão ouvidos a esses do que aos mais jovens. Além disso, é muito importante que liderem os que são experientes na agricultura; devem não apenas mandar, mas fazer, para que sirvam de exemplo e se evidencie que lideram merecidamente, pois se sobressaem pelo saber. Não se deve ainda permitir que exerçam sua autoridade de modo a controlá-los mais com pancadas do que com palavras se desse modo for possível obter o mesmo resultado. Também não se deve ter muitos escravos da mesma nação, pois isso é o principal motivo para que haja desavenças freqüentes na sede. Deve-se cuidar de que os chefes fiquem mais satisfeitos ganhando um pecúlio⁷⁷ e de que disponham de um pequeno rebanho e de esposas que também sejam escravas e lhes dêem filhos. Pois assim se esforçam e se ligam mais à propriedade. Por tais parentescos, os escravos do Epiro são mais afamados e caros. A boa vontade dos chefes deve ser conquistada tratando-os com alguma consideração; quanto aos trabalhadores que se destacarem dos demais, também se deve consultá-los a respeito do trabalho a fazer: quando isso acontece, pensam que são menos desprezados e que são tratados com alguma estima pelo senhor. Eles se tornam mais aplicados aos trabalhos se os tratares com maior generosidade, dando-lhes mais alimento, vestes, descanso ou fazendo concessões, como permitir que apascentem um pequeno rebanho seu na propriedade ou algo semelhante. Tendo-se ordenado a eles algo mais pesado ou castigado de algum modo, restaura-se sua boa vontade e lealdade ao senhor consolando com tais benefícios."

XVIII- "Quanto aos escravos, Catão baseia-se em dois pontos de referência,⁷⁸ o tamanho fixo de um campo e o tipo de plantação, escrevendo duas listas a respeito dos olivais e vinhedos; a primeira, com que começa, ensina como se deve constituir um olival de duzentas e quarenta jeiras de campo. Ele diz que, para esse tamanho, é preciso ter estes treze escravos: o administrador, sua esposa, cinco trabalhadores, três vaqueiros, um tratador de burros, um porqueiro e um pastor. Escreve outra lista a respeito de um vinhedo de cem jeiras, dizendo que se deve ter estes quinze escravos: o administrador, sua esposa, dez trabalhadores, um vaqueiro, um tratador de burros e um porqueiro. Saserna escreve que um só homem basta para oito jeiras e que ele deve lavrá-los em quarenta e cinco dias, embora possa lavar uma jeira em quatro dias de trabalho; mas adiciona treze dias por motivos de doença, pelo mau tempo, pela preguiça e pela falta de empenho. Nenhum deles nos deixou a proporção com clareza suficiente. Pois, se Catão o tivesse desejado, seria preciso que se desse tal que somássemos ou subtraíssemos proporcionalmente a uma propriedade de maior ou menor tamanho. Além disso, teria sido preciso mencionar o administrador e sua esposa excetuando-os ao número dos escravos. Pois, se cultivas menos do que duzentas e quarenta jeiras de olival, não poderias ter menos do que um administrador nem, se cultivas uma propriedade duas ou mais vezes maior, é preciso ter dois ou três administradores. Em geral, apenas os trabalhadores e vaqueiros devem ser somados proporcionalmente a maiores tamanhos de propriedades, mas, mesmo neste caso, apenas se o campo é do mesmo tipo. Mas, se a tal ponto é desigual que não se pode arar por ser pedregoso e com declives acentuados, há necessidade de muito menos bois e vaqueiros. Sem falar que ofereceu uma medida que não constitui unidade nem padrão, duzentas e quarenta jeiras (pois o padrão é a centúria, que tem duzentas jeiras); embora a sexta parte seja quarenta jeiras, que são retiradas de duzentas e quarenta, não vejo como retirar por seus preceitos a sexta parte também de treze escravos, nem, se desconsidero o administrador e sua esposa, como tirar a sexta parte de onze. Mas como diz que, para cem jeiras de parreiral, é preciso ter quinze escravos, se alguém tiver uma centúria, cuja metade seja um parreiral e a outra metade um olival, resultará que tenha dois administradores e suas esposas, o que é ridículo. Por esse motivo, há que se atentar para o número de escravos por espécies segundo outro cálculo. Saserna merece mais aprovação neste ponto, pois diz que uma jeira basta para ocupar um trabalhador por quatro dias até que termine o trabalho. Mas, se na propriedade gaulesa de

Saserna foi o suficiente, não se segue que o mesmo aconteça num campo das montanhas da Ligúria. Assim, no que diz respeito ao número de escravos e dos demais instrumentos, saberás do melhor modo quantos obter se atentares cuidadosamente para três pontos: de que tipo e tamanho são as propriedades dos vizinhos, com quantos homens cada uma é cultivada e com quantos dias de trabalho a mais ou a menos cultiva mais ou menos bem. Pois a natureza nos deu dois caminhos para a agricultura, o experimento e a imitação. Os primeiros agricultores estabeleceram a maior parte das práticas fazendo experimentos e seus filhos em grande parte imitando-os. Devemos proceder de ambos os modos, imitando os outros e fazendo alguns experimentos com variação, sem nos pautarmos pelo acaso, mas por um método qualquer; se, por exemplo, escavarmos novamente mais ou menos fundo do que os outros, é possível observar que mudança isso acarreta, como fizeram os que sacharam⁷⁹ uma segunda ou terceira vez e os que mudaram a época de enxertar as figueiras da primavera para o verão."

XIX- "Quanto aos demais instrumentos, que chamei de semivocais, Saserna escreve que, para duzentas jeiras de lavoura, dois jugos de bois bastam e Catão que, para duzentas e quarenta jeiras de olival, três juntas de bois.⁸⁰ Assim, tem-se que, se Saserna diz a verdade, é preciso um jugo para cem jeiras e, se Catão, para oitenta. Mas, quanto a mim, julgo que nenhuma dessas duas proporções convém a todo campo e que ambas a algum. Pois uma terra é mais favorável ou desfavorável; os bois não podem sulcar uma delas a não ser com grandes esforços e, quebrando-se com frequência a rabiça⁸¹ do arado, deixam a relha na lavoura. Por isso, devemos seguir três diretrizes em cada propriedade enquanto somos inexperientes: o costume do senhor anterior, dos vizinhos e alguma experimentação. Ele acrescenta três burros para transportar o esterco e um burro para o moinho; para um vinhedo de cem jeiras, uma junta de bois, uma junta de burros e um burro para o moinho; nesse tipo semivocálico, devem-se incluir apenas os animais que servirem para cultivar o campo e os poucos que em geral os escravos devem possuir como pecúlio, para que possam manter-se com mais facilidade e ser diligentes. Desses animais, não só os que têm pastagens preferem ter ovelhas a porcos por causa do esterco, mas também os que têm por outros motivos além das pastagens. Quanto aos cães, é necessário tê-los, pois a sede é pouco segura sem eles."

XX- "Quanto aos quadrúpedes em geral, a primeira verificação é quais bois são apropriados e devem ser comprados para arar. É preciso adquiri-los brutos e com não menos de três anos nem mais de quatro; que sejam vigorosos e emparelhados, de modo que o mais dado ao trabalho não oprima o mais fraco; que tenham de preferência chifres grandes e negros, a fronte larga, o focinho chato, o peito largo e os traseiros gordos. Não se deve comprar bois habituados a regiões de planície para trazê-los a regiões rudes e montanhosas; além disso, caso aconteça o contrário, que seja evitado. Quando alguém comprar novinhos, se prender seus pescoços pondo forquilha e alimentar, em poucos dias ficarão mansos e prontos a serem domados. Deve-se, então, domar de modo a acostumá-los aos poucos e a jungir um inexperiente com um experimentado (pois, imitando, é domado mais facilmente); a princípio, num local plano e sem arado, depois com um leve, primeiro pela areia ou pela terra mais fofa. Similarmente, deve-se fazer com que os que forem transportar conduzam primeiro carretas vazias e, se possível, por uma vila ou cidade; o ruído constante e a diversidade do que encontram os tornam úteis pela fixação do hábito. O que puseres à direita não deve ficar sempre nessa posição, pois, se muda alternadamente para a esquerda, descansa em ambas as partes. Onde a terra é leve, como na Campânia, não se deve arar com bois pesados, mas com vacas ou burros; podem adaptar-se muito mais facilmente a um arado leve, aos moinhos e, se necessário, a fazer o transporte na propriedade. Para isso, alguns usam burrinhos, outros vacas e burros, conforme a disponibilidade de feno; pois se alimenta um burrinho mais facilmente do que uma vaca, embora ela seja mais útil. A esse respeito, o agricultor deve observar qual a conformação de superfície do terreno. Pois, num terreno pedregoso e difícil, deve-se procurar ter animais mais resistentes e de preferência os que sejam rendosos por si mesmos, embora façam o mesmo trabalho."

XXI- "Deve-se de preferência ter poucos cães de valor e ferozes do que muitos, e que os acostumes antes a ficarem alertas de noite e a dormir recolhidos durante o dia. Sobre os quadrúpedes não amansados e o rebanho: se há pastagens na propriedade, mas não há gado, deve-se providenciar que, tendo-se vendido a forragem, o gado alheio paste no local e recolha-se às estrebarias."

XXII- "Quanto aos instrumentos restantes, os 'mudos', em que se incluem cestinhos, *dolia* e outros semelhantes, é preciso recomendar o seguinte: que não se compre nada do que puder nascer na propriedade e ser feito pelos de casa, como, em geral, o que se faz de vime e madeira bruta, a exemplo dos cestos, dos cabazes, dos trilhos,⁸² das joeiras⁸³ e dos ancinhos; o mesmo para o que se faz de cânhamo, linho, junco, palmeira e vime, como as cordas, cabos e esteiras. Se o que não pôde ser obtido na propriedade for comprado mais de acordo com o critério da utilidade do que com o do aspecto, não vai exaurir o ganho com os gastos, tanto mais se for de preferência comprado num local onde a qualidade é boa, que não se situe distante e onde o custo é bem baixo. Os diversos tipos e a quantidade dos instrumentos são determinados pelo tamanho do campo, pois há necessidade de mais caso seus limites sejam muito distantes." "E assim", disse Estolão, "ao determinar a dimensão de uma propriedade neste ponto, Catão escreve que quem cultivasse duzentas e quarenta jeiras de olival precisaria constituí-lo fazendo cinco prensas de azeite, que descreve parte por parte, tachos de bronze, potes, um regador e coisas semelhantes;⁸⁴ de madeira e ferro, três carretas grandes, seis arados com relhas, quatro canastras para o esterco e coisas semelhantes; sobre as ferramentas, quais são e de quantas há necessidade, como oito forcados, a mesma quantidade de sachos, a metade a menos de pás e coisas semelhantes. Ainda fez outra lista de instrumentos para o vinhedo,⁸⁵ em que escreve que, para cem jeiras, é preciso ter três prensas completas, *dolia* de oitenta cúleos com tampas, vinte recipientes para guardar uvas, vinte para guardar o trigo e outras coisas semelhantes. Julgo que alguns autores decerto escreveram sobre quantidades menores, mas com a mesma quantidade de cúleos, para que não houvesse necessidade de vender o vinho todo ano. Pois os vinhos velhos alcançam um preço melhor do que os novos e os mesmos vinhos são mais caros em certas ocasiões. Similarmente, ele ainda escreve muito sobre a diversidade das ferramentas, de que tipo e em que número são, como as foices, as pás, ancinhos e outras afins; alguns desses tipos têm muitas espécies, a exemplo das foices. Pois, segundo o mesmo autor, há necessidade de quarenta para as videiras, de cinco para junco, de três para podar e de dez para a giesta."⁸⁶ Foi o que disse. Mas Escrofa: "É preciso que o senhor tenha o registro escrito completo dos instrumentos e ferramentas rurais na cidade e no campo, e o administrador, por outro lado, mantenha no campo isso tudo guardado em lugares certos e perto da sede; é preciso esforçar-se o máximo para que o que não pode ficar fechado à

chave fique à vista, especialmente o que se usa menos, como os cestinhos para a vindima e coisas afins. Pois o que é visto todos os dias tem de recear menos os ladrões."

XXIII- Agrásio interveio: "Já que temos as duas primeiras das quatro divisões, a propriedade e os instrumentos com que em geral é cultivada, estou na expectativa da terceira." Escrofa disse: "Como penso que a produção de uma propriedade é aquilo que brota dela pelo plantio e tem alguma utilidade, dois pontos devem ser observados: o que e onde é melhor cultivar cada item. Pois alguns locais são apropriados ao feno, outros aos cereais, outros às videiras, outros às oliveiras, e ainda há os que dizem respeito à pastagem, em que se incluem o trevo, a ferrã,⁸⁷ a ervilhaca,⁸⁸ a luzerna,⁸⁹ o codesso⁹⁰ e o tremoço. Não é correto plantar tudo numa terra rica ou nada numa pobre. Pois é melhor plantar em terra mais pobre o que não necessita de muita seiva, como o codesso e os 'legumes', exceto o grão-de-bico. Ele também é um 'legume', como tudo o que se arranca da terra sem ceifar; por serem colhidos [*leguntur*] assim, tais itens são chamados de 'legumes' [*legumina*]. Em terra rica, é melhor plantar o que pede mais seiva, como as hortaliças, o trigo, o trigo candial e o linho. Alguns itens devem ser plantados não tanto pelos frutos imediatos quanto pelos do ano seguinte, pois, ceifados e deixados na terra, tornam-na melhor. Assim, se o campo é um tanto pobre, costumam enterrar o tremoço como adubo logo que começou a produzir vagens, e por vezes os pés de favas que não chegaram a produzi-las para que convenha colher vagens. Não se deve distinguir menos ao plantar o que é proveitoso por agradar os sentidos, a exemplo dos chamados pomares e jardins de flores, bem como o que não diz respeito à sobrevivência e aos sentidos e prazer do homem, mas não é estranho aos benefícios agrícolas. Deve-se escolher um local apropriado para formares um salgueiral e um canavial, bem como outras plantações que exijam um terreno úmido; por outro lado, também para que plantes campos de trigo ou de preferência as favas e outras culturas adaptadas a terrenos secos; do mesmo modo, poder-se-iam plantar outros itens em locais sombreados, como o aspargo bravo, pois o aspargo o requer. Nos locais ensolarados, planta violetas e faze jardins, pois o sol os faz crescer e a outras culturas. Em outro local, devem-se plantar moitas de varas para que tenhas vime e, trançando-o, confeccionas objetos como cestos, joias e canastras; em outro, planta e cultiva um bosque de extração de madeira; em outro, um para a caça de aves; por fim, reserva um local para o cânhamo, o linho, o junco e

o esparto, com que possas confeccionar "ferraduras" para os bois,⁹¹ cordéis, cabos e cordas. Certos lugares são por si só próprios ao plantio de outros itens. Pois também nos pomares novos, semeando ou plantando arbustos enfileirados em seus primeiros anos, antes que as raízes possam desenvolver-se bem, uns fazem jardins e outros algo diferente; mas não fazem o mesmo depois que as árvores cresceram para não danificar as raízes."

XXIV- Estolão: "Catão não fala mal neste ponto,⁹² pois escreve a respeito do plantio: 'é preciso que um solo rico e fértil, se não possui árvores, seja um campo de cereais; se o mesmo campo é sujeito a nevoeiros, que se plante rábano, rábão de cavalo, milho miúdo e milho painço; num solo rico e quente, a azeitona de conserva, a de tipo alongado, a salentina, a orquita, a páusia, a sergiana, a colminiana e a branca; dentre essas, planta principalmente a que nesse local disserem ser a melhor. Que o campo a ser cultivado como olival seja voltado para o Favônio⁹³ e exposto ao sol: nenhum outro será bom. Num campo mais frio e menos rico, é preciso que se plante a oliveira liciniana. Se a plantares num terreno rico ou quente, o resultado da prensagem [*hostus*] será ruim, a árvore vai arruinar-se ao produzir e o musgo vermelho será danoso.' Chama-se de *hostus* a quantidade de azeite extraída num *factus*. Chama-se de *factus* a quantidade de azeite produzida a cada vez, que uns dizem ser de cento e sessenta módios e outros menor, de modo que baixe a cento e vinte, conforme a quantidade e o tamanho das prensas usadas para produzir. Catão diz que é preciso plantar olmos e choupos em torno da propriedade para que haja folhas para as ovelhas e bois e madeira, mas que isso não é necessário em todas as propriedades e, onde o é, não especialmente pelas folhas; eles são plantados sem causar danos do lado norte, porque não tapam a luz do sol."

Referindo-se ao mesmo autor, acrescenta: "'se houver um lugar úmido, devem-se plantar nele ramos de choupo e um canavial. Que seja lavrado com um alvião, os olhos das canas sejam introduzidos a cada três pés...⁹⁴ o mesmo modo de cultivo é apropriado a ambos. É preciso que o salgueiro grego seja plantado em torno do canavial, para que haja com que a videira possa ser atada.'

XXV- 'Deve-se considerar assim em qual campo se deve plantar a videira: no terreno que é o melhor para as videiras e exposto ao sol, é preciso que a amínia pequena, a

eugênia dupla e a parda pequena sejam plantadas. Em terreno de solo mais rico ou sujeito a nevoeiros, que se plante a amínia grande ou a murgentina, a apícia e a lucana. As outras videiras e, dentre elas, principalmente as comuns, convêm a todo tipo de campo."

XXVI- "Cuida-se especialmente em todo parreiral de que a videira seja protegida por uma estaca do lado norte; e, caso se plantem ciprestes vivos no lugar das estacas, fazem-se fileiras alternadas, não se permite que cresçam mais alto que as estacas nem que a videira seja plantada perto deles, pois são hostis um ao outro."

Ágrio disse a Fundânio: "Temo que o *aeditumus* chegue aqui antes que ele ao quarto ato. Pois aguardo pela vindima." "Ânimo," disse Escrofa, "e põe a postos os cestos e a urna."

XXVII- "E já que há tempos de dois tipos, um anual, que o sol completa em seu giro, e outro mensal, que a lua abrange em seu curso, falarei primeiro do sol. Primeiro, seu giro anual foi dividido em quatro partes que levam pouco mais ou menos três meses para completar-se e, mais minuciosamente, em oito vezes de um mês e meio; em quatro, porque é dividido em primavera, verão, outono e inverno. Quanto aos plantios que acontecem na primavera, é preciso sulcar a terra inculta, para que o que brotou dela seja arrancado antes de deixar cair alguma semente; ao mesmo tempo, aquecendo-se bem os terrenos ao sol, torná-los mais apropriados a receber a chuva e mais dóceis ao trabalho destorroando-os; não se deve ará-los menos do que duas vezes e três é melhor. É preciso que as colheitas sejam feitas no verão e as vindimas na época seca do outono; os bosques são cultivados do modo mais conveniente nessa época; então, é preciso que as árvores sejam podadas perto do chão e que suas raízes sejam desenterradas nas primeiras chuvas, para que nada possa brotar delas. Durante o inverno, que as árvores sejam podadas quando não há friagem na casca por causa da chuva e do gelo."

XXVIII- "O primeiro dia da primavera é em Aquário, do verão, em Touro, do outono, em Leão, do inverno, em Escorpião. Como o vigésimo terceiro dia de cada um desses quatro signos é o primeiro das quatro estações e se dá que a primavera tem noventa e um dias, o verão noventa e quatro, o outono noventa e um e o inverno oitenta e nove, que,

reduzidos aos dias do calendário oficial⁹⁵ que agora em vigor, fixam o primeiro dia da primavera em sete de fevereiro, do verão em nove de maio, do outono em onze de agosto e do inverno em dez de novembro, há que se considerar alguns pontos repartindo o tempo com mais exatidão; eles se repartem em oito divisões: primeiro, do Favônio ao equinócio de primavera,⁹⁶ quarenta e cinco dias; daí ao surgimento das Plêiades, quarenta e quatro dias; disso até o solstício,⁹⁷ quarenta e oito dias; daí ao surgimento da Canícula,⁹⁸ vinte e sete dias; daí até o equinócio de outono, sessenta e sete dias; daí até o ocaso das Plêiades, trinta e dois dias; disso até o solstício de inverno, sessenta e sete dias; daí até o Favônio quarenta e cinco dias."

XXIX- "No primeiro intervalo, entre o Favônio e o equinócio de primavera, é preciso que estas coisas sejam feitas: plantar os viveiros de todo tipo, podar os arvoredos, adubar as pastagens, ablaquear em torno das videiras, cortar as raízes que ficam à flor da terra, limpar as pastagens, plantar salgueiros e sachar as searas. Chama-se de *seges* o que, depois de arado, foi semeado; de *aruum*, o que, depois de arado, ainda não foi semeado; de *noualis*, um campo onde houve semeadura, antes que seja renovado [*nouetur*] mais uma vez com uma segunda lavra. Quando aram a terra pela primeira vez, falam em *proscindere*; quando aram novamente, falam em *offringere*, pois se costuma retirar torrões grandes na primeira lavra; quando se repete, falam em *offringere*. Quando aram pela terceira vez, depois de lançada a semente, diz-se que os bois lavram deixando margem, isto é, com tabuazinhas presas ao arado, ao mesmo tempo enterram o cereal semeado nos canteiros e sulcam fossas para que a água da chuva escorra. Alguns que têm searas não tão grandes, como na Apúlia e em propriedades desse tipo, costumam estorroar depois com a ajuda de sachadores se algum torrão maior restou nos canteiros. O lugar onde o arado fez uma depressão ou riscou com a relha é chamado de sulco. O acúmulo de terra que fica entre dois sulcos é chamado de *porca*, porque essa seara produz [*porricit*] o cereal. Quando ofereciam entranhas aos deuses, também falavam em *porricere*."

XXX- "No segundo intervalo, entre o equinócio de primavera e o surgimento das Plêiades, que estas coisas sejam feitas: sachar as searas, isto é, livrar as searas das ervas daninhas, que os bois sulquem a terra, o salgueiro seja cortado e as pastagens cercadas. Que

se faça o que era preciso fazer no período anterior e não foi terminado, antes que as plantas produzam olhos e comecem a florescer, pois, se o que costuma perder as folhas começar a cobrir-se delas mais cedo, logo deixa de prestar-se ao plantio. É preciso que a oliveira seja plantada e podada."

XXXI- "No terceiro intervalo, entre o surgimento das Plêiades e o solstício, estas coisas devem acontecer: escavar ou arar junto às videiras novas e depois estorrear, isto é, esmagar para que não haja torrões. Fala-se em estorrear [*occare*] porque estorream [*occidunt*] o solo. Que as videiras sejam desfolhadas, mas por alguém experiente (pois isso é melhor do que podar), e não no arvoredor, mas no parreiral. Desfolhar é deixar, dentre os brotos que nasceram do sarmento, apenas os dois mais fortes (por vezes, mesmo um terceiro) e retirar os demais; assim, o sarmento não ficará impossibilitado de nutrir os brotos que ficarem com a seiva. Isto explica por que, logo que a videira brota no parreiral, costuma ser inteiramente cortada: para que saia da terra com um sarmento mais resistente e seja mais vigorosa ao produzir os brotos. Pois um sarmento fino é estéril por sua debilidade e não pode dar origem a uma videira, chamada de *flagellum* quando nova e de *palma* quando adulta e já deu uvas. A primeira expressão provém de *flatus uenti* [sopro de vento] pela mudança de uma letra, assemelhando-se *flagellum* a *flabellum* [leque]. A segunda, porque se deixa que uma videira produza as uvas, parece ter sido, a princípio, *parilema*, de *parere* [produzir]; daí, mudando-se as letras, como é freqüente, começou a ser chamada de *palma*. Por outro lado, produz gavinhas, que são brotos retorcidos de videira, como um caracol dos cabelos. Elas são aquilo com que a videira se segura por onde serpeia para fixar-se; fala-se, então, em *capreolus*, de *capere* [segurar]. Que toda a forragem, primeiro o trevo, a ferrã e a ervilhaca e, por último, o feno, seja seca. Diz-se *ocinum*, [trevo] da palavra grega *w)ke/wj*, que significa 'rápido', do mesmo modo que o manjerição de jardim [*ocimum*]. Também é chamado de *ocinum* porque faz o intestino dos bois trabalharem mais rápido e é dado a eles por isso, para que se purguem. Ele é ceifado verde do campo de favas, antes de produzir vagens. Por outro lado, diz-se *farrago* para o campo onde foram semeados juntos a cevada, a ervilhaca e os 'legumes' para a forragem fresca, porque é ceifada com ferro [*ferrum*, *ferrago*], ou ainda porque a princípio começou a ser plantada num campo de espelta [*far*]. Os cavalos e outros animais de carga são purgados e

engordados na primavera com ela. Diz-se 'ervilhaca' [*uicia*] de *uincire* [prender], porque tem gavinhas como a videira, com que, quando serpeia ao alto para fixar-se à haste do tremço ou de alguma outra planta, costuma prender-se. Se tiveres pastagens irrigadas, irriga-as logo que colheres o feno. Que se reguem as árvores frutíferas que forem enxertadas todos os dias à tarde durante a seca. Disso, por sentirem a falta d'água [*potus*] é que são chamadas de *poma*."

XXXII- "No quarto intervalo, entre o solstício e a Canícula, a maioria faz a colheita, porque dizem que o trigo fica na casca por quinze dias, floresce por quinze e desseca-se por quinze: só então está maduro. É preciso arar por completo; isso é tanto mais eficiente quanto mais quente a terra é arada. Se sulcares, é preciso que receba uma segunda lavra, ou seja, repetir, para que os torrões se fragmentem; pois, ao arar pela primeira vez, desprendem-se grandes torrões de terra. Devem-se plantar a ervilhaca, a lentilha, a ervilhinha, a algarroba⁹⁹ e os demais itens que alguns chamam de *legumina* e outros, como certos gauleses, de *legarica*, ambas as expressões derivadas de *legere*, porque não são ceifadas, mas colhidas [*leguntur*], apanhando-se. Estorroa as videiras velhas uma segunda vez e as novas mesmo uma terceira se ainda houver torrões junto a elas."

XXXIII- "No quinto intervalo, entre a Canícula e o equinócio de outono, é preciso que as palhas sejam ceifadas e empilhadas, que o que foi arado receba uma segunda lavra, que as folhagens sejam cortadas e as pastagens irrigadas novamente ceifadas."

XXXIV- "No sexto intervalo, a partir do equinócio de outono, escrevem que é preciso começar a semear até o nonagésimo primeiro dia. Depois do solstício de inverno, a não ser que um motivo urgente obrigue, não semear (isso é tão importante que o que se semeou antes do solstício germina em sete dias, e o que se semeou depois do solstício, a custo, em quarenta). Também não julgam que a semeadura deve começar antes do equinócio, pois, se o tempo foi menos favorável, as sementes costumam apodrecer. Plantam-se as favas com excelentes resultados no ocaso das Plêiades; mas colhem-se as uvas e faz-se a vindima entre o equinócio de outono e o ocaso das Plêiades; depois, começa-se a podar as videiras e pô-las em mergulhia e a plantar as árvores frutíferas. Em

algumas regiões, onde o frio fica rigoroso mais cedo, é melhor realizar essas atividades na primavera."

XXXV- "No sétimo intervalo, entre o ocaso das Plêiades e o solstício de inverno, dizem que se deve fazer estas coisas: semear os lírios e o açafraão. A rosa que já desenvolveu raízes é cortada na raiz em mudas do comprimento de um palmo e enterrada; depois de enraizar-se, é transplantada. Não convém formar um jardim de violetas na propriedade, porque é preciso, amontoando a terra, fazer canteiros, que a irrigação e as chuvas fortes levam, empobrecendo os campos. Do Favônio até o surgimento de Arcturo,¹⁰⁰ transplanta-se convenientemente o serpão do viveiro; seu nome deriva do fato de que serpeia. Escava fossas novas, limpa as velhas, poda as videiras e o arvoredos, contanto que não o faça quinze dias antes e depois do solstício do inverno, como a maior parte dos trabalhos. Além disso, nesse período, algo pode ser plantado corretamente, como os olmos."

XXXVI- "No oitavo intervalo, entre o solstício de inverno e o Favônio, deve-se fazer isto: remover a água das searas se houver alguma; mas, se há seca e a terra é macia, schar. Podar as videiras e arvoredos. Quando não se pode trabalhar nos campos, o que pode ser feito em local abrigado deve ser concluído, então, nas madrugadas de inverno. Na sede, é preciso ter o que mencionei em registros escritos e à vista para que especialmente o administrador esteja informado a seu respeito."

XXXVII- "Também se devem observar as fases da lua, que são de certo modo bipartidas, pois ela cresce da lua nova até a cheia e daí novamente decresce até a nova enquanto não chega ao interlúnio, dia em que se diz que é a última e a primeira; por isso, alguns chamam essa data em Atenas de $\epsilon(\text{nh kai} \backslash \text{ne/a})$ ¹⁰¹ e outros de triaka/j .¹⁰² Certas atividades devem ser realizadas nos campos de preferência na lua crescente, e não na minguante; contudo, o contrário se dá com a retirada de certos itens, como os cereais e a madeira." "Quanto a mim," disse Agrásio, "observo este ponto não só em relação às ovelhas que se devem tosar, mas, tendo aprendido com meu pai, em relação a meu cabelo, para não ficar calvo cortando-o, na lua crescente." Ágrio disse: "Como as fases da lua se dividem em

quatro? E como essa divisão tem influência sobre os campos?" "Nunca ouviste no campo," disse Tremélio, "'oito dias antes da lua Jana¹⁰³ e crescente' e, por outro lado, 'minguante' e o que se deve fazer na lua crescente, embora certas atividades sejam mais bem realizadas oito dias depois da lua Jana do que antes? E que, se conviesse que algo fosse feito na lua minguante, tanto melhor quanto menos brilho esse astro tivesse? Falei a respeito da divisão quadripartida na agricultura."

Estolão disse: "Há outra divisão temporal repartida em seis e vinculada de certo modo com o sol e a lua, pois quase todo fruto chega à perfeição e vem ao *dolium* e ao módio na sede no quinto estágio; daí, segue ao uso no sexto. No primeiro, deve-se preparar; no segundo, semear; no terceiro, nutrir; no quarto, colher; no quinto, guardar; no sexto, tirar de onde está guardado. Ao realizar os preparativos para certas culturas, devem-se fazer covas ou cavar novamente ou sulcar, como no caso de quereses formar um arvoredor ou um pomar; para outras, deve-se arar ou escavar, como no caso de formares searas; para algumas, a terra deve ser lavrada mais ou menos com um alvião. Pois umas deitam raízes de modo mais restrito, como os ciprestes, e outras mais espalhado, como os plátanos: a tal ponto que, segundo Teofrasto, no Liceu de Atenas, embora um plátano fosse ainda muito novo, estendeu raízes por trinta e três cúbitos.¹⁰⁴ Se sulcares alguma terra com os bois e o arado, também se deve repetir antes de semeares. Do mesmo modo, caso se tome alguma providência nos pastos, é para que sejam protegidos da pastagem, o que em geral observam depois da florada das pereiras; se são irrigados, para que sejam irrigados a seu tempo."

XXXVIII- "Deve-se observar que lugares devem ser adubados no campo, e como e com que tipo fazê-lo de preferência, pois há algumas diferenças neste ponto. Cássio escreve que o melhor esterco é o das aves, com exceção das aves dos pântanos e da costa. Dentre eles, o de pombos leva vantagem, pois é o mais quente e pode fermentar a terra. É preciso que ele seja espalhado no campo como a semente, não depositado aos montes como o de gado. Quanto a mim, julgo que, dentre os de aves, o melhor é o dos tordos e dos melros, pois não é útil apenas ao campo, mas também para a alimentação dos bois e porcos, a fim de que engordem. Assim, os que arrendam viveiros de aves pagam menos se o senhor se encarrega de que o esterco fique na propriedade do que os que usufruem dele. Cássio escreve que, depois do de pombos, fica o humano, em terceiro lugar, o caprino, o ovino e o

dos burros, e que o menos bom é o equino, embora seja bom para as searas; pois é o melhor para as pastagens, como o dos demais animais de carga que se alimentam de cevada, já que ajuda a produzir erva em abundância. É preciso construir uma esterqueira ao lado da sede para que seja retirado com o menor esforço possível. Dizem que não nascem serpentes no local se um pouco de madeira de carvalho foi enterrada em meio a ele."

XXXIX- "Mas o segundo estágio, a semeadura, demanda estes cuidados: a natureza de cada semente é apropriada a qual tempo de plantio? Pois, num campo, importa para que parte do céu cada terreno se volta e também em que tempo cada item cresce com mais facilidade. Acaso não vemos alguns florescer na primavera, outros no verão e que os que florescem no inverno não florescem no outono? Assim, uns são plantados, enxertados e colhidos antes ou depois de outros; e, embora a maior parte seja enxertada na primavera e não no outono, enxertam-se as figueiras perto do solstício e também as cerejeiras em pleno inverno. Por isso, sendo quatro em geral os meios de propagação, as sementes dadas pela natureza, o que se transplanta dum terreno para outro com raiz, o que é retirado das árvores e plantado no chão e o que é enxertado de uma árvore em outra, deve-se observar em relação a cada atividade o que fazer e em que tempo e lugar."

XL- "Primeiro a semente, que é o princípio da geração, é de dois tipos: um que escapa a nossos sentidos e outro que é visível. Escapa a nossos sentidos se as sementes estão no ar, como diz o físico Anaxágoras,¹⁰⁵ e se a água que corre para o campo costuma trazê-las, como escreve Teofrasto. Aquela que se mostra aos agricultores deve ser considerada com cuidado. Pois algumas são próprias a gerar mas a tal ponto pequenas que é difícil enxergá-las, como as dos ciprestes: as sementes não são os frutos que dão, ou seja, o que se assemelha a bolinhas de casca, mas seu conteúdo interno. A natureza ofereceu as primeiras sementes, a experimentação do fazendeiro descobriu as demais. As primeiras são as que nasceram sem o fazendeiro, antes de serem plantadas; em segundo lugar, há as que foram obtidas a partir dessas e não nasceram antes de serem plantadas. É preciso considerar as primeiras sementes para que não sejam mirradas pela velhice, não sejam misturadas nem, em razão da semelhança com outras, sejam confundidas. Em alguns casos, é tão importante o fato de a semente ser velha que ela muda de tipo. Pois dizem que, plantando-

se sementes velhas de couve, nascem os rábãos e, por outro lado, das de rábão, as couves. É preciso cuidar dos meios de propagação do segundo tipo para que não transplantes cedo ou tarde demais donde transplantares. Pois o tempo apropriado, segundo Teofrasto, ocorre na primavera, no outono e no surgimento da Canícula; ele também não é o mesmo em todos os lugares e tipos de solo. Num terreno seco, pobre e argiloso, a primavera é apropriada porque é menos úmida; em terra boa e rica, o outono, porque há muita umidade na primavera; alguns concedem aproximadamente trinta dias para esse plantio. Quanto ao terceiro meio de propagação - os brotos transferidos da árvore para a terra, se são plantados no chão -, deve-se cuidar ao empregá-lo de que sejam retirados no tempo certo: isso acontece antes que comecem a produzir olhos ou florescer. Prefere desenraizar os que transferes de uma árvore a rompê-los, pois a base da planta é tanto mais firme quanto mais extensa ou facilmente produz raízes. Eles são plantados na terra rapidamente, antes que a seiva seque. Quanto aos brotos de oliveiras, deve-se observar que sejam de um ramo jovem e cortados regularmente dos dois lados; uns os chamam de *clauolae*, outros de *taleae*, e cortam-nos com cerca de um pé. Quanto ao quarto meio de propagação, que é passado de uma árvore para outra, deve-se observar de qual árvore para qual se transplanta e em que tempo e como é enxertado. Pois o carvalho não aceita a pereira, ainda que a macieira aceite a pereira. Muitos que acreditam seriamente nos harúspices dão importância a isso; esses últimos disseram que, com quantos tipos uma árvore for enxertada, em tantos um raio se divide por vez ao golpear a árvore atingida.¹⁰⁶ Se enxertares a pereira numa pereira silvestre, por mais que essa seja boa, não vai adaptar-se tão bem quanto se a enxertares numa que não seja silvestre. Em qualquer árvore que enxertares, se são do mesmo tipo (por exemplo, ambas macieiras), é preciso fazê-lo com vistas ao fruto, de modo que o ramo seja de uma cepa melhor do que a da árvore para onde vem. Há uma outra maneira de enxerto de uma árvore para outra descoberto há pouco, mas é preciso que sejam próximas. Traz-se um raminho da árvore de que se deseja tomar o ramo para aquela em que se deseja enxertar e introduz-se num galho cortado e fendido; esse raminho que é introduzido deve tocar o local e ser afilado de ambos os lados com um podão, de modo que o lado que for voltar-se para cima tenha a casca acertada com a casca. Cuida de que a ponta desse raminho que for enxertado fique voltada para cima. No ano seguinte, quando pegar, corta-o da árvore de que proveio."

XLI- "Quanto à época de transplantar cada item, estes pontos devem ser observados em primeiro lugar: o que era enxertado antes, na primavera, agora também é enxertado no verão, a exemplo da figueira, porque sua madeira não é compacta e por isso exige clima quente. É por isso que, em lugares frios, não se podem fazer plantações de figos. A água é danosa a um enxerto recente, pois em pouco tempo faz apodrecer um brotinho. E assim, julga-se que se fazem os enxertos do modo mais conveniente sob a constelação do Cão. Quanto às que são menos macias por natureza, prende-se um vaso por sobre elas para que a água goteje aos poucos e o ramo não seque antes de fundir-se à árvore. Deve-se conservar a casca desse ramo intacta e de tal modo afilá-lo que não exponhas o cerne. Para que as chuvas ou o calor excessivo não danifiquem por fora, deve-se besuntar com argila e atar com casca. Assim, cortam a videira três dias antes de enxertar para que sua umidade excessiva saia antes disso; ou fazem um corte no galho que recebeu o enxerto um pouco abaixo do enxerto, por onde a umidade de fora possa escoar. Por outro lado, a figueira, a macieira púnica¹⁰⁷ e, eventualmente, alguma outra planta de natureza mais seca, sem demora. Nos outros transplantes, deve-se observar que o ramo que é enxertado tenha um olho, como nas figueiras.

Como alguns desses quatro primeiros meios de propagação são mais demorados, devem-se de preferência usar brotos, como fazem nas plantações de figos. As sementes naturais do figo estão contidas dentro do figo e nós as comemos: são os pequenos grânulos de que mal podem nascer caulezinhos – pois todas as coisas pequenas e secas demoram para crescer, enquanto as que são mais laxas também são mais fecundas, como a mulher é mais do que o homem e, proporcionalmente, os brotos; e assim, a figueira, a macieira púnica e a videira são propensas a crescer pela maciez feminina; contrariamente a palmeira, o cipreste e a oliveira demoram para crescer, pois as mais úmidas se avantajam nisso em relação às mais secas. Assim, é mais conveniente enterrar nos viveiros os ramos das figueiras do que as sementes dos figos, exceto se não tiveres alternativa, como quando porventura se deseja mandar as sementes pelo mar ou recebê-las desse modo. Pois então passam um cordel pelos figos maduros que comemos e, quando secaram, enrolam e mandam para onde desejam, a fim de que lá sejam enterrados num viveiro e brotem. Os figos de Quios, de Cálcis, da Lídia, da África e de outros tipos de além-mar foram trazidos assim à Itália. Pelo mesmo motivo, sendo a semente da oliveira um caroço e como o caule

demora mais a crescer a partir dele do que o de outras, preferimos plantar-lhe as toras mencionadas nos viveiros."

XLII- "Em primeiro lugar, cuida de não plantar em terra muito seca ou úmida, mas intermediária. Para uma jeira, se por natureza a terra é intermediária, escrevem que é preciso um módio e meio de luzerna. Ela é plantada de modo que a semente seja lançada, como ao plantar a forragem e os grãos."

XLIII- "O codesso é plantado em terra bem lavrada, como a semente da couve. Depois, é transplantado e posto em intervalos de um pé e meio, ou ainda, do codesso mais firme, arrancam-se raminhos e é plantado, ao cultivar, como descrevemos."

XLIV- "Semeiam-se quatro módios de favas numa jeira, cinco de trigo, seis de cevada e dez de trigo candial,¹⁰⁸ mas em alguns locais um pouco mais ou menos. Pois se o solo é rico, mais; se é pobre, menos. Por isso, observarás quanto se costuma plantar na região para procederes proporcionalmente; pois tanto importa a região e o tipo de terra que a mesma semente rende dez vezes mais aqui e quinze vezes ali, como em alguns lugares da Etrúria. Na região italiana de Síbaris, dizem que é comum render cem vezes; na Síria, perto de Gádara, e na África, perto de Bizácio, dizem que um módio rende, igualmente, cem. Também é muito importante se plantas na terra inculta, na que foi semeada anualmente (e é chamada de *restibilis*) ou no *ueruactum*,¹⁰⁹ que repousou de tempos em tempos." E Ágrio: "No território de Olinta, dizem que as terras são *restibilia*, mas de modo que a cada dois anos produzam colheitas mais fecundas." Licínio: "É preciso que o campo repouse um ano sim, um ano não, com culturas mais leves, isto é, com as que exaurem menos a terra."

"Vai-se falar," disse Ágrio, "do terceiro estágio, o crescimento e nutrição das plantas." Ele disse: "O que nasceu cresce na propriedade, produz depois de adulto, e, ficando carregado, dá frutos, espigas ou algo semelhante quando chega a hora. A semente retorna para o lugar de onde saiu. Assim, se apanhares uma flor, uma pêra verde ou algo mais, nada renasce no mesmo lugar neste ano, pois não pode ter duas vezes a mesma produção. Assim como as mulheres têm dias certos para o parto, o mesmo se dá com as árvores e cereais."

XLV- "Primeiro, geralmente a cevada brota da terra em sete dias, e não muito depois o trigo; os 'legumes', mais ou menos num espaço de quatro ou cinco dias, com exceção das favas, pois elas brotam um pouco mais tarde. Também o milho miúdo, o sésamo e plantas semelhantes brotam aproximadamente nos mesmos dias, exceto se a região ou o mau tempo ocasionaram alguma falha que impede que isso se dê. Nos lugares mais frios, é preciso cobrir com folhas ou palhas durante o inverno o que nasceu no viveiro e é naturalmente delicado. Se as chuvas vierem depois, deve-se cuidar de que a água não empoce em lugar algum, pois a friagem é um veneno para as raízes novas. Os brotos não crescem ao mesmo tempo e da mesma maneira sob a terra e para fora; no outono ou no inverno, as raízes crescem mais sob a terra do que em cima, pois se espalham cobertas pela tepidez da terra e são restringidas na superfície pelo ar mais frio. As plantas silvestres, de que o sementeiro não se aproximou, demonstram que isso é assim. Pois as raízes crescem antes do que o que costuma nascer delas. As raízes não se aprofundam mais do que o ponto até onde chega o calor do sol. Elas se sujeitam a dois fatores, pois que a natureza faz uma madeira crescer mais do que outra e uma terra dá passagem mais facilmente do que outra."

XLVI- "Por fatores semelhantes, algumas diferenças de tipo são admiráveis; pode-se, por exemplo, dizer a estação do ano pelo virar de certas folhas, como as da oliveira, do álamo branco e do salgueiro. Pois, quando suas folhas se viraram, diz-se que o solstício de verão passou. E não é menos de se admirar o que ocorre com as flores que chamam de *heliotropia*¹¹⁰ porque se voltam para o sol nascente de manhã e seguem seu curso até o ocaso, de modo a voltar-se sempre para ele."

XLVII- "No viveiro, as que forem plantadas por galhos e tiverem as extremidades naturalmente mais tenras, como a oliveira e a figueira, devem ter as pontas cobertas à direita e à esquerda com duas tabuazinhas presas e ficar livres de ervas. Elas devem ser arrancadas enquanto são novas: depois de secas, resistem e rompem-se antes de serem cortadas. Por outro lado, as ervas nascidas nas pastagens para serem ceifadas não só não devem ser arrancadas ao crescer, mas também não devem ser pisadas. Por isso, o rebanho, todo animal de carga e mesmo o homem devem ficar afastados das pastagens. Pois o pé do homem é a morte para a erva e a origem de um caminho."

XLVIII- "Mas, nas searas, aquilo com que a haste produz cereais é a espiga. A que está inteira tem três partes na cevada e no trigo: o grão, a casca, a aresta e também, logo que a espiga nasce, a bainha. Chama-se de grão o que fica mais no interior e é sólido; de casca, o que é seu envoltório; de aresta, o que é como uma agulha fina e longa e sai da casca, assim como a crista do grão é a casca e a aresta. A aresta e o grão são conhecidos quase por todos, mas a casca [*gluma*] por poucos. E assim, só vi a palavra escrita em Ênio, nos livros traduzidos de Evêmero.¹¹¹ Ela parece provir de *glubere* [descascar], porque o grão é descascado desse envoltório. Usa-se a mesma palavra para denominar a casca do figo que comemos. Fala-se aresta porque é a primeira a secar [*arescere*]. Grão, de *gerere* [produzir], pois o cereal é plantado para que a espiga o produza, não para que produza a casca ou a aresta, assim como a videira é plantada não para que produza folhas, mas uvas. Ao que parece, contudo, fala-se espiga (que os rústicos, como ouviam dizer desde há muito, chamam de *specca*) a partir de *spes* [esperança], pois a plantam na esperança de que brote. Chama-se de *mutila* a espiga que não tem as arestas, pois elas são como que os chifres das espigas. Logo que nascem e não são inteiramente visíveis, aquela erva sob a qual se escondem é chamada de *uagina* [bainha], como a que oculta a espada. Mas aquilo que é menor do que um grão na ponta de uma espiga amadurecida é chamado de *frit*; o que se localiza na parte de baixo da espiga, junto à ponta superior da haste, e também é menor do que um grão, é chamado de *urru*."

XLIX- Como se calou e não foi interrogado, pensou que nada se desejava saber a respeito do crescimento e disse: "Falarei da colheita dos frutos maduros. Primeiro, a erva das pastagens em que se permitiu que crescesse deve ser ceifada com foices quando parou de crescer e secou com o calor, e ser revolvida com pequenos forcados até que se desseque totalmente; quando se dessecou totalmente, que se formem feixes com ela e se transportem à sede; então, que o restolho seja tirado das pastagens com ancinhos e adicionado ao monte de feno. Feito isso, as pastagens devem ser ceifadas uma segunda vez, isto é, com foices; deve-se andar à cata do que os cortadores de feno negligenciaram, deixando o campo como que cheio de tufos de ervas. Julgo que se diz ceifar novamente [*sicilire*] as pastagens por causa desse corte [*sectio*]."

L- "Fala-se *messis* no sentido próprio a respeito das culturas que medimos [*metimur*], especialmente dos cereais, e derivou dessa palavra. Há três tipos de ceifa do cereal: um, como na Úmbria, onde cortam a palha rente à terra com uma foice e depositam na terra cada feixe que cortaram. Tendo feito muitos, novamente os contam e cortam cada um entre as espigas e a palha. Lançam as espigas num cesto e mandam para a eira; deixam as palhas no campo para levá-las à pilha. Ainda colhem de outro modo, como na região de Piceno, onde têm um bastãozinho curvo de madeira, em cuja ponta há uma serrinha de ferro. Quando ela pega o feixe de espigas, corta e deixa as palhas de pé no campo, para que sejam cortadas depois. Também se colhe de uma terceira forma, como perto da cidade de Roma e na maioria dos lugares: cortam o meio das palhas, segurando em cima com a mão esquerda; julgo que se diz *messis* por causa desse corte mediano. A palha fica unida à terra abaixo da mão e é cortada depois; por outro lado, a palha que fica pegada à espiga é levada para a eira em cestos. Lá, é removida abertamente [*palam*], ao ar livre; fala-se em *palea* por esse motivo. Outros julgam que se diz *stramentum* [forragem] de *stare* [ficar de pé], como *stamen* [fibra]; outros, de *stratus* [forro], porque se estende [*substernatur*] no chão para o gado. Quando a seara amadureceu, deve-se colher; nela, diz-se que mais ou menos um dia de trabalho basta para aproximadamente uma jeira se o campo é fácil. Devem-se levar as espigas colhidas para a eira em cestos."

LI- "É preciso que a eira se localize num lugar mais elevado do campo; que nela o vento possa soprar; que ela seja proporcional ao tamanho da colheita, de preferência redonda e um pouco elevada no centro, para que, se chover, a água não fique parada e possa sair da eira pelo caminho mais curto; todo caminho para frente é menor numa superfície redonda do centro para as bordas. Que se faça com terra sólida pisada, especialmente se é argilosa, para que, se rachar no verão, os grãos não se ocultem em suas fendas, recebam água e abram passagem aos ratos e formigas. E assim, costuma-se regá-la com a *amurca*,¹¹² pois ela é veneno para as ervas, formigas e toupeiras. Alguns, para terem uma eira sólida, cobrem-na com pedras ou ainda a fazem com pedregulho batido. Alguns também cobrem as eiras, como os vagienos,¹¹³ pois entre eles com frequência ocorrem tempestades nessa época do ano. Onde ela é descoberta e o lugar é quente, deve-se fazer um guarda-sol perto da eira, onde os homens se abriguem ao meio-dia durante o verão."

LII- "É preciso que as espigas da colheita que foi a maior e a melhor sejam postas separadamente na eira, para que se tenha a melhor semente; que os grãos sejam retirados das espigas na eira. Alguns o fazem com animais de carga jungidos e um trilho. Ele é feito de uma tábua tornada áspera com pedras ou ferro, que é arrastada por animais de carga jungidos com um cocheiro ou um peso grande por cima e extrai os grãos da espiga; ou de eixos dentados com rodinhas, que chamam de "carrinho púnico"; alguém se senta nele e conduz os animais de carga que puxam, como fazem na Espanha Citerior e em outros lugares. Junto a outros, é pisado impelindo o rebanho de animais de carga e tocando-o com varas, pois os grãos são extraídos das espigas com os cascos. Tendo sido pisados, é preciso que sejam lançados da terra com joeiras ou cirandas¹¹⁴ quando sopra um vento suave. De tal modo se faz que o que é mais leve neles e é chamado de *acus* e *palea* é joeirado para fora da eira e o cereal, que é pesado, chega limpo ao cesto."

LIII- "Feita a colheita, é preciso que a respiga¹¹⁵ seja vendida, colher o restolho na sede ou, se há poucas espigas e os dias de trabalho custam caro, que sejam consumidas pelo gado. Pois se deve observar o custo, para que o gasto não supere o ganho neste ponto."

LIV- "Quando a uva estiver madura nos parreirais, é preciso que a vindima seja feita de modo que observes de que tipo de uvas e de que lugar do parreiral começa a colher. Pois a precoce e a comum, que chamam de negra, amadurece muito antes, pelo que deve ser colhida primeiro; a parte do arvoredado e do parreiral que é mais exposta ao sol também deve ter suas uvas tiradas antes da videira. Na vindima de um homem cuidadoso, a uva não só é colhida mas também escolhida; é colhida para beber, e escolhida para comer. E assim, a colhida é trazida para o terreiro de uvas, donde vai para um *dolium* vazio; a escolhida, para um cesto à parte, donde é colocada em potinhos e acumulada em *dolia* cheios de bagaços de uvas; algumas são mergulhadas em tanques dentro de ânforas besuntadas com peze e outras sobem para seu lugar na despensa. Os engaços¹¹⁶ das uvas que forem prensadas devem ser postos debaixo do feixe de lagar com as cascas, para que, se ainda restar mosto, ele seja extraído para a mesma cuba. Quando deixa de escorrer sob o feixe, alguns tiram os bagaços das beiradas em movimento circular e espremem novamente; depois de espremido novamente, é chamado de *circumsicium*¹¹⁷ e reservado à parte, porque tem gosto de ferro.

As cascas prensadas dos bagos são postas em *dolia* e junta-se água a eles; é a chamada aguapé [*lora*], pois o bagaço é lavado [*lota*], e é dada no inverno aos trabalhadores em lugar do vinho."

LV- "Deve-se antes colher que deitar abaixo as azeitonas do olival que podes tocar do chão e com a ajuda de escadas, pois a que foi batida seca e não rende tanto azeite. É melhor a que se colhe apenas com os dedos da mão do que aquela que se colhe com dedais, pois sua dureza não só arranca as azeitonas, mas ainda dilacera os ramos e deixa expostos à geada. O que não puder ser alcançado com a mão deve ser deitado abaixo de modo que seja batido com uma cana de preferência a uma vara; pois uma pancada mais forte requer um médico. Que quem deitará abaixo não bata de frente; pois, com freqüência, a oliveira batida assim perde o broto do raminho e, com isso, não dá fruto no ano seguinte. Este não é um motivo sem importância para que digam que os olivais não dão frutos em anos seguidos ou não tão grandes. A azeitona, como a uva, volta à sede pelos mesmos dois caminhos: como alimento e para que se liquêfaça e unte o corpo não só por dentro mas também por fora. E, assim, acompanha o senhor aos banhos e ao ginásio. Aquela de que se faz o azeite costuma ser empilhada por um dia no tabulado, para que amoleça razoavelmente ali e cada pilha seja primeiro distribuída dos jarros e vasos para azeitonas junto dos descaroçadores,¹¹⁸ prensas de azeitonas feitas com pedra dura e áspera. Se a azeitona colhida ficou por tempo excessivo nas pilhas, apodrece com o calor e o azeite se torna fétido. E assim, se não podes fabricar cedo, é preciso ventilar lançando nas pilhas. A azeitona rende dois produtos, o azeite: que é conhecido de todos, e a *amurca*. Como muitos ignoram sua utilidade, é possível observá-la fluindo das prensas para os campos e não só enegrecendo a terra, mas tornando-a estéril pelo excesso. Uma pequena quantidade desse líquido é de grande valor para muitas coisas e também para a agricultura, pois costuma ser derramado em torno das raízes das árvores, principalmente junto à oliveira e em todo lugar em que a erva seja daninha.

LVI- Ágrio disse: "Já há muito, sentado na sede, eu te aguardo com a chave, Estolão, para trazeres as colheitas até a sede." Ele respondeu: "Eis-me aqui, estou indo para a entrada, abre a porta. Primeiro, o feno colhido é mais bem guardado sob uma cobertura do

que empilhado, pois a forragem se torna mais agradável assim. Isso é perceptível observando o que o gado come mais de bom grado quando ambos são oferecidos."

LVII- "É preciso que o trigo seja guardado em celeiros elevados, que sejam ventilados no leste e no norte, e que nenhuma brisa úmida sopra das proximidades. As paredes e o piso devem ser revestidos com reboco de mármore, ou pelo menos com barro misturado com palhas de cereais e *amurca*, pois ela não permite que haja ratos e vermes e torna os grãos mais resistentes e firmes. Alguns espargem o próprio trigo, juntando a cerca de mil módios um quadrante¹¹⁹ de *amurca*. Outros ainda esmagam ou salpicam algo diferente, como a greda calcídica, da Cária ou o absinto,¹²⁰ bem como outros itens semelhantes. Alguns têm celeiros em covas debaixo da terra, que chamam de *sirus*, como na Capadócia ou na Trácia; outros, como no território de Cartago e de Osca, na Espanha Citerior, poços. Forram-lhes o solo com palhas e cuidam de que a umidade ou o ar não possam tocar os grãos, a não ser quando são retirados para o uso; pois onde o vento não chega não nascem gorgulhos. Guardado assim, o trigo dura por cinquenta anos e o milho miúdo, em verdade, por mais de cem. Alguns constroem celeiros elevados sobre a terra no campo, como alguns na Espanha Citerior e na Apúlia, que o vento possa refrescar não só dos lados, pelas janelas, mas também debaixo, pelo chão. As favas e os 'legumes' são conservados em ótimo estado e por longo tempo em vasos para azeitonas vedados com cinzas."

LVIII- "Catão diz que as uvas amíncias pequenas, grandes e a apícia se conservam do modo mais conveniente em potes; as mesmas se conservam corretamente em vinho reduzido e mosto; as mais favoráveis à secagem são as duras e amíncias."¹²¹

LIX- "Dos frutos de conserva, julga-se que as maçãs estrúcias, os marmelos, as maçãs escancianas, as maçãs escaudianas, as arredondadas e as que antes chamavam de *mustea*¹²² e agora chamam de *melimela*¹²³ são todos bem conservados num lugar seco e frio, postos sobre palhas. E, por isso, os que fazem fruteiros cuidam de que tenham janelas voltadas para o Aquilão e de que sejam ventilados, mas não sem portinholas, para que, quando perderem umidade, não se tornem murchos com o vento constante; por isso, fazem

abóbadas, paredes e pisos de reboco no local para que seja mais frio. Alguns também costumam dispor leitos ali para jantar. Com efeito, quanto aos que o luxo permitir que o façam numa pinacoteca, espetáculo dado pela arte, por que não se serviriam do que é dado pela natureza na beleza ordenada dos frutos? Sobretudo quando se deve evitar agir como alguns, que trouxeram frutos comprados em Roma para um fruteiro [*oporothea*] arrumado no campo por causa de um banquete. No fruteiro, alguns julgam que os frutos ficam suficientemente bem arrumados em tabuleiros de reboco, outros em camas de palha ou mesmo em flocos de lã; as maçãs púnicas, com os ramos enfiados em *dolia* de areia, os marmelos e as maçãs estrútiás em cestos pendurados; mas as pêras sementivas anicianas ficam guardadas em vinho reduzido; alguns conservam as sorvas¹²⁴ dessecadas e curtidas ao sol, como as pêras; as sorvas conservam-se facilmente sozinhas onde quer que sejam colocadas em lugar seco; que se conserve o rábão fatiado em mostarda e as nozes na areia. Conserva também na areia as maçãs púnicas apanhadas há pouco e as maduras. Porás num pote sem fundo as verdes unidas a seus ramos; se as enterrares e cobrires seus ramos para que nenhum ar de fora alcance, não só saem intactas, mas ainda maiores do que jamais penderam na árvore."

LX- "Catão escreve que as azeitonas para comer, orquitas e páusias, são muito bem conservadas verdes em salmoura ou esmagadas em lentisco. As orquitas negras e secas, se forem esfregadas com sal por cinco dias e, removendo-se o sal, postas ao sol por dois dias, costumam permanecer em bom estado; as mesmas são conservadas corretamente sem sal em vinho cozido."¹²⁵

LXI- "Os experientes na agricultura guardam tanto a *amurca* quanto o azeite ou o vinho em *dolia*. Sua conservação: quando foi espremida e escorre, logo se cozem dois terços dela e é guardada fria em vasos. Há ainda outros métodos de conservar, como aquele em que se junta ao mosto."

LXII- "Como ninguém guarda o fruto a não ser para expô-lo, umas poucas observações devem ser feitas a esse respeito, ou do sexto estágio. O que se guardou é

exposto porque deve ser protegido, usado ou vendido. Como os itens são diferentes entre si, deve-se protegê-los e usar em épocas diferentes."

LXIII- "O cereal que os gorgulhos começam a devorar deve ser exposto para protegê-lo. Quando está exposto, é preciso pôr pratos com água ao sol, pois os gorgulhos afluem para lá e acabam morrendo sozinhos. Os que têm cereais sob a terra no que chamam de *sirus* devem retirá-los um pouco depois de abri-los, porque é perigoso entrar neles logo que são abertos: alguns se asfixiaram por isso. A espelta que guardares na espiga durante a colheita e quiseses preparar para usar como alimento deve ser exposta no inverno, para que seja moída no moinho e tostada."

LXIV- "Depois de extraídas das azeitonas, guarda-se a *amurca* (que é um líquido aguacento) e a borra num vaso de barro. Alguns costumam preservá-las assim: depois de quinze dias, o que é leve e fica à tona é soprado, passando-se o líquido para outros vasos; repita-se o mesmo em intervalos iguais por doze vezes nos seis meses seguintes. A última passagem ocorre de preferência na lua minguante. Então, fervem-nas em tachos ao fogo suave até reduzi-la a duas partes. Só então podem ser retiradas para o uso correto."

LXV- "O mosto que é guardado num *dolium* para que tenhamos vinho não deve ser retirado enquanto fermenta nem mesmo quando chegou ao ponto de ter-se transformado em vinho. Se quiseses beber envelhecido, não é possível antes de um ano; só então deve ser usado. Se de fato é daquele tipo de uva que fermenta depressa, é preciso que seja consumido ou vendido antes da vindima. Há tipos de vinho, entre os quais o de Falerno, que têm mais valor quanto maior o número de anos pelos quais ficaram guardados."

LXVI- "Se retirares rapidamente as azeitonas brancas de conserva, saberão mal pelo amargor; o mesmo se dá com as negras, a não ser que antes as curtas em sal para que sejam aceitas de bom grado pelo paladar."

LXVII- "Quanto mais cedo retirares a noz, a tâmara e o figo sabino, melhor sua qualidade, pois ao envelhecer o figo amarelece, a tâmara apodrece e a noz seca."

LXVIII- "As frutas pendentes, como as uvas, as maçãs e as sorvas, mostram por si só quando é preciso que sejam retiradas para o consumo, pois, mudando-se a cor e encolhendo-se os bagos, ameaçam muitas vezes vir abaixo em queda se não as retirares para comer. É preciso que a sorva madura e amolecida seja retirada mais cedo; a que é verde e fica pendente é mais lenta, pois tende, antes de amolecer, a atingir na sede um grau de maturidade que não pode na árvore."

LXIX- "A espelta colhida que desejais ter à disposição para usar como alimento deve ser exposta no inverno para ser torrada no moinho; a que é para a sementeira deve ser exposta quando as searas estão prontas para recebê-la. Os demais tipos de sementes também devem ser expostos cada um a seu tempo. Quanto ao que deve ser vendido, deve-se observar o que é preciso expor em cada época; expõe e vende rapidamente o que não pudes esperar antes de estragar-se, mas vende o que pode ser conservado quando tem bom preço. Pois, com freqüência, o que se conserva mais longamente não só aumenta o rendimento, mas ainda faz dobrar os lucros se é exposto no momento certo."

Enquanto ele dizia essas coisas, vem o liberto do *aeditumus* chorando até nós e pede que perdoemos pelo fato de termos ficado retidos e que no dia seguinte compareçamos a um funeral por ele. Todos nos erguemos e gritamos ao mesmo tempo: "O quê?" "A um funeral?" "Que funeral?" "Que aconteceu?" Chorando, ele conta que seu patrono, atingido com uma faca por um desconhecido, caiu ao chão; embora estivesse na turba, não o pôde distinguir, mas apenas ouviu dizer que se cometera um engano. Como ele mesmo carregou o patrono para casa e mandou que os escravos buscassem um médico e o trouxessem logo, era justo que lhe fosse perdoado ter-se ocupado daquilo antes de vir até nós. Se não pôde salvá-lo nem evitar que expirasse não muito depois, julgava que agira corretamente. Sem nos aborrecermos com ele, afastamo-nos do templo e, mais lamentando as vicissitudes da vida humana do que admirando que aquilo acontecesse em Roma, separamo-nos todos."

-
- ¹ *Fundânia*: Varrão dirige-se, aqui, à esposa.
- ² *Sibila*: trata-se de uma profetisa. Na Antigüidade, os chamados livros sibilinos eram tidos em grande respeito pelos romanos. Suetônio (cf. *Vita Augusti* XXXI) menciona que, dentre todos os livros proféticos circulantes na época de Augusto, apenas esses foram salvos da destruição e conservados sob o pedestal da estátua de Apolo Palatino por ordem do *princeps*.
- ³ *Ênio*: velho poeta épico latino (nascido no séc. III a.C.).
- ⁴ *Tellus*: trata-se da Terra divinizada.
- ⁵ *Líber*: uma das denominações do deus Dioniso ou Baco, descobridor da videira e do vinho na mitologia clássica.
- ⁶ *Robigo*: entre os latinos, divindade malfazeja que fazia adoecer as searas.
- ⁷ *Flora*: divindade latina das flores.
- ⁸ *Guarda do olival*: segundo a lenda, a oliveira fora um presente de Minerva (no mundo grego, Palas Atena) aos homens.
- ⁹ *Dos jardins*: a princípio, conjectura-se que Vênus tenha sido, entre os latinos, uma divindade relacionada ao cuidado dos jardins. Posteriormente, passou a ser associada ao amor carnal.
- ¹⁰ *Linfa*: trata-se da água doce, enquanto força da natureza, divinizada.
- ¹¹ *Bom Evento*: na passagem, como o nome já faz supor, trata-se de um deus relacionado ao bom agouro.
- ¹² *Teofrasto*: (c. 371-287 a.C.) certo discípulo de Aristóteles.
- ¹³ *Hesíodo de Ascra*: (c. 700 a.C.) trata-se do célebre autor grego d'*Os trabalhos e os dias* e da *Teogonia*.
- ¹⁴ *Magão*: trata-se do maior "agrônomo" antigo; em acato à sua autoridade no assunto, o senado romano ordenou que sua obra fosse toda traduzida para o latim.
- ¹⁵ *Sede*: cf. nota 1 ao *De agri cultura*.
- ¹⁶ *Sementiuae*: Ash, citando os *Fasti* de Ovídio (cf. edição Harvard da obra de Varrão na bibliografia final, p. 166), explica que se trata de um tipo de festividade rústica posterior à sementeira.
- ¹⁷ *Aeditumus*: trata-se do guardião do templo.
- ¹⁸ *Fundânio*: Ash (cf. edição Harvard da obra de Varrão na bibliografia final, p. 166) observa que, embora os nomes dos participantes do diálogo dados daqui em diante sejam nomes romanos genuínos, têm quase sempre relação com as palavras latinas *ager* (campo) ou *fundus* (propriedade rural), de acordo com o espírito da obra.
- ¹⁹ *O romano vence sentado*: Ash (cf. edição Harvard da obra de Varrão na bibliografia final, p. 168) explica que o significado do dito seria algo como um aviso contra a perda de tempo com preliminares.
- ²⁰ *Eratóstenes*: Heurgon (cf. edição "Les Belles Lettres" da obra de Varrão na bibliografia final, p. 103) explica que se faz menção nesse trecho ao *mapa mundi* estabelecido pelo geógrafo Eratóstenes, de grande renome na Antigüidade.
- ²¹ *Pacúvio*: velho poeta trágico latino (nascido no séc. III a.C.).
- ²² *Espelta*: cf. nota 7 ao *De agri cultura*.
- ²³ *Ampelo/essa*: (gr.) "coberta de videiras".
- ²⁴ *Polu/puron*: (gr.) "rica em grãos".
- ²⁵ *Cúleo*: cf. nota 32 ao *De agri cultura*.
- ²⁶ *Lei de Estolão*: Ash (cf. edição Harvard da obra de Varrão na bibliografia final, p. 172) identifica a lei mencionada com a lei Licínia, de 367 a.C.
- ²⁷ *Stolo*: a palavra latina designa o "ladrão", broto surgido na base da planta adulta e que, acredita-se, rouba seus nutrientes.
- ²⁸ *Escrofa*: novamente, o autor põe em cena uma personagem cujo nome remete ao mundo rural, já que *scrofa* é uma das designações da porca em latim.
- ²⁹ *Luculo*: (c. 117-56 a.C.) romano afamado pelos feitos militares e pela extraordinária riqueza.
- ³⁰ *Ovo*: a primeira referência à palavra faz alusão ao fato de que, nas corridas de carros, um objeto em forma de ovo era retirado ao final de cada volta para marcá-la; além disso, a menção seguinte alude ao costume romano de iniciar os jantares comendo ovos.
- ³¹ *Villicus*: cf. nota 5 ao *De agri cultura*.
- ³² *Magister pecoris*: em latim, "mestre do rebanho"; designa o trabalhador encarregado de supervisionar a criação do gado.
- ³³ *Villa*: cf. nota 1 ao *De agri cultura*.
- ³⁴ *Dicearco*: (c. 326-296 a.C.) certo filósofo peripatético; destacou-se pela poligrafia.
- ³⁵ *Sasernas*: faz-se referência a um pai e seu filho, autores etruscos de um tratado agrícola.

- ³⁶ *Tarqüena*: o sentido exato do emprego do nome próprio no contexto não foi alcançado pelos eruditos (cf. os comentários de Ash na edição Harvard da obra de Varrão sobre as dificuldades da passagem, p. 182-183).
- ³⁷ *Placenta*: cf. *De agri cultura* LXXVI.
- ³⁸ *Libum*: cf. *De agri cultura* LXXV.
- ³⁹ *Salgar os pernis*: cf. *De agri cultura* CLXII.
- ⁴⁰ Cf. *De agri cultura* CLVI.
- ⁴¹ *Miasma*: na ciência dos antigos, espécie de emanção gasosa nociva.
- ⁴² *Aquilão*: vento norte.
- ⁴³ *Futw=n i(stori/a)*: (gr.) "história das plantas".
- ⁴⁴ *Futikw=n ai)ti/ai*: (gr.) "causas das plantas".
- ⁴⁵ Cf. *De agri cultura* I.
- ⁴⁶ *Módio*: cf. nota 30 ao *De agri cultura*.
- ⁴⁷ *Cebolas albarrãs*: espécie de cebola silvestre da família das liliáceas.
- ⁴⁸ Cf. *De agri cultura* I.
- ⁴⁹ *Rósea*: região próxima a Reate, cidade italiana e pátria de Varrão.
- ⁵⁰ *Tanchões*: cf. nota 31 ao *De agri cultura*.
- ⁵¹ *Empas*: empas são estacas para a sustentação de videiras.
- ⁵² *Compluium*: em sentido próprio, *compluium* era um elemento arquitetônico identificado com uma abertura no teto do átrio das casas romanas, por onde a água da chuva era recolhida para um reservatório. No contexto, trata-se de uma espécie de treliça com um vão largo no centro, para entrada de luz solar e umidade entre as videiras.
- ⁵³ *Opuli*: bordos.
- ⁵⁴ *Canusinos*: habitantes de Canúsio, certa cidade da Apúlia.
- ⁵⁵ *Pichel*: no original latino, tem-se *acratophorum*, designando uma pequena vasilha para vinho.
- ⁵⁶ *Pés*: cf. nota 11 ao *De agri cultura*.
- ⁵⁷ *Reatinos*: habitantes de Reate, a pátria de Varrão.
- ⁵⁸ *Orbis terrae*: "círculo da Terra". Os antigos imaginavam o mundo como uma espécie de disco de terra firme cercado por água; daí a expressão latina.
- ⁵⁹ *Diófanos Bitino*: certo compilador de Magão; cf. primeiro capítulo de *De re rustica* I.
- ⁶⁰ *Iugum*: cf. explicação dada por Varrão ao termo logo em seguida.
- ⁶¹ *Versus*: conforme explicado por Varrão logo abaixo, o *uersus* equivale a cem pés quadrados (correspondendo um pé a 0,29 m.).
- ⁶² *Iugerum*: ou jeira; cf. nota 3 ao *De agri cultura*.
- ⁶³ *Onça*: antiga medida agrária de superfície, a onça (lat. *uncia*) equivale à duodécima parte da jeira.
- ⁶⁴ *Sextante*: antiga medida agrária de superfície, o sextante (lat. *sextans*) equivale à sexta parte da jeira.
- ⁶⁵ *Ás*: o ás servia como unidade geral (de peso, medida e moeda) entre os latinos.
- ⁶⁶ *Administrador*: cf. nota 5 ao *De agri cultura*.
- ⁶⁷ *Villae rusticae*: cf. nota 1 ao *De agri cultura*.
- ⁶⁸ *Villae urbanae*: cf. nota 1 ao *De agri cultura*.
- ⁶⁹ *Orcae*: recipientes de argila para armazenamento; cf. nota 89 ao *De agri cultura*.
- ⁷⁰ *Dolia*: recipientes de argila para armazenamento; cf. nota 2 ao *De agri cultura*.
- ⁷¹ *Metelo*: Quinto Metelo Cipião, cônsul com Pompeu em 52 a.C.
- ⁷² *Crustumério*: certa cidade dos sabinos, nas proximidades de Roma.
- ⁷³ *Ager Gallicus*: faixa de terra situada na região itálica da Úmbria.
- ⁷⁴ *Oelies*: essa localidade não pôde ser identificada pelos filólogos.
- ⁷⁵ *Devedores insolventes*: em explicação ao termo latino correspondente - *obaerarii* -, Ash (cf. edição Harvard da obra de Varrão na bibliografia final, p. 224) explica que se trata de pessoas que pagam dívidas através do trabalho.
- ⁷⁶ *Cássio*: certo compilador de Magão; cf. primeiro capítulo de *De re rustica* I.
- ⁷⁷ *Pecúlio*: trata-se de bens concedidos aos escravos pelo senhor e por eles poupados com vistas à melhoria de sua condição econômica.
- ⁷⁸ Cf. *De agri cultura* X e XI.
- ⁷⁹ *Sacharam*: cf. nota 57 ao *De agri cultura*.
- ⁸⁰ Cf. *De agri cultura* X.
- ⁸¹ *Rabiça*: espécie de guidão do arado, por onde é manejado.

-
- ⁸² *Trilho*: utensílio agrícola para debulhar cereais.
- ⁸³ *Joeiras*: peneiras para separar o joio do trigo.
- ⁸⁴ Cf. *De agri cultura* X.
- ⁸⁵ Cf. *De agri cultura* XI.
- ⁸⁶ *Giesta*: cf. nota 33 ao *De agri cultura*.
- ⁸⁷ *Ferrã*: plantação mista de cevada com outros grãos, dada como forragem aos animais.
- ⁸⁸ *Ervilhaca*: cf. nota 50 ao *De agri cultura*.
- ⁸⁹ *Luzerna*: planta forrageira da família das leguminosas.
- ⁹⁰ *Codesso*: arbusto ornamental da família das leguminosas.
- ⁹¹ *Ferraduras para os bois*: trata-se, na verdade, de protetores para as patas dos animais, feitos com fibras naturais trançadas.
- ⁹² Cf. *De agri cultura* VI.
- ⁹³ *Favônio*: cf. nota 16 ao *De agri cultura*.
- ⁹⁴ Cf. *De agri cultura* VI; a quebra se deve a uma lacuna nos manuscritos varronianos.
- ⁹⁵ *Calendário oficial*: Ash (cf. a edição Harvard da obra de Varrão, p. 248) menciona que se trata do calendário Juliano, oficializado em Roma no ano de 45 a.C.
- ⁹⁶ *Equinócio de primavera*: cf. nota 65 ao *De agri cultura*.
- ⁹⁷ *Solstício*: cf. nota 46 ao *De agri cultura*.
- ⁹⁸ *Canícula*: estrela da constelação do Cão Maior.
- ⁹⁹ *Algarroba*: planta forrageira da família das leguminosas.
- ¹⁰⁰ *Arcturo*: estrela Alfa da constelação do Boieiro.
- ¹⁰¹ (*/Enh kai\ ne/a*: (gr.) "velha e nova". Alusão ao fato de que, no dia em questão, ocorre o último dia da lua minguante e o primeiro da lua crescente.
- ¹⁰² *Triaka/j*: (gr.) "trigésimo".
- ¹⁰³ *Lua Jana*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Varrão, p. 260), paira indecisão a respeito da divindade feminina associável a esse epíteto lunar: tratar-se-ia de uma variação de Diana ou do feminino de Jano?
- ¹⁰⁴ *Cúbitos*: antiga medida de comprimento, o cúbito equivale aproximadamente a 0,44 m.
- ¹⁰⁵ *Anaxágoras*: (c. 500-428 a.C.) filósofo jônio e mestre de Péricles, o estadista ateniense.
- ¹⁰⁶ *Esses últimos disseram...*: trata-se, aqui, de uma mera tentativa de aproximação dos sentidos da passagem original, confusa e diversamente interpretada pelos filólogos (cf. comentário de Ash na edição Harvard da obra de Varrão, p. 268-269).
- ¹⁰⁷ *Macieira púnica*: romãzeira.
- ¹⁰⁸ *Trigo candial*: cf. nota 58 ao *De agri cultura*.
- ¹⁰⁹ *Veruactum*: segundo Ash (cf. edição Harvard da obra de Varrão na bibliografia final, p. 274), trata-se do solo estorroadado e deixado em repouso.
- ¹¹⁰ *Heliotropia*: girassóis.
- ¹¹¹ *Evêmero*: (c. 300 a.C.) filósofo grego e teorizador da origem dos deuses mitológicos pela deificação póstuma de benfeitores humanos do passado.
- ¹¹² *Amurca*: cf. nota 29 ao *De agri cultura*.
- ¹¹³ *Vagienos*: certo povo da Ligúria, na Itália.
- ¹¹⁴ *Cirandas*: peneiras grandes e grossas.
- ¹¹⁵ *Respiga*: a parte das espigas que restou no campo após a colheita.
- ¹¹⁶ *Engaços*: parte ramificada dos cachos de uvas, a que se prendem os bagos.
- ¹¹⁷ *Circumsicium*: em latim, "cortado em volta", em referência ao processo tratado na passagem (a ser evitado para que o vinho não saiba a ferro).
- ¹¹⁸ *Descaroçadores*: cf. nota 8 ao *De agri cultura*.
- ¹¹⁹ *Quadrante*: cf. nota 25 ao *De agri cultura*.
- ¹²⁰ *Absinto*: cf. nota 121 ao *De agri cultura*.
- ¹²¹ Cf. *De agri cultura* VII.
- ¹²² *Mustea*: *mustum*, em latim, é o sumo da uva (não fermentado ainda); assim, um fruto designado com essa palavra indica que se tratava de algo suculento.
- ¹²³ *Melimela*: do grego *meli/mhlon*; designa um fruto muito doce, já que a palavra contém em si a raiz da palavra "mel" (*mē/li*) nessa língua.
- ¹²⁴ *Sorva*: cf. nota 21 ao *De agri cultura*.

¹²⁵ *De agri cultura* VII.

Apêndice: passagens dos textos utilizados para a análise (p. 259ss.)¹

1) Varrão: *De re rustica* III XVI 12-17/ III XVI 27 (localização da colméia)

III XVI 12-17. *Ille, melittonas ita facere oportet, quos alii melitrophia appellant, eandem rem quidam mellaria. Primum secundum uillam potissimum, ubi non resonent imagines (hic enim sonus harum fugae existimatur esse protelum), esse oportet aere temperato, neque aestate feruido neque hieme non aprico, ut spectet potissimum ad hibernos ortus, qui prope se loca habeat ea, ubi pabulum sit frequens et aqua pura. Si pabulum naturale non est, ea oportet dominum serere, quae maxime secuntur apes. Ea sunt rosa, serpyllon, apiastrum, papauer, faba, lens, pisum, ocimum, cyperum, medice, maxime cytisum, quod minus ualentibus utilissimum est. Etenim ab aequinoctio uerno florere incipit et permanet ad alterum aequinoctium. Sed ut hoc aptissimum ad sanitatem apium, sic ad mellificium thymum. Propter hoc Siculum mel fert palmam, quod ibi thymum bonum frequens est. Itaque quidam thymum contundunt in pila et diluunt in aqua tepida; eo conspergunt omnia seminaria consita apium causa. Quod ad locum pertinet, hoc genus potissimum eligendum iuxta uillam, non quo non in uillae porticu quoque quidam, quo tutius esset, aluarium collocarint. Vbi sint, alii faciunt ex uiminibus rutundas, alii e ligno ac corticibus, alii ex arbore caua, alii fictiles, alii etiam ex ferulis quadratas longas pedes circiter ternos, latas pedem, sed ita, ubi parum sunt quae compleant, ut eas conangustent, in uasto loco inani ne despondeant animum. Haec omnia uocant a mellis alimonio aluos, quas ideo uidentur medias facere angustissimas, ut figuram imitentur earum. Vitiles fimo bubulo oblinunt intus et extra, ne asperitate absterreantur, easque aluos ita collocant in mutulis parietis, ut ne agitentur neue inter se contingant, cum in ordinem sint positae. Sic interuallo interposito alterum et tertium ordinem infra faciunt et aiunt potius hinc demi oportere, quam addi quartum. Media aluo, qua introeant apes, faciunt foramina parua dextra ac sinistra. Ad extremam qua mellarii fauum eximere possint, opercula imponunt. Alui optimae fiunt corticeae, deterrimae fictiles, quod et frigore hieme et aestate calore uehementissime haec commouentur.*

¹ A edição das obras de Catão e Varrão citadas (e por mim traduzidas) é a Harvard; quanto ao texto de Virgílio, utilizamos a edição preparada por Mynors em latim e a tradução de A. F. de Castilho em português.

III XVI 27. *Cibi pars quod potio et ea iis aqua liquida, unde bibant esse oportet, eamque propinquam, quae praeterfluat aut in aliquem lacum influat, ita ut ne altitudine escendat duo aut tres digitos; in qua aqua iaceant testae aut lapilli, ita ut extent paulum, ubi adsidere et bibere possint. In quo diligenter habenda cura ut aqua sit pura, quod ad mellificium bonum uehementer prodest.*

III XVI 12-17. Ele: "é preciso fazer as *melittonae* [colméias], que uns chamam de *melitrophia* e outros ainda de *mellaria*, assim: primeiro convém que, de preferência, situem-se perto da sede, onde o eco não ressoe (pois se julga que esse som é um sinal para voarem), em local de temperatura amena, nem escaldante no verão, nem desabrigado no inverno, que se voltem, de preferência, para o nascer do sol invernal e que haja alimento abundante e água pura por perto. Se não há naturalmente o alimento, convém que o senhor o plante, dos tipos que são mais procurados pelas abelhas. São eles: a rosa, o serpão, a melissa, a papoula, as favas, a lentilha, a ervilha, o manjerição, o juncos aromático, a alfafa e sobretudo o codesso, que é muito bom para as que estão enfraquecidas. Pois começa a florescer no equinócio da primavera e dura até o equinócio seguinte. Mas o tomilho é muito bom para a saúde das abelhas, bem como para a produção do mel. Por isso o mel siciliano é o melhor, porque lá o tomilho de boa qualidade é abundante. Assim, uns amassam o tomilho num pilão e diluem em água morna; espargem com isso todas as sementeiras plantadas por causa das abelhas. No tocante ao local, deve-se escolhê-lo de preferência tal que se encontre perto da sede; alguns ainda estabeleceram o *aluarium* [colméia] na galeria da sede para que ficasse mais seguro. (Dito) onde se localizam, uns os fazem circulares e de vime, madeira, casca, dum tronco escavado e de argila, outros ainda quadrados, de canas, com cerca de três pés de comprimento e a largura de um pé, mas de modo que, quando houver poucos para completar, ponham-nos bem juntos, a fim de não se arruinarem num espaço vasto e vazio. Chamam a isso tudo, a partir de *alimonium mellis* [alimento do mel], de *alui* [ventres, entranhas, intestinos, colméia...], e por isso parecem fazê-las muito estreitas no meio, para lhes imitarem o aspecto. Besuntam as de vime com esterco bovino por fora e por dentro para não serem repelidas pela aspereza e dispõem tais *alui* em suportes nas paredes de modo a não serem agitadas nem se tocarem, embora postas lado a lado. Assim, deixando intervalos, fazem uma segunda e uma terceira fileira embaixo e

dizem que é mais conveniente remover uma daqui do que adicionar uma quarta. No meio da *aluus*, fazem aberturas pequenas à direita e à esquerda para que as abelhas entrem. Na extremidade, por onde os apicultores possam extrair o favo, põe uma tampa. As melhores *alui* são feitas de casca, as piores de argila, porque são muito afetadas pelo frio no inverno e pelo calor no verão."

III XVI 27. "Porque a bebida é parte da alimentação e, no caso das abelhas, consiste em água pura, é preciso que a haja para beberem e que se localize nas proximidades; deve correr ou despejar-se num lago, de modo a não ultrapassar dois ou três dedos de profundidade; nessa água, que se ponham cacos ou pedriscos, de maneira um pouco saliente, para que aí possam pousar e beber. A esse respeito, deve-se dar toda atenção a que a água seja pura, pois é da maior importância para a produção do mel."

Virgílio: *Geórgicas* IV 18-32

at liquidi fontes et stagna uirentia musco
adsint et tenuis fugiens per gramina riuus,
palmaque uestibulum aut ingens oleaster inumbret, 20
ut, cum prima noui ducent examina reges
uere suo ludetque fauis emissa iuuentus,
uicina inuitet decedere ripa calori
obuiaque hospitiis teneat frondentibus arbos.
in medium, seu stabit iners seu profluet umor, 25
transuersas salices et grandia conice saxa,
pontibus ut crebris possint consistere et alas
pandere ad aestiuum solem, si forte morantis
sparserit aut praeceps Neptuno immerserit Eurus.
haec circum casiae uirides et olentia late 30
serpylla et grauiter spirantis copia thymbrae
floreat, inriguumque bibant uiolaria fontem.

Convém que haja por perto alguma fonte pura,
 musgoso lago ou veio argênteo entre a verdura; 30
 e à entrada um grande oleastro, ou refohuda palma,
 que esparza fresquidão quando arde em torno a calma.
 Ali hão de parar com suas novas gentes
 na amada primavera as maiores regentes,
 que dos favos natais já para a indústria idôneas 35
 se abalam procurando assento a mais colônias;
 por ali brincarão na sombra esparecida,
 depois contra o calor a beira d'água envida.
 Oh! que sítio donoso! oh! que frondente hospício!
 para um fausto emigrar, que tão risonho auspício! 40
 Ou corra, ou seja estanque a linfa convizinha,
 lançar-lhe-ás através a sua pontezinha
 de poldras, ou também de ramos de salgueiro.
 Ali hão de ir pousar-se ao raio soalheiro,
 e as asas enxugar se lhes choveu no pasto, 45
 ou Euro as fez cair naquele mar tão vasto.
 Abundem no redor as flores que ama a abelha:
 a alfazema viçosa, a ativa segurelha,
 e suave serpol, e violas, que vizinhas
 folgam d'estar sugando o humor das fontainhas. 50

2) Varrão: *De re rustica* I XL 5-6/ I XLI 1-3 (enxerto arbóreo)

I XL 5-6. *Quartum genus seminis, quod transit ex arbore in aliam, uidendum qua ex arbore in quam transferatur et quo tempore et quem ad modum obligetur. Non enim pirum recipit quercus, neque enim si malus pirum. Hoc secuntur multi, qui haruspices audiunt multum, a quibus proditum, in singulis arboribus quot genera insita sint, uno ictu tot fulmina fieri illud quod fulmen concepit. Si in pirum siluaticam inserueris pirum quamuis*

bonam, non fore tam iucundam, quam si in eam quae siluestris non sit. In quamcumque arborem inseras, si eiusdem generis est, dumtaxat ut si utraque malus, ita inserere oportet referentem ad fructum, meliore genere ut sit surculus, quam est quo ueniat arbor. Est altera species ex arbore in arborem inserendi nuper animaduersa in arboribus propinquis. Ex arbore, qua uult habere surculum, in eam quam inserere uult ramulum traducit et in eius ramo praeciso ac diffisso implicat, eum locum qui contingit, ex utraque parti quod intro est falce extenuatum, ita ut ex una parti quod caelum uisurum est corticem cum cortice exaequatum habeat. Eius ramuli, quem inseret, cacumen ut directum sit ad caelum curat. Postero anno, cum comprehendit, unde propagatum est, ab altera arbore praecidit.

I XLI 1-3. *Quo tempore quaeque transferas, haec in primis uidenda, quae prius uerno tempore inserebantur, nunc etiam solstitiali, ut ficus, quod densa materia non est et ideo sequitur caldorem. A quo fit ut in locis frigidis ficeta fieri non possint. Aqua recenti insito inimica; tenellum enim cito facit putre. Itaque caniculae signo commodissime existimatur ea inseri. Quae altem natura minus sunt mollia, uas aliquod supra alligant, unde stillet lente aqua, ne prius exarescat surculus, quam colescat. Cuius surculi corticem integrum seruandum et eum sic exacuendum, ut non denudes medullam. Ne extrinsecus imbres noceant aut nimius calor, argila oblinendum ac libro obligandum. Itaque uitem triduo antequam inserant desecant, ut qui in ea nimius est umor defluat, antequam inseratur; aut in quam inserunt, in ea paulo infra, quam insitum est, incidunt, qua umor aduenticius effluere possit. Contra in fico et malo punica, et siquae etiam horum natura aridiora, continuo. In aliis translationibus uidendum ut quod transferat cacumen habeat gemmam, ut in ficis.*

I XL 5-6. "Quanto ao quarto meio de propagação, que é passado de uma árvore para outra, deve-se observar de qual árvore para qual se transplanta e em que tempo e como é enxertado. Pois o carvalho não aceita a pereira, ainda que a macieira aceite a pereira. Muitos que acreditam seriamente nos harúspices dão importância a isso; esses últimos disseram que, com quantos tipos uma árvore for enxertada, em tantos um raio se divide por vez ao golpear a árvore atingida. Se enxertares a pereira numa pereira silvestre, por mais que essa seja boa, não vai adaptar-se tão bem quanto se a enxertares numa que não seja

silvestre. Em qualquer árvore que enxertares, se são do mesmo tipo (por exemplo, ambas macieiras), é preciso fazê-lo com vistas ao fruto, de modo que o ramo seja de uma cepa melhor do que a da árvore para onde vem. Há uma outra maneira de enxerto de uma árvore para outra descoberto há pouco, mas é preciso que sejam próximas. Traz-se um raminho da árvore de que se deseja tomar o ramo para aquela em que se deseja enxertar e introduz-se num galho cortado e fendido; esse raminho que é introduzido deve tocar o local e ser afilado de ambos os lados com um podão, de modo que o lado que for voltar-se para cima tenha a casca acertada com a casca. Cuida de que a ponta desse raminho que for enxertado fique voltada para cima. No ano seguinte, quando pegar, corta-o da árvore de que proveio."

I XLI 1-3. "Quanto à época de transplantar cada item, estes pontos devem ser observados em primeiro lugar: o que era enxertado antes, na primavera, agora também é enxertado no verão, a exemplo da figueira, porque sua madeira não é compacta e por isso exige clima quente. É por isso que, em lugares frios, não se podem fazer plantações de figos. A água é danosa a um enxerto recente, pois em pouco tempo faz apodrecer um brotinho. E assim, julga-se que se fazem os enxertos do modo mais conveniente sob a constelação do Cão. Quanto às que são menos macias por natureza, prende-se um vaso por sobre elas para que a água goteje aos poucos e o ramo não seque antes de fundir-se à árvore. Deve-se conservar a casca desse ramo intacta e de tal modo afilá-lo que não exponhas o cerne. Para que as chuvas ou o calor excessivo não danifiquem por fora, deve-se besuntar com argila e atar com casca. E assim, cortam a videira três dias antes de enxertar, para que sua umidade excessiva saia antes disso; ou fazem um corte no galho que recebeu o enxerto um pouco abaixo do enxerto, por onde a umidade de fora possa escoar. Por outro lado, a figueira, a macieira púnica e, eventualmente, alguma outra planta de natureza mais seca, sem demora. Nos outros transplantes, deve-se observar que o ramo que é enxertado tenha um olho, como nas figueiras."

Catão: *De agri cultura* XL 1-4/ XLI 1-4/ XLII

XL 1-4. *Ficos, oleas, mala, pira, uites inseri oportet luna silenti post meridiem sine uento austro. Oleas, ficos, pira, mala hoc modo inserito. Quem ramum insiturus eris,*

praecidito, inclinato aliquantum, ut aqua defluat; cum praecides, caueto ne librum conuellas. Sumito tibi surculum durum, eum praeacuito, salicem Graecam discindito. Argillam uel cretam coaddito, harenae paululum et fimum bubulum, haec una bene condepsito, quam maxime uti lentum fiat. Capito tibi scissam salicem, ea stirpem praecisum circumligato, ne liber frangatur. Vbi id feceris, surculum praeacutum inter librum et stirpem artito primoris digitos II. Postea capito tibi surculum, quod genus inserere uoles, eum primorem praeacuito oblicum primoris digitos II. Surculum aridum, - quem artiueris, eximito, eo artito surculum, quem inserere uoles. Librum ad librum uorsum facito, artito usque adeo, quo praeacueris. Idem alterum surculum, tertium, quartum facito; quot genera uoles, tot indito. Salicem Graecam amplius circumligato, luto depsto stirpem oblinito digitos crassum tres. Insuper lingua bubula obtegito, si pluat, ne aqua in librum permanet. Eam linguam insuper libro alligato, ne cadat. Postea stramentis circumdato alligatoque, ne gelus noceat.

XLI 1-4. Vitis insitio una est per uer, altera est cum uua floret, ea optima est. Pirorum ac malorum insitio per uer et per solstitium dies L et per uindemiam. Oleae et ficorum insitio est per uer. Vitem sic inserito: praecidito quam inseres, eam mediam diffindito per medullam; eo surculos praeacutos artito; quos inseres, medullam cum medulla componito. Altera insitio est: si uitis uitem continget, utriusque uitem teneram praeacuito, obliquo inter sese medullam cum medulla libro conligato. Tertia insitio est: terebra uitem quam inseres pertundito, eo duos surculos uitigineos, quod genus esse uoles, insectos obliquos artito ad medullam; facito iis medullam cum medulla coniungas artitoque ea qua terebraueris alterum ex altera parte. Eos surculos facito sint longi pedes binos, eos in terram demittito replicatoque ad uitis caput, medias uitis uinclis in terram defigito terraque operito. Haec omnia luto depsto oblinito, alligato integitoque ad eundem modum, tamquam oleas.

XLII. Ficos et oleas altero modo. Quod genus aut ficum aut oleam esse uoles, inde librum scalpro eximito, alterum librum cum gemma de eo fico, quod genus esse uoles, eximito, adponito in eum locum unde exicaueris in alterum genus facitoque uti conueniat.

Librum longum facito digitos III S, latum digitos III. Ad eundem modum oblinito, integito, uti cetera.

XL 1-4. É preciso que as figueiras, oliveiras, árvores frutíferas, pereiras e videiras sejam enxertadas no interlúnio, à tarde e sem que haja o Austro. Enxerta as oliveiras, figueiras, pereiras e árvores frutíferas assim: corta na ponta o galho em que vais enxertar e verga-o um pouco, para que a água escoe; ao cortares, cuidado para não dilacerar a casca. Toma um ramo rijo e afila-o na ponta; trunca o salgueiro grego. Usa argila ou greda, um pouco de areia e esterco de boi e mistura bem, de modo a tornar a mistura o mais pastosa possível. Toma o ramo truncado de salgueiro e ata-o em volta do galho cortado para que a casca não se dilacere. Quando o tiveres feito, introduze o ramo pontiagudo entre a casca e a madeira com a profundidade de duas pontas de dedos. Em seguida, toma o ramo da espécie que desejás enxertar e afila-o obliquamente na extremidade pelo equivalente a duas pontas de dedos. Remove o ramo seco que introduziste e introduze o ramo que queres enxertar. Deixa a casca voltada para a casca e prende-o, inserindo totalmente a ponta. Procede similarmente com um segundo, terceiro e quarto ramos; fazes a enxertia com quantas espécies desejares. Em volta, prende mais com o salgueiro grego e besunta o galho com a pasta na espessura de três dedos. Cobre tudo com língua-de-boi para que a água não permaneça na casca se chover. Prende a língua-de-boi com a casca para que não caia. Em seguida, envolve com palha e prende, para que o gelo não danifique.

XLI 1-4. Há duas épocas para enxertar a videira: uma delas, na primavera; a outra, na florada das videiras – essa é a melhor. A enxertia das pereiras e macieiras ocorre na primavera, por cinquenta dias durante o solstício e durante a vindima. A enxertia das oliveiras e figueiras ocorre na primavera. A enxertia da videira é feita assim: corta a ponta do galho a enxertar-se e racha-o ao meio pelo cerne; prende aí os ramos de ponta afilada; ao enxertar, liga cerne com cerne. A segunda forma de enxertia é esta: se uma videira tocar outra videira, aguça um ramo novo de ambas as videiras e liga-lhes cerne com cerne obliquamente com a casca. A terceira é esta: perfura a videira em que enxertas com uma verruma; introduze aí dois ramos de videira cortados obliquamente (do tipo que quiseses) até o cerne; esforça-te por ligar cerne com cerne e introduze pelo furo cada qual dum lado.

Faze com que esses ramos tenham o comprimento de dois pés; baixa-os à terra e verga para a cepa da videira; prende no chão o meio das videiras com forquilhas e cobre com terra. Besunta tudo isso com a pasta, ata e cobre do mesmo modo que as oliveiras.

XLII. Há outro modo para as figueiras e oliveiras: retira a casca de quaisquer tipos de figueira ou oliveira que desejares com uma faca; retira um outro pedaço de casca com broto de um tipo de figueira que desejares e deposita-o na árvore de outra espécie, onde cortaste, ajustando-o. A casca deve ter o comprimento de três dedos e meio e a largura de três. Besunta do mesmo modo e cobre como os demais.

Virgílio: *Geórgicas* II 69-82

*inseritur uero et fetu nucis arbutus horrida,
et steriles platani malos gessere ualentis, 70
castaneae fagos; ornusque incanuit albo
flore piri glandemque sues fregere sub ulmis.
nec modus inserere atque oculos imponere simplex.
nam qua se medio trudunt de cortice gemmae
et tenuis rumpunt tunicas, angustus in ipso 75
fit nodo sinus; huc aliena ex arbore germen
includunt udoque docent inolescere libro.
aut rursus enodes trunci resecantur, et alte
finditur in solidum cuneis uia, deinde feraces
plantae immittuntur: nec longum tempus, et ingens 80
exiit ad caelum ramis felicibus arbos,
miratastque nouas frondes et non sua poma.*

De nogueira se enxerta áspero medronheiro.
Alentadas maçãs dá plátano infecundo; 85
e castanhas a faia. O voraz cerdo imundo
trinca sob olmos lande, enquanto à copa do orno

a branca flor da pêra arma festivo adorno.
 Dous modos há de enxerto: um garfa; outro inocula.
 Deste direi primeiro: 90

Ao ver-se que pulula

das túnicas sutis um gomo à flor da arranca,
 faz-se-lhe uma fendinha: um gomo que se arranca
 doutra árvore diversa, é nela introduzido;
 o lentor do entrecasco o amoja; ei-lo crescido.
 Quem pretende garfar, degola o tronco liso, 95
 racha-o à cunha, fundo, e embebe-lhe o preciso
 ramo feraz. Em breve a perfilhada vara
 recresce, expande toíça, e cria a fruta rara
 que à sua própria mãe dá pasmos e ufanía.

3) Varrão: *De re rustica* I LI 1-2 (construção da eira de debulhar cereais)

I LI 1-2. *Aream esse oportet in agro sublimiori loco, quam perflare possit uentus; hanc esse modicam pro magnitudine segetis, potissimum rutundam et mediam paulo extumidam, ut, si pluerit, non consistat aqua et quam breuissimo itinere extra aream defluere possit; omne porro breuissimum in rutundo e medio ad extremum. Solida terra pauita, maxime si est argilla, ne aestu peminosa si sit, in rimis eius grana oblitescant et recipiant aquam et ostia aperiant muribus ac formicis. Itaque amurca solent perfundere, ea enim herbarum et formicarum et talparum uenenum. Quidam aream ut habeant soldam, muniunt lapide aut etiam faciunt pauimentum. Non nulli etiam tegunt areas, ut in Bagiennis, quod ibi saepe id temporis anni oriuntur nimbi. Vbi ea resecta et loca calda, prope aream faciundum umbracula, quo succedant homines in aestu tempore meridiano.*

I LI 1-2. "É preciso que a eira se localize num lugar mais elevado do campo; que nela o vento possa soprar; que ela seja proporcional ao tamanho da colheita, de preferência redonda e um pouco elevada no centro, para que, se chover, a água não fique parada e possa

sair da eira pelo caminho mais curto; todo caminho para frente é menor numa superfície redonda do centro para as bordas. Que se faça com terra sólida pisada, especialmente se é argilosa, para que, se rachar no verão, os grãos não se ocultem em suas fendas, recebam água e abram passagem aos ratos e formigas. E assim, costuma-se regá-la com a *amurca*, pois ela é veneno para as ervas, formigas e toupeiras. Alguns, para terem uma eira sólida, cobrem-na com pedras ou ainda a fazem com pedregulho batido. Alguns também cobrem as eiras, como os vagienos, pois entre eles com frequência ocorrem tempestades nessa época do ano. Onde ela é descoberta e o lugar é quente, deve-se fazer um guarda-sol perto da eira, onde os homens se abriguem ao meio-dia durante o verão."

Catão: *De agri cultura* CXXIX

CXXIX. *Aream, ubi frumentum teratur, sic facito. Confodiatur minute terra, amurca bene conspargatur et conbibat quam plurimum. Conminuito terram et cylindro aut pauicula coaequato. Vbi coaequata erit, neque formicae molestae erunt, et cum pluerit, lutum non erit.*

CXXIX. Faze a eira para debulhar o trigo assim: que a terra seja miudamente escavada, bem borrifada com a *amurca* e se impregne o mais possível. Esmaga a terra e nivela com um cilindro ou maça. Quando estiver nivelada, as formigas não causarão danos e, quando chover, não se formará lodo.

Virgílio: *Geórgicas* I 176-186.

*possum multa tibi ueterum praecepta referre,
ni refugis tenuisque piget cognoscere curas.
area cum primis ingenti aequanda cylindro
et uertenda manu et creta solidanda tenaci
ne subeant herbae neu puluere uicta fatiscat,
tum uariae inludunt pestes: saepe exiguus mus
sub terris posuitque domos atque horrea fecit,*

180

*aut oculis capti fodere cubilia talpae,
 inuentusque cauis bufo et quae plurima terrae
 monstra ferunt, populatque ingentem farris aceruum 185
 curculio atque inopi metuens formica senectae.*

Se de minúcias tais não sois muito inimigos,
 posso vos referir mil regras dos antigos:
 Logo entre as principais a construção figura
 de uma eira capaz, bem sólida, bem pura,
 toda assente a cilindro, à mão toda alisada, 225
 e com barro tenaz bem densa, bem fechada,
 porque a não ince a erva, ou grete em pó desfeita.
 Eira que assim não for a que não está sujeita!
 Ali casa e celeiro enterra o murganhinho;
 ali cega a toupeira escava, oculta o ninho, 230
 se entoca o sapo feio e quanta hedionda praga
 sob as terras se esconde, e os frutos lhes estraga:
 co'o gorgulho, a formiga, a quem velhice e fome
 alembram com terror, montes de grão consome.

4) Varrão: *De re rustica* II II 10-11 (pastoreio das ovelhas)

II II 10-11. *Eaeque ibi, ubi pascuntur in eadem regione, tamen temporibus
 distinguuntur, aestate quod cum prima luce exeunt pastum, propterea quod tunc herba
 ruscida meridianam, quae est aridior, iucunditate praestat. Sole exorto potum propellunt,
 ut redintegrantes rursus ad pastum alacriores faciant. Circiter meridianos aestus, dum
 deferuescant, sub umbriferas rupes et arbores patulas subigunt, quoad refrigeratur. Aere
 uespertino rursus pascunt ad solis occasum. Ita pascere pecus oportet, ut auerso sole agat;
 caput enim maxime ouis molle est. Ab occasu paruo interuallo interposito ad bibendum
 appellunt et rursus pascunt, quoad contenebrauit; iterum enim tum iucunditas in herba*

redintegrabit. Haec a uergiliarum exortu ad aequinoctium autumnale maxime observant. Quibus in locis messes sunt factae, inigere est utile duplici de causa: quod et caduca spica saturantur et obtrititis stramentis et stercoratione faciunt in annum segetes meliores. Reliquae pastiones hiberno ac uerno tempore hoc mutant, quod pruina iam exalata propellunt in pabulum et pascunt diem totum ac meridiano tempore semel agere potum satis habent.

II II 10-11. "Esses (rebanhos), mesmo quando pastam na mesma região, recebem cuidados diversos de acordo com a época. No verão, saem para pastar ao nascer do sol porque então a erva orvalhada é mais agradável do que ao meio-dia, quando se desseca. Impelem para a água ao nascer do sol para que, ao retornarem de novo ao pasto, deixem-nos mais contentes. No calor do meio-dia, enquanto se arrefecem, são postos sob rochedos sombreados e árvores vastas até refrescar. Pastam novamente à tarde até o pôr do sol. Convém que o rebanho se alimente de modo que o faça de costas para o sol, pois a cabeça das ovelhas é muito sensível. Chamam para beber pouco tempo depois do pôr do sol e alimentam de novo até escurecer totalmente; pois, então, de novo se restabelecerá o frescor da erva. Observam-se essas práticas especialmente do nascimento das Plêiades até o equinócio de outono. É bom conduzir o rebanho por onde se ceifou por dois motivos: alimentam-se das espigas caídas e tornam as searas melhores para o ano seguinte, triturando a palha e adubando com o esterco. Ao fazer pastar nas demais épocas, no inverno e na primavera, muda-se o seguinte: impelem para o alimento depois da secagem do orvalho, alimentam pelo dia todo e consideram bastante levar a beber uma só vez, ao meio-dia."

Virgílio: *Geórgicas* III 322-338

*at uero Zephyris cum laeta uocantibus aestas
in saltus utrumque gregem atque in pascua mittet,
Luciferi primo cum sidere frigida rura
carpamus, dum mane nouum, dum gramina canent,* 325
*et ros in tenera pecori gratissimus herba.
inde ubi quarta sitim caeli collegerit hora*

*et cantu querulae rumpent arbusta cicadae,
 ad puteos aut alta greges ad stagna iubebo
 currentem ilignis potare canalibus undam; 330
 aestibus at mediis umbrosam exquirere uallem,
 sicubi magna Iouis antiquo robore quercus
 ingentis tendat ramos, aut sicubi nigrum
 ilicibus crebris sacra nemus accubet umbra;
 tum tenuis dare rursus aquas et pascere rursus 335
 solis ad occasum, cum frigidus aera Vesper
 temperat, et saltus reficit iam roscida luna,
 litoraue alcyonen resonant, acalanthida dumi.*

Mas Zéfiro chamou-a, aí volve a primavera,
 a alegria do mundo, ei-la desencarcera
 um e outro gado, e os lança ao bosque, à pradaria!
 Assoma a estrela d'alva, e quer nascer o dia!
 Sus! para o campo fresco! aproveitar, pastores, 475
 o aljôfar da manhã que alveja nos verdores;
 co'o rocio é que é pascer.

Do sol na quarta hora,
 quando a calma sedenta os ares já devora,
 e as cigarras zunindo em queixas lastimeiras
 rompem toda a arvoreda, aturdem as silveiras, 480
 ide dessedentar a vossa grei, que abrasa,
 ou no poço do povo, ou na lagoa rasa,
 profunda e cristalina, onde a linfa vizinha
 vem lustrosa saltar dos boieiros de anzinha.
 No aceso meio-dia é procurar-lhe o couto 485
 d'algum bom vale escuro, onde negreje souto
 de sacro azinhal denso, ou contra os sóis ramudo,
 grosso roble de Jove oponha enorme escudo.

Depois tornar ainda ao claro bebedouro
e repastar de novo após que o astro d'ouro 490
levou consigo o dia. Então se desencalma
co'o bom héspero o ar; reinfunde aos bosques alma
róscida lua; canta o maçarico às vagas,
à balsa o pintassilgo. (...)

5) Varrão: *De re rustica* II V 14 (proteção contra os tavões)

II V 14. *Eas pasci oportet locis uiridibus et aquosis. Cauere oportet ne aut angustius stent aut feriantur aut concurrant. Itaque quod eas aestate tabani concitare solent et bestiolae quaedam minutae sub cauda ali, ne concitentur, aliqui solent includere saeptis. Iis substerni oportet frondem aliudue quid in cubilia, quo mollius conquiescant.*

II V 14. "É conveniente que se alimentem em lugares verdejantes e úmidos. É preciso tomar cuidado para que não se ponham em local apertado, recebam golpes ou partam umas contra as outras. E assim, porque no verão os tavões costumam provocá-las e certos animaizinhos pequenos desenvolver-se sob a cauda, alguns costumam fechá-las em cercados para que não sejam provocadas. Convém estender-lhes folhas ou algo do tipo nos leitos para repousarem mais docemente."

Virgílio: *Geórgicas* III 143-156

*saltibus in uacuis pascunt et plena secundum
flumina, muscus ubi et uiridissima gramine ripa,
speluncaeque tegant et saxea procubet umbra. 145
est lucos Silari circa ilicibusque uirentem
plurimus Alburnum uolitans, cui nomen asilo
Romanum est, oestrum Grai uertere uocantes,
asper, acerba sonans, quo tota exterrita siluis*

diffugiunt armenta; furit mugitibus aether 150
concussus silvaeque et sicci ripa Tanagri.
hoc quondam monstro horribilis exercuit iras
Inachiae Iuno pestem meditata iuuencae.
hunc quoque (nam mediis feruoribus acrior instat)
arcebis grauido pecori, armentaque pasces 155
sole recens orto aut noctem ducentibus astris.

(...) Em vez disso
 pastem na solidão da água plena, alegre, corredia;
 onde há musgo, onde abunda erva sucosa e fria,
 e lapas na ribeira, e sombras de penedos, 215
 contra as calmas abrigo e invite a sonos quedos.
 Onde o Sílaro corre e matas o sombrejam,
 e nos que ao monte Alburno azinheirais frondejam.
 Ferve o inseto, na Itália apelidado *asylo*
 (*éstron* entre os da Grécia). É desespero ouvi-lo 220
 voltear trombeteiro, e raiva quando alcança
 ferrar do assédio ao cabo a açacalada lança.
 Terra isenta não há deste áspero inimigo.
 Que alvoroço não causa em dando num pascigo!
 Foge a manada em peso, e se derrama à toa; 225
 Com mugidos o céu rebrama, a selva toa;
 e os ecos vão bramindo ao longe, d'agro em agro
 pela riba estival do árido Tanagro.
 Desta praga é que Juno outrora à Ináquia filha
 mandou suplício atroz. Caro a infeliz novilha 230
 os zelos lhe pagou: tormento por tormento!
 Dos tavões convém pois livrar o prenhe armento.
 Na força do verão, em que mais cru, mais basto
 enxameia o mosquedo, hão se deitar ao pasto

6) Varrão: *De re rustica* I XXV/ I XXVI/ I XXXI 1-4 (cultivo do parreiral)

I XXV. *Vinea quo in agro serenda sit, sic obseruandum. Qui locus optimus uino sit et ostentus soli, Aminneum minusculum et geminum eugeneum, heluium minusculum seri oportere. Qui locus crassior sit aut nebulosus, ibi Aminneum maius aut Murgentinum, Apicium Lucanum seri. Ceteras uites, et de iis miscellas maxime, in omne genus agri conuenire.*

I XXVI. *In omni uinea diligenter obseruant ut ridica uitis ad septemtrionem uersus tegatur; et si cupressos uiuas pro ridicis (quas) inserunt, alternos ordines imponunt, neque eos crescere altius quam ridicas patiuntur, neque propter eos ut adserant uites, quod inter se haec inimica.*

I XXXI 1-4. *Tertio interuallo inter uergiliarum exortum et solstitium haec fieri debent. Vineas nouellas fodere aut arare et postea occare, id est comminuere, ne sit glaeba. Quod ita occidunt, occare dictum. Vites pampinari, sed a sciente (nam id quam putare maius), neque in arbusto, sed in uinea fieri. Pampinare est e sarmento coles qui nati sunt, de iis, qui plurimum ualent, primum ac secundum, non numquam etiam tertium, relinquere, reliquos decerpere, ne relictis colibus sarmentum nequeat ministrare sucum. Ideo in uituario primitus cum exit uitis, tota resicari solet, ut firmiore sarmento e terra exeat atque in pariendis colibus uires habeat maiores. Eiuncidum enim sarmentum propter infirmitatem sterile neque ex se potest eicere uitem, quam uocant minorem flagellum, maiorem et iam unde uuae nascuntur palmam. Prior littera una mutata declinata a uenti flatu, similiter ac flabellum flagellum. Posterior, quod ea uitis immittitur ad uuas pariendas, dicta primo uidetur a pariendo parilema; exin mutatis litteris, ut in multis, dici coepta palma. Ex altera parte parit capreolum. Is est coliculus uiteus intortus, ut cincinnus. Hi sunt enim uitis quibus teneat id quo serpit ad locum capiendum, a quo capiundo capreolus dictus.*

I XXV. "Deve-se considerar assim em qual campo se deve plantar a videira: no terreno que é o melhor para as videiras e exposto ao sol, é preciso que a amínia pequena, a eugênia dupla e a parda pequena sejam plantadas. Em terreno de solo mais rico ou sujeito a nevoeiros, que se plante a amínia grande ou a murgentina, a apícia e a lucana. As outras videiras e, dentre elas, principalmente as comuns, convêm a todo tipo de campo."

I XXVI. "Cuida-se especialmente em todo parreiral de que a videira seja protegida por uma estaca do lado norte; e, caso se plantem ciprestes vivos no lugar das estacas, fazem-se fileiras alternadas, não se permite que cresçam mais alto do que as estacas nem que a videira seja plantada perto deles, pois são hostis um ao outro."

I XXXI 1-4. "No terceiro intervalo, entre o surgimento das Plêiades e o solstício, estas coisas devem acontecer: escavar ou arar junto às videiras novas e depois estorrear, isto é, esmagar para que não haja torrões. Fala-se em estorrear [*occare*] porque estorream [*occidunt*] o solo. Que as videiras sejam desfolhadas, mas por alguém experiente (pois isso é melhor do que podar), e não no arvoredor, mas no parreiral. Desfolhar é deixar, dentre os brotos que nasceram do sarmento, apenas os dois mais fortes (por vezes, mesmo um terceiro) e retirar os demais; assim, o sarmento não ficará impossibilitado de nutrir os brotos que ficarem com a seiva. Isto explica por que, logo que a videira brota no parreiral, costuma ser inteiramente cortada: para que saia da terra com um sarmento mais resistente e seja mais vigorosa ao produzir os brotos. Pois um sarmento fino é estéril por sua debilidade e não pode dar origem a uma videira, chamada de *flagellum* quando nova e de *palma* quando adulta e já deu uvas. A primeira expressão provém de *flatus uenti* [sopro de vento] pela mudança de uma letra, assemelhando-se *flagellum* a *flabellum* [leque]. A segunda, porque se deixa que uma videira produza as uvas, parece ter sido, a princípio, *parilema*, de *parere* [produzir]; daí, mudando-se as letras, como é freqüente, começou a ser chamada de *palma*. Por outro lado, produz gavinhas, que são brotos retorcidos de videira, como um caracol dos cabelos. Elas são aquilo com que a videira se segura por onde serpeia para fixar-se; fala-se, então, em *capreolus*, de *capere* [segurar]."

Catão: *De agri cultura* XXXIII 1-4

XXXIII 1-4. *Viniam sic facito uti curetur. Vitem bene nodatam deligato recte, flexuosa uti ne sit, susum uorsum semper ducito, quod eius poteris. Vinarios custodesque recte relinquito. Quam altissimam uiniam facito alligatoque recte, dum ne nimium constringas. Hoc modo eam curato. Capita uitium per sementim ablaqueato. Vineam putatam circumfodito, arare incipito, ultro citroque sulcos perpetuos ducito. Vites teneras quam primum propagato, sic occato; ueteres quam minimum castrato, potius, si opus erit, deicito biennioque post praecidito. Vitem nouellam resicari tum erit tempus, ubi ualebit. Si uinea a uite calua erit, sulcos interponito ibique uiueradicem serito, umbram ab sulcis remoueto crebroque fodito. In uinea uetere serito ocinum, si macra erit (quod granum capiat ne serito), et circum capita addito stercus, paleas, uinaceas, aliquid horum, quo rectius ualeat. Vbi uinea frondere coeperit, pampinato. Vineas nouellas alligato crebro ne caules praefringantur, et quae iam in perticam eius pampinos teneros alligato leuiter corrigitoque, uti recte spectent. Vbi uua uaria fieri coeperit, uites subligato, pampinato uuasque expellito, circum capita sarito.*

XXXIII 1-4. "Faze com que se cuide do parreiral assim: prende verticalmente a videira bem provida de nós para que não se contorça, impelindo-a sempre para cima o quanto pudes. Deixa ramos produtivos e de reserva em espaços regulares. Eleva a videira à maior altura possível e ata-a verticalmente, contanto que não a tolhas demais. Trata-a assim: durante a sementeira, ablaqueia a cepa das videiras. Escava em torno da videira que podaste, começa a arar e sulca em linha reta dum lado para outro. Põe as videiras novas em mergulhia o quanto antes e estorrea. Poda as velhas o menos possível: se for preciso, de preferência põe em mergulhia e separa dois anos depois. A hora de podar uma videira nova será quando for vigorosa. Se houver falhas no parreiral, faze sulcos de permeio e planta aí as mudas; afasta a sombra dos sulcos e escava-os com freqüência. Num parreiral velho, planta trevo se estiver esgotado (não plantes o que produza sementes) e em torno da cepa junta esterco, palha, bagaços ou algo parecido para que se revigore. Quando o parreiral começar a cobrir-se de folhas, desfolha-o. Ata serradamente as videiras novas para que os caules não se quebrem; ata com delicadeza os ramos tenros da que começa a subir pelos tanchões e endireita-os, para que se ponham retos. Quando a uva começar a variegar-se, ata as videiras por baixo, desfolha-as, expõe as uvas e sacha em torno da cepa.

Corta o salgueiro a seu tempo, remove-lhe a casca e ata firmemente. Conserva a casca; quando for necessária para o parreiral, lança por isso parte dela à água e ata. Guarda varas para fazer cestos."

Virgílio: *Geórgicas* II 259-419

*his animaduersis terram multo ante memento
excoquere et magnos scrobibus concidere montis,* 260
*ante supinatas Aquiloni ostendere glaebas
quam laetum infodias uitis genus. optima putri
arua solo: id uenti curant gelidaeque pruinae
et labefacta mouens robustus iugera fossor.
at si quos haud ulla uiros uigilantia fugit,* 265
*ante locum similem exquirunt, ubi prima paretur
arboribus seges et quo mox digesta feratur,
mutatam ignorent subito ne semina matrem.
quin etiam caeli regionem in cortice signant,
ut, quo quaeque modo steterit, qua parte calores* 270
*austrinos tulerit, quae terga obuerterit axi,
restituant: adeo in teneris consuescere multum est.
collibus an plano melius sit ponere uitem,
quaere prius. si pinguis agros metabere campi,
densa sere (in denso non segnior ubere Bacchus);* 275
*sin tumulis accliue solum collisque supinos,
indulge ordinibus; nec setius omnis in unguem
arboribus positis secto uia limite quadret:
ut saepe ingenti bello cum longa cohortis
explicuit legio et campo stetit agmen aperto,* 280
*derectaeque acies ac late fluctuat omnis
aere renidenti tellus, necdum horrida miscent
proelia, sed dubius mediis Mars errat in armis.*

omnia sint paribus numeris dimensa uiarum,
non animum modo uti pascat prospectus inanem, 285
sed quia non aliter uiris dabit omnibus aequas
terra, neque in uacuum poterunt se extendere rami.
forsitan et scrobibus quae sint fastigia quaeras.
ausim uel tenui uitem committere sulco;
altior ac penitus terrae defigitur arbor, 290
aesculus in primis, quae quantum uertice ad auras
aetherias, tantum radice in Tartara tendit.
ergo non hiemes illam, non flabra neque imbres
conuellunt: immota manet multosque nepotes,
multa uirum uolens durando saecula uincit, 295
tum fortis late ramos et bracchia tendens
huc illuc media ipsa ingentem sustinet umbram.
neue tibi ad solem uergant uineta cadentem,
neue inter uitis corylum sere, neue flagella
summa pete aut summa defringe ex arbore plantas 300
(tantus amor terrae), neu ferro laede retunso
semina, neue oleae siluestris insere truncos.
nam saepe incautis pastoribus excidit ignis,
qui furtim pingui primum sub cortice tectus
robora comprehendit, frondesque elapsus in altas 305
ingentem caelo sonitum dedit; inde secutus
per ramos uictor perque alta cacumina regnat,
et totum inuoluit flammis nemus et ruit atram
ad caelum picea crassus caligine nubem,
praesertim si tempestas a uertice siluis 310
incubuit, glomeratque ferens incendia uentus.
hoc ubi, non a stirpe ualent caesaeque reuerti
possunt atque ima similes reuirescere terra;
infelix superat foliis oleaster amaris.

nec tibi tam prudens quisquam persuadet auctor 315
tellurem Borea rigidam spirante mouere.
rura gelu tum claudit hiems, nec semine iacto
concretam patitur radicem adfigere terrae.
optima uinetis satio, cum uere rubenti
candida uenit auis longis inuisa colubris 320
prima uel autumnī sub frigora, cum rapidus Sol
nondum hiemem contingit equis, iam praeterit aestas.
uer adeo frondi nemorum, uer utile siluis,
uere tument terrae et genitalia semina poscunt.
tum pater omnipotens fecundis imbribus Aether 325
coniugis in gremium laetae descendit, et omnis
magnus alit magno commixtus corpore fetus.
auia tum resonant auibus uirgulta canoris,
et Venerem certis repetunt armenta diebus;
parturit almus ager Zephyrique tepentibus auris 330
laxant arua sinus; superat tener omnibus umor,
inque nouos soles audent se gramina tuto
credere, nec metuit surgentis pampinus Austros
aut actum caelo magnis Aquilonibus imbrem,
sed trudit gemmas et frondes explicat omnis. 335
non alios prima crescentis origine mundi
inluxisse dies aliumue habuisse tenorem
crediderim: uer illud erat, uer magnus agebat
orbis et hibernis parcebant flatibus Euri,
cum primae lucem pecudes hausere, uirumque 340
terrea progenies duris caput extulit aruis,
immissaeque ferae siluis et sidera caelo.
nec res hunc tenerae possent perferre laborem,
si non tanta quies iret frigusque caloremque
inter, et exciperet caeli indulgentia terras. 345

*quod superest, quaecumque premes uirgulta per agros
 sparge fimo pingui et multa memor occule terra,
 aut lapidem bibulum aut squalentis infode conchas;
 inter enim labentur aquae, tenuisque subibit
 halitus, atque animos tollent sata. iamque reperti 350
 qui saxo super atque ingentis pondere testae
 urgerent: hoc effusos munimen ad imbris,
 hoc, ubi hiulca siti findit Canis aestifer arua.
 seminibus positis superest diducere terram
 saepius ad capita et duros iactare bidentis, 355
 aut presso exercere solum sub uomere et ipsa
 flectere luctantis inter uineta iuuencos;
 tum leuis calamos et rasae hastilia uirgae
 fraxineasque aptare sudes furcasque ualentis,
 uiribus eniti quarum et contemnere uentos 360
 adsuescant summasque sequi tabulata per ulmos.
 ac dum prima nouis adolescit frondibus aetas,
 parcendum teneris, et dum se laetus ad auras
 palmes agit laxis per purum immissus habenis,
 ipsa acie nondum falcis temptanda, sed uncis 365
 carpendae manibus frondes interque legendae.
 inde ubi iam ualidis amplexae stirpibus ulmos
 exierint, tum stringe comas, tum bracchia tonde
 (ante reformidant ferrum), tum denique dura
 exerce imperia et ramos compesce fluentis. 370
 texendae saepes etiam et pecus omne tenendum,
 praecipue dum frons tenera imprudensque laborum;
 cui super indignas hiemes solemque potentem
 siluestres uri adsidue capreaeque sequaces
 inludunt, pascuntur oues auidaeque iuuencae. 375
 frigora nec tantum cana concreta pruina*

*aut grauis incumbens scopulis arentibus aestas,
 quantum illi nocuere greges durique uenenum
 dentis et admorsu signata in stirpe cicatrix.
 non aliam ob culpam Baccho caper omnibus aris 380
 caeditur et ueteres ineunt proscaenia ludi,
 praemiaque ingeniis pagos et compita circum
 Thesidae posuere, atque inter pocula laeti
 mollibus in pratis unctos saluere per utres;
 nec non Ausonii, Troia gens missa, coloni 385
 uersibus in comptis ludunt risuque soluto,
 oraque corticibus sumunt horrenda cauatis
 et te, Bacche, uocant per carmina laeta, tibi
 oscilla ex alta suspendunt mollia pinu.
 hinc omnis largo pubescit uinea fetu, 390
 complentur uallesque cauae saltusque profundi
 et quocumque deus circum caput egit honestum.
 ergo rite suum Baccho dicemus honorem
 carminibus patriis lancesque et liba feremus,
 et ductus cornu stabit sacer hircus ad aram 395
 pinguiaque in ueribus torrebimus exta columnis.
 est etiam ille labor curandis uitibus alter,
 cui numquam exhausti satis est: namque omne quotannis
 terque quaterque solum scindendum glaebaque uersis
 aeternum frangenda bidentibus, omne leuandum 400
 fronde nemus. redit agricolis labor actus in orbem,
 atque in se sua per uestigia uoluitur annus.
 ac iam olim, seras posuit cum uinea frondes
 frigidus et siluis Aquillo decussit honorem,
 iam tum acer curas uenientem extendit in annum 405
 rusticus, et curuo Saturni dente relictam
 persequitur uitem attondens fingitque putando.*

primus humum fodito, primus deuecta cremato
sarmenta, et uallos primus sub tecta referto;
postremus metito. bis uitibus ingruit umbra, 410
bis segetem densis obducunt sentibus herbae;
durus uterque labor: laudato ingentia rura,
exiguum colito. nec non etiam aspera rusti
uimina per siluam et ripis fluuialis harundo
caeditur, incultique exercet cura salicti. 415
iam uinctae uites, iam falcem arbusta reponunt,
iam canit effectos extremus uinitor antes;
sollicitanda tamen tellus puluisque mouendus
et iam maturis metuendus Iuppiter uuis.

Sabido bem tudo isto, agora outra advertência: 305
 Cumpre a terra cozer com grande antecedência:
 dar cava funda ao monte, e a leiva que arrancares
 revirá-la de avesso aos aquilônios ares,
 antes de abacelar cepas de casta fina.
 Torrão que se desfaz para o vidonho é mina. 310
 Assim tudo te ajuda a alegre bacelada:
 os braços dos cavões, os ventos e a geada.
 Quem atenta por tudo, acautelou já dantes
 que a terra do viveiro e a terra dos transplantes
 fossem da mesma espécie; a fim de que arrancada 315
 duma para outra mãe a prole delicada
 não pudesse estranhar. Fez mais: em cada vara
 marcou a exposição com que ela se criara,
 para restituir-lha: a parte donde ao Austro
 recebia o calor, e a que virava ao Plaustro. 320
 Tanto da prima idade os hábitos importam!
 Saibamos para onde as vides se transportam:

é para outeiro? ou campo? Em campo, e de substância,
 basto podes plantar; e aguarda-te abundância.
 Em colinas porém, recostos e ladeiras, 325
 fazes muito melhor se alargas, e enfileiras,
 arruando e quadrando. O teu vinhedo talha,
 como hábil general o exército em batalha:
 as legiões em linha; a tropa enchendo os campos,
 regradada, firme, ativa; o chão todo aos relâmpagos 330
 co'os fúlgidos metais ao largo em torno esplende.
 A tuba de investir inda em silêncio pende.
 Marte, alma dos heróis, vagueia inda indeciso.
 Ter ordenança igual nas vinhas é preciso;
 não tanto porque a vista haja esse vão folguedo, 335
 como porque assim posto o báquico arvoredo
 se abasta por igual da fluida manutenção
 que a terra lhe ministra, e abre ramada extensa.
 Talvez queiras saber das covas a fundura:
 qualquer basta à videira; a árvore que a segura, 340
 essa é que a pede grande; o ésculo mormente,
 que enterra os pés no Averno, e alteia aos céus a fronte;
 por isso arrosta audaz refegas e invernias,
 conta, imóvel, de pé, os séculos por dias;
 vê passar gerações; braceja a toda a parte; 345
 montanhas de folheto a todo o ar disparte;
 e sob a carga imensa, ufano à sombra está.
 Vinha exposta ao poente, improbo-a desde já;
 como improbo na vinha o porem-se aveleiras.
 Querendo mais à terra as varas mais rasteiras, 350
 também te não permito ires tomar bachelos
 das pontas lá de cima, e de entre a copa havê-los.
 Não quero podão rombo a magoar sarmento.

Ao zambujeiro vedo entre os vinhais assento
 Vedo-o, sim: muita vez a gente pegureira 355
 tem descuidos co'o lume: uma fagulha arteira
 lá vai despercebida, entra na casca oleenta, -
 pega; fogo secreto abraça o pau, rebenta,
 serpeia copa acima, estrala, estrepitoso;
 dos ramos galga ao cume, insano, vitorioso, 360
 do cume a cumes voa; eis todo o bosque ardendo!
 um bulcão de atro pez, todo o ar obumbra horrendo!
 E mais se o vento bate em cima da devesa
 os incêndios revolve, e os ceva co'a braveza!
 Onde cai tal desastre, as cepas infelizes 365
 nem mais bacelos dão, nem surdem as raízes,
 alegres como outrora. O amargo zambujeiro
 no terreno assolado é que restou campeiro.
 Entendedor nenhum te inculcará ser boa
 a cava ao solo duro, enquanto Bóreas voa; 370
 pois nesse prazo o inverno aperta os chãos co'o gelo,
 e não deixa a raiz do entanguido bacelo
 explicar-se e prender. Então convém se ponha,
 quando na rubra quadra arriba a alva cegonha,
 terror da esguia cobra; ou quando enfim começa 375
 o outono a resfriar, e o sol já lá remeça
 contra a bruma os corcéis, deixado após o estio.
 Mas, quadra... a primavera! a amiga do plantio!
 a que os ramos refronda e os bosques reverdece!
 Na primavera a terra os seios entumece, 380
 ansiosa de fruir alma fecundidade!
 O onipotente Padre, o Éter, a grã deidade,
 em chuva criadora eis baixa sobre a amante,
 sobre a esposa feliz, de glórias delirante.

Ele e ela, augusto par, - ela a vasta, ele o imenso, 385
 já os fundiu num só seu íntimo consenso;
 e eis a vasta matriz de tantos entes vários!
 Cantam com aves mil os bosques solitários.
 Vênus influi no armento alvoroçada brama.
 O solo criador pastos sem fim derrama 390
 ao bafo morno e bom do Zéfiro. Sobeja
 seiba ao vegetativo. A relva ao sol que a beija
 vem sem medo amostrar-se. Os parreirais frementes,
 seguros de tufões e chuvas inclementes
 agomam para a flor, desatam-se em folheto. 395
 Praz-me crer que este mundo em sua manhã cedo
 seria todo assim; que em berço não diverso
 se há criado e crescido em júbilo o universo.
 Sim! foi, sem falta alguma, em plena primavera,
 desventosa, risonha, e toda azul a esfera, 400
 que os animais primeiro a luz vital beberam,
 e os homens, raça férrea, ao sol a fronte ergueram
 filhos da terra dura, e o mato houve alimárias,
 e áureos astros o céu, da noite luminárias.
 Tanto objeto mimoso acaso resistira, 405
 se do frio ao calor, este ar que amor espira,
 esta amiga da terra, a alegre primavera,
 seu descanso feliz nos não interpusera?
 Resta ainda advertir (não deves esquecer-lo)
 que requer grosso estrume a planta do bacelo, 410
 e ser bem amotada. As pedras areentas,
 se na cova as puseste, ou conchas gordurentas,
 dão às águas escape, e deixam que se eleve
 a recriar a vide um bafozinho leve.
 Vinheiro há aí também que impõe à vide a carga 415

duma lájea ou tijolo; aquilo à chuva embarga
 que lha possa ir danar, assim como a defende
 do fogo com que o Cão sidéreo os campos fende.
 Tens posta a bacelada; agora se te segue,
 que às cabeças a terra a miúdo se aconchegue, 420
 a dura enxada a amanhe, ou co'o rompão do arado
 se arregoe por fundo; e, embora a seu mau grado,
 os novilhos da canga entre as arbóreas alas
 saibam seguir a eito, e, onde é mister, dobrá-las.
 Depois, a empa: aqui de canas alisadas, 425
 de paus de freixo além, de estacas descascadas,
 de forquilhas; em suma, arrimos em que a vinha
 se apegue quando nasce, e trepe inda fraquinha,
 té valente galgar de andares em andares
 olmos acima ao tope, imune aos rijos ares. 430
 Enquanto a vide é nova, e está no crescimento,
 poupa-lhe a tenra folha; após, quando o sarmento
 se lança ao ar sereno e à rédea solta, ufano,
 mas não adulto, arreda o teu podão profano;
 esparra, mas à mão, e de onde em onde. Em sendo 435
 que extenso ao tronco aperte, embora; condescendo
 em que desfolhes franco, e hásteas afouto podes;
 já não n'o assusta o ferro; usá-lo alfim já podes;
 és dono, anda sem dó: guerra ao pompaeirar sobejo.
 Põe sebes de anteparo ao gado malfazejo; 440
 mormente enquanto a folha é débil e mimosa.
 Bem basta o frio indigno, e a calma furiosa;
 não venham insultá-la, inda por cima, os uros,
 a cabra, a ovelha, a almalha. Os gélidos apuros,
 e o sol, 'té quando anoja aos áridos penedos, 445
 praga não são pior aos pobres dos vinhedos,

do que esses animais, que deixam o sinalado
com cicatriz perpétua o dente envenenado.
Só por isso é que o bode, ó Baco, se te prostra
em quantas aras tens; e inda hoje nos dão mostra 450
desses jogos de outrora os festivais proscênios.
Como a teséia gente a concitar os gênios
punha prêmios a rodo, e no aldeão ressio,
e em largos da cidade inçados de gentio!
que beber! que folgar! como nos moles prados 455
se bailava a pular sobre odres azeitados!
Também cá nesta Ausônia, o camponês, herdeiro
daquela Tróia avó, dispara prazenteiro
pulhas de verso tosco, e estoura em cascalhadas.
Que medos que não põem ao vulgo as mascaradas, 460
co'os rostos de cortiça! Escute-as: vão deitando
loas em teu louvor, ó Baco venerando!
que estilo folgazão. Repara... aí te andam pondo
Bacozinhos de barro, às voltas em redondo
suspensos por um fio às ramas do alto pinho. 465
Parabéns! parabéns! o ano há de ser do vinho!
Cada vide o promete em seu viçar fecundo:
as do vale, as da encosta, as do arvoredado fundo,
as de qualquer lugar por onde alegre mira
a imagem sorridente ao Zéfiro que a gira. 470
Diquemos, pois, a Baco os rituais seus cultos:
os cantares que ouvira aos bisavós incultos,
torne-os a ouvir de nós; torne a aceitar os bolos
nos sacros bandejões, em que se usava pô-los.
Pelas pontas se leve, e estanque em frente da ara 475
o antigo sacro bode; e, qual se lá torrara,
torre-se aqui também, pingando na fogueira,

o deventre da rês no espeto de aveleira.
A lida num vinhal absorve o ano e os meses:
o solo há de se abrir três vezes, quatro vezes; 480
desfazer-se os torrões co'a enxada eternamente;
aliviar da rama o bosque, embora ingente.
Inda não se acabou, já se reprincipia;
é na roda anual suar de dia em dia.
Já lá quando à cepeira, os pâmpanos mais tardos 485
caíam, e Aquilão frio nos ares pardos
desnudava de gala os braços da espessura,
já o abegão se impunha azáfama futura,
prevenindo o depois, e outro ano aparelhando,
co'o satúrneo instrumento, as vides chapotando 490
na vinha já deixada, e trosquiando as sobras,
compondo, endireitando. Há método nas obras:
Na cava, no queimar os sarmentos, levados
para longe da mãe, no pôr arrecadados
os paus da empa em casa, hás de ser o primeiro; 495
e hás de ser no apanhar da uva o derradeiro.
Duas vezes por ano as parras excessivas
acometem a planta, e duas em nocivas
ervas bravas se afoga: ambas tarefas duras.
Admira, louva embora amplíssimas culturas; 500
a tua seja exígua.

Hás de ir colher na mata
as vergôntes do rusco, inda que as mãos maltrata;
cortar no rio a cana, e ao salgueiral as varas;
'té nesse hás que arranjar inda que o não plantaras.
Já tens a vinha atada, a poda feita, e cantas, 505
cansado, à orla enfim das alinhadas plantas;
mas vais entrar de novo em luta co'o terreno

e revolver o pó. Vês o ar limpo e sereno,
e inda estás a tremer que às maduras uvas
(Jove é pronto em mudar) não sobrevenham chuvas. 510

7) Varrão: *De re rustica* I XXIX 1/ I XLI 4-5/ I XLV 2/ I XLVII 1 (sementeiras)

I XXIX 1. *Primo interuallo inter fauonium et aequinoctium uernum haec fieri oportet. Seminaria omne genus ut serantur, putari arbusta, stercorari in pratis, circum uites ablacuari, radices quae in summa terra sunt praecidi, prata purgari, salicta seri, segetes sariri.*

I XLI 4-5. *Itaque ficus, malus punica et uitis propter femineam mollitiam ad crescendum prona, contra palma et cupressus et olea in crescendo tarda: in hoc enim umidiora quam aridiora - quare [ex terra] potius in seminariis surculos de ficeto quam grana de fico expedit obruere, praeter si aliter nequeas, ut siquando quis trans mare semina mittere aut inde petere uult.*

I XLV 2. *Quae in seminario nata, si loca erunt frigidiora, quae molli natura sunt, per brumalia tempora tegere oportet fronde aut stramentis.*

I XLVII 1. *In seminario quae surculis consita et eorum molliora erunt natura cacumina, ut olea ac ficus, ea summa integenda binis tabellis dextra et sinistra deligatis herbaeque eligendae. Eae, dum tenerae sunt, uellendae. Post enim aridae factae rixantur ac celerius rumpuntur, quam secuntur.*

I XXIX 1. "No primeiro intervalo, entre o Favônio e o equinócio de primavera, é preciso que estas coisas sejam feitas: plantar os viveiros de todo tipo, podar os arvoredos, adubar as pastagens, ablaquear em torno das videiras, cortar as raízes que ficam à flor da terra, limpar as pastagens, plantar salgueiros e sachar as searas."

I XLI 4-5. "E assim, a figueira, a macieira púnica e a videira são propensas a crescer pela maciez feminina; contrariamente, a palmeira, o cipreste e a oliveira demoram para crescer, pois as mais úmidas se avantajam nisso em relação às mais secas. Assim, é mais conveniente enterrar nos viveiros os ramos das figueiras do que as sementes dos figos, exceto se não tiveres alternativa, como quando porventura se deseja mandar as sementes pelo mar ou recebê-las desse modo."

I XLV 2. "Nos lugares mais frios, é preciso cobrir com folhas ou palhas durante o inverno o que nasceu no viveiro e é naturalmente delicado."

I XLVII 1. "No viveiro, as que forem plantadas por galhos e tiverem as extremidades naturalmente mais tenras, como a oliveira e a figueira, devem ter as pontas cobertas à direita e à esquerda com duas tabuazinhas presas e ficar livres de ervas. Elas devem ser arrancadas enquanto são novas: depois de secas, resistem e rompem-se antes de serem cortadas."

Catão: *De agri cultura* XLVI 1-2

XLVI 1-2. *Seminarium ad hunc modum facito. Locum quam optimum et apertissimum et stercorosissimum poteris et quam simillimum genus terrae eae, ubi semina positurus eris, et uti ne nimis longe semina ex seminario ferantur, eum locum bipalio uertito, delapidato circumque saepito bene et in ordine serito. In sesquipedem quoquo uorsum taleam demittito opprimitoque pede. Si parum deprimere poteris, malleo aut mateola adigito. Digitum supra terram facito semina emineant fimoque bubulo summam taleam oblinito signumque aput taleam adponito crebroque sarito, si uoles cito semina crescant. Ad eundem modum alia semina serito.*

XLVI 1-2. Faze o viveiro assim: lavra bem com um alvião o melhor, mais aberto e mais adubado terreno que puderes, o mais parecido com a terra em que plantarás as mudas e tal que não se precise depois transportar as mudas do viveiro por distância excessiva; livra o terreno de pedras, rodeia bem com sebes e cultiva em fileiras. Enterra cada tora a um pé e

meio de distância de qualquer outra e pressiona-a com teu pé. Se for possível aprofundá-las um pouco, pressiona com um maço ou um pau. Faze com que as mudas se projetem um dedo acima da terra, besunta as extremidades das toras com esterco bovino e põe-lhes uma marca por cima; sacha com frequência se quiseres que as mudas cresçam rápido. Planta outras mudas do mesmo modo.

Virgílio: *Geórgicas* II 265-272

at si quos haud ulla uiros uigilantia fugit, 265
ante locum similem exquirunt, ubi prima paretur
arboribus seges et quo mox digesta feratur,
mutatam ignorent subito ne semina matrem.
quin etiam caeli regionem in cortice signant,
ut, quo quaeque modo steterit, qua parte calores 270
austrinos tulerit, quae terga obuenterit axi,
restituant: adeo in teneris consuescere multum est.

Quem atenta por tudo, acautelou já dantes
que a terra do viveiro e a terra dos transplantes
fossem da mesma espécie; afim de que arrancada 315
duma para outra mãe a prole delicada
não pudesse estranhar. Fez mais: em cada vara
marcou a exposição com que ela se criara,
para restituir-lha: a parte donde ao Austro
recebia o calor, e a que virava ao Plaustro. 320
Tanto da prima idade os hábitos importam!

8) Varrão: *De re rustica* II I 21-23 (cuidados de saúde do gado)

II I 21-23. *Quarta pars est de sanitate, res multiplex ac necessaria, quod morbosum pecus est uitiosum, et quoniam non ualet, saepe magna adficiuntur calamitate. Cuius scientiae genera duo, ut in homine, unum ad quae adhibendi medici, alterum quae ipse etiam pastor diligens mederi possit. Eius partes sunt tres. Nam animaduertendum, quae cuiusque morbi sit causa, quaeque signa earum causarum sint, et quae quemque morbum ratio curandi sequi debeat. Fere morborum causae erunt, quod laborant propter aestus aut propter frigora, nec non etiam propter nimium laborem aut contra nullam exercitationem, aut si, cum exercueris, statim sine interuallo cibum aut potionem dederis. Signa autem sunt, ut eorum qui e labore febrem habeant adaperitum os umido spiritu crebro et corpore calido. Curatio autem, cum hic est morbus, haec: perfunditur aqua et perungitur oleo et uino tepefacto, et item cibo sustinetur, et inicitur aliquid, ne frigus laedat; sitienti aqua tepida datur. Si hoc genus rebus non proficitur, demittitur sanguis, maxime e capite. Item ad alios morbos aliae causae et alia signa, in omni pecore quae scripta habere oportet magistrum pecoris.*

II I 21-23. "A quarta parte diz respeito à saúde, assunto complexo e necessário, pois o gado doente é ruim e, como não passa bem, freqüentemente os senhores experimentam grande prejuízo. Esse saber se divide em dois, como para o homem, um referente aos males que requerem um médico e outro com que mesmo o pastor pode remediar por si só empenhando-se. Possui três partes. Pois se deve observar qual é a causa de cada doença, quais são os sintomas relacionados a tais causas e que modo de curar cada doença é necessário adotar. Quase sempre, a causa da doença será que trabalham expostos ao calor ou ao frio, bem como por esforço excessivo ou, contrariamente, pela inércia, ou se, quando fizeres trabalhar, deres o alimento ou a bebida de imediato, sem uma pausa. Os sintomas dos que adoeceram pelo esforço são os seguintes: têm febre e a boca aberta com um ofegar úmido e contínuo e o corpo quente. A cura, quando o mal for esse, é a seguinte: é banhado com água e untado com azeite e vinho aquecido; é mantido com o alimento e recebe uma cobertura para não ser prejudicado pelo frio; dá-se água tépida ao que tiver sede. Se não funcionar, faz-se uma sangria, especialmente na cabeça. As causas e sintomas de outras doenças são diferentes, e convém que o mestre do rebanho as mantenha por escrito para todo o gado."

Catão: De agri cultura V 7/ XCVI 1-2

V 7. *Pecori et bubus diligenter substernatur, ungulae curentur. Scabiem pecori et iumentis caueto; id ex fame et si inpluit fieri solet.*

XCVI 1-2. *Oues ne scabrae fiant. Amurcam condito, puram bene facito, aquam in qua lupinus deferuerit et faecem de uino bono, inter se omnia conmisceto pariter. Postea cum detonderis, unguito totas, sinito biduum aut triduum consudent. Deinde lauito in mari; si aquam marinam non habebis, facito aquam salsam, ea lauito. Si haec sic feceris, neque scabrae fient et lanae plus et meliorem habebunt, et ricini non erunt molesti. Eodem in omnes quadrupedes utito, si scabrae erunt.*

V 7. Que se faça com cuidado uma cama de palha para o rebanho e os bois e que se tratem seus cascos. Precavém-te contra a sarna do rebanho e dos animais de carga; isso costuma acontecer pela má nutrição e pela umidade do tempo.

XCVI 1-2. Para que as ovelhas não fiquem sarnentas: conserva a *amurca* e purifica-a bem. Mistura entre si em partes iguais a *amurca*, a água de cozimento do tremoço e a borra de um bom vinho. Em seguida, quando tosares, besunta-as inteiramente e deixa que ressudem por dois ou três dias. Em seguida, lava-as no mar; se não tiveres água do mar, faze água salgada e lava com ela. Se fizeres assim, não terão sarna, terão mais e melhor lã e os carrapatos não incomodarão. Usa o mesmo para todos os quadrúpedes, se tiverem sarna.

Virgílio: Geórgicas III 440-456

<i>morborum quoque te causas et signa docebo.</i>	440
<i>turpis ouis temptat scabies, ubi frigidus imber</i>	
<i>altius ad uiuum persedit et horrida cano</i>	
<i>bruma gelu, uel cum tonsis inlotus adhaesit</i>	
<i>sudor, et hirsuti secuerunt corpora uepres.</i>	
<i>dulcibus idcirco fluuiis pecus omne magistri</i>	445

perfundunt, udisque aries in gurgite uillis
mersatur, missusque secundo defluit amni;
aut tonsum tristi contingunt corpus amurca
et spumas miscent argenti uiuaque sulphura
Idaeasque pices et pinguis unguine ceras 450
scillamque elleborosque grauis nigrumque bitumen.
non tamen ulla magis praesens fortuna laborum est
quam si quis ferro potuit rescindere summum
ulceris os: alitur uitium uiuitque tegendo,
dum medicas adhibere manus ad uulnera pastor 455
abnegat et meliora deos sedet omina poscens.

Vou-te ensinar também, pois que as lições me tomas,
 das doenças do gado as causas e os sintomas.
 Vem às ovelhas ronha, ascoso mal, - ou quando 645
 lhes fere glacial chuva ao vivo o corpo brando,
 e de alvo caramelo a bruma se arrepia;
 - ou quando desnudada a pele co'a tosquia
 se empasta de suor, por lhe faltar lavagem,
 e a arranha o tojo hirsuto, inóspito selvagem. 650
 Por isso é que os zagais mestres nos seus ofícios
 fazem a todo o fato o grande benefício
 de o lançarem ao rio, ao doce, ao fresco banho.
 Ensopa-se, mergulha o guia do rebanho
 onde há pego mais fundo, e todo se recreia 655
 deixando-se aboiar na cariciosa veia.
 Há também contra a ronha outra receita usada,
 e vem a ser: ungir a ovelha renteada,
 co'a amargosa albufeira, havendo infuso nela
 enxofre natural, pez de Ida, cera-bela, 660
 albarrã, litargírio, heléboros violentos,

e atro betume.

Sim; mas banhos, mas ungüentos
com terem contra o mal bastante de virtude,
não valem o que val a restaurar saúde
o ferro, se houver mão que cercear não tema 665
a cabeça entreaberta à sórdida apostema.
Alimenta-se e atura o mal quando encoberto.
Um pastor que não sabe, assenta-se, mui certo
de que basta implorar a proteção divina,
e descara em seu gado usar da medicina. 670

9) Catão: *De agri cultura* II 3/ XXXIX 1-2 (trabalho durante o mau tempo)

II 3. *Cum tempestates pluuiæ fuerint, quæ opera per imbrem fieri potuerint, dolia lauari, picari, uillam purgari, frumentum transferri, stercus foras efferri, stercilinum fieri, semen purgari, funes sarciri, nouos fieri; centones, cuculiones familiam oportuisse sibi sarcire.*

XXXIX 1-2. *Vbi tempestates malæ erunt, cum opus fieri non poterit, stercus in stercilinum egerito. Bubile, ouile, cohortem, uillam bene purgato. Dolia plumbo uincito uel materie quænea uere sicca alligato. Si bene sarseris aut bene alligaueris et in rimas medicamentum indideris beneque picaueris, quoduis dolium uinariu facere poteris. Medicamentum in dolium hoc modo facito: ceræ P. I, resinae P. I, sulphuris P. C' C'. Haec omnia in calicem nouum indito, eo addito gypsum contritum, uti crassitudo fiat quasi emplastrum, eo dolia sarcito. Vbi sarseris, qui colorem eundem facias, cretæ crudæ partes duas, calcis tertiam conmisceto; inde laterculos facito, coquito in fornace, eum conterito idque inducito.*

Per imbrem in uilla quaerito quid fieri possit. Ne cessetur, munditias facito. Cogitato, si nihil fiet, nihilo minus sumptum futurum.

II 3. Quando o tempo foi chuvoso, puderam-se realizar os seguintes trabalhos durante a chuva: lavar os *dolia*, besuntá-los com pez, limpar a sede, remover o trigo, levar esterco para fora, construir uma esterqueira, limpar as sementes, consertar as cordas e fazer outras novas; em casa, era preciso remendar as mantas de retalhos e capuzes.

XXXIX 1-2. Quando fizer mau tempo e quando não se puder trabalhar, tira esterco para a esterqueira. Limpa bem o curral, o redil, o terreiro e a sede. Veda os *dolia* com chumbo ou prende-os com madeira de carvalho bem seca. Se bem consertares ou bem prenderes, puseres grude nas fendas e besuntares bem com pez, poderás fazer de qualquer recipiente um *dolium* para vinho. Faze o grude para o *dolium* assim: uma libra de cera, uma libra de resina e dois terços de libra de enxofre. Põe tudo isso num vaso novo, junta gesso moído para obter a consistência de um emplastro e conserta os *dolia*. Quando consertares, uniformiza a cor, misturando duas partes de greda crua e uma terça parte de cal; faze tijolinhos, queima na fornalha, mói-os e usa.

Durante as chuvas, busca o que se pode fazer na sede. Que não haja pausas. Ocupa-te de manter tudo limpo. Lembra-te de que, se nada for feito, não obstante haverá gastos.

Virgílio: *Geórgicas* I 259-275/ I 291-310

frigidus agricolam si quando continet imber,
multa, forent quae mox caelo properanda sereno, 260
maturare datur: durum procudit arator
uomeris obtunsi dentem, cauat arbore lintres,
aut pecori signum aut numeros impressit aceruis.
exacuunt alii uallos furcasque bicornis
atque Amerina parant lentae retinacula uiti. 265
nunc facilis rubea texatur fiscina uirga
nunc torrete igni fruges, nunc frangite saxo
quippe etiam festis quaedam exercere diebus
fas et iura sinunt: riuos deducere nulla
religio uetuit, segeti praetendere saepem, 270

*insidias auibus moliri, incendere uepres
balantumque gregem fluuio mersare salubri.
saepe oleo tardi costas agitator aselli
uilibus aut onerat pomis, lapidemque reuertens
incusum aut atrae massam picis urbe reportat.* 275

*et quidam seros hiberni ad luminis ignis
peruigilat ferroque faces inspicat acuto.
interea longum cantu solata laborem
arguto coniunx percurrit pectine telas,
aut dulcis musti Volcano decoquit umorem* 295
et foliis undam trepidi despumat aëni.

*at rubicunda Ceres medio succiditur aestu
et medio tostas aestu terit area fruges.
nudus ara, sere nudus. hiems ignaua colono:
frigoribus parto agricolae plerumque fruuntur* 300
mutuaque inter se laeti conuiuia curant.

*inuitat genialis hiems curasque resoluit,
ceu pressae cum iam portum tetigere carinae,
puppibus et laeti nautae imposuere coronas.
sed tamen et quernas glandes tum stringere tempus* 305

*et lauri bacas oleamque cruentaue myrta,
tum gruibus pedicas et retia ponere ceruis
auritosque sequi lepores, tum figere dammas
stuppea torquentem Balearis uerbera fundae,
cum nix alta iacet, glaciem cum flumina trudent.* 310

Quando for que a invernía impeça os camponeses
de saírem do lar, como sucede às vezes,
podem, trocando o ócio em proveitosa lida,
muita alfaia arranjar; que a tempo apercebida, 330

vem a forrar depois azáfama escusada,
 quando a atmosfera rir para o cultivo azada.
 Um bate e afia a rocha; outro gamelas cava;
 marcam-se os animais; o número se grava
 às medidas na tulha; aguçam-se as estacas, 335
 e os forcados; da vinha aprestam-se as atracas
 com a junça amerina; agora co'as vermelhas
 dóceis hásteas do choupo entecem-se corbelhas:
 tosta-se agora o grão; mói-se co'a pedra agora.
 'Té nos dias de festa, ind'hoje, como outrora, 340
 lidas há em que é dado o camponês se empregue:
 nem religião nem leis lhe ordenam que não regue,
 e as messes não empare; armar às aves pode;
 pode pôr fogo ao mato; e ao rio, que lhe acode
 nas gafeiras da grei co'o fresco e ledó banho, 345
 lançar o balador, lanígero rebanho.

Pelos tardos serões, o agreste, à labareda
 que lhe agasalha o lar, aguça o pinho teda, 370
 de que vai fabricando os paus para candeias;
 e a mulher ao tear, toda aguçosa em teias,
 cantando engana o tempo, e alterna a lançadeira
 ao compasso do canto, alegre tecedeira,
 ou coze o doce mosto, e ao caldeirão, que fuma 375
 e retreme a ferver, com pâmpanos o escuma.

Na zina do verão, cega e debulha a messe;
 bem vês que está já loura, e o sol te favorece.
 Lavrar e semear pede ares tão serenos,
 que andes nesse lavor despido, ou pouco menos. 380
 Desatando a chover, descansa-se. No inverno
 é que o bom do colono ao labutar externo

se permite dar quebra, e em sua estância cara
se regala co'os bens que a tempo granjeara.
Vem o mútuo convite, o bródio farto, a dança. 385
Fora, cuidados, fora! o inverno ama a folgança.
É como quando ao porto onusto lenho aproa,
e a chusma jubilosa a popa alfim coroa.
Mas inda há que apanhar: o fruto dos anzinhos,
do louro, da oliveira, e rúbidos murtinhos. 390
E os alça-pés aos grouis! e as redes aos veados!
E o perseguir a lebre! e os gamos derrubados
da balear funda ao tiro! oh! que exercícios belos.
para quando a corrente abóia caramelos,
e a neve encobre o solo. (...) 395

10) Varrão: *De re rustica* I VII 5-7/ I XXIII 1-6/ I XXIV 1-4/ I XXV (adequação das culturas ao solo)

I VII 5-7. *Sequitur secundum illum, quali terra solum sit fundi, a qua parte uel maxime bonus aut non bonus appellatur. Refert enim, quae res in eo seri nascique et cuius modi possint; non enim eadem omnia in eodem agro recte possunt. Nam ut alius est ad uitam appositus, alius ad frumentum, sic de ceteris alius ad aliam rem. Itaque Cretae ad Cortyniam dicitur platanus esse, quae folia hieme non amittat, itemque in Cypro, ut Theophrastus ait, una, item Subari, qui nunc Thurii dicuntur, quercus simili esse natura, quae est in oppidi conspectu; item contra atque apud nos fieri ad Elephantinen, ut neque ficus neque uites amittant folia. Propter eandem causam multam sunt bifera, ut uitis apud mare Zmyrnae, malus in agro Consentino. Idem ostendit, quod in locis feris plura ferunt, in iis quae sunt culta meliora. Eadem de causa sunt quae non possunt uiuere nisi in loco aquoso aut etiam aqua, et id discriminatim alia in lacubus, ut harundines in Reatino, alia in fluminibus, ut in Epiro arbores alni, alia in mari, ut scribit Theophrastus palmas et squillas.*

I XXIII 1-6. *Scrofa, Quoniam fructus, inquit, arbitror esse fundi eum qui ex eo satus nascitur utilis ad aliquam rem, duo considerata, quae et quo quidque loco maxime expediat serere. Alia enim loca apposita sunt ad faenum, alia ad frumentum, alia ad uinum, alia ad oleum, sic ad pabulum quae pertinet, in quo est ocinum, farrago, uicia, medica, cytisum, lupinum. Neque in pingui terra omnia seruntur recte neque in macra nihil. Rectius enim in tenuiore terra ea quae non multo indigent suco, ut cytisum et legumina praeter cicer; hoc enim quoque legumen, ut cetera quae uelluntur e terra, non subsecantur, quae, quod ita leguntur, legumina dicta. In pingui rectius quae cibi sunt maioris, ut holus, triticum, siligo, linum. Quaedam etiam serenda non tam propter praesentem fructum quam in annum prospicientem, quod ibi subsecta atque relictia terram faciunt meliorem. Itaque lupinum, cum minus siliculam cepit, et non numquam fabalia, si ad siliquas non ita peruenit, ut fabam legere expediat, si ager macrior est, pro stercore inarare solent. Nec minus ea discriminanda in conserendo quae sunt fructuosa, propter uoluptatem, ut quae pomaria ac floralia appellantur, item illa quae ad hominum uictum ac sensum delectationemque non pertinent neque ab agri utilitate sunt diiuncta. Idoneus locus eligendus, ubi facias salictum et harundinetum, sic alia quae umidum locum quaerunt, contra ubi segetes frumentarias, ubi fabam potissimum seras, item alia quae arida loca secuntur; sic ut umbrosis locis alia seras, ut corrudam, quod ita petit asparagus; aprica, ut ibi seras uiolam et hortos facias, quod ea sole nutricantur, sic alia. Et alio loco uirgulta serenda, ut habeas uimina, unde uiendo quid facias, ut sirpeas, uallus, crates; alio loco ut seras ac colas siluam caeduam, alio ubi aucupere, sic ubi cannabim, linum, iuncum, spartum, unde nectas bubus soleas, lineas, restis, funes. Quaedam loca eadem alia ad serendum idonea. Nam et in recentibus pomariis dissitis seminibus in ordinemque arbusculis positis primis annis, antequam radices longius procedere possint, alii conserunt hortos, alii quid aliud, neque cum conualuerunt arbores idem faciunt, ne uiolent radices.*

I XXIV 1-4. *Stolo, Quod ad haec pertinet, Cato non male, quod scribit de sationibus, ager crassus et laetus si sit sine arboribus, eum agrum frumentarium fieri oportere; idem ager si nebulosus sit, rapa, raphanos, milium, panicum; in agro crasso et calido oleam conditaneam, radium maiorem, Sallentinam, orcitem, poseam, Sergianam, Colminiam, albicerem, quam earum in iis locis optimam dicant esse, eam maxime serere.*

Agrum oliueto conserendo, nisi qui in uentum fauonium spectet et soli ostentus sit, alium bonum nullum esse. Qui ager frigidior et macrior sit, ibi oleam licinianam seri oportere. Si in loco crasso aut calido posueris, hostum nequam fieri et ferendo arborem perire et muscum rubrum molestum esse. Hostum uocant quod ex uno facto olei reficitur. Factum dicunt quod uno tempore conficiunt, quem alii CLX aiunt esse modiorum, alii ita minus magnum, ut ad CXX descendat, exinde ut uasa olearia quot et quanta habeant, quibus conficiunt illut. Quod Cato ait, circum fundum ulmos et populos, unde frons ouibus et bubus sit et materies, seri oportere (sed hoc neque in omnibus fundis opus est neque, in quibus est opus, propter frondem maxime), sine detrimento ponuntur a septentrionali parte, quod non officiunt soli.

Ille adicit ad eodem scriptore, si locus umectus sit, ibi cacumina populorum serenda et harundinetum. Id prius bipalio uerti, ibi oculos harundinis pedes ternos alium ab alio seri, (...) aptam esse utrique eandem fere culturam. Salicem Graecam circum harundinetum seri oportere, uti sit qui uitis alligari possit.

I XXV. Vineae quo in agro serenda sit, sic obseruandum. Qui locus optimus uino sit et ostentus soli, Aminneum minusculum et geminum eugeneum, heluium minusculum seri oportere. Qui locus crassior sit aut nebulosus, ibi Aminneum maius aut Murgentinum, Apicium, Lucanum seri. Ceteras uites, et de iis miscellas maxime, in omne genus agri conuenire.

I VII 5-7. "Passamos à segunda divisão, o tipo de terra encontrado na propriedade, pelo que, especialmente, é considerada boa ou ruim. Pois influi sobre o que se pode plantar nela e crescer e de que modo; os mesmos itens não podem ser todos plantados convenientemente num mesmo campo. Assim como um é próprio para as videiras, outro é para o trigo e, os demais, cada um para uma cultura. Desse modo, em Creta, junto a Gortina, diz-se que há um plátano que não perde as folhas no inverno; segundo Teofrasto, há outro em Chipre; similarmente, em Síbaris, agora chamada de Túrio, encontra-se um carvalho desse tipo diante da cidade; do mesmo modo, contrariamente ao que acontece entre nós, em Elefantina nem as figueiras nem as videiras perdem as folhas. Pelo mesmo motivo, muitas dão frutos duas vezes ao ano, como as videiras junto ao mar em Esmirna e

as macieiras no território de Consência. O fato de que as plantas produzam mais frutos nos terrenos incultos e frutos melhores nos cultivados também o demonstra. Pelo mesmo motivo, há as que não podem viver a não ser em locais alagados ou mesmo dentro d'água; conforme o caso, umas vivem em lagos, como as canas no território de Reate, outras em rios, como os álamos no Epiro, e outras no mar, como as palmeiras e cebolas albarrãs sobre as quais Teofrasto escreve."

I XXIII 1-6. Escrofa disse: "Como penso que a produção de uma propriedade é aquilo que brota dela pelo plantio e tem alguma utilidade, dois pontos devem ser observados: o que e onde é melhor cultivar cada item. Pois alguns locais são apropriados ao feno, outros aos cereais, outros às videiras, outros às oliveiras, e ainda há os que dizem respeito à pastagem, em que se incluem o trevo, a ferrã, a ervilhaca, a luzerna, o codesso e o tremoço. Não é correto plantar tudo numa terra rica ou nada numa pobre. Pois é melhor plantar em terra mais pobre o que não necessita de muita seiva, como o codesso e os 'legumes', exceto o grão-de-bico. Ele também é um 'legume', como tudo o que se arranca da terra sem ceifar; por serem colhidos [*leguntur*] assim, tais itens são chamados de 'legumes' [*legumina*]. Em terra rica, é melhor plantar o que pede mais seiva, como as hortaliças, o trigo, o trigo candeal e o linho. Alguns itens devem ser plantados não tanto pelos frutos imediatos quanto pelos do ano seguinte, pois, ceifados e deixados na terra, tornam-na melhor. Assim, se o campo é um tanto pobre, costumam enterrar o tremoço como adubo logo que começou a produzir vagens, e por vezes os pés de favas que não chegaram a produzi-las para que convenha colher vagens. Não se deve distinguir menos ao plantar o que é proveitoso por agradar os sentidos, a exemplo dos chamados pomares e jardins de flores, bem como o que não diz respeito à sobrevivência e aos sentidos e prazer do homem, mas não é estranho aos benefícios agrícolas. Deve-se escolher um local apropriado para formares um salgueiral e um canavial, bem como outras plantações que exijam um terreno úmido; por outro lado, também para que plantes campos de trigo ou de preferência as favas e outras culturas adaptadas a terrenos secos; do mesmo modo, poder-se-iam plantar outros itens em locais sombreados, como o aspargo bravo, pois o aspargo o requer. Nos locais ensolarados, planta violetas e faze jardins, pois o sol os faz crescer e a outras culturas. Em outro local, devem-se plantar moitas de varas para que tenhas vime e, trançando-o,

confeccionar objetos como cestos, joias e canaistras; em outro, planta e cultiva um bosque de extração de madeira; em outro, um para a caça de aves; por fim, reserva um local para o cânhamo, o linho, o junco e o esparto, com que possas confeccionar "ferraduras" para os bois, cordéis, cabos e cordas. Certos lugares são por si só próprios ao plantio de outros itens. Pois também nos pomares novos, semeando ou plantando arbustos enfileirados em seus primeiros anos, antes que as raízes possam desenvolver-se bem, uns fazem jardins e outros algo diferente; mas não fazem o mesmo depois que as árvores cresceram para não danificar as raízes."

I XXIV 1-4. Estolão: "Catão não fala mal neste ponto, pois escreve a respeito do plantio: 'é preciso que um solo rico e fértil, se não possui árvores, seja um campo de cereais; se o mesmo campo é sujeito a nevoeiros, que se plante rábano, rábão de cavalo, milho miúdo e milho painço; num solo rico e quente, a azeitona de conserva, a de tipo alongado, a salentina, a orquita, a páusia, a sergiana, a colminiana e a branca; dentre essas, planta principalmente a que nesse local disserem ser a melhor. Que o campo a ser cultivado como olival seja voltado para o Favônio e exposto ao sol: nenhum outro será bom. Num campo mais frio e menos rico, é preciso que se plante a oliveira liciniana. Se a plantares num terreno rico ou quente, o resultado da prensagem [*hostus*] será ruim, a árvore vai arruinar-se ao produzir e o musgo vermelho será danoso.' Chama-se de *hostus* a quantidade de azeite extraída num *factus*. Chama-se de *factus* a quantidade de azeite produzida a cada vez, que uns dizem ser de cento e sessenta módios e outros menor, de modo que baixe a cento e vinte, conforme a quantidade e o tamanho das prensas usadas para produzir. Catão diz que é preciso plantar olmos e choupos em torno da propriedade para que haja folhas para as ovelhas e bois e madeira, mas que isso não é necessário em todas as propriedades e, onde o é, não especialmente pelas folhas; eles são plantados sem causar danos do lado norte, porque não tapam a luz do sol."

Referindo-se ao mesmo autor, acrescenta: "'se houver um lugar úmido, devem-se plantar nele ramos de choupo e um canavial. Que seja lavrado com um alvião, os olhos das canas sejam introduzidos a cada três pés... o mesmo modo de cultivo é apropriado a ambos. É preciso que o salgueiro grego seja plantado em torno do canavial, para que haja com que a videira possa ser atada.'"

I XXV- "Deve-se considerar assim em qual campo se deve plantar a videira: no terreno que é o melhor para as videiras e exposto ao sol, é preciso que a amínia pequena, a eugênia dupla e a parda pequena sejam plantadas. Em terreno de solo mais rico ou sujeito a nevoeiros, que se plante a amínia grande ou a murgentina, a apícia e a lucana. As outras videiras e, dentre elas, principalmente as comuns, convêm a todo tipo de campo."

Catão: *De agri cultura* VI 1-4/ VIII 1-2/ IX

VI 1-4. *Agrum quibus locis conseras, sic obseruari oportet. Vbi ager crassus et laetus est sine arboribus, eum agrum frumentarium esse oportet. Idem ager si nebulosus est, rapa, raphanos, milium, panicum, id maxime seri oportet. In agro crasso et caldo oleam conditiuam, radium maiorem, Sallentinam, orcitem, poseam, Sergianam, Colminianam, albicerem, quam earum in iis locis optimam dicent esse, eam maxime serito. Hoc genus oleae in XXV aut in XXX pedes conserito. Ager oleto conserundo, qui in uentum fauonium spectabit et soli ostentus erit, alius bonus nullus erit. Qui ager frigidior et macrior erit, ibi oleam Licinianam seri oportet. Si in loco crasso aut calido seueris, hostus nequam erit et ferundo arbor peribit et muscus ruber molestus erit. Circum coronas et circum uias ulmos serito et partim populos, uti frondem ouibus et bubus habeas, et materies, siquo opus sit, parata erit. Sicubi in iis locis ripae aut locus umectus erit, ibi cacumina populorum serito et harundinetum. Id hoc modo serito: bipalio uortito, ibi oculos harundinis pedes ternos alium ab alio serito. Ibi corrudam serito, unde asparagi fiant. Nam conuenit harundinetum cum corruda, eo quia foditur et incenditur et umbram per tempus habet. Salicem Graecam circum harundinetum serito, uti siet qui uineam alliges.*

Vineam quo in agro conseri oporteat, sic obseruato. Qui locus uino optimus dicetur esse et ostentus soli, Aminnium minusculum et geminum eugeneum, heluolum minusculum conserito. Qui locus crassus erit aut nebulosior, ibi Aminnium maius aut Murgentinum, Apicium, Lucanum serito. Ceterae uites, miscellae maxime, in quemuis agrum conueniunt.

VIII 1-2. *Ficos mariscas in loco cretoso et aperto serito; Africanas et Herculaneas, Sacontinas, hibernas, Tellanas atras pediculo longo, eas in loco crassiore aut stercorato serito. Pratum si inrigium habebis, si non erit siccum, ne faenum desiet, summittito. Sub*

urbe hortum omne genus, coronamenta omne genus, bulbos Megaricos, murtum coniugulum et album et nigrum, loream Delphicam et Cypriam et siluaticam, nuces caluas, Abellanas, Praenestinas, Graecas, haec facito uti serantur. Fundum suburbanum, et qui eum fundum solum habebit, ita paret itaque conserat, uti quam sollertissimum habeat.

IX. Salicta locis aquosis, umectis, umbrosis, propter amnes ibi seri oportet; et id uideto uti aut domino opus siet aut ut uendere possit. Prata inrigiua, si aquam habebis, id potissimum facito; si aquam non habebis, sicca quam plurima facito. Hoc est praedium quod ubi uis expedit facere.

VI 1-2. É preciso que se considere assim em que terreno semear um campo: quando o solo é rico, fértil e não possui árvores, é preciso que seja um campo de cereais. Se o mesmo campo é sujeito a nevoeiros, rábano, rábão de cavalo, milho miúdo e milho painço é o que é melhor plantar. Num solo rico e quente, a azeitona de conserva, a de tipo alongado, a salentina, a orquita, a páusia, a sergiana, a colminiana e a branca; dentre essas, planta principalmente a que nesse local disserem ser a melhor. Planta esse tipo de oliveira a cada vinte e cinco ou trinta pés. Que o campo a ser cultivado como olival seja voltado para o Favônio e exposto ao sol: nenhum outro será bom. Num campo mais frio e menos rico, é preciso que se plante a oliveira liciniana. Se a plantares num terreno rico ou quente, o resultado da prensagem será ruim, a árvore vai arruinar-se ao produzir e o musgo vermelho será danoso. Em volta das cercas e em volta das vias, planta olmos e alguns choupos para teres folhas para as ovelhas e os bois e madeira à disposição, se em alguma parte for necessária. Se em alguma parte desse lugar houver margens ou um lugar úmido, planta aí ramos de choupo e um canavial. Planta-o deste modo: lavrando com o alvião, introduze os olhos das canas a cada três pés um do outro. Aí, planta o aspargo-bravo para que haja aspargos. Pois o canavial vai bem com o aspargo-bravo, sendo arrancado e queimado e dando sombra a seu tempo. Planta o salgueiro grego em torno do canavial para que haja com que atar as videiras.

Considera assim em qual campo é preciso que a videira seja plantada: no terreno que disserem ser o melhor para as videiras e exposto ao sol, planta a amínia pequena, a eugênia dupla e a parda pequena. Em terreno de solo rico ou mais sujeito a nevoeiros,

planta a amínia grande ou a murgentina, a apícia e a lucana. As outras videiras, principalmente as comuns, convêm a quaisquer lugares.

VIII 1-2. Planta as figueiras mariscas em terreno gretoso e aberto. As africanas, herculanas, saguntinas, de inverno e telanas escuras de pedúnculo longo, planta-as em terreno mais rico ou adubado. Se tiveres uma pastagem irrigada ou, se não, seca, deixa-a desenvolver-se para que não falte o feno. Nos subúrbios, planta um jardim com todos os tipos de ervas, todos os tipos de flores para coroas, bulbos de Mégara, murta conjúgula, branca e negra, loureiro délfico, cipriota e silvestre, nozes calvas, de Avela, prenestinas e gregas. Que o dono de uma única propriedade nos subúrbios trabalhe e cultive a propriedade de modo a torná-la o mais fértil possível.

IX- É preciso plantar os salgueiros em terrenos alagadiços, úmidos, sombreados e próximos de rios; cuida de que tenham utilidade para o senhor ou possa vendê-los. Dá especial atenção a formar pastagens irrigadas se houver água. Se não houver, forma pastagens secas o mais possível. Tal é a propriedade que é preciso formar em qualquer lugar.

Virgílio: *Geórgicas* I 50-63/ II 109-135

<i>ac prius ignotum ferro quam scindimus aequor,</i>	50
<i>uentos et uarium caeli praediscere morem</i>	
<i>cura sit ac patrios cultusque habitusque locorum,</i>	
<i>et quid quaeque ferat regio et quid quaeque recuset.</i>	
<i>hic segetes, illic ueniunt felicius uuae,</i>	
<i>arborei fetus alibi atque iniussa uirescunt</i>	55
<i>gramina. Nonne uides, croceos ut Tmolus odores,</i>	
<i>India mittit ebur, molles sua tura Sabaei,</i>	
<i>at Chalybes nudi ferrum uirosaue Pontus</i>	
<i>castorea, Eliadum palmas Epiros equarum?</i>	
<i>continuo has leges aeternaue foedera certis</i>	60

*imposuit natura locis, quo tempore primum
Deucalion uacuum lapides iactauit in orbem,
unde homines nati, durum genus. (...)*

*nec uero terrae ferre omnes omnia possunt.
fluminibus salices crassisque paludibus alni
nascuntur, steriles saxosis montibus orni;
litora myrtetis laetissima; denique apertos
Bacchus amat collis, Aquilonem et frigora taxi.
aspice et extremis domitum cultoribus orbem
Eoasque domos Arabum pictosque Gelonos:
diuisae arboribus patriae. sola India nigrum
fert hebenum, solis est turea uirga Sabaeis.
quid tibi odorato referam sudantia ligno
balsamaque et bacas semper frondentibus acanthi?
quid nemora Aethiopum molli canentia lana,
uelleraque ut foliis depectant tenuia Seres?
aut quos Oceano propior gerit India lucos,
extremi sinus orbis, ubi aëra uincere summum
arboris haud ullae iactu potuere sagittae? -
et gens illa quidem sumptis non tarda pharetris.
Media fert tristis sucos tardumque saporem
felicis mali, quo non praesentius ullum,
pocula si quando saeuae infecere nouercae,
[miscuerunt herbas et non innoxia uerba,]
auxilium uenit ac membris agit atra uenena.
ipsa ingens arbor faciemque simillima lauro,
et, si non alium late iactaret odorem,
laurus erat: folia haud ullis labentia uentis,
flos ad prima tenax; animas et olentia Medi
ora fouent illo et senibus medicantur anhelis.*

Antes de meter ferro à incógnita campanha
 cumpre os ventos saber-lhe, a compleição dos ares,
 as praxes dos avós, o próprio dos lugares.
 O que um sítio dá bem, já noutro não convinha: 65
 aqui, prospera a messe, além triunfa a vinha;
 aqui, medra o pomar; lá, sem cultura, as ervas;
 de cheiroso açafraão dourado o Tmolos observas.
 Manda a Índia marfim; moles sabeus, incenso;
 dentre os cálibes nus se exporta o ferro infenso; 70
 os castóreos do Ponto; as éguas sem respiro,
 que em Elide obtêm palma, enfim provêm do Epiro.
 Leis são, que a natureza, origem de harmonias,
 aos vários sítios pôs nesses remotos dias,
 em que Deucalião pedras lançava aos ermos 75
 das quais no duro ser provamos descendermos.

Nem tudo se procria em todos os lugares: 130
 o salgueiro é do rio; o amieiro, da alagoa:
 o orno, do monte alpestre; o mirto as praias c'roa.
 Baco os outeiros quer, teixo Aquilões e frios.
 Olha todo esse mundo; e os tantos senhorios
 com que o trazem domado as mais remotas gentes! 135
 do arábio oriental as regiões fulgentes,
 e o frígido país dos pintados gelonos!
 quão diversa não vês a indústria dos colonos!
 que pátrias de arvoredo! Os índios sós possuem
 o ébano requemado; hásteas que incensos suem, 140
 sós os sabeus; Judéia, os bálsamos; Egito,
 do sempre verde acanto as bagas. Não repito
 o que também sabeis: da Etiópia brancos velos
 de arbustos a sair; fios lustrosos, belos,

quais dentre verde fronde os seres os penteiam. 145
 Na Índia de ribamar, do orbe confins, se hasteiam
 lucos tão gigânteos, que aos topes derradeiros
 ninguém co'a seta alcança, e mas são bons frecheiros.
 Um pomo cria a média, amargo, de tal dita,
 que onde seva madrasta horrores premedita, 150
 espreme ervas ruins, e ao copo da peçonha
 mescla palavras más, por modo que já sonha
 ver o enteado morto... acode o pomo, afasta
 do atro veneno a fúria, e zomba da madrasta.
 Nasce em árvore grande, em tudo (fora o cheiro, 155
 que enche os ares mui outro), imagem dum loureiro.
 Nenhum vento a desfolha; a flor é mui segura;
 nelas às asmas senis o meda encontra cura,
 e ao bafo brando olor. (...)

11) Varrão: *De re rustica* I XXXVIII 1-3 (adubação do solo)

I XXXVIII 1-3. *Quae loca in agro stercoranda, uidendum, et qui et quo genere potissimum facias: nam discrimina eius aliquot. Stercus optimum scribit esse Cassius uolucrium praeter palustrium ac nantium. De hisce praestare columbinum, quod sit calidissimum ac fermentare possit terram. Id ut semen aspargi oportere in agro, non ut de pecore aceruatim poni. Ego arbitror praestare ex auariis turdorum ac merulam, quod non solum ad agrum utile, sed etiam ad cibum ita bubus ac subus, ut fiant pingues. Itaque qui auaria conducunt, si cauet dominus stercus ut in fundo maneat, minoris conducunt, quam ii quibus id accedit. Cassius secundum columbinum scribit esse hominis, tertio caprinum et ouillum et asinium, minime bonum equinum, sed in segetes; in prata enim uel optimum, ut ceterarum ueterinarum, quae hordeo pascuntur, quod multam facit herbam. Stercilinum secundum uillam facere oportet, ut quam paucissimis operis egeratur. In eo, si in medio robusta aliqua materia sit depacta, negant serpentem nasci.*

I XXXVIII 1-3. "Deve-se observar que lugares devem ser adubados no campo, e como e com que tipo fazê-lo de preferência, pois há algumas diferenças neste ponto. Cássio escreve que o melhor esterco é o das aves, com exceção das aves dos pântanos e da costa. Dentre eles, o de pombos leva vantagem, pois é o mais quente e pode fermentar a terra. É preciso que ele seja espalhado no campo como a semente, não depositado aos montes como o de gado. Quanto a mim, julgo que, dentre os de aves, o melhor é o dos tordos e dos melros, pois não é útil apenas ao campo, mas também para a alimentação dos bois e porcos, a fim de que engordem. Assim, os que arrendam viveiros de aves pagam menos se o senhor se encarrega de que o esterco fique na propriedade do que os que usufruem dele. Cássio escreve que, depois do de pombos, fica o humano, em terceiro lugar, o caprino, o ovino e o dos burros, e que o menos bom é o equino, embora seja bom para as searas; pois é o melhor para as pastagens, como o dos demais animais de carga que se alimentam de cevada, já que ajuda a produzir erva em abundância. É preciso construir uma esterqueira ao lado da sede para que seja retirado com o menor esforço possível. Dizem que não nascem serpentes no local se um pouco de madeira de carvalho foi enterrada em meio a ele."

Catão: *De agri cultura* XXXVI

XXXVI. *Quae segetem stercorent. Stercus columbinum spargere oportet in pratum uel in hortum uel in segetem. Caprinum, ouillum, bubulum, item ceterum stercus omne sedulo conseruato. Amurcam spargas uel inriges ad arbores; circum capita maiora amphoras, ad minora urnas cum aquae dimidio addito, ablaqueato prius non alte.*

XXXVI. Tais são os tipos de adubo para a lavoura: é preciso espalhar esterco de pombos na pastagem, nos jardins ou na lavoura. Conserva com cuidado o de cabras, ovelhas e bois, bem como todo o esterco restante. Espalha ou rega com a *amurca* em torno das árvores; depois de ablaqueá-las superficialmente, usa uma ânfora de *amurca* diluída pela metade com água junto às árvores maiores e uma urna junto às menores.

Virgílio: *Geórgicas* I 79-81/ II 346-348

*sed tamen alternis facilis labor, arida tantum
ne saturare fimo pingui pudeat sola neue* 80
effetos cinerem immundum iactare per agros.

quod superest, quaecumque premes uirgulta per agros 346
*sparge fimo pingui et multa memor occule terra,
aut lapidem bibulum aut squalentibus infode conchas*

logo que à gleba exausta acuda o crasso estrume, 98
e encinzes bem a chã que te ficou falida.

Resta ainda advertir (e não debes esquecer-lo)
que requer grosso estrume a planta do bacelo, 410
a ser bem amotada. (...)

12) Catão: De agri cultura CXXXIV 1-4 (culto a Ceres)

CXXXIV 1-4. *Priusquam messim facies, porcam praecidaneam hoc modo fieri oportet. Cereri porca praecidanea porco femina, priusquam hasce fruges condas, far, triticum, hordeum, fabam, semen rapicium. Ture uino Iano Ioui Iunoni praefato, priusquam porcum feminam inmolabis. Iano struem ommoueto sic: Iane pater, te hac strue ommouenda bonas preces precor, uti sies uolens propitius mihi liberisque meis domo familiaeque meae. Fertum Ioui ommoueto et mactato sic: Iuppiter, te hoc fertu obmouendo bonas preces precor, uti sies uolens propitius mihi liberisque meis domo familiaeque meae mactus hoc fertu. Postea Iano uinum dato sic: Iane pater, uti te strue ommouenda bonas preces bene precatus sum, eiusdem rei ergo macte uino inferio esto. Postea Ioui sic: Iuppiter macte isto fertu esto, macte uino inferio esto. Postea porcam praecidaneam inmolato. Vbi exta prosecta erunt, Iano struem ommoueto mactatoque item, uti prius obmoueris. Ioui fertum obmoueto mactatoque item, uti prius feceris. Item Iano uinum dato*

*et Ioui uinum dato, item uti prius datum ob struem obmouendam et fertum libandum.
Postea Cereri exta et uinum dato.*

CXXXIV 1-4. Antes de ceifar, é preciso que uma *porca praecidanea* seja sacrificada assim: sacrifica a Ceres uma porca como *porca praecidanea* antes de colher estes itens: espelta, trigo, cevada, favas e sementes de rábão de cavalo. Antes de imolares a porca, invoca Jano, Júpiter e Juno com incenso e vinho. Oferece a Jano uma *strues* assim: "Pai Jano, oferecendo-te esta *strues*, suplico-te com boas súplicas que sejas favorável e benévolo para mim, meus filhos, minha casa e minha gente." Oferece um *fertum* a Júpiter e honra-o assim: "Júpiter, oferecendo-te este *fertum*, suplico-te com boas súplicas que sejas favorável e benévolo para mim, meus filhos, minha casa e minha gente, glorificado com este *fertum*." Em seguida, oferece vinho a Jano assim: "Pai Jano, assim como, oferecendo uma *strues*, supliquei-te com boas súplicas, sejas glorificado pelo mesmo motivo pelo vinho posto a tua frente."

Em seguida, a Júpiter assim: "Ó Júpiter, sejas glorificado com este *fertum*, sejas glorificado pelo vinho posto a tua frente." Em seguida, imola a *porca praecidanea*. Quando as entranhas forem retalhadas, oferece uma *strues* a Jano e honra-o, como fizeste antes. Oferece ainda vinho a Jano e a Júpiter como se ofereceu antes, ao ofertares a *strues* e o *fertum*. Em seguida, oferece as vísceras e o vinho a Ceres.

Virgílio: *Geórgicas* I 338-350

*in primis uenerare deos, atque annua magnae
sacra refer Cereri laetis operatus in herbis
extremae sub casum hiemis, iam uere sereno. 340
tum pingues agni et tum mollissima uina,
tum somni dulces densaeque in montibus umbrae.
cuncta tibi Cererem pubes agrestis adoret:
cui tu lacte fauos et miti dilue Baccho,
terque nouas circum felix eat hostia fruges, 345
omnis quam chorus et socii comitentur ouantes*

*et Cererem clamore uocent in tecta; neque ante
falcem maturis quisquam supponat aristis
quam Cereri torta redimitus tempora quercu
det motus incompositos et carmina dicat.* 350

Mas por maior ciência, e mais desvelos que haja,
o ponto essencial são ânimos devotos,
e honrar os imortais fáceis a humanos votos.
Faze-me a Ceres grande os seus anuais festejos
na chã que ri já verde aos tépidos bafejos 440
da flórea primavera. Os ledos cordeirinhos
então é que têm carne, e mais sabor os vinhos;
dormem-se os sonos bons; e as árvores, co'as fronte
galanadas de viço, enchem de sombra os montes.
De toda a vizinhança acuda a mocidade 445
a festejar-te ali das messes a deidade.
Em leite e brando vinho os favos bem delidos
lhe oferta. Em derredor dos trigos já nascidos
três vezes se passeie a rês que propicia;
siga-a cantando o coro, e a alegre companhia 450
a invocar para a casa em férvidos clamores
da deusa mãe dos grãos os pródigos favores.
Que ninguém meta fouce aos pães duma seara,
se chegado esse prazo a testa não c'roara
de retorcida anzinha, e à madre das espigas 455
se esqueceu de bailar co'as sóliticas cantigas.

13) Varrão: *De re rustica* III XVI 18-19 (tipos de abelhas)

III XVI 18-19. *Praeterea ut animaduertat ne reguli plures existant; inutiles enim fiunt propter seditiones. Et quidam dicunt, tria genera cum sint ducum in apibus, niger ruber uarius, ut Menecrates scribit, duo, niger et uarius, qui ita melior, ut expediat mellario, cum duo sint in eadem aluo, interficere nigrum, cum sit cum altero rege, esse seditiosum et corrumpere aluom, quod fuget aut cum multitudine fugetur. De reliquis apibus optima est parua uaria rutunda. Fur qui uocabitur, ab aliis fucus, est ater et lato uentre. Vespa, quae similitudinem habet apis, neque socia est operis et nocere solet morsu, quam apes a se secernunt. Hae differunt inter se, quod ferae et cicures sunt. Nunc feras dico, quae in siluestribus locis pascitant, cicures, quae in cultis. Siluestres minores sunt magnitudine et pilosae, sed opifices magis.*

III XVI 18-19. "Além disso, cuide de que não haja vários reis; pois se tornam inúteis pelas sedições. E alguns dizem, havendo três tipos de reis entre as abelhas, o negro, o rubro e o variegado, ou, como escreve Menecrates, dois, o negro e o variegado, que o último é de tal forma superior que é vantajoso ao apicultor, quando há dois na mesma colméia, matar o negro. Quando coabita com outro rei, é sedicioso e arruína a colméia, pois se afasta ou é afastado com uma multidão. Das abelhas restantes, a melhor é pequena, variegada e bojuda. O que é chamado de "ladrão" ou, por alguns, de "tavão", é negro e tem o ventre avantajado. A vespa, semelhante à abelha, não trabalha com ela e costuma ferir, picando; as abelhas mantêm-na longe de si. Elas diferem entre si por serem selvagens ou domésticas. Chamo agora de selvagens as que se alimentam em lugares silvestres, e de domésticas as que se alimentam em lugares cultivados. As selvagens são de menor tamanho e cobertas de pêlos, embora mais industriosas."

Virgílio: *Geórgicas* IV 88-102

*uerum ubi ductores acie reuocabis ambo,
deterior qui uisus, eum, ne prodigus obsit,
dede neci; melior uacua sine regnet in aula. 90
alter erit maculis auro squalentibus ardens -
nam duo sunt genera: hic melior insignis et ore*

*et rutilis clarus squamis; ille horridus alter
 desidia latamque trahens inglorius aluum.
 ut binae regum facies, ita corpora plebis:* 95
*namque aliae turpes horrent, ceu puluere ab alto
 cum uenit et sicco terram sput ore uiator
 aridus; elucent aliae et fulgore coruscant
 ardentes auro et paribus lita corpora guttis.
 haec potior suboles, hinc caeli tempore certo* 100
*dulcia mella premes, nec tantum dulcia quantum
 et liquida et durum Bacchi domitura saporem.*

Destarte concluída a guerra porfiosa,
 revocas as rivais; e a menos valiosa 130
 dá-la à morte sem dó; que é de razão em suma
 que o mel do teu granjeio em vão se não consuma.
 No deserto palácio impere a mais prestante;
 fazer a seleção é obra de um instante:
 duas espécies há: distingue-se a mais nobre 135
 porque é a mais gentil, e ouro escamoso a cobre;
 a outra é feia, obesa, inglória. O que percebes
 nas duas maiores vê-lo também nas plebes:
 esta é nojosa, e lembra a saliva que solta
 o caminheiro estivo em pó terreno envolta; 140
 aquela, coruscante, esplêndida, arraiada
 d'áureas malhas o corpo; é essa a mais prezada,
 e a de que hás de espremer os méis de mais doçura...
 de mais doçura é pouco; os de maior finura,
 e os que emendam melhor do áspero vinho o travo. 145

14) Varrão: *De re rustica* III XVI 20 (aspecto das abelhas doentes)

III XVI 20. *In emendo emptorem uidere oportet, ualeant an sint aegrae. Sanitatis signa, si sunt frequentes in examine et si nitidae et si opus quod faciunt est aequibile ac leue. Minus ualentium signa, si sunt pilosae et horridae, ut puluerulentae, nisi opificii eas urget tempus; tum enim propter laborem asperantur ac marcescunt.*

III XVI 20. "Ao comprar, convém que o comprador observe se estão saudáveis ou doentes. É sinal de saúde se há muitas no exame, são brilhantes e o trabalho que fazem é regular e de bom aspecto. É sinal de menos saúde se têm muitos pêlos, são eriçadas e como que cobertas de pó - a não ser que o tempo do trabalho as incite; pois, então, por causa do trabalho, tornam-se eriçadas e emagrecem."

Virgílio: *Geórgicas* IV 251-263.

*si uero, quoniam casus apibus quoque nostros
uita tulit, tristi languebunt corpora morbo -
quod iam non dubiis poteris cognoscere signis:
continuo est aegris alius color; horrida uultum
deformat macies; tum corpora luce carentum 255
exportant textis et tristia funera ducunt;
aut illae pedibus conexae ad limina pendent
aut intus clausis cunctantur in aedibus omnes
ignauaeque fame et contracto frigore pigrae.
tum sonus auditur grauior, tractimque susurrant, 260
frigidus ut quondam siluis immurmurat Auster,
ut mare sollicitum stridit refluentibus undis,
aestuat ut clausis rapidus fornacibus ignis.*

Mas a abelha, quais nós, também adoece e morre.

Se a grei entra a enfermar, solícito a socorre!

Os sintomas do mal ferem no olhar atento:

a cor é demudada, o aspecto macilento; 360

e logo da cidade em grão saimento juntas
 mestas vão transportando os corpos das defuntas.
 Seguras pelos pés à porta inerte pendem;
 ou nem ousam sair. Todo o lavor suspendem.
 Perdem co'a inédia a força; o frio as entorpece. 365
 Ouve-las sussurrar; rumor que se parece
 co'o do Austro num bosque, ou da maré na areia,
 ou do lume num forno. (...)

15) Varrão: *De re rustica* III XVI 32-34 (extração do mel)

III XVI 32-34. *Quod ad pastiones pertinere sum ratus quoniam dixi, nunc iam, quoniam causa adhibetur ea cura, de fructu dicam. Eximendorum fauorum signum sumunt ex ipsis uiris aluos habeat nem congerminarit coniecturam capiunt, si intus faciunt bombum et, cum intro eunt ac foras, trepidant et si, opercula aluorum cum remoris, fauorum foramina obducta uidentur membranis, cum sint repleti melle. In eximendo quidam dicunt oportere ita ut nouem partes tollere, decumam relinquere; quod si omne eximas, fore ut discedant. Alii hoc plus relincunt, quam dixi. Vt in aratis qui faciunt restibiles segetes, plus tollunt frumenti ex interuallis, sic in aluis, si non quotannis eximas aut non aequum multum, et magis his assiduas habeas apes et magis fructuosas. Eximendorum fauorum primum putant esse tempus uergiliarum exortu, secundum aestate acta, antequam totus exoriatur arcturus, tertium post uergiliarum occasum, et ita, si fecunda sit aluos, ut ne plus tertia pars eximatur mellis, reliquum ut hiemationi relinquatur; sin aluus non sit fertilis, ne quid eximatur. Exemptio cum est maior, neque uniuersam neque palam facere oportet, ne deficient animum. Fauis qui eximuntur, siqua pars nihil habet aut habet incunatum, cultello praesicatur.*

III XVI 32-34. "Como penso que, no tocante à alimentação, terminei, agora vou tratar dos frutos por que esse trabalho é empreendido. Sabe-se que é hora de retirar os favos pelos seguintes sinais... se as abelhas fazem um zumbido por dentro, tremem ao entrar e

sair e se, ao retirares as tampas das colméias, os orifícios dos favos parecerem fechados por membranas, estando cheios de mel. Ao retirar, uns dizem que é preciso tomar nove partes e deixar a décima; se retirares todo, vão partir. Outros deixam mais do que eu disse. Assim como, no cultivo, os que deixam um campo em repouso obtêm mais trigo do que descansa, nas colméias, se não retirares todo ano ou não a mesma quantidade, terias desse modo abelhas mais industriosas e mais produtivas. Julga-se que a primeira época de remover os favos ocorra no surgimento das Plêiades, a segunda ao final do verão, antes que Arcturo se ponha de todo, e a terceira depois do ocaso das Plêiades. Assim, se a colméia é fecunda, que não se retire mais do que a terceira parte do mel, a fim de que o restante fique para o inverno; mas, se não é fecunda, que nada se retire. Quando se retira muito, não é bom retirar de uma vez ou abertamente para não debilitá-las. Se em alguma parte o favo retirado nada contém ou contém mel impuro, é cortado com faca."

Virgílio: *Geórgicas* IV 228-235

*si quando sedem augustam seruataque mella
thesauris relines, prius haustu sparsus aquarum
ora faue, fumosque manu praetende sequacis. 230
bis grauidos cogunt fetus, duo tempora messis:
Taygete simul os terris ostendit honestum
Pleas et Oceani spretos pede reppulit amnis,
aut eadem sidus fugiens ubi Piscis aquosi
tristior hibernas caelo descendit in undas. 235*

Quando intentes abrir do mel o opimo erário,
grão tento debes ter: primeiro é necessário
tomar d'água um bochecho, ir borrifar-lho em cima,
e expulsá-las com fumo; a fúria que as anima 330
contra quem quer que invade a sua estância augusta,
não é para afrontar-se; ou caro a audácia custa:
venenam co'o morder, e deixam nas feridas

os agudos ferrões, e co'os ferrões as vidas.
Duas vezes ao ano há safra para cresta: 335
primeira, quando ao mundo assoma a face honesta
da plêiade Taigete a recalcar o Oceano;
a outra, quando a vês, ao descair do ano,
d'ante a constelação do Peixe e plúvios ares
fugir triste, e dos céus baixar de novo aos mares. 340

Referências bibliográficas

1) Obras antigas

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultrix, 1981.

CATO; VARRO. *On agriculture*. With an English translation by H. D. Hooper. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1999.

CATON. *De l'agriculture*. Texte établi, traduit et commenté par Raoul Goujard. Paris: "Les Belles Lettres", 1975.

CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

CÉSAR. *La guerre civile*. Texte établi et traduit par Pierre Fabre. Paris: "Les Belles Lettres", 1987. V. I.

CÍCERO. *Tratado dos deveres*. Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Cultura Brasileira, s.d.

CICÉRON. *Rhétorique ad Hérennius*. Texte révu et traduit par Henri Bornecque. Paris: Garnier, s.d.

CICÉRON. *De la vieillesse*. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier. Introduction, notes et annexes de Jean-Noël Robert. Paris: "Les Belles Lettres", 2003.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e notas de Mary de C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

HOMÈRE. *Illiade*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris: "Les Belles Lettres", 1998. V. II.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

HORACE. *Satires*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Introduction et notes d'Odile Ricoux. Paris: "Les Belles Lettres", 2002.

_____. *Satires. Epistles. "Ars poetica"*. With an English translation by H. Rushton Fairclough. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1999.

LIVY. *Ab urbe condita*. With an English translation by B. O. Foster, Ph.D. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press/ Heinemann, 1998. V. I.

LUCAIN. *La guerre civile (La Pharsale)*. Texte établi et traduit par A. Bourgery. Paris: "Les Belles Lettres", 1997. V. I.

LUCRÈCE. *De la nature*. Introduction et notes de Henri Clouard. Paris: Garnier, s.d.

OVID. *L'art d'aimer*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris: "Les Belles Lettres", 1929.

PLUTARCH. *Lives*. With an English translation by Bernadotte Perrin. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1997. V. II.

QVINTILIANI, M. Fabi. *Institutiones oratoriae libri duodecim*. Edited by M. Winterbottom. Oxford: Clarendon Press, 1970. V. II.

SALLUSTE. *Conjuration de Catilina. Guerre de Jugurtha*. Texte établi par B. Ornstein et traduit par J. Roman. Paris: "Les Belles Lettres", 1924.

SENECA. *Epistulae*. With an English translation by Richard M. Gummere. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1996. V. I.

SUÉTONE. *Vies des douze Césars*. Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: "Les Belles Lettres", 1931. V. I.

TEOCRITO. *Idili e epigrammi*. Milano: Rizzoli, 1993.

VARRON. *Économie rurale*. Texte établi, traduit et commenté par J. Heurgon. Paris: "Les Belles Lettres", 2003. V. I.

_____. *De lingua Latina*. Traducción de M.-A. M. Casquero. Barcelona: Anthropos, 1990.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Introdução de Nogueira Moutinho. São Paulo: UNB/ Melhoramentos, 1982.

_____. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Introduction et notes de J.-P. Néraudeau. Paris: "Les Belles Lettres", 2002.

_____. *Éneide*. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort. Paris: "Les Belles Lettres", s.d. Livres I-VI.

_____. *Éneide*. Texte établi par René Durand et traduit par André Bellessort. Paris: "Les Belles Lettres", 1952. Livres VII-XII.

_____. *As "Georgicas"*. Traduzidas a portuguez por A. F. de Castilho. São Paulo: Heros, 1930.

_____. *Georgiche*. A cura di A. Barchiesi. Milano: Mondadori, 1983.

_____. *Georgiche*. Introduzione di A. La Penna. Traduzione di L. Canali. Note al testo di R. S. Scarcia. Milano: Rizzoli, 1991.

_____. *Georgics*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1994. V. I.

_____. *Georgics*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1994. V. II.

_____. *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon Press, 2000.

_____. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Introduction, notes et postface de J. Pigeaud. Paris: "Les Belles Lettres", 1998.

2) Obras modernas

von ALBRECHT, M. *A history of Roman literature. From Livius Andronicus to Boethius*. Leiden/ New York/ Köln: E. J. Brill, 1997. V. I.

_____. *Masters of Roman prose. From Cato to Apuleius. Interpretative studies*. Translated by Neil Adkin. Leeds: Francis Cairns Publications, 1989.

ASTIN, A. E. *Cato the Censor*. Oxford: Clarendon Press, 1978.

BAILLY, G. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1950.

BARCHIESI, A. Lettura del secondo libro delle "Georgiche". In: Gigante, M. (org.). *Lecturae Vergilianae*. Napoli: Giannini, 1982. V. II, p. 43-86.

BASANOFF, V. *Les dieux des Romains*. Paris: Presses Universitaires de France, 1942.

BATSTONE, W. Virgilian didaxis: value and meaning in the "Georgics". In: Martindale, C. (org.). *The Cambridge companion to Virgil*. Cambridge: University Press, 1997. P. 125-144.

BELLESSERT, A. *Virgilio. Su obra y su tiempo*. Traducido por D. P. Suárez. Madrid: Tecnos, 1965.

BIANCO, G. Riflessi della crise agricola italica nel "De re rustica" di Varrone. In: *Atti del Congresso Internazionale di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani Editore, 1974. P. 299-316.

BICKEL, E. *História de la literatura romana*. Madrid: Gredos, 1987.

BLOCH, R. *Origens de Roma*. Lisboa: Verbo, 1966.

BOSCHERINI, S. Considerazioni sulla "laus Italiae" di Varrone. In: *Studi in Onore di Adelmo Barigazzi*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1986. V. I, p. 101-109.

_____. *Lingua e scienza greca nel "De agri cultura" di Catone*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1970.

EL-BOUZIDI, S. Les sources agronomiques antiques au service de l'histoire: le "De agri cultura" de Caton. *Florentia Iliberritana. Revista de Estudios de la Antigüedad Clásica*. Granada, n. XI, p. 21-35, 2000.

BOYANCÉ, P. *Lucrèce et l'épicurisme*. Paris: Presses Universitaires de France, s.d.

CAIRNS, F. *Generic composition in Greek and Roman poetry*. Edinburgh: University Press, 1972.

CALVO, J. L. Platón. In: López Férez, J. A. (org.). *História de la literatura griega*. Madrid: Cátedra, 2000. P. 650-681.

de CAMÕES, L. V. *"Os Lusíadas" de Luís de Camões comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1972.

CONTE, G. B. *Latin literature. A history*. Translated by Joseph B. Solodow, revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1994.

CORADINI, H. *Metalinguagem na obra "De lingua Latina" de Marcos Terêncio Varrão*. Tese de doutoramento apresentada ao DLCV-FFLCH-USP. São Paulo: USP-FFLCH-DLCV, 1999.

CRAWFORD, M. *The Roman republic*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry. Essays on Lucretius, Vergil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996.

DELLA CORTE, F. *Catone censore. La vita e la fortuna*. Firenze: La Nuova Italia Scientifica, 1969.

_____. Letterati di parte pompeiana. *Opuscula Francesco Della Corte*. Genova: Pubblicazioni dell'Istituto Universitario di Magistero, 1992. V. XIII, p. 35-46.

_____. *Varrone. Il terzo gran lume romano*. Genova: Pubblicazioni dell'Istituto Universitario di Magistero, 1954.

DESBORDES, F. *Concepções sobre a escrita na Roma antiga*. Tradução de Fúlvio M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1995.

DESCHAMPS, L. Le paysage sabin dans l'oeuvre de Varron. *Humanitas*. Coimbra, vols. XXXVII-XXXVIII, p. 123-137, 1985-1986.

_____. Varron et le sacré. *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*. Paris, p. 289-296, 1990.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura. Uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Enciclopedia virgiliana. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1985. V. II.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1967.

FARRELL, J. *Virgil's "Georgics" and the traditions of ancient epic*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1991.

FLORIO, R. *Poesia didáctica y oratoria en Roma*. Bahía Blanca: Universidad Nacional del Sur, 1997.

FUNARI, P. P. A. A política agrária dos Gracos e o discurso histórico. *Phoînix* 97. Rio de Janeiro, v. I, p. 371-380, 1997.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

GAILLARD, S.; MARTIN, R. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.

GALE, M. *Virgil on the nature of things. The "Georgics", Lucretius and the didactic tradition*. Cambridge: University Press, 2000.

GLARE, P. W. et al. (ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

GRIFFIN, J. The Fourth "Georgic", Virgil and Rome. In: McAuslan, I.; Walcot, P. (org.). *Virgil*. Oxford: University Press, 1990. P. 94-111.

GRILLI, A. Lettura del terzo libro delle "Georgiche". In: Gigante, M. (org.). *Lecturae Vergilianae*. Napoli: Giannini, 1982. V. II, p. 89-120.

GRIMAL, P. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.

_____. *Virgílio, ou o segundo nascimento de Roma*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GUERREIRA, A. R. Literatura técnica de la época republicana. La prosa técnica. In: Codoñer, Carmen (ed.). *História de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 1997. P. 755-772.

HARRISON, E. L. The Noric plague in Vergil's third "Georgic". In: Cairns, F. (org.). *Papers of the Liverpool Latin Seminar*. Liverpool: F. Cairns, 1979. V. II, p. 1-65.

HEURGON, J. L'effort de style de Varron dans les "Res rusticae". *Revue de Philologie*. Paris, v. XXIV, p. 58-71, 1950.

HOWATSON, M. C. (ed.). *The Oxford companion to classical literature*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 1997.

ILARI, R. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática, 1992.

JAEGER, W. *Paideia. Los ideales de la cultura griega*. Versión española de Joaquín Xirau. Pánuco: Fondo de Cultura Económica, 1942.

JONES, A. H. M. *Augustus*. London/ New York: Norton & Co., 1970.

KOLENDO, J. Il contadino. In: Giardina, A. (org.). *L'uomo romano*. Roma/ Bari: Laterza, 1993. P. 217-232.

KROLL, W. La lingua poetica romana. In: Lunelli, A. (org.). *La lingua poetica latina*. Bologna: Pàtron, 1988. P. 3-65.

LABATE, M. *L'arte di farsi amare. Modelli culturali e progetto didascalico nell'elegia ovidiana*. Pisa: Giardini, 1984.

LAUGHTON, E. Observations on the style of Varro. *The Classical Quarterly*. Oxford, v. X, p. 1-28, 1960.

LEE, M. O. *Virgil as Orpheus. A study of the "Georgics"*. Albany: State University of New York, 1996.

LEEMAN, A. D. *Orationis ratio. The stylistic theories and practice of the Roman orators, historians and philosophers*. Amsterdam: Hakkert, 1963.

LEGRAND, Ph.-E. *La poésie alexandrine*. Paris: Payot, 1924.

LEHMANN, A. "Vtilitas et delectatio". Varron théoricien de l'esthétique classique. *Latomus. Revue d'Études Latines. Varron critique littéraire. Régard sur les poètes latins archaïques*. Bruxelles, v. CCLXII, p. 259-277, 2002.

LYNE, R. O. A. "Scilicet et tempus ueniet..." Virgil, "Georgics" I.463-514. In: Woodman, T.; West, D. (org.). *Quality and pleasure in Latin poetry*. Cambridge: University Press, 1974. P. 47-66.

MARCONI, A. *Storia dell'agricoltura romana*. Roma: NIS, 1997.

MARMORALE, E. *Cato Maior*. Bari: Laterza & Figli, 1949.

MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. Paris: "Les Belles Lettres", 1946.

MARTIN, R. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: "Les Belles Lettres", 1971.

de MEO, C. *Lingue tecnica del latino*. Bologna: Pàtron, 1986.

MESLIN, M. *L'homme romain. Des origines au premier siècle de notre ère*. Paris: Complexe, 1985.

MIGUEL, L. A. *Varrón*. Madrid: Clásicas, 2000.

MILES, G. B. *Virgil's "Georgics". A new interpretation*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 1980.

MOISÉS, M. *A criação literária. Poesia*. São Paulo: Cultrix, 1995.

MORGAN, L. *Patterns of redemption in Virgil's "Georgics"*. Cambridge: University Press, 1999.

NICOLET, C. *Rendre à César. Économie et société dans la Rome antique*. Paris: Gallimard, 1988.

NORDEN, E. *La prosa d'arte antica*. Traduzione italiana a cura di Benedetta Heinemann Campana. Roma: Salerno, s.d. V. I.

ONG, W. J. *Orality & literacy. The technologizing of the word*. London/ New York: Routledge, 1990.

OTIS, B. *Virgil. A study in civilized poetry*. Norman: University of Oklahoma Press, 1995.

PALMER, L. R. *Introducción al latín*. Traducción de Juan José Moralejo y José Luís Moralejo. Barcelona: Planeta, s.d.

PARATORE, E. *História da literatura latina*. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Gulbenkian, 1987.

PAZ, O. *El arco y la lira*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

PEREIRA, M. A. *Quintiliano gramático. O papel do mestre de gramática na "Institutio oratoria" de Quintiliano*. São Paulo: Humanitas, 2000.

PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica. V. II: cultura romana*. Lisboa: Gulbenkian, 1989.

PERNOT, L. *La rhétorique dans l'Antiquité*. Le Livre de Poche: 2000.

PERUTELLI, A. Il testo come maestro. In: Cavallo, G.; Fedeli, P.; Giardina, A. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica*. Roma: Salerno, s.d. V. I, p. 277-310.

POCIÑA, A. Épica y teatro. La primera poesía desde sus comienzos hasta el siglo I a.C. In: Codoñer, Carmen (ed.). *História de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 1997. P. 23-70.

PRATT, N. T. *Seneca's drama*. Chapel Hill/ London: The University of North Carolina Press, 1983.

RIPOSATTI, B. M. Terenzio Varrone. L'uomo e lo scrittore. In: *Atti del Congresso di Studi Varroniani*. Rieti: Centro di Studi Varroniani Editore, 1974. V. I, p. 59-89.

ROBERT, J.-N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: "Les Belles Lettres", 1985.

ROSS Jr., D. O. *Virgil's elements. Physics and poetry in the "Georgics"*. Princeton, New Jersey: University Press, 1987.

RUCH, M. *Le préambule dans les oeuvres philosophiques de Cicéron. Essai sur la genèse et l'art du dialogue*. Paris: "Les Belles Lettres", 1958.

SABATTINI, A. Sulla transumanza in Varrone. *Athenaeum. Studi periodici di Letteratura e Storia dell'Antichità*. Pavia, v. 55, fasc. I-II, p. 199-203, 1977.

_____. Tradizione e innovazione nel "De agri cultura" di Catone. *Rivista Storica dell'Antichità*. Bologna, p. 307-313, 1976-1977.

SAINT-DENIS, E. de. Syntaxe du latin parlé dans les "Res Rusticae" de Varron. *Revue de Philologie*. Paris, année et tome XXI, p. 141-162, 1947.

SALVATORE, A. Aspetti della scienza, umanità e arte nel "De re rustica" di Varrone. In: *Vichiana. Rassegna di studi filologici e storici*. Napoli, anno V, fascicoli I-II, p. 19-53, 1972.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Garnier, 1993.

SCALAIS, R. L'éloge de l'Italie par Varron. In: *Mélanges Paul Thomas. Recueil de mémoires concernant la Philologie Classique*. Bruges: Imprimerie Sainte Catherine, 1930. P. 618-626.

SCIVOLETTO, N. Le "praelocutiones" di Varrone nei "Rerum Rusticarum Libri". In: Santini, C.; Scivoletto, N. (org.). *Prefazioni, prologhi, proemi di opere tecnico-scientifiche latine*. Roma: Herder, 1992. V. II, p. 733-747.

SCULLARD, H. H. *A history of the Roman world. 753 to 146 BC*. London/ New York: Routledge, 1995.

SHARROCK, A. *Seduction and repetition in Ovid's "Ars amatoria"* 2. Oxford: Clarendon Press, 1994.

SIRAGO, V. *Storia agraria romana. I. Fase ascensionale*. Napoli: Liguori, 1995.

SKYDSGAARD, J. E. *Varro the scholar. Studies in the first book of Varro's "De re rustica"*. Copenhagen: Einar Munksgaard, 1968.

SPURR, M. S. Agriculture and the "Georgics". In: McAuslan, I.; Walcot, P. (org.). *Virgil*. Oxford: University Press, 1990. P. 69-93.

TEJERA, A. D. Aristóteles. In: López Férez (org.). *História de la literatura griega*. Madrid: Cátedra, 2000. P. 682-736.

THOMAS, R. F. Prose into poetry: tradition and meaning in Virgil's "Georgics". In: *Harvard Studies in Classical Philology*. Cambridge, Massachusetts/ London, England, v. XCI, p. 229-260, 1987.

TILL, R. *La lingua di Catone*. Traduzione e note supplementari di Cesidio de Meo. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1969.

TOOHEY, P. *Epic lessons. An introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996.

TRAGLIA, A. Osservazioni su Catone prosatore. *Latomus. Revue d'Études Latines*. Bruxelles, v. CLXXXVII, p. 344-359, 1985.

_____. Le "Res rusticae" di Varrone come opera letteraria. *Cultura e scuola*. Roma, n. XCIV, p. 89-97, 1985.

TREVIZAM, M. Das especulações "etimológicas" antigas: as contribuições de Platão e Varrão. *Classica. Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. São Paulo, v. 15/16, p. 179-188, 2002/ 2003.

de VASCONCELLOS, P. S. *Efeitos intertextuais na "Eneida" de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2001.

VEYNE, P. L'histoire agraire et la biographie de Virgile dans les "Bucoliques" I et X. In: _____. *La société romaine*. Paris: Seuil, 2001. P. 216-246.

VOLK, K. *The poetics of Latin didactic. Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. Oxford: University Press, 2002.

WHITE, K. D. Roman agricultural writers. Varro and his predecessors. In: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 1973. V. 4.1, p. 439-494.

_____. *Roman farming*. London: Thames and Hudson, 1970.

WILKINSON, L. P. *The "Georgics" of Virgil. A critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.

WILLIAMS, G. *Tradition and originality in Roman poetry*. Oxford: Clarendon Press, 1985.